MEMÓRIAS DE
CHARLES FINNEY

Introdução

O manuscrito original de As memórias de Charles Grandison Finney (1792-1875) está preservado nos arquivos da Faculdade de Oberlin, Ohio, onde Finney foi catedrático de teologia e presidente, de 1851 a 1865.

O texto básico foi ditado por Finney a um ex-aluno, o rev. Henry Matson e revisado pelo próprio Finney, que fez várias alterações e acréscimos, segundo as recomendações do amigo Lewis Tappan, que leu o manuscrito. O documento contém, ainda, todas as alterações feitas por James Harris Fairchild, sucessor de Finney na Faculdade de Oberlin. Depois da morte de Finney, Fairchild preparou o manuscrito para a primeira edição, publicada em 1876.

Esta nova edição apresenta o texto conforme redigido por Finney e não por Fairchild.

No entanto, a apresentação não é exatamente a deixada por Finney. Há muitos trechos em que tanto Matson quanto Finney cometeram erros de ortografia, omitiram palavras, repetiram outras ou omitiram as aspas. Esses erros foram corrigidos. Ocasionalmente, Finney empregava abreviaturas incomuns: "rec", para "recebido", dr. B." e "sr. N. ", para se referira Mr. Beecher" e "sr. Nettleton". Usava o sinal "&" com bastante freqüência. Essas abreviaturas são apresentadas por extenso nesta edição.

Para facilitar a leitura, as palavras fora de uso foram atualizadas e algumas expressões foram simplificadas. A pontuação foi atualizada e as iniciais maiúsculas foram empregadas conforme a prática atual. Foram respeitadas as marcações de parágrafos feitas por Finney, porém, os mais longos foram divididos. Procuramos apresentar o texto tão livre quanto possível de algo que desviasse a atenção do leitor, preservando a fidelidade ao original. As palavras sublinhadas no manuscrito aparecem em itálico aqui.

O manuscrito não tinha título. Lewis Tappan havia sugerido que se chamasse "Narrativa de avivamentos", considerando que o livro se ocupa principalmente dos grandes reavivamentos nos quais Finney desempenhou um papel de destaque. No entanto, está longe de ser um relato completo de sua participação nesses avivamentos. O texto omite muitos dos locais em que Finney pregou e dirigiu reuniões (os locais por onde ele sabidamente passou estão assinalados nos mapas). Assim, resolvemos manter o título "Memórias", pelo qual o livro já é bem conhecido.

Somos gratos aos diretores da Faculdade de Oberlin por nos terem dado permissão para publicar o texto. Gostaríamos, também, de expressar nossa gratidão à Zondervan e, em especial, ao seu editor-geral sênior, Jim. Ruark, por empreender a publicação desta nova edição. Temos uma dívida especial para com a editora assistente, Angela Scheff, por seus minuciosos trabalhos na preparação do texto.

Garth M Rosell e Richard A. G. Dupuis.

CAPÍTULO I

Meu nascimento e minha formação

Tem sido do agrado do Senhor relacionar, até certo ponto, meu nome e meus esforços com um movimento extensivo da Igreja de Cristo, considerado por alguns o início de uma nova era, em especial, no tocante a avivamentos religiosos. Esse movimento tem abrangido, em grau considerável, o desenvolvimento de alguns conceitos da doutrina cristã que têm passado por modificações e que antes poderiam ser considerados invulgares. Ao mesmo tempo, pelo fato de esse movimento ser levado a efeito mediante mudanças na maneira de fazer progredir a obra da evangelização, era natural que predominassem alguns mal-entendidos no tocante a essas configurações doutrinárias modificadas e ao emprego desses métodos. Também era natural que, conseqüentemente e até certo ponto, mesmo homens bons questionassem a sabedoria dessas medidas e a ortodoxia dessas declarações teológicas e que, também, os ímpios ficassem furiosos a ponto de se oporem energicamente, durante algum tempo, ao avivamento

Relaciono meu nome a esse movimento apenas como um dos muitos ministros de Cristo e das pessoas que participaram com destaque na promoção do trabalho. Tenho certeza de que alguns segmentos da igreja consideram-me um inovador, com respeito à doutrina e aos métodos adotados e que muitos me consideram um líder nos ataques às formas tradicionais de pensamento e expressão teológicos e, sob muitos aspectos, na exposição das doutrinas do evangelho em linguagem nova e na introdução de outras formas de pensamento

Há vários anos, amigos que tomaram parte nos avivamentos têm-me procurado, insistindo em que eu escreva a história desses eventos. Embora tenham prevalecido muitos mal-entendidos no tocante a esses movimentos, pensa-se que a veracidade histórica exige uma declaração da minha parte a respeito das doutrinas pregadas, dos métodos empregados e dos resultados obtidos, com base no que eu e muitos outros acompanhamos de perto durante muitos anos

Parece que minha mente recusa admitir que fale de mim mesmo tanto quanto serei obrigado a falar e caso queira descrever, com honestidade, os avivamentos e minha relação com eles. Por esse motivo, tenho-me recusado, até o presente momento, a empreender semelhante obra. Recentemente, os diretores da Faculdade de Oberlin colocaram a questão diante de mim e aconselharam-me a iniciar logo o trabalho. Apoiados por vários amigos dos Estados Unidos e da Inglaterra, insistiram comigo no fato de que a causa de Cristo merece que exista na igreja um entendimento melhor do que ocorreu até agora. Principalmente, disseram, no tocante aos avivamentos que ocorreram no centro do Estado de Nova York e em outros lugares, a partir de 1821 e daí em diante durante vários anos, porque grandes calúnias e oposição foram levantadas a respeito deles

Devo dizer que é com relutância que abordo o assunto. E isso por muitas razões. Para começar, nunca mantive um diário, por isso, os relatos dependerão exclusivamente de minha memória. É verdade que tenho a capacidade natural de reter os fatos na lembrança e que os eventos que testemunhei causaram impressão profunda em minha mente. Lembro-me com muita nitidez de muitos deles, muito mais numerosos do que caberiam no livro que vou escrever. Quem já testemunhou um avivamento espiritual tem consciência dos muitos casos de conversão que ocorrem diariamente e do interesse que ele desperta no povo. Onde quer que se tenha conhecimento de tais fatos ou das pessoas envolvidas, o efeito produzido é empolgante. E são tão numerosos que, se fossem narrados todos os fatos interessantes de um único avivamento mais longo numa única localidade, seria o bastante para um livro de tamanho considerável

Não me proponho, de modo algum, seguir nessa direção. Traçarei, apenas, os contornos que dêem uma idéia razoavelmente clara de como ocorreram esses avivamentos e relatarei uns poucos casos de conversão acontecidos em diferentes lugares. Sem esses limites, minha narrativa se dilataria até encher muitos volumes. Proponho-me, então e dentro do possível, condensar em um só volume de tamanho moderado o que tenho a dizer. Por mais interessantes que tenham sido os casos de conversão para aqueles que os presenciaram, temo que para os leitores à distância se torne cansativo o excesso de detalhes

Mas, procurarei dar a devida atenção à parte doutrinária e aos métodos empregados. Mencionarei sucintamente os fatos que possam oferecer informações suficientes a esse respeito, a fim de que a igreja, a partir de agora, tenha condições de avaliar pelo menos parcialmente o poder e a pureza dessa grande obra de Deus. Os avivamentos mais puros e poderosos que testemunhei são justamente os mais criticados

Outro motivo para minha hesitação foi o fato de que muitas vezes me surpreendi ao descobrir que a lembrança que eu tinha de fatos ocorridos havia muitos anos era diferente daquilo que outras pessoas recordavam. Minhas declarações, portanto, são passíveis de conflito com as lembranças de algumas pessoas que vivenciaram os fatos quase tão bem quanto eu mesmo. Naturalmente, narrarei os acontecimentos conforme a lembrança que *eu* tenho deles. Muitos desses eventos serviram para ilustrar, em minhas pregações, as verdades que eu desejava apresentar. Além disso, tão constantemente as pessoas me têm

trazido esses fatos à memória e tantas vezes me tenho referido a eles no decurso de meu ministério que estou convicto de que me lembro deles exatamente como se deram

Se em algum momento eu for traído pela memória ou se minhas recordações diferirem das de outras pessoas, espero que a igreja acredite que minhas declarações expressam exatamente o que trago na lembrança. Estou com 75 anos de idade. Naturalmente, lembro-me com mais clareza de coisas que aconteceram há muitos anos que de acontecimentos mais recentes. Quanto à parte doutrinária, acho impossível que minha memória cometa erros

A fim de oferecer um relato preciso do papel para o qual fui chamado a desempenhar naqueles cenários, é necessário que eu apresente um breve histórico de como vim a adotar a posição doutrinária que desde longo tempo venho sustentando e pregando e que é considerada, em certa medida, a reformulação de algumas doutrinas evangélicas tida como nociva por muitas pessoas. Portanto, a fim de tornar inteligível minha narrativa, é necessário que eu apresente um breve histórico de minha vida: nascimento, situação social, educação, conversão a Cristo, formação teológica e as circunstâncias que me levaram à vida ministerial

É necessário lembrar que não estou começando a escrever uma autobiografia, por isso não me aprofundarei em episódios de minha vida particular. Destacarei, apenas, os que ajudarem a compreender como fui orientado e como se deu meu relacionamento com esses grandes movimentos que incentivaram e promoveram mudanças nas igrejas dos Estados Unidos e de outros países

Nasci em Warren, no condado de Litchfield, Connecticut, em 1792. Quando eu tinha cerca de dois anos de idade, meu pai mudou-se para a parte central do estado de Nova York, para o condado de Oneida, que naquela época era ermo na maior parte. Os habitantes da região não contavam com nenhuma assistência religiosa. Ainda não havia sido estabelecida ali nenhuma escola bíblica dominical. Uma pequena quantidade de livros sobre assuntos religiosos estava à disposição dos cristãos. Os novos colonos provinham principalmente da Nova Inglaterra e, quase imediatamente, estabeleceram escolas públicas. Entre eles, entretanto, eram raras as pregações do evangelho apresentadas com coerência. Desfrutei das vantagens de uma escola pública durante todo o verão e o inverno até completar quinze ou dezesseis anos de idade. Com isso, progredi a ponto de ser considerado, dentro dos padrões da época, capaz de ensinar numa dessas escolas

Meus pais não eram cristãos professos e acredito que entre nossos vizinhos poucos o eram. Eu não tinha a oportunidade de ouvir alguém pregar um sermão evangélico, a não ser ocasionalmente quando algum ministro itinerante ou pregadores despreparados apareciam na região com seus sermões medíocres. Lembro-me da notória falta de conhecimento de alguns pregadores que escutei. Eles cometiam os erros mais estranhos e defendiam idéias absurdas, por isso, o povo, ao voltar para casa, ainda passava um tempo considerável sem conseguir reprimir as risadas

Mal havia sido construída uma casa de reuniões nos arredores da casa de meu pai e chegado ali um ministro, podendo eu assim assistir às reuniões, meu pai resolveu mudar-se outra vez, agora para a região ainda desabitada nas margens do lago Ontário, um pouco a sul de Sacketts Harbor. Morei ali vários anos sem qualquer outra assistência religiosa além da recebida no condado de Oneida. Posso dizer que os únicos sermões que ouvia eram os do presbítero Osgood, homem de zelo religioso considerável, mas de pouquíssimo preparo

Seu desconhecimento da linguagem era tão grande que a atenção dos ouvintes se desviava sempre para a maneira cômica pela qual se expressava. Por exemplo, em vez de dizer "eu sou", dizia "eu são". Também confundia os pronomes de modo tão absurdo que era quase impossível refrear as risadas quando ele pregava ou orava. E claro que não recebi nenhuma instrução religiosa com esses sermões

Aos vinte anos de idade voltei a Connecticut e, depois, fui para Nova Jersey, perto da cidade de Nova York, onde me dediquei ao ensino. Ensinava e estudava da melhor maneira que conseguia. Voltei duas vezes à Nova Inglaterra para cursar na escola secundária e, enquanto estudava ali, pensei em ingressar na Faculdade de Yale. Meu mentor formara-se nessa universidade. Mas, ele aconselhou-me a não fazer ali o curso superior. Disse que seria um desperdício de tempo visto que, no ritmo em que estava estudando, eu poderia facilmente cumprir o currículo inteiro do curso em dois anos, enquanto seriam necessários quatro anos para formar-me em Yale. Seus argumentos convenceram-me. E o resultado foi que abandonei a educação formal. No entanto, adquiri, posteriormente, algum conhecimento de latim, grego e hebraico. Mas, nunca fui um erudito nos clássicos nem cheguei a dominar as línguas mortas a ponto de sentir-me capaz de fazer qualquer

crítica independente da tradução da Bíblia em inglês. Não me aventurava nisso sem o apoio das mais respeitáveis autoridades na matéria

Meu último professor queria que eu o acompanhasse na direção de uma escola num dos estados sulinos. Estava inclinado a aceitar a proposta com a intenção de completar meus estudos nos intervalos das aulas. Mas, quando informei minha decisão a meus pais, a quem não vira durante os quatro anos anteriores, os dois vieram buscar-me imediatamente e convenceram-me a voltar para casa com eles, no condado de Jefferson, NY. Depois de fazer-lhes uma visita, decidi filiar-me a um escritório de advocacia em Adams, naquele condado, como estudante

Até então, nunca desfrutara de uma real assistência religiosa. Nunca havia feito parte de uma comunidade onde a oração fosse prática constante, a não ser no tempo em que freqüentei a escola secundária na Nova Inglaterra, mas, nem mesmo ali, a religião me atraía. Na escola, os sermões eram pregados por um clérigo de idade avançada. Era um homem excelente, muito amado e venerado pelos membros de sua igreja, mas, a maneira como apresentava os sermões não deixava a mínima impressão em minha mente, pois limitava-se a ler em tom monótono textos que, provavelmente, escrevera muitos anos antes

Para dar uma idéia de como eram seus sermões, os manuscritos tinham o tamanho exato da Bíblia. Sentado na galeria, eu podia vê-lo colocar o papel no meio da Bíblia e encaixar quatro dedos de cada mão nos lugares onde se achavam as passagens bíblicas citadas no sermão. Dessa forma, ele precisava segurar a Bíblia com as duas mãos, o que o impedia de fazer qualquer gesto. À medida que prosseguia, lia as passagens bíblicas onde seus dedos estavam encaixados, liberando assim um dedo após outro até que todos tivessem completado seu dever. Quando isso acontecia, significava que o ministro estava para concluir a mensagem. Eram leituras enfadonhas e inteiramente destituídas de fervor. E, embora a congregação as acompanhasse com reverente atenção, confesso que em nada se pareciam com um sermão ou, pelo menos, com o que eu imaginava que fosse um sermão

No final do culto, eu ouvia com freqüência as pessoas elogiarem o sermão. Não poucas vezes ficavam especulando se ele fizera alguma referência indireta a incidentes ocorridos na igreja. Todos pareciam sempre curiosos para descobrir o propósito do sermão, se continha algo além de enfadonhas considerações doutrinárias. Posso dizer que não eram sermões de má qualidade, mas, era impossível imaginar que conseguissem instruir ou despertar o interesse de um jovem que nada soubesse a respeito de religião e que nem se importava com ela

Quando eu era professor primário em Nova Jersey, os sermões eram quase todos pregados em alemão no bairro onde morávamos. Acho que durante os três anos que passei ali, não cheguei a ouvir meia dúzia de sermões em inglês. Assim, quando fui para Adams fazer o curso de Direito, era quase tão ignorante em assuntos religiosos quanto um pagão. Fora criado no meio da mata. Dava bem pouca importância ao dia do Senhor e não tinha conhecimento das verdades básicas a respeito da fé. Em Adams, pela primeira vez na vida, experimentei os benefícios de um ministério bem estruturado

Pouco depois de minha chegada àquela cidade, o rev. George W. Gale, de Princeton, NJ, assumiu o pastorado da Igreja Presbiteriana. Seus sermões seguiam o estilo da Escola Antiga, ou seja, eram totalmente calvinistas. Ele apresentava as doutrinas de acordo com sua crença e pregava o que hoje é chamado hiper-calvinismo. No entanto, eram raras essas exposições doutrinárias. É lógico que o rev. Gale era considerado extremamente ortodoxo, mas, não consegui receber muita edificação através de suas pregações. Conforme eu mesmo lhe dizia, parecia às vezes que ele começava o sermão pelo meio do discurso e apresentava como certas muitas coisas que, em minha opinião, precisariam ser comprovadas. Parecia, também, que considerava seus ouvintes teólogos, *pressupondo* que as doutrinas fundamentais da fé cristã eram bem conhecidas por eles. Devo reconhecer que seus sermões deixavam-me mais perplexo que edificado. Apesar disso, freqüentava os cultos com regularidade e costumava conversar com ele sobre seus ensinamentos, para ter certeza do que realmente significavam

Antes desse período, eu nunca havia morado num lugar onde pudesse freqüentar uma reunião de oração. Já que a igreja realizava semanalmente uma reunião desse tipo perto do escritório, passei a freqüentá-la e a prestar atenção às orações que se faziam ali. Essa rotina continuou meses a fio, sempre que eu conseguia licença para sair do trabalho naquele horário. Ao estudar Direito Elementar, também percebi que os autores antigos freqüentemente citavam as Escrituras, referindo-se especialmente às instituições mosaicas como fonte autorizada de muitos princípios legais. Assim, minha curiosidade foi despertada a ponto de eu comprar uma Bíblia, a primeira que possuí. Então, sempre que aqueles autores se referiam às Escrituras, eu

consultava a respectiva passagem, procurando estabelecer a devida relação. Não demorou até que esse método despertasse em mim um interesse maior pela Bíblia. Passei a lê-la e a meditar sobre o que ela dizia, muito mais que em qualquer outro momento de minha vida. No entanto, não compreendia boa parte do que lia

O rev. Gale tinha o hábito de passar pelo nosso escritório e parecia sempre muito desejoso de saber que impressão seus sermões haviam produzido em minha mente. Eu respondia bem francamente e penso, agora, que às vezes os criticava sem misericórdia. Eu apresentava objeções às afirmativas que mais me haviam despertado a atenção. Ao interrogá-lo, percebia que ele próprio tinha a mente mistificada e não conseguia expressar com exatidão o significado de muitos termos importantes que empregava em seus sermões

Particularmente, eu achava impossível atribuir qualquer sentido a vários termos que ele empregava com grande solenidade. O que ele queria dizer com *arrependimento?* Era mero sentimento de tristeza pelo pecado, um estado *passivo* da mente? Ou envolvia alguma ação *voluntária?* Quando falava em mudança de pensamento, a que mudança exatamente se referia? O que ele queria dizer com o termo "regeneração"? O que significava "transformação espiritual"? Como ele definia a palavra fé? Era meramente um estado *intelectual?* Era apenas a convicção de que as coisas declaradas nas Escrituras eram verdadeiras? E "santificação", o que significava? Envolvia *mudança física* na pessoa ou qualquer *influência física* da parte de Deus? Eu não conseguia as respostas. Parecia-me, também, que nem ele sabia o real significado da terminologia que usava

Mantivemos muitas conversas interessantes, porém, elas pareciam mais estimular minha mente à pesquisa que satisfazer-me quanto à verdade. Essas questões inquietavam-me mais e mais à medida que lia a Bíblia, freqüentava as reuniões de oração, escutava os sermões do rev. Gale e, de tempos em tempos, conversava com outras pessoas. Um pouco de reflexão convenceu-me de que eu não iria para o céu caso viesse a morrer na situação em que me encontrava. Sentia que deveria haver na religião algo de infinita importância e não demorei a ter certeza de que, se a alma era imortal e se quisesse estar preparado para a felicidade no céu, eu precisava experimentar uma grande transformação nos recônditos de minha mente. Mesmo assim, não me decidira ainda quanto à realidade do evangelho ou da religião cristã em minha vida. A questão, no entanto, era importante demais para que me sentisse sossegado diante de qualquer incerteza nesse assunto

O que me impressionava de modo especial era não constatar resposta alguma às orações que ouvia nas reuniões, semana após semana. De fato, era fácil perceber, pela repetição dos pedidos e pelos comentários dos que participavam das reuniões, que eles próprios não esperavam que suas orações fossem atendidas. Lendo minha Bíblia, descobri o que Cristo dissera sobre a oração e sua resposta. Ele recomendara: "Peçam e ser-lhes-á dado; busquem e encontrarão; batam e a porta vos será aberta. Pois, todo aquele que pede, recebe; e o que busca, acha; e àquele que bate, a porta ser abrirá" (Mt 7.7). Li, também, que Deus está mais disposto a conceder o Espírito Santo àqueles que lhe pedem que os pais terrenos a dar boas dádivas a seus filhos

Naquelas reuniões, eu escutava os membros orarem continuamente pelo derramamento do Espírito Santo e, com igual freqüência, confessarem sua fraqueza por não receberem tudo o que pediam. Exortavam-se uns aos outros a despertarem e a aplicarem-se com fervor à oração por um avivamento. Afirmavam que, se cumprissem seus deveres, orassem pelo derramamento do Espírito e fossem sinceros, o Espírito de Deus seria derramado, eles experimentariam o avivamento e nós, os incrédulos, nos converteríamos ao evangelho. Mas, em suas reuniões de oração e conferências confessavam não ter feito nenhum progresso, nem nas orações, nem em seus esforços e nem nos sinais de um avivamento

A inconsistência entre eles e a fé que professavam — o fato de orarem tanto sem obter resposta — era, para mim, uma lastimável pedra de tropeço. Não sabia como explicar aquilo. Havia dúvida em minha mente. Não sabia se Deus não atendia àquelas pessoas porque elas não eram realmente cristãs, ou se era eu quem não compreendia corretamente as promessas e ensinos da Bíblia a respeito do assunto, ou se devia concluir que a Bíblia não era verdadeira. Havia algo inexplicável para mim. Vez por outra, sentia-me como se estivesse sendo levado a um estado de ceticismo. Os ensinos da Bíblia não concordavam em nada com o que acontecia diante de meus olhos

Certa vez, quando participava de uma das reuniões, perguntaram-me se eu não desejava que orassem por mim. Respondi negativamente, declarando que não vira nenhuma resposta de Deus às orações que faziam. Eu disse-lhes: "Creio que necessito de oração, pois estou consciente de ser pecador, mas, não vejo que proveito terão as vossas orações, pois, estão pedem constantemente sem nunca receberem. Durante o tempo

em que estive aqui em Adams vocês têm orado por um avivamento e ainda não o experimentaram. Estão pedindo que o Espírito Santo desça sobre vocês, mas, continuam-se queixando de fraqueza espiritual".

Lembro-me de que também usei a seguinte expressão: "Durante todo o tempo em que freqüento estas reuniões, vocês têm orado o suficiente para expulsar o Diabo de Adams, se a questão for *poder* em suas orações. Mas, aqui estão vocês, ainda orando e ainda se queixando". Fiz essa declaração com toda a sinceridade — e bastante irritado, penso eu, por ter sido colocado em contato tão direto com as verdades da fé cristã, o que era uma situação nova para mim.

Ao voltar às minhas leituras da Bíblia, no entanto, ocorreu-me que a razão de suas orações não serem respondidas podia ser a falta de disposição daquelas pessoas em cumprirem as condições que Deus pré-estabelecera para tornar efetiva a promessa de poder atender às orações. Aqueles cristãos não oravam com fé, no sentido de *crer* que Deus lhes daria realmente as coisas que pediam. Percebi que a Bíblia revelava muitas condições para que a oração fosse atendida, as quais aqueles crentes pareciam ignorar totalmente. Essa idéia, no entanto, passou algum tempo embutida em minha mente na forma de confusos questionamentos, impedindo que eu a expressasse em palavras. Mesmo assim, acabaram-se as dúvidas quanto à realidade do evangelho.

Depois de lutar nesse sentido durante dois ou três anos, pude entender de uma vez por todas, que, apesar da falta de clareza em meus pensamentos ou nos pensamentos expressados por meu pastor e pelos membros da igreja, a Bíblia nunca deixaria de ser a verdadeira Palavra de Deus

Resolvido esse assunto, tive de tomar uma posição: ou aceitava a Cristo conforme ele é apresentado nos Evangelhos ou prosseguia com a vida mundana. Nesse período, como vim a tomar consciência mais tarde, minha mente estava tão impressionada pelo Espírito Santo que eu não poderia deixar a questão em aberto por muito tempo e nem hesitar longamente entre os dois estilos de vida colocados diante de mim.

CAPÍTULO II

MINHA CONVERSÃO A CRISTO

Certo domingo à noite, nesse ponto de minha história, concluí que deveria decidir sem demora a questão da salvação da minha alma e, se possível, fazer as pazes com Deus. Mas como estava muito ocupado com os negócios do escritório, eu sabia que sem uma grande firmeza de propósito jamais chegaria a tratar do assunto de maneira efetiva. Resolvi então que, imediatamente e dentro do possível, evitaria tratar de negócios ou de qualquer outra coisa que pudesse desviar minha atenção. Assim, dediquei-me totalmente ao objetivo de alcançar a certeza da salvação de minha alma. Passei a perseguir essa meta com o máximo de vigor e eficiência. No entanto, o trabalho no escritório exigia de mim longas horas todos os dias. Mas, graças à providência divina, consegui mais tempo livre nas segundas e terças-feiras, o que me deu a oportunidade de ler a Bíblia e orar a maior parte desse tempo

No entanto, eu não percebia o quanto era orgulhoso. Para mim, a opinião dos outros não era importante e não me preocupava com o que pensavam a meu respeito. Na realidade, enquanto estava em Adams, eu me destacara muito na igreja, tanto pela freqüência às reuniões de oração quanto pelo grau de interesse na religião. Por esse motivo, a igreja foi levada repetidas vezes a pensar que eu era um inquiridor compulsivo. Mas, quando enfrentei realmente a questão, descobri que não estava muito disposto a deixar que alguém soubesse de minha busca pela salvação. Quando orava, fazia-o aos sussurros, depois de ter de tapar o buraco da chave da porta, para evitar que alguém descobrisse que eu estava orando.

Até aquele dia, minha Bíblia ficava sobre a mesa, lado a lado com os livros de Direito. Nunca me ocorrera sentir vergonha de ser visto lendo a Palavra, assim como não sentia vergonha de ser visto lendo qualquer outro livro. Contudo, depois que me dediquei com seriedade à busca da salvação, passei a manter a Bíblia o mais possível fora de vista. Se alguém entrasse e eu estivesse lendo a Bíblia, jogava os livros de Direito por cima dela, para dar a impressão de que ela não estivera em minhas mãos.

Em vez de tentar uma conversa franca com alguém a respeito do assunto, como fazia antes, não mostrava mais disposição para conversar com quem quer que fosse. Eu não procurava o ministro de minha igreja por duas razões. Primeira: não queria revelar-lhe meus sentimentos. Segunda: não tinha a mínima certeza de que ele me entenderia ou me daria as orientações necessárias. Pelos mesmos motivos, evitava conversar com os presbíteros ou com outros membros da igreja. Por um lado, sentia-me envergonhado de deixar que

descobrissem meus sentimentos. Por outro, tinha receio de que me oferecessem diretrizes erradas. Achei-me, então, sozinho com minha Bíblia.

Ao longo daquelas noites de segunda e terça-feira, minhas convicções se fortaleceram, mas parecia que meu coração se endurecera. Eu não conseguia derramar uma lágrima nem orar. Não tinha oportunidade de orar em voz alta, porém, estava convicto de que, se pudesse ficar a sós e usar minha voz para dar expressão aos meus sentimentos, encontraria alívio na oração. Sendo muito acanhado, evitava o quanto possível falar com qualquer pessoa sobre o assunto. Esforcei-me, no entanto, para vencer o bloqueio, procurando não despertar na mente de ninguém a desconfiança de que eu estava buscando a salvação.

Numa terça-feira à noite, senti-me bastante nervoso e de madrugada veio sobre mim uma estranha sensação, como se eu estivesse para morrer. Sabia que, se morresse, iria para o inferno. Meu desejo era gritar em voz alta, mas consegui manter-me quieto até ao amanhecer. Então, levantei-me e ainda cedo saí para o escritório. Pouco antes de chegar ali, porém, senti como se fosse confrontado com perguntas que pareciam ser feitas dentro de mim. Era como se uma voz interior me inquirisse: "O que você está esperando? Você não prometeu entregar o coração a Deus? O que está tentando fazer? Está tentando ser justo por esforço próprio?"

Foi exatamente nesse ponto que a salvação se descortinou diante de mim, de maneira a deixar-me maravilhado. Acho que foi aí que vi, tão claramente quanto em qualquer outro momento de minha vida, a realidade e a plenitude da expiação por meio de Cristo. Entendi que a sua obra já havia sido *consumada* e que, em vez de necessitar de algum tipo de justiça pessoal para chegar a Deus, eu precisava apenas *submeter-me à justiça divina por meio de Cristo.* De fato, a oferta da salvação segundo o evangelho parecia *algo a ser aceito,* algo pleno, completo. E tudo que eu precisava fazer era abandonar meus pecados e entregar-me a Cristo. A salvação, segundo me parecia, em vez de ser levada a efeito pelas minhas obras, tinha de ser encontrada inteiramente no Senhor Jesus Cristo, que se apresentava diante de mim para que eu o *aceitasse* como meu Deus e meu Salvador.

Sem perceber, eu havia parado na rua, exatamente onde aquela voz interior pareceu deter-me. Não sei dizer quanto tempo permaneci ali. Contudo, mesmo depois de ter, por um momento, essa revelação tão clara em minha mente, parecia ouvir outra pergunta: "Você vai aceitar *agora, hoje?'.* Respondi: "Sim, aceitarei hoje, ou morrerei tentando!"

Ao norte da aldeia, do outro lado de uma colina, havia um bosque, onde eu costumava caminhar quase diariamente, quando fazia bom tempo. Corria o mês de outubro quando vivi a experiência narrada acima. Àquela altura do ano, já havia passado a estação em que meus passeios podiam ser freqüentes. Apesar disso, em vez de ir para o escritório, voltei-me em direção ao bosque, sentindo que devia ficar longe de todos os olhos e ouvidos humanos, a fim de derramar minha oração diante de Deus. Mas, até ali meu orgulho tinha de se evidenciar.

Ao passar pelo topo da colina, ocorreu-me que alguém poderia ver-me e supor que eu me estava afastando para orar. Hoje tenho a certeza de que não havia uma única pessoa no mundo capaz de imaginar tal coisa ao ver-me passando por aquele caminho. Meu orgulho, no entanto, era tão grande que deixei-me dominar tanto pelo medo dos homens que, lembro-me bem, fui-me esgueirando ao longo da cerca até ficar a uma distância de onde ninguém da aldeia pudesse ver-me. Embrenhei-me, então, bosque dentro a algumas centenas de metros, passei para o outro lado da colina e encontrei um lugar onde algumas árvores grandes haviam caído umas sobre as outras, deixando um espaço aberto entre três ou quatro enormes troncos. Percebi que ali poderia ter uma espécie de aposento particular. Lembro-me de que, ao voltar-me para subir até ao bosque, afirmei decidido: "Darei meu coração a Deus ou nunca descerei dali". Recordo-me de ter repetido a frase enquanto subia a colina: "Darei meu coração a Deus antes que eu desça dali".

Quando tentei orar, porém, vi que meu *coração* não queria orar. Havia suposto que, se eu tão-somente encontrasse um lugar onde pudesse falar em voz alta, sem que ninguém me ouvisse, seria capaz de orar livremente. Mas, quando tentei orar, emudeci: nada tinha para dizer a Deus. Até consegui dizer umas poucas palavras, mas, não de coração. A cada tentativa, escutava, segundo me parecia, um remexer de folhas secas e parava, levantando os olhos para ver se alguém estava vindo em minha direção. Isso repetiu-se várias vezes. Finalmente, vi-me à beira do desespero e disse para mim mesmo: "Acho que não consigo orar. Meu *coração* está morto diante de Deus e *não quer* orar". Passei, então, a repreender-me por haver prometido entregar-lhe o coração antes de sair daquele bosque. Julgava que fizera uma promessa precipitada e que seria obrigado a quebrá-la, pois não tinha condições para cumpri-la.

Minha alma retrocedia e meu coração não se abria para Deus. Comecei a sentir que era tarde demais, que ele desistira de mim e não me restava nenhuma esperança. Naquele momento, o que mais me afligia era a promessa precipitada de entregar meu coração a Deus naquele dia ou morrer se não o fizesse. Parecia-me que aquele voto dominava minha alma; porém, eu estava certo de que o quebraria. Naquele instante, veio sobre mim grande abatimento, fazendo-me sentir fraco demais para firmar-me sobre meus joelhos.

Imaginei, então, ter ouvido outra vez alguém se aproximando. Abri os olhos para ver se realmente havia alguém por perto. Mas, naquele exato momento ficou claro para mim que a grande dificuldade, o que me impedia de orar era a soberba do meu coração. A consciência esmagadora de minha iniqüidade — ter vergonha de que um ser humano me visse de joelhos diante de Deus — apossou-se de mim de modo tão poderoso que passei a gritar, afirmando que não sairia dali nem que todos os homens da terra e todos os demônios do inferno estivessem ao meu redor. "O quê?!", exclamei. "Um pecador tão degradado como eu, de joelhos, confessando seus pecados ao grandioso e santo Deus, com vergonha de que outro ser humano, tão pecador quanto eu, saiba disso e me veja de joelhos procurando a paz com meu Deus, a quem ofendi?!" Meu pecado parecia terrível, infinito. Fez-me quebrantar-me diante do Senhor.

Naquele momento, como um raio de luz, senti que penetrava em minha mente a seguinte profecia bíblica: "Então vocês clamarão a mim, virão orar a mim e eu vos ouvirei. Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração" (Jr 29.12,13). Imediatamente, apossei-me dessas palavras com o *coração.* Até então, eu havia crido *intelectualmente* na Bíblia. Nunca percebera que, na verdade, a fé significava *confiança voluntária* e não um *estado intelectual.* Tomei total consciência de que, naquele momento, precisava *confiar* na veracidade de Deus.

De alguma forma, fiquei sabendo que aquelas palavras eram uma passagem das Escrituras, embora creia que ainda não a tivesse lido. Sabia que era a Palavra de Deus, a voz de Deus falando comigo e clamei: "Senhor, eu me aposso de tua promessa. Agora *sabes* que eu realmente te busco de todo o coração, que vim a este lugar a fim de orar a ti e que prometeste atender-me". A dúvida a respeito de eu poder ou não, *naquele dia,* cumprir meu voto parecia dissipada. O Espírito parecia enfatizar a idéia dada no texto: *"... quando* me procurarem de todo o coração". A questão do momento, ou seja, *o tempo presente,* parecia impressionar fortemente meu coração. Falei ao Senhor que aceitaria literalmente sua promessa, tendo a certeza de que ele não podia mentir e, por isso, estava certo de que atenderia à minha oração e seria achado por mim.

Deus, então, fez-me encontrar muitas outras promessas, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, principalmente as mais importantes, relacionadas ao Senhor Jesus Cristo. Nunca poderei, por meio de palavras, fazer com que alguém compreenda quão preciosas e verdadeiras aquelas promessas divinas me pareceram. Aceitei cada uma delas, uma após outra, como verdades infalíveis, como declarações de Deus, que não pode mentir. Parecia que elas não atingiam tanto meu *intelecto* quanto me atingiam o *coração,* para que estivessem ao alcance da força de vontade da minha mente. Agarrei-me a elas, delas tomei posse e segurei-as fortemente, como um náufrago se agarra a alguma coisa.

Continuei a orar e a receber e tomar posse das promessas divinas por um longo período. Não sei quanto tempo durou. Orei até sentir minha mente transbordar e, antes que o percebesse, já estava em pé, subindo aos saltos a ladeira em direção à estrada. O fato de eu ter-me convertido nem sequer chegara ao meu pensamento. Lembro-me, porém, de que, à medida que ia abrindo caminho no meio das folhas, repetia com grande ênfase e determinação: "Se já me converti, vou pregar o evangelho".

Não demorei a alcançar a estrada que levava à aldeia e comecei a refletir sobre o que acontecera. Percebi que minha mente estava, de maneira maravilhosa, cheia de quietude e paz. E falei para mim mesmo: "O que é isto? Devo ter entristecido o Espírito Santo a ponto de ele afastar-se de mim. Perdi toda a convicção. Não tenho a mínima preocupação com minha alma e só pode ser porque o Espírito se afastou de mim. Por que será? Nunca em minha vida me senti tão pouco preocupado com minha salvação!" Lembrei-me, então, daquilo que, de joelhos, eu dissera a Deus, prometendo aceitar literalmente a Palavra. De fato, recordei-me de muitas coisas que eu falara e concluí que não era de admirar que o Espírito me tivesse deixado, pois o fato de um pecador como eu se ter agarrado daquela maneira à Palavra de Deus era uma atitude de presunção, talvez até mesmo de blasfêmia. Deduzi que, na minha emoção, entristecera o Espírito Santo e, talvez, tivesse cometido um pecado imperdoável.

Caminhei tranqüilamente em direção à aldeia. Minha mente estava tão serena que parecia *que toda a natureza estava ouvindo.* Era o dia 10 de Outubro e o tempo estava muito agradável. Havia saído para o bosque bem cedo, logo depois do café de manhã e quando voltei à aldeia descobri que já era a hora do

almoço. No entanto, não tinha a mínima consciência de quanto tempo havia decorrido desde que saíra de casa. Parecia haver-me afastado da aldeia por um período bem curto. Como explicar a paz que sentia na alma? Procurei lembrar-me de convicções que havia desenvolvido e consegui sentir de volta o peso do pecado debaixo do qual sofrera. Mas, todo o senso de erro, toda a consciência de culpa ainda presente havia-se afastado de mim por completo. Disse para mim mesmo: "O que está acontecendo? Não consigo sentir nenhum peso de culpa em minha alma, embora saiba que sou grande pecador!"

Procurei, em vão, despertar dentro de mim alguma ansiedade que pudesse inquietar-me diante do estado em que me encontrava. Percebi que estava muito calmo e cheio de paz, chegando a julgar que a tranqüilidade de que estava tomado era apenas o resultado de eu haver entristecido e afastado o Espírito de mim. Por mais que eu tentasse entender aquele sentimento, porém, nada me levava à mínima compreensão que fosse a respeito daquele estado de minha alma ou de meu estado espiritual. A tranqüilidade em meu espírito era extraordinariamente grande. Não conseguiria descrevê-la em palavras. Nenhuma definição que pudesse elaborar e nenhum esforço que pudesse fazer seriam capazes de trazer-me de volta o senso de culpa ou a mínima preocupação a respeito de minha salvação. Pensar em Deus era doce para mim e a mais bonita tranqüilidade espiritual tomara posse completa de meu ser. Tratava-se de um grande mistério, mas, isso não me afligia e nem me deixava confuso.

Fui almoçar e vi-me sem apetite. Depois, fui para o escritório e verifiquei que o dr. Wright saíra para o almoço. Peguei meu violino e, como costumava fazer, comecei a tocar e cantar alguns hinos. Mas, logo estava chorando. Parecia que meu coração havia-se transformado em água e meus sentimentos estavam em tal estado que eu não podia escutar minha voz sem deixar que as emoções transbordassem. Achava aquilo estranho e procurava evitar as lágrimas, porém, não conseguia. Queria saber o que me impedia de parar de chorar. Depois de tentar, em vão, secar as lágrimas, guardei meu instrumento e parei de cantar.

Estávamos usando o horário após o almoço para fazer a mudança de nossos livros e móveis para outro escritório. Isso mantinha-nos ocupados e pouco conversamos a tarde inteira. Minha mente permaneceu o tempo todo num estado de profunda tranqüilidade. Havia grande doçura e ternura em meus pensamentos e em minha alma. Tudo parecia estar dando certo. Era como se nada me desagradasse ou me perturbasse. Pouco antes do entardecer, senti a mente dominada pelo pensamento de que, tão logo eu fosse deixado sozinho no novo escritório, naquela noite, tentaria orar outra vez. De qualquer maneira, não me esquecia dos temas relacionados à fé e, embora já não tivesse preocupações com a alma, continuaria a orar.

Quando escureceu, já havíamos colocado os livros e os móveis em seus respectivos lugares. Acendi a lareira, na esperança de que, à noite, eu ficasse sozinho. Vendo que tudo estava em ordem e que já escurecera, o dr. Wright desejou-me uma boa noite e voltou para casa. Acompanhei-o até a porta, fechando-a depois de ele sair. Ao voltar-me, senti como se meu coração se tivesse derretido outra vez dentro de mim. Todos os meus sentimentos pareciam vir à tona para se derramarem. Em minha mente, saltava-me o desejo: "Quero derramar toda a minha alma diante de Deus". Era tão grande a elevação de minha alma que fui impelido até a sala de reuniões, que ficava atrás do escritório principal, a fim de orar. Ali, não havia lareira nem qualquer iluminação, estava totalmente escuro. Nem por isso o ambiente deixava de parecer-me perfeitamente iluminado.

Ao entrar e fechar a porta, parecia que eu me havia encontrado com o Senhor Jesus Cristo *face a face.* Nem naquele momento nem mesmo muito tempo depois me ocorreu que aquele sentimento representava um estado *mental.* Pelo contrário, parecia que me encontrava realmente face a face com o Senhor, vendo-o da mesma forma que veria qualquer ser humano. Ele nada disse, mas olhou-me de tal maneira que me prostrei quebrantado aos seus pés. Sempre considerei notável aquele estado mental. Cristo parecia-me tão real que o vi em pé, diante de mim, enquanto eu caía e derramava minha alma diante dele. Chorei em voz alta, como criança e fiz tantas confissões quantas podia com minha voz sufocada. Tinha a impressão de que banhava com minhas lágrimas os pés do Senhor, mas não me lembro da sensação de tê-lo *tocado.* Devo ter permanecido nesse estado um bom tempo, mas, minha mente estava tão absorvida que não me é possível lembrar muita coisa que tenha dito.

No entanto, sei que tão logo minha mente se tranqüilizou o suficiente para que o encontro fosse interrompido, voltei para o escritório da frente e vi que a lareira, que eu acabara de acender com lenha grossa, quase se apagara por falta de combustível. E, quando me voltei com a intenção de sentar perto da lareira, recebi *um poderoso batismo com o Espírito Santo.*

Sem essa expectativa, sem nunca ter tido em minha mente a esperança de que tal coisa viesse a acontecer em minha vida, sem a mínima lembrança de ter ouvido alguém falar nisso, num momento inesperado, o Espírito Santo desceu sobre mim de tal maneira que parecia *atravessar-me* o corpo e a alma. A impressão era de que *uma onda de eletricidade* passava sobre mim e através de mim. Realmente, a sensação parecia vir em *ondas* e *ondas de amor liquefeito* — não seria possível expressar de outra maneira o que aconteceu ali. No entanto, aquilo não me parecia água e sim *o hálito de Deus.* A sensação era de que alguém me *abanava* com asas imensas. E, à medida que as ondas passavam por mim, parecia que *movimentavam meus cabelos, como se fosse uma brisa!*

Palavras não podem expressar o amor maravilhoso que foi derramado em meu coração. Tinha a impressão de que ia explodir. Chorei em voz alta, de felicidade e amor e acho que, falando claramente, *gritei* o indescritível arrebatamento de meu coração. As ondas passavam por mim, muitas vezes, uma após outra, até eu exclamar: *"Morrerei* se essas ondas continuarem a passar em mim!" Falei, então, ao Senhor: "Senhor, não posso *suportar* mais!" Não sentia, porém, nenhum medo da morte.

Não sei quanto tempo continuei naquele estado, com o batismo continuando a rolar sobre mim e através de mim. Mas, sei que a noite já ia avançada quando um dos coristas — eu era o regente do coro — veio ver-me no escritório. Era um dos membros da igreja. Achou-me naquele estado, chorando em voz alta e perguntou-me:

— Sr. Finney, o que o está afligindo?

Durante algum tempo, não consegui dar qualquer resposta. Ele continuou:

— Está sentindo alguma dor?

Procurei recuperar minha postura da melhor maneira e respondi:

— Não, mas *sinto-me tão feliz que não consigo viver!*

Ele saiu do escritório e retornou minutos depois acompanhado de um dos presbíteros da igreja, dono da loja que ficava no outro lado da rua quase em frente ao nosso escritório. O presbítero era um homem muito sério. Mostrara-se sempre muito cuidadoso e quase nunca o vira sorrir. Quando ele entrou, encontrava-me no mesmo estado em que o jovem corista me havia deixado. Perguntou-me, então, como eu me sentia. Comecei a narrar-lhe a experiência pela qual estava passando. Para minha surpresa, em vez de falar alguma coisa, o presbítero caiu numa espasmódica gargalhada que parecia vir *do fundo de seu coração.* Ele não conseguia parar de rir. Era como se fosse um ímpeto irresistível.

Na vizinhança, havia um jovem que se estava preparando para entrar na faculdade, com quem eu fizera grande amizade. Eu ficara sabendo que o sr. Gale, o ministro, havia conversado com ele repetidas vezes a respeito de questões religiosas e o advertira do perigo de ser desencaminhado por mim. O sr. Gale dissera-lhe que eu era um jovem muito leviano sobre questões da fé. Imaginava que, se ele convivesse muito tempo comigo, sua mente seria influenciada negativamente a ponto de impedir que se convertesse. Depois que aceitou a Cristo, aquele jovem contou-me que várias vezes revelara ao sr. Gale, quando este o admoestava contra o convívio comigo que, freqüentemente, minha conversa surtia sobre ele mais efeito em termos de fé que os sermões do pastor. De fato, eu havia revelado muitos de meus sentimentos àquele jovem, cujo nome era Sears.

Precisamente no momento em que eu expunha meus sentimentos ao presbítero e ao outro membro da igreja, o jovem Sears entrou no escritório. Sentado de costas para a porta, quase não notei sua entrada. Mas, ele entrou e escutou, atônito, o que eu dizia. Só tomei consciência de sua presença quando ele se prostrou e exclamou, na maior agonia: "Orem por mim!". O presbítero e o outro irmão ajoelharam-se e começaram a orar por ele. Depois que oraram, também orei por Sears. Pouco depois, todos se afastaram e deixaram-me sozinho.

Então surgiu em minha mente a pergunta: "Por que o presbítero Bond riu tanto? Será que estava imaginando que eu tentava enganá-lo ou que eu estava louco?" Aquela idéia lançou uma sombra em minha mente e passei a perguntar-me se era lícito que eu, que fora tão grande pecador, orasse por aquele jovem. Parecia que uma nuvem se fechava sobre mim. Nada parecia ser capaz de tranqüilizar-me. E, quando fui para a cama pouco depois, não me sentia mentalmente angustiado, mas, não sabia como interpretar o estado em que me encontrava. Apesar do batismo que recebera, essa tentação obscureceu de tal maneira minha visão espiritual que fui dormir sem sentir a certeza de ter alcançado a paz com Deus.

Não demorei a adormecer. Mas, quase com a mesma rapidez despertei do sono, por causa do grande fluxo do amor de Deus em meu coração. *Eu sentia-me tão repleto daquele amor que não conseguia dormir.* Adormeci de novo e fui despertado nas mesmas condições. Ao acordar, sentia-me tomado outra vez por aquela tentação e o sentimento de amor que me envolvera o coração parecia diminuir. Mal eu voltava a adormecer, o amor irradiava tanto calor dentro de mim que, de imediato, eu era despertado. Continuei a experimentar essas sensações até que, bem mais tarde, consegui repousar.

Quando despertei na manhã seguinte, o sol já se levantara e derramava uma luz clara dentro de meu quarto. A impressão que aquela luz causava em mim não pode ser descrita com palavras. Imediatamente, o batismo que recebera na noite anterior voltou a envolver-me daquela mesma forma. Fiquei de joelhos na cama e chorei de alegria, em voz alta, permanecendo ali algum tempo, totalmente dominado pelo batismo do Espírito, sem conseguir fazer outra coisa a não ser derramar a alma diante de Deus. Parecia que o batismo naquela manhã estava acompanhado de uma suave repreensão, como se o Espírito me estivesse inquirindo: "Você vai duvidar? Você ainda vai duvidar?" Exclamei, então: "Não! *Não* duvidarei. *Não posso* duvidar". As coisas, então, ficaram tão claras em minha mente que me era impossível duvidar de que o Espírito de Deus tomara posse de minha alma.

Enquanto estava nesse estado, fui tomado da certeza de que, agora, a doutrina da *justificação pela fé era* uma *experiência real em* minha vida. Nunca antes essa doutrina ocupara minha mente a ponto de eu considerá-la fundamental. Não discernia seu real significado. Mas, agora conseguia ver e compreender a verdadeira acepção do texto: "Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5.1). Compreendi então que, no momento em que cri, quando estava naquele bosque, todo o sentimento de condenação abandonou minha mente e que a partir daquele momento me senti liberto de qualquer sentimento de culpa ou de condenação. Livrei-me do peso da culpa. Foram-se os meus pecados. Penso que não se achava em mim mais consciência de culpa do que sentiria se nunca tivesse pecado.

Era exatamente essa a revelação de que eu precisava. Sentia-me justificado pela fé e, pelo que podia entender, achava-me num estado em que não pecava. Em vez de sentir que eu pecava o tempo todo, meu coração encontrava-se transbordante de amor. Meu cálice transbordava de bênçãos e de amor. Era impossível sentir que eu estava pecando contra Deus ou que a mínima sensação de pecado tomasse conta de mim pelos erros que havia cometido no passado. Pelo que posso lembrar-me, nada falei a respeito *dessa* experiência a ninguém na ocasião. Isto é, sobre a experiência de justificação e, segundo o que conseguia enxergar, da santificação por que estava passando.

CAPÍTULO III

COMEÇO DO TRABALHO COM SUCESSO IMEDIATO

Na manha em que vivi as experiências que acabo de narrar, desci para o escritório e ali estava recebendo a renovação daquelas ondas poderosas de amor e salvação fluindo sobre mim, quando o dr. Wright entrou na sala. Falei-lhe sobre sua salvação. Não me recordo do que disse. Sei apenas que foram poucas palavras. Ele olhou para mim, atônito, mas não me respondeu nada de que possa lembrar-me. Curvou a cabeça e, depois de ficar parado alguns momentos, saiu do escritório. Na ocasião, não pensei mais no assunto, mas, depois fiquei sabendo que o que lhe dissera penetrara como uma espada em seu coração e em sua mente de tal forma que ele não se recuperou daquele estado de comoção até converter-se.

Pouco depois de o dr. Wright sair do escritório, o diácono Barney entrou e me disse:

— Sr. Finney, está lembrado de que minha causa será julgada às dez horas da manhã? Suponho que esteja pronto para acompanhar-me.

Como advogado, tinha uma procuração para defender sua causa.

— Irmão Barney — respondi — recebi da parte do Senhor Jesus Cristo um mandamento para advogar a causa do evangelho. Assim, não poderei defender sua causa.

Barney, atônito, olhou para mim e perguntou:

— O que quer dizer?

Contei-lhe, em poucas palavras, que me alistara na causa de Cristo. Revelei-lhe que havia recebido, da parte do Senhor Jesus Cristo uma convocação para defender a causa divina. Assim, o diácono precisaria procurar outra pessoa que pudesse ser seu advogado. Eu não poderia defender sua causa.

Barney abaixou a cabeça e saiu sem responder. Pouco tempo depois, ao passar perto da janela, vi que o diácono estava em pé, na rua, como que em profunda meditação. Fiquei sabendo mais tarde que ele conseguira firmar um acordo extrajudicial amigável. Depois disso, foi dedicar-se à oração. E não demorou a alcançar um estado a que jamais havia chegado em sua vida espiritual.

Resolvi sair do escritório para dar uma volta em busca de pessoas a quem pudesse falar sobre sua alma. Dentro de mim, começou a desenvolver-se um sentimento que nunca mais me abandonou: Deus queria que eu pregasse o evangelho e eu deveria começar a cumprir essa tarefa imediatamente. De alguma forma, parecia que eu já *sabia* disso. Se você me perguntasse como eu tinha conhecimento desse chamado, não saberia responder. Não poderia explicar como também não posso entender ou justificar como eu sabia que aquilo que recebera se tratava do amor de Deus e do batismo com o Espírito Santo. Mas, eu o sabia, sem sombra de dúvida. Do mesmo modo, parecia saber que o Senhor me comissionara para pregar o evangelho.

Quando, pela primeira vez, tive a certeza de ter vivido uma experiência espiritual, não me ocorreu que a conversão me levaria a sentir a necessidade de abandonar minha profissão, a qual desempenhava com prazer, para dedicar-me à pregação do evangelho. De início, isso constituiu num embaraço. Pensava nos esforços, no tempo e nos estudos despendidos em meu preparo profissional para agora tornar-me cristão, sabendo que isso me obrigaria a dedicar a vida exclusivamente à pregação do evangelho. Cheguei, finalmente, à conclusão de que devia submeter a questão a Deus. Eu não consultara ao Senhor ao iniciar o curso de Direito. Não era justo que, agora, impusesse condições a Deus.

Eu abandonara a idéia de tornar-me ministro de Cristo até que o assunto voltou à minha mente no momento em que deixava meu lugar de oração, ao descer do bosque para a aldeia. Mas, agora, depois de receber o batismo com o Espírito, eu desejava pregar o evangelho. Mais que isso, não tinha disposição para fazer outra coisa. Já não tinha o mínimo desejo de exercer a advocacia. Tudo quanto existia no ramo parecia fechado para mim, nada me atraía. Descobri que minha mente estava totalmente transformada e que uma revolução total ocorrera dentro de mim. Não tinha mais disposição para ganhar dinheiro. Não sentia fome nem sede pelos prazeres e diversões mundanos, quaisquer que fossem eles. Minha mente estava ocupada inteiramente com Jesus Cristo e com a salvação que nele encontrara. O mundo parecia ter pouca importância para mim. Nada se comparava ao valor das almas, pensava. Nenhum esforço poderia dar tanta satisfação e nenhum prazer poderia ser tão grande quanto o de ocupar-me apresentando Cristo a um mundo que estava morrendo.

Envolvido nesses pensamentos, deixei o escritório disposto a conversar com quem quer que encontrasse. Entrei na oficina de um sapateiro, homem piedoso e, segundo meu conceito, um dos membros da igreja que mais se dedicava à oração. Encontrei-o conversando com um dos filhos de um dos presbíteros da igreja. O jovem defendia o universalismo. (O universalismo, isto é, a crença que nega a doutrina bíblica do castigo eterno, alastrava-se pelos Estados Unidos naquela época, principalmente na Nova Inglaterra e na região Centro-Oeste (N. dor.)) Repetindo o que este dissera sobre o assunto, o sr. Willard — assim se chamava o sapateiro — voltou-se para mim e perguntou: "Sr. Finney, o que pensa sobre a opinião deste jovem?" A resposta parecia-me tão evidente que, num instante, consegui deitar abaixo o argumento daquele moço. Vendo que sua opinião fora demolida, o jovem levantou-se sem dar resposta e saiu. Mas, em pé no meio da oficina, pude notar que, em vez de seguir pela rua, o jovem dera a volta na oficina, atravessara a cerca e tomara a direção de um bosque. Não pensei mais no assunto. Só voltei a lembrar-me do incidente quando, ao anoitecer, vi aquele jovem deixar o bosque mostrando-se agora um radiante convertido e relatando a experiência vivida ali. Ele entrara no bosque e, segundo narrou, entregara seu coração a Deus.

Falei do evangelho a muitas pessoas naquele dia e creio que o Espírito de Deus marcou cada uma delas com uma impressão permanente. Não sei de ninguém com quem tenha conversado naquela ocasião que não se tenha convertido logo depois. Ao entardecer fui a casa de um amigo onde encontrei um jovem ocupado na destilação de uísque. Tinham ouvido falar que eu me tornara cristão. Como estavam para sentar-se à mesa a fim de tomar chá, insistiram que eu os acompanhasse. Os donos da casa eram religiosos professos. A irmã da dona da casa, que estava presente, ainda não era convertida. O jovem que trabalhava na destilação de uísque — um parente distante da família — era universalista professo. Falava muito, com bastante franqueza e denotava firmeza de caráter. Sentei-me à mesa com eles para tomar chá e pediram-me para suplicar a

bênção de Deus sobre eles. Era algo que eu nunca fizera, mas, sem hesitação, comecei a rogar que Deus abençoasse a todos nós ali sentados.

Mal comecei a orar, minha mente foi envolvida pela lembrança do estado espiritual daqueles jovens. Isso despertou em mim tão grande compaixão que irrompi em lágrimas e não consegui continuar a oração. Todos os que estavam ao redor da mesa ficaram sem fala durante alguns momentos, enquanto eu continuava chorando. Num impulso, o jovem afastou a cadeira e saiu correndo da sala. Correu para seu quarto, trancou-se ali e não foi visto outra vez senão na manhã seguinte quando saiu declarando sua bendita esperança em Cristo. Aquele jovem tornou-se um competente ministro de Cristo, atuando por muitos anos no ministério.

No decurso daquele dia, houve muita comoção na aldeia por causa dos relatos sobre o que o Senhor fizera em minha alma. Os pensamentos divergiam. Ao anoitecer, sem que tivesse sido marcada qualquer reunião — pelo menos que eu soubesse — todos compareceram ao local onde eram realizadas as conferências e as reuniões de oração. Minha conversão deixara atônitos os habitantes da aldeia. Mais tarde, fiquei sabendo que, numa de suas reuniões, alguns membros da igreja haviam decidido fazer de mim o alvo específico de suas orações e que o sr. Gale se posicionara contra a idéia, aconselhando-os a não prosseguirem nesse intento, dizendo não acreditar que algum dia eu viesse a converter-me. Dissera que, baseado em conversas que mantivera comigo, descobrira que eu tinha bastante esclarecimento sobre religião, mas, permanecia com o coração endurecido. Além disso, dissera que estava bastante desanimado, porque, como regente do coro, eu ensinava música sacra aos jovens, influenciando-os de tal forma que, segundo ele, nenhum deles se converteria enquanto eu permanecesse em Adams.

Depois de passar pela experiência da conversão, descobri que alguns dos homens mais perigosos da aldeia antes usavam meu exemplo para justificar suas ações ímpias. Um deles em especial, o sr. Cable, marido de uma piedosa mulher, repetira diversas vezes para a esposa: "Se a religião é verdadeira, por que você não leva Finney a converter-se? Se vocês, cristãos, conseguirem que Finney se converta, vou acreditar em vossa religião".

Um advogado já idoso chamado Munson, residente em Adams, quando ouviu os rumores a respeito de minha conversão, disse que tudo não passava de trote e que eu estava simplesmente tentando ver até que ponto poderia ludibriar os cristãos. Mas, naquela noite parecia que, com um só ímpeto, todo o povo corria para o local de cultos. Eu mesmo fui para lá. O sr. Gale, o ministro, estava presente na reunião e, com ele, quase todas as pessoas de influência na aldeia. Parecia que ninguém se dispunha a iniciar o culto, mas, a casa já estava superlotada.

Não esperei por ninguém. Levantei-me e comecei por dizer que agora sabia que a religião vinha da parte de Deus. Continuei, contando-lhes partes de minha experiência que me pareciam importantes. O sr. Cable, que prometera à mulher que se eu me convertesse acreditaria na religião, estava presente. O sr. Munson, o advogado idoso, também estava ali. A tarefa para que fora capacitado pelo Senhor parecia impressionar maravilhosamente o povo. O sr. Cable levantou-se, abriu caminho no meio da multidão e voltou para casa, chegando a deixar para trás o chapéu. O sr. Munson também se retirou, afirmando que eu estava louco. "Finney está sendo sincero, sem dúvida", disse Munson, "mas, é claro que está mentalmente perturbado".

Tão logo acabei de falar, o sr. Gale levantou-se e confessou que acreditava ter sido um empecilho para a igreja. Confessou, então, que desencorajara a igreja quando os membros se propuseram orar por minha conversão. Revelou também que, quando naquele dia ouviu falar de minha conversão, dissera imediatamente não acreditar nela. Declarou que não tivera fé. Sua maneira de falar denotava um sentimento de humildade.

Eu nunca tinha feito uma oração em público. Mas, tão logo o sr. Gale acabou de falar, convidou-me para orar. Orei e acho que tive grande aprofundamento e liberdade na oração. Naquela noite tivemos uma reunião maravilhosa e, a partir de então, passamos a realizar uma reunião todas as noites durante longo tempo. A obra foi-se expandindo em todas as direções. Como tinha sido líder de jovens, marquei imediatamente uma reunião com eles. Todos compareceram — isto é, todos os que eu conhecia. Dediquei meu tempo ao trabalho pela conversão de cada um deles e o Senhor abençoou de modo maravilhoso todos os esforços empreendidos. Converteram-se, um após outro, com grande rapidez e a obra continuou entre eles até que só um deles permaneceu sem ter tido uma experiência com Cristo.

A obra expandiu-se entre todas as classes sociais e não somente por toda a aldeia, mas para fora dela, em todas as direções. Meu coração estava transbordante e durante mais de uma semana não senti a mínima disposição para dormir ou comer. Literalmente, parecia que o mundo não conhecia os alimentos que me estavam nutrindo. Não sentia necessidade de alimentar-me nem de tirar algumas horas de sono. Minha

mente transbordava do amor de Deus. Continuei assim muito tempo, até que, certo dia, enquanto me barbeava em pé diante do espelho, notei como minhas pupilas estavam aumentadas e percebi que teria de repousar e dormir, senão enlouqueceria. A partir de então, passei a usar de mais cautela em meu trabalho. Comecei a alimentar-me com regularidade e a dormir tanto quanto podia.

Descobri que a Palavra de Deus tinha um maravilhoso poder e todos os dias me surpreendia vendo que as poucas palavras que falava a uma pessoa se fixavam em seu coração como uma flecha.

Passado algum tempo, fui visitar meu pai em Henderson, onde ele morava. Ele ainda não se convertera. De nossa família, apenas meu irmão mais novo professava a fé. Meu pai veio ao meu encontro no portão e perguntou:

— Como você está indo, Charles? Respondi:

— Estou passando bem, papai, de corpo e de alma. Mas, papai, você já está idoso, todos os seus filhos cresceram e deixaram sua casa e nunca ouvi uma única oração ser feita em nossa casa.

Meu pai abaixou a cabeça, irrompeu em lágrimas e respondeu:

— Eu sei disso, Charles. Entre e ore você mesmo.

Ali, encontrei-me com meu irmão mais moço. Entramos e passamos a orar. Meu pai e minha mãe ficaram grandemente comovidos e, pouco tempo depois, os dois se converteram. Parece que minha mãe trazia consigo uma esperança secreta. Penso que ninguém na família chegou a saber disso. Percorri a vizinhança por uns dois ou três dias e mantive conversas, breves ou longas, com todas as pessoas que consegui encontrar. Acredito que, na segunda-feira seguinte, à noite, haveria a reunião mensal de oração naquela cidade. Havia ali a Igreja Batista que tinha pastor e a Igreja Congregacional sem pastor. Naquela cidade, porém, a moralidade fora completamente abolida, e a religião havia sido totalmente esquecida.

Meu irmão mais novo havia estado presente na reunião a que me referi, descrevendo-a depois para mim. Os batistas e os congregacionais tinham o hábito de realizar uma reunião mensal de oração em conjunto. Poucos a freqüentavam. Por isso, era realizada na casa de um dos irmãos. Conforme o costume do grupo, a reunião foi realizada na sala de visitas de uma casa de família. Estavam presentes uns poucos membros da Igreja Batista e da Igreja Congregacional.

O diácono da Igreja Congregacional era um homem idoso e franzino chamado Montague. Era de temperamento tranqüilo e tinha boa reputação por causa de sua piedade. Raras vezes, porém, expressava-se sobre qualquer assunto. Era um típico diácono da Nova Inglaterra. Convidaram-no para dirigir a reunião. Ele leu em voz alta uma passagem das Escrituras, segundo o costume do grupo. Depois cantaram um hino e Montague ficou atrás de sua cadeira para dirigir o período de oração. Os demais, todos cristãos professos e mais jovens que Montague, ajoelharam-se espalhados por toda a sala.

Meu irmão contou-me que o diácono começou a oração, como de costume, numa voz baixa e fraca, mas não demorou a mostrar-se mais caloroso e a erguer a voz, tornando-se trêmula de emoção. Passou a orar cada vez com maior fervor, até que, dentro em pouco, começou a levantar-se nos dedos dos pés, fazendo em seguida os calcanhares voltarem ao chão. Repetiu o movimento até todos sentirem o baque do impacto dos calcanhares contra o chão. Continuava a erguer a voz e a levantar-se cada vez mais na ponta dos pés, voltando a bater os saltos dos sapatos no chão, mais fortemente. E, à medida que o Espírito o levava adiante, passou a levantar a cadeira juntamente com os calcanhares e voltava ao chão com ela. Não demorou a levantá-la ainda mais alto e a bater com ela no chão com mais força, produzindo maior impacto. Continuou fazendo isso cada vez com maior ênfase, como se pretendesse despedaçá-la. Enquanto isso, os irmãos e irmãs que estavam de joelhos começaram a gemer, suspirar, chorar e agonizar em oração.

O diácono continuou a bater a cadeira até ficar exausto. E, conforme contou meu irmão, quando parou não havia ninguém na sala que conseguisse levantar-se. Só tinham forças para chorar e confessar seus pecados e todos se quebrantaram diante do Senhor. A partir dessa reunião, a obra do Senhor propagou-se por toda a cidade. E, tendo Adams como ponto de partida, estendeu-se a quase todas as cidades do condado.

Já falei sobre a convicção espiritual de que foi tomado o dr. Wright, em cujo escritório eu estudava Direito. Mencionei, também, que minha experiência de conversão foi vivida num bosque, para onde me dirigi a fim de orar. Pouco depois de minha conversão, várias pessoas converteram-se em circunstâncias semelhantes, isto é, subiam ao bosque para orar e ali encontravam a paz com Deus. Quando o dr. Wright ouvia falar dessas experiências, imaginava que *ele* podia orar na própria *sala* do escritório, sem precisar ir até o bosque. Assim, não teria de contar a mesma história, ouvida tão freqüentemente. Segundo parece, Wright assumiu

consigo mesmo um firme compromisso. Embora se tratasse de um detalhe insignificante, o orgulho deu-lhe dimensões exageradas, fato que quase o impediu de entrar no Reino de Deus.

Em minha experiência ministerial, descobri muitíssimos casos desse tipo, nos quais questões não essenciais passavam a ser importantes por causa do orgulho de um pecador. Em todas as circunstâncias, o pecador precisa render-se diante da luta, ou jamais alcançará o Reino de Deus. Conheci pessoas que se debateram semanas em grande tribulação mental, sentindo a pressão do Espírito, sem fazer o mínimo progresso até reconhecer que o caminho era a submissão. O caso do dr. Wright foi o primeiro, nessas circunstâncias, a chegar ao meu conhecimento. Depois de ele se converter, disse-me que a questão surgia com freqüência em sua mente quando estava orando e que foi levado a perceber que a *soberba* o fazia tomar aquela posição, mantendo-o fora do Reino de Deus.

Mesmo assim, Wright não se dispunha a reconhecer o fato. Procurava, de todas as maneiras possíveis, acreditar e levar Deus a acreditar que não era soberbo. Certa noite, segundo me contou, orou a noite inteira em sua sala, pedindo que Deus tivesse misericórdia dele. Pela manhã, porém, sentia-se mais aflito do que nunca. Finalmente, acreditando que Deus não atendia à sua oração, viu-se em tamanha crise que chegou a pensar em suicídio. Era tão grande a tentação de usar seu canivete para cumprir esse intento que, para vencê-la, teve de jogá-lo fora. Depois disso, Wright contou que, certa noite, quando voltava de uma reunião de oração, tomou consciência da soberba que o dominava. Tentou provar a si mesmo e a Deus que a soberba não o impediria de subir ao bosque para orar. Queria mostrar que não era orgulhoso. Procurou então uma poça de lama e ajoelhou-se nela, demonstrando, assim, que a *soberba* não era obstáculo nele. E essa luta prolongou-se por várias semanas.

Certa tarde, porém, eu estava sentado em nosso escritório e alguns dos presbíteros da igreja estavam comigo, quando o jovem universalista que conheci na oficina do sapateiro e que se convertera naquele dia entrou às pressas e exclamou: "O dr. Wright converteu-se!" E continuou: "Subi ao bosque para orar e escutei alguém, no vale do outro lado, gritando com muita força. Subi até o cume da colina, de onde podia olhar para baixo e vi o dr. Wright dando passos largos para trás e para frente e cantando tão alto quanto conseguia. Fazia pausas, de momentos em momentos, para bater palmas com muita força e gritar: 'Eu me regozijarei no Deus da minha salvação!' Depois, marchava e cantava de novo. E parava, gritava e batia palmas".

Enquanto o jovem nos contava tudo isso, pudemos ver o próprio dr. Wright descendo do bosque. Quando chegou ao pé da colina, assistimos a seu encontro com Pai Tucker, como todos nós o chamávamos, um irmão metodista de idade avançada. Wright correu para ele e levantou-o nos braços. Depois de colocá-lo no chão outra vez, conversou com ele alguns momentos e veio rapidamente em direção do escritório. No momento em que entrou, notamos que suava profusamente — ele era um homem pesado. Exclamou: "Oh meu Deus, recebi a bênção! Eu a recebi!" Batendo palmas com todas as suas forças, ajoelhou-se e começou a dar graças a Deus. Em seguida, relatou-nos o que se passara em sua mente e a razão por que não conseguira ter essa esperança antes. Disse que tão logo deixou de resistir e foi para o bosque, sentiu a mente aliviada e que, quando se ajoelhou para orar, o Espírito de Deus veio sobre ele com tamanho poder que o encheu de indizível alegria, a ponto de se desenrolar a cena que o jovem testemunhara. Naturalmente, a partir daquela ocasião, o dr. Wright tomou posição ao lado de Deus.

No início da primavera, os membros antigos da igreja começaram a dar mostras de que seu zelo espiritual estava sendo menor. Habituei-me a levantar cedo, ir sozinho até a casa de reuniões e ali passar um período em oração. Consegui, depois, persuadir um número considerável de membros da igreja a juntarem-se a mim. As reuniões começavam tão cedo que, às vezes, não havia luz suficiente para ler. Convenci o pastor a se juntar a nós também. Logo, porém, aqueles irmãos começaram a faltar àqueles encontros de oração, por isso passei a levantar-me ainda mais cedo, a tempo de ir acordá-los em casa. Muitas vezes, percorria as ruas do bairro e chamava os irmãos que me pareciam mais inclinados a comparecer. Então, desfrutávamos de um precioso período de oração. Apesar dos esforços, notei que freqüentavam as reuniões cada vez com mais relutância e isso atormentava-me.

Certa manhã, depois de eu ter feito minha ronda para chamar os irmãos, voltei à casa onde se realizavam as reuniões e notei que poucos deles estavam ali. Quando retornei, o irmão Gale, ministro da igreja, estava em pé diante da porta do templo. Enquanto chegava à igreja, toda a glória de Deus brilhou, de repente, sobre mim e ao meu redor de forma maravilhosa. O dia estava apenas começando a raiar. Mas, repentinamente, uma luz de brilho extraordinário banhou minha alma e quase me lançou ao chão. Com essa luz, veio-me a impressão de que toda a natureza, exceto o homem, louvava e adorava a Deus. A luz assemelhava-se ao fulgor do sol espalhado em todas as direções. Era demasiadamente intensa para meus olhos. Lembro-me de

que abaixei os olhos e irrompi em copiosas lágrimas. Foi quando me veio ao pensamento o fato de a humanidade não louvar a Deus. Creio que passei então a conhecer, por experiência própria, a mesma luz que prostrou Paulo no caminho para Damasco. De fato, a luz que me banhava era tão forte que eu não a poderia suportar durante muito tempo.

Irrompi num pranto que podia ser ouvido de longe e o sr. Gale perguntou-me: "Qual é o problema, irmão Finney?". Eu, porém, não conseguia contar-lhe o que se passava. Percebi que ele não vira nenhuma luz e que, por isso, não fazia idéia do motivo de minha reação. Narrei-lhe bem pouco do que acontecia comigo. Creio que simplesmente respondi que vira a glória de Deus e que não suportava mais pensar na maneira displicente com que Deus era tratado pelos seres humanos. De fato, naquele momento, parecia-me que a visão que tivera da glória divina não podia ser descrita através de palavras. Só minhas *lágrimas* eram capazes de descrevê-la. A visão, se assim pode ser chamada, desapareceu e a tranqüilidade voltou à minha mente.

Na minha vida cristã, desfrutava de muitos períodos de comunhão com Deus. É impossível descrever com palavras o que significavam para mim. Não foram raras as vezes em que, ao fim desses períodos, eu tinha a impressão de ouvir em minha mente a seguinte advertência: "Vá e tome o cuidado de não contar isso a ninguém". Na época, eu não conseguia compreender o motivo dessa imposição e várias vezes relatei a meus irmãos cristãos aquilo que o Senhor me dissera, ou melhor, descrevi-lhes os momentos de comunhão que tivera com ele. Entretanto, não demorei a descobrir que não deveria ter relatado àqueles irmãos o que se passara entre mim e o Senhor. Eles não conseguiam compreender. Davam a impressão de estar surpresos e, às vezes — pensava eu — incrédulos. Não demorei a decidir que me manteria em silêncio no tocante àquelas manifestações divinas. Revelaria bem pouca coisa a respeito delas.

Em dias passados, dedicara muito tempo à oração. As vezes, "orava sem cessar", literalmente falando. Freqüentemente dedicava-me ao jejum pessoal e particular e sentia-me muito disposto a isso. Naqueles dias procurava estar inteiramente a sós com Deus e, geralmente, caminhava até aos bosques, ou buscava a casa de reuniões, ou ainda procurava um lugar afastado onde pudesse ficar inteiramente só. Às vezes, seguia uma direção errada no jejum, procurando examinar a mim mesmo segundo as idéias de introspecção então aceitas pelo pastor e pela igreja. Procurava examinar o próprio coração, no intuito de analisar meus sentimentos e voltava minha atenção especialmente para motivos pessoais e para o estado de minha mente. Quando tomava essa direção, descobria invariavelmente que o dia chegava ao fim sem nenhum progresso perceptível.

Posteriormente, vim a descobrir por que aquilo acontecia. Percebi que, ao desviar minha atenção do Senhor Jesus Cristo, procurando voltá-la para mim mesmo, ao examinar motivos e sentimentos próprios, estes eram naturalmente abafados. Mas, quando eu jejuava, deixando que o Espírito lidasse comigo à sua maneira e quando me entregava permitindo que ele me orientasse e instruísse, tudo resultava em meu máximo proveito. Descobri que não podia mais viver sem desfrutar da presença de Deus e, quando se punha sobre mim um período de escuridão, não conseguia repousar, nem estudar, nem cuidar de qualquer outra coisa que produzisse em mim a mínima satisfação ou me trouxesse o mínimo benefício. Precisava, antes, reabrir o caminho da comunhão entre mim e Deus.

Sentia-me realizado em minha profissão. Mas, conforme já relatei, quando me converti tudo que se referia a ela ficou em segundo plano e, para mim, tratar de assuntos jurídicos já não me dava nenhum prazer. Recebi insistentes convites para advogar causas nos tribunais, porém, recusava-as sistematicamente. Não ousava confiar em mim mesmo em meio às emoções de um processo jurídico. Além disso, o próprio fato de conduzir as causas de outras pessoas parecia-me odioso e repugnante.

O Senhor ensinou-me naqueles primeiros tempos de minha experiência cristã algumas verdades muito importantes no tocante ao *Espírito de oração.* Logo depois de minha conversão, uma senhora da casa onde eu fora pensionista ficou muito doente. Ao contrário do marido, cristão professo, ela não era convertida. Certa noite, seu marido, que era irmão do dr. Wright, entrou em nosso escritório e disse-me: "Minha esposa não sobreviverá a esta noite!" Foi como se uma flecha atingisse meu coração. Senti algo como cãibras apertando-me nessa região do corpo. Veio sobre mim um fardo que me esmagava, uma coisa espasmódica em meu interior, cuja natureza não conseguia entender. E com essas sensações veio o intenso desejo de orar por aquela mulher. O peso espiritual era tão grande que saí quase imediatamente do escritório e fui para a casa de reuniões orar por ela.

Ali, enfrentei terrível luta, mas, não fui capaz de dizer muita coisa. Só conseguia gemer. Eram gemidos tão altos e profundos que me teria sido impossível emiti-los sem aquele terrível estado de pressão em minha mente. Permaneci um tempo considerável na igreja nesse estado mental, sem experimentar qualquer alívio. Voltei ao escritório, mas, nada era capaz de acalmar-me. Andava de um lado para outro na sala, como que agonizando. Voltei à casa de reuniões e passei pela mesma luta. Durante longo tempo, procurei colocar minha oração diante do Senhor, mas, por alguma razão, não conseguia expressá-la em palavras. Apenas gemia e chorava, sem dizer nada. Mais uma vez, voltei para o escritório e continuei sem tranqüilizar-me. E, pela terceira vez, voltei à casa de reuniões.

Dessa vez o Senhor concedeu-me força. Senti-me capacitado para lançar sobre ele o fardo e, em minha mente, alcancei a certeza de que aquela senhora não morreria e, ainda mais, que não viria a morrer em seus pecados. Retornei ao escritório, com a mente em perfeita calma, sentindo que já podia voltar para casa descansar. Na manhã seguinte, bem cedo, o marido daquela mulher entrou no escritório. Perguntei-lhe como ela estava passando e ele respondeu, sorrindo:

— Está viva e, ao que tudo indica, está bem melhor hoje.

— Irmão Wright, sua esposa não morrerá dessa doença, pode confiar nisso. E também não morrerá em seus pecados — retruquei.

Não sei como me foi dada essa certeza, mas, isso ficou tão claro para mim que não pairava em minha mente a mínima dúvida de que ela se recuperaria. Por isso falei assim àquele homem. Realmente, a mulher recuperou-se e, pouco depois, alcançou a firme esperança em Cristo. De início, não conseguia entender a experiência pela qual havia passado. No entanto, ao relatá-la a um irmão em Cristo, este disse-me: "Ora, isso é *a dor de parto* da alma". Uns poucos momentos de conversa com ele e a indicação de alguns textos bíblicos levaram-me a compreender do que se tratava.

Outra experiência que vivi pouco depois ilustra a mesma verdade. Falei aos crentes sobre certa jovem que fazia parte da classe de moços e do coro que eu regia e que não passara ainda pela experiência da conversão. O fato de ela ainda não ser convertida atraiu grandemente a atenção e gerou entre os cristãos muitos comentários. Ela era, por natureza, charmosa e muito esclarecida quanto às questões de fé, mas, permanecia em seus pecados. Um dos presbíteros da igreja fez um pacto comigo no sentido de fazermos dela assunto diário de oração — apresentaríamos seu nome diante do trono da graça a cada manhã, ao meio-dia e à noite, até que ela se convertesse ou viesse a morrer, ou até o dia em que não conseguíssemos mais cumprir nosso acordo.

Percebi que minha mente se ocupava muito e cada vez mais com aquela jovem, à medida que continuava a orar por ela. Entretanto, logo descobri que o presbítero que fizera o acordo comigo estava enfraquecendo em seu propósito. Nem por isso desanimei. Continuava a sentir-me cada vez mais importunado com a necessidade que aquela jovem tinha da conversão. Aproveitava todas as oportunidades para conversar claramente com ela a respeito da salvação.

Continuei a viver essa experiência algum tempo. Certo dia, à tarde, fui visitá-la, exatamente ao pôr-do-sol. Quando cheguei à porta de sua casa, pude escutar o grito de uma voz feminina, sons de luta e confusão. Fiquei em pé, esperando, até que tudo se acalmasse. A dona da casa veio abrir a porta trazendo na mão parte de um livro que, evidentemente, fora rasgado em dois pedaços. Estava pálida e muito agitada. Estendeu-me a parte do livro que tinha na mão e disse: "Sr. Finney, veja que minha irmã se tornou universalista!" Ela referia-se à jovem por quem estávamos orando.

Ao examinar o livro, vi que era uma obra escrita em defesa do universalismo. Sua irmã encontrara a jovem lendo o livro — até então, ela o lera em secreto — e tentara tirá-lo de suas mãos. Foi a luta pelo livro que ouvi quando cheguei. Fiquei sabendo que elas me tinham visto chegar à porta durante a briga. A jovem correra para seu quarto, no andar superior, levando na mão a outra parte do livro. Por esse motivo, não quis entrar. Senti um peso semelhante ao que desceu sobre mim quando fui informado da mulher que estava para morrer. A questão deixou-me abatido e em grande agonia. Enquanto voltava aos meus aposentos, a certa distância daquela casa, quase cambaleei sob o fardo que passei a carregar. Fui para o quarto e ali fiquei lutando e gemendo em agonia, sem poder emitir nenhuma palavra para expor o problema diante de Deus. Só conseguia gemer e chorar. A informação de que aquela jovem, em vez de converter-se a Cristo tornara-se universalista, chocou-me de tal modo que eu não conseguia mais interceder por ela.

Parecia haver trevas pairando sobre a questão, como se um muro fora levantado entre mim e Deus, no tocante a lutar pela salvação daquela jovem. Mas, até então, o Espírito da oração lutava dentro de mim com

gemidos inexprimíveis. No entanto, fui obrigado a ir deitar-me naquela noite sem obter progresso algum. Tão logo raiou a luz da manhã, acordei e a primeira coisa em que pensei foi implorar, de novo, ao Deus da graça em favor daquela jovem. Imediatamente, saí da cama e coloquei-me de joelhos. No mesmo instante em que me ajoelhei, as trevas dissiparam-se, a questão inteira abriu-se em minha mente e Deus, em resposta à minha petição por ela, falou-me: "Sim! Sim!" Ainda que ele tivesse falado com voz audível, eu não teria ouvido e compreendido mais nitidamente aquela voz dentro da alma. Num instante, senti um grande alívio. Minha mente encheu-se de paz e alegria. Tive, então, a certeza de que a salvação daquela jovem estava garantida.

No tocante ao *tempo* de sua conversão, cometi um equívoco que, a propósito, não causara impressão em minha mente enquanto eu orava. Mesmo assim, esperava que ela se convertesse imediatamente. Porém, isso não aconteceu. Ela permaneceu em seus pecados vários meses. Mais adiante, falarei sobre sua conversão. No entanto, fiquei decepcionado ao ver que ela não se convertera imediatamente. Senti-me um pouco abalado, procurando saber se realmente eu havia vencido a batalha.

Pouco depois de minha conversão, o homem em cuja casa me hospedara durante algum tempo — um magistrado de grande influência local — foi profundamente convencido de que era pecador. Havia sido eleito membro do poder legislativo estadual e eu orava diariamente por ele e tentava convencê-lo a entregar seu coração a Deus. Sua convicção de pecado tornou-se muito profunda. Mesmo assim, dia após dia, ele prorrogava a decisão de submeter-se a Cristo. Por isso, não conseguia desenvolver a esperança real de salvação. Minha inquietação a respeito dele crescia mais e mais.

Certa tarde, alguns de seus amigos políticos tiveram uma reunião prolongada com ele. Ao anoitecer, procurei de novo apresentar a Deus o assunto, pois sentia que a conversão do magistrado era questão de urgência. Na minha oração, passei a ficar muito perto de Deus. Pelo que consigo lembrar-me, nunca senti tão íntima comunhão com o Senhor Jesus Cristo como naquela noite. A presença divina era tão real que fiquei banhado em lágrimas de alegria, de gratidão e de amor. Nesse estado mental, procurei orar em favor de meu amigo. No mesmo instante, porém, minha boca foi fechada. Descobri que era impossível orar uma só palavra a favor dele. O Senhor parecia dizer-me: "Não, não quero escutar!" A angústia apossou-se da minha mente. De início, eu pensava tratar-se de uma tentação. Mas, parecia que o Senhor me dizia: "Não me fale mais desse assunto". Aquilo foi mais doloroso para mim do que posso expressar. Era inexplicável.

Na manhã seguinte, conversei com meu amigo e, tão logo levantei a questão da submissão a Deus, ele disse-me: "Sr. Finney, não quero mais tocar nesse assunto, até que eu retorne do encontro que tenho com os membros do poder legislativo. Assumi com meus amigos políticos o compromisso de votar a favor de certas medidas incompatíveis com meu propósito de tornar-me cristão e prometi a mim mesmo não pensar mais no assunto até regressar de Albany".

Depois do que me acontecera na noite anterior, fugiu de mim o espírito de oração por ele. Tão logo aquele político me contou o que havia feito, compreendi tudo. Percebi que todas as suas convicções foram dissipadas e que o Espírito de Deus se afastara dele. A partir daquele momento, ele tornou-se mais relapso e endurecido do que nunca relativamente à fé. Assumiu seu cargo no poder legislativo e, quando regressou, na primavera, percebi que se tornara um universalista quase *enlouquecido.* Digo enlouquecido, porque, em vez de ter formado uma opinião a partir de qualquer evidência ou argumento, disse-me o seguinte: "Cheguei a optar pela doutrina universalista não porque a tenha encontrado na Bíblia, mas por ser uma doutrina oposta à mente carnal. É uma doutrina tão rejeitada e combatida que isso, para mim, prova que ela desagrada à mente carnal ou não convertida". Suas palavras deixaram-me atônito. E tudo mais que consegui saber acerca de suas opiniões era confuso e absurdo. Ele permaneceu no pecado, entrou em decadência e assim morreu, ainda agarrado à crença universalista.

CAPÍTULO IV

MINHA PRIMEIRA CONTROVÉRSIA COM MEU PASTOR E OUTROS EVENTOS EM ADAMS

Pouco depois de converter-me, fui visitar meu pastor e conversei longamente com ele a respeito da doutrina da expiação. Formado em Princeton, obviamente, ele defendia a doutrina da expiação limitada, isto é, a salvação oferecida apenas aos eleitos por Deus desde a criação do mundo (Ef 1.4). Nossa conversa durou quase metade do dia. Ele defendia o preceito de que Jesus sofrera o castigo que, literalmente, era imposto aos eleitos pela justiça retributiva. Objetei a essa doutrina, considerando-a absurda, posto que, nesse caso, Cristo sofrera o equivalente às infinitas misérias multiplicadas pelo número total de eleitos. Ele insistia em afirmar que essa era a verdade. Asseverava que Jesus satisfizera, literalmente, a justiça *retributiva*. Eu, ao contrário, defendia a idéia de que Jesus satisfizera apenas a justiça *pública* e isso era tudo o que o governo moral de Deus exigia.

No entanto, eu era ainda uma criança em teologia, um noviço em religião e em conhecimento bíblico. Mesmo assim, pude perceber que o pastor não baseava suas opiniões na Bíblia e falei-lhe nisso. Eu nada lera sobre o assunto, a não ser o que a própria Bíblia dizia a respeito do assunto. E aquilo que descobrira, eu interpretara da mesma forma em que teria compreendido passagens semelhantes num livro de Direito. Parecia-me que o pastor entendera os textos a respeito da expiação levando em conta uma teoria já existente. Nunca o ouvira transmitir em seus sermões as opiniões externadas naquele debate. Surpreenderam-me as posições tomadas por ele e procurei opor-me a elas o quanto me era possível.

Creio que ele ficou alarmado com aquilo que julgava ser apenas teimosia de minha parte. Para mim, a Bíblia ensinava com clareza que a expiação fora um ato extensivo a todas as pessoas, enquanto ele defendia que ela se limitava a apenas a uma parte da humanidade. Eu não podia aceitar essa opinião, já que não encontrava base bíblica para ela. O critério usado por ele na interpretação da Bíblia não coincidia com minhas opiniões. Eu julgava suas idéias pouco coerentes, sem a lucidez daquelas que eu costumava encontrar nos livros de Direito. Ele não apresentou nenhuma resposta satisfatória aos meus questionamentos. Perguntei-lhe se a ordem bíblica não era para que todos quantos ouvissem as boas novas da salvação se arrependessem, cressem no evangelho e fossem salvos.

Ele reconheceu que, de fato, era assim, mas, como poderiam crer e aceitar uma salvação que não fora providenciada para eles? Apesar de eu não estar acostumado a debates teológicos, naquela tarde meu pastor e eu discordamos e discutimos sobre as várias correntes de teologia, da Escola Antiga e da Nova, no tocante à doutrina da expiação, conforme aprendi em meus estudos teológicos subseqüentes. Não me lembro de ter lido uma única página sobre o assunto, a não ser o que se encontrava na Bíblia. Não ouvira nenhum sermão ou debate sobre o tema. Supunha, então, que o sr. Gale estabelecera uma filosofia própria, uma teoria que precisava ser mantida e, à luz dessa teoria, ele interpretava a Bíblia. Ele aproximava-se da Bíblia através da teoria dele.

Debatemos o assunto durante todo o meu curso de teologia, administrado por ele, que se mostrava preocupado com a possibilidade de eu não aceitar a fé ortodoxa. Acredito que estava convencido de minha conversão, mas, desejava ardentemente que eu me mantivesse dentro das rigorosas linhas da teologia de Princeton. Estava convicto de que eu me tornaria ministro, esforçava-se para isso. Tentava persuadir-me de que o Senhor não abençoaria meus esforços no ministério e de que o Espírito Santo não confirmaria minha pregação, a não ser que eu pregasse a verdade.

Eu mesmo acreditava nisso. Para mim, entretanto, esse não era um argumento que pudesse fortalecer os pontos de vista *dele*, já que, em outra ocasião, ele afirmara não fazer idéia de ter sido alguma vez instrumento para a conversão de um pecador. Eu nunca o ouvira pregar especificamente sobre a doutrina da expiação. Penso que receava apresentar diante da congregação seus conceitos sobre o assunto. Estou certo de que sua igreja não compartilhava das opiniões que ele mantinha sobre a expiação limitada. Depois dessa ocasião, mantivemos várias conversas, não só a respeito da expiação, mas, também, sobre outras questões teológicas, às quais terei oportunidade, ainda neste histórico, de referir-me mais detalhadamente.

Já mencionei que, na primavera daquele ano, os membros mais antigos da igreja começaram a manifestar certo esfriamento em seu zelo pelo Senhor. Aquilo oprimia-me grandemente e, também, aos jovens convertidos. Naquela época, li num jornal um artigo intitulado "Um avivamento reavivado". O artigo narrava que, em certa localidade durante um inverno fora experimentado um avivamento. Com a chegada da primavera, o avivamento entrara em declínio, mas, por meio de orações sinceras pela continuação do

derramamento do Espírito, o avivamento foi poderosamente reavivado. A leitura do artigo levou-me a chorar copiosamente.

Na ocasião, eu morava como pensionista do sr. Gale. Levei o artigo para que ele o lesse. Senti-me tão dominado pela certeza da bondade de Deus em ouvir e atender as orações e pela convicção de que Deus ouviria e atenderia às orações feitas em prol do avivamento de sua obra em Adams que entrei na casa chorando em voz alta, como uma criança. O sr. Gale pareceu surpreendido com meus sentimentos e com a confiança que eu expressava que Deus reavivaria sua obra. O artigo não o impressionou da maneira em que impressionou a mim.

No encontro de jovens que se realizou a seguir, propus que empreendêssemos uma campanha de oração em nossos aposentos pelo avivamento da obra de Deus — cada um de nós deveria orar três vezes ao dia: ao raiar do sol, ao meio-dia e ao pôr-do-sol — e mantivéssemos esse plano durante uma semana, reunindo-nos, então, para decidir o que mais deveria ser feito. Nenhum outro meio foi empregado nessa busca pelo avivamento da obra de Deus. No entanto, o Espírito de oração foi imediatamente derramado de modo maravilhoso sobre os jovens convertidos. Antes daquela semana chegar ao fim, tomei conhecimento de que alguns jovens, ao tentar cumprir seu período de oração, sentiram-se totalmente sem forças, não conseguindo manter-se de joelhos sequer. Alguns permaneceram prostrados no chão, orando com gemidos indescritíveis e pedindo o derramamento do Espírito de Deus.

O Espírito foi derramado e, antes que a semana terminasse, as pessoas aglomeravam-se para participar nas reuniões. Havia tanto interesse em buscar o poder do Espírito que, penso eu, nada superou o entusiasmo revelado durante todo o tempo em que se deu o avivamento. Entretanto, é triste ter de reconhecer que, nesse mesmo período, um pecado foi cometido por alguns dos membros da igreja, pecado que resultou em grande mal para eles.

Tomei conhecimento de que um número considerável de membros antigos da igreja oferecia resistência ao novo movimento surgido e propagado entre os jovens convertidos. Parecia que tinham receio de perder alguma coisa com o entusiasmo dos jovens. Não sabiam como interpretar o movimento e julgavam que os jovens convertidos eram demasiadamente presunçosos e não se mantinham em seu devido lugar, sentindo-se, às vezes, no direito de exortar os membros mais antigos. Essa atitude acabou por entristecer o Espírito de Deus. Após minha saída de Adams, o entusiasmo pela religião começou a arrefecer. Não demorou muito e o irmão Gale foi demitido do ministério, por motivo de saúde. Foi morar num rancho, no condado de Oneida, NY, no Oeste, a fim de restaurar a saúde.

Dentro de pouco tempo começaram a surgir dissensões entre os membros mais antigos da igreja. As divergências acabaram por provocar grandes danos entre aqueles que resistiam ao avivamento. Os jovens conseguiram resistir bem. Pelo que eu saiba, eram, quase em sua totalidade, cristãos convictos e produtivos.

Na primavera daquele ano, passei a receber orientação do presbitério, como candidato ao ministério de evangelização. Alguns dos presbíteros insistiam em que eu fosse estudar teologia em Princeton, mas, recusei. Quando quiseram saber a razão de minha recusa, disse-lhes que minhas condições financeiras não o permitiam. Mas eles se prontificaram a arcar com as despesas. Continuei, porém, recusando-me a ir e, quando insistiram em saber o motivo, respondi-lhes com clareza que não me submeteria à influência que eles haviam recebido. Revelei-lhes minha plena certeza de que eles haviam sido educados erroneamente e que, por isso, não satisfaziam, de modo nenhum, o padrão que eu tinha como ideal para um ministro de Cristo. Relutei em fazer-lhes essa revelação, mas, não me era possível ser honesto sem dizer-lhes aquilo. Nomearam meu pastor, o sr. Gale, para supervisionar meus estudos. Ele permitiu-me usar sua biblioteca e disse que me daria toda a orientação necessária. Mas, no tocante ao seu papel de professor, as aulas não passavam de controvérsia.

O sr. Gale sustentava a doutrina presbiteriana do pecado original, ou seja, o ensinamento de que a *constituição* humana é moralmente depravada. Sustentava, ainda, a idéia de que o homem é totalmente incapaz de satisfazer as condições impostas pelo evangelho: arrepender-se, crer ou fazer o que é exigido por Deus; que, mesmo sendo livre para praticar todas as formas de mal e capaz de cometer qualquer quantidade de pecado, o homem não tem capacidade para praticar tudo o que é bom; que Deus condenara os homens por terem uma *natureza* pecaminosa e, por causa disso e de suas transgressões, eles mereciam a morte eterna e estavam sob condenação. Gale pregava, também, que as influências do Espírito de Deus na mente humana eram *físicas*, que estas agiam diretamente sobre a substância da alma e que os homens agiam passivamente

na regeneração. Resumindo, ele sustentava todas as doutrinas que logicamente advêm do fato de uma natureza *pecaminosa em si mesma.*

Eu não podia aceitar tais doutrinas. Não conseguia acolher as opiniões do sr. Gale a respeito de expiação, regeneração, fé, arrependimento, escravidão da vontade ou de doutrinas afins. Mas, quanto a essas opiniões ele era bastante tenaz e, às vezes, parecia muito impaciente, porque eu não as ouvia sem questionar. Insistia em dizer que, se eu *continuasse meu raciocínio* sobre o assunto, provavelmente acabaria tornando-me um ímpio. Em seguida, fazia-me lembrar de que alguns dos alunos que haviam estudado em Princeton haviam-se tornado hereges por insistir em manter o próprio raciocínio a respeito do assunto, negando-se a aceitar a *Confissão de Fé,* bem como os ensinamentos dos teólogos daquela escola. Além disso, o sr. Gale advertia-me repetidas vezes e com muito sentimento, que eu, como ministro, nunca serviria para nada a não ser que abraçasse a verdade, isto é, o que ele ensinava e acreditava ser a verdade.

Estou certo de que me mostrava completamente disposto a acreditar nos ensinos encontrados na Bíblia, e revelei-lhe isso. Tivemos muitos e prolongados debates. E, freqüentemente, eu saía do gabinete deprimido e desanimado, dizendo comigo mesmo: "Aconteça o que acontecer, não poderei aceitar essas opiniões. Não posso acreditar que elas sejam ensinadas na Bíblia". E, várias vezes, cheguei a pensar em abandonar tudo, em desistir do ministério.

Na igreja, havia um único membro com quem eu me abria livremente sobre o assunto. Era o presbítero Hinman, homem de oração e muito piedoso. Fora educado segundo os conceitos de Princeton e sustentava as doutrinas rígidas do calvinismo. No entanto, depois que ele e eu começamos a manter conversas freqüentes e prolongadas, Hinman convenceu-se de que eu tinha razão e passou a visitar-me regularmente, a fim de orarmos juntos. Incentivava-me a prosseguir nos estudos e ajudava-me a enfrentar as polêmicas com o irmão Gale, fazendo-me firmar a decisão de pregar o evangelho, acontecesse o que acontecesse. Várias vezes, quando eu voltava deprimido do gabinete do irmão Gale, o presbítero Hinman acompanhava-me até meu quarto e, às vezes, ficávamos até tarde da noite rogando a Deus que nos desse luz e forças e nos enchesse de fé para que pudéssemos aceitar e realizar sua perfeita vontade.

O velho presbítero morava a uns cinco quilômetros da aldeia e costumava ficar comigo até as dez ou onze horas da noite, tendo de voltar a pé para casa. Um ancião muito querido! Tenho motivos para acreditar que ele orava por mim diariamente. Depois que assumi o ministério, enfrentei muita oposição por causa de minha mensagem — o que, no momento oportuno, terei oportunidade de relatar — e, quando encontrava o presbítero Hinman, ele costumava dizer: "Minha alma sente tamanho peso de responsabilidade pelo seu ministério que oro em seu favor de dia e de noite. Mas tenho certeza de que Deus o ajudará. Continue assim, irmão Finney e o Senhor lhe dará livramento!"

Certa tarde, o sr. Gale e eu havíamos conversado durante longo tempo sobre a doutrina da expiação, e chegou a hora de comparecermos a uma reunião. Continuamos a conversa até chegarmos ao lugar do evento. Como chegamos antes do início dos trabalhos, havendo poucas pessoas no local, continuamos a conversar. As pessoas foram chegando e, ao entrarem, sentavam-se e escutavam atentamente o que dizíamos. Nossa discussão era séria e tenho certeza de que se desenvolvia num espírito cristão. À medida que chegavam, os membros da igreja mostravam-se cada vez mais interessados no debate. Quando dissemos: "É hora de parar, para que possamos começar a reunião", eles imploraram-nos com sinceridade que continuássemos o debate e que este fosse o nosso culto. Assim fizemos e, a meu ver, foi muito proveitoso para os presentes. Estou certo de que receberam permanente edificação a respeito de algumas das questões.

Eu estudava teologia havia alguns meses, quando a saúde do sr. Gale piorou a ponto de ele não conseguir mais pregar. Então, um ministro universalista assumiu a igreja e passou a promulgar suas doutrinas. Algumas pessoas interessadas em fugir ao arrependimento e à verdade mostraram-se dispostas a ouvi-lo, enquanto outras mostravam-se confusas quanto aos conceitos bíblicos que haviam aprendido. Diante disso, o sr. Gale, juntamente com alguns presbíteros, expressaram o desejo de que eu pregasse sobre o assunto, para refutar os argumentos daquele ministro, cujo principal objetivo era, obviamente, demonstrar que o pecado não merecia castigos intermináveis. Colocava-se violentamente contra a doutrina do castigo eterno, considerando-a cruel e absurda. Deus é amor, dizia, então como poderia um Deus de amor castigar eternamente os homens? Certa noite, em um de nossos cultos, levantei-me e disse: "Esse ministro universalista defende doutrinas que são estranhas para mim. Não acredito que elas sejam ensinadas na Bíblia. Mas vou pesquisar o assunto e, se não puder provar que são falsas, eu mesmo me tornarei universalista".

Programei, então, um culto para a semana seguinte, no qual apresentei uma preleção em oposição às opiniões do ministro universalista. Os crentes ficaram um pouco assustados com a minha ousadia em dizer que eu mesmo me tornaria universalista se não pudesse comprovar que as doutrinas pregadas por ele eram falsas. Eu, porém, tinha a certeza de que poderia apresentar essas provas. Quando chegou a noite em que faria minha preleção, a casa de culto estava superlotada. Levantei a questão da *justiça* das penas eternas, tecendo considerações naquele culto e na noite seguinte. Dessa forma, acredito que a dúvida quanto à *justiça* das penas eternas foi completamente esclarecida na mente de todos os presentes. Ouvia-se dizer por todos os cantos que o argumento fora convincente. O povo mostrava-se surpreso com o fato de o sr. Gale nunca ter tratado do assunto a fim de proteger sua congregação contra o universalismo.

O próprio ministro universalista percebeu que a congregação estava convicta de que as doutrinas que pregava eram falsas e, por isso, passou a apresentar seus conceitos de outro ângulo. O sr. Gale, juntamente com os de sua linha teológica, sustentava que a expiação realizada por Cristo era o pagamento literal da dívida dos eleitos e que por meio dela ele sofrera exatamente o que estes mereciam sofrer. Desse modo, os eleitos eram salvos segundo os princípios da justiça exata, sendo que Cristo, no tocante a eles, cumprira plenamente as exigências da Lei.

O ministro universalista aproveitou-se dessa declaração. Tomando por certo que essa era a definição exata de expiação, bastava-lhe, agora, comprovar que a expiação fora realizada em favor de todas as pessoas. Ele queria demonstrar que todos, sem exceção, seriam salvos, porque a dívida de toda a humanidade havia sido literalmente paga pelo Senhor Jesus Cristo. Portanto, por causa da expiação, o universalismo baseava-se na própria justiça, pois, Deus não podia castigar com eqüidade aqueles cuja dívida já fora paga. Eu vi e os presentes também viram, que o ministro universalista colocara o sr. Gale numa posição delicada. Era, no entanto, fácil comprovar que a expiação fora feita em prol de *toda a humanidade.* E, se a natureza e o valor da expiação eram realmente como o sr. Gale sustentava, a salvação universal seria um resultado inevitável. Assim, a congregação foi levada outra vez ao erro. O sr. Gale pediu-me que continuasse com minhas preleções, refutando o universalismo. Disse entender que a questão fora resolvida na esfera da *Lei,* mas, que agora eu precisava contestar o argumento que o ministro apresentava na esfera do *Evangelho.* Respondi-lhe:

— Sr. Gale, não poderei fazer isso sem contradizer suas opiniões a respeito do assunto. Terei de deixá-las de lado. Não poderei oferecer nenhuma resposta à doutrina do universalismo com as opiniões que o irmão mantém a respeito da expiação. Se seu conceito sobre a expiação for correto, a congregação facilmente acabará acreditando que a Bíblia comprova que Cristo morreu por todos, pelo universo total dos pecadores. Portanto, a não ser que o irmão me permita corrigir suas opiniões a respeito da expiação, nada poderei dizer para contestar essa heresia.

O sr. Gale acrescentou:

— Bem, não podemos deixar que a situação permaneça como está. Você pode dizer o que quiser. Responda da maneira que achar melhor. Se julgar necessário, pregarei refutando o que você pregou.

— Muito bem! — respondi. — Basta que eu possa externar minhas opiniões e poderei responder ao ministro universalista. Depois o senhor poderá dizer o que quiser aos membros da igreja.

Em seguida, combinei a data da preleção. Preguei duas vezes sobre o assunto e creio que alcancei pleno êxito em demonstrar que a expiação não consiste no pagamento literal das dívidas dos pecadores, como sustentam os universalistas, mas que ela simplesmente torna *possível* a salvação de todos; que, por si só, não obriga Deus a salvar *pessoa alguma;* que não era verdade que Cristo sofrera exatamente a pena que deveria ter sido paga por aqueles em favor de quem ele havia morrido; que nada disso era ensinado na Bíblia e, portanto, não era verdade. Pelo contrário, Cristo morrera simplesmente para remover do caminho do perdão divino um obstáculo intransponível, a fim de permitir que Deus proclamasse uma *anistia, o perdão geral* e convidasse todos ao arrependimento, levando-os a crer em Cristo e a aceitar a salvação.

Demonstrei, também, que em vez de ter satisfeito a justiça *retributiva* e de ter sofrido exatamente o que os pecadores mereciam sofrer, Cristo apenas satisfez a justiça *pública,* honrando a Lei, tanto em sua obediência quanto em sua morte, tornando, assim, moralmente possível Deus perdoar o pecado de todos os que se arrependessem e cressem em Cristo. Defendi o conceito de que, na expiação, Cristo só fez o necessário como *condição* do perdão do pecado e não o que viesse a *cancelar* o pecado, no sentido de pagar literalmente as dívidas dos pecadores.

Assim, o ministro universalista recebeu a resposta às suas opiniões e cessaram ali os questionamentos relativos ao assunto. O mais notável, porém, é que as preleções levaram a uma experiência com Cristo a

jovem citada por mim anteriormente, em favor de cuja conversão havia orado sinceramente e em intensa agonia. Esse fato deixou o sr. Gale atônito, pois ficou manifesto que o Espírito de Deus aprovara e abençoara minhas explicações sobre a expiação, apesar de ele haver argumentado que Deus nunca abençoaria semelhante conceito. Penso que o fato deixou-o muito confuso, procurando decidir se o ponto de vista que defendia seria ou não o correto. Numa conversa com ele, pude perceber que ficara surpreendido com o fato de minha idéia sobre expiação ter sido o instrumento para a conversão daquela jovem.

Depois de muitos debates com o sr. Gale no decurso de meus estudos teológicos, o presbitério finalmente foi convocado para reunir-se em Adams e proceder ao meu exame e, caso me aprovasse, conceder-me a licença para pregar o evangelho. Imaginei que durante o exame haveria severa discussão com os presbíteros. No entanto, eles mostraram-se consideravelmente brandos. Creio que a bênção manifestada em minhas conversas, os ensinos por mim transmitidos nas reuniões de oração e nas conferências e nas preleções tornaram-nos mais cautelosos, evitando qualquer polêmica, o que, em outras circunstâncias, com certeza teria ocorrido. No decurso do exame, evitaram formular perguntas cujas respostas possibilitassem discordância com suas opiniões.

Depois de me haverem examinado, votaram unanimemente pela concessão da licença. De modo inesperado para mim, perguntaram-me se eu aceitava a *Confissão de Fé* da igreja Presbiteriana. Eu nem sequer a havia estudado, pois essa obra — o catecismo da denominação — não fizera parte de meus estudos. Respondi que a aceitava pela substância de sua doutrina, dentro dos limites de meu entendimento. Imagino que tenha falado de modo a deixar claramente subentendido que não era minha pretensão saber muito a respeito. No entanto, respondi com honestidade, conforme o que conhecia da obra. Ouviram, também, os sermões de prova que preparei baseado nos textos que me haviam indicado. Fui aprovado em todas as partes normais do exame.

Nessa reunião, vi pela primeira vez o rev. Daniel Nash, conhecido como Pai Nash. Era membro do presbitério. Em Adams, uma grande congregação reunira-se para assistir ao meu exame. Cheguei um pouco atrasado e encontrei um homem em pé, no púlpito. Como imaginei, ele estava falando à congregação. Notei que olhou para mim quando entrei e para as outras pessoas quando estas entravam e buscavam assento. Logo que cheguei ao meu lugar e passei a escutar o que ele dizia, observei que estava orando. Olhei de novo e, surpreendido, vi que passava os olhos por toda a congregação ali reunida, como se estivesse dirigindo-se a ela, mas, na realidade estava orando a Deus. Obviamente, aquilo não me soava muito como uma oração. E, realmente, naquela época ele estava num estado de muita frieza. Mencionei aqui o nome do rev. Daniel Nash porque daqui em diante irei referir-me a ele com freqüência. No domingo seguinte ao meu ingresso no ministério, preguei a pedido do irmão Gale. Quando desci do púlpito, ele disse-me: "Sr. Finney, ficarei muito envergonhado se, por onde você passar, revelar que estudou teologia comigo". Essa atitude era típica dele e combinava com o que repetidas vezes me dissera. Por isso, pouco ou nada lhe respondi. Abaixei a cabeça, senti-me desencorajado e continuei a caminhar. Posteriormente, ele passou a considerar o assunto de modo muito diferente e revelou-me que bendizia ao Senhor pelo fato de, em todas as nossas controvérsias e em tudo que me dissera, ele não exercera a mínima influência sobre minhas opiniões. Confessou muito francamente haver errado no modo de falar comigo e de tratar-me e acrescentou que, se eu o tivesse escutado, teria-me deixado arruinar como ministro do evangelho.

A verdade é que a formação do irmão Gale para o ministério havia sido deficiente. Absorvera um conjunto de opiniões, tanto teológicas quanto práticas, que eram como uma camisa-de-força para ele. Realizaria bem pouco ou nada se mantivesse seus próprios princípios. Ele permitira que eu fizesse uso de sua biblioteca. Aproveitando o oferecimento, revirara totalmente os livros que ali havia, buscando estudar e esclarecer todas as questões que possivelmente sairiam na prova. Porém, quanto mais examinava os livros, mais insatisfeito me sentia. Estava acostumado às sucintas e lógicas argumentações dos juízes citadas nos livros de Direito. E, quando pesquisei em sua biblioteca os livros da Escola Antiga, nada encontrei que me satisfizesse. Não que eu quisesse opor-me à verdade, mas, os argumentos que eles apresentavam eram pouco sólidos.

Segundo me parecia, freqüentemente declaravam uma coisa e comprovavam outra. Faltava lógica na exposição das idéias. Finalmente, disse ao sr. Gale: "Se não existe nada melhor que aquilo que se encontra em sua biblioteca para sustentar as grandes doutrinas ensinadas pela nossa igreja, forçosamente terei de tornar-me um incrédulo". E, realmente, estou convicto de que, se o Senhor não me tivesse levado a constatar as falsas afirmações encontradas naqueles livros e a reconhecer que a verdade deve ser estabelecida segundo a Bíblia e se ele não se tivesse revelado a mim pessoalmente, de um modo que me era impossível duvidar da veracidade do cristianismo, eu teria caído no ceticismo.

No começo, por eu não ser teólogo, minha atitude diante das opiniões do sr. Gale eram mais negação ou recusa que propriamente um choque com alguma teoria minha. Eu costumava dizer-lhe: "Seus pontos de vista não podem ser comprovados. Eles carecem de provas". Assim eu pensava e assim continuo a pensar. Mas, ele insistia em que eu cedesse diante das opiniões dos sábios e virtuosos homens que, após muitas considerações, haviam chegado às conclusões que regiam sua corrente teológica. Dizia não ficar bem para mim, um jovem que se havia preparado para a profissão jurídica e sem nenhuma educação teológica, colocar-me contra as opiniões de grandes teólogos, cujos conceitos estavam expostos em sua biblioteca. Ele insistia em dizer que, se eu persistisse em satisfazer a razão, questionando aquelas doutrinas em vez de aceitar as opiniões de homens que sabiam mais que eu, acabaria tornando-me um infiel. As decisões da igreja deviam ser respeitadas por um jovem como eu, cuja obrigação era submeter minhas idéias ao julgamento de outros que demonstravam ter sabedoria superior à minha.

Eu não podia negar que os argumentos do sr. Gale eram bastante fortes. Mesmo assim, sentia-me totalmente incapaz de aceitar doutrinas na forma de dogmas. Ainda que tentasse, tal coisa ser-me-ia impossível. Não estaria sendo honesto nem respeitando a mim mesmo caso agisse assim. Depois de conversar com o sr. Gale, eu ia quase sempre para meu quarto e passava um longo tempo de joelhos diante da Bíblia. Na realidade, durante aquele período de constantes discussões com o sr. Gale, dediquei-me especialmente à leitura bíblica e à oração, implorando ao Senhor que ele me revelasse sua vontade no tocante àquelas questões. Não tinha a quem recorrer senão diretamente à Bíblia e à minha consciência. Lentamente, minhas opiniões foram tomando *forma*. De início, era impossível aceitar as opiniões do sr. Gale. Em seguida, fui formando conceitos próprios, aceitando, da parte dele, apenas os que inequivocamente eram ensinados na Bíblia.

Conforme já ressaltei, não eram apenas as opiniões *teológicas* do sr. Gale que enfraqueciam sua capacidade de trabalho: suas opiniões práticas eram igualmente errôneas. Daí ele prever que minhas opiniões acarretariam todos os tipos de males. Em primeiro lugar, dizia ele, o Espírito de Deus não aprovaria nem cooperaria com meus esforços; em segundo lugar, quando eu me dirigisse às pessoas, conforme lhe dissera que faria, elas não me ouviriam e ainda fugiriam de mim; em terceiro lugar, ainda que elas viessem assistir às minhas pregações, logo se mostrariam decepcionadas e se afastariam; em quarto lugar, a não ser que eu escrevesse meus sermões, eu tornar-me-ia obsoleto e não despertaria a atenção dos ouvintes; em quinto lugar, ao invés de unir, eu dividiria o povo e faria com que as congregações se dispersassem sem as edificar.

Na realidade, vi que todas as opiniões do sr. Gale eram quase totalmente opostas às que eu considerava deveres de ministro. Não era de admirar que se mostrasse chocado com minhas opiniões e propósitos quanto à pregação do evangelho. Com a formação que ele recebera, não poderia ser diferente. Gale propunha-se ir até as últimas conseqüências para manter suas opiniões, mas, na prática, os resultados que ele obtinha eram poucos. Eu prosseguia com meus conceitos e, com a bênção de Deus, os resultados que alcançava eram o inverso dos previstos pelo sr. Gale. Quando esse fato ficou evidente, o ministério dele enfraqueceu. Os resultados alcançados por meu trabalho puseram por terra suas esperanças como cristão, antes que ele viesse a ser um verdadeiro ministro do evangelho, como relatarei mais tarde.

Havia, no entanto, outra deficiência na formação do irmão Gale, a qual eu considerava da maior gravidade. Ainda que ele fosse convertido, não recebera a unção divina do Espírito Santo, o que teria feito dele um poderoso elemento para a conversão de almas, no púlpito e na sociedade. Não recebera o batismo com o Espírito Santo, o que é indispensável para o sucesso ministerial. Quando Cristo comissionou os apóstolos a pregar, ordenou que permanecessem em Jerusalém até serem revestidos do poder do alto. Esse poder, como todos sabem, era o batismo com o Espírito Santo derramado sobre eles no dia de Pentecostes, uma qualificação indispensável para o êxito do ministério.

Sempre acreditei que esse batismo não era simplesmente o poder para a operação de milagres. O poder de operar milagres e o dom de idiomas foram dados como sinais para atestar a realidade da comissão divina. Mas, o próprio batismo era a purificação vinda de Deus, era a plenitude do Espírito Santo para os que o recebiam, outorgando-lhes iluminação do Senhor, que os enchia de fé, amor, paz e poder. Dessa maneira, suas palavras, vivas e eficazes, mais cortantes que uma espada de dois gumes, penetrariam profundamente o coração dos inimigos de Deus. Essa é uma qualificação indispensável ao ministro que deseja ser bem-sucedido. Mas, essa qualificação ministerial o irmão Gale não possuía. Muitas vezes, sinto-me angustiado porque, até hoje, poucos a consideram importante para a pregação do evangelho a este mundo pecador. Sem a instrução direta da parte do Espírito Santo, o homem nunca poderá tornar-se um virtuoso ministro de Cristo. O fato é que, a não ser que se faça acompanhar essa pregação de uma experiência pessoal, que se

apresente a religião à humanidade como uma questão de consciência, as especulações e teorias ficarão muito aquém da pregação do evangelho.

O sr. Gale, mais tarde, chegou a confessar que não era convertido, embora eu não tenha percebido isso durante o período que passei sob sua orientação. Não tenho dúvidas de que era um homem sincero e virtuoso, honesto em suas opiniões. Sua educação, no entanto, era lastimavelmente defeituosa nos aspectos teológico, filosófico, prático e, especialmente, espiritual. Faltava-lhe a unção que é sempre parte essencial da formação do ministro do evangelho. Quanto ao seu estado espiritual, constatei que ele nem sequer possuía a *paz* do evangelho, quanto mais o seu *poder*.

Não suponha o leitor, baseado em alguma coisa dita aqui, que eu não amava o sr. Gale nem o respeitava profundamente. Amava-o e respeitava-o, sim. Pelo que eu saiba, permanecemos amigos até ao dia de sua morte. O que falo a respeito das opiniões que ele sustentava — e lamento dizê-lo — considero aplicável à grande maioria dos ministros, até mesmo nos dias atuais. Penso que seus conceitos práticos sobre a pregação do evangelho, sejam quais forem suas opiniões teológicas, são bastante defeituosos e que a falta da unção e do poder do Espírito Santo é um defeito básico em sua formação ministerial.

Não digo isso em tom de censura, mas, devo registrá-lo por ser questão já decidida há muito tempo em minha mente, sendo um fato pelo qual já tive muitos motivos para lastimar. E, à medida que passo a conhecer melhor os ministros neste país e no exterior, mais me convenço de que, apesar de toda a formação, disciplina e educação que receberam, eles se mostram deficientes na prática de apresentar o evangelho aos homens, no uso dos meios para alcançar esse objetivo e, especialmente, na falta do poder do Espírito Santo.

Escrevi detalhadamente a respeito dos constantes debates mantidos com meu professor de teologia, o irmão Gale. Pensando bem, acho que devo expor de modo mais específico algumas das questões sobre as quais sustentamos tantas discussões. Certamente, eu não poderia aceitar a *ficção* teológica da *imputação.* Vou revelar, com a maior exatidão possível, o ponto de vista que ele sustentava com insistência. Em primeiro lugar, ele afirmava categoricamente que a culpa da primeira transgressão de Adão é imputada de maneira literal a toda sua posteridade. Desse modo, seus descendentes são legitimamente condenados e sujeitos à perdição eterna. Em segundo lugar, Gale sustentava que recebemos, da parte de Adão e por causa da linhagem natural, uma natureza totalmente pecaminosa e moralmente corrupta em todas as faculdades da alma e do corpo, de modo que somos totalmente incapazes de realizar qualquer ato aceitável a Deus. E nossa natureza pecaminosa leva-nos a transgredir a sua lei em todas as ações de nossa vida. E esse, insistia ele, é o estado no qual caíram todos os homens por causa do primeiro pecado de Adão. Por causa dessa natureza pecaminosa recebida da parte de Adão mediante a geração natural, a raça humana inteira é condenada à perdição eterna, por merecimento. Em terceiro lugar, Gale sustentava que estamos todos devidamente condenados e sentenciados à perdição eterna por transgredir a lei. Dessa forma, por justo motivo, estamos sentenciados a uma tripla condenação eterna.

A segunda parte dessa imputação estranha é a seguinte: os pecados de todos os eleitos, tanto o original quanto os pessoalmente praticados — ou seja, a culpa do pecado de Adão, no que diz respeito aos eleitos, juntamente com a culpa da sua natureza pecaminosa e, também, a culpa das transgressões pessoais — são todos literalmente imputados a Cristo. Por isso, Deus fez com que todos os pecados e culpa dos eleitos recaíssem sobre seu Filho.

Cristo tomou sobre si a culpa do primeiro pecado de Adão e que havia sido imputada aos eleitos. Assumiu, também, a culpa das transgressões pessoais de cada um deles e o Pai, através de seu poder, castigou o Filho exatamente na medida do merecimento de todos os eleitos, inclusive daquilo de que eram dignos por causa da tripla perdição em que cada um deles incorrera, tudo isso multiplicado pelo número de eleitos de todos os tempos. Por essa razão, não é gratuito o favor concedido aos eleitos por meio da salvação das penas da lei nem mediante o perdão divino, porque, tendo sido plenamente paga a dívida dos eleitos mediante o castigo imputado sobre Cristo, eles são salvos segundo os princípios da *justiça exata.*

A terceira parte dessa ficção teológica estranha é a seguinte: em primeiro lugar, a obediência de Cristo à lei divina é literalmente imputada aos eleitos, de modo que, em Cristo, considera-se que eles sempre obedeceram com perfeição à lei; em segundo lugar, a morte de Cristo é imputada aos eleitos, uma vez que se considera que, em Cristo, eles tenham sofrido tudo quanto mereciam, pois a culpa de Adão lhe foi imputada, por causa de sua natureza pecaminosa e das transgressões pessoais; em terceiro lugar, por intermédio de seu Redentor, os eleitos primeiramente obedeceram com perfeição à lei e, também pela obra do Redentor, sofreram a pena total a que estariam sujeitos em conseqüência da culpa do pecado de Adão a eles imputada,

bem como da culpa de sua natureza pecaminosa e das transgressões pessoais. Portanto, *sofreram* em Cristo ainda que não tivessem *obedecido* nele.

Primeiramente, ele obedeceu no lugar deles, com perfeição e essa obediência foi-lhes rigorosamente imputada, de modo que, segundo a soberania divina, eles foram obedientes *na pessoa do Redentor*; em segundo lugar, o Redentor sofreu por eles as penas da lei, exatamente como se não tivesse havido nenhum delito de obediência; em terceiro lugar, depois de a lei ter sido duplamente satisfeita, requer-se dos eleitos que se arrependam como se nenhuma satisfação tivesse sido prestada; em quarto lugar, tendo sido o pagamento totalmente feito por duas vezes, a remissão dos eleitos é comprovadamente um ato de graça infinita.

Assim, os eleitos são salvos pela graça segundo os princípios da justiça. Ou seja, a graça, em primeiro lugar, obedece à lei em favor dos eleitos, depois assume e paga a dívida como se nenhuma obediência tivesse sido prestada e, então, a justiça inocenta e salva o devedor. Dessa forma, a rigor, não há graça ou misericórdia em nosso perdão: a graça total encontra-se na obediência e nos sofrimentos de Cristo. Segue-se que os eleitos poderão *requerer* na absolvição com base na justiça rigorosa. Não precisam orar pelo perdão e nem por clemência: isso seria um grande erro. (A última inferência é minha, mas, surge, como todos podem perceber, irresistivelmente a partir daquilo que a própria *Confissão da Fé* assevera — que os eleitos são salvos segundo os princípios da justiça exata e perfeita.)

Era impossível concordar com o sr. Gale a respeito dessas questões. Só consegui considerar e tratar a questão inteira da imputação vendo-a como idéia teológica, algo semelhante à nossa ficção jurídica de fulano e beltrano. E perante as discussões que mantivemos ao longo de meu curso teológico, não me recordo de ter ouvido o sr. Gale insistir em que a *Confissão de Fé* não motivava esses princípios de maneira diferente. E, quando pude estudá-la, fiquei convencido de que ela continha os mesmos ensinamentos.

Eu não tinha consciência de que a regra do presbitério era que se perguntasse ao candidato se ele aceitava a *Confissão de Fé* presbiteriana. Por isso, nunca a lera e não tinha a mínima consciência de que o sr. Gale, nas discussões que mantivera comigo, não fizera nada mais que defender os ensinos claros nela contidos. Tão logo fiquei sabendo de seu conteúdo, não hesitei, em todas as ocasiões apropriadas, em declarar que discordava delas. Sempre que descobria que um grupo se escondia atrás desses dogmas, não hesitava em fazê-los ruir com meus melhores esforços.

Nunca ridicularizei o sr. Gale por defender essas doutrinas, mas, em nossos debates sempre as discutimos na linguagem que ele mesmo usava para externá-las. Ele não as apresentava como racionais nem como capazes de sobreviver à luz da razão. Por isso, insistia em dizer que minhas idéias me levariam ao ceticismo. Eu, porém, insistia em dizer que nosso raciocínio nos foi dado visando exatamente a capacidade de justificar os caminhos de Deus e que não havia possibilidade de aquela ficção teológica ser verdadeira. Naturalmente, muitas outras questões eram matéria de debate entre nós, mas, essas discussões tinham sempre como base o seguinte: se o homem tinha uma natureza pecaminosa, a regeneração deveria consistir na mudança dessa natureza. Já que a natureza do homem era pecaminosa, a influência do Espírito Santo, que deveria regenerá-la, tinha de ser *física* e não *moral.* Já que a natureza do homem era pecaminosa, não havia possibilidade de o evangelho transformar essa natureza e, conseqüentemente, na religião, não havia conexão possível entre meio e fim.

O sr. Gale mantinha-se fiel à sua opinião. Como conseqüência, nos sermões que o ouvi pregar, não parecia ter a expectativa nem a *intenção* de levar qualquer pessoa a converter-se. Mesmo assim, era um pregador muito competente para os padrões da época. O fato é que aqueles dogmas eram para ele uma camisa-de-força. Se pregava sobre o arrependimento, parecia que, antes de se sentar, precisava ter a total certeza de que deixara nos ouvintes a impressão de que não poderiam arrepender-se. Se os conclamava a crer, precisava ter a certeza de lhes ter passado a idéia de que, até sua natureza ter sido transformada pelo Espírito Santo, lhes seria impossível ter fé. Assim, sua ortodoxia era uma perfeita arapuca — para ele próprio e para os ouvintes. *Eu não podia aceitá-la.* Não era assim que eu entendia a Bíblia nem via tais doutrinas ensinadas nas Escrituras.

Quando li a *Confissão de Fé* e conferi as passagens bíblicas citadas para sustentar aquelas doutrinas, fiquei totalmente envergonhado dela. Não podia sentir o mínimo respeito por um documento que tentava impor à humanidade dogmas como aqueles, sustentados, na maior parte, por passagens das Escrituras cuja aplicação era totalmente irrelevante e que, em qualquer tribunal, teriam sido consideradas no mínimo inconclusivas. No entanto, pelo que eu saiba, o presbitério inteiro mantinha-se irredutível em sua crença. Mas, acredito que

depois todos acabaram cedendo. E, quando o sr. Gale mudou suas opiniões, nada mais ouvi da parte do presbitério que sustentasse aqueles conceitos.

CAPÍTULO V

PREGANDO COMO MISSIONÁRIO

Por não ter recebido formação regular para o ministério, não esperava nem desejava trabalhar nas grandes cidades, nem em congregações entre pessoas cultas. Pretendia ir aos novos povoados e pregar nas escolas, nos celeiros e nos bosques, da melhor maneira que pudesse. Assim, pouco tempo depois de ter recebido licença para pregar e com o propósito de conhecer a região onde me propunha realizar a obra, aceitei uma tarefa de seis meses de duração da parte de uma Sociedade Missionária Feminina, localizada no condado de Oneida.

Fui para o lado norte do Condado de Jefferson e comecei a trabalhar com afinco em Evans Mills, na cidade de Le Ray. Ali, encontrei duas igrejas organizadas: uma pequena igreja congregacional, que estava sem pastor e uma igreja batista, que tinha seu ministro. Apresentei minhas credenciais aos diáconos. Eles ficaram muito contentes em ver-me e logo comecei a trabalhar.

Eles não tinham uma casa de cultos. As duas igrejas revezavam-se na utilização dos cultos num grande prédio escolar, feito de pedra. Acho que a escola tinha tamanho suficiente para abrigar todas as crianças da aldeia. Os batistas ocupavam o prédio num domingo e os congregacionais o utilizavam-no no domingo seguinte. Assim, eu só podia usar o local para pregar no domingo livre. No entanto, podia ocupar as instalações da escola durante a semana, à noite, pelo tempo que desejasse. Passei a dividir, então, meus domingos entre Evans Mills e Antwerp, cidade que ficava a cerca de onze quilômetros mais para o norte. Em primeiro lugar, relatarei alguns fatos que ocorreram em Evans Mills durante aquele período. Depois, apresentarei uma breve narrativa das ocorrências em Antwerp. Mas, visto que pregava nesses dois locais em domingos alternados, esses fatos, que vou relatar separadamente, ocorreram ao mesmo tempo em ambas as localidades.

Como já disse, comecei a pregar no edifício de pedra da escola de Evans Mills. As pessoas, muito interessadas, acorriam em massa para ouvir-me. Elogiavam minhas pregações e a pequenina igreja congregacional encheu-se de interesse, alimentando a esperança de que edificariam um templo e de que haveria ali um avivamento. Cada sermão pregado por mim resultava em uma ou outra conversão. No entanto, a comoção geral que eu esperava não acontecia. Essa situação deixou-me muito insatisfeito e, depois de pregar ali dois ou três domingos e de realizar vários cultos vespertinos nos dias de semana, revelei aos ouvintes, ao encerrar meu sermão em um desses cultos, que eu estava ali com o objetivo de levá-los à salvação em Cristo.

Disse-lhes que sabia que apreciavam meus sermões, mas, que eu não fora ali para agradá-los e sim para levá-los ao arrependimento. De nada valeria gostar de minhas pregações se continuassem rejeitando o Senhor. Revelei-lhes, ainda, que sentia haver algo de errado — ou em mim ou neles; que o interesse que manifestavam por minha pregação não lhes seria de proveito algum; que eu não podia dedicar meu tempo a eles, a não ser que se dispusessem a receber o evangelho. Em seguida, repeti as palavras do servo de Abraão: "Agora, se quiserem mostrar fidelidade e bondade a meu senhor, digam-me; e, se não quiserem, digam-me também, para que eu decida o que fazer" (Gn 24.49).

Teci mais algumas considerações sobre essa pergunta e apliquei-a firmemente a eles, insistindo nela, para descobrir o que pretendiam fazer. Caso não decidissem tornar-se cristãos e não estivessem prontos para atuar na obra do Senhor, eu gostaria de ser informado, para não esforçar-me em vão. Disse-lhes: "Vocês reconhecem que o que prego é o evangelho. Professam publicamente que crêem nisso. Agora, querem *recebê-lo? Pretendem* recebê-lo? Ou pretendem rejeitá-lo? Forçosamente, vocês já têm opinião formada a respeito do assunto. E agora, já que vocês reconhecem que tenho pregado a verdade, tenho o direito de tomar por certo que vocês reconhecem a obrigação de tornarem-se cristãos sem demora. Vocês não negam que têm sobre si essa obrigação. Mas, estão prontos a *cumpri-la?* Estão prontos a *satisfazer* esse compromisso, a *fazer* o que reconhecem que deve ser feito? Se não estão prontos, digam-me! E, se pretendem receber o evangelho, digam-me também, para que eu decida o que fazer!"

Depois de expor tudo isso a eles e perceber que haviam compreendido bem tudo que lhes dissera, vendo que pareciam muito surpresos com meu desabafo, declarei: "Agora, preciso conhecer vossas reais intenções. Quero que aqueles que resolveram tornarem-se cristãos, assumindo o compromisso de firmar imediatamente a paz com Deus, se levantem; e que, ao contrário, aqueles que estão decididos a não se tornarem cristãos e desejam que eu saiba disso e que Cristo assim entenda, fiquem como estão". Depois de deixar bem claro meu propósito a ponto de ter certeza de que compreendiam o que eu pedira, falei: "Agora, vocês que se dispõem a assumir, diante de mim e de Cristo, o compromisso de firmar imediatamente a paz com Deus, por favor, fiquem de pé! E aqueles que desejam manifestar sua decisão de continuar rejeitando a Cristo permaneçam sentados!" Eles olharam uns para os outros e para mim — e todos ficaram sentados sem se mexerem, como eu esperava que viesse a acontecer.

Depois de olhar para todos eles por alguns momentos, falei: "Então, estão *comprometidos.* Tomaram posição. Rejeitaram a Cristo e ao evangelho. São testemunhas uns contra os outros e Deus é testemunha contra vocês todos. Isto foi manifesto e é um fato que podem guardar na lembrança enquanto viverem: vocês assumiram um compromisso público contra o Salvador, dizendo: 'Não queremos esse homem, Jesus Cristo, reinando sobre nós". Pelo que posso lembrar-me, as palavras que usei em meu apelo foram muito próximas dessas. Diante de minhas palavras, eles ficaram furiosos comigo. Levantaram-se todos e começaram a andar em direção à porta. Quando estavam no meio do caminho, fiz uma pausa. Eles voltaram-se a fim de ver por que razão eu havia interrompido a fala. Então continuei: tenho pena de vocês e digo-vos que só pregarei aqui mais uma vez, se Deus quiser, amanhã à noite". Todos retiraram-se, menos o irmão John McComber, diácono da igreja batista local. Vi que os congregacionais haviam ficado confusos. Eram um pequeno número e fracos na fé. Suponho que os membros de ambas as pessoas presentes na reunião, excetuando-se o irmão McComber, ficaram confusos e cheguei à conclusão de que tudo estava acabado. Por causa de mi*nha imprudência,* eu destruíra todas as esperanças que pareciam existir. O diácono McComber chegou até mim e, segurando-me a mão, disse sorrindo: Sr. Finney, você os pegou! Conseguiu pegar neles! Eles não ficarão sossegados até se resolverem, pode acreditar. Estão todos desanimados, mas eu, não. Acredito que você fez exatamente o que deveria ser feito e que veremos resultados".

E claro que eu também pensava assim. Minha intenção era colocá-los numa situação que os levasse, após alguma reflexão, a estremecer diante dos próprios atos. Mas, naquela noite e durante o dia seguinte, aqueles irmãos continuavam irados. O irmão McComber e eu concordamos em passar o dia seguinte em oração e jejum — separadamente pela manhã e juntos à tarde. No decurso do dia seguinte, fiquei sabendo que os irmãos que me tinham ouvido pregar, agora ameaçavam levar-me para fora da cidade, colocar-me sentado num trilho de trem, cobrir-me de piche e penas e "dar-me o bilhete azul", como costumavam dizer. Alguns amaldiçoavam-me, dizendo que eu lançara sobre eles uma praga; que os fizera jurar que não serviriam a Deus; que os levara a firmar um compromisso solene e público de rejeitar a Cristo e o evangelho. Aquilo não era nada mais do que eu pessoalmente estava prevendo.

Naquela tarde, o irmão McComber e eu passamos a tarde inteira orando num bosque. Ao entardecer, o Senhor abriu as comportas do céu e deu-nos a vitória. Nós dois tínhamos a certeza de que prevaleceríamos com Deus e de que, naquela noite, o poder divino se manifestaria entre o povo. Ao aproximar-se a hora do culto, saímos do bosque e fomos para a aldeia. O povo já se dirigia em massa para o local do culto. Vendo-nos passar pela aldeia, os que ainda não tinham ido para o local da reunião saíram de suas lojas e oficinas. Outros abandonaram bolas e tacos no gramado onde jogavam. A casa de cultos ficou superlotada.

Eu não havia pensado sobre o que iria pregar — naquela época, era comum isso acontecer. Estava cheio do Espírito Santo e sentia-me confiante de que, quando chegasse o momento, eu saberia o que falar. Tão logo vi a casa superlotada, não cabendo mais ninguém, levantei-me e, sem a costumeira introdução de cânticos, fui logo disparando: "Digam aos justos que tudo lhes irá bem, pois comerão do fruto de suas ações. Mas, ai dos ímpios! Tudo lhes irá mal! Terão a retribuição pelo que fizeram as suas mãos" (Is 3.10,11). Realmente, estava *abrindo fogo contra eles.* O Espírito de Deus veio sobre mim com tamanho poder que era como disparar tiros de canhão contra eles.

Durante mais de uma hora — talvez uma hora e meia — a Palavra de Deus passou de mim para eles de um modo que, segundo eu podia ver, alcançava a todos de maneira grandiosa. Era como um fogo, como um martelo que quebrava a rocha, como uma espada que penetrava até a divisão entre a alma e o espírito. Percebi que uma convicção geral se espalhava sobre a congregação. Muitos deles não podiam manter a cabeça erguida. Naquela noite, não fiz nenhum apelo para que renunciassem à posição que haviam adotado na noite anterior nem para que firmassem qualquer compromisso com Cristo. Porém, já durante o sermão fiz

com que tivessem a certeza de que todos se haviam comprometido contra o Senhor. Marquei outro culto e encerrei a reunião.

Enquanto a congregação se retirava, notei uma senhora apoiada nos braços de algumas amigas. Fui ver o que se passava com ela, supondo que se tratava de um desmaio. Não demorei a descobrir que não se tratava de desmaio. Seu rosto expressava a maior angústia e ela deu-me a entender que não conseguia falar. Aconselhei aquelas senhoras a levá-la para casa e orar com ela, para ver o que o Senhor faria por ela. Elas informaram-me que a senhora era irmã do grande missionário William Goodell, de Constantinopla. Era bem conceituada na igreja.

Naquela noite, em vez de ir para meu aposento, aceitei o convite para pernoitar na casa de uma família com a qual nunca havia estado. Na manhã seguinte, descobri que, durante aquela noite, várias pessoas haviam-me procurado no endereço onde eu costumava ficar para que eu fosse visitar famílias que estavam em terrível aflição mental. Aquilo levou-me a sair para estar entre o povo e, em todos os lugares por onde passava, percebia que uma poderosa e admirável convicção de pecado e ansiedade de alma tomava conta das pessoas.

Depois de ter permanecido deitada em mutismo durante cerca de 16 dias, a srta. Goodell finalmente abriu a boca e um cântico novo foi colocado em seus lábios. Foi tirada da horrível poça de lama e seus pés colocados numa rocha firme. Muitos, ao presenciar a cena, ficaram com medo. Esse fato levou os membros da igreja a um exame da própria consciência. A srta. Goodell declarou que vivera totalmente enganada durante dezoito anos em que fora membro da igreja. Pensava que era crente, mas, quando ouviu o sermão pregado na noite anterior, percebeu que jamais vira o Deus verdadeiro. E, quando o caráter divino lhe foi apresentado daquela maneira, sua esperança "desapareceu como fumaça", conforme ela mesma declarou. Disse que, diante de semelhante conceito de santidade, sentiu-se arrastada por uma onda gigante. Por isso havia ficado muda.

Identifiquei vários deístas entre os presentes, alguns de alta posição na comunidade. Um deles era hoteleiro e os outros eram homens respeitáveis e de cultura acima da média. Mas, pareciam formar uma quadrilha para resistir ao avivamento. Aos domingos, assistiam à minha pregação. E, quando descobri exatamente o ponto de vista que defendiam, procurei pregar um sermão sobre o assunto. Baseei-me no seguinte texto: "Peço-lhe que seja um pouco mais paciente comigo e lhe mostrarei que se pode dizer mais verdades em defesa de Deus. Vem de longe o meu conhecimento; atribuirei justiça ao meu Criador" (Jó 36.2,3). Repassei toda a questão, com base no que eu conhecia a respeito daquela doutrina e Deus capacitou-me para colocá-la em pratos limpos.

Tão logo a reunião foi encerrada, o hoteleiro, que era o líder deles, aproximou-se de mim, tomou minha mão e disse com toda a franqueza: "Sr. Finney, estou convencido. O irmão foi incisivo e deu resposta a todas as minhas dúvidas. Agora quero que me acompanhe até minha casa, a fim de conversarmos". Nada mais ouvi falar das heresias defendidas por aqueles homens e, se estou corretamente lembrado, o grupo inteiro converteu-se entregando-se ao evangelho.

Certo homem idoso, de quem já não recordo o nome, vivia naquele local e, embora não fosse ímpio, passou a combater com muita fúria o avivamento. Eu ouvia falar de seus xingamentos e blasfêmias todos os dias, mas, não fazia menção disso publicamente. Ele recusava a freqüentar os cultos. Certa manhã, porém, quando sua raiva estava no auge, caiu repentinamente da cadeira em que estava sentado, num ataque de nervos. Parecia uma crise de apoplexia. De imediato, um médico foi chamado e este, após um rápido exame, disse-lhe que só lhe restavam poucos momentos de vida: se tinha algo a dizer, que o fizesse imediatamente. Sobraram-lhe apenas as forças e o tempo necessários para gaguejar: "Não deixe Finney orar sobre o meu cadáver". Esse foi seu último ato de protesto.

Certo dia, falaram-me de uma mulher enferma na comunidade. Ela havia sido membro de uma igreja batista e era bem conhecida ali, mas ninguém acreditava que ela fosse de fato piedosa. A tuberculose estava tomando conta de seu corpo rapidamente. Pediram-me, então, que fosse visitá-la, para ver se conseguiria abrir-lhe os olhos. Conversamos longamente e ela contou-me a respeito de um sonho que tivera na mocidade, que a levou a pensar que seus pecados haviam sido perdoados. Firmara-se nesse sonho e nenhum argumento conseguia demovê-la daquela falsa certeza. Procurei convencê-la de que, naquele sonho, não havia nenhuma evidência de que ela passara pela conversão. Disse-lhe claramente que as senhoras que a conheciam afirmavam que ela nunca vivera uma vida cristã e que nunca dera sinais de uma personalidade transformada. Revelei-lhe, também, que eu tinha ido visitá-la para tentar convencê-la a abrir mão de sua falsa convicção e convidá-la a aceitar a Cristo, a fim de que fosse salva.

Tratei-a com a maior gentileza possível, mas, não deixei de explicar o real objetivo de minha visita. Ela, porém, ficou muito ofendida e, depois de minha saída, queixou-se de que eu procurara tirar sua esperança e confundir sua mente; que eu fora cruel ao incomodar daquela maneira uma pobre mulher doente; que eu tentara perturbar sua paz de espírito. Ela morreu não muito tempo depois. Ao pensar em sua morte, lembrei-me do livro do dr. Nelson, intitulado *A causa e a cura da incredulidade.* Quando o momento da morte chegou para aquela mulher, seus olhos foram abertos. E, antes de partir deste mundo, pareceu ter recebido grande revelação do caráter de Deus, do que era o céu e da santidade exigida para habitar ali que gritou em agonia, exclamando que estava indo para o inferno. E nessa condição, segundo me informaram, ela morreu.

Certa tarde, um irmão procurou-me e pediu que visitasse sua irmã. Ela estava morrendo de tuberculose. Informou-me que ela fora levada pelo marido ao universalismo. Pediu-me que não a visitasse quando o marido estivesse em casa. Temia que ele me agredisse. Tinha certeza de que isso aconteceria e que aquele homem cria firmemente que sua mulher não tinha dúvidas quanto à salvação universal e queria que ela morresse crendo no universalismo.

Sabendo que o marido da irmã estava ausente naquela hora, o homem implorou para que eu fosse visitá-la. Assim fiz e descobri que ela não se sentia nada à vontade com as crenças universalistas. Depois de conversarmos um pouco, ela abandonou de vez aqueles conceitos. Conforme entendi, nunca se firmara realmente neles. De qualquer forma, abriu mão deles e demonstrou ter abraçado o evangelho de Cristo. Creio que se manteve firme até a morte.

Ao anoitecer, o marido retomou e ficou sabendo por ela mesma o que havia acontecido. Ele ficou enfurecido e jurou que "mataria Finney". Fiquei sabendo, depois, que ele, levando uma pistola carregada consigo, dirigiu-se naquela noite a um culto onde eu pregaria. Disso, é claro, eu nada sabia na ocasião.

O culto seria realizado no prédio de uma escola fora da aldeia. A casa estava superlotada, chegando quase à sufocação. Passei a pregar com todo entusiasmo e, a certa altura do sermão, vi no meio do povo um homem — que parecia forte e pesado — cair da cadeira. Ele começou a gritar que estava afundando, indo para o inferno. Repetiu aquilo várias vezes. As pessoas sabiam quem ele era, mas, eu não o conhecia. Penso que nunca o tinha visto até então. É claro que o incidente gerou grande confusão e interrompeu a mensagem. A angústia daquele homem era tão grande que passamos o restante do culto orando por ele. Quando a reunião foi encerrada, os amigos levaram-no para casa.

Na manhã seguinte, pedi notícias daquele homem. Soube que passara a noite sem dormir, em grande angústia e que saíra de casa ao amanhecer, não se sabia para onde. Não houve nenhum sinal dele a não ser às dez da manhã. Subi a rua e, então, o avistei vindo na direção da aldeia. Segundo me pareceu, havia saído de um bosque que ficava a alguma distância dali. Ele estava do outro lado da rua e, ao reconhecer-me, atravessou a rua para encontrar-se comigo. Quando chegou suficientemente perto, vi que seu rosto estava radiante. Cumprimentei-o:

— Bom dia, sr. Comstock.

— Bom dia — ele respondeu.

— Como está se sentindo agora? — perguntei.

— Oh, não sei! — respondeu ele. — Passei a noite em grande aflição. Mas, não consegui orar em casa e pensei que, se pudesse ficar sozinho em um lugar onde pudesse soltar a voz e abrir meu coração, poderia fazê-lo. De manhã cedo fui para o bosque, mas, quando cheguei ali, não tive condições de orar como desejava. Achava que poderia me entregar a Deus, mas descobri que não podia fazê-lo. Tentei várias vezes, até ficar desanimado. Finalmente, vi que tudo que fazia era em vão. Declarei ao Senhor que me considerava perdido; que não tinha ânimo para orar nem para arrepender-me; que me endurecera tanto que não conseguia entregar meu coração a ele. Assim, resolvi deixar a questão inteiramente nas mãos dele. Estava à disposição de Deus e não podia ir contra nada que ele achasse bem fazer comigo, porque eu não tinha nenhum argumento para reivindicar seu favor. Deixei a questão inteiramente nas mãos do Senhor.

— E o que aconteceu? — perguntei.

— Ora, descobri que perdera toda a minha convicção. Levantei-me e vim-me embora. Minha mente estava tão tranqüila que cheguei a pensar que o Espírito de Deus se entristecera e se afastara de mim. Era a única explicação. Mas, quando o vi, irmão Finney, meu coração começou a arder e, em vez de querer evitá-lo, senti-me tão atraído que atravessei a rua para vir vê-lo.

Eu já devia ter dito que o sr. Comstock, ao aproximar-se de mim, pulou e ergueu-me nos braços, fazendo-me girar uma ou duas vezes, antes de colocar-me no chão. Isso antecedeu a conversa que acabo de narrar. Depois de mais algum tempo conversando, despedi-me dele sem expressar nenhuma opinião sobre a sua condição espiritual. No entanto, pareceu-me que ele passou a acalentar alguma esperança. Não houve mais oposição da parte dele.

No mesmo local, encontrei Pai Nash outra vez, o homem que orava com os olhos abertos (fez isso na reunião do presbitério em que recebi licença para pregar). Depois daquela reunião, contraiu uma inflamação nos olhos, sendo obrigado a permanecer várias semanas fechado num quarto escuro. Não podia ler nem escrever e, por isso, conforme fiquei sabendo, passou a dedicar-se quase inteiramente à oração. Fez, então, uma profunda reavaliação de sua experiência cristã e, tão logo voltou a enxergar, ainda que usando um pano negro sobre o rosto, colocou mãos à obra na conquista de almas para o Senhor. Quando chegou a Evans Mills, estava cheio de poder. Descobri que tinha "uma lista de oração", conforme a chamava, com o nome daqueles por quem orava todos os dias, diversas vezes ao dia. Ao orar com ele e ouvindo-o orar num culto, descobri que seu dom para a oração era maravilhoso, e sua fé, quase milagrosa.

Havia um homem chamado Dresser, dono de uma taberna que ficava em uma esquina, onde se reuniam todos os que se opunham ao avivamento.

O salão do bar era um lugar de blasfêmias e ele próprio era um homem ímpio e grosseiro. Andava pelas ruas insultando o avivamento e xingando qualquer crente que encontrasse. Um jovem que se havia convertido morava quase defronte à taberna e disse-me que pretendia vender a casa e sair dali, porque todas as vezes que saía de casa e era visto por Dresser, este também saía para ofendê-lo moralmente. Acho que Dresser nunca havia participado de nossos cultos. Logicamente, ignorava as grandes verdades espirituais e desprezava a obra cristã em sua totalidade.

Pai Nash ouviu que falávamos desse homem como "um caso difícil". Imediatamente, acrescentou o nome dele à sua lista de oração. Nash permaneceu ali um ou dois dias, viajando logo depois, pois tinha em vista outro campo de trabalho evangelístico. Poucos dias depois, quando estávamos realizando um culto vespertino, com a casa cheia, vimos entrar aquele homem de má fama, o sr. Dresser. Sua chegada provocou considerável alvoroço. O povo temia que ele estivesse ali para causar distúrbios. Acredito que o medo e a aversão por ele era generalizada entre os crentes. Quando ele entrou, alguns levantaram-se e saíram.

Eu conhecia sua fisionomia e mantive o olhar nele. Não demorei a ter certeza de que ele não viera perturbar, mas, percebi que sofria grande angústia. Contorcia-se na cadeira, muito inquieto. Logo ficou de pé. Tremendo dos pés à cabeça, pediu licença para dizer algumas palavras. Concedi-lhe a licença. Fez, então, uma das confissões mais comoventes que já ouvi, que parecia abranger todas as áreas — o modo de tratar as coisas de Deus e a maneira de agir contra os crentes, contra o avivamento e contra tudo que era bom.

Sua confissão arou a terra ociosa de muitos corações. Dificilmente encontraríamos meio mais eficaz, na ocasião, para impulsionar a obra do evangelho. Dresser não demorou a professar publicamente sua esperança em Cristo. Aboliu as farras e profanidades de seu estabelecimento. E, a partir daquele dia, enquanto estive ali e depois de minha saída, por muito mais tempo do que tenho conhecimento, quase todas as noites eram realizadas reuniões de oração na taberna.

CAPÍTULO VI

MAIS SOBRE O AVIVAMENTO E SEUS RESULTADOS

Perto de Evans Mills, existia uma colônia alemã. Ali se instalara uma igreja formada desses imigrantes com um número considerável de membros e vários presbíteros, mas, nenhum ministro. Os cultos não eram realizados com regularidade. Uma vez por ano, a igreja costumava trazer um ministro holandês do vale do Mohawk, a fim de administrar as ordenanças — o batismo e a ceia do Senhor. Ensinavam ali o catecismo às crianças que freqüentavam os cultos e recebiam na igreja as que alcançavam o nível de conhecimentos exigido por eles. Assim, as crianças iam-se tornando cristãs. Para que fossem admitidas à comunhão da igreja, precisavam decorar o catecismo e responder a certas perguntas doutrinárias. Depois de participarem da ceia, passavam a ser consideradas cristãs. Assim havia sido organizada aquela igreja e assim ela procedia.

Quando tomaram conhecimento do que se passava na aldeia, aqueles crentes pediram que eu fosse pregar em sua igreja. Consenti em fazer-lhes a visita. Para o primeiro sermão, escolhi este texto: "Sem santidade ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14). A colônia compareceu em peso e a escola onde eram realizados os cultos estava superlotada. Comecei mostrando o que a santidade *não era*. Sob esse título, classifiquei tudo quanto eles consideravam religião, mostrando-lhes que aquilo de modo algum era santidade. A congregação entendia bem o inglês. Mostrei-lhes, também, o que era realmente santidade e em seguida expliquei o real sentido de "ver o Senhor", acrescentando que quem não buscasse a santidade jamais veria ao Senhor — não poderiam ser admitidos à sua presença nem ser aceitos por ele. Concluí com algumas aplicações bem diretas à vida daquelas pessoas.

E, realmente, mediante o poder do Espírito Santo, a mensagem alcançou aqueles corações. A espada do Senhor passava por eles, cortando-os para a direita e para a esquerda. Dentro de poucos dias notava-se que o povoado inteiro havia passado a ter consciência de seu estado espiritual — os presbíteros e todos os membros da igreja mostravam-se profundamente abatidos e sentiam que não haviam ainda alcançado a santidade.

A pedido deles, marcamos uma reunião para discutir o assunto com mais profundidade, tirar dúvidas e instruir os interessados. Realizamos o encontro à uma da tarde e vi que a escola estava literalmente lotada. Estávamos no período da colheita e o povo, deixando as ferramentas de lado, compareceu à reunião. Estavam ali tantas pessoas quantas cabiam no edifício. Não era possível circular entre tanta gente. Posicionei-me, então, no centro daquele grande grupo e encorajei-os a fazer perguntas. Interessados no assunto, sentiam muita liberdade para perguntar e também para responder às perguntas que eu lhes fazia. Poucas vezes participei de um encontro mais interessante e proveitoso que aquele. Lembro-me de certa mulher que chegou atrasada e sentou-se perto da porta. Dirigindo-me a ela, disse-lhe:

— Você parece estar doente.

— Sim, estou muito doente — ela respondeu. — E, como não sei ler e tinha muita vontade de ouvir a Palavra de Deus, saí da cama e vim para cá.

— Como chegou até aqui? — perguntei-lhe. A mulher respondeu:

— Vim a pé. Continuei a perguntar:

— Qual a distância que precisou andar? Ela respondeu:

— Quase cinco quilômetros.

A caminhada fora demais para ela. Buscando mais informações, descobri que ela sentia convicção de pecado e tinha plena consciência do próprio caráter e de sua condição diante de Deus. Converteu-se pouco depois e passou a ser uma cristã notável. Minha mulher informou-me mais tarde que ela estava realizando um extraordinário trabalho de oração e que, quando orava, repetia mais trechos das Escrituras que qualquer outra pessoa.

Dirigindo-me a outra mulher, alta e elegante, perguntei-lhe qual era o estado de sua alma. Ela respondeu que entregara seu coração a Deus e acrescentou que o Senhor a ensinara a ler depois de ela ter aprendido a orar. Perguntei-lhe o que queria dizer com aquilo. Explicou-me que nunca soubera ler, que não aprendera nem mesmo o alfabeto. No entanto, quando entregou seu coração a Deus, sentia-se muito aflita por não poder ler a Palavra de Deus. "Mas, eu achava que Jesus podia ensinar-me a ler", disse ela, "e pedi a ele que me ensinasse a ler a Palavra. Depois dessa oração, fiquei com a impressão de que conseguiria ler. Meus filhos tinham um Novo Testamento. Fui buscá-lo e parecia que eu estava conseguindo ler aquilo que os ouvira ler. Procurei uma professora da escola primária e perguntei-lhe se eu *realmente* estava lendo e ela confirmou. Desde esse dia que consigo ler a Palavra de Deus por conta própria".

Não falei mais nada, achando que havia algum mal-entendido naquilo, embora a mulher me parecesse bastante inteligente e sincera. Procurei informar-me a respeito dela com suas vizinhas. Disseram que era de excelente caráter e todas confirmaram o fato de ela só ter passado a ler depois da conversão. Deixo que o caso fale por si mesmo. Não haveria proveito em levantar teorias sobre ele. Penso que os fatos são indubitáveis.

Com certeza, aquele avivamento resultou na conversão de toda a igreja e de quase todos na comunidade. Foi um dos avivamentos mais notáveis que já testemunhei. Enquanto eu ministrava naquele local, o presbitério foi convocado e procedeu à minha ordenação. As duas igrejas foram tão fortalecidas e o número de membros tão aumentado que logo foi comprovado seu progresso: cada uma construiu um espaçoso templo

de pedra e acredito que a situação espiritual de cada uma tenha continuado saudável a partir de então. Há muitos anos não retorno àquela colônia.

Narrei, apenas, alguns dos fatos principais de que me lembro em relação àquele avivamento. Teria, porém, muito mais a dizer a respeito dele. Um espírito maravilhoso de oração e muita unidade de pensamento passaram a prevalecer entre aqueles cristãos. Quanto ao pequeno grupo congregacional, tão logo viram os resultados da pregação da segunda noite, recuperaram-se dos efeitos da primeira. Haviam ficado desanimados e confusos na noite anterior, mas, juntaram os esforços e passaram a dedicar-se à obra tão firmemente quanto podiam. E, embora fossem um grupo fraco e ineficiente, com algumas exceções, não deixaram de crescer na graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo durante aquele avivamento.

A mulher doente que viera à reunião era alemã. Ela afiliou-se à igreja congregacional. Eu mesmo estava ali para recebê-la como membro. Lembro-me de que, no momento em que ela narrava sua experiência, ocorreu um incidente marcante. Havia naquela igreja uma anciã muito piedosa — uma "mãe em Israel". Chamava-se Schofield. Estávamos sentados havia longo tempo, ouvindo, um após o outro, os candidatos à afiliação narrarem sua experiência. Então a mulher alemã levantou-se e contou sua experiência. Foi um dos testemunhos mais comoventes, interessantes e singelos que já escutei.

Enquanto ela falava, observei que a sra. Schofield saía de seu lugar e, mesmo com a casa superlotada, foi abrindo caminho da melhor maneira que podia. Supus que anciã se dirigia à saída. Atento ao relato da outra mulher, não percebi que a sra. Schofield caminhava em direção a ela. Tão logo chegou perto da senhora que contava sua experiência, lançou os braços ao redor do pescoço dela, irrompeu em lágrimas e disse: "Deus a abençoe, minha querida irmã! Deus a abençoe!" A mulher correspondeu ao abraço com sinceridade e pudemos assistir a uma cena tão espontânea, natural e transbordante de amor que a congregação se desfez em lágrimas. Todos começaram a chorar abraçados uns aos outros. Foi uma cena comovente demais para ser descrita em palavras.

O pastor batista e eu tínhamos raros contatos, embora às vezes estivéssemos no mesmo culto. Dividíamos o tempo no púlpito. Assim, no dia em que eu pregava ele estava ausente e vice-versa. Por isso, pouco nos encontrávamos na escola. Ele era um homem bom e esforçava-se ao máximo para promover o avivamento.

As doutrinas pregadas eram as que sempre apresentei como sendo as do evangelho de Cristo. Eu insistia em defender meu ponto de vista sobre a depravação moral, total e voluntária dos que não se haviam regenerado e a necessidade inalterável de uma mudança radical no coração, operada pelo Espírito Santo e por meio da verdade. Ressaltava a oração como condição indispensável para o avivamento. Procurava esclarecer, do modo mais completo possível, as doutrinas pertinentes à expiação por Jesus Cristo, sua divindade, sua missão divina, sua morte vicária, sua ressurreição e o arrependimento, a fé, a justificação pela fé e todos os temas a elas relacionados. Procurava aplicá-las com insistência, buscando, pelo poder do Espírito Santo, torná-las eficazes na vida dos crentes.

Os meios utilizados eram simplesmente a pregação, a oração e as conferências, além de muita oração em particular, muita conversa pessoal e reuniões para a instrução dos que estivessem realmente interessados. Esses meios e nenhum outro, eram usados para realizar a obra. Não havia fanatismo, ressentimentos nem divisões. Não houve ali, nem na época nem durante o tempo de que tenho conhecimento, nenhum resultado daquele avivamento que pudéssemos lamentar ou de validade questionável.

Já descrevi alguns casos de intensa oposição ao avivamento. Descobri, certa vez, que numa parte do condado que na linguagem do Oeste podia ser chamada "distrito queimado", um grupo de pessoas estava planejando protestar contra aquela obra. Poucos anos antes, a região passara por uma comoção geral. O movimento definia-se como avivamento espiritual, mas, logo ficou comprovado que não era genuíno. Segundo entendi, a pregação era feita por irmãos metodistas. Nada posso comentar sobre o fato a não ser o que fiquei sabendo pelos próprios crentes e por outras pessoas do lugar.

As notícias davam ciência de que houvera um grande abalo emocional, resultando numa reação tão extensa e profunda que deixou em muitas mentes a impressão de que a religião era uma fraude. Muitos pareciam convencidos disso. Entendendo que haviam experimentado apenas uma amostra de avivamento, sentiam-se no direito de fazer oposição ao avivamento pleno. Descobri que aquele falso avivamento espalhara entre os crentes alguns hábitos reprováveis que mais ridicularizavam o evangelho que trazer convicção das verdades espirituais.

Por exemplo, em suas reuniões de oração, prevalecia a idéia de que era dever de cada um dar testemunho de Cristo. Todos tinham de "tomar a cruz" e dizer alguma coisa. Então, alguém se levantava e dizia: "Tenho um

dever para cumprir e ninguém pode cumpri-lo por mim. Levanto-me para testificar que a religião é boa, embora deva confessar que não sinta isso. Nada tenho a dizer em especial, a não ser dar este testemunho. Orem por mim". Quando a pessoa se sentava, outro se levantava e dizia algo parecido: "A religião é boa, mas não tenho prazer nela. Nada mais tenho a dizer, mas, preciso cumprir minha obrigação. Orem por mim".

Assim se passava o tempo todo da reunião, sem que ninguém dissesse alguma coisa mais interessante. Naturalmente, os descrentes achavam ridícula essa prática — e realmente era. Mais que isso, era repugnante. No entanto, o costume fixara-se de tal maneira na mente do povo que todas as reuniões de oração e conferências eram realizadas nesses moldes. Todos achavam que tinham o dever de "dar testemunho".

A situação chegou a tal ponto que senti-me obrigado a cancelar aquelas reuniões, a fim de evitar os "testemunhos". Passei a reuni-los apenas quando havia pregação. Depois que todos estavam reunidos, eu iniciava o culto cantando e eu mesmo orava. Em seguida, lia um texto bíblico e o explicava. Quando percebia algum efeito da mensagem sobre eles, eu parava e pedia que uma ou duas pessoas orassem pedindo ao Senhor que fixasse a mensagem na mente do povo. E continuava o sermão, até que outra pausa e outra oração fossem necessárias. Assim, transcorria o culto inteiro sem que fosse dada oportunidade para os tais testemunhos. Os crentes então voltavam para casa sem sentir o fardo de imaginar que não haviam cumprido o dever de dar testemunho público de Cristo.

Nem todas as reuniões eram chamadas "reuniões de oração". Eram dedicadas à pregação, por isso, ninguém esperava que fosse franqueada a palavra a quem quisesse falar. Dessa maneira, foi interrompida aquela prática que produzira tantos comentários maldosos e zombarias por parte dos descrentes. Depois de o avivamento propagar-se naquela localidade, tendo ocorrido os fatos que acabo de citar, a oposição contra a igreja, segundo me parece, cessou por completo naquela comunidade. Passei mais de seis meses trabalhando em Evans Mills e em Antwerp, dividindo meu tempo entre as duas localidades. No final desse período, nada mais se ouvia falar sobre a oposição que se fazia aos crentes.

Já comentei a respeito das doutrinas pregadas ali. Devo acrescentar que fui obrigado a tomar muito cuidado ao oferecer instrução aos interessados. O costume ali desenvolvido — que acredito ser generalizado — era induzir os pecadores ansiosos a orar por um novo coração, empregando meios próprios para chegar à conversão. De acordo com essa orientação, quem quisesse ser cristão tinha de esforçar-se muito para convencer o Senhor a convertê-lo.

Eu procurava convencê-los de que os meios não eram humanos, eram meios divinos usados por eles e que Deus estava disposto a agir mesmo quando se mostravam relutantes. Resumindo: eu procurava convencê-los e apresentar a fé e o arrependimento como algo que Deus exigia deles — a efetiva e imediata aceitação de Cristo e a submissão à sua vontade. Procurava mostrar-lhes que adiar essa decisão não passava de uma tentativa de fugir ao dever, que orar por um novo coração era querer lançar a responsabilidade sobre Deus e que qualquer esforço empreendido no sentido de cumprir o dever cristão sem entregar o coração a Deus era inútil, além de ser hipocrisia.

Durante os seis meses em que me dediquei ao trabalho naquela região, ia a cavalo de cidade em cidade, de povoado em povoado e pregava o evangelho conforme surgisse oportunidade. Quando saí de Adams, minha saúde estava bastante abalada. Tossia sangue e, na ocasião em que fui licenciado, meus amigos estavam convencidos de que eu teria pouco tempo de vida. O irmão Gale aconselhou-me a não falar em público mais que uma vez por semana, mesmo assim tomando cuidado para não falar mais que meia hora. Porém, contrariando todas as recomendações, eu fazia visitas de casa em casa, freqüentava as reuniões de oração e pregava, trabalhando todos os dias e quase todas as noites, durante o semestre inteiro.

Antes de se completarem os seis meses, minha saúde foi inteiramente restabelecida. Meus pulmões estavam sadios, eu já não tossia sangue e conseguia pregar duas horas ou duas horas e meia por vez, sem sentir a mínima fadiga.

Acho que meus sermões duravam, em média, duas horas. Eu pregava ao ar livre, nos celeiros e nas escolas. Então, um glorioso avivamento propagou-se por toda aquela região.

Especialmente na fase inicial de meu ministério, eu era alvo de muitas criticas por parte dos ministros, sobretudo no tocante à minha maneira de pregar. Já mencionei que, quando preguei a convite do sr. Gale, imediatamente após receber licença para exercer o ministério, ele disse-me que se sentiria envergonhado se alguém soubesse que eu havia sido aluno dele. A verdade é que a formação daqueles ministros fora totalmente diferente da minha, por isso, desaprovavam minha maneira de pregar.

Muitas vezes repreendiam-me por eu ter o hábito de ilustrar meus sermões com referências às atividades comuns das pessoas de minha convivência, que trabalhavam em diversas áreas profissionais. Minhas ilustrações eram retiradas do trabalho dos agricultores, mecânicos e pessoas de outras classes sociais. Esforçava-me, também, para empregar um vocabulário que pudesse ser compreendido por qualquer pessoa. Dirigia-me a elas na linguagem do povo. Procurava expressar minhas idéias com o mínimo de palavras possível, utilizando sempre as mais comuns. Procurava, muito diligentemente, evitar o emprego de termos que não pudessem ser compreendidos por aqueles de menor instrução sem o auxílio de dicionário.

Antes de minha conversão, minha tendência, ao falar ou escrever, era usar linguagem rebuscada. Mas, quando passei a pregar o evangelho, meu desejo era que minhas mensagens fossem entendidas, esforçando-me, de um lado, para evitar linguagem grosseira e, de outro, para usar de simplicidade e assim expressar meus pensamentos com a maior clareza possível. Isso não ia de encontro à opinião difundida na época — e ainda hoje — entre a maioria dos ministros.

No tocante às ilustrações usadas por mim, perguntavam: "Por que você não ilustra seus sermões com eventos da história antiga, ou expõe suas idéias de maneira mais elegante?" Eu respondia com naturalidade, argumentando que, se as ilustrações usadas num sermão apresentassem algo de novo e marcante, elas passariam a despertar mais a atenção dos ouvintes que a verdade que eu desejava ilustrar. Expliquei-lhes que meu desejo era ilustrar as verdades por meio de figuras tão familiares aos ouvintes que não *ocupassem* a mente deles, mas fossem apenas meios de destacar a verdade. Quanto a julgarem minha linguagem simples, eu defendia-me dizendo que meu objetivo era cultivar uma retórica que não se elevasse acima da cabeça dos ouvintes, que tornasse a mensagem totalmente compreensível por meio de uma linguagem simples, porém, sem descer ao nível da vulgaridade.

Próximo à minha saída de Evans Mills, o presbitério foi convocado. A pedido de alguns irmãos, interrompi o trabalho que vinha realizando e compareci na reunião. Os irmãos que ainda não me tinham ouvido pregar pelo menos estavam informados de meu estilo de pregação. O presbitério reuniu-se pela manhã e procedeu aos trabalhos habituais. Após o almoço, enquanto nos reuníamos para a sessão da tarde, o povo encheu a casa. Eu não fazia a mais remota idéia do que os irmãos do presbitério tinham em mente. Sentei-me no meio do povo e esperei o início da reunião.

Tão logo a congregação se reuniu, um dos irmãos colocou-se de pé e observou: "Com certeza, estamos reunidos aqui para ouvir uma pregação. Proponho então que o sermão seja pregado pelo sr. Finney". A proposta foi aprovada por unanimidade. Percebi, de imediato, que a intenção do presbitério era pôr-me à prova, para ver se eu era capaz de pregar de improviso, sem nenhum preparo prévio, conforme haviam sido informados. Não apresentei nenhum pedido de desculpa nem fiz objeção alguma àquela proposta. Meu coração *transbordava* de vontade de pregar. Na realidade, eu *queria* pregar.

Coloquei-me de pé e comecei a caminhar entre os bancos. Ao levantar os olhos procurando o púlpito, vi que ficava num lugar alto e que era pequeno e encaixado na parede. Assim, permaneci no corredor, e fiz a leitura do texto em que basearia o sermão: "Sem santidade ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14). Enquanto eu ia e vinha pelo amplo corredor, senti que o Senhor me inspirava a mensagem e que a congregação se mostrava interessada e muito comovida. Depois da reunião, um dos irmãos procurou-me, dizendo: "Irmão Finney, se passar pela nossa região, quero que pregue em alguns de nossos distritos escolares. Não desejo que pregue em nossa igreja. Temos instalações apropriadas em lugares mais distantes da aldeia e gostaria que pregasse em alguns deles".

Menciono esse fato para mostrar os conceitos que aqueles irmãos mantinham a respeito de meu estilo de pregação. Ignoravam totalmente os resultados alcançados com meus métodos! Queixavam-se de que eu rebaixava a dignidade do púlpito; que era uma vergonha para o ministério pastoral; que me expressava como um advogado no tribunal; que conversava com o povo de modo coloquial; que me dirigia diretamente aos ouvintes, em vez de usar a terceira pessoa como era o costume de quem pregava sobre pecado e pecadores; que eu dava muita ênfase à palavra "inferno", deixando a congregação chocada. Além disso, diziam que eu exortava os ouvintes com exagerada veemência, como se a vida deles estivesse para acabar. Queixavam-se, também, de que eu atribuía muita *culpa* aos que me ouviam. Certo estudioso da Bíblia revelou-me que sua tendência era *chorar* pelos pecadores, em vez de *culpá-los.* Respondi-lhe que não me admirava disso, pois ele acreditava que os pecadores tinham uma natureza pecaminosa, que pecado estava vinculado a eles e que eles não podiam evitar o pecado. Depois de eu haver pregado em muitas ocasiões e de o Senhor ter derramado sua bênção em muitos lugares, sempre que encontrava entre os ministros resistência à minha

maneira de pregar e sentia que desejavam que eu adotasse as idéias deles e pregasse como eles, eu confessava não estar disposto a mudar. Declarei-lhes: "Mostrem-me um caminho mais excelente. Mostrem-me os *frutos* do ministério de vocês. Se forem mais significativos que os alcançados por mim, a ponto de provar-me que vocês descobriram um caminho mais excelente que o meu, adotarei os conceitos defendidos por vocês. Mas, como esperam que eu abandone meus métodos e adote os vossos, se vocês mesmos não podem negar que, a despeito dos erros que eu tenha cometido, das imperfeições de estilo de minha pregação e de todos os outros defeitos, os *resultados* alcançados por mim são incomparavelmente maiores que os vossos?"

Eu sempre lhes dizia: "Quero melhorar o quanto for possível. Mas não poderei adotar vossos métodos sem provas definitivas de que vocês estão com a razão e que eu estou errado". Eles, no entanto, continuavam a insistir comigo e teriam-me levado ao desespero se eu não estivesse plenamente convicto de que eles é que haviam sido estragados pelo treinamento que receberam. Eles queixavam-se, também, de que eu usava de muitas *repetições* em meus sermões, pois escolhia um pensamento, repetia-o, revirava-o e ilustrava-o de várias maneiras. Assegurava-lhes que achava necessário fazer isso a fim de ser compreendido e que nenhum argumento deles me faria abrir mão dessa prática.

Diante disso, protestavam: "Você não conseguirá despertar o interesse dos irmãos *mais instruídos*". Quanto a isso, porém, os fatos não demoraram a fazer com que silenciassem. Descobriram que, por meio de minhas pregações, juízes, advogados e outros homens cultos eram levados às dezenas à conversão, ao passo que, com os métodos empregados por eles, isso raramente ocorria.

CAPÍTULO VII

MAIS OBSERVAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO MINISTERIAL

Espero que não seja atribuído ao que vou declarar agora outro motivo senão uma benevolente consideração que visa ao máximo proveito dos irmãos. Sempre aceitei bem as críticas que me faziam, acreditando que eram com boas intenções. Agora, que já sou já idoso, os resultados de meus métodos são conhecidos de todos. Por isso, seria impróprio eu falar livremente aos ministros sobre o assunto?

Respondendo às objeções que me são feitas, às vezes repito o que um juiz da Suprema Corte observou: "Os pastores não demonstram bom senso ao dirigirem-se aos ouvintes. Receiam a repetição. Suas ilustrações não são retiradas do cotidiano. Seus sermões são demasiadamente rebuscados e lidos sem repetição, o que faz com que o povo não os entenda. Se os advogados adotassem os mesmos métodos, arruinariam a causa e a própria carreira. Quando eu advogava, sabia que tinha de repetir as idéias principais de minhas teses quase tantas vezes quanto o número de jurados que tinha diante de mim. Aprendi que, a não ser que procedesse assim — ilustrando, repetindo e revirando as questões principais, em conformidade com as leis e com as evidências — perderia a causa que estava defendendo. Nosso objetivo, quando nos dirigimos a um júri, é *levá-lo a chegar a uma decisão antes de ele sair para deliberar*. Não é fazer um discurso em linguagem que os jurados só possam entender parcialmente; não é apresentar ilustrações acima da compreensão deles; não é mera retórica. *Nosso propósito é receber um veredicto. Era essencial que nos entendessem.* Precisamos *convencer* os jurados e, sem preconceitos, vencer esses preconceitos; se tiverem dúvidas quanto à lei, fazer com que a entendam. Resumindo: diante do júri, os advogados esperam receber um veredicto — *naquele momento*. Esperam que, quando os jurados se retirarem para a sala fechada a fim de chegarem a um consenso, notem ter compreendido e estar convencidos pelos fatos e argumentos apresentados. Esperam que *todos* tenham sido convencidos. Se os advogados não insistirem em cada ponto de sua argumentação até convencer os jurados, certamente perderão a causa. Devem vencer os preconceitos; devem vencer a ignorância; devem vencer até mesmo o *interesse próprio* — caso o tenham — contra o interesse do cliente".

Ele disse também: "Se os pastores agissem assim, os resultados de sua pregação seriam indizivelmente diferentes daqueles que obtêm agora. A maioria deles entra no gabinete, escreve um sermão, sobe ao púlpito e lê o sermão que escreveu. Mas, os ouvintes não o entendem muito bem. Geralmente, o pastor emprega em seu sermão palavras que o público só irá entender depois que chegar a casa e consultar o dicionário. Não é intenção desses pastores convencer os ouvintes a decidirem-se por Cristo. Eles não têm esse objetivo. A

contrário, parece que o propósito é apresentar magníficas peças de oratória e demonstrar grande eloqüência com linguagem pomposa".

É claro que, passado tanto tempo, não estou reproduzindo com exatidão as declarações do juiz, porém meu intuito é apresentar em essência suas observações a mim dirigidas. Já relatei as palavras dele a muitos pastores.

Não guardo o mínimo ressentimento contra meus irmãos pela severidade com que me tratavam. Eu sabia que eles eram zelosos e visavam o meu bem, acreditando realmente que eu faria melhor se adotasse os métodos que defendiam. Meu modo de pensar, no entanto, era diferente.

Poderia mencionar muitos fatos que ilustram as opiniões mantidas pelos pastores e o modo como me desprezavam e maltratavam. Quando eu pregava na Filadélfia, por exemplo, o dr. Nathaniel Hewitt, o célebre agente do movimento da temperança em Connecticut, ouviu-me pregar. Sentiu-se ofendido com meu estilo de pregação, que parecia rebaixar a dignidade do púlpito. Ele conversou com o irmão Patterson, na época meu colega na obra de evangelização. O dr. Hewitt insistia em dizer que eu não deveria ter recebido autorização para pregar sem haver-me submetido a uma formação *ministerial.* Dizia que eu devia parar de pregar e ir para Princeton aprender teologia e receber melhor orientação quanto aos métodos de pregação do evangelho. No entanto, conforme contou o irmão Patterson, o dr. Hewitt não recebeu muito apoio de sua parte, já que, tendo comparado os resultados das pregações feitas por outros pastores com os frutos obtidos por meus sermões, Patterson passou a criticar a formação e os pontos de vista defendidos pelos outros pastores.

Não quero dar a impressão de que considero perfeitos os métodos que eu utilizava e os pontos de vista que defendia. Tinha consciência de que era, na época, apenas uma criança na arte de pregar. Não tivera o privilégio de cursar uma faculdade de teologia. Tinha consciência de que me faltava um certo preparo que tornasse meu estilo aceitável, principalmente por parte dos pastores, tanto que tinha receio de pregar em lugares populosos e nunca tive a ambição de pregar em lugares onde o evangelho era ainda conhecido.

Realmente, em meus primeiros anos como pregador, muitas vezes me surpreendi ao descobrir que minhas pregações também eram consideradas edificantes pelas pessoas de maior preparo intelectual. Isso estava além de minhas expectativas — era muito mais do que meus irmãos imaginavam e mais do que eu mesmo esperava. Eu procurava melhorar em todos os aspectos nos quais percebia alguma deficiência. Quanto mais eu pregava, porém, menos motivos encontrava para pensar que os pastores tinham razão ao apontar erros em meus sermões.

Quanto mais experiência acumulava, quanto mais via os resultados do método que usava em minhas pregações, quanto mais conversava com pessoas das várias classes sociais — alta, baixa, culta e inculta — tanto mais me convencia de que Deus me havia orientado, ensinado e levado a elaborar conceitos corretos no tocante à melhor maneira de conquistar almas para Cristo. Digo que *Deus* me ensinava e sei que era assim, pois certamente nunca recebera essas noções da parte dos homens. Se eu disser, como Paulo, que o evangelho não me foi ensinado pelos homens, mas pelo próprio Espírito de Cristo, será a mais pura verdade. E o Espírito do Senhor apoiou-me de maneira tão clara e convincente que todos aqueles argumentos levantados por meus irmãos do ministério durante tanto tempo não tiveram a menor influência sobre mim.

Faço menção a esse fato sentindo ser isso uma questão de dever. Continuo igualmente impressionado, tendo a certeza de que algumas escolas teológicas foram, em grande parte, prejudicando a formação dos pastores. Nos dias de hoje os ministros têm grande facilidade em conseguir informações sobre todas as questões teológicas. Suponho que, em toda a história universal, eles sejam os mais instruídos no tocante ao conhecimento teológico, histórico e bíblico. Outros não tiveram as mesmas oportunidades de preparo. Apesar disso, com todo o seu nível de escolaridade, *não sabem aplicá-la.* Sob vários aspectos, parecem-se com Davi dentro da armadura de Saul.

Ninguém pode, em hipótese alguma, aprender a pregar a não ser *pregando.* Mas, acima de tudo, os pastores precisam *cultivar a simplicidade.* Sem isso, ainda que lutem por conquistar reputação e zelar por ela, seus esforços terão pouca utilidade. Há muitos anos, certo pastor, amigo meu, precisou viajar por motivo de saúde e deixou em seu lugar um jovem recém-formado no seminário, que ocuparia o púlpito da igreja enquanto estivesse ausente. O jovem escreveu e pregou um sermão tão esplêndido quanto podia. A esposa do pastor arriscou comentar:

— Seus sermões estão além da capacidade de nossa gente. O povo não compreende sua linguagem nem suas ilustrações. Você está usando erudição demais no púlpito.

Ele respondeu:

— Sou jovem. Estou cultivando um estilo. Meu propósito é preparar-me para ocupar um púlpito e me fazer cercar de uma congregação culta. Não posso descer até o nível dos membros da igreja de vocês. Preciso cultivar um estilo elevado.

A partir de então, fiquei acompanhando o ministério daquele jovem. Sei que ainda vive, mas nunca vi seu nome ligado a qualquer avivamento, em todos esses anos. Não creio que isso venha a acontecer, a não ser que aquele jovem pastor passe a dirigir-se à congregação tendo diante de si perspectiva e motivos inteiramente diferentes.

O fato é que, se cultivarem a simplicidade e tiverem por objetivo alcançar e salvar o povo, os ministros sentirão a necessidade de tornar suas mensagens inteligíveis. Não se satisfarão simplesmente com encantar a multidão com sua eloqüência e com sua esplêndida cultura. Em vez disso, descerão ao nível do povo, esforçando-se para entender a linguagem dos ouvintes e adequando seus discursos à realidade deles. Posso citar o nome de pastores — ainda vivos e idosos como eu — que sentiam vergonha de mim quando comecei a pregar porque, diziam, faltava-me postura e elegância no púlpito.

Declaravam que eu empregava linguagem de uso muito comum, que me dirigia aos ouvintes de modo muito direto, usando o pronome de tratamento "vocês"; que não me preocupava em fazer uso de floreios na linguagem; que não mantinha uma pose adequada no púlpito.

Essas críticas não eram todas feitas diretamente a mim: eu ouvia a maior parte delas da boca de terceiros. Quero deixar bem claro, no entanto, que estou certo de que aqueles ministros estavam quase todos — ou todos eles — sendo honestos consigo mesmos e que seu interesse principal era que eu realmente me tornasse um obreiro mais produtivo. E claro que acreditavam, com toda a sinceridade, que os pontos de vista e métodos que defendiam eram os mais corretos e que minhas opiniões e meu estilo eram equivocados. Não se tratava de implicância comigo, como homem ou como crente, era apenas sinal de que lastimavam minha falta de formação ministerial, o que, segundo eles, ia de encontro à dignidade do púlpito e do ministério.

Todos eles eram irmãos queridos e eu sentia-me muito bem entre eles. Não me lembro de uma única vez em que eu me tenha sentido ofendido ou zangado com o que diziam. Não me surpreendia com o que pensavam. Desde o início de meu ministério, tinha plena consciência de que enfrentaria oposição e que encontraria esse vasto abismo entre mim e outros pastores. Sabia que nossas opiniões divergiriam e que haveria muita discordância quanto aos métodos por nós adotados. Raramente sentia-me parte do grupo. Fui criado como advogado. Saíra diretamente de um gabinete de advocacia para o púlpito e falava à congregação exatamente como se estivesse diante de um júri. Isso era totalmente contrário ao que eles haviam aprendido. Meus pontos de vista e meus sentimentos eram opostos aos deles. Naturalmente, eu era para eles uma ovelha negra, um estrangeiro, um intrometido, um homem que entrara para o ministério sem ter passado por um curso regular de teologia.

Tomei conhecimento de que, em meus primeiros anos de ministério, era muito comum os pastores comentarem que, se eu obtivesse êxito no ministério, levaria as escolas teológicas ao descrédito. A idéia corrente era, se isso viesse a acontecer, os seminários desapareceriam porque o povo passaria a julgar que não valia a pena contribuir para o sustento das escolas teológicas, já que um homem podia ser aceito como pregador e ser bem-sucedido no ministério sem ter formação teológica. Mas, nunca imaginei que pudesse lançar para a sombra qualquer seminário, embora sustente até hoje a opinião de que as escolas teológicas estejam equivocadas quanto a certos métodos utilizados na formação dos alunos.

Os alunos não são encorajados a falar de improviso ao povo que vive ao redor da escola. Ninguém pode aprender a pregar sem colocar em prática o que está estudando. Os seminaristas devem ser encorajados a exercer, comprovar e *desenvolver seus* dons e o chamado que receberam da parte de Deus, saindo para locais que estejam ao seu alcance e, ali, enaltecer a Cristo por meio de preleções sinceras. É assim que devem aprender a *pregar*. No entanto, em vez disso, são obrigados a escrever o que chamam sermões e submetê-los à crítica. São obrigados a pregar, ou seja, a ler os sermões diante dos colegas e do professor. Assim, *brincam* de pregar.

E a quem devem pregar? Não a colegas e professores numa sala de aula, mas, a uma congregação de santos e pecadores — de salvos e de perdidos. Ninguém pode pregar de outra maneira. Sob a influência da crítica que recebem, esses pseudo-sermões irão, naturalmente, degenerar em ensaios literários. Por isso, não conquistam o respeito do povo. A leitura de elegantes ensaios literários não é a *pregação* que o povo precisa ouvir. É simples leitura — gratificante para o gosto literário, mas não edificante no tocante ao espírito. Não

satisfaz as necessidades da alma nem tem o propósito de conquistar almas para Cristo. Os estudantes de teologia são ensinados a cultivar um estilo refinado de escrita. Mas, desprezam ou não têm o interesse despertado para a eloqüência, para a retórica fluente, impressionante, persuasiva, que brotaria naturalmente do homem culto cuja alma estivesse inflamada pela sua pregação e que fosse capaz de derramar o coração, falando de improviso a uma platéia cheia de expectativa e de sinceridade.

A mente reflexiva perceberá que é impróprio exibir erudição no púlpito diante de almas imortais suspensas à beira do precipício da morte eterna. Sabe-se que essa não é a atitude a ser tomada diante de qualquer assunto realmente sério. Quando uma cidade está em chamas, o capitão do corpo de bombeiros não se põe a ler um ensaio diante do batalhão nem escolhe belas palavras quando grita as ordens aos seus comandados. É questão de urgência e ele deseja que cada palavra sua seja entendida. Orienta os soldados com total seriedade e, sem dúvida, nenhum deles duvida de que uma análise da retórica do comandante é inteiramente despropositada nessas horas. A situação é importante e urgente demais para pensar-se em retoques na linguagem ou em pomposos termos de oratória.

É isso que acontece toda vez que se age com sinceridade diante de alguma situação. A linguagem empregada é direta, singela e inteligível. As frases são curtas, coerentes, poderosas. Os ouvintes são conclamados diretamente à *ação* e, por causa disso, os discursos surtem o efeito desejado. É por esse motivo que os pregadores metodistas, sem grande cultura e, antes deles, os zelosos pregadores batistas produziram maior efeito que nossos teólogos mais eruditos e nossos mais brilhantes mestres em teologia. E assim continuam a fazer. Esforços mais singelos empreendidos por um exortador comum convencem com mais facilidade que esplêndidas exibições de retórica. Sermões *grandiosos* levam a congregação a louvar o *pregador.* A pregação *genuína* leva o povo a louvar o *Salvador.*

Nossas escolas teológicas teriam mais valor se desenvolvessem mais os aspectos *práticos.* Ouvi um professor de teologia *ler* um sermão sobre a importância da pregação improvisada. Suas *opiniões* sobre o assunto eram corretas, mas, sua *prática* as contradizia totalmente. Parecia ter estudado o assunto e chegado a conclusões práticas da máxima importância. No entanto, nunca tomei conhecimento de que algum de seus alunos as tenham colocado em prática. E, certamente, ele mesmo não as pratica. Hoje, ele declara que, se pudesse recomeçar a vida como pregador, faria tudo de acordo com as opiniões que mantém atualmente. Lamenta a formação errada que lhe deram, motivo de sua prática errônea também. Em nossa escola, os alunos são levados — não por mim, apresso-me a dizer — a pensar que devem escrever seus sermões. E bem poucos deles, a despeito de tudo que lhes tenho dito, ousam aventurar-se a pregar sem terem o sermão escrito. Costumam dizer-lhes: "Não tentem imitar o sr. Finney. Vocês não poderão ser o sr. Finney".

Os pastores não gostam de ficar no meio da congregação *conversando* com o povo, não apreciam essa proximidade. Insistem em *pregar* e, sentindo que são obrigados a fazê-lo de acordo com os conceitos que aprenderam, acham necessário escrever o sermão. Portanto, nunca preguei de acordo com essas regras. A verdade é que, freqüentemente, me dizem: "Afinal de contas, você *não prega.* Você *conversa* com a congregação".

Certa vez, em Londres, um homem voltou para casa sentindo forte convicção espiritual depois de participar de um culto em nossa igreja. Até então sempre fora cético e a mulher, vendo-o muito agitado, perguntou-lhe:

— Você foi ouvir Finney pregar? Ele respondeu:

— Finney não prega, *apenas explica o que outras pessoas pregam.*

É isto, basicamente, o que tenho ouvido repetidas vezes: "Ora, qualquer um pode pregar como você prega. Você apenas *conversa* com a congregação, tão à vontade como se estivesse sentado em sua sala de visitas". Outros têm dito: "Realmente, o que o sr. Finney faz não parece *pregação.* Dá a impressão de que fala com cada um pessoalmente".

Os pastores evitam, ao pregar, dar a impressão de que estão-se dirigindo diretamente aos *ouvintes.* Pregam *a respeito* de outras pessoas e dos pecados de outras pessoas, em vez de se dirigirem diretamente ao público e declarar: *"Vocês* são culpados desses pecados" e: "O Senhor requererá isso de *vocês".* Preferem falar *a respeito* do evangelho, em vez de pregar o próprio evangelho. Escolhem pregar *a respeito* dos pecadores, em vez de falar diretamente a eles. Evitam ao máximo as aplicações *pessoais,* para não parecer que a pregação refere alguém na platéia. Eu, porém, estive sempre consciente de que meu dever era seguir um caminho diferente — e o seguia *mesmo.*

Em minhas pregações, minha intenção foi sempre fazer com que cada pessoa que me ouvia sentisse que eu me estava referindo a ela, pessoalmente. Várias vezes adverti: "Não pense o ouvinte que estou falando *a respeito de* outras pessoas: eu me refiro a *você,* a *você* e a *você.* E várias vezes fui advertido de que o povo não suportaria linguagem tão direta, que todos se levantariam, sairiam e nunca mais voltariam para ouvir-me pregar. Nada mais equivocado. Tudo depende do *espírito* com que se fala. Se a congregação perceber que tudo é dito no espírito de amor, com o desejo ardente de fazer o bem; se ninguém puder dizer que não há ressentimento pessoal envolvido; se perceberem que, em vez disso, aquilo trata-se de revelação da verdade em amor; se sentirem que as palavras ouvidas têm o objetivo de salvá-las individualmente — poucos se ressentirão da mensagem que lhes é transmitida. Se sentirem que estão sendo repreendidos, logo serão convencidos de que precisavam dessa repreensão. Em *última* análise, saberão que a pregação é para seu bem.

Quando vejo que alguns se sentem ofendidos, costumo dizer: *"Agora* vocês se ressentem disso e irão embora, afirmando que não voltarão mais. Mas, tenho a certeza de que *voltarão. A* convicção que sentem fala a meu favor. Vocês sabem que vos digo a verdade e que a estou colocando diante de vocês para vosso próprio bem. Portanto, não ficarão ressentidos por muito tempo". E eu sempre descobria que isso era verdade. Pouquíssimas vezes alguém deixou de vir aos cultos por haver-se sentido ofendido com a franqueza de minhas palavras.

Sei, por experiência, que mesmo levando em conta o valor da popularidade, a honestidade é sempre a melhor opção para o pastor. Ou seja, se ele pretende manter a confiança, o respeito e o afeto da congregação, precisa ser fiel às almas que assiste. Precisa deixar que os membros da igreja percebam que ele não está interessado em bajular ninguém para conseguir popularidade, mas que, em vez disso, tenta salvar-lhes a alma. As pessoas não são tolas. Não sentem respeito por quem sobe ao púlpito apenas para dizer palavras agradáveis. No íntimo da alma, elas desprezam-nos. Que ninguém imagine que conquistará o respeito permanente do povo sem cuidar da alma deles, como embaixador de Cristo.

0 grande argumento apresentado pelos que se opunham ao meu estilo de pregação era que, sem escrever os sermões, eu estaria oferecendo menos instrução ao povo. Eles costumavam dizer que eu não estudava e que, por isso, embora eu pudesse ser bem-sucedido como evangelista, trabalhando poucas semanas ou alguns meses num mesmo local, meu exemplo não se aplicava ao *pastor,* que teria de pregar ao estilo deles.

Tenho, no entanto, excelentes razões para acreditar que os pregadores que escrevem seus sermões não oferecem à congregação tanta instrução quanto imaginam. Em muitas ocasiões, ouvi pessoas queixarem-se: "Não consigo levar para casa coisa alguma do que ouvi do púlpito". Também me disseram imensas de vezes: "Sempre nos lembramos daquilo que ouvimos o irmão pregar. Lembramo-nos do texto bíblico e da análise que fez dele, mas não conseguimos lembrar-nos do conteúdo dos sermões lidos no púlpito".

Sou pastor desde 1832 — há quarenta anos, portanto. Contudo, nunca ouvi alguém queixar-se de eu não haver transmitido instrução ao povo em minhas pregações. Não acredito que os membros de minha igreja recebam menos instrução do púlpito que as igrejas que ouvem apenas os sermões transmitidos por leitura. A verdade é que é possível escrever um sermão sem estudar muito e, também, que se pode pregar de improviso sem preparação ou com pouco tempo para meditar no assunto. E já ouvi sermões escritos que apresentavam tudo, menos um pensamento profundo e exato.

Mantenho o hábito de estudar o evangelho e procuro fazer dele a melhor aplicação possível, em qualquer ocasião. Não me limito a programar determinadas horas ou dias para escrever meus sermões. Minha mente está *sempre* meditando nas verdades do evangelho e na melhor maneira de aplicá-las. Circulo entre o povo e procuro tomar conhecimento de suas necessidades. Depois, à luz do Espírito Santo, escolho um assunto que, na minha concepção, satisfaça essas carências. Medito intensamente a respeito do assunto, oro muito a respeito na manhã do domingo, por exemplo, até sentir a mente transbordar do tema. Então, vou à igreja e derramo o que acumulei diante da congregação.

Uma das grandes dificuldades no tocante ao sermão escrito é que, depois de escrevê-lo, o pregador quase não precisa pensar mais nele. Precisa *orar* bem pouco. Talvez chegue até a reler o manuscrito no sábado à tarde ou na manhã do domingo. Mas, não sente a necessidade de ser poderosamente ungido, a fim de que sua boca seja aberta para receber fartura de argumentos e que ele seja capacitado a fazer sua pregação partir de um coração transbordante. O pregador que escreve seus sermões se sente bem à vontade. É só empregar os olhos e a voz: ler um sermão escrito não lhe custa nada.

Sermões desse tipo às vezes são escritos muitos anos antes de serem apresentados ou são lidos várias vezes, durante muito tempo. Ainda que o sermão seja escrito inteiramente, palavra por palavra, na mesma semana, no domingo já não há nele nenhum *frescor*. Ele não parece novo nem demonstra ter em si uma mensagem ungida da parte de Deus para o coração do povo — nem mesmo há sinal de ter passado pelo coração do pastor antes de chegar ao púlpito. Com a máxima convicção, estou pronto a declarar que penso ter estudado muito mais pelo fato de não apresentar meus sermões por escrito.

Quanto aos temas que eu pregava, sentia-me obrigado a torná-los familiares aos meus pensamentos até que minha cabeça estivesse repleta deles para, então, apresentá-los à congregação. Costumava simplesmente anotar, da maneira mais resumida possível, os assuntos que desejo pregar. Em relação à linguagem, não anotava nenhuma palavra que porventura fosse usar na pregação. Simplesmente rabiscava a ordem das proposições e, com poucas palavras, fazia um esboço das observações e inferências que iria utilizar.

Se os pregadores insistirem em não falar diretamente ao povo e se não tiverem o coração cheio da verdade e do Espírito Santo, jamais chegarão a ser pregadores autênticos e espontâneos. Creio que meia hora de conversa destituída de formalidade, natural e sincera com a congregação, uma vez por semana, instruirá mais os ouvintes que dois sermões bem escritos. Eles se lembrarão do que lhes for falado, acharão a pregação mais interessante e irão absorver melhor os ensinamentos, muito mais que pela leitura de um texto elaborado.

Há pouco, descrevi o método usado por mim mais recentemente na preparação da mensagem. Quando preguei pela primeira vez e nos doze primeiros anos de meu ministério, não escrevia uma única palavra de meus sermões. Quase sempre era obrigado a pregar sem qualquer arranjo exceto a inspiração recebida por meio da oração. Subia ao púlpito sem saber nem mesmo o texto sobre o qual falaria. Tudo dependia da ocasião e da unção do Espírito Santo, que me encaminhava para o texto e descortinava o assunto em minha mente. E a verdade é que em nenhum outro momento de meu ministério preguei com maior sucesso e poder. E, se não pregasse por *inspiração,* não sei como seria. Era uma experiência comum para mim e assim tem sido durante toda a minha vida ministerial — o assunto descortina-se e abre-se em minha mente de modo surpreendente até para mim mesmo. Parecia que eu podia ver, com clareza intuitiva, exatamente o que deveria dizer e regimentos inteiros de pensamentos, palavras e ilustrações vinham a mim tão rapidamente quanto eu os podia pronunciar.

Quando comecei a fazer esboços de sermões, fazia-os *depois* e *não antes de* pregar. Fazia isso para conservar as idéias principais que me haviam sido dadas, pois percebia que, quando o Espírito Santo me concedia a visão clara de um assunto, eu não conseguia conservá-la a não ser que anotasse os ensinamentos em resumo, após a pregação, a fim de poder usá-los em outra ocasião. Apesar disso, nunca me senti à vontade para usar esboços antigos em minhas pregações sem antes remodelá-los e sem ter recebido do Espírito Santo uma nova e original visão do assunto.

Quase sempre recebo de joelhos, em oração, a inspiração para a escolha do assunto sobre o qual vou pregar. Em geral, a experiência consiste em receber do Espírito Santo a inspiração de um assunto através de uma forte impressão em minha mente, tão forte que me provoca tremor, a ponto de eu sentir-me impedido de escrever. Quando recebo a inspiração dessa maneira, os assuntos parecem traspassar-me corpo e alma e, em poucos momentos, consigo elaborar um esboço que me capacita a manter a visão apresentada pelo Espírito. E o que tenho constatado *é* que esses sermões têm causado forte impacto sobre os ouvintes.

Os sermões mais eficazes que preguei em Oberlin foram recebidos dessa forma, depois de o sino ter anunciado o início do culto. Então, eu era obrigado a derramá-los sobre a congregação a partir de meu coração transbordante, sem ter anotado nada além de um pequeno esboço que, em geral, não abrangia nem metade do que eu iria falar.

Refiro-me a esse fato não para gloriar-me, mas, por ser a pura verdade e para atribuir o louvor a Deus, não a qualquer talento que eu possa ter. Que ninguém imagine que meus sermões, que têm sido classificados como poderosos, foram produto de meu cérebro ou de meu coração, sem a ajuda do Espírito Santo. Eles não provinham de mim: eram dados pelo Espírito que em mim habita.

Que ninguém diga que me estou vangloriando de uma inspiração superior à que é prometida aos pastores ou à que têm o direito de receber. Acredito que todos os ministros chamados por Cristo para pregar o evangelho devem ter a mesma inspiração para pregar o evangelho. O que mais poderia querer dizer o Senhor Jesus quando ordenou: "Vão e façam discípulos de todas as nações [...] E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt 28.19,20)? Qual seria a sua intenção ao referir-se ao Espírito Santo: "Ele [...] receberá do

que é meu e o tornará conhecido a vocês" (Jo 16.14)? Ou: "O Consolador [...] lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse" (Jo 14.26)? E qual seria o sentido destas palavras: "Quem crer em mim [...] do seu interior fluirão rios de água viva" (Jo 7.38)? Ele estava-se referindo ao Espírito que, mais tarde, seria recebido pelos que nele cressem. Todos os pastores podem — e devem — estar cheios do Espírito Santo, a ponto de seus ouvintes ficarem impressionados e convencidos de que "certamente, Deus está com eles".

CAPÍTULO VIII

AVIVAMENTO EM ANTWERP

Desejo, agora, relatar os resultados alcançados em Antwerp, aldeia localizada ao norte de Evans Mills. Cheguei ali pela primeira vez em Abril e descobri que, naquela localidade, não era celebrado culto de igreja ou religião alguma. As terras daquele município pertenciam a um certo homem rico, o sr. Parish, que residia em Ogdensburgh. Para encorajar a chegada de colonos à região, Parish construiu para eles uma casa de tijolos onde poderiam realizar seus cultos religiosos. Mas, o povo não tinha a mínima disposição para a adoração pública. Por isso, a casa ficou trancada e a chave era guardada pelo sr. Copeland, dono do hotel local.

Não demorou e eu soube que havia na aldeia uns poucos presbiterianos. Durante alguns anos, procuraram manter reuniões dominicais. Mas, o responsável pelos cultos morava a uns oito quilômetros dali e era obrigado a passar por um povoado universalista para ir à aldeia. Os universalistas impediam as reuniões proibindo que o diácono Randall, conforme o chamavam, passasse pelo seu povoado. Chegavam a arrancar as rodas da carruagem que ele utilizava. Assim, Randall deixou de ir à aldeia e os cultos não foram mais realizados.

Descobri que a sra. Copeland, proprietária do hotel, era uma mulher piedosa. Havia outras mulheres piedosas na aldeia: a sra. Howe, esposa de um comerciante; a sra. Randall, casada com um médico. Se não me falha a memória, foi numa sexta-feira que cheguei ali. Visitei aquelas mulheres e perguntei-lhes se gostariam de reunir-se. Disseram que sim, mas não sabiam se isso seria possível. A sra. Howe concordou em ceder sua sala de estar para uma reunião, se eu conseguisse que alguém comparecesse. Percorri a Aldeia, convidando o povo. Treze pessoas estavam presentes na reunião na sala da sra. Howe. Preguei para o grupo e prometi que, se me fosse permitido usar as instalações da escola local, eu pregaria no domingo. Os responsáveis pela sala deram-me licença para usar as instalações. Então, no dia seguinte, fiz circular entre o povo o convite para que se reunissem naquela escola, no domingo de manhã.

Caminhando pela aldeia, constatei que usavam linguagem profana. Imaginei nunca ter visto tanta falta de respeito. Onde quer que eu chegasse — no gramado onde jogavam bola ou em cada estabelecimento comercial — todos xingavam, blasfemavam e amaldiçoavam-se uns aos outros. Sentia-me como se estivesse na ante-sala do inferno. Lembro-me da sensação horrível que senti ao caminhar pela aldeia no sábado. Até a *atmosfera* me parecia puro veneno e uma espécie de *terror* dominou-me. Naquele dia, dediquei-me à oração, apresentando insistentemente minha petição ao Senhor, até que finalmente recebi a seguinte resposta: "Não tenha medo, continue falando e não fique calado, pois estou com você e ninguém vai lhe fazer mal ou feri-lo, porque tenho muita gente nesta cidade" (At 18.9,10). A resposta divina libertou-me daquele medo. No entanto, descobri que os cristãos receavam que algo de grave acontecesse caso os cultos fossem restabelecidos na aldeia.

Passei o sábado em oração, mas também circulei pela aldeia o suficiente para perceber que o convite para a reunião na escola estava provocando bastante agitação. No domingo de manhã, levantei-me da cama e saí de meu alojamento no hotel. Querendo ficar sozinho num lugar onde pudesse soltar minha voz e não somente meu coração, dirigi-me a um bosque, a certa distância da aldeia e continuei em oração por um tempo considerável. No entanto, não recebi nenhum alívio, de modo que voltei ao bosque segunda vez. Mas o fardo que me pressionava a mente havia aumentado, não conseguia sentir alívio. Fui ao bosque pela terceira vez e, então, veio a resposta.

Descobri que já era hora do culto e fui imediatamente para a escola. Vi que o local estava superlotado. Eu trazia minha Bíblia de bolso e li para a congregação o seguinte texto: "Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigénito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Não consigo lembrar muita coisa do que falei naquele dia, mas sei que o assunto era o tratamento que Deus recebeu em troca de seu amor. Esse tema afetava profundamente meu espírito e eu derramava minha alma e minhas lágrimas enquanto pregava.

Notei que se encontravam ali vários homens dos quais escutara, no dia anterior, as mais pavorosas blasfêmias. Durante o culto, apontei para eles, revelando aos presentes o que haviam falado — como cada um rogava a Deus que enviasse seus companheiros para a perdição. Realmente, disse contra eles tudo que tinha no coração, enquanto minhas lágrimas fluíam copiosamente. Falei-lhes que pareciam "uivar blasfêmias pelas ruas, como cães do inferno" e que me faziam sentir como se tivesse chegado "à ante-sala do inferno". Todos sabiam que eu estava falando a verdade e estremeciam diante de minhas palavras. Não pareciam ofendidos, mas, o povo chorava quase tanto quanto eu. Acho que dificilmente se encontrariam olhos secos naquele auditório.

O sr. Copeland, proprietário do hotel, que guardava a chave da casa de cultos, recusara-se a abri-la naquela manhã. Entretanto, tão logo os primeiros cultos dominicais foram encerrados, ele levantou-se e disse aos presentes que abriria a casa de cultos naquela tarde. O povo foi-se espalhando em todas as direções levando a informação e à tarde a casa de reuniões ficou quase tão cheia quanto a escola ficara de manhã. Todos compareceram ao culto e o Senhor me fez lançar as palavras sobre eles de maneira maravilhosa. Minha pregação parecia-lhes algo totalmente novo.

Para mim, era como *se fosse possível chover granizo e amor sobre eles ao mesmo tempo.* Em outras palavras, era possível derramar sobre eles uma *amorosa chuva de pedras.* Parecia que meu amor a Deus, tendo em vista os impropérios que ouvira contra o Senhor, havia deixado minha mente em agonia. Sentia como seu eu quisesse repreendê-los com todo o meu amor, com uma compaixão que não podia deixar de ser reconhecida por eles. Nunca soube que me houvessem acusado de severidade. Sabia, porém, que nunca havia falado com mais rigor em toda a minha vida. No entanto, os esforços daquele dia foram coroados com a conversão da maior parte dos habitantes da cidade. A partir de então, era só eu marcar uma reunião, a qualquer hora e lugar que o povo se aglomerava para escutar a pregação.

O trabalho começou imediatamente e progrediu com grande poder. Aos domingos, eu pregava três vezes na igreja da aldeia, freqüentava uma reunião de oração no intervalo dos cultos e às 17 horas pregava numa escola situada na vizinhança. No terceiro domingo que preguei ali, um homem muito idoso veio ao meu encontro quando desci do púlpito e convidou-me a pregar numa escola perto de sua casa. Disse que lá nunca fora realizado um culto. Informou-me a localização da escola, que ficava a uns cinco quilômetros da aldeia e pediu-me que eu visitasse o lugar tão logo fosse possível. Combinei que iria no dia seguinte, segunda-feira, às cinco da tarde.

Deixei meu cavalo na aldeia e resolvi ir a pé, para não ter dificuldade em convidar o povo por onde passasse. No entanto, devido ao esforço do dia anterior, antes mesmo de chegar ao local já estava exausto. Sentei-me à beira da estrada, achando que dificilmente poderia continuar a caminhada. Culpava-me por não ter ido a cavalo. No entanto, cheguei ao local no horário combinado e vi que a escola já estava lotada.

Só consegui um lugar em pé, perto da porta, que estava aberta, assim como todas as janelas. Escolhi um hino — e não posso dizer que o povo o cantou, porque pareceu-me que aquelas pessoas nunca haviam tido oportunidade de entoar uma música sacra. Contudo, *tentavam* cantar. Mas, cada um *gritava* em um tom diferente. Meus ouvidos aprimorados pelo ensino da música sacra sofriam tanto com aquela horrível desarmonia de vozes que quase fui embora. Tapei os ouvidos com ambas as mãos, apertando-os com toda a força. Mas, nem assim conseguia deixar de ouvir os gritos desafinados. Coloquei a cabeça entre os joelhos, ainda com as mãos tapando os ouvidos, tentando livrar-me daquele som horrível, que quase me enlouquecia. Assim, agüentei o hino até o fim. Depois disso, lancei-me de joelhos, quase em estado de desespero e comecei a orar. Então, o Senhor abriu as janelas do céu, o Espírito desceu sobre nós e pude derramar toda a minha alma em oração.

Não escolhera previamente o texto bíblico que seria a base do sermão. Como era meu hábito na época, esperei até que pudesse observar de perto a congregação para selecionar um texto da Bíblia. Tão logo acabei de orar, levantei-me da oração e disse: "Saiam imediatamente deste lugar, porque o Senhor está para destruir a cidade!" Falei-lhes que não me lembrava onde se achava exatamente esse texto na Bíblia, mas disse-lhes

mais ou menos onde o encontrariam. Então, passei a explicá-lo. Contei-lhes que existiu um homem chamado Abraão e expliquei quem ele era. Falei-lhes também de Ló. Destaquei o parentesco e o relacionamento entre os dois homens e a separação por causa de desentendimentos entre os pastores de seus rebanhos. Informei-os de que Abraão foi para as terras altas, ao passo que Ló se

estabeleceu no vale de Sodoma. Em seguida, mostrei-lhes como a cidade de Sodoma se tornara corrompida, por causa das práticas abomináveis que passara a cometer e apontei-lhes essas práticas. Contei-lhes que, ao resolver destruir Sodoma, o Senhor visitou Abraão para informá-lo do que estava para fazer e que Abraão orou ao Senhor, pedindo-lhe que poupasse Sodoma se achasse certo número de justos ali, tendo o Senhor prometido que assim faria por amor a eles. Continuei a narrativa, dizendo que Abraão implorou ao Senhor que poupasse a cidade, caso ali houvesse um número ainda menor de justos e que o Senhor prometeu que a pouparia por amor a esses justos. Continuei, dizendo que Abraão reduziu o número até chegar a dez justos, obtendo a mesma promessa de Deus e que, por fim, Abraão não prosseguiu com sua intercessão e o Senhor saiu de sua presença.

No entanto, havia em Sodoma apenas um justo: Ló, o sobrinho de Abraão. "Os dois homens perguntaram a Ló: 'Você tem mais alguém na cidade — genros, filhos ou filhas, ou qualquer outro parente? Tire-os daqui, porque estamos para destruir este lugar. As acusações feitas ao Senhor contra este povo são tantas que ele nos enviou para destruir a cidade'. Então, Ló foi falar com seus genros, os quais iam casar-se com suas filhas e disse-lhes: 'Saiam imediatamente deste lugar, porque o Senhor está para destruir a cidade!' Mas eles pensaram que ele estava brincando" (Gn 19.12-14).

Enquanto eu relatava esses fatos, notei que todos olhavam para mim como se estivessem zangados. Muitos homens estavam em mangas de camisa. Olhavam uns para os outros e depois para mim, como se estivessem a ponto de agredir-me ali mesmo, por alguma razão. Vi aqueles olhares estranhos, sem saber o que os havia deixado tão zangados. Parecia-me, no entanto, que sua ira aumentava à medida que eu continuava com a narrativa. Tão logo terminei de relatar os fatos, revelei à congregação que eu havia sido informado de que nunca fora realizado um culto religioso naquele local e que eu tinha o *direito* de concluir que seus habitantes eram um povo ímpio. Apliquei essa verdade a eles, cada vez com mais energia e com o coração sobrecarregado.

Depois de falar-lhes nesse tom de autoridade por não mais que quinze minutos, uma terrível impressão de solenidade fixou-se neles e alguma coisa cintilava sobre a congregação — um tipo de *luz difusa*, como se a própria atmosfera se agitasse. As pessoas começaram a cair dos assentos, clamando por misericórdia. Se eu tivesse uma espada em cada mão, não poderia tê-los abatido tão rapidamente. Quase a totalidade da congregação estava de joelhos ou prostrada e penso que tudo isso aconteceu em menos de dois minutos. Os que conseguiam dizer alguma coisa oravam por si próprios.

Naturalmente que fui obrigado a interromper a pregação, porque já não prestavam atenção às minhas palavras. Avistei o senhor que me convidara para pregar ali. Estava sentado no meio da congregação e olhava atônito ao redor. Levantei a voz, quase aos gritos, para que ele pudesse ouvir-me e, apontando para ele, perguntei: "Você não pode orar?" Ele caiu imediatamente de joelhos e derramou a alma diante de Deus.

Eu não conseguia a atenção do povo. Então, falando o mais alto possível, disse-lhes: "Vocês ainda não estão no inferno. Agora, deixem-me dirigi-los a Cristo". Durante uns poucos momentos, procurei apresentar-lhes o evangelho. Quase ninguém, no entanto, parecia prestar a mínima atenção ao que eu falava. Meu coração transbordava com tamanho júbilo diante daquela cena que era difícil controlar-me. A pouca distância de onde eu estava, havia uma lareira aberta. Lembro-me muito bem de que minha alegria era tão grande que eu não conseguia controlar o riso. Ajoelhei-me e coloquei a cabeça — depois de cobri-la com um lenço — na lareira, para que eles não me vissem rindo. Sabia que não entenderiam que meu riso era fruto de uma alegria santa e irreprimível. Com muita dificuldade, controlei-me para não gritar glórias a Deus.

Tão logo consegui controlar minhas emoções, voltei-me para um jovem que estava orando perto de mim, coloquei a mão em seu ombro a fim de conseguir sua atenção e falei-lhe ao ouvido sobre Jesus. Logo percebi que ele aceitara a cruz de Cristo e nela passara a crer, mostrando-se tranqüilo por um ou dois minutos, até que começou a derramar-se em oração pelos outros. Voltei-me para outro jovem, agi da mesma forma e vi o mesmo resultado. Continuei a buscar os jovens e tomei a mesma atitude com outras pessoas, até perceber que precisava ir embora, pois havia assumido um compromisso na aldeia.

Informei o povo de que precisava ir. Pedi ao homem que me convidara que permanecesse ali e passasse a dirigir a reunião. Assim ele fez. No entanto, o interesse do povo era demasiado e havia ali muitas almas

feridas, de sorte que a reunião não pôde ser encerrada naquela hora, continuando pela noite inteira. Ao amanhecer, ainda havia gente ali, pois não haviam conseguido ir embora. Eles foram levados para uma residência na vizinhança, deixando a escola livre para a realização das aulas. Ao meio-dia, recebi um recado, pedindo-me que voltasse, pois não conseguiam encerrar a reunião.

Quando retornei, tentaram justificar a ira provocada pelo meu primeiro sermão. Contaram-me que o nome do lugar era Sodoma — eu não sabia disso — e que no local havia apenas um homem considerado piedoso, a quem chamavam de Ló! Tratava-se do senhor idoso que me convidara para pregar ali. O povo supunha que eu escolhera de propósito o tema da pregação, a fim de atingi-los — pois de fato eram ímpios, a ponto de ter sido dado o nome de Sodoma ao lugar. No entanto, tudo não passou de uma notável coincidência.

Poucos anos depois, empenhava-me no trabalho em Syracuse, no estado de Nova York, quando certo dia recebi a visita de dois cavalheiros, um deles bastante idoso e o outro devia ter pouco menos de 50 anos. O mais jovem apresentou-me o mais idoso como o diácono White, ancião de sua igreja e explicou que a visita tinha o objetivo de entregar-me cem dólares como oferta para a Faculdade de Oberlin. O mais idoso, por sua vez, apresentou o mais jovem, dizendo: "Este é o meu pastor, o rev. Cross. Converteu-se durante o ministério desenvolvido pelo irmão". Diante disso, o rev. Cross disse-me:

— O irmão lembra-se da tarde em que pregou numa escola em Antwerp e do que se passou ali? — E descreveu o que acontecera naquela tarde.

— Lembro-me muito bem e enquanto minha memória for ativa não poderei esquecer o que se deu naquela ocasião — respondi.

Cross continuou:

— Pois bem. Na época, eu era bem jovem e converti-me naquele encontro. Cross é um pastor bem-sucedido e está no ministério há muitos anos. Uns de seus filhos receberam educação em Oberlin. Pelo que sei, embora aquele avivamento tenha chegado sobre aquele povo de modo tão repentino e poderoso, as conversões foram profundas e, a obra, permanente e genuína. Nunca ouvi falar de nenhum incidente que desabonasse aquele avivamento.

Já fiz menção aos universalistas que impediam o diácono Randall de comparecer às reuniões na aldeia de Antwerp e que chegaram a arrancar as rodas de sua carruagem. Quando o avivamento chegou ao auge, o diácono Randall expressou seu desejo de ver-me pregar no território dos universalistas. Marquei a reunião para a tarde de determinado dia, nas instalações da escola local. Quando cheguei, vi que a escola estava bem cheia e que o diácono Randall estava sentado perto de uma janela, ao lado de uma Bíblia e de um hinário. Sentei-me ao lado dele. Depois, levantei-me e anunciei o cântico de um hino, que todos cantaram em total desarmonia. Depois, passei à oração, sentindo que havia alcançado o trono da graça.

Coloquei-me em pé e em seguida li o seguinte texto: "Serpentes! Raça de víboras! Como vocês escaparão da condenação ao inferno?" (Mt 23.33). Percebi que o diácono Randall estava muito inquieto. Pouco depois, saiu de seu lugar e ficou em pé, junto da porta. Fazia calor e também havia alguns rapazes na porta. Imaginei que o diácono fora para lá a fim de mantê-los quietos. No entanto, fiquei sabendo depois que ele havia ido para perto da saída por causa do medo que estava sentindo. Queria estar num lugar de onde pudesse fugir, caso eu fosse atacado. Pelo texto que escolhi, ele concluíra que eu pretendia usar de muita franqueza com os ouvintes e, como já sofrera bastante na mão dos universalistas, queria estar fora do alcance deles caso houvesse uma reação negativa ao meu sermão.

De fato, despejei sobre eles as minhas convicções religiosas, usando para isso todas as minhas forças. Antes que acabasse de falar, pude notar que estava acontecendo uma reviravolta nos alicerces do universalismo naquela localidade. A cena foi quase idêntica à que se dera em Sodoma. O avivamento penetrou em todas as partes da cidade e algumas das cidades vizinhas compartilharam da bênção. O avivamento na região foi poderoso.

Depois de acolhermos os convertidos e de numerosos candidatos terem sido examinados, descobri, quando se aproximava o dia em que seriam admitidos na igreja, que vários deles haviam sido criados em famílias batistas. Perguntei-lhes, então, se não preferiam ser batizados por imersão. Responderam-me que *eles*, pessoalmente, não tinham preferência, mas que seus pais gostariam que fosse assim. Expliquei-lhes que eu não fazia a mínima objeção a essa forma de batismo, se eles achassem que isso agradaria mais a seus amigos e a eles também.

Quando chegou o domingo, combinei que os batizaria por imersão no intervalo dos cultos. Descemos a um córrego que passa pelo local e ali batizei, por imersão, se me lembro bem, uma dúzia de pessoas ou mais. Apesar de meus esforços, porém, não pude garantir muita solenidade à celebração. Notei que os descrentes, em pé nas ribanceiras, estavam rindo. Achavam o quadro bastante divertido, principalmente quando moças e mulheres eram batizadas.

Chegada a hora dos cultos da tarde, fomos até o local das reuniões e ali batizei por aspersão inúmeras pessoas, aplicando-lhes água na testa. A administração dessa ordenança foi tão abençoada por Deus que contribuiu para convencer que aquela forma de batismo era aceitável ao Senhor, mais que qualquer argumento que eu tivesse utilizado. Durante a administração desse batismo, a congregação portava-se de modo reverente e houve choro por todos os lados. Parecia que Deus havia colocado seu selo naquela forma de batismo. Era marcante o contraste entre o batismo realizado à beira do riacho e aquela celebração na casa de reuniões. Entre os convertidos, havia um número considerável de pessoas que tinham amigos metodistas.

No sábado, fiquei sabendo que alguns metodistas estavam dizendo aos convertidos: "O sr. Finney é presbiteriano. Crê nas doutrinas da eleição e da predestinação, mas não as tem pregado aqui. Ele não *se atreve* a pregá-las porque, se o fizesse, os convertidos não se afiliariam à sua igreja". Assim, resolvi pregar sobre a doutrina da eleição na manhã do domingo, antes que os batizados se afiliassem à igreja. Escolhi o texto e passei a explicar, primeiramente, o que não é a doutrina da eleição; em segundo lugar, o que ela é; em terceiro lugar, que ela é uma doutrina bíblica; em quarto lugar, que ela é a doutrina da razão; em quinto lugar, que negá-la é negar os próprios atributos de Deus; em sexto lugar, que essa doutrina não punha obstáculo à salvação dos não-eleitos; em sétimo lugar, que todos podiam ser salvos se o quisessem; em último lugar, que essa era a única esperança para quem quisesse ser salvo. E concluí o sermão.

O Senhor fez com que tudo isso ficasse muitíssimo claro em minha mente e tão claro aos ouvintes que acredito que os próprios metodistas se convenceram da doutrina. Nunca ouvi nenhuma palavra contrária aos argumentos apresentados naquele dia.

Lembro-me de que, enquanto pregava, observei uma irmã metodista, a quem eu conhecia e a quem considerava uma excelente cristã, chorando, sentada perto da escada do púlpito. Imaginei que ferira seus sentimentos. Depois de encerrada a reunião, ela permaneceu ali sentada, chorando. Fui até ela e disse-lhe:

— Irmã, espero não tê-la magoado em nada. Ela respondeu:

— Não, sr. Finney, não me magoou. Mas, cometi um pecado. Na noite passada, eu e meu marido, que é um homem impenitente, debatíamos sobre essa mesma questão. Ele sustentava, da melhor maneira que podia, a doutrina da eleição. Não concordei, afirmando que aquela não era a verdade. Mas, agora o irmão convenceu-me de que realmente essa é a realidade. Vejo que, em vez de discutir com meu marido, devo reconhecer que essa doutrina é a minha única esperança de que ele seja salvo, bem como qualquer outra pessoa.

Não ouvi falar em nenhuma outra objeção levantada contra a afiliação dos convertidos a uma igreja que acreditasse na doutrina da eleição. Muitos casos interessantes de conversão deram-se naquele lugar. Em especial, dois casos notáveis de recuperação imediata de loucura.

Certo domingo à tarde, quando cheguei para o culto, notei várias senhoras sentadas num dos bancos da igreja, juntamente com uma mulher vestida de preto, que parecia muito perturbada. Algumas daquelas senhoras a seguravam, tentando impedi-la de sair. Vendo-me entrar, uma das senhoras chegou até mim e contou-me que a mulher era louca, uma ex-metodista. Parece que havia caído da graça, chegando ao desespero e, finalmente, à loucura. O marido bebia muito e morava a vários quilômetros da aldeia. Havia deixado a mulher no local da reunião e ido para o hotel beber. Tentei falar com ela, mas, sua resposta foi que precisava ir embora, pois não suportava escutar orações, pregações nem hinos. Estava certa de que seu lugar era no inferno e que por isso não suportava coisa alguma que a levasse a pensar no céu. Em particular, aconselhei às senhoras que a acompanhavam a mantê-la onde estava, sem que perturbasse o culto. Subi, então, ao púlpito e anunciei o cântico de um hino.

Tão logo a congregação começou a cantar o hino, aquela senhora fez um grande esforço para sair. Mas, suas companheiras a impediram e, com gentileza, porém de modo firme, não a deixaram escapar. Momentos depois, ela aquietou-se, mas parecia evitar escutar os hinos, não prestava a mínima atenção a eles. Passei então a orar. Dava para escutá-la tentando sair, mas, antes de eu terminar, ela aquietou-se e a congregação permaneceu imóvel. O Senhor conduziu-me a um espírito de oração — e um texto bíblico foi-se estabelecendo em minha mente, já que não selecionara nenhum para aquele momento.

Era um texto da carta aos Hebreus: "Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade" (Hb 4.16). Meu objetivo era encorajar a fé no coração daquela senhora — e em nosso coração também — a favor dela. Quando comecei a pregar, ela fez um esforço considerável para sair da igreja. Suas companheiras, porém, resistiram com ternura e ela, finalmente, acomodou-se mas, manteve a cabeça bem baixa. Parecia resolvida a não prestar atenção ao que eu falava.

À medida que a pregação continuava, notei que ela ia aos poucos levantando a cabeça e agora olhava para mim através do longo véu preto. Olhava cada vez mais para cima e acabou por aprumar-se no assento, fitando meu rosto com intensa sinceridade. Quando passei a conclamar os ouvintes a ser corajosos na fé e a entregarem-se confiantes aos cuidados de Deus, mediante o sacrifício expiatório de nosso grande Sumo Sacerdote, ela assustou a congregação com um grito forte e estridente. Ela praticamente atirou-se ao chão, com a cabeça abaixada e o corpo inteiro a tremer.

As senhoras que a acompanhavam continuavam a segurá-la, vigiando-a com zelo e simpatia, em oração. Continuei pregando e ela começou a levantar os olhos de novo, aprumando-se outra vez na cadeira, com as feições maravilhosamente transformadas, denotando alegria triunfante e paz. Havia um grande brilho cobrindo seu rosto. Raras vezes presenciei num ser humano coisa igual àquela. Seu júbilo era tão grande que foi difícil ela controlar-se até o fim do culto, quando deixou que todos ao seu redor percebessem que ela fora libertada. Ela glorificava a Deus, dando total vazão à sua alegria. Cerca de dois anos depois, encontrando-a outra vez, conversei com ela e descobri que continuava transbordando de júbilo.

Outro caso de recuperação de insanidade mental foi o de uma senhora na cidade que também caíra no desespero e na loucura. Eu não estava presente quando ocorreu sua restauração. Mas, contaram-me que foi quase simultaneamente ao recebimento do batismo com o Espírito Santo. Às vezes, os avivamentos espirituais são acusados de levar pessoas à loucura. Mas, o fato é que essas pessoas são, por natureza, desequilibradas no tocante a assuntos espirituais e que os avivamentos as *restauram* da loucura, em vez de fazê-las enlouquecer.

Nessa época, recebemos notícias de que uma forte oposição se levantara contra o avivamento em Gouverneur, cidade que ficava uns vinte quilômetros mais para o norte. Ouvíamos dizer que os ímpios desceriam de lá em massa para atacar-nos e dar fim às nossas reuniões. É lógico que não dávamos atenção a tais comentários e cito aqui o fato apenas porque, mais adiante, registrarei o avivamento ocorrido naquela cidade. Depois de receber os convertidos na igreja e de ter atuado grandemente naquele local e ao mesmo tempo em Evans Mills, até o Outono daquele ano, apresentei aos crentes de Antwerp um jovem chamado Denning, a quem estabeleceram como pastor. Foi então que interrompi ali minhas atividades ministeriais.

CAPÍTULO IX

RETORNO A EVANS MILLS

Por essa época, recebi insistentes convites para permanecer em Evans Mills. Atendi a esses apelos, prometendo que ficaria ali, dando assistência espiritual aos irmãos, por pelo menos mais um ano. Em Outubro, por estar de casamento marcado, viajei para Whitestown, condado de Oneida, onde foi realizada a cerimônia. Minha mulher estava preparada para assumir seu papel de dona de casa e, um ou dois dias depois de nosso casamento, deixei-a ali e voltei a Evans Mills, a fim de conseguir um meio de transporte para fazer nossa mudança. Disse-lhe que estaria de volta a Whitestown em cerca de uma semana.

No outono anterior, eu pregara várias noites num lugar chamado Perch River, vinte quilômetros a noroeste de Evans Mills. Passei um domingo em Evans Mills e pretendia retornar para buscar minha mulher a meio da semana. Mas, naquele dia chegou um mensageiro de Perch River, dizendo que, desde quando eu ali pregara, o avivamento lentamente crescia entre o povo. Ele rogou então que eu pregasse pelo menos mais uma vez naquela localidade. Enviei um recado, acertando minha presença ali na terça-feira à noite. Ao chegar, no entanto, descobri que o interesse pelo avivamento era tão profundo que fiquei ali para pregar também nas noites de quarta e quinta-feira. Acabei ficando na região, abandonando a idéia de retornar a Whitestown naquela semana.

O avivamento não demorou a propagar-se em direção a Brownville, aldeia de tamanho considerável que ficava vários a quilômetros a sudoeste de Whitestown. Diante do convite insistente do ministro e da igreja em Brownville, fui para lá e ali passei o inverno. Escrevi à minha mulher, dizendo-lhe que precisaria adiar minha ida para buscá-la, até que Deus abrisse uma porta. Eu não podia abandonar uma obra de tanto valor espiritual para atender a interesses pessoais.

Em Brownville, a obra era muito interessante. Mesmo assim, tive dificuldades para envolver a igreja no trabalho. Entre os membros mais antigos, encontrei presbiterianos, batistas, metodistas e outros. Conforme descobri, alguns membros da igreja eram universalistas. Não consegui encontrar entre eles muitos corações sinceros e piedosos. A política do pastor era proibir qualquer coisa que pudesse impulsionar um avivamento. Envidei ali muitos esforços durante aquele inverno, o que trouxe para mim dolorosas conseqüências, já que muitos e graves obstáculos tinham de ser enfrentados. Às vezes, notava a ausência do pastor e de sua mulher em nossas reuniões e, mais tarde, ficava sabendo que tinham ido a uma festa. Eu estava hospedado na casa do sr. Ballard, um dos anciões da igreja, o amigo mais íntimo e influente do pastor.

Certo dia, enquanto descia do quarto e estava para sair, a fim de visitar alguns interessados, encontrei o sr. Ballard no corredor e ele colocou diante de mim a seguinte questão:

— Sr. Finney, o que o irmão acha de um homem que permaneceu em oração, semana após semana, pedindo o Espírito Santo sem obter resposta?

Respondi que o homem devia estar orando pelos *motivos errados* e ele inquiriu:

— Mas, por que motivos um homem *deve* orar? Se ele estiver em busca de *felicidade*, seria essa uma motivação errada?

— Satanás poderia orar com uma motivação tão boa como essa — respondi. Então passei a citar as palavras do salmista: "Sustenta-me com um espírito pronto a obedecer. Então ensinarei os teus caminhos aos transgressores, para que os pecadores se voltem para ti" (SI 51.12,13). E continuei: — Está vendo? O salmista não orou pedindo o Espírito Santo a fim de que se sentisse *feliz*, mas para tornar-se *útil* e para que os pecadores se convertessem.

Falei assim e fui saindo, mas notei que ele corria para seu quarto. Fiquei fora de casa até a hora do jantar e, quando voltei, Ballard veio ao meu encontro e fez-me uma revelação.

— Sr. Finney, preciso confessar-lhe uma coisa — foi logo dizendo. — Fiquei zangado quando o irmão me disse aquilo e confesso que meu desejo era não tornar a vê-lo nunca mais. O que o irmão disse convenceu-me de que eu nunca me convertera e de que jamais tivera outra motivação senão o desejo egoísta de alcançar a própria felicidade. Depois que o irmão saiu, orei, pedindo a Deus que me tirasse a vida. Não podia suportar a realidade de ter vivido de maneira tão enganosa. Tenho grande amizade com nosso pastor. Sempre viajamos juntos e desenvolvi com ele mais intimidade que com qualquer outro membro da igreja. Mas, descobri agora que sempre fui hipócrita, enganando-me a mim mesmo. O sofrimento era intolerável e eu queria morrer. Por isso, orei ao Senhor para que ele me tirasse a vida.

No entanto, após a conversa daquela manhã, o irmão Ballard fora totalmente quebrantado e, a partir de então, passou a ser um homem renovado. Aquele encontro fez-lhe muito bem.

Poderia relatar muitos outros fatos interessantes relacionados a esse avivamento. Mas, para mim são tão dolorosos os aspectos desse movimento espiritual relacionados àquele pastor, especialmente no que se refere à mulher dele, que me limitarei ao episódio que acabo de descrever.

No começo da primavera do novo ano, parti de Brownville, a cavalo, com um trenó, para buscar minha mulher. Estava ausente havia seis meses, isso logo após nosso casamento e, como dependíamos dos serviços do correio, bastante precários na região, raras vezes havíamos conseguido trocar correspondência. Continuei viagem cerca de 24 quilômetros e as estradas eram muito escorregadias. Meu cavalo estava com as ferraduras gastas e vi que teria de trocá-las. Parei em LeRaysville, pequena aldeia situada uns quatro quilômetros ao sul de Evans Mills. Enquanto meu cavalo recebia as novas ferraduras, os moradores do lugar, descobrindo que eu estava ali, vieram até onde eu me encontrava querendo saber se eu aceitaria pregar. Insistiram tanto que concordei em pregar à uma da tarde nas instalações da escola, já que ali não havia salão de cultos.

À hora marcada, a escola estava superlotada e durante a pregação o Espírito de Deus desceu com grande poder sobre o povo. O derramamento do Espírito foi tão grande e tão evidente que, atendendo aos sinceros pedidos daqueles irmãos, concordei em pernoitar ali para pregar de novo ao entardecer daquele dia. Mas, o

avivamento foi tão grande que, naquela noite, marquei outra reunião para a manhã seguinte. E, na manhã seguinte, marquei outra, para a noite. Logo percebi que não poderia prosseguir caminho para buscar minha esposa. Procurei um irmão, pedindo-lhe que, se pegasse meu cavalo e o trenó e fosse buscar minha mulher, eu permaneceria ali. Assim ele fez e continuei pregando, dia após dia e noite após noite naquele lugar. E experimentamos ali um poderoso avivamento.

Eu deveria ter mencionado que, enquanto estava em Brownville, Deus revelou-me de modo inesperado, que ele estava para derramar seu Espírito em Gouverneur e que eu precisava ir para lá, a fim de pregar. Eu não sabia absolutamente nada a respeito do local, a não ser que houvera naquela cidade uma grande manifestação contra o avivamento em Antwerp, no ano anterior. Jamais consegui saber *como* ou *por que* o Espírito de Deus me fez aquela revelação. Mas, eu sabia que se tratava de uma revelação direta de Deus. Pelo que me lembre, em nenhum momento, durante meses, pensara em Gouverneur, mas enquanto me dedicava à oração foi-me mostrado, claro como a luz, que eu devia ir pregar naquela cidade e que Deus ali derramaria seu Espírito.

Logo depois, um dos membros da igreja em Gouverneur passou por Brownville. Contei-lhe o que Deus me revelara. Ele olhou para mim fixamente, talvez pensando que eu estivesse louco. Recomendei, porém, que ele voltasse para casa e contasse aos irmãos o que eu dissera, a fim de que se preparassem para minha chegada e para o derramamento do Espírito na cidade. Por meio desse irmão, descobri que a igreja dele não tinha pastor. Descobri, também, que havia duas denominações e dois salões de culto na cidade, que ficavam perto um do outro. Soube que os batistas tinham um pastor, mas, que os presbiterianos não contavam com a assistência de qualquer ministro. Fiquei sabendo, ainda, que naquela cidade morava um homem idoso que fora pastor ali, mas o haviam demitido e que na igreja presbiteriana não havia cultos dominicais regulares. Concluí, pelas palavras daquele irmão, que o estado espiritual dos cristãos de sua cidade era lamentável e que ele mesmo estava tão frio quanto uma geladeira.

Volto agora a descrever os esforços empreendidos em LeRaysville. Depois de trabalhar ali umas poucas semanas, a grande maioria dos habitantes converteu-se, entre eles o juiz Kanady [Samuel C. Kanady], o homem de maior influência na região. Minha mulher chegou alguns dias depois de eu ter mandado buscá-la. Aceitamos o convite do juiz Kanady e de sua esposa para nos hospedarmos em sua casa. Depois de poucas semanas, porém, o povo insistia em que eu fosse pregar numa igreja batista de Rutland, no local onde a cidade faz divisa com LeRaysville. Prometi pregar ali uma tarde.

O clima era ameno. Atravessei a pé um pinheiral, percorrendo uma distância de quatro quilômetros até o salão de cultos. Cheguei cedo, achei a casa aberta, mas ninguém estava ali. Depois de ter andado tanto, senti calor. Entrei e sentei-me perto de um corredor amplo, entre os bancos, mais ou menos no centro do salão. Não demorou muito até que as pessoas começassem a entrar e sentarem-se, espalhando-se pelo salão. Era tanta gente que o afluxo para o templo era contínuo. Permaneci sentado ali, quieto. E, sendo totalmente desconhecido na localidade, não vi ninguém que eu conhecesse e nem fui reconhecido por alguém.

Depois de algum tempo, entrou uma jovem usando um chapéu de plumas altas. Estava vestida de modo elegante. Era alta, esbelta, de porte clássico e decididamente bela. Desde que chegou ao salão, observei que ela meneava a cabeça de modo que as plumas se movimentavam com muita graça e imaginei que ela, com certeza, havia praticado aqueles movimentos diante do espelho. Andava como se estivesse velejando e andou pelo corredor até onde eu estava sentado. A cada passo, abanava as plumas de modo muito gracioso, correndo os olhos pelo povo, preocupada em registrar a impressão causada nos que a observavam. Considerando o ambiente em que estávamos, sua atitude impressionou-me muito. E foi da vontade de Deus que ela passasse pelo corredor e tomasse assento exatamente atrás do lugar onde me encontrava.

Ela e eu estávamos sentados bem perto um do outro, mas em filas diferentes. Afastei-me um pouco, a fim de voltar-me e, apoiando o cotovelo no encosto do assento, observei a aparência daquela jovem e os movimentos que fazia. Ela mantinha ainda a graça nos meneios da cabeça, bem como movimentos do corpo que faziam abanar as plumas. Ficou claro para mim que ela estava cheia de soberba e egoísmo. Suas roupas indicavam extrema vaidade. Virei-me parcialmente para trás e examinei-a dos pés até o chapéu, depois de cima para baixo, de baixo para cima e de cima para baixo outra vez.

Ela percebeu que eu a observava de modo crítico e mostrou-se um tanto envergonhada. Em voz baixa, eu lhe disse: "Você entrou aqui para dividir a adoração na casa de Deus? Quer que as pessoas a adorem, desviando a atenção de Deus para você e transferindo para você a adoração que devem a ele?" Isso fez com que ela se contorcesse, mas continuei a falar-lhe claramente, numa voz tão baixa que ninguém mais podia escutar.

Diante disso, ela não conseguiu manter a cabeça erguida. Começou a tremer e as plumas não paravam de movimentar-se. Depois de falar-lhe o suficiente para atingir sua consciência, levantei-me e subi ao púlpito. Tão logo ela me viu subir ao púlpito, percebeu que eu era o pregador convidado e ficou ainda mais agitada, atraindo a atenção das pessoas ao seu redor. O salão não demorou a encher-se. Então escolhi um texto e comecei a pregar.

O Espírito do Senhor foi derramado de modo incontestável na congregação. E, no fim do sermão, fiz algo que não me lembro de ter feito antes: convidei a vir à frente e sentarem-se na primeira fila todos os que queriam entregar seu coração a Jesus. Não me lembro de ter repetido essa prática outra vez, exceto em Rochester, NY. No instante em que fiz o convite, aquela moça foi a primeira a colocar-se em pé. Irrompeu pelo corredor e correu para a frente, como que desesperada. Parecia não ter consciência da presença de qualquer outra pessoa ali, a não ser a de Deus. Precipitou-se em direção a um dos assentos indicados, mas caiu no corredor, gritando de agonia. De várias partes do salão, muitos saíram do lugar e vieram à frente. E muitos deles pareciam estar entregando o coração a Jesus ali mesmo, inclusive aquela jovem. Informaram-me, depois, que ela era considerada a maior beldade do lugar. Diziam que era simpática, mas, todos a consideravam muito orgulhosa e exagerada no vestir.

Muitos anos depois de eu ter visitado aquele local, encontrei o homem que me havia convidado a pregar naquele culto. Perguntei pela moça e ele informou-me que a conhecia bem. Ela ainda residia na cidade. Casara-se e era uma mulher virtuosa. Desde aquela reunião, tornara-se uma crente sincera.

Preguei mais algumas vezes em Rutland, até que a questão de Gouverneur voltou a ocupar minha mente. Deus parecia dizer-me: "Vá a Gouverneur — chegou a hora!" Poucos dias antes, o irmão Nash viera visitar-me e passou algum tempo comigo em Rutland. Quando senti esse último chamado para Gouverneur, faltava-me cumprir dois ou três compromissos na cidade. Por essa razão, falei ao irmão Nash: "O irmão precisa ir a Gouverneur e ver qual é a situação ali, trazendo-me um relatório".

Ele iniciou a viagem na manhã seguinte e, após dois ou três dias, regressou, dizendo que encontrara ali muitos cristãos professos, que estavam com consciência bastante sensível e que com certeza haveria ali grande operação do Espírito do Senhor entre o povo. No entanto, o povo não tinha consciência disso. Foi então que informei a congregação onde estava pregando que havia recebido um chamado para pregar em Gouverneur e que por isso não podia aceitar mais convites em Rutland. Pedi ao irmão Nash que voltasse imediatamente a Gouverneur e informasse aos crentes que eu chegaria naquela semana.

CAPÍTULO X

AVIVAMENTO EM GOUVERNEUR

O irmão Nash voltou a Gouverneur no dia seguinte e combinou um horário para eu reunir-me com a igreja no dia marcado. Teria de cavalgar quase cinqüenta quilômetros para chegar ao local combinado. Pela manhã, chovia muito, mas, a chuva diminuiu, permitindo-me cavalgar até Antwerp. Ali, enquanto almoçava, a chuva aumentou novamente e continuou chovendo até o fim da tarde. Parecia que não conseguiria chegar a tempo de cumprir o compromisso marcado. No entanto, a chuva diminuiu o suficiente para que eu pudesse cavalgar rapidamente até Gouverneur. Descobri que os crentes ali haviam desistido de esperar-me naquele dia, por causa das chuvas intensas.

Antes de minha chegada à aldeia, encontrei o sr. Smith, um dos membros de maior destaque na igreja, que voltava para casa pelo caminho por onde eu havia passado antes de nos encontrarmos. Ele estava voltando da igreja. Parou a carruagem e perguntou-me: "É o sr. Finney?" Depois de minha resposta afirmativa, ele disse: "Por favor, venha para minha casa. Insisto em que o irmão seja meu hóspede. Percorreu uma distância muito grande e deve estar fatigado por causa da má condição das estradas. Por isso, cancelamos o culto que seria realizado hoje à noite". Respondi que cumpriria meu compromisso. Perguntei-lhe se a reunião já havia sido encerrada. Respondeu-me que a reunião ainda não havia chegado ao fim à hora em que se retirou e que era possível eu chegar à aldeia antes que fosse encerrada.

Cavalguei rapidamente até a igreja. Ali, desci do cavalo e entrei às pressas no salão de cultos. O irmão Nash acabara de colocar-se em pé diante do púlpito para encerrar a reunião. Ao ver-me entrar, levantou as mãos,

esperou minha chegada à frente do salão e abraçou-me fortemente. Depois, apresentou-me à congregação. Informei-lhes que viera para cumprir meu compromisso e, se o Senhor permitisse, pregaria em um horário anunciado.

Na hora marcada, o salão encheu-se. As pessoas tinham ouvido falar de mim — a favor ou contra — o suficiente para despertar-lhes a curiosidade. Por isso, compareceram em peso àquele culto. O Senhor mostrou-me um texto e subi ao púlpito, onde derramei diante dos ouvintes o que havia em meu coração. A Palavra foi maravilhosamente eficaz. Acho que isso foi manifesto a todos os presentes. Encerrei a reunião e naquela noite consegui dormir bem.

O hotel da aldeia era dirigido pelo dr. Spencer, unitarista de sentimento e universalista confesso. Na manhã seguinte, percebi que a aldeia estava em alvoroço. Saí, como de costume, para fazer visitas e conversar com as pessoas sobre sua vida espiritual. Depois de umas poucas visitas, passei por uma alfaiataria onde várias pessoas estavam reunidas. Imaginei que estivessem debatendo sobre o sermão que eu pregara na noite anterior. Descobri que era isso que estava acontecendo. Até aquele dia, eu não ouvira falar no dr. Spencer, mas, ali estava ele na alfaiataria, defendendo seus conceitos universalistas.

Quando entrei, as observações que eram feitas abriram imediatamente a conversa. O dr. Spencer adiantou-se, claramente apoiado por todos os companheiros, para contestar os conceitos por mim expressos na noite anterior e para sustentar a doutrina da salvação universal. Alguém o apresentou a mim. Então eu disse-lhe: "Doutor, terei prazer em conversar com o senhor a respeito de suas opiniões, mas, se quisermos manter um diálogo, precisamos concordar quanto ao método do debate". Já estava bem acostumado a debater com universalistas para esperar qualquer resultado positivo da discussão, a não ser que fossem combinadas e obedecidas determinadas condições.

Propus, em primeiro lugar, que tratássemos de um tema por vez e o debatêssemos até que chegássemos a uma conclusão ou não tivéssemos mais nada para dizer a respeito, para depois debater sobre outra questão dentro do tema do debate; em segundo lugar, que não interrompêssemos um ao outro, mas que cada um tivesse liberdade para expor suas opiniões a respeito do assunto, sem nenhuma interrupção; em terceiro lugar, que não houvesse objeções capciosas nem qualquer sinal de zombaria, mas que usássemos de franqueza e cortesia e atribuíssemos o devido valor a cada argumento, fosse ele a favor ou contra nossos conceitos. Sabia que todos ali eram do mesmo parecer, unidos para sustentar suas opiniões.

Tendo concordado quanto ao comportamento no debate, começamos a discutir o assunto. Não demorei a derrubar os conceitos defendidos pelo dr. Spencer, fazendo-o recuar passo a passo em sua posição. Na realidade, ele conhecia bem pouco da Bíblia. A forma em que dispunha as principais passagens bíblicas, conforme delas se lembrava, geralmente fazia com que fossem empregadas contra a doutrina universalista. Mas, como fazem os universalistas, insistia principalmente na total injustiça das penas eternas. Logo pude demonstrar a ele e aos que estavam ao seu redor, que seu embasamento bíblico era bem frágil. E, quase de imediato, ele foi forçado a tomar a seguinte posição: independentemente do que a Bíblia dizia a respeito do assunto, as penas eternas eram injustas e, se a Bíblia ameaçava as pessoas com elas, então não podia ser a verdade. Assim, ficou decidida a posição do grupo no tocante à Bíblia.

Não era difícil reconhecer que todos eram céticos e que não cederiam, de modo algum, se apenas lhes fosse mostrado que a Bíblia contradizia as opiniões deles. Passei, então, a debater com o dr. Spencer a respeito da *justiça* das penas eternas. Vi que seus amigos ficavam agitados, sentindo os alicerces de suas opiniões desabarem sob eles. Não demorou para que um deles fosse embora e, quando meus argumentos ficaram mais fortes, outro membro do grupo foi embora. Por fim, *todos* abandonaram o dr. Spencer, pois perceberam, um após outro, que ele estava totalmente equivocado. Ele era o líder do grupo, mas, Deus concedeu-me a oportunidade de desmenti-lo na presença de seus seguidores. Quando ele nada mais tinha para dizer, exortei-o, com muito carinho e delicadeza, que pensasse na salvação. Assim, desejei-lhe um bom dia e saí. Tinha a certeza de que logo ouviria comentários sobre aquela conversa.

A esposa do médico era uma mulher crente, membro da igreja. Pouco depois, ela contou-me que o dr. Spencer voltara para casa após o debate. Estava muito agitado, embora ela não soubesse onde ele estivera. Ele andava pela sala, sentava-se, mas não conseguia manter-se sentado. Assim, ora andava, ora se sentava e ela via em suas feições que ele estava profundamente perturbado. Então perguntou-lhe:

— O que o está afligindo?

— Nada — ele respondeu.

Mas, a agitação do marido aumentava e ela insistiu:

— Conte-me o motivo de sua perturbação!

Desconfiada de que o marido se tivesse encontrado comigo, ela perguntou:

— Você conversou com o sr. Finney esta manhã?

Com isso, ele sentiu-se forçado a falar. Irrompeu em lágrimas e exclamou:

— Sim e ele voltou minhas armas contra minha própria cabeça!

Sua agonia tornou-se intensa e, tão logo se sentiu disposto a falar abertamente, renunciou às suas convicções errôneas e, pouco depois, expressou sua esperança em Cristo. Os companheiros que eram da mesma opinião também foram sendo atraídos pela igreja, um após outro, até que, por meio do avivamento, o problema foi totalmente solucionado.

Já mencionei que em Gouverneur havia uma igreja batista e uma presbiteriana, cada uma proprietária de um salão de cultos à volta do gramado da aldeia, com uma pequena distância entre eles. Como também já informei, os batistas contavam com a assistência de um pastor, mas os presbiterianos não. Tão logo o avivamento irrompeu e começou a atrair a atenção do povo, os irmãos batistas passaram a fazer oposição a ele. Falavam contra o movimento e empregavam meios censuráveis para deter seu progresso. Seus filhos freqüentavam nossos encontros e muitos deles convertiam-se. Levavam a tal ponto seu antagonismo que alguns deles chegaram a entrar no salão enquanto estávamos ajoelhados, orando e arrancaram os filhos dali, proibindo-os de voltar. Esse fato encorajou alguns jovens a formar um grupo para se oporem à obra.

A igreja batista era bastante influente no local e sua tomada de posição ajudou a intensificar a oposição e a contribuir para aumentar o rancor dos amigos do avivamento. Os jovens que formaram o grupo de resistência ao avivamento — e havia muitos deles — pareciam uma muralha diante do progresso da obra. Eram notoriamente apoiados pela igreja batista, alguns irmãos pelos próprios pais, membros da igreja. Nessa situação, o irmão Nash e eu chegamos à conclusão de que o problema só poderia ser solucionado por muita oração. Nenhum outro caminho nos levaria à solução. Por isso, juntamo-nos em um bosque e dedicamo-nos à oração até alcançar a vitória, em inteira certeza de que nenhum poder que a terra ou o inferno lançasse contra a obra conseguiria impedir o avivamento de modo permanente.

No domingo seguinte, depois de ter pregado pela manhã e à tarde, estávamos na igreja às cinco da tarde para uma reunião de oração — a pregação ficava sob minha responsabilidade e o irmão Nash dedicava-se quase continuamente à oração. O salão de cultos estava repleto. Perto do fim da reunião, o irmão Nash colocou-se em pé para dirigir-se aos jovens que haviam formado o grupo de resistência ao avivamento. Acredito que todos estavam presentes e, sentados, pareciam fazer oposição ao Espírito de Deus. A atmosfera era demasiadamente solene para que se sentissem com liberdade para ridicularizar o que ouviam e viam, mas sua fisionomia de deboche e seu coração endurecido não passavam despercebidos a ninguém.

O irmão Nash dirigiu-se a eles de modo veemente, a fim de mostrar-lhes que, com aquela atitude, incorriam em culpa e perigo. Ao finalizar sua exortação, intensificou excessivamente o tom de voz e disse-lhes: "Agora, prestem atenção às minhas palavras, jovens! Deus irá romper vossas fileiras em menos de uma semana, quer levando alguns de vocês à conversão, quer enviando alguns para o inferno. *Ele assim fará. Estou tão certo disso quanto estou certo de que o Senhor é o meu Deus.* Dito isso, desferiu um forte soco no púlpito e sentou-se de imediato, com a cabeça baixa, gemendo de dor.

No salão, fez-se um silêncio de morte e a maior parte das pessoas estava de cabeça baixa. Mas, dava para perceber que os jovens estavam agitados. Eu, porém, lamentava que o irmão Nash tivesse ido tão longe. Declarara que Deus tiraria a vida de alguns daqueles jovens, enviando-os para o inferno e converteria outros. Eu temia que ele, demasiadamente emocionado, tivesse dito algo que acabaria por não realizar-se e que isso viesse a incentivar ainda mais aqueles jovens a resistir ao avivamento. No entanto, penso que na manhã da terça-feira da mesma semana, o líder do grupo chegou a mim demonstrando grande aflição. Estava pronto a desistir de fazer oposição e quando o desafiei a decidir-se por Cristo, abateu-se como uma criança, confessou seus pecados e entregou-se a Jesus.

— O que faço agora, sr. Finney? — perguntou.

— Procure agora mesmo todos os seus companheiros, ore com eles e exorte-os a voltarem-se imediatamente para o Senhor! — respondi.

Assim ele fez. E, antes de terminar a semana, quase todo o grupo havia entregado a vida a Cristo.

Morava naquela aldeia um comerciante chamado Hervey D. Smith. Era um homem muito amável, um cavalheiro, porém deísta. Sua mulher era filha de um pastor presbiteriano. Era a segunda mulher do sr. Smith. A primeira era também filha de um pastor presbiteriano, partidário da Escola Antiga. Portanto, por casamento, ele era membro de duas famílias presbiterianas. Seus dois sogros haviam-se esforçado ao máximo para levá-lo à conversão. Smith era um homem estudioso e reflexivo. Ambos os sogros eram da Escola Antiga do presbiterianismo e tinham-lhe colocado nas mãos livros que ensinavam as doutrinas daquela escola. Isso foi um grande tropeço à sua conversão, pois quanto mais lia, tanto mais se convencia de que a Bíblia consistia de fábulas. A sra. Smith pediu-me que visitasse o marido com urgência e conversasse com ele. Ela informou-me a respeito das opiniões que ele sustentava e dos esforços feitos para levá-lo a aceitar as doutrinas cristãs. Disse-me que eram opiniões tão arraigadas que não conseguia imaginá-lo convertido. Apesar disso, prometi que o visitaria e conversaria com ele. E assim fiz.

A loja do sr. Smith ficava na parte da frente da casa onde ele residia. Quando cheguei, a sra. Smith foi até a loja chamar o marido. Ele recusou-se, alegando que de nada aproveitaria a conversa. Já havia conversado suficientemente com outros pastores. Afirmou que sabia de antemão o que eu diria e que não tinha tempo para desperdiçar com isso. Além disso, minha visita não lhe agradava. A sra. Smith replicou: "Você nunca tratou assim os pastores que vieram visitá-lo. Fui eu que convidei o sr. Finney para vir aqui conversar a respeito das doutrinas cristãs e ficarei muito magoada e ofendida se recusar essa visita". Hervey a amava e respeitava muito, pois era uma mulher de valor. Para agradá-la, consentiu em falar comigo. A sra. Smith apresentou-me a ele e saiu da sala. Disse-lhe então:

— Sr. Smith, não vim aqui para ter qualquer discussão com o senhor, mas, se estiver disposto a conversar, é possível que eu lhe sugira alguma coisa que venha ajudá-lo a vencer as dificuldades que parece ter a respeito das doutrinas cristãs, pois é provável que eu mesmo tenha passado pelas mesmas dificuldades.

Dirigi-me a ele bondosamente e isso o fez sentir-se à vontade comigo. Sentou-se perto de mim e disse:

— Ora, sr. Finney, não há motivo para prolongar esta conversa. Nós dois estamos tão certos de nossos argumentos que lhe asseguro que em poucos minutos sou capaz de apresentar objeções impossíveis de serem superadas às doutrinas cristãs. Também creio que sei de antemão as respostas que o senhor dará a cada uma dessas contestações, mas, estou certo de que nenhuma delas me irá satisfazer. Ainda assim, se desejar, posso declará-las ao senhor.

Pedi-lhe, então, que o fizesse e, pelo que me lembro, ele começou assim:

— Tanto o senhor quanto eu cremos na existência de Deus.

— Sim — confirmei.

— Concordamos, também, em que ele é infinitamente sábio, bom e poderoso.

— Sim — assenti.

— Concordamos em que, no momento da criação, ele dotou-nos de atributos que nos capacitam para decidir entre o certo e o errado, entre a justiça e a injustiça.

— Sim — confirmei mais uma vez.

— Pois bem, concordamos, então, em que tudo que vai contra nosso conceito de justiça não pode vir da parte de Deus.

Disse estar de acordo.

— Pois bem! — continuou o sr. Smith. — A Bíblia ensina que Deus criou-nos com uma natureza pecaminosa ou que nos tornamos suscetíveis ao pecado e incapazes de qualquer bem. Isso está em concordância com certas leis preestabelecidas, das quais Deus é o autor. Ela também ensina que, apesar dessa natureza pecaminosa, incapaz de qualquer bem e de corresponder ao que Deus espera de nós, ele requer nossa obediência e retidão, sob ameaça de condenação eterna.

— Sr. Smith, o senhor tem uma Bíblia? — perguntei. — Não gostaria de abri-la na passagem que ensina isso que acabou de dizer?

— Ora, não há necessidade! — ele retrucou. — O senhor mesmo admite que a Bíblia ensina isso.

— Não, não creio em semelhante coisa — repliquei. Mas ele continuou:

— A Bíblia ensina que Deus imputou o pecado de Adão a toda a sua posteridade e que herdamos, por natureza, a culpa daquele pecado e que somos passíveis de condenação eterna por causa do pecado de Adão. Ora, não me importo em saber quem disse isso ou que livro transmite esse ensinamento. Sei, apenas, que essa doutrina não pode ser de Deus. Acreditar nisso seria contradizer minhas inabaláveis convicções sobre direito e justiça.

— Sim — respondi. — Estaria também em contradição direta com minhas convicções. Mas onde isso é ensinado na Bíblia?

O sr. Smith começou a citar o catecismo, conforme fizera até então. Objetei:

— Mas isso é o que diz o catecismo, não a Bíblia!

— Ora, você é pastor presbiteriano, não é? — ele retrucou. — Pensei que o catecismo representasse uma autoridade para você.

— Não — repliquei. — Agora estamos nos referindo às verdades bíblicas. A Bíblia é ou não é a verdade? Você pode afirmar que essa é uma doutrina bíblica?

Smith revelou estar decepcionado com minha negação diante do que ele afirmava ser verdade. Disse nunca ter imaginado ser possível um ministro presbiteriano defender meus pontos de vista. Passou, em seguida, a dizer que a Bíblia ordenava que os homens se arrependessem, mas ensinava também que eles não se podiam arrepender. Contudo, ordenava-lhes que obedecessem e cressem, ao mesmo tempo em que ensinava que isso era impossível. Logo me vi argumentando com ele outra vez e perguntei-lhe onde aquelas coisas eram ensinadas na Bíblia. Ele continuava a citar o catecismo, mas eu não aceitava suas ponderações. Smith insistia em dizer que a Bíblia ensinava também que Cristo morreu somente pelos eleitos e, mesmo assim, exigia que todas as pessoas em todos os lugares, cressem, quer fossem eleitas, quer não, sob pena da morte eterna. E continuou:

— A verdade é que a Bíblia, com seus mandamentos e ensinos, contraria tudo que penso sobre justiça. *Não posso aceitar isso! Não vou aceitar isso!* — Seu tom de voz começava a ficar exaltado.

— Sr. Smith, há um engano em tudo isso — retruquei. — Essas não são doutrinas bíblicas. São mais tradições dos homens que ensinamentos bíblicos.

Ele contestou, demonstrando alto grau de impaciência:

— Pois bem, sr. Finney! Fale-me daquilo em que o senhor acredita! E voltei a falar:

— Se o senhor quiser escutar-me por alguns poucos momentos, eu direi em que acredito.

Comecei a mostrar, de maneira sucinta, meus conceitos sobre Lei e o Evangelho. Ele era inteligente e entendia-me com facilidade. Penso que, no decurso de uma hora, consegui repassar diante dele tudo que pudesse fundamentar os pontos de vista que lhe apresentara e aos quais ele fizera objeção. Começou a demonstrar interesse e percebi que os conceitos que eu lhe apresentava eram novidade para ele. Quando entrei em pormenores a respeito da expiação, provando que ela alcançava todas as pessoas e explicando sua natureza, seu desígnio e a gratuidade da salvação em Cristo, percebi que mexia com seus sentimentos. Finalmente, ele colocou as mãos sobre o rosto, abaixou a cabeça até os joelhos e começou a tremer de emoção. Vi que o sangue lhe subia à cabeça e que as lágrimas fluíam livres. Levantei-me e saí da sala sem dizer mais nada. Vi que uma flecha o atravessara e esperava que se convertesse. Ficou claro que o sr. Smith já estava convertido antes de sair daquela sala.

Logo depois de eu sair da sala, o sino do salão de cultos soou, convocando para a oração que seria seguida de uma conferência. Fui para a reunião e, pouco depois de ela começar, o sr. e a sra. Smith entraram no salão. As feições do sr. Smith demonstravam que ele estava profundamente comovido. As pessoas olhavam para trás e pareciam surpreendidas ao vê-lo entrar ali. Acho que ele freqüentava os cultos de domingo, mas,

sua presença numa reunião de oração era novidade. Pensando em ajudá-lo espiritualmente, ocupei boa parte do tempo da reunião discorrendo sobre assuntos do interesse dele.

Conforme soube mais tarde, enquanto voltavam para casa a pé, ele disse à sra. Smith: "Querida, para onde se foi toda a minha heresia? Não consigo lembrar-me dela! Não consigo perceber que sentido eu encontrava nela. Parece-me que tudo aquilo não passava de bobagem. Não consigo imaginar como fui defender aquelas idéias nem como levava a sério meus argumentos. Minha sensação é de ter sido convidado para apreciar uma peça esplêndida de arquitetura, um templo magnífico, mas, logo que deparei com um detalhe da obra que me desagradou, virei-lhe as costas e recusei-me a continuar apreciando o monumento. Condenei a obra como um todo, sem prestar atenção a todos os seus detalhes. Foi exatamente assim que lidei com as coisas de Deus".

A sra. Smith disse-me que o marido fora sempre muito cáustico em relação à doutrina das penas eternas. Mas, naquele dia, enquanto voltavam a pé para casa, ele disse que, pela maneira como tratara Deus e as coisas espirituais, merecia a condenação eterna. Sua conversão foi muito evidente e determinada. Passou a defender fervorosamente a causa de Cristo e a participar, de todo o coração, na obra do avivamento. Afiliou-se à igreja e, pouco depois, tornou-se diácono. Foi um obreiro dedicado até a morte.

Depois da conversão do sr. Smith e do grupo de jovens ao qual me referi anteriormente, pensei que chegara a hora de fazer cessar a oposição movida pela igreja batista e seu pastor. Primeiro, tive uma entrevista com o diácono da igreja batista que se havia mostrado um ferrenho inimigo da obra. Disse-lhe: "É hora de o irmão acabar com essa oposição ao avivamento. Creio que já foi longe demais, pois não deve mais ter dúvida de que esta obra é de Deus. Nunca mencionei em público a resistência promovida pelo irmão, por algum membro de sua igreja ou pelo seu pastor. Não quero ser obrigado a fazê-lo, nem mesmo sugerir que estejam trabalhando contra o avivamento. Mas, como o irmão já ultrapassou os limites, caso não mude de atitude vou considerar meu dever enfrentar a situação e desmascarar do púlpito sua oposição". A situação chegara a tal ponto que eu tinha certeza de que tanto Deus quanto o público me apoiariam naquela decisão, caso os batistas continuassem a demonstrar seu antagonismo.

O diácono então confessou seu erro, pediu desculpas, prometeu que se retrataria publicamente e que não mais se oporia ao avivamento. Disse que cometera grande erro e que fora enganado, mas declarou que agira com muita maldade. Em seguida, foi buscar o pastor e conversei longamente com ambos. O pastor também confessou que agira de maneira errada, que havia sido enganado e que fizera papel de ímpio, levado pelo preconceito. Esperava que eu o perdoasse e iria orar para que Deus o perdoasse também. Prometi-lhe que não faria nenhuma alusão à oposição que recebera da parte da igreja batista, contanto que fizessem cessar aquela resistência. E eles prometeram fazer isso.

Em seguida, declarei: "Um número considerável de jovens, cujos pais pertencem à sua igreja, converteram-se". Se não estou enganado, até aquele momento quarenta jovens já se haviam convertido por obra do avivamento. Continuei: "Agora, se vocês, batistas, persistirem em fazer proselitismo, estarão ofendendo profundamente os presbiterianos, fazendo nascer entre as duas igrejas um sentimento de sectarismo, que será pior que qualquer oposição que já tenham feito. A despeito de sua resistência, a obra tem continuado porque os irmãos presbiterianos têm-se mantido livres do espírito sectário e demonstram possuir espírito de oração. Se vocês, no entanto, continuarem com o proselitismo, isso afastará das igrejas o espírito de oração e fará cessar imediatamente o avivamento". O pastor respondeu que sabia disso, prometendo que nada falaria a respeito do acolhimento daqueles convertidos. Não abriria as portas de sua igreja para eles enquanto durasse o avivamento, mas, deixaria que se afiliassem à igreja que quisessem. Respondi-lhe que era exatamente isso o que eu desejava.

Isso foi combinado na sexta-feira e sábado era dia da assembléia mensal da igreja batista. Depois de reunidos, o pastor, em vez de cumprir sua palavra, abriu as portas da igreja, chamou os novos convertidos e convidou-os a dar testemunho público de sua experiência, levando-os a afiliarem-se à igreja. Todos os que foram persuadidos a fazer isso narraram sua experiência e no dia seguinte foi realizado um grande desfile para levá-los ao batismo. O pastor contou com a ajuda de um dos ministros batistas mais sectários que já conheci, o qual começou a pregar e ensinar sobre o batismo por imersão. Percorreram toda a cidade à procura de novos convertidos e sempre que encontravam algum que resolvesse acompanhá-los organizavam uma procissão, cantavam e marchavam até um lugar onde houvesse água para batizá-los. Isso ofendeu tanto a igreja presbiteriana que seu espírito de oração extinguiu-se e a obra parou de crescer. Durante seis

semanas, não houve uma única conversão. Agora todos, cristãos e não-cristãos, debatiam a questão do batismo, porque esse era o assunto das preleções daquele ministro sectário, o qual era um homem idoso.

Um número considerável de destacados homens da aldeia demonstraram estar possuídos de forte convicção espiritual e pareciam prestes a converterem-se, porém sua atenção foi desviada para a discussão a respeito do batismo. Esse parecia ser o efeito causado por aquela polêmica sobre toda a cidade. As pessoas podiam perceber que o avivamento fora interrompido e que os batistas, embora tivessem feito oposição ao avivamento desde o início, queriam agora que todos os convertidos se afiliassem à igreja deles. No entanto, penso que a maioria dos convertidos não concordavam em ser batizados por imersão, embora, de nossa parte, não houvesse nenhuma restrição a essa forma de batismo.

Finalmente, falei à congregação no domingo: "Os irmãos estão vendo a situação. O trabalho em busca de conversões foi interrompido e, pelo que sabemos, não tem havido mais conversão alguma nessas últimas seis semanas. E os irmãos sabem a razão disso". Não lhes contei que o pastor da igreja batista deixara de cumprir sua palavra, pois isso não seria de nenhum proveito. Pelo contrário, seria muito prejudicial deixar o povo ciente de que o pastor era o culpado por toda aquela situação. Em vez disso, propus à congregação: "Não quero usar o tempo reservado à pregação dominical para falar desse assunto. Se vocês quiserem estar aqui na quarta-feira, à uma da tarde, trazendo Bíblia e lápis para marcar as passagens que vamos estudar, lerei para vocês os textos bíblicos que se relacionam com *as formas* de batismo, de acordo com o que entendo. Apresentarei, também, os pontos de vista defendidos por nossos irmãos batistas a respeito dessas passagens, comparando-os com meu modo de pensar. Assim, poderão julgar por vós mesmos para saberem com quem está a verdade".

Na quarta-feira, o salão estava lotado. Notei que havia entre os presentes muitos irmãos batistas. Li todas as passagens que faziam alguma referência a formas de batismo, começando pelo Antigo Testamento e depois indo para o Novo. Apresentei a interpretação que os batistas faziam daqueles textos e os motivos que davam para isso. Em seguida, coloquei diante da congregação minha interpretação pessoal e as razões para defendê-la. Vi que causara boa impressão nos ouvintes. Não percebi nenhum espírito desfavorável entre eles e pareciam satisfeitos com minhas explicações. Descobri que havia levado exatamente três horas e meia para ler e explicar aquelas passagens das Escrituras. Pelo que fiquei sabendo, os irmãos batistas ficaram, também, satisfeitos por eu ter apresentado com imparcialidade e firmeza aquilo que eles mesmos colocariam como sua interpretação doutrinária, bem como as razões que tinham para isso. Antes de encerrar a reunião, comuniquei: "Se os irmãos quiserem estar aqui amanhã, no mesmo horário, à uma da tarde, lerei para vocês as passagens bíblicas que dizem respeito às *pessoas* que devem ser batizadas e tratarei o assunto da mesma forma em que tratei o de hoje".

No dia seguinte, o salão ficou mais lotado que na véspera — se é que isso era possível. Um número considerável dos mais destacados irmãos batistas estava presente e vi sentado na congregação aquele ministro idoso, o grande líder do proselitismo. Após a parte introdutória do culto, coloquei-me em pé e comecei a ler as passagens bíblicas que havia selecionado. Nesse momento, o pastor batista levantou-se e falou:

— Sr. Finney, tenho um compromisso assumido para agora e não posso permanecer aqui e ouvir o que o irmão vai ler. Mas, desejo responder às suas considerações. Poderia saber quais argumentos serão apresentados pelo irmão?

— Pastor, tenho diante de mim um pequeno esboço com todas as passagens que pretendo ler e com os assuntos que pretendo debater, colocados em ordem. Pode ficar com o esboço, se assim desejar e responder aos conceitos que anotei.

Em seguida, ele saiu — supus que para cumprir seu compromisso. Comecei, então, em Gênesis, abordando o assunto da aliança feita com Abraão e li tudo que o Antigo Testamento dizia sobre a relação das famílias e seus filhos com aquela aliança. Apresentei o conceito batista das passagens que lera lado a lado com minhas opiniões, com todos os prós e contras, conforme fizera no dia anterior. Em seguida, abri a Bíblia no Novo Testamento e passei a ler todas as passagens relacionadas com o assunto. Os ouvintes começaram a ser tocados e as lágrimas fluíram muito copiosamente quando exaltei aquela aliança, comparando-a com a aliança que Deus faz com os pais e seus familiares hoje. A congregação mostrou-se muito comovida.

Descobri que gastara, também, exatamente três horas e meia na leitura e exposição das passagens que diziam respeito às *pessoas* que devem ser batizadas. Pouco antes de eu terminar, um dos diáconos da igreja

presbiteriana precisou sair do salão, levando consigo uma criança que ali havia ficado sentada durante toda a reunião. Ele contou-me, posteriormente, que, ao sair para o saguão do templo, vira aquele pastor idoso sentado ali, escutando o que eu dizia pela porta semi-aberta e chorando copiosamente.

Terminada a palestra, as pessoas aglomeraram-se ao meu redor e agradeceram-me, com lágrimas, por aquela exposição tão clara e satisfatória do assunto. Devo dizer que estavam presentes à reunião não somente os cristãos, mas, também membros da comunidade em geral. As duas palestras deixaram decidida a questão do batismo. Fiquei sabendo que, enquanto o povo se retirava, um dos principais homens da aldeia, que fora espiritualmente convencido, mas, tivera a atenção desviada pelo debate a respeito do batismo, disse ao idoso ministro: "Pastor, o irmão deve estar envergonhado de si mesmo. Veio para cá como um mestre da religião, mas, sempre nos ensinou que a aliança feita com Abraão era uma aliança de obras, não de graça. Provocou toda essa agitação com sua ignorância a respeito dos ensinos bíblicos sobre o batismo. Como batista professo, o irmão demonstrou que não entende do assunto. Já tinha ouvido *o irmão* e agora ouvi o *sr. Finney* e ficou claro que o irmão está errado e que ele está com a razão".

Creio que aquele pastor saiu da região imediatamente. Que eu saiba, nenhum outro convertido foi afiliar-se à igreja batista. A questão foi solucionada com a devida compreensão de todos e logo ninguém mais falava no assunto. Poucos dias depois, a congregação voltou a viver em espírito de oração e o avivamento continuou avançando com grande poder. Não muito tempo depois, as ordenanças foram administradas e muitos dos convertidos afiliaram-se à igreja. Várias famílias batistas que haviam acompanhado meus estudos bíblicos vieram unir-se à igreja presbiteriana e batizei seus filhos menores.

Já dei a entender que estava hospedado na casa do sr. Benjamin Smith. Esse irmão tinha uma família muito interessante. Com a esposa, que todos chamavam Tia Lucy, ele não tinha filhos. No entanto, pelo desejo ardente que mantinham no coração, de tempos em tempos adotavam uma criança, até completar o número de dez. As crianças eram quase todas da mesma idade. Quando o avivamento começou, a família era formada pelo sr. Smith, por Tia Lucy e por dez jovens, penso que igualmente divididos entre moças e rapazes. Todos se converteram em pouco tempo, sendo que sua conversão foi notável.

Aqueles jovens tinham uma fé admirável e eram muito inteligentes. Depois que todos se converteram, passaram a ser a família mais feliz e adorável que conheci. Tia Lucy, no entanto, aceitara a Cristo antes do avivamento. Nunca experimentara o frescor, a força e a alegria dos que se converteram durante aquele período de grande poder. A fé, o amor, a alegria e a paz daqueles jovens colocaram-na num grande embaraço. Ela começou a pensar que nunca se convertera de fato e, embora se dedicasse de todo o coração àquela obra, nasceu em seu íntimo um sentimento de desespero que resistia a tudo que pudéssemos dizer ou fazer.

Esse fato trouxe muita dor e preocupação à família. O marido temia que ela enlouquecesse. Os jovens, que a tratavam como mãe, ficaram muito preocupados com ela e a casa encheu-se de tristeza. O irmão Smith passava muito tempo conversando e orando com ela na tentativa de reacender-lhe a esperança. Conversei com Tia Lucy em várias ocasiões. Contudo, diante da brilhante luz lançada ao seu redor pela experiência de conversão daqueles jovens e do que diariamente ouvia deles, ela não conseguia acreditar que já era convertida ou que pudesse converter-se. A situação continuou dia após dia, até eu mesmo achar que ela enlouqueceria.

A rua em que os Smiths moravam era cheia de casas, quase como uma aldeia de quatro quilômetros de comprimento. A obra do avivamento espalhara-se de tal maneira ali que, de toda a vizinhança, apenas uma pessoa não se convertera: um jovem chamado Bela Hough, que se opunha de modo insano ao avivamento. Quase todos estavam orando por ele e seu caso era comentado por praticamente todas as pessoas do lugar. Certo dia, entrei em casa e encontrei Tia Lucy muito preocupada com aquele jovem, falando ao sr. Smith:

— Que pena! Qual será o destino desse jovem? Ele certamente perderá sua alma!

Refleti sobre as palavras de Tia Lucy alguns momentos, depois olhei para ela com seriedade e falei:

— Quando você e Bela Hough morrerem, Deus terá de fazer um compartimento no inferno para que você fique separada dele.

Ela arregalou os grandes olhos azuis e dirigiu-me um olhar de reprovação:

— Que está dizendo, sr. Finney?!

— É isso mesmo — confirmei. — Você acha que Deus cometeria a grande injustiça de colocar você e Bela Hough no mesmo lugar? Aí está *ele*, enfurecido com Deus, enquanto *você* quase enlouquece de desgosto pelas blasfêmias que ele profere contra o Senhor e de preocupação com a alma dele. Ora, você acha que duas pessoas em situações tão opostas podem ser enviadas para o mesmo lugar?

Enfrentei com calma o olhar de reprovação da sra. Smith e encarei-a com firmeza. Momentos depois, suas feições relaxaram e ela conseguiu sorrir, pela primeira vez em muitos dias.

— É isso mesmo, querida — interferiu o sr. Smith. — Como você e Bela Hough podem ir para o mesmo lugar?

Ela riu e respondeu:

— Não podemos.

A partir daquele momento, seu desespero dissipou-se e ela passou a mostrar-se tão segura da salvação e feliz quanto os jovens ao redor dela. Mais tarde, Bela Hough converteu-se a Cristo.

A pouco mais de um quilômetro da casa do sr. Smith, morava um certo sr. Martin, universalista de tradição que mantinha distância de nossas reuniões. Certa manhã, o irmão Nash, que na ocasião estava hospedado comigo na casa do sr. Smith, levantou-se bem cedo, como sempre fazia e foi orar num bosque a uns 250 metros fora da estrada. O sol ainda não nascera e o irmão Nash, como de costume, estava profundamente concentrado na oração. Era uma daquelas manhãs de céu claro, em que os sons podem ser ouvidos a uma distância considerável. O sr. Martin, que bem no começo da manhã também se achava fora de casa, ouviu a voz do irmão Nash. Conforme declarou mais tarde, sabia que se tratava de oração, embora não percebesse nitidamente o que era falado. Mas, sabia o *que* era e *quem* era e foi como se uma flecha se alojasse em seu coração. Veio sobre ele a consciência de sua *realidade* espiritual, como até então nunca experimentara. Aquela flecha cravara-se em sua alma e ele não encontrou alívio até abraçar a fé em Jesus.

Não sei exatamente quantos se converteram durante aquele avivamento. Tratava-se de uma grande cidade agrícola, cujos habitantes desfrutavam de boas condições de vida. Estou certo de que a maioria deles converteu-se a Cristo na época. Conforme fui informado, os batistas demitiram seu pastor após minha partida, pois ele tornara-se mal visto por causa de sua postura diante do avivamento. Abriram mão das reuniões que eram feitas separadamente e passaram a realizar os cultos com os presbiterianos na mesma casa. Assim permaneceram, se não estou enganado, cerca de dois anos, até que voltaram a realizar os cultos em separado. Faz muitos anos que não visito aquela aldeia. Mas, recebo notícias freqüentes de lá e elas dão conta de que a situação espiritual se mantém saudável e que nunca mais houve debate a respeito do batismo.

As doutrinas ensinadas na promoção do avivamento eram as mesmas pregadas por mim em todos os lugares por onde eu passava: a total depravação moral e voluntária do homem não regenerado; a necessidade de uma mudança radical de mentalidade por meio da verdade e da operação do Espírito Santo; a divindade e humanidade de nosso Senhor Jesus Cristo; sua expiação vicária, suficiente para satisfazer todas as necessidades do ser humano; o dom, a divindade e a operação do Espírito Santo; o arrependimento, a fé, a justificação pela fé e a santificação pela fé; a persistência na santidade como condição para a salvação — na verdade, todas as doutrinas distintivas do evangelho foram apresentadas com tanta clareza, aplicação e poder quanto me era possível apresentá-las.

Prevalecia um espírito de oração. E, depois do debate sobre o batismo, passou a dominar, também, um espírito de unidade, amor fraternal e comunhão cristã. Finalmente, posso dizer que nunca censurei publicamente os irmãos batistas pela oposição que fizeram ao avivamento. Nas palestras que fiz a respeito do batismo, o Senhor capacitou-me a manter um ambiente espiritual, onde nenhum espírito de controvérsia prevaleceu. O debate não produziu nenhum mau resultado. Penso que dele só colhemos bons frutos.

MEMÓRIAS DE
CHARLES FINNEY

CAPÍTULO XI

AVIVAMENTO EM KALB

Partindo de Gouverneur, fui para De Kalb, aldeia que ficava uns 25 quilômetros mais para o norte. Ali havia uma pequena igreja presbiteriana que contava com a assistência de um ministro. Ele, porém, parecia não exercer muita influência sobre os membros da igreja. Creio, contudo, que era um homem bom. Comecei a realizar reuniões em várias partes de De Kalb. A aldeia era pequena e muitos habitantes da região moravam a consideráveis distâncias uns dos outros. A região era recém-povoada e as estradas, construídas pouco tempo antes, estavam em péssimo estado. Um avivamento, no entanto, começou imediatamente e progrediu com bastante poder, considerando-se as grandes distâncias que separavam os habitantes do lugar.

Poucos anos antes, ocorrera ali um avivamento dirigido pelos metodistas. Fora acompanhado com bastante emoção e com vários casos do que os metodistas chamavam *"cair no* poder de Deus". Os presbiterianos haviam resistido ao movimento e, como conseqüência, surgiu entre metodistas e presbiterianos um sentimento de hostilidade. Os metodistas acusavam os presbiterianos de terem rejeitado o avivamento por causa das pessoas que caíam "no poder". Pelo que consegui descobrir, existia verdade na acusação e os presbiterianos haviam decididamente incorrido em erro.

(Nota: Este tipo de "cair no poder" não é o mesmo fenômeno que ocorre hoje em certas igrejas desviadas, pois este povo realmente ficava sem forças após haverem tido alguma visão ou algo forte demais para eles - viam algo concreto. A visão era concreta e era similar ao que aconteceu com Daniel e outros que, após haverem visto algo concreto, ficavam sem forças. O que acontece hoje em muitas igrejas desviadas não é o mesmo fenômeno).

Certa noite, não muito tempo depois de eu ter começado a pregar na aldeia, pouco antes de encerrar meu sermão, vi um homem cair da cadeira perto da porta. As pessoas juntaram-se à sua volta para cuidar dele. Pelo que vi, tive a certeza de tratar-se de um caso de "cair no poder", conforme a expressão usada pelos metodistas, pelo que julguei que se tratava de um irmão daquela denominação. Confesso que receei assistir ao retorno do estado de divisão citado anteriormente. No entanto, tomei conhecimento de que quem era: fora um dos membros mais destacados da igreja presbiteriana. É digno de nota o fato de que, durante esse avivamento, tenham ocorrido vários casos semelhantes entre os presbiterianos e nenhum entre os metodistas. Esse fato gerou tantas confissões e esclarecimentos entre os membros de ambas as igrejas que nasceu entre eles um ambiente de grande cordialidade e bons sentimentos.

Foi durante os trabalhos evangelísticos que desenvolvi em De Kalb que conheci John Fine, de Ogdensburgh. Ele ouvira falar do avivamento que estava acontecendo em De Kalb e viera acompanhado de perto. Fine era um homem rico e muito benevolente. Ofereceu-se para sustentar-me financeiramente como missionário às cidades daquele condado. No entanto, eu não quis assumir o compromisso de pregar em locais predeterminados nem submeter meus trabalhos a determinadas diretrizes. O irmão Fine passou vários dias comigo, fazendo visitas de casa em casa e freqüentando nossas reuniões. Formara-se na Filadélfia e era presbiteriano da Escola Antiga, exercendo a função de presbítero em Ogdensburgh. Quando foi embora de De Kalb, deixou escrita uma carta, que me foi entregue pela dona da casa em que eu me hospedava.

Ao abrir a carta, encontrei dentro dela três cédulas de dez dólares. Poucos dias depois, o irmão Fine voltou a De Kalb e passou dois ou três dias conosco. Acompanhou nossas reuniões e demonstrava grande interesse

pela obra. Ao partir, deixou, como antes, outra carta contendo três cédulas de dez dólares. De posse dos sessenta dólares, comprei imediatamente uma carruagem leve, puxada por um só cavalo. Embora já tivesse o cavalo, até então não tinha conseguido comprar uma carruagem. Assim, minha jovem esposa e eu tínhamos de caminhar grandes distâncias até os locais de reunião.

O avivamento provocou grande despertamento na região e, a exemplo de outros irmãos, um dos presbíteros, cujo nome era Burnett, teve o coração transformado. Desfez-se do orgulho e passou por um processo de quebrantamento até que se tornou um homem humilde, muito melhor do que era. Dia após dia, o sentimento religioso se aprofundava na mente do povo.

Num sábado, pouco antes do entardecer, Father, um alfaiate alemão que também comercializava tecidos, vindo de Ogdensburgh, veio visitar-me e informou-me que Fine o enviara para que tomasse minhas medidas a fim de confeccionar um terno. Eu já havia sentido a necessidade de providenciar roupas novas, pois as minhas estavam ficando surradas. Até apresentara o problema a Deus, mas, havia-me esquecido disso. O irmão Fine, no entanto, percebera a condição de minhas roupas e enviara-me o alfaiate, que era católico romano. Convidei-o a passar o domingo comigo, podendo tirar as medidas na segunda-feira. "Já é tarde demais para você voltar esta noite. E, se eu deixar que você tire as medidas agora, só poderá voltar para casa amanhã", disse-lhe. Ele reconheceu que era essa sua intenção. Continuei: "Nesse caso, não vou deixar que faça o trabalho hoje. Se não quiser ficar até segunda-feira de manhã, não vou aceitar que tire as medidas". Ele resolveu permanecer ali.

Naquela tarde, outras pessoas chegaram de Ogdensburgh, aldeia que ficava junto ao rio St. Lawrence, 25 quilômetros mais para o norte. Entre os recém-chegados, estava o sr. Smith, presbítero na mesma igreja que o sr. Fine. O filho do sr. Smith, jovem ainda não convertido e vários outros jovens tinham vindo com ele, a fim de assistirrm à reunião. Smith participou do culto da manhã e foi convidado pelo presbítero Burnett para almoçar em sua casa. O presbítero Burnett era um homem cheio do Espírito Santo e, no caminho, pregou para o presbítero Smith, que na época achava-se muito frio e desinteressado das coisas espirituais. As palavras do sr. Burnett penetraram profundamente em seu coração. Pouco depois de entrarem em casa, foi posta a mesa para o almoço e eles sentaram-se para comer.

Quando se colocaram à mesa, Smith perguntou a Burnett:

— Como você conseguiu essa bênção?

— Parei de *mentir para Deus* — respondeu Burnett. E explicou: — Durante toda a minha vida cristã andei fingindo e pedia a Deus coisas que não estava realmente disposto a receber. Mas, continuava orando, igual a todo o inundo. Por isso, não era sincero e mentia para Deus. Tão logo tomei a decisão de não mais colocar diante Deus nenhum pedido em que não houvesse *sinceridade*, ele atendeu-me. E recebi a plenitude do Espírito Santo.

Nesse momento, o sr. Smith, que ainda não começara a comer, afastou a cadeira, caiu de joelhos e começou a confessar que também mentia para Deus e que era hipócrita em suas *orações* e em sua *vida.* O Espírito Santo caiu sobre ele imediatamente, enchendo-o com a plenitude divina.

Fiquei sabendo disso quando a congregação já estava reunida para o culto da tarde e eu, do púlpito, anunciava um hino. Com as janelas do salão abertas, pude ouvir que alguém se aproximava falando muito alto. Imediatamente, dois homens entraram no salão: o presbítero Burnett e outro senhor que me era estranho. Logo que entraram no salão, o segundo homem levantou os olhos para mim, subiu ao púlpito e, abraçando-me, exclamou: "Deus o abençoe! Deus o abençoe!". E começou a contar-me, diante da congregação, o que o Senhor acabara de fazer em sua vida. Suas feições brilhavam e sua aparência estava tão mudada que aqueles que o conheciam estavam atônitos com a transformação que presenciavam. Seu filho, ao ouvir o testemunho, levantou-se da cadeira e apressou-se a deixar a reunião. O pai exclamou: "Não saia, meu filho! Quero confessar que nunca o *amei* de verdade". O poder com que se expressava era espantoso. Os ouvintes sentiram-se tocados por suas palavras e seu filho experimentou um imediato quebrantamento.

Logo depois, o sr. Father, o alfaiate católico romano, levantou-se e declarou: "Preciso contar-lhes o que o Senhor fez em *minha* alma. Fui criado no catolicismo romano e nunca ousei ler a Bíblia. Diziam-me que, se a lesse, o Diabo literalmente me carregaria. Às vezes, quando arriscava olhar dentro dela, parecia que o Diabo olhava por cima de meu ombro, pronto para levar-me. Vejo, porém, que fui iludido". Ali mesmo,

passou a narrar a obra que Deus fizera em sua vida espiritual e os conceitos que o Senhor lhe transmitira a respeito do caminho da salvação em Cristo. Ficou evidente a todos que ele se convertera. Esse fato impressionou a congregação a ponto de eu não conseguir pregar. O culto já tomara o rumo que o Senhor impusera. Sentei-me e vi a salvação da parte de Deus. Pessoa após pessoa contava o que o Senhor fizera em sua vida e o trabalho continuou a desenrolar-se.

Durante toda aquela tarde, as conversões multiplicaram-se na congregação. À medida que uma pessoa após outra se levantava e contava o que o Senhor fizera e continuava a fazer em sua vida, aumentava a impressão que o momento causava sobre o povo. Posso dizer que poucas vezes presenciei um movimento tão espontâneo do Espírito Santo convencendo e convertendo os pecadores. No dia seguinte, o presbítero Smith voltou para sua cidade. Mas, fiquei sabendo que fez muitas visitas pelo caminho e que conversou e orou com muitas famílias. Assim, o avivamento estendeu-se até Ogdensburgh. Não faço idéia do número de conversões ocorridas naqueles dias, mas, grande parte dos colonos do novo município entregou sua vida a Jesus.

Nos primeiros dias de outubro, o sínodo a que eu estava filiado reuniu-se em Utica. Levei minha mulher comigo para que, além de participar da assembléia, pudesse visitar a família de seu pai que morava perto daquela cidade. O irmão Gale, meu professor de teologia, que saíra de Adams pouco tempo depois de eu deixar o lugar, passara a morar num sítio na cidade de Western, condado de Oneida, para recuperar a saúde e ocupava-se como professor de alguns jovens que pretendiam pregar o evangelho. Passei uns poucos dias na reunião do sínodo, empreendendo, depois, a viagem de volta com o propósito de passar pelo meu antigo campo de atuação, no condado de St. Lawrence.

Mal havíamos percorrido vinte quilômetros, encontramos o irmão Gale em sua carruagem, a caminho de Utica. Com um pulo, ele desceu da carruagem e disse: "Deus o abençoe, irmão Finney! Estava a caminho de Utica para ver o irmão. Precisa ir para minha casa e não aceito desculpas. Creio que nunca me converti e outro dia enviei uma carta para Adams, a fim de informar-me de seu endereço, pois queria abrir meu coração a respeito do assunto". Insistiu tanto comigo que consenti e fomos para Western.

Refletindo sobre o que escrevi a respeito dos avivamentos religiosos em Jefferson e no condado de St. Lawrence, não estou certo de ter ressaltado o suficiente e tanto quanto pretendia a atuação do Espírito Santo nesses lugares. Em tudo que vier a dizer sobre os avivamentos dos quais já participei, espero revelar de maneira clara os métodos neles utilizados, que se mostraram tão produtivos.

Já mencionei algumas vezes que um *espírito de oração* prevalecia nos avivamentos e era uma característica marcante desses movimentos. Era comum ver-se jovens convertidos sendo movidos a orar a favor da conversão das almas ao seu redor. Algumas vezes, eram constrangidos a orar noites inteiras ou até que suas forças se esgotassem. O Espírito Santo operava na mente dos cristãos, que pareciam assumir a responsabilidade de zelar pelas almas. Vigiavam com o máximo de empenho os próprios pensamentos, palavras e ações. Era muito comum, quando se reuniam em algum lugar, todos caírem de joelhos e entregarem-se à oração, em vez de ficarem conversando.

Além de as reuniões de oração se multiplicarem grandemente, de serem bem concorridas e de haver grande espiritualidade nelas, um espírito poderoso de oração envolvia cada cristão particularmente. E muitos deles dedicavam longas horas à oração. Também era comum ajuntarem-se de dois em dois para tomar posse desta promessa: "Também lhes digo que se dois de vocês concordarem na terra em qualquer assunto sobre o qual pedirem, isso lhes será feito por meu Pai que está nos céus" (Mt 18.19). Os que assim combinavam iam juntos a um lugar isolado orar por determinada pessoa. E era maravilhoso ver como sua oração era atendida pelo Senhor. Os resultados de tais orações eram tão notórios que ninguém podia negar que o Senhor estava atendendo àqueles pedidos de dia em dia, de hora em hora.

Caso alguma coisa ameaçasse prejudicar a obra que se realizava, se fosse percebida a mínima aparência de que estava brotando entre os crentes alguma raiz de amargura ou a mínima tendência para o fanatismo ou para a desordem, os cristãos alarmavam-se e, de imediato, iam buscar na oração a direção e o controle divinos para todas as coisas. Muitas vezes, os meios que Deus utilizava para remover obstáculos do caminho, em resposta às orações, eram surpreendentes.

Quanto à minha experiência, posso dizer que, se eu não tivesse o espírito de oração, nada teria realizado. Se eu passasse um só dia ou hora sem esse espírito de graça e de súplica, logo me sentia incapaz de pregar com poder e eficácia ou de conquistar almas pelo testemunho pessoal. E, até agora, minha experiência tem sido a

seguinte: tenho mais poder ou menos poder na pregação e na obra pessoal na medida exata do espírito de oração que prevalece em mim. Descobri que, a não ser que mantivesse um relacionamento com Deus que me permitisse o acesso constante a ele em oração, meus esforços para ganhar almas eram inúteis. Mas, enquanto prevalecia esse espírito de intercessão, os resultados eram surpreendentes na pregação, na exortação e no testemunho de vida.

Já mencionei que meu último campo de trabalho no condado de St. Lawrence foi De Kalb e que o avivamento ali foi poderoso entre a população espalhada por aquela região recém-colonizada. Várias semanas antes de partir de De Kalb para participar do sínodo no condado de Oneida, fui poderosamente usado na oração e passei por uma experiência que, na ocasião, era relativamente nova para mim. Vi-me tão sobrecarregado com o peso das almas que fui constrangido a orar sem cessar. Não conseguia sentir sossego em casa e era obrigado a recolher-me ao celeiro, mesmo durante o dia, para orar. Ali podia aliviar os fardos de minha alma e derramar meu coração diante de Deus.

Naquele período, Deus fez-me desenvolver uma fé maravilhosa e passei por experiências que me deixaram alarmado. Quando estava sozinho, esforçava-me e lutava e minha fé vinha à tona a ponto de sentir-me encorajado a exigir que Deus atendesse à minha oração com base em sua promessa e a dizer que não aceitaria dele uma resposta negativa. Sentia-me perturbado a ponto de empregar linguagem contundente diante de Deus. Tinha tanta certeza de que ele me atenderia e de que a fidelidade dele às suas promessas e a si mesmo tornava impossível que não me escutasse que não raras vezes fui surpreendido falando-lhe desta maneira: "Espero que não imagines que eu vá aceitar uma recusa tua. Tenho em minhas mãos tuas fiéis promessas e não podes negá-las a mim". De tal maneira o Espírito de Deus aplicava suas promessas à minha mente e me revelava o real significado de cada uma delas que pude aplicá-las de modo eficaz à minha vida.

Desde que me converti realmente, passei a permitir que em minhas orações o Espírito me fizesse desenvolver grande apreço pelas promessas divinas, o que nunca teria alcançado apenas por meio dos estudos. O Espírito ensinava-me a aplicar as promessas de tal forma que descobri que elas tinham significado muito maior do que a letra podia revelar. Constatei que os escritores do Novo Testamento, muitas vezes, citavam as promessas do Antigo Testamento de um modo que elas se tornavam bem mais abrangentes que o eram originariamente. Minha experiência em De Kalb foi extraordinária quanto a isso.

Não posso dizer até que ponto a incredulidade me parecia absurda e até que ponto eu tinha certeza de que Deus atenderia às minhas orações — especialmente as proferidas por mim em grande agonia e fé, dia após dia, hora após hora. Não fazia idéia de como seria a forma, a hora ou o local em que a resposta chegaria. Mas, tinha a impressão de que ela era iminente e sentia-me fortalecido na vida espiritual. Vestia a armadura para um forte conflito contra os poderes das trevas enquanto esperava acontecer, sem demora, um novo e poderoso derramamento do Espírito de Deus.

CAPÍTULO XII

AVIVAMENTO EM WESTERN

Já me referi à visita que fiz a Western ao regressar do sínodo de Utica. Foi quando começou aquela série de avivamentos que posteriormente ficaram conhecidos como os avivamentos do Oeste. Pelo que eu saiba, eles atraíram primeiro e principalmente a atenção e a oposição do sr. Nettleton e do dr. Beecher, que deram o grito de alerta contra o que chamavam Novos Métodos. Os que trabalhavam com bravura na obra jamais conseguiram saber de onde havia surgido a oposição. Tínhamos certeza de que os irmãos foram enganados pelas informações falsas que lhes chegaram de algum lugar. Nós os considerávamos homens bons e leais, mas, sabíamos que alguém lhes passava informações distorcidas.

Não vou mencionar aqui os esforços que fizemos para descobrir os autores das cartas, ou seja lá o que tenha sido, que levaram aqueles irmãos a opor-se publicamente ao avivamento. De qualquer forma, não descobrimos nada. As igrejas da região eram quase todas presbiterianas. No entanto, havia no condado três pastores congregacionais que formavam a chamada Associação de Oneida, que publicou, na época, um panfleto contra o avivamento. Pelo menos disso tínhamos conhecimento, mas, os panfletos não causaram nenhuma impressão sobre o público, pois ninguém comentava o assunto. No entanto, achávamos que a referida associação tinha muita coisa que ver com a oposição levantada no Leste.

O líder do grupo, rev. William R. Weeks, conforme era conhecido, abraçava e propagava as doutrinas estranhas do dr. Emmons, insistindo muito no que chamava "esquema da eficiência divina". Percebíamos que suas opiniões quanto a esse assunto o levavam naturalmente a considerar suspeito tudo quanto, nas pregações e nos meios usados para promover o avivamento, ia de encontro às idéias que ambos difundiam. Parecia rejeitar qualquer conversão que não levasse a pessoa a ter o mesmo ponto de vista que eles acerca da soberania divina. Como não tínhamos a mínima simpatia por aquelas opiniões, era muito natural que ele desconfiasse das coisas que via acontecerem em nosso meio. No entanto, nunca imaginamos que a oposição movida pelo irmão Nettleton e pelo dr. Beecher tivesse origem nas objeções levantadas pelos membros da referida associação.

Nenhuma resposta pública foi dada às cartas do dr. Beecher que chegaram à imprensa nem a qualquer outra coisa que fosse publicada em oposição ao avivamento. Estávamos ocupados demais com o trabalho espiritual e tínhamos as mãos demasiadamente ocupadas e o coração transbordante, por isso não podíamos desviar nossa atenção para aquelas publicações que descreviam de forma distorcida a natureza da obra. O fato de não darmos nenhuma resposta aos ataques fez com que o povo que morava à distância, sem contato direto com o avivamento, tivesse uma falsa impressão do caráter dos irmãos. Assim, divulgaram-se conceitos errôneos de bons homens ligados ao avivamento, a tal ponto que grandes desordens se manifestavam entre eles e muita coisa deplorável acontecia.

Tudo isso, porém, foi puro engano. Vou relatar, com toda a isenção possível, as características dos avivamentos e os métodos utilizados na sua promoção e revelar, com o melhor de minha capacidade, seu verdadeiro caráter e resultados. Estou consciente da existência de multidões de testemunhas vivas que podem comprovar a veracidade de minhas palavras ou corrigir-me se, em alguma coisa, estiver errado.

Agora passarei a relatar o que aconteceu em Western, onde, pela primeira vez, ocorreu um avivamento no condado de Oneida. Já fiz menção ao fato de o irmão Gale ter mudado para uma fazenda em Western; ali, ele empregou alguns jovens para ajudar a cultivar a fazenda e ocupou-se, também, de ensiná-los, além de tentar recuperar a saúde. Fui diretamente à sua casa e fiquei sendo seu hóspede durante várias semanas. Segundo me recordo, chegamos ali numa quinta-feira e na tarde daquele dia havia uma reunião de oração marcada nas instalações da escola que ficava perto da igreja. Não havia ali nenhum ministro residente e o irmão Gale não conseguia pregar — realmente, ele não mudara para lá como pregador, mas, unicamente por motivo de saúde. Acredito que nunca houvera ali um ministro, a não ser em tempo parcial e, durante algum tempo antes de minha ida para lá, não havia pregações regulares na igreja presbiteriana. Nessa igreja, havia três presbíteros e uns poucos membros, mas, a igreja era muito pequena e, a vida espiritual, pouco desenvolvida. Parecia não haver vida, nem coragem, nem dinamismo da parte dos cristãos e nada estava sendo feito para que fosse confirmada a conversão dos ímpios e nem a santificação da igreja.

Depois do almoço, o irmão Gale convidou-me para a reunião de oração e atendi ao convite. Quando lá chegamos, os irmãos pediram que eu assumisse a direção da reunião, mas, recusei-me dirigi-la, porque imaginava que só estaria ali aquela tarde e preferia escutá-los orar e falar, em vez de participar efetivamente da reunião. Um dos presbíteros iniciou o culto lendo um capítulo da Bíblia. Depois, foi cantado um hino. Seguiu-se uma longa oração, que não posso de fato definir como oração, exortação ou narrativa. A pessoa que orou contou ao Senhor que realizavam aquela reunião todas as semanas, durante muitos anos, sem receber nenhuma resposta às suas orações. Fiquei grandemente chocado com aquelas declarações.

Terminada a oração, outro presbítero tomou o lugar. Ele dirigiu os cânticos e entregou-se a outra oração prolongada, na qual repassou quase a mesma ladainha, com declarações que complementaram o que o primeiro omitira. Orou, então, o terceiro presbítero, seguindo a mesma linha. Àquela altura, eu podia dizer, como Paulo, que meu espírito estava profundamente indignado. Haviam chegado ao fim e estavam para encerrar a reunião. Mas, um dos presbíteros pediu-me que desse uma palavra antes do encerramento. Coloquei-me em pé e aproveitei, como texto, as declarações dos presbíteros. Pareceu-me que Deus me inspirara a examiná-los de modo extraordinário.

Quando me coloquei em pé, não tinha a mínima idéia do que falaria, mas, o Espírito de Deus veio sobre mim com tamanho poder que retomei as orações, declarações e confissões que haviam feito e comecei a analisá-las minuciosamente. Desmascarei cada uma delas e perguntei aos presbíteros se haviam combinado fazer aquela reunião para zombar de Deus, ao concluir que toda a culpa pelo que se passava ali devia ser atribuída à soberania divina.

De início, notei que todos pareciam zangados. Alguns deles, mais tarde, disseram que estavam a ponto de levantar-se e sair. Mas, fui seguindo o caminho de tudo que fora dito nas orações, até que o presbítero que iniciara a reunião irrompeu em lágrimas e exclamou: "Irmão Finney, essa é a pura verdade!" Em seguida, caiu de joelhos e chorou em voz alta. Foi o sinal para o quebrantamento geral. Homens e mulheres colocaram-se de joelhos. Talvez não houvesse na reunião mais que uma dúzia de pessoas, porém eram as mais influentes na igreja. Todos choraram, confessaram e quebrantaram o coração diante de Deus. A cena continuou, creio eu, por uma hora e raras vezes presenciei quebrantamento semelhante.

Tão logo se recuperaram, rogaram-me que ficasse até domingo para entregar-lhes a mensagem. Senti que se tratava da voz do Senhor e concordei em permanecer ali. Isso aconteceu na noite da quinta-feira. Na sexta-feira, minha mente estava grandemente perturbada. Fui várias vezes à igreja para orar em particular e mantive naquele dia intensa comunhão com Deus. A notícia espalhou-se e, no domingo, a igreja estava lotada. Preguei o dia inteiro e Deus desceu com grande poder sobre a congregação. Ficou manifesto diante de todos que a obra da graça começara ali. Aceitei convites para pregar em várias partes da cidade durante a semana, em instalações escolares, no centro e a obra propagou-se, dia após dia.

Nesse mesmo tempo, senti minha mente mais inclinada à oração e descobri que o espírito de oração predominava ali, principalmente entre as irmãs. Descobri que a sra. Brayton e a sra. Harris, ambas casadas com presbíteros da igreja, estavam muito envolvidas na oração. As duas tinham filhos não convertidos ainda e mantinham-se tão firmes na intercessão por eles que, para mim, já era o sinal da promessa da conversão de seus filhos. A sra. Harris, no entanto, tinha a saúde muito frágil e havia muito tempo não se arriscava a sair para uma reunião na igreja. No entanto, como naquele dia o tempo estava bem agradável, ela estava presente na reunião a que me referi e parecia ter captado a inspiração que tomara conta do culto, levando-a para casa consigo.

Creio que foi na semana seguinte que passei em casa do sr. Harris e vi que ele estava pálido e agitado. "Irmão Finney, acho que minha esposa vai morrer. Está com a mente tão atormentada que não consegue repousar, nem de dia nem de noite, entregando-se inteiramente à oração. Passa a manhã inteira no quarto, gemendo e debatendo-se enquanto ora e temo que isso acabe com suas forças", disse-me. Tendo ouvido minha voz na sala, a sra. Harris saiu do quarto. Em seu rosto havia um brilho celestial, que parecia não ser deste mundo. Suas feições estavam iluminadas com uma esperança e com uma alegria que evidentemente provinham dos céus. Ela exclamou: "Irmão Finney, o Senhor chegou até nós! Essa obra irá espalhar-se por toda a região! Uma nuvem de misericórdia paira sobre nós e veremos tão grande obra de graça, como jamais presenciamos". O marido parecia surpreendido e confuso, sem saber o que dizer. Era novidade para ele, mas, não para mim. Já vira cenas semelhantes e tinha certeza de que o espírito de oração prevalecia ali.

A obra continuou, propagou-se e deu bons resultados, até que comecei a ter inconfundíveis indicações do Espírito de Deus de que estava na hora de partir. Rome ficava a quase 15 quilômetros dali. A meio do caminho, havia uma pequena aldeia chamada Elmer's Hill. Ali havia uma escola, um prédio grande onde passei a pregar semanalmente e logo ficou evidente que a obra se propagava em direção a Rome e Utica. Cerca de quatro quilômetros a nordeste de Rome, havia um povoado de nome Wright's Settlement. Um grande número de pessoas vinha de Rome e de Wright's Settlement para participar das reuniões em Elmer's Hill e, em pouco, tempo a obra surtiu efeito entre eles.

Preciso, no entanto, relatar uns poucos incidentes que ocorreram no avivamento em Western. A sra. Brayton, esposa de um dos presbíteros, a quem já me referi, tinha uma família grande. Seus filhos não eram convertidos ainda. Pelo que entendi, um dos rapazes, que morava em Utica, professava a religião. O restante morava em casa. Tratava-se de uma família muito amável e a filha mais velha, em especial, era notoriamente considerada pela família um modelo de virtude. Fui à casa deles várias vezes para conversarmos, mas, percebi que a família mostrava-se tão sensível às opiniões da moça que não consegui desfazer seu conceito a respeito dela. Era óbvio que fora levada a crer que era uma crente quase perfeita. Sua vida era tão irrepreensível que havia dificuldade em convencê-la de pecado. A segunda filha também era uma moça muito simpática, mas, não se considerava à altura da mais velha quanto à amabilidade e ao caráter.

Certo dia, enquanto eu falava com Sarah, a mais velha, na tentativa de levá-la a ver a si mesma como grande pecadora a despeito de sua moralidade, Cynthia, a segunda filha, disse-me: "Sr. Finney, acho que está sendo severo demais com Sarah. Se o senhor falasse assim *comigo,* eu acharia que era merecedora; mas, não acho que *ela* mereça ouvir isso". Derrotado em várias tentativas de convencer Sarah e levá-la à conversão, resolvi aguardar o momento certo e aproveitar alguma oportunidade quando a encontrasse fora de casa ou sozinha.

A oportunidade de encontrá-la longe de casa não se fez esperar muito. Conversei com ela e, com a ajuda de Deus, consegui que fosse removida de seu coração aquela casca de hipocrisia e Sarah foi poderosamente convencida de pecado. O Espírito tocou-a com grande poder.

A família ficou surpreendida e muito aflita por causa de Sarah, mas Deus foi trabalhando a consciência dela, até que, depois de uns poucos dias de resistência, ela mostrou-se totalmente quebrantada e veio a participar do Reino — talvez a mais admirável conversão que testemunhei. Suas convicções eram tão firmes que, quando realmente se converteu, mostrou-se forte na fé e cristalina na compreensão do dever e da verdade. Tornou-se imediatamente uma grande potência para o bem entre suas amigas e conhecidas.

Contudo, Cynthia, a segunda filha, ficou alarmada quanto à própria condição e demonstrou estar muito ansiosa pela salvação. A mãe, a sra. Brayton, parecia lutar dia e noite pela alma dela. Minhas visitas à família eram diárias, até duas ou três vezes no mesmo dia. Os filhos convertiam-se um após o outro e esperávamos, dia após dia, ver Cynthia apresentar-se como convertida. No entanto, por razões desconhecidas, ela relutava. Tornou-se claro que ela estava resistindo ao Espírito.

Certo dia, encontrei-a sentada sozinha na sala. Perguntei como estava passando e ela respondeu: "Sr. Finney, estou perdendo minha convicção. Não me sinto mais tão preocupada com meu destino espiritual". Nesse momento, abriu-se uma porta e a sra. Brayton entrou na sala. Contei-lhe o que Cynthia acabara de dizer e a mãe ficou tão chocada que caiu prostrada no chão, gemendo em voz alta. Não conseguia levantar-se e havia tanto sofrimento em sua súplica que não tive dúvidas de que Cynthia precisava converter-se naquele momento. A sra. Brayton não conseguia dizer muita coisa, mas, seus gemidos e lágrimas testemunhavam extrema agonia de espírito. Tão logo essa cena se desenrolou, o Espírito de Deus veio manifestamente sobre Cynthia e ela caiu de joelhos. Antes mesmo de levantar-se, mostrou ter sido quebrantada e tornou-se, pelo que sei, uma crente tão completa quanto Sarah. Assim, todos os filhos e filhas do casal Brayton converteram-se na época, menos a mais jovem, uma criancinha, que veio a converter-se depois. Um dos filhos do casal é pregador do evangelho há muitos anos.

Entre outros incidentes, lembro-me de uma jovem que residia numa parte distante da cidade e vinha ao culto no centro quase todos os dias. Conversando com ela várias vezes, percebi que estava profundamente convicta — quase desesperada, até. Dia após dia eu esperava receber dela a notícia de que se convertera, mas, ela permanecia estacionada em sua decisão, embora seu desespero aumentasse dia a dia. Sua atitude levou-me a suspeitar de que havia alguma coisa errada em sua casa. Perguntei-lhe se seus pais eram crentes e ela respondeu que eram membros da igreja. Perguntei-lhe se freqüentavam os cultos e ela respondeu que sim, aos domingos.

— Seus pais não participam de outras atividades na igreja?

— Não — respondeu ela.

— Sua família realiza o culto doméstico?

— Não, senhor — disse ela. — Já o fizemos, porém faz muito tempo que não realizamos mais esse tipo de reunião.

Aquela resposta revelou-me de imediato a pedra de tropeço. Perguntei-lhe quando poderia achar seu pai e sua mãe em casa. Ela disse que os pais raras vezes saíam de casa e podiam ser encontrados lá a qualquer momento. Fui visitar a família na manhã seguinte por considerar que era extremamente perigoso deixar o caso como estava. Penso que aquela jovem era filha única. Pelo menos, era a única que havia em casa. Achei-a naquele dia muito abatida e afundada no desespero, então falei à mãe:

— O Espírito do Senhor está lutando com sua filha.

Ela concordou, pois era o que também lhe parecia. Perguntei-lhe se estava orando pela filha e a resposta que me deu fez-me entender que ela nem sabia o que isso significava. Perguntei-lhe pelo marido. Respondeu que ele estava no campo, trabalhando. Pedi que o chamasse. No momento em que entrava, eu disse-lhe:

— Está vendo a situação de sua filha?

— Acho que ele está-se sentido muito mal — respondeu.

— E você está cuidando dela? Está em oração por ela?

A resposta revelou que, se algum dia ele foi convertido, agora não passava de um desviado sem a mínima comunhão com Deus. Perguntei:

— Então vocês não oram juntos, em família?

— Não, senhor.

— Pois bem! — retruquei. — Vejo que sua filha está curvada com o peso da convicção espiritual e fiquei sabendo que o problema está aqui, em sua casa. Vocês fizeram com que o Reino dos céus se fechasse contra vossa filha. Nem vocês entram, nem permitem que ela entre. A incredulidade e o mundanismo estão impedindo a conversão dela e arruinarão a alma de vocês. Vocês precisam arrepender-se. Não pretendo sair desta casa até que você e sua mulher se arrependam e deixem de ser pedras de tropeço para vossa filha. Vocês devem restabelecer o culto familiar, levantar o altar que foi derrubado. E agora, meu caro senhor, poderia, por favor, colocar-se de joelhos com sua mulher e orar? Prometam que a partir de agora cumprirão vosso dever de estabelecer o culto familiar e de buscar a Deus!

Fui tão sincero com eles que os dois começaram a chorar. Eu não estava brincando quando lhes disse que não sairia daquela casa até que se arrependessem e restabelecessem o culto familiar, tinha fé nisso. Estava convicto de que a obra precisava ser feita *naquela hora.* Ajoelhei-me e comecei a orar. Eles imitaram-me e choraram copiosamente. Confessei em nome deles o que podia e procurei levá-los a Deus, argumentando a favor deles. Foi uma cena comovente. O casal deu mostras de estar quebrantado e confessou seus pecados. Antes de nos levantarmos, a filha também alcançou libertação e converteu-se. Ao levantar-se, regozijava-se em Cristo. Muitas orações atendidas e muitas cenas interessantes aconteceram durante aquele avivamento.

Para a glória de Deus, não posso omitir o relato de um incidente vivido por mim mesmo. Durante o período que passei na casa o sr. Gale, eu pregava e orava quase continuamente. Tinha o costume de orar em voz alta. Para impedir que minha voz importunasse outras pessoas, estendi um couro de búfalo no celeiro e, quando não estava fazendo visitas ou pregando, passava ali boa parte do tempo em oração. O irmão Gale já me advertira várias vezes sobre o perigo de eu sofrer um esgotamento. Mas, o espírito de oração pairava sobre mim e eu não queria resistir a ele. Pelo contrário, entregava-me livremente à sua operação e derramava sem reservas minha alma diante de Deus.

Estávamos em Novembro e o frio estava chegando. O irmão Gale e eu havíamos passado o dia fora, usando a carruagem e o cavalo dele para visitar os interessados. Chegamos a casa e fomos até o estábulo acomodar o animal. Depois de tirar os arreios, em vez de entrar em casa, fui até o celeiro derramar minha alma sobrecarregada diante de Deus. Orei até sentir que o fardo fora tirado de mim. Sentia-me tão exausto que caí sobre o couro de búfalo e fui dominado pelo sono. Creio ter adormecido assim que senti a mente aliviada e percebi que o fardo desaparecera, a julgar pelo fato de não ter a mínima consciência de algum intervalo de tempo entre o fim da luta e o desmaio.

O irmão Gale entrou em casa e minha demora deixou-o alarmado. Ele subiu a escada do sótão e chamou: "Irmão Finney, o irmão *morreu?"* Acordei sem saber por que estava ali dormindo e sem a menor idéia de quanto tempo passara ali. Mas, de uma coisa eu sabia: minha mente estava calma e, minha fé, inabalável. Senti total confiança de que a obra progrediria.

Já mencionei o fato de ter sido ordenado por um presbitério. Isso aconteceu antes da divisão da igreja presbiteriana nas assembléias conhecidas como Escola Antiga e Escola Nova. A doutrina de Jonathan Edwards, no que se refere à capacidade e incapacidade moral e natural, era sustentada quase universalmente na região onde comecei meu ministério. Devo repetir também que, conforme orientação recebida do presbitério, o sr. Gale acompanhara-me, até certo ponto, em meus estudos teológicos e sustentava a doutrina da impossibilidade de o descrente obedecer a Deus. Esse assunto, do modo em que era por ele apresentado, bem como pela maioria dos ministros presbiterianos daqueles dias, dava a impressão de que a pessoa precisava esperar o tempo determinado por Deus para a salvação. Se ela pertencesse ao grupo dos eleitos, o Espírito de Deus, no momento prefixado, a converteria. Caso contrário, nada que ela mesma ou alguém pudesse fazer a seu favor lhe traria o benefício da salvação.

Sustentavam a doutrina de que a depravação era inerente ao gênero humano; que a vontade, embora estivesse livre para a prática do mal, era totalmente incapaz de praticar qualquer bem; que a obra transformadora do Espírito Santo era uma operação física na substância ou essência da alma; que o pecador era passivo no processo da regeneração, até que o Espírito Santo implantasse em sua natureza um novo

princípio e que todos os esforços empreendidos pelo homem mostravam-se inúteis; que, a rigor, não existiam *meios* de *regeneração,* pois, esta seria uma recriação da alma pela atuação do Espírito Santo; que a expiação era limitada aos eleitos; que a salvação dos não-eleitos era impossível.

Em meus debates com o sr. Gale, sempre sustentei o inverso de todas essas doutrinas. Afirmava que a depravação moral era forçosamente uma ***atitude*** voluntária da mente e que consistia na submissão da vontade à gratificação dos desejos ou, como a Bíblia se expressa, à concupiscência da carne, à medida que esta se opõe às exigências da lei de Deus. Para ser coerente com isso, sustentava que a influência do Espírito de Deus sobre nossa alma era *moral,* ou seja, *persuasiva;* que Cristo o representava como um mestre; que sua obra era convencer e converter o pecador por meio dos ensinos divinos e da persuasão moral.

Tinha, ainda, a convicção de que existiam *meios* de regeneração e que as verdades da Bíblia, pela própria natureza, tinham o propósito de levar o pecador a abandonar a iniqüidade e voltar-se para Deus. Sustentava, também, a necessidade de uma *adaptação dos meios ao fim pretendido:* a inteligência devia ser iluminada e o pecador precisava ser conscientizado sobre a enorme distância entre o que é considerado racional e a depravação moral. A ele devia ser revelado, com clareza, quão perverso é o pecado e quão desastrosas são suas conseqüências. Só assim o pecador entenderia a missão de Cristo, que então lhe poderia ser apresentada com toda a ênfase. Por esse método, a *tendência* seria ele converter-se a Cristo e, depois de ter feito isso com fé e oração, podíamos esperar que o Espírito Santo cooperasse conosco.

Além disso, sustentava que o Espírito Santo operava no pregador, revelando-lhe verdades e capacitando-o a apresentá-las na proporção e na ordem certas para levar os ouvintes à conversão. Compreendia então — como compreendo agora — que a incumbência e a promessa que Cristo fez aos apóstolos e à Igreja são aplicáveis nos dias atuais: "Vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt. 28.19,20).

No meu modo de ver, essa incumbência era entregue a *mim,* a *todos os ministros* e à *Igreja,* com a *promessa* de que, se nos lançássemos à obra com sinceridade de intenções e com um espírito de devoção, Cristo estaria conosco, por meio de seu Espírito e tornaria eficientes os esforços que empreendêssemos pela salvação das almas. Parecia-me, então, de acordo com o que sempre julguei, que a maior falha do ministério e da Igreja na promoção do Reino de Deus era, em grande medida, a falta de uma adaptação adequada dos meios àqueles fins. Ouvi os sermões do sr. Gale durante muitos anos e nunca vi em nenhum deles qualquer esforço para levar alguém à conversão.

Não me parecia que houvesse esse *propósito.* Descobri que podia dizer a mesma coisa a respeito de todos os outros sermões que ouvira.

Certa ocasião, falei com o sr. Gale a respeito disso. Disse-lhe que, em minha opinião, de todas as causas já pleiteadas, a causa espiritual tinha o menor número de defensores capazes e que, se os advogados adotassem o mesmo método dos que pleiteiam a causa de Cristo diante dos pecadores para defender seus clientes, jamais ganhariam uma causa. Naquela época, porém, o sr. Gale não conseguia enxergar isso. Sua opinião era que não havia a mínima conexão entre a regeneração e o modo de o Espírito Santo transformar o coração.

Para ilustrar o que estou dizendo, relato aqui a experiência que vivi no centro de um grande avivamento, pouco depois de começar a pregar, envolvendo um jovem aluno do seminário teológico de Princeton. O pastor que dirigira a igreja antes de mim, um senhor já idoso, morava ali e estava ansioso para ouvir uma pregação feita pelo jovem que chegara de Princeton. Na ocasião, a igreja não tinha pastor, de modo que eu era o único encarregado do púlpito e conduzia as atividades de acordo com meus critérios. Aquele pastor disse ter conhecido o jovem antes de ele cursar teologia e desejava muito verificar seu progresso. Por isso, pediu-me que o deixasse pregar. Respondi que receava entregar-lhe o púlpito, já que temia que ele viesse a prejudicar a obra, deixando de pregar o que o povo precisava ouvir. O ancião respondeu:

— Ele irá pregar a verdade. E, em matéria de religião, o irmão sabe, não há conexão entre os meios e os fins. Por isso, não há perigo de ele prejudicar a obra.

— A doutrina que defendo não é essa — retruquei. — Acredito haver tanta conexão entre os meios e os fins, em matéria de religião, quanto na natureza. Por isso mesmo, não posso permitir que ele pregue.

Com alguma freqüência, vejo-me obrigado a tomar atitudes como essa. E, às vezes, ao fazê-lo, alguém fica ofendido. Mas, não ouso agir de outra forma. Em meio a um avivamento espiritual, quando as almas

precisavam de atendimento bem específico, adaptado à condição e às necessidades do momento, sempre evitei a responsabilidade de colocar no púlpito alguém inclinado a pregar sermões grandiosos, pois com certeza não teria preocupação de adaptar-se às necessidades do povo. Por causa dessa atitude, sou acusado de achar que prego melhor que os outros.

Preciso confessar que, realmente, supunha atender às necessidades de minha congregação melhor que outros pregadores, que menos ou nada sabiam a respeito delas. Acreditava, também, que meus sermões eram mais proveitosos que os sermões lidos no púlpito. Por essa razão, achava que Cristo colocara a obra em minhas mãos, entregando-me a tarefa de adaptar os meios aos fins e que, por isso, não devia convocar pregadores alheios à situação para instruir os crentes. Agia tal como gostaria de ser tratado. Não me permitia chegar a um lugar onde outro pregador já estivesse trabalhando para promover o avivamento. Não ousava interferir quando pouco ou nada sabia a respeito do povo.

Já fiz menção ao fato de, em Western, eu ter sido hóspede do sr. Gale e de este ter chegado à conclusão de que nunca fora convertido. Ele revelou-me o que se passava em sua mente: acreditara piamente, conforme sempre insistira comigo, que Deus não abençoaria meus esforços na obra por eu não querer pregar o que ele considerava a verdade do evangelho. Já mencionei, também, que pouco tempo depois de eu ter recebido minha licença de pregador, preguei no púlpito do sr. Gale, apresentando meus conceitos sobre o evangelho e sobre como ele deveria ser pregado. Foi quando ele declarou que ficaria envergonhado se alguém soubesse que ele tivera participação em minha formação teológica.

Ele supunha (e insistia nisso) que eu não devia esperar a companhia do Espírito Santo em meus esforços na obra do Senhor. Mas, quando descobriu que o Espírito Santo realmente era a minha companhia constante na causa do evangelho, foi levado a crer que se enganara e isso levou-o a rever suas opiniões como pregador. Assim, chegou à conclusão de que nunca se convertera e que não entendia o evangelho. Durante o avivamento em Western, compareceu a quase todos os cultos e, depois de algumas semanas, contou-me que assumira outra atitude em relação à sua alma e mudara suas opiniões a respeito do evangelho, concluindo que eu estava com a razão. Disse dar graças a Deus por eu não me ter deixado influenciar pelas opiniões dele, pois meu ministério estaria arruinado. A partir de então, dentro dos limites de sua saúde, tornou-se um obreiro muito útil ao avivamento naquela região.

A doutrina que eu insistia em defender, segundo a qual a *ordem* de obedecer a Deus *implica capacidade* para assim fazer, criou em alguns lugares, de início, oposição considerável. Negar, também, a idéia de que a depravação *moral* era *física,* ou seja, da *natureza,* para afirmar, como eu fazia, que o pecado era inteiramente *voluntário,* além de acreditar na influência do Espírito para *ensinar, persuadir* e convencer e, logicamente, na influência *moral,* eram novidades doutrinárias para muitos. De fato, mais tarde, em 1832, quando eu atuava em Boston pela primeira vez, o dr. Beecher disse que nunca ouvira alguém pregar que a influência do Espírito fosse moral, opondo-se à influência física. Por isso, os ministros e os crentes em geral consideravam a doutrina da influência moral do Espírito uma negação total à obra do próprio Espírito.

Embora eu insistisse muitíssimo e incessantemente na atuação divina para a convicção e a regeneração, bem como para o exercício da fé cristã, demorou muito tempo até cessarem as acusações de que eu negava a obra do Espírito Santo na regeneração e na conversão. Diziam que eu ensinava que a pessoa se convertia *a si mesma* e se regenerava *a si mesma.* Não raramente eu era repreendido por dirigir-me ao pecador como se a culpa de sua impenitência fosse exclusivamente dele e por conclamá-lo à submissão imediata. Eu, porém, persistia nessa linha de pensamento e os ministros e os demais cristãos percebiam que Deus a confirmava como verdadeira e a abençoava com a salvação de milhares de almas. Terei ocasião, em outros contextos, de voltar ao assunto, por isso irei deixá-lo de lado, no momento, a fim de continuar minha narrativa.

Já mencionei o fato de os habitantes de Rome e Wright's Settlement comparecerem em grupos numerosos às reuniões realizadas em Elmer's Hill e também falei do efeito da Palavra sobre eles. Para mim, essa era a indicação de que o avivamento caminhava rapidamente naquela direção.

CAPÍTULO XIII

O AVIVAMENTO EM ROMA

Nesse período, o rev. Moses Gillett, pastor da Igreja Congregacional em Rome, ao ficar sabendo o que o Senhor estava realizando em Western, veio acompanhado pela srta. Huntington, uma das irmãs de maior destaque em sua igreja, a fim de ver a obra de perto. Os dois ficaram impressionados com o que viram. Percebi que o Espírito de Deus os comovia até os alicerces mais profundos do coração. Poucos dias depois, o irmão Gillett e a srta. Huntington voltaram a Western.

A srta. Huntington era uma jovem cristã muito devota e sincera. Nessa segunda visita, disse-me o irmão Gillett: "Irmão Finney, parece-me que recebi uma Bíblia nova. Não conseguia entender as promessas como as entendo agora. Nunca as havia sentido ao meu alcance. Não consigo descansar, pois minha mente transborda com o assunto e as promessas são novas para mim". Essa conversa prolongou-se por algum tempo e entendi que o Senhor preparava o rev. Gillett para uma grandiosa obra em sua congregação.

Pouco depois, quando o avivamento estava em pleno vigor em Western, o sr. Gillett convenceu-me a trocar de púlpito com ele por um dia. Consenti, mas aceitei com relutância. No sábado anterior ao dia em que faríamos a troca, já a caminho de Rome, lastimei ter concordado em fazer a permuta. Achava que prejudicaria grandemente a obra em Western, porque o irmão Gillett pregaria seus sermões à maneira tradicional, os quais, conforme eu bem sabia, não atenderiam às necessidades do povo. No entanto, eu sabia que os membros da igreja estavam orando e que a troca de púlpitos não faria cessar a obra, embora talvez a *retardasse.*

Fui a Rome e preguei três vezes no domingo. Para mim, ficou perfeitamente claro que a Palavra surtiu grande efeito. Percebi que muitas cabeças baixavam e muitas pessoas andavam encurvadas sob profunda convicção de pecado. De manhã, preguei sobre este texto: "A amizade com o mundo é inimizade com Deus" (Tg 4.4). À tarde e à noite, abordei temas semelhantes, mas não recordo os textos utilizados. Na segunda-feira de manhã, esperei até que o irmão Gillett voltasse de Western e relatei-lhe minhas impressões a respeito da congregação. Ele não parecia convencido de que a obra estava começando com tanto poder quanto eu supunha. Mas, queria fazer um apelo aos interessados e fazia questão que eu estivesse na reunião.

Já fiz menção aos recursos que eu empregava na promoção dos avivamentos: muita oração — em particular e em público — pregação a grupos de pessoas, conversas pessoais e visitação de casa em casa. Tudo era feito com o mesmo propósito e, quando o grupo de interessados se tornava muito grande, eu marcava reuniões especiais e convidava-os a comparecerem. Então, dava-lhes instruções que supriam diretamente suas necessidades. Esses eram os *únicos* meios que eu utilizara até então para levar almas a Cristo. O irmão Gillett, sabendo disso, pretendia convocar a reunião, requerendo, para isso, minha presença. Confirmei minha presença e pedi-lhe que fizesse circular um aviso pela aldeia de que haveria na segunda-feira à noite uma reunião para os interessados no avivamento. O plano era eu ir a Western e voltar ao entardecer para pegar o povo de surpresa. Ficara combinado que o pastor Gillett não informaria o povo de que eu estaria presente. A reunião seria realizada na casa de um dos diáconos.

Quando chegamos, vimos que a grande sala de visitas, que ficava na parte anterior da casa, estava lotada até sua capacidade máxima. O sr. Gillett olhou ao redor, surpreso e obviamente agitado, porque descobriu que os membros de maior influência de sua congregação estavam ali, bem como os jovens da melhor camada social da cidade. Passamos algum tempo tentando conversar com eles, mas, logo percebi sentimentos tão profundos que havia o perigo de uma explosão incontrolável de emoções. Por isso, falei ao sr. Gillett: "Não é viável continuar a reunião nestas condições. Farei algumas observações que julgo necessárias e depois encerrarei a reunião. Vou exortá-los a dominar seus sentimentos de maneira que, ao voltarem para casa, não andem gritando pela rua".

Nada fora dito ou feito para suscitar o emocionalismo naquela reunião. Todos os sentimentos brotaram espontaneamente. A obra foi feita com tanto poder que poucas palavras bastaram para levar os homens mais fortes a contorcerem-se nos assentos como se uma espada lhes tivesse atravessado o coração.

Era impossível, para quem nunca havia tido semelhante experiência, dar-se conta do poder da verdade nas mãos do Espírito Santo. Era realmente uma espada e uma espada de dois gumes. A dor que ela produzia ao esquadrinhar a alma, com poucas palavras, gerava uma aflição quase insuportável. O sr. Gillett ficou muitíssimo agitado. Pálido e muito inquieto, perguntava:

— O que faremos? O que faremos? Coloquei a mão em seu ombro e sussurrei:

— Fique calmo. Fique calmo, sr. Gillett.

Passei, então, a dirigir-me àquelas pessoas com a máxima suavidade e clareza. Chamei-lhes a atenção indicando-lhes o único remédio e assegurando que esse remédio estava sempre à disposição e era totalmente eficaz. Indiquei-lhes Cristo como Salvador do mundo e esforcei-me para que entendessem o que lhes dizia, enquanto eles pudessem suportar — o que realmente durou pouco tempo. O irmão Gillett ficou tão agitado que fui até ele e, tomando-o pelo braço, falei: "Vamos orar!" Ajoelhamo-nos no centro da sala e comecei a orar em voz baixa, sem paixão, mas intercedendo junto ao Salvador para que ele, pelo poder de seu sangue, levasse todos aqueles pecadores a aceitar salvação.

A agitação aumentava a cada momento e já se podia ouvir nitidamente os soluços, os suspiros e a respiração profunda das pessoas ali reunidas. Por isso, encerrei a oração e levantei-me rapidamente. Todos colocaram-se de pé e falei: "Agora, por favor, voltem para casa, sem trocar uma palavra uns com os outros. Não digam nada. Procurem manter silêncio, sem deixar que haja entre vocês manifestações barulhentas de emoção. Já que não podem dirigir-se uns aos outros sem controlar a emoção, não troquem uma palavra sequer enquanto retornam para casa".

Nesse momento, um jovem chamado Wright, funcionário da loja do sr. Huntington, um dos jovens mais destacados da região, quase desmaiou, a ponto de apoiar-se nos jovens que estavam perto dele. Mas, eles tiveram, também, uma espécie de desmaio e todos caíram juntos. A cena provocou alguns gritos, mas, fiz com que todos se aquietassem e disse aos jovens: "Por favor, abram bem aquela porta e deixem que todos saiam em silêncio". Eles fizeram o que eu pedi. Não gritaram, mas saíram soluçando e suspirando e seus suspiros e soluços podiam ser ouvidos até depois de estarem na rua.

O sr. Wright contou-me mais tarde que foi obrigado a tapar a boca com as mãos, usando toda a força dos braços, até chegar em casa, por causa da grande aflição que sentia. Manteve silêncio até entrar em casa, mas, então não pôde mais conter-se. Fechou a porta, caiu ao chão e irrompeu em prantos, sentindo sua terrível condição. A família veio acudi-lo rapidamente e a convicção espiritual espalhou-se entre todos eles. Fiquei sabendo, posteriormente, que cenas semelhantes haviam acontecido em várias famílias. Conforme se verificou depois, várias pessoas converteram-se naquela reunião e voltaram para casa tão jubilosas que só com dificuldade conseguiam dominar-se.

Na manhã seguinte, tão logo o dia clareou, as pessoas começaram a chegar à casa do sr. Gillett, pedindo-nos que visitássemos sua família que, conforme diziam, estava dominada por forte convicção espiritual. Tomamos às pressas o café da manhã e começamos as visitas. Logo que saímos à rua, as pessoas correram ao nosso encontro, rogando que entrássemos na casa delas. Embora só pudéssemos visitar uma casa de cada vez, sempre que entrávamos em uma delas os vizinhos corriam e precipitavam-se para dentro dela, enchendo o cômodo em que estávamos, normalmente o maior da casa. Ali permanecíamos um breve espaço de tempo e dávamos-lhes alguma instrução. Passávamos, então, para outra casa e outra vez o povo seguia-nos. Descobrimos que aquelas pessoas viviam uma situação extraordinária. As conversões eram tão profundas e abrangentes que, às vezes, ao entrar numa casa, encontrávamos alguns ajoelhados, outros prostrados no tapete e outros ainda banhando as têmporas dos amigos com cânfora, para que estes não viessem a desmaiar nem — como receavam — a morrer.

Saímos para visitar, conversar e orar, de casa em casa, até o meio-dia. Eu disse, então, ao sr. Gillett:

— Não vamos dar conta do trabalho. Precisamos marcar uma reunião. Não temos condições de visitar todas as casas e não estamos conseguindo atender às necessidades espirituais do povo.

Ele concordou comigo, mas, surgiu um impasse: onde realizar a reunião? O sr. Flint, homem piedoso, dirigia um hotel na época, que ficava numa esquina no centro da cidade. O refeitório do hotel era bem grande. Por isso, o sr. Gillett resolveu:

— Vou entrar e pedir licença para fazer ali a reunião.

Não houve nenhuma dificuldade em consentirem que usássemos o salão. O sr. Gillett percorreu as escolas e avisou que à uma da tarde haveria uma reunião no refeitório do hotel do sr. Flint. Fomos para casa, almoçamos às pressas e saímos para a reunião. Vimos que as pessoas se dirigiam ao local indicado — algumas iam correndo, surgindo de todos os lados. Ao chegar ali, notamos que o refeitório, embora grande, estava superlotado. Homens e mulheres de todas as idades apinhavam o recinto. A reunião seria semelhante à da noite anterior. O sentimento era esmagador e a Palavra de Deus revelou ser verdadeiramente a espada do Espírito. Os homens que pareciam ter nervos mais fortes sentiram-se tão atingidos pela pregação que não

resistiram: só conseguiam voltar para casa com a ajuda dos amigos. A reunião durou quase até o anoitecer e resultou em muitas conversões. Esse foi o meio que o Senhor usou para estender sua obra em todas as direções.

Preguei no fim da tarde e o sr. Gillett marcou outra reunião no fórum, para a manhã seguinte. O espaço era bem maior que o do refeitório, embora a localização não fosse tão central. No entanto, no horário marcado, o fórum estava superlotado e passamos boa parte do dia instruindo o povo. Dentro do possível, procurávamos adaptar o que falávamos às condições dos ouvintes e o resultado foi muito poderoso. Preguei de novo ao entardecer e o sr. Gillett marcou mais uma reunião, agora na igreja.

Se estou bem lembrado da ordem em que os fatos aconteceram naquela noite, combinamos uma reunião de oração e de conferência, buscando para isso uma escola espaçosa. Mal começamos e as emoções avolumaram-se tanto que, para evitar uma explosão indesejável de sentimentos opressivos, propus ao sr. Gillett que encerrássemos a reunião e despedíssemos o povo, recomendando um período de oração individual ou familiar, conforme preferissem. Aos não-crentes, exortamos que não fossem dormir sem antes entregarem o coração a Deus.

A partir de então, pelo que me lembro, a obra desenvolveu-se tanto que preguei vinte noites seguidas e duas vezes aos domingos. Nesse período, nossas reuniões de oração eram realizadas na igreja. Durante o dia, em determinado horário, realizávamos a reunião de oração e, em outro horário, uma reunião com os interessados em saber mais sobre o avivamento. Por causa do grande progresso, realizávamos todos os dias uma reunião de oração, uma reunião para esclarecimento e um culto de pregação, à noite.

Nessas reuniões, parecia que todo o ambiente estava revestido de reverência e de temor espiritual e todos sentiam a presença de Deus. Pastores vindos das cidades vizinhas declaravam-se atônitos com o que viam e ouviam. E tinham razão. As conversões multiplicavam-se tão rapidamente que era impossível identificar todos os convertidos. Por isso, todas as noites, ao encerrar o sermão, eu pedia aos que se haviam convertido naquele dia que viessem à frente e permanecessem junto do púlpito, a fim de termos com eles uma breve palestra. Todas as noites, o número e as diferentes classes de pessoas que vinham à frente surpreendiam-nos.

Numa das reuniões de oração matutinas, o salão térreo da igreja estava lotado. Coloquei-me de pé e estava falando à congregação quando um não-crente, comerciante, entrou no recinto. Foi avançando pelas fileiras de assentos até encontrar um lugar vazio, bem à minha frente, perto de onde eu pregava. Permaneceu sentado alguns momentos e então caiu ao chão como se tivesse levado um tiro. Contorcia-se e gemia de modo terrível. Fui até à ponta do banco e constatei que era pura agonia de espírito.

Um médico, que se dizia cético, sentado perto dele, saiu de seu lugar e prestou assistência ao homem, examinando-lhe o pulso e acompanhando seu estado geral por alguns momentos. Sem dizer nada, afastou-se e encostou a cabeça contra uma coluna que sustentava a galeria, mostrando-se muito agitado. Mais tarde, revelou que percebera imediatamente tratar-se de aflição de espírito e aquilo removera totalmente seu ceticismo. Pouco depois, converteu-se. Reunimo-nos em oração a favor do homem caído e, pelo que pude perceber, antes que saísse da reunião sua angústia já se dissipara e ele regozijava-se em Cristo.

Outro médico, que também era cético, embora fosse um homem muito amável, tinha uma filhinha, Hannah e era casado com uma mulher de muita oração. A pequena Hannah, menina de uns oito ou nove anos, tinha forte convicção de pecado e sua mãe demonstrava grande interesse pelo estado espiritual da filha. O pai, de início, ficou bastante indignado e disse à mulher: "Religião é assunto muito elevado para *mim*. Jamais consegui entendê-la. E agora você vem-me dizer que esta criancinha entende a questão a ponto de sentir-se, em sã consciência, convencida de pecado? Não creio nisso. Não caio nessa! Não suporto tal coisa! Isso é fanatismo, é loucura!" Apesar disso, a mãe da menina manteve-se firme em oração.

Fiquei sabendo, posteriormente, que o médico, ainda sentindo muita raiva, montou seu cavalo e cavalgou vários quilômetros para ver um paciente. Ao longo do caminho, conforme depois ele mesmo revelou, foi pensando no assunto e tudo ficou claro em sua mente. O plano da salvação em Cristo tornou-se compreensível para ele. Assim, não teve mais dificuldade para crer que uma criança era capaz de entendê-lo. Achou estranho o fato de o assunto até então haver-lhe parecido tão misterioso. Lamentava profundamente ter falado daquela maneira à sua mulher e desejou chegar logo em casa a fim de retratar-se. Ao chegar, já era um homem diferente. Contou à mulher a transformação que ocorrera em sua maneira de pensar e encorajou a filhinha a aceitar a Cristo. Desde então, pai e filha têm sido crentes sinceros, vivendo uma longa vida na prática do bem.

Nesse avivamento, no entanto, assim como em outros a que já assisti, Deus fez coisas espantosas em termos de sua justiça. Certo domingo, na hora em que eu e o sr. Gillett descíamos do púlpito e estávamos para sair da igreja, um homem chegou apressado e pediu-nos que fôssemos a certo lugar, onde um homem caíra morto. Estando eu ocupado em conversa com alguém, o sr. Gillett foi sozinho. Terminada a conversa, fui até a casa do sr. Gillett, chegando lá pouco antes de ele retornar. Ao chegar, ele relatou-me que três homens que se opunham à obra haviam-se reunido naquele domingo e passaram o dia bebendo e ridicularizando o trabalho que fazíamos. Continuaram assim até que, de repente, um deles caiu morto. Quando o sr. Gillett chegou à casa onde estavam os três, tomou conhecimento dos fatos e disse: "Vejam! Não há a mínima dúvida de que Deus abateu este homem e de que este homem foi para o inferno". Os companheiros ficaram sem palavras. Não sabiam o que responder. Era óbvio que a própria conduta deles provocara aquele golpe terrível da indignação divina.

A obra progrediu até alcançar quase toda a população. A grande maioria dos advogados, comerciantes e médicos e quase todos os homens de destaque na sociedade, bem como quase toda a população adulta da aldeia passaram a apoiar o avivamento, especialmente os que já pertenciam à igreja do sr. Gillett que disse antes de minha partida: "No tocante à minha congregação, o Milênio já chegou. Todos os membros já se converteram. Os sermões pregados por mim no passado já não têm a mínima aplicação para eles, pois todos são crentes". Posteriormente, o sr. Gillett relatou-me que, durante os vinte dias que passei em Rome, houve 500 conversões no município, ou seja, uma média de 25 por dia. Nos cultos vespertinos, quando eu pedia que aqueles que se haviam convertido durante o dia fossem à frente a fim de declarar sua fé, a congregação levantava-se, em vez de retirar-se, para ver quem viria à frente e expressava o máximo espanto ao ver os que respondiam ao apelo.

Enquanto a obra avançava, houve muita comoção em Utica e alguns tendiam a ridicularizar o trabalho que se desenrolava em Rome. Henry Huntington, que morava em Rome, era um destacado cidadão — talvez, devido à sua riqueza e conhecimento, o principal homem daquela sociedade. Era, no entanto, um cético quanto ao avivamento e tinha convicções unitaristas. Era um homem de boa moral, respeitável e de grande cultura. Mantinha suas opiniões sem as impor a ninguém e pouquíssima coisa falava a respeito. No primeiro domingo em que preguei ali, ele estava presente e, conforme relatou mais tarde, ficou tão atônito com minha pregação que resolveu não assistir a mais nenhum culto. Foi para casa e declarou aos seus familiares: "Aquele homem está louco e não duvido de que possa incendiar a cidade!" Não apareceu nos cultos durante duas semanas. A obra, porém, progredia tanto que seu ceticismo ficou abalado. Seu estado de perplexidade era grande.

O sr. Huntington era presidente de um banco em Utica e toda semana, em determinado dia, participava de uma reunião de diretoria. Numa dessas reuniões, um dos diretores questionou-o a respeito da situação em Rome, achando que todos na cidade estavam enlouquecendo. O sr. Huntington observou: "Cavalheiros, apesar de tudo que vocês possam dizer, existe algo de notável na situação em Rome: nenhum poder ou eloqüência humana produziu o que estamos presenciando. Não consigo entender. Vocês dizem que a situação logo se acalmará. Sem dúvida, o *grau* de agitação que agora prevalece em Rome diminuirá em breve, senão o povo ficará louco. Mas não há explicação — baseada em nenhuma filosofia — para semelhante estado de espírito, a não ser que se leve em conta a participação divina".

Depois que o sr. Huntington deixou de vir aos cultos, alguns entre nós resolveram orar juntos, fazendo dele o alvo especial das orações. O Senhor concedeu-nos uma fé poderosa enquanto orávamos por ele e tínhamos a certeza de que Deus estava operando na vida daquele homem. Assim, certa noite, o sr. Huntington estava de volta. Quando ele entrou no recinto, o sr. Gillett, que estava comigo no púlpito, sussurrou em meu ouvido: "Irmão Finney, o sr. Huntington chegou. Espero que o irmão não fale nada que o ofenda".

Naqueles dias, eu era obrigado a pregar totalmente de improviso, por não ter uma única hora na semana, além de minhas horas de sono, para organizar meus pensamentos. Eu costumava chegar quando a congregação já estava reunida e deixar que a impressão que ela me causasse sugerisse o tema do sermão. Penso que, no momento em que o sr. Huntington entrou, eu não tinha a mínima idéia a respeito do que pregaria. Assim que olhei para a congregação, escolhi o assunto e então preguei. A Palavra aplicou-se poderosamente e, de acordo com minha esperança e intenção, afetou fortemente o coração do sr. Huntington. Penso que naquela mesma noite, ao final do culto, quando pedi que viessem à frente os convertidos daquele dia, o sr. Huntington atendeu ao apelo, de modo muito deliberado e solene e deu

testemunho de ter entregue o coração a Deus. Parecia humilde e arrependido e sempre entendi sua conversão como genuína.

A situação na aldeia e na vizinhança era tal que ninguém chegava à região sem sentir reverente temor ou sem ter a impressão solene de que Deus operava ali de modo especial e maravilhoso. O incidente que relato a seguir pode ilustrar o que estou dizendo.

O xerife do condado residia em Utica. Existiam dois fóruns no condado — um em Rome e outro em Utica. Conseqüentemente, o xerife, Charles C. Broadhead, sempre tinha assuntos a resolver em Rome. Ele contou-me, mais tarde, que tinha ouvido falar a respeito dos acontecimentos na aldeia e que ele e outros hóspedes do hotel haviam zombado das coisas que lhes contaram. Certo dia, ele precisou ir a Rome. Sentiu-se feliz em ter obrigações para cumprir ali, pois queria ver com os próprios olhos as coisas sobre as quais tanto comentavam e, também, avaliar a situação. Viajou em seu trenó puxado por um só cavalo, sem nenhuma idéia específica na mente. Porém, ao atravessar o chamado canal Antigo, a cerca de um quilômetro e meio da cidade, veio sobre ele um temor tão forte que ele teve a sensação de que Deus permeava a atmosfera inteira a seu redor. E a sensação aumentava à medida que se aproximava da aldeia.

Chegou ao hotel do sr. Flint e o empregado da estrebaria veio para guardar o cavalo. Broadhead observou que o moço *parecia* sentir exatamente o que ele estava *sentindo,* como se tivesse receio de falar. Entrou no hotel e encontrou o cavalheiro com o qual tinha assuntos a tratar. Disse que todos se mostravam tão impressionados que seria difícil tratar de negócios. Contou-me que, em vários momentos do breve período que passou ali, precisou levantar-se da mesa e ir até a janela, a fim de distrair-se e evitar o choro. Percebeu que as demais pessoas sentiam a mesma coisa. Terminou rapidamente o que tinha a fazer e retornou a Utica. Segundo me contou, nunca mais fez comentários levianos a respeito da obra em Rome. Ele converteu-se poucas semanas depois, em Utica. Contarei os pormenores desse fato no momento próprio de minha narrativa.

Já mencionei Wright's Settlement, aldeia que ficava uns quatro quilômetros a nordeste de Rome. Ali, o avivamento teve efeito poderoso e a maioria de seus habitantes foi levada à conversão. Os métodos utilizados no trabalho em Rome eram os mesmos empregados anteriormente: pregação, orações públicas e particulares, exortações e conversas pessoais. Ê difícil conceber um estado de sentimento espiritual tão profundo e abrangente sem nenhum caso de desordem, tumulto, fanatismo ou qualquer outra coisa censurável como se via em Rome. Ainda vivem hoje, por todas as partes desta nação, muitos dos que se converteram naquele avivamento. Eles podem dar testemunho de que naquelas reuniões predominava a boa ordem e a reverência e tomávamos o máximo cuidado para evitar qualquer coisa que, depois, fôssemos lamentar.

A obra do Espírito era tão espontânea, tão poderosa e tão irresistível que tornava-se necessário exercer a máxima cautela e sabedoria na condução das reuniões, a fim de impedir que alguma explosão emocional esgotasse a sensibilidade dos outros habitantes do lugar e viesse a provocar uma reação negativa da parte deles. Mas, como sabem todos os que presenciaram os fatos ali desenrolados, isso não aconteceu. A partir de então, foi mantida uma reunião de oração, que começava ao nascer do sol. Ela estendeu-se por vários meses — mais de um ano, acredito — e era uma reunião bem freqüentada e tão interessante quanto possa ser uma reunião desse tipo.

O estado moral do povo foi tão grandemente transformado que, conforme observava freqüentemente o irmão Gillett, aquele não parecia ser o mesmo lugar. Realmente, o avivamento fizera uma limpeza ali. Os que permaneciam em pecado eram obrigados a cobrir a cabeça, envergonhados. Nenhuma imoralidade era tolerada abertamente ali, por um momento sequer. Só apresentei aqui um esboço muito tênue do que realmente aconteceu em Rome. Colocar diante do leitor uma descrição fiel de todos os fatos comoventes que ocorreram naquele avivamento ocuparia um volume inteiro sobre o assunto, porque foram muitos.

Devo dizer algumas palavras a respeito do espírito de oração que predominava em Rome. Acho que foi no sábado em que fui para lá, saindo de Western, na troca de púlpito com o sr. Gillett, que me reuni com a igreja à tarde, na casa de cultos. Esforcei-me para levá-los a entender que Deus atenderia imediatamente às orações, desde que cumprissem o que ele requeria e, principalmente, que cressem que ele atenderia aos pedidos colocados diante dele. Notei que a congregação demonstrava muito interesse no que dizia e as feições revelavam um desejo intenso de ver suas orações respondidas.

Lembro-me de que, pouco antes do encerramento da reunião, fiz a seguinte observação: "Creio realmente que, se vocês se unirem nesta tarde em oração, com fé, visando ao derramamento imediato do Espírito, receberão uma resposta do céu mais rápida que uma carta de Albany pelo correio mais rápido que existe". (Isso aconteceu antes de existirem estradas de ferro). Falei com grande entusiasmo, conforme sentia em meu coração e notei que a congregação ficara assustada com minha declaração de sinceridade e fé no tocante à resposta imediata de Deus às orações. A verdade é que tinha visto tantas dessas respostas que não senti a mínima dúvida ao falar no assunto. Nenhum dos membros da igreja manifestou-se na ocasião, mas, fiquei sabendo, depois de a obra ter começado, que três ou quatro deles — o sr. George Huntington, irmão de Henry Huntington e outros dois ou três irmãos — passaram no gabinete do sr. Gillett e confessaram-se tão impressionados com o que eu dissera que resolveram aceitar literalmente o que Deus prometia em sua Palavra.

Um deles contou-me, depois, que o Espírito de Deus outorgara-lhes uma fé maravilhosa no sentido de orarem por uma *resposta imediata* e acrescentou: "A resposta *realmente* veio mais rapidamente que pelo correio de Albany".

A aldeia fervilhava em oração. Por onde quer que se passasse, ouvia-se alguém orando. Onde se juntassem dois ou três crentes, eles com certeza estariam orando. Onde quer que se reunissem, oravam. Onde quer que um pecador não convertido manifestasse alguma oposição, dois ou três irmãos ou irmãs logo concordavam em fazer dele o objeto especial de sua oração e era notável ver que Deus os atendia imediatamente.

Residia em Rome a mulher de um oficial do Exército dos Estados Unidos, filha de um cidadão de destaque na cidade. Ela manifestava forte oposição à obra e, segundo se relatava, fazia severas críticas ao movimento. Por isso, acabou tornando-se objeto específico de oração. Esse fato chegou ao meu conhecimento pouco tempo antes de ocorrer o que vou narrar. Creio que, nesse caso, algumas das irmãs mais atuantes na igreja fizeram daquela senhora o alvo de suas orações, por tratar-se de uma pessoa de influência notável na região. Era uma mulher culta, com grande força de caráter, que impunha sua vontade e, naturalmente, fez sentir sua oposição. Mas, tão logo se soube dessa oposição, um espírito de oração foi direcionado para ela e o Espírito de Deus assumiu o controle.

Certo dia, à tardinha, quase imediatamente depois de eu ter tomado conhecimento do caso, após o encerramento do culto e depois de a congregação ter voltado para casa, o sr. Gillett e eu permanecíamos no local de cultos, conversando com algumas pessoas que sentiam grande peso pela convicção de pecado. Enquanto elas se retiravam e estávamos para fazer o mesmo, o sacristão aproximou-se de nós e disse: "Uma senhora ficou presa naquele compartimento ali e não consegue sair. Poderiam ajudá-la?" Fomos para lá e deparamos com a senhora de quem falei, totalmente oprimida pela convicção de pecado.

O compartimento estivera lotado e ela tentara sair com os demais, porém, sendo a última e estando sem condições de ficar em pé, acabou no chão, sem ser notada pelos demais, que já tinham ido embora. Nós a ajudamos a levantar-se, conversamos um pouco com ela e descobrimos que o Senhor a afligira com indizível convicção de pecado. Depois de orar e exortá-la solenemente a entregar seu coração a Cristo imediatamente, despedi-me dela. Creio que foi o irmão Gillett quem a ajudou a chegar em casa, que ficava a poucas dezenas de metros dali. Soubemos depois que, chegando ali, ela entrou sozinha num quarto, onde passou a noite. Era uma noite fria de inverno, mas, ela trancou-se no quarto e ficou ali até o dia clarear. Ao sair, declarou ter feito de Cristo a sua esperança. E, segundo as notícias que fui recebendo, revelou ter experimentado uma firme conversão.

Acho que devo mencionar, também, a conversão da sra. Gillett, ocorrida durante aquele avivamento. Era irmã do missionário Mills, um dos primeiros da Junta Americana. Era uma mulher belíssima, consideravelmente mais jovem que o marido e sua segunda esposa. Em tempos anteriores, antes de casar-se com o sr. Gillett, passara várias semanas sob convicção de pecado e esteve às portas de um abalo mental. Se não me falha a memória, ela acreditava não pertencer ao grupo dos eleitos e, por isso, achava que não haveria salvação para ela. Pouco depois de iniciado o avivamento em Rome, passou a sentir novamente profunda convicção da parte do Espírito do Senhor.

Era uma senhora refinada e gostava de vestir-se bem. E, como era normal entre as mulheres, usava nos cabelos e no corpo alguns singelos ornamentos — nada que eu considerasse pedra de tropeço em sua vida espiritual. Estando hospedado na casa dos Gilletts, conversei repetidas vezes com ela, à medida que sua convicção aumentava, mas, nunca me ocorreu que o hábito de arrumar-se bem pudesse ser empecilho à sua

conversão. Porém, quanto mais poderosa se tornava a obra, tanto mais sua aflição se tornava alarmante. O sr. Gillett, sabedor do que acontecera com ela anteriormente, ficou bastante preocupado, pois não queria vê-la recair em depressão. Lançava, então, todos os seus receios sobre mim, buscando minha orientação. Quase todas as vezes que eu chegava em casa, lá vinha ele ao meu encontro, implorando que eu orasse por ela e declarando que aquela aflição estava além da resistência dela.

Parecia que a sra. Gillett caminhava rapidamente para o desespero, mas, percebi que ela passara a depender muito de mim. Por isso, procurava evitá-la. Mas, todas as vezes que eu voltava para casa, depois de fazer visitas aos necessitados, tão logo ela ouvia-me entrar, corria a pedir oração e orientação, como se esperasse alguma coisa da minha parte. Assim continuou, dia após dia, até a ocasião em que entrei em casa e fui direto para o gabinete. Como de costume, logo ela estava à minha frente, pedindo que eu orasse e queixando-se de que não havia salvação para ela. Levantei-me abruptamente e deixei-a ali, sem orar por ela. Expliquei-lhe que não haveria proveito nenhum em minhas orações, pois ela ficara dependente delas. Diante disso, ela pareceu estar a ponto de desmaiar.

Mesmo assim, deixei-a sozinha e passei abruptamente do gabinete para a sala. Depois de alguns momentos, ela atravessou correndo o saguão, chegou à sala com o rosto iluminado e exclamou: "Oh, sr. Finney! Achei o Salvador! Achei o Salvador! O irmão não sabe que eram os enfeites de meus cabelos que impediam minha conversão? Percebi que, quando eu orava, eles surgiam diante de mim e eu era tentada a abrir mão deles. Pensava que isso era ninharia e que Deus não se importava com coisas assim. Pensei que se tratava de tentação satânica. E os enfeites vinham-me à lembrança sempre que eu procurava entregar meu coração a Deus. Quando o irmão me deixou ali sozinha, fui levada ao desespero. Lancei-me de joelhos ao chão e os enfeites vieram de novo à tona. Então eu disse: 'Vou-me desfazer dessas coisas para sempre!'". Ela continuou: "Renunciei aos enfeites, odiando-os, pois interpunham-se no caminho de minha salvação. Tão logo prometi abandoná-los, o Senhor revelou-se à minha alma. Oh! Não sei como não percebi isso antes! Este era o grande empecilho à minha conversão: meu apego aos enfeites! E eu não sabia disso!"

CAPÍTULO XIV.

O AVIVAMENTO EM UTICA, NOVA IORQUE

Depois de eu ter passado cerca de vinte dias em Rome, um dos presbíteros da igreja do sr. Aikin em Utica, homem de grande destaque e influência, faleceu. Fui até aquela cidade para acompanhar o sepultamento. O sr. Aikin dirigiu o culto fúnebre e fiquei sabendo por ele que o espírito de oração já era uma realidade em sua congregação e naquela cidade. Contou-me que uma das senhoras mais distintas da igreja, sentindo profunda preocupação com o estado espiritual da igreja e do povo daquela cidade, passara dois dias e duas noites em oração até suas forças esgotarem-se. Sentia verdadeira dor na alma, a tal ponto que, quando se via completamente sem forças, só conseguia suportar o fardo que pesava sobre seu espírito quando alguém a acompanhava em oração, ajudando-a a exprimir seus anseios diante de Deus.

Eu compreendia a situação e disse ao sr. Aikin que a obra já começara no coração daquela senhora. Ele, é claro, reconheceu o fato e queria que eu começasse imediatamente a trabalhar com ele e com a congregação. Não demorei a pôr mãos à obra e o avivamento começou de imediato. A Palavra surtiu efeito e o lugar encheu-se da influência do Espírito Santo. Os salões onde realizávamos as reuniões ficavam superlotados, noite após noite, e a obra propagou-se poderosamente, especialmente nas duas congregações presbiterianas, numa das quais o sr. Aikin era pastor, sendo que a outra era pastoreada pelo sr. Brace. Eu dividia meu tempo entre as duas igrejas.

Pouco depois de começar a obra em Utica, fiz uma observação ao sr. Aikin: nunca vira o sr. Broadhead, a quem já me referi, nos cultos. Mas, poucas noites depois, antes de eu começar a pregar, enquanto estava sentado ao púlpito, o sr. Aikin sussurrou ao meu ouvido que o sr. Broadhead acabara de chegar. E apontou o homem que percorria o corredor em busca de um lugar para sentar-se. Escolhi o texto bíblico e passei a falar à congregação. Momentos depois, notei que o sr. Broadhead se levantava do banco e, com movimentos decididos, envolvia-se em sua capa pesada e ajoelhava-se. Seu gesto despertou a atenção dos que estavam próximos dele e, conhecendo-o, causou considerável agitação naquela parte do templo.

O xerife continuou de joelhos o culto inteiro. Depois, recolheu-se ao seu quarto no hotel — ele tinha cerca de cinqüenta anos de idade e era solteiro. Mais tarde, contou-me que sua mente ficara sob grande peso, depois de sair do culto, ao lembrar-se de minha pregação. Eu conclamara a congregação a aceitar a Cristo exatamente conforme ele é apresentado nos Evangelhos. A questão da imediata aceitação a Cristo e a situação do pecador diante de Deus e do relacionamento deste com o pecador foi o assunto do sermão naquele dia.

O sr. Broadhead revelou que gravara na mente as questões levantadas por mim, dizendo para si mesmo: "Minha alma, você permitirá que isso aconteça? Aceitará a Cristo, abrirá mão do pecado e de si mesma? Quer fazer isso *agora?"* Em seguida, jogou-se na cama em total agonia de espírito. Passou a questionar-se a si mesmo e exortou sua alma a aceitar a Cristo "aqui e agora". Disse que, naquele exato momento, a aflição afastou-se dele de modo tão repentino que adormeceu e só acordou horas mais tarde. Foi, então, que sentiu a alma repleta da paz e descanso em Cristo. A partir de então, passou a trabalhar com sinceridade para o Senhor entre seus conhecidos.

Como já disse, ele hospedava-se num hotel, dirigido na época pelo sr. Shepard. O Espírito operou poderosamente naquele estabelecimento. O próprio sr. Shepard não demorou a tornar-se alvo das orações e converteu-se, bem como vários de seus familiares e hóspedes. De fato, aquele hotel, o maior do município, passou a ser um centro de influência espiritual e muitos converteram-se ali. As diligências, que passavam pela estrada cheias de passageiros, faziam parada no hotel. Era tão poderosa a impressão causada naquele ambiente que, segundo fiquei sabendo, houve vários casos de pessoas que pararam ali apenas para o café da manhã, o almoço, o jantar ou só para pernoitar e foram poderosamente convencidas de pecado e convertidas antes de partirem. Chegou-se a dizer que ninguém podia ficar em Utica ou em Rome, ou mesmo passar por uma dessas cidades, sem tornar-se consciente da presença de Deus. Uma influência divina parecia permear o ambiente das duas cidades e a atmosfera inteira parecia espessamente trespassada do vigor da presença divina.

Certo comerciante de Lowville, do condado de Lewis, chegou a Utica para comprar alguns produtos e fazer negócios. Passou no hotel onde o sr. Broadhead estava hospedado e descobriu que toda a conversa na cidade girava em torno de um assunto que o deixava bastante irritado, já que não era convertido. Aborrecido, declarou que não podia fechar negócios ali, porque tudo era religião. Ia voltar para casa, pois não podia entrar numa loja sem que lançassem sobre ele alguma coisa de religião. Não dava mais para negociar com ninguém ali. Falou em retornar à sua cidade ainda naquela noite e penso que ele disse isso na presença de alguns jovens convertidos que se hospedavam no hotel, especialmente na presença do sr. Broadhead.

A diligência partiria tarde da noite. Ele foi, então, até o bar para pagar sua conta, visto que à hora em que a diligência passasse por ali o sr. Shepard com certeza já se teria recolhido. O comerciante desejava liquidar sua conta enquanto o hoteleiro estivesse acordado. O sr. Shepard contou-me que, enquanto fechava a conta, sentira a consciência tocada e sugeriu a alguns hóspedes que fizessem do comerciante o alvo de suas orações naquele momento. Pelo que entendi, levaram-no ao aposento do sr. Broadhead, conversaram e oraram com ele e antes que a diligência chegasse o comerciante já estava convertido. Logo de seguida sentiu-se tão preocupado com o estado espiritual do povo de sua cidade que, quando a diligência chegou, comprou uma passagem e foi imediatamente para casa.

Assim que chegou em casa, contou aos familiares o que o Senhor fizera por sua alma e convidou-os a orar com ele. O comerciante era um cidadão de grande destaque em Lowville. Muito franco em sua maneira de falar, tratou logo de proclamar por todos os lados o que o Senhor fizera em sua vida. Seu testemunho foi tão poderoso que causou tão reverente temor que aquela cidade em pouco tempo experimentou um avivamento.

Foi no meio ao avivamento em Utica que, pela primeira vez, ficamos sabendo da oposição que surgia no Leste. O sr. Nettleton escreveu algumas cartas ao sr. Aikin, com quem eu cooperava, nas quais deixava bem claro que o pastor estava muito enganado quanto à natureza do avivamento. O sr. Aikin mostrou-me as cartas, que, como já era esperado pelo seu teor, foram passadas como circulares entre os ministros da região. Entre elas, havia uma em que o sr. Nettleton especificava as coisas que considerava censuráveis em nossos métodos. Porém, embora soubéssemos que nada daquilo havia sido feito, nem se sabia de nenhuma das coisas de que o sr. Nettleton se queixava, não nos preocupamos mais com as cartas — apenas líamos e as passávamos adiante. O sr. Aikin, no entanto, respondeu por conta própria a algumas delas, para assegurar ao sr. Nettleton de que nenhuma das coisas a que ele se referia era praticada. Eu confirmei a palavra do sr. Aikin: as reclamações de Nettleton não tinham fundamento.

Não me lembro se ele reclamava do fato de, ocasionalmente, as mulheres orarem nas reuniões sociais. Quer tenha sido essa uma de suas queixas, quer não, a verdade é que, em algumas circunstâncias, as senhoras, algumas bem influentes na comunidade, sentindo a unção espiritual, faziam orações públicas nas reuniões que mantínhamos diariamente de casa em casa. Que eu saiba, nenhuma oposição foi declarada a isso, nem em Utica, nem em Rome. Esse costume não era algo que eu tivesse introduzido ali e não sei se, antes disso, essa prática era observada ou não. Na realidade, pelo que sei, esse assunto não gerou grande polemica na região.

Já me referi ao sr. Weeks, pastor congregacional que sustentava as doutrinas mais radicais sobre a eficiência divina e como se opunha abertamente ao avivamento. Para maior esclarecimento àqueles que talvez não saibam que houve quem sustentasse tais doutrinas, afirmo que o sr. Weeks, bem como os que com ele concordavam, defendiam o princípio de que tanto o pecado quanto a santidade eram, na mente humana, resultado de um ato direto de poder onipotente. Deus fazia dos homens pecadores ou santos, segundo sua vontade soberana, tão irresistível quanto a ação divina na própria criação. Na realidade, acreditavam eles, Deus era o único agente atuando no Universo e todas as criaturas agiam tão-somente conforme eram compelidas a agir por atos de irresistível onipotência. Cada pecado no Universo, tanto de homens quanto de demônios, resultava de um ato direto de poder irresistível da parte de Deus. Os defensores de tal doutrina empregavam sofismas para justificar suas idéias através da Bíblia Sagrada.

O conceito de conversão e regeneração defendido pelo sr. Weeks era de que o mesmo Deus que criara os homens pecadores levava-os à regeneração, para provar que tinha o direito de fazer isso para a própria glória, ou os enviava ao inferno por causa dos pecados que criara neles diretamente ou os obrigava a cometer por força de sua onipotência. Weeks não confiava, de modo algum, na conversão de quem não adotasse esse conceito. Os que leram os nove sermões do sr. Weeks a respeito do assunto perceberão que não há engano no que digo sobre as opiniões dele. Mas, sendo o conceito proposto pelo sr. Weeks adotado em medida considerável pelos ministros e outros cristãos professos da região, a oposição movida por ele e mais alguns ministros cresceu em grande medida.

A obra, porém, prosseguiu com grande poder e pessoas de todas as classes eram levadas à conversão, a ponto de o sr. Aikin, no decurso de poucas semanas, relatar a conversão de quinhentas pessoas, a maioria delas, penso eu, pertencente à sua congregação. Na época, os avivamentos eram novidade na região e a grande parte do povo ainda não se convencera de que era obra de Deus. As pessoas, de início, não demonstravam *temor reverente* diante deles, conforme passou a acontecer tempos depois. Parece que a impressão predominante era de que logo desapareceriam, revelando não ter sido mais que mera manifestação de instinto animal. Contudo, não estou querendo dizer que essa era a concepção dos que se sentiam atraídos pelo movimento.

No decorrer daquele avivamento, certo fato causou poderosa impressão. O presbitério de Oneida reuniu-se justamente quando o avivamento estava no auge. Entre os ministros, estava ali um pastor idoso chamado Southword (James Southworth), que eu não conhecia. Ele percebeu que a mente da população estava totalmente voltada para os assuntos espirituais: havia oração e conversas sobre temas religiosos por todos os cantos, até mesmo nas lojas e nos demais lugares públicos. O sr. Southworth nunca testemunhara um avivamento nem o que viu e ouviu ali. Era escocês e penso que não havia passado ainda muito tempo em terras americanas. Na tarde de sexta-feira, pouco antes de ser suspensa a sessão, colocou-se em pé e fez um discurso inflamado contra o avivamento. Suas palavras chocaram e magoaram os cristãos ali presentes. O desejo deles era colocar o rosto no chão e rogar ao Senhor que não permitisse que o pronunciamento de Southworth provocasse maiores danos.

Ao pôr-do-sol, o presbitério entrou em recesso. Alguns foram para casa e outros passaram a noite ali, em oração. Houve muitos clamores a Deus para que ele desfizesse qualquer influência maligna resultante do discurso do sr. Southworth. Na manhã seguinte, o sr. Southworth foi encontrado morto em sua cama. O fato produziu outro grande choque, mas, dessa vez sob o aspecto da justiça. A morte do sr. Southworth serviu não apenas para contrabalançar a influência que seu discurso causara sobre o presbitério. No decurso daquele avivamento, tendo ouvido o que o Senhor estava realizando, pessoas vindas de grandes distâncias, atraídas pela curiosidade ou pela admiração, vinham ver em primeira mão o que estava acontecendo e muitas delas convertiam-se a Cristo. Entre elas estava o dr. Garret Judd [Gerrit Parmele Judd], enviado às ilhas Sandwich como missionário pouco tempo depois, tornando-se bem conhecido por aqueles que amam a

obra missionária. Ele pertencia à congregação do sr. Weeks, a quem já me referi. Seu pai, o velho dr. Judd, era um crente sincero. Ele veio a Utica e passou a ser grande simpatizante do avivamento.

Mais ou menos na época da conversão do dr. Judd, a jovem Fanny Thomas, que viera da região da Nova Inglaterra, chegou a Utica nas circunstâncias que descrevo a seguir. Ela era professora numa escola secundária nos arredores de Newburgh, NY. Os jornais davam ampla cobertura ao avivamento em Utica e região. A srta. Thomas e outras pessoas, admiradas com o que era noticiado, ficaram curiosas para ver de perto o que acontecia. Ela decretou um recesso de dez dias na escola e embarcou numa diligência para Utica.

Ao passar pela rua Genesee, a caminho do hotel onde se hospedaria, viu que o nome Briggs Thomas constava da fachada de um estabelecimento comercial. Sendo totalmente estranha ao lugar, não fazia idéia de ter algum parente naquela localidade. Porém, depois de informar-se a respeito de quem era Briggs Thomas, passou a considerar a possibilidade de ele ser mesmo parente seu e enviou-lhe um recado, dizendo ser filha do sr. Thomas — e citou o nome de seu pai — informando que estava hospedada no hotel e gostaria de conhecê-lo. Briggs Thomas, que prontamente foi atendê-la, constatou ser ela uma parente distante e convidou-a a hospedar-se em sua casa. Ela aceitou e ele, crente sincero, passou a levá-la a todas as reuniões, tentando despertar nela o interesse pela vida espiritual. Fanny Thomas ficou muito surpresa e irritada com o que viu.

A jovem tinha personalidade e bastante cultura, porém demonstrava ser uma pessoa orgulhosa. Perturbava-a muito o fato de as pessoas insistirem com ela quanto à necessidade de entregar o coração a Deus. Em especial, as pregações que escutava, noite após noite, causavam-lhe profunda impressão. A culpa pelo pecado, o merecimento da perdição eterna e o iminente perigo a que o pecador está sujeito eram questões colocadas diante da jovem continuamente. Isso fazia sua rejeição aumentar. No entanto, a obra do convencimento de pecado progredia em seu coração.

Eu não visitara, ainda, a jovem Fanny Thomas, porém ficara sabendo de seu estado de alma pelo sr. Thomas. Depois de contorcer-se alguns dias sob a força da verdade, Fanny foi procurar-me na casa em que eu estava hospedado. Sentou-se no sofá na sala. Coloquei minha cadeira diante dela e comecei a falar claramente sobre os direitos que Deus tinha sobre ela. Fanny referiu-se ao que eu dissera em minha pregação sobre os pecadores merecerem o inferno e declarou não poder aceitar tal coisa — não acreditava que Deus fosse capaz de agir daquela forma. Respondi-lhe: "Você ainda não compreendeu o que *é* pecado, nem sua verdadeira natureza, nem o castigo que, por causa dele, o pecador passa a merecer. Se compreendesse, não se estaria queixando por Deus enviar o pecador para o inferno". Passei, então, a explicar a questão do modo mais claro que podia.

Não demorei a ver que a convicção de pecado estava amadurecendo em sua mente. Por mais que ela detestasse a idéia de acreditar nisso, não lhe era possível resistir à pureza dessa verdade. Durante algum tempo, conversamos nesses termos, até eu perceber que ela estava pronta para abraçar a convicção que experimentava. Acrescentei umas poucas palavras a respeito da situação espiritual dos que mereciam a perdição. Fanny empalideceu. Momentos depois, levantou as mãos, soltou um grito e caiu para a frente, sobre o braço do sofá. Seu coração estava quebrantado.

Penso que Fanny jamais havia chorado. Seus olhos estavam secos, sua fisionomia abatida e pálida e sua sensibilidade enfraquecida, mas, agora as comportas haviam sido abertas e ela permitiu que seu coração se derramasse, aos jorros, diante de Deus. Já não havia motivo para falar-lhe qualquer outra coisa, então ela levantou-se e foi para a casa onde estava hospedada. Quase imediatamente, abandonou o trabalho na escola e ofereceu-se para ser missionária. Casou-se com o sr. Gulick e foi para as ilhas Sandwich, creio que na mesma ocasião em que o dr. Judd saiu para o mesmo campo missionário. A história de Fanny como missionária é bastante conhecida. Seu trabalho no campo de missões foi muito produtivo. Criou vários filhos que agora também são missionários. Um deles esteve em nossa casa poucos meses atrás antes de partir para a obra missionária no México. Ouvir o relato que ele fez do trabalho de sua mãe nas ilhas Sandwich foi um refrigério para mim. Não conheci pessoalmente seu pai, o sr. Gulick, mas, de sua mãe não me esquecerei tão cedo.

Enquanto estava hospedado em Utica, preguei várias vezes em New Hartford, aldeia que ficava cerca de sete quilômetros ao sul de Utica. Ali estava acontecendo uma obra poderosa da graça divina e o pastor da igreja presbiteriana local era o sr. Coe. Preguei, também, em Whitesboro, outra bela aldeia, quase sete quilômetros

ao leste de Utica, onde também acontecia um poderoso avivamento. O pastor da aldeia, sr. John Frost, era um obreiro eficiente e poderoso na obra do Senhor.

Não posso deixar de relatar outro fato ocorrido ali. Havia uma fábrica de produtos de algodão no riacho de Oriskany, pouco acima de Whitesboro, lugar hoje conhecido como New York Mills. O dono da fábrica era o sr. Wolcott, cavalheiro de alta posição e bons princípios morais, porém não convertido. Meu cunhado, George Andrews, era supervisor da fábrica na época e convidou-me para pregar ali. Certo dia, à tardinha, subi até a escola da aldeia, que era de bom tamanho, mas, ainda assim, estava superlotada. Percebi que a Palavra operou poderosamente nos ouvintes, principalmente entre os jovens que trabalhavam na fábrica.

Na manhã seguinte, depois do café, entrei na fábrica a fim de conhecer as instalações. Ao percorrê-la, notei bastante agitação entre os que estavam ocupados nos teares e em outros equipamentos. Numa das repartições, onde muitas jovens cuidavam dos serviços de fiação, notei que duas delas olhavam para mim e conversavam com seriedade. Deu para perceber que estavam bastante agitadas, embora estivessem rindo. Lentamente, caminhei na direção delas. Viram que eu me estava aproximando e ficaram claramente emocionadas. O fio de uma das máquinas partiu-se e notei que as mãos da moça que lidava com ele tremiam tanto que ela não conseguia consertá-lo. Aproximei-me lentamente por entre as máquinas e percebi que a referida moça ficava cada vez mais nervosa, a ponto de não poder continuar seu trabalho. Quando cheguei a cerca de três metros da jovem, olhei para ela com seriedade. Ela notou meu olhar, prostrou-se e irrompeu em lágrimas. Aquela reação foi-se alastrando como pólvora e, em poucos momentos, quase todos os que trabalhavam naquela repartição estavam chorando.

Aquele sentimento propagou-se pela fábrica inteira. O sr. Wolcott, dono do estabelecimento, estava presente e, vendo a situação, disse ao supervisor: "Faça parar a fábrica e deixe o pessoal cuidar de seu estado espiritual. É mais importante a salvação das almas que o funcionamento da fábrica". As portas foram imediatamente fechadas e a fábrica parou de funcionar. Mas, onde iríamos nos reunir? O supervisor sugeriu a sala das máquinas de fiar, já que elas estavam paradas e o espaço era grande. Assim fizemos e raramente presenciei uma reunião mais poderosa que aquela. Deus continuou a operar. O prédio era grande e um número considerável de pessoas ocupava-o, desde o sótão até o subsolo. O avivamento envolveu a fábrica com poder espantoso e em poucos dias quase todos os funcionários da fábrica haviam-se convertido.

Uma vez que muita coisa tem sido dita a respeito da conversão de Theodore Weld, em Utica, talvez seja bom eu apresentar aqui a versão correta desse fato. Theodore tinha uma tia que morava em Utica, mulher muito piedosa, de oração. Ele era filho de um eminente pastor da Nova Inglaterra e sua tia considerava-o convertido. Ele dirigia os cultos realizados em família. Antes de o avivamento chegar a Utica, tornara-se aluno da Faculdade Hamilton, em Clinton. A obra na aldeia atraíra tanta atenção que muitos moradores de Clinton, entre eles alguns professores da universidade, foram a Utica e relataram o que ali acontecia, o que produziu grande alvoroço entre os alunos.

Theodore Weld ocupava um lugar de destaque entre os alunos da faculdade e exercia bastante influência sobre eles. Ao ouvir falar sobre o que acontecia em Utica, sentiu-se perturbado, o que despertou nele forte rejeição. Segundo fui informado, ele tornou-se até agressivo ao expressar sua oposição à obra. Isso tornou-o conhecido em Utica e sua tia, com quem antes se hospedava, ficou bastante preocupada com o sobrinho.

Theodore era inteiramente desconhecido para mim. A tia escreveu-lhe pedindo que fosse à casa dela passar um domingo. Queria que o sobrinho escutasse a pregação e se interessasse pela obra. De início, ele recusou-se, mas, depois reuniu alguns estudantes e revelou-lhes que resolvera ir a Utica.

Estava certo de que o avivamento se tratava de fanatismo ou de entusiasmo exagerado e que ele não seria afetado pelas idéias ali propagadas. Os colegas veriam como ele iria desmascarar o movimento. Chegou à casa da tia com tal espírito de antagonismo e logo ela percebeu que Theodore não pretendia ouvir-me pregar.

O irmão Aikin ocupava o púlpito no domingo pela manhã e eu, à tarde e à noite. A tia de Theodore soube que o sobrinho pretendia ir à igreja participar do culto matutino, já que nesse horário o sr. Aikin é que pregaria. Ele não iria à tarde nem à noite, porque estava resolvido a não ouvir-me pregar. Diante disso, o irmão Aikin sugeriu que eu pregasse pela manhã, pois desejava muito que Theodore me ouvisse. Consenti e fomos juntos para a reunião. Como de costume, o sr. Aikin dirigiu a parte inicial do culto. A sra. Clark chegou com a família e o sr. Weld. Teve o cuidado de colocar Theodore sentado na parte mais ao centro do banco, de modo que, se ela e mais dois familiares não saíssem dali, ele também não poderia sair. Ela temia que ele se retirasse do salão ao perceber que o pregador seria eu. Eu sabia que era grande a influência dele

sobre os jovens em Utica e que sua chegada ali representava a chance de formarem uma quadrilha de oposição à obra. Quando Theodore entrou e tomou assento, o sr. Aikin identificou-o para mim.

Depois da parte introdutória, fiquei de pé e li o seguinte texto: "Um só pecador destrói muita coisa boa" (Ec 9.18). Eu nunca pregara sobre esse texto nem ouvira outro pregador usá-lo como base para um sermão, mas, suas palavras impregnaram minha mente com tanto poder que, como costumava fazer em semelhantes ocasiões, adotei-as como tema para o sermão. Comecei a pregar e a explicar que às vezes um único pecador podia destruir muita coisa boa e que a má influência de um único homem pode arruinar muitas almas. Imagino ter pintado um quadro bastante vívido de Weld, de sua influência negativa e dos danos que podia provocar. Uma ou outra vez, ele fez menção de sair, mas a tia, percebendo sua intenção, lançava-se para a frente e apoiava-se no encosto do banco diante dela, a fim de orar silenciosamente. Assim, ele não podia sair sem incomodá-la. Por isso, Weld permaneceu em seu lugar até o final do culto.

No dia seguinte, entrei numa loja na rua Genesee, a fim de conversar com alguns jovens e com outras pessoas que ali estavam. Era meu costume ir de lugar em lugar para conversar com o povo. E quem encontrei ali? O sr. Weld! Ele atacou-me sem a menor cerimônia e, acho que por uma hora inteira, ou quase isso, dirigiu-se a mim de maneira ofensiva. Eu nunca ouvira nada semelhante. Ele não me dava oportunidade de falar, pois a língua dele corria solta. Tinha muita desenvoltura no falar e logo se tornou o centro das atenções na loja. A notícia percorreu as ruas, de modo que os funcionários de outras lojas foram também ajuntando-se ali. Muitos jovens entraram correndo e todos ficaram em pé escutando o que Theodore dizia.

O movimento na loja cessou e todos prestavam atenção apenas aos insultos dirigidos a mim. Raras vezes tive a oportunidade de pronunciar-me. Mas, finalmente, apelando, disse-lhe: "Sr. Weld, é assim que você, filho de um ministro de Cristo, se comporta?" Falei algumas poucas palavras nesse sentido e vi que ele ficou muito ofendido. Gritou algo muito forte, deixou imediatamente a loja e foi-se embora. Eu também saí e fui para a casa do sr. Aikin, onde estava hospedado na ocasião.

Poucos momentos depois de eu chegar, ouvi alguém chamar à porta e, não havendo nenhum empregado por perto, fui eu mesmo atender. Estava sozinho na sala e coloquei-me de pé para abrir a porta. E quem entrou? O sr. Weld! Ele parecia deprimido. Apresentou-me o mais humilde pedido de desculpas pela maneira em que me havia tratado, usando os termos mais contundentes de auto-condenação. Apertei-lhe a mão com delicadeza e mantive com ele uma rápida conversa, assegurando-lhe que não tinha mágoa dele e exortando-o a entregar seu coração a Deus. Creio que orei com ele antes que se despedisse. Nada mais ouvi a seu respeito naquele dia. Preguei naquela noite, se não me engano, em New Hartford, de onde retornei bem tarde.

Na manhã seguinte, fiquei sabendo que ele fora para a casa da tia muito impressionado e enternecido. Ela pediu-lhe que orasse pela família, o que, de início, o chocou. Mas, o sentimento de antagonismo ressurgiu dentro dele tão fortemente que lhe ocorreu que aquele seria um meio de ele poder expressar mais uma vez sua aversão pelo movimento. Por isso, concordou em orar. Ajoelhou-se e começou o que a tia esperava que fosse uma oração. Mas, segundo o relato que ele mesmo fez mais tarde, de sua boca saiu apenas uma torrente de blasfêmias e insultos, que prosseguiu até todos ficarem atônitos. Ele demorou-se tanto em seu desabafo que o lampião se apagou e isso encerrou sua oração.

Sua tia tentava dialogar com ele, mas, a dureza de seu coração era terrível. Ela assustou-se com o estado mental e emocional do sobrinho. Orou com ele, exortou-o a entregar o coração a Deus e foi dormir. Theodore foi para o quarto, começou a caminhar pelo aposento e deitou-se no chão. Levantou-se, caminhou mais um pouco e deitou-se outra vez. Ele repetiu várias vezes esses movimentos. Passou a noite inteira naquele estado terrível de perturbação. Estava revoltado e furioso, porém tão convicto de pecado que achava que não iria suportar.

Ao raiar o dia, enquanto caminhava para trás e para a frente no quarto, conforme ele mesmo contou, veio sobre ele uma pressão tal que sentiu-se preso ao chão. A pressão era acompanhada por uma voz que parecia ordenar-lhe que se arrependesse *naquela hora.* Ele ficou ali no chão, totalmente quebrantado, até que no final da manhã a tia encontrou-o na mesma posição. Ele chamava a si mesmo de insensato e seu coração parecia haver-se derretido. À noite, no culto, levantou-se e pediu licença para fazer uma confissão. Concordei e ele declarou diante da congregação que precisava remover a pedra de tropeço que lançara diante do povo.

Realmente, foi uma confissão plena de humildade, sinceridade e quebrantamento. A partir de então, passou a ser ótimo obreiro. Esforçava-se diligentemente na obra e tornou-se poderoso pregador. Dedicou-se ao

ministério da oração e durante vários anos foi usado por Deus na prática do bem e na conversão de muitas almas. Os grandes esforços empregados na causa, no entanto, enfraqueceram sua saúde. Por isso, foi obrigado a sair da universidade e embarcou numa expedição de pesca até a costa do Labrador. Quando voltou, com a saúde renovada, continuou a ser o obreiro zeloso que era antes de embarcar. Por um considerável período de tempo, tornou-se meu ajudante eficaz onde quer que eu estivesse fazendo a obra. Terei ocasião de mencionar seu nome em outras partes desta narrativa. Limito-me, por agora, a escrever apenas isto sobre Theodore Weld.

Já tive ocasião de dizer que nenhuma resposta pública foi dada às acusações publicadas pelos opositores do avivamento, ou seja, nada se respondeu ao que o dr. Beecher ou o sr. Nettleton escreveram. Mencionei, também, que foi publicado um panfleto escrito pelos ministros integrantes da Associação de Oneida, no qual a obra era contestada. A esse panfleto, que se saiba, também nenhuma resposta foi publicada. Lembro-me de que um ministro unitarista, residente em Trenton, naquele condado, publicou um panfleto ofensivo, no qual deturpava grandemente a obra e dirigia-me um ataque pessoal. A esse o rev. Wetmore, membro do presbitério de Oneida, publicou uma resposta.

Esse avivamento ocorreu no inverno e na primavera de 1826. Depois de os convertidos terem sido recebidos nas igrejas em todas as partes do condado, o rev. John Frost, pastor da Igreja Presbiteriana em Whitesboro, publicou um panfleto com uma descrição parcial do avivamento e, se não me falha a memória, declarou que, dentro do território abrangido por aquele presbitério, os convertidos chegaram a 3 mil. Não tenho nenhum exemplar desse panfleto. Conforme já disse, a obra disseminou-se a partir de Rome e Utica, como se estivesse partindo de um centro para todas as direções. Os ministros vinham de distâncias consideráveis e passavam períodos de tempo, maiores ou menores, acompanhando os cultos e ajudando de várias maneiras na promoção da obra.

Quanto aos esforços envidados por mim na obra do avivamento, dividi minha mobilização por uma região tão ampla que pude alcançar, em maior ou menor grau, todas as fronteiras do presbitério. Não consigo lembrar quanto tempo passei em cada lugar. Os pastores de todas aquelas igrejas simpatizavam profundamente com a obra. Homens bons e leais que eram, colocavam-se no altar do Senhor como sacrifício, a fim de fazer o máximo que pudessem a favor daquela grande e gloriosa obra e Deus os recompensava ricamente.

No tocante aos ensinamentos doutrinários, eu diria que a doutrina da depravação moral total era explicada detalhadamente e ensinada com insistência aos ouvintes. A espiritualidade e a autoridade da lei divina também ocupavam posição de destaque. A doutrina da expiação por Cristo, suficiente para toda a humanidade e os convites gratuitos segundo o evangelho, baseados nessa doutrina, eram apresentados na devida proporção. Todas as pessoas eram definidas como sendo, por natureza, mortas em seus delitos e pecados, sujeitas à condenação e tendo a ira de Deus sobre elas. Aos ouvintes era indicada a cruz de Cristo e apresentados todos os atrativos para levá-las a renunciar totalmente a justiça própria, bem como a todas as formas de egoísmo e a dedicar, de imediato, todo o seu ser e todas as suas posses ao Senhor Jesus Cristo.

Os ministros e os cristãos que haviam adotado a interpretação literal do catecismo presbiteriano achavam muito difícil falar da fé aos descrentes. Não gostavam de dizer aos interessados que nada havia que pudessem fazer. Por isso, instruíam-nos a apossarem-se da graça que lhes era oferecida por Deus, a orar pedindo um novo coração e a esperar até que Deus os levasse à conversão. Durante aquele avivamento, procuramos demolir todos esses ensinos e, em vez de dizer aos pecadores que usassem os meios da graça para obter um coração novo, nós os ensinávamos a esforçarem-se para tornar o coração um novo coração e o espírito um novo espírito.

Insistíamos na necessidade de se entregarem imediatamente a Deus. Dizíamos que o Espírito estava lutando com eles para levá-los a entregarem-lhe o coração *imediatamente*, a crer e a começar uma vida de submissão e devoção a Cristo, com fé, amor e obediência cristã. Ensinávamos que, enquanto orassem pedindo o Espírito Santo, estariam resistindo a ele e que, se obedecessem imediatamente à própria convicção de dever, então, seriam crentes. Procurávamos demonstrar-lhes que tudo quanto fizessem ou falassem antes de entregar o coração a Deus era pecado. Não era o que Deus queria e eles estariam resistindo ao Espírito Santo. É lógico que muitos se opunham a esses ensinamentos, mas, nem por isso deixamos de ensinar assim e fomos grandemente abençoados pelo Espírito de Deus.

Antes disso, acreditava-se que seria necessário o pecador permanecer muito tempo sob o convencimento de pecado. Não raras vezes, as pessoas que professavam a fé declaravam que haviam ficado tantos meses ou tantos anos debaixo dessa convicção antes de encontrar alívio. Parece que a crença era que, quanto mais tempo passassem sob o convencimento de pecado, maior seria a evidência de que se haviam convertido. Ensinávamos o inverso disso. Eu insistia em que, se passassem muito tempo sob essa convicção, corriam o risco de tornarem-se fariseus, achando que já haviam orado bastante e praticado boas ações suficientes para induzir Deus a dar-lhes a salvação e que, finalmente, se acomodariam a uma falsa esperança.

Dizíamos que viver um longo período sob convencimento de pecado apresentava o perigo de entristecer o Espírito de Deus, até que este se afastasse deles — o que resultaria na sensação de que a aflição mental chegara ao fim.

Como resultado, sentir-se-iam mais à vontade, achando que estavam convertidos e esse pensamento, possivelmente, produziria neles um tipo de alegria que confundiriam com o gozo e a paz que há em Cristo. Por fim, esse estado de espírito, talvez os iludisse ainda mais, ao ser interpretado como evidência de que haviam experimentado a conversão.

Procuramos afastar totalmente a falsa doutrina da necessidade de permanecer muito tempo sob convicção de pecado. Insistíamos em que a submissão imediata era a única coisa que Deus podia aceitar das mãos deles e que, qualquer demora, não importando qual fosse o pretexto, era uma forma de rebeldia contra Deus. Com esses ensinamentos, tornou-se habitual que as pessoas se convencessem e se convertessem no decurso de poucas horas — às vezes, em poucos minutos. Essas conversões repentinas alarmavam muitas pessoas de boa índole. Como era de esperar, elas temiam que os convertidos se desviassem, pois tal conversão não podia ser genuína. Mas, os resultados comprovaram que entre aquelas conversões repentinas estavam alguns dos cristãos mais cheios de poder da região. E essa tem sido minha experiência ao longo de meu ministério.

Já mencionei que o sr. Aikin respondeu, em particular, a algumas das cartas do sr. Nettleton e do dr. Beecher. Algumas das cartas do dr. Beecher acabaram sendo publicadas na imprensa, mas, não causaram impacto. As respostas do sr. Aikin, enviadas pelo correio, pareciam não fazer a mínima diferença na oposição movida pelo sr. Nettleton e pelo dr. Beecher. Tendo por base uma carta que o dr. Beecher escreveu naquela época ao dr. Taylor, de New Haven, parece que alguém lhe passara a idéia de que os irmãos ocupados na promoção do avivamento eram meros enganadores. Nessa carta, asseverava que um espírito de mentira predominava em nossos avivamentos e que, por essa razão, não se podia acreditar em nada do que era dito pelos seus líderes. A carta do dr. Beecher ao dr. Taylor acabou sendo publicada.

Entre meus documentos, tenho uma cópia dela, como também algumas das cartas do sr. Nettleton. Se a carta do dr. Beecher chegasse a ser publicada outra vez, o povo da região onde predominaram os avivamentos estranharia bastante que o dr. Beecher, mesmo numa carta particular, pudesse ter escrito semelhantes coisas a respeito dos ministros e dos crentes ocupados na promoção daquela grande e maravilhosa obra. Em outro contexto, terei de falar mais a respeito da oposição do dr. Beecher e do sr. Nettleton àqueles gloriosos avivamentos.

CAPÍTULO XV

O AVIVAMENTO EM AUBURN EM 1826

O dr. Lansing, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana em Auburn, foi a Utica para ver de perto o avivamento que estava acontecendo ali e insistiu que eu o acompanhasse durante algum tempo e trabalhasse com ele. No verão de 1826, aceitei seu convite e fui para Auburn, trabalhando ali com o dr. Lansing algum tempo. Pouco depois, descobri que alguns dos professores no seminário teológico daquela cidade eram hostis ao avivamento. Já tivera conhecimento de que vários pastores do leste de Utica trocavam cartas entre si, usando palavras agressivas para se referir a ele.

Alguns deles diziam que as faculdades e seminários teológicos seriam profundamente prejudicados se eu tivesse permissão para visitar as igrejas e pregar, já que eu não recebera nenhuma educação teológica em faculdade ou seminário. Naturalmente, muitos relatórios falsos circularam, contendo acusações absurdas, mas, nada daquilo mereceu minha atenção. Em circunstância alguma apresentei resposta. Estava demasiadamente envolvido na obra e não tinha tempo para contestar as críticas de que estava sendo alvo.

Embora aparecessem artigos freqüentes nos jornais contra mim e contra os esforços que empreendia, nunca fiz mais que passar os olhos por eles para ver o que havia de justo ou injusto. E, repito, em nenhuma circunstância ofereci resposta. No entanto, antes de chegar a Auburn, não tinha consciência da intensidade da oposição que receberia da parte do ministério — não dos pastores das regiões onde eu atuava, mas, dos que trabalhavam fora de meu campo de trabalho e não me conheciam pessoalmente. Eles haviam sido influenciados pelos falsos relatos que ouviram, originários de alguma fonte desconhecida por mim e por meus amigos. Pouco depois de chegar a Auburn, descobri, por várias fontes, que fora colocado em ação um sistema de espionagem com o propósito de unir pastores e igrejas para cercar e impedir a propagação dos avivamentos que se desenvolviam relacionados com os trabalhos realizados por mim.

Por essa mesma ocasião, fui informado de que o sr. Nettleton dissera que não poderia avançar mais para o Leste: todas as igrejas — as da Nova Inglaterra, em especial — estavam fechadas para mim. O sr. Nettleton veio a Albany e caiu em minhas mãos uma carta do dr. Beecher na qual este exortava o sr. Nettleton a tomar uma posição corajosa contra mim e contra Avivamentos na região central do estado de Nova York. Dizia, também, quando os membros do poder judiciário da Nova Inglaterra se reunissem, "todos falariam com franqueza e o apoiariam em sua oposição". Mas voltemos aos acontecimentos em Auburn.

Pouco depois da minha chegada ali, fiquei muito impressionado com a operação do sistema de espionagem a que me referi há pouco. O rev. Frost, de Whitesboro, obteve considerável conhecimento dos fatos e comunicou-os a mim. Que eu me lembre, nada falei a respeito do assunto, em público ou em particular. Dediquei-me unicamente à oração. Punha em Deus a mais profunda confiança, dia após dia, para que ele me orientasse, mostrando-me o caminho a seguir e dando-me graça para enfrentar a tempestade. Jamais esquecerei a cena que se passou diante mim, durante um dia inteiro, em meu quarto, na casa do dr. Lansing, em Auburn. Eu havia chegado à cidade havia pouco. Numa visão, o Senhor mostrou-me os sofrimentos que me aguardavam. Enquanto eu orava, ele ficou tão perto de mim que minha carne literalmente estremeceu à volta de meus ossos! Como efeito da plena consciência da presença de Deus, eu tremia da cabeça aos pés, como se tivesse calafrios! De início e durante algum tempo, senti-me no cume do Sinai, em meio aos trovões divinos e não diante da cruz de Cristo.

Que eu me lembre, nunca em minha vida me senti tão cheio de reverente temor e humildade diante de Deus. No entanto, ao invés de sentir vontade de fugir, sentia-me cada vez mais atraído para perto de Deus — sempre mais perto daquela presença que me enchia de reverência e tremor inexprimíveis. Depois de um período de grande humilhação diante do Senhor, veio um grande acontecimento. Deus me deu a certeza de que estaria comigo e me sustentaria; nenhuma oposição prevaleceria contra mim; que eu nada tinha a fazer senão manter-me fiel ao meu trabalho e esperar o livramento da parte de Deus.

Nunca poderei descrever a consciência da presença de Deus e de tudo quanto se passou entre ele e minha alma naquela ocasião. A experiência capacitou-me a manter dentro de mim a total confiança e a perfeita tranqüilidade e a cultivar em meu coração apenas sentimentos de bondade para com todos os irmãos que se deixaram enganar, cerrando fileiras contra mim. Tinha a certeza de que tudo terminaria em bem e que o caminho certo era deixar tudo nas mãos de Deus e continuar o trabalho. Assim fiz e, à medida que deparava

com a tempestade e via a oposição aumentar, não tive dúvida, um momento sequer, quanto ao resultado a que chegaríamos.

Nunca me deixei perturbar pelos movimentos contrários, nunca perdi uma hora de descanso pensando nisso, embora parecesse que todas as igrejas do país, com exceção das que ficavam nos lugares onde eu já havia atuado, estavam se unindo para impedir que eu subisse em seus púlpitos. E, conforme entendi depois, era isso mesmo o que meus principais opositores haviam resolvido. Estavam tão envolvidos no engano que pensavam não existir outra solução senão acabar comigo. Mas, Deus deu-me a certeza de que não me conseguiriam calar.

O texto de Jeremias 20 foi, repetidas vezes, aplicado à minha consciência com grande poder. Diz o seguinte: "SENHOR, tu me enganaste e eu fui enganado [ou seduzido]; foste mais forte do que eu e prevaleceste. Sou ridicularizado o dia inteiro; todos zombam de mim. Sempre que falo é para gritar que há violência e destruição. Por isso, a palavra do SENHOR trouxe-me insulto e censura o tempo todo. Mas, se eu digo: 'Não o mencionarei nem mais falarei em seu nome', é como se um fogo ardesse em meu coração, um fogo dentro de mim. Estou exausto tentando contê-lo; já não posso mais! Ouço muitos comentando: 'Terror por todos os lados! Denunciem-no! Vamos denunciá-lo!' Todos os meus amigos estão esperando que eu tropece, dizem: 'Talvez ele se deixe enganar; então nós o venceremos e nos vingaremos dele'. Mas o SENHOR está comigo, como um forte guerreiro! Portanto, aqueles que me perseguem tropeçarão e não prevalecerão. O seu fracasso lhe trará completa vergonha; a sua desonra jamais será esquecida. Ó Senhor dos Exércitos, tu que examinas o justo e vês o coração e a mente, deixa-me ver a tua vingança sobre eles, pois a ti expus a minha causa" (v. 7-12).

Não estou querendo dizer que essa passagem descrevesse literalmente minha situação na época, mas havia tanta semelhança entre a condição descrita pelo profeta e aquela em que eu me encontrava que esse texto servia, freqüentemente, de consolo à minha alma. E, realmente, conforme já disse, o Senhor não permitiu que eu ficasse magoado com a oposição que me era feita ou que recеasse algo que me pudesse acontecer ou ainda que sentisse o mínimo ressentimento ou raiva dos irmãos que levavam as coisas nessa direção. Posso dizer, com toda a sinceridade, que não me lembro de nenhum sentimento desagradável contra o sr. Nettleton, nem contra o dr. Beecher, nem contra qualquer um dos principais opositores da obra.

Lembro-me de me ter sentido notavelmente horrorizado com o panfleto publicado por William R. Weeks, a quem já me referi e à posição por ele tomada. Não nutria nenhum ressentimento contra ele, mas eram perceptíveis em sua conduta astúcia maligna, fingimento e determinação inabalável, quais não me recordo já ter falado. Lembro-me nitidamente, porém, de ter sentido diante de suas atitudes um arrepio de horror. Aqueles que conhecem a história do sr. Weeks lembram-se de que, pouco depois disso, ele escreveu um livro que intitulou ‘O peregrino no século XIX’. A obra foi publicada em fascículos e depois encadernada num só volume. É possível que muitos leitores desta narrativa conheçam o livro.

Pelo que sei, Weeks mostrou-se inimigo do avivamento até o dia de sua morte. Enquanto era pastor no condado de Oneida, porém, na época em que eu ali atuava, não conseguiu manter a sua oposição. Foi demitido pouco depois, indo para Newark, NJ, onde exerceu a função de professor primário. Fui informado de que ele reuniu ao seu redor bem poucos seguidores da sua doutrina e continuou a pregá-la até o dia de sua morte. Tinha um talento considerável e, até onde se podia esperar, era um homem bom, mas que foi iludido pelas próprias idéias e perdeu o rumo quanto à teologia. Não menciono seu nome aqui com o objetivo de criticá-lo, nem ao seu livro, mas, simplesmente para dizer que ele nunca deixou de se opor, em maior ou menor grau, de modo direto ou indireto, aos avivamentos, os quais não favoreciam as suas opiniões. Mesmo sem mencionar o seu nome, tomava o máximo cuidado em defender as medidas que o sr. Nettleton adotava como líder da oposição ao avivamento. Mas, Deus afastou toda aquela influência negativa. Há muitos anos que não ouço falar dela.

A despeito da atitude que alguns dos professores em Auburn adotavam contra os ministros que trabalhavam em outros lugares, o Senhor não demorou a reavivar sua obra naquela cidade. O rev. Lansing tinha uma grande congregação, madura e de bom senso. O avivamento surtiu rápido efeito entre seus membros, tornando-se poderoso ali. Foi nessa época que o dr. Steel, de Auburn, que ainda reside ali, teve sua alma grandemente abençoada e foi transformado em um novo homem.

Quando cheguei ali, o dr. Steel era presbítero da Igreja Presbiteriana. Era crente muito tímido, cheio de dúvidas, mostrando pouca eficácia como cristão, porque a sua fé era bem pequena. Logo, porém, sentiu profunda convicção de pecado e desceu até as profundezas da humilhação e da aflição, quase ao desespero.

Continuou nesse estado durante semanas, até que, certa noite, numa reunião de oração, foi totalmente dominado por seus sentimentos e acabou prostrado no chão, desamparado. Foi então que Deus lhe abriu os olhos para a realidade da salvação em Cristo. Isso aconteceu pouco depois de minha partida de Auburn para trabalhar em Troy, NY. Não demorou muito até que o irmão Steel me procurasse em Troy e, quando nos encontramos, ele exclamou, dando às palavras uma ênfase que lhe era peculiar: "Irmão Finney, sepultaram o Salvador, mas Cristo ressuscitou!". Ele recebeu o batismo com o Espírito Santo tão maravilhosamente que, a partir de então, tem sido a alegria dos fiéis que o conhecem.

Como conseqüência da oposição ao meu trabalho, demonstrada por muitos ministros, havia em Auburn muita rejeição e vários líderes daquela grande aldeia tomaram posição irredutível contra a obra. Por esse tempo, Theodore Weld, a quem já me referi, chegou ali, onde passou vários dias. E um dos exemplos da espécie de oposição feita ao avivamento naquela aldeia foi quando um dos principais oponentes da obra encontrou-se com Theodore Weld e disse-lhe: "Weld, prometi que lhe daria um pontapé e vou cumprir minha palavra". Dito isso, aproximou-se de Theodore deu-lhe um chute. Weld não deu muita atenção àquilo e o assunto foi deixado de lado. Mas o Espírito do Senhor estava presente com grande poder entre o povo e vários incidentes notáveis aconteceram na época.

Certa manhã de domingo, enquanto pregava, eu mostrava como certos homens se opunham à conversão da mulher e dos filhos. Fiz uma vívida descrição de um caso e acrescentei: "Se eu conhecesse pessoalmente cada um de vocês, sem dúvida poderia citar pelo nome alguns que tratam a família dessa maneira". Naquele instante, um cavalheiro exclamou no meio da congregação: "Cite meu nome!" e caiu para frente, com a cabeça no encosto do banco diante dele, tremendo de emoção. Ele me revelou, depois, que estava tratando sua família exatamente da maneira descrita por mim e que, naquela manhã, fizera as coisas que eu citara sem ter conhecimento dos fatos. Disse-me que sua exclamação "Cite meu nome!" fora espontânea e irresistível, não conseguira reprimi-la. Receio, no entanto, que ele nunca tenha se convertido a Cristo.

Na época, um chapeleiro chamado Hawley residia em Auburn. Era casado com uma mulher piedosa, mas ele era universalista e se opunha ao avivamento. Levou a oposição a tal ponto que passou a proibir a mulher de freqüentar nossos cultos. Por isso, ela deixou de comparecer às reuniões várias noites seguidas. Certa noite, quando o sino tocou, anunciando o início do culto dali a meia-hora, a sra. Hawley, preocupada com o marido, recolheu-se para orar e passou aquela meia hora derramando a alma diante de Deus. Contou ao Senhor como o marido se comportava, que ele não a deixava freqüentar os cultos etc. Ficou muito próxima de Deus naquele momento. Perto da hora do início da reunião, saiu do quarto e viu que o marido já voltara da loja. Quando ela entrou na sala, ele perguntou-lhe se ela não gostaria de ir ao culto e que, se quisesse ir, ele a acompanharia.

Posteriormente, ele mesmo me contou que resolvera assistir ao culto naquela noite para ver se havia realmente algo que justificasse a restrição feita à mulher, ou pelo menos para descobrir alguma coisa engraçada que lhe servisse de motivo para ridicularizar a obra. A mulher surpreendeu-se quando o marido se ofereceu para acompanhá-la, mas foi-se arrumar e ambos foram ao culto. Naturalmente, na ocasião, eu não sabia o que se passara. Como ocorria com freqüência na época, fui para o culto sem ter a mínima idéia do texto bíblico sobre o qual pregaria. Depois de ter visitado os membros da igreja e conversado com os interessados no avivamento o dia inteiro, não tivera tempo para ordenar os pensamentos, nem mesmo para selecionar um texto para o sermão.

Entre a parte introdutória do culto e o momento de pregar, ocorreu-me um texto bíblico. Tratava-se das palavras do homem com o espírito imundo, que exclamou: "Deixa-nos sozinhos!" [na NVI, "Que queres conosco, Filho de Deus?"; Mt 8.29]. Lancei mão daquelas palavras e esforcei-me para desmascarar a conduta dos pecadores que preferiam ser deixados sozinhos, que não queriam nada com Cristo. O Senhor concedeu-me poder para apresentar uma descrição bem vívida do caminho que semelhantes pessoas trilhavam. No meio do sermão, vi que um homem caía de seu assento, perto do corredor central, gritando de maneira terrível. A congregação ficou tão chocada e o grito foi tão forte que interrompi o sermão e fiquei parado. Momentos depois, pedi à congregação que permanecesse sentada enquanto eu descia do púlpito para falar com o homem.

Descobri que se tratava do sr. Hawley. O Espírito do Senhor o convencera tão poderosamente que lhe foi impossível permanecer sentado. Quando cheguei perto dele, já recuperara as forças o suficiente para estar joelhos, com a cabeça no colo da mulher. Ele chorava em voz alta como uma criança, confessando seus pecados e acusando-se a si mesmo de modo terrível. Falei-lhe algumas palavras, às quais parecia prestar bem pouca atenção. O Espírito de Deus o conquistara de modo tão eficiente que logo desisti de tentar levá-lo

a prestar atenção ao que eu dizia. Quando revelei à congregação de quem se tratava, lágrimas e soluços foram ouvidos por todo o recinto, pois todos conheciam seu caráter. Fiquei parado algum tempo, esperando que ele se aquietasse para eu continuar o sermão, mas seu choro impediu-me de retomar a palavra. Nunca me esquecerei da fisionomia da mulher d sr. Hawley, sentada ali, segurando nas mãos o rosto do marido. Suas feições revelavam júbilo e triunfo santos, impossível de expressar em palavras.

Depois de algumas orações, o culto foi encerrado. Ajudaram o sr. Hawle a chegar em casa e ele pediu que, imediatamente, fossem buscar alguns dos seus companheiros, com os quais costumava juntar-se para ridicularizar a obra do Senhor. Não iria sossegar até que viessem e que ele tivesse a oportunidade de lhes confessar seus erros, o que fez com o coração muito quebrantado. Estava tão vencido pela emoção que por dois ou três dias não conseguiu circular na cidade. E continuava mandando chamar todos aqueles a quem queria confessar o que fizera de errado e aconselhar a fugir da ira vindoura. Logo que conseguiu andar pela cidade, firmou-se na obra com a máxima humildade e singeleza de caráter e com grande sinceridade. Pouco depois, tornou-se presbítero ou diácono — não me recordo qual dessas funções exerceu — e, a partir de então, foi um crente exemplar e produtivo. Sua conversão foi tão marcante e tão poderosa, com resultados tão evidentes, que muito contribuiu para fazer silenciar a oposição.

Alguns homens abastados na cidade de Auburn, desgostosos com o dr. Lansing, comigo e com os demais obreiros que trabalhavam no avivamento, juntaram-se e formaram outra congregação depois de minha partida. A maioria deles não era convertida. É bom que o leitor mantenha esse fato na memória, porque no momento certo desta narrativa destacarei os resultados dessa oposição e da formação de uma nova igreja, bem como a conversão de quase todos esses opositores.

Durante minha estada em Auburn, eu pregava, com maior ou menor freqüência, nas igrejas da circunvizinhança e o avivamento se propagou-se em várias direções e até Cayuga e Skaneateles, ambas as localidades situadas à beira de lagos com o mesmo nome. Se não me engano, isso ocorreu no verão e no outono de 1826.

Pouco depois de minha chegada a Auburn, ocorreu um fato tão notável que me sinto no dever de apresentar um breve relato sobre ele. Minha mulher e eu estávamos hospedados com o dr. Lansing, pastor da igreja. A igreja estava muito conformada e parecida com o mundo e os membros eram acusados pelos descrentes de ter atração pelas roupas finas, pela moda e por tudo que era mundano. Como de costume, minha pregação visava à transformação da igreja e ao avivamento de seus membros. No domingo, preguei, da maneira mais profunda e minuciosa possível, sobre a atitude do crente diante do mundanismo. A Palavra causou profunda impressão nos ouvintes.

Ao concluir o sermão, pedi que o pastor orasse, como sempre fazia. O dr. Lansing sentira o impacto da mensagem e, obviamente, sabia que o mesmo acontecera à congregação. Em vez de passar imediatamente à oração, proferiu uma exortação — breve, porém muito sincera — ao povo, confirmando o que eu dissera. Naquele momento, um homem levantou-se na galeria e disse, em voz bem audível: "Sr. Lansing, não acredito que suas observações possam surtir algum efeito enquanto o senhor estiver usando uma camisa franzida e um anel de ouro e enquanto sua mulher e as senhoras de sua família ficarem sentadas diante da congregação vestidas como se pertencessem ao mundo da moda". O golpe foi fulminante sobre o dr. Lansing. Ele não respondeu, mas atirou-se para o lado do púlpito e chorou como criança.

A congregação ficou quase tão chocada e emocionada quanto seu pastor. Quase todos curvaram a cabeça contra o encosto do banco e começaram a chorar. E, excetuando-se os soluços e os suspiros, o resto era silêncio profundo. Esperei uns momentos e, como o dr. Lansing não se mexia, levantei-me, fiz uma breve oração e despedi o povo.

Fui para casa com aquele querido pastor. E, depois que toda a família voltou do culto, ele tirou o anel do dedo — uma jóia fina que realmente chamava a atenção — revelando que sua primeira mulher, no leito de morte, tirara aquele anel do dedo e o colocara no dele, pedindo-lhe que o usasse como lembrança dela. Assim fizera, sem a mínima idéia de que seria um tropeço para alguém. Quanto aos franzidos, disse que os usava desde criança, não os considerando coisa inadequada ao crente. Nem sequer conseguia lembrar com que idade começara a usá-los e, naturalmente, não os considerava um problema. "Mas, se essas coisas são pedras de tropeço para alguém, não as usarei mais", decidiu. O dr. Lansing era um crente de valor e um pastor excelente.

Logo depois, os membros da igreja dispuseram-se a fazer uma confissão pública de que haviam sido relapsos e destituídos de espírito cristão. A confissão foi redigida, apresentada à igreja para aprovação e lida

diante da assembléia. Os membros da igreja colocaram-se de pé durante a leitura, muitos deles chorando. A partir de então, a obra avançou com muito mais poder. Sem dúvida, havia total sinceridade naquela confissão e Deus aceitou-a de modo gracioso e manifesto, fechando a boca dos que se opunham a ela.

A oposição à obra, por parte de alguns descrentes, era ferrenha, tendo sido ainda encorajada pela atitude errônea de muitos ministros, cuja oposição foi aproveitada pelos ímpios como justificativa para as suas ações. O fato é que, em grande medida, a situação espiritual das igrejas e dos ministros não era das melhores e o avivamento pegava-os de surpresa. Por isso, não me admirava, naquela época nem em épocas posteriores, que aquela obra maravilhosa de Deus não fosse bem compreendida e nem bem recebida pelos crentes que viviam tal situação.

Houve muitíssimas conversões notáveis em Auburn e seus arredores, nas cidades vizinhas e em toda aquela região, à medida que a obra se propagava em todas as direções. Na primavera de 1831, estive outra vez em Auburn e testemunhei outro avivamento poderoso naquela cidade. As circunstâncias, estranhas e profundamente interessantes, serão relatadas em lugar apropriado nesta narrativa.

CAPÍTULO XVI

O AVIVAMENTO EM TRÓIA E NO NOVO LÍBANO

No começo do outono de 1826, aceitei o convite do rev. Beman e do conselho da sua igreja para empreender, com eles, em Troy, um trabalho visando o avivamento da fé naquela localidade. Passei o outono e o inverno em Troy e o avivamento foi poderoso.

Já mencionei o fato de o sr. Nettleton ter sido enviado pelo dr. Beecher a Albany para levantar resistência contra o avivamento que se propagava pelo centro do estado de Nova York. Embora eu nunca tivesse visto o sr. Netdeton, na época ele me inspirava a máxima confiança. Sentia grande *desejo* de conhecê-lo e de receber dele informações sobre os melhores meios de promover um avivamento. Queria muito vê-lo e estava disposto a me sentar a seus pés, como o faria diante de um apóstolo. O que ouvira a respeito do sucesso que alcançara na promoção de avivamentos me fazia manter o desejo de aprender com ele. Minha confiança nele era tão grande que acho que poderia me ter deixado dirigir quase totalmente pela prudência de Nettleton. Pouco depois de minha chegada em Troy, fui visitá-lo em Albany.

Nettleton estava hospedado na casa de pessoas que eu conhecia. Passei parte da tarde com ele e conversamos sobre seus pontos de vista doutrinários, a respeito de determinados assuntos, principalmente os sustentados pelas igrejas holandesas e presbiterianas, no tocante à voluntariedade ou involuntariedade da depravação moral e temas afins. Nessas conversas, descobri que ele concordava inteiramente comigo em todas as questões teológicas. Realmente, nenhuma queixa havia sido feita pelo dr. Beecher ou pelo sr. Nettleton quanto aos *ensinos* que transmitíamos. Eles não podiam queixar-se de não termos ensinado o que consideravam ser o verdadeiro evangelho. Sua queixa era contra algo que supunham muito censurável nos *métodos* que empregávamos. Cada questão que levantávamos era discutida rapidamente.

Notei que, em nossas conversas, era evitado o que se referisse à promoção de avivamentos. Quando revelei ao sr. Nettleton minha pretensão de ficar em Albany e ouvi-lo pregar no culto vespertino, ele mostrou-se pouco à vontade e mencionou que eu não deveria ser visto com ele. Por isso, o juiz Cushman que viera comigo de Troy e havia cursado a faculdade com o sr. Nettleton, acompanhou-me quando fui assistir ao culto. Sentamo-nos na galeria e o que ouvi do sr. Nettleton foi o suficiente para me convencer de que não poderia esperar nenhum conselho ou instrução da parte dele e que ele estava ali para liderar a oposição contra mim. Logo descobri que não me enganara.

Enquanto produzia estas memórias, depois de eu ter ditado o parágrafo anterior, alguém me mostrou uma declaração feita na biografia do sr. Nettleton, revelando ter ele tentado, em vão, mudar minhas opiniões e práticas na promoção dos avivamentos. Não posso imaginar que o sr. Nettleton tenha autorizado semelhante declaração, já que não percebi em suas atitudes a mínima intenção de fazer isso. Conforme já revelei, na ocasião ele poderia ter tentado moldar-me segundo seus critérios, mas nunca me disse uma única palavra a respeito da maneira em que eu conduzia os avivamentos, nem me escreveu uma palavra a respeito do assunto.

Ele me mantinha a distância e, conforme já me referi, embora conversássemos a respeito de algumas questões teológicas, era evidente que não estava disposto a falar a respeito dos avivamentos e não permitiu

que eu o acompanhasse ao culto. Foi essa a única ocasião em que tivemos contato antes de nos encontrarmos na convenção de New Lebanon. O sr. Nettleton em momento algum tentou corrigir meus conceitos. Depois de conhecer suas opiniões e práticas a respeito dos avivamentos, dei graças a Deus por não me ter deixado influenciar por ele.

Visto que Troy ficava bem perto de Albany, a influência das cartas enviadas pelo dr. Beecher não demorou a ser sentida por alguns dos membros de maior destaque da igreja do dr. Beman. A oposição foi aumentando, ate que, finalmente, resolveram levantar uma queixa contra o dr. Beman e levá-lo a julgamento diante do presbitério. Assim foi feito. E, durante várias semanas, o presbitério permaneceu reunido para examinar as acusações contra ele. Enquanto isso, eu continuava a trabalhar para que o avivamento seguisse sem interrupção. Os crentes continuaram orando fervorosamente eu continuei a pregar e a orar incessantemente por aquele trabalho. E o avivamento continuou com poder cada vez maior.

O dr. Beman, no entanto, era obrigado a dedicar sua atenção quase total ao processo que fora instaurado contra ele. Depois de examinar as acusações em detalhes, penso que, por unanimidade ou quase isso, o presbitério negou provimento à causa e absolveu o dr. Beman. A acusação formal não era de *heresia* e acredito não ter havido mesmo nenhum espírito de heresia. Penso que tudo não passou de invenção dos inimigos do avivamento e dos que haviam sido enganados por influência externa.

A frágil saúde de minha esposa exigiu que eu deixasse Troy por uma ou duas semanas a fim de visitá-la em Whitesboro, no condado de Oneida. Em minha ausência, o irmão Beman convidou o rev. Horatio Foote para pregar num dos cultos ali realizados. Não sei quantas vezes ele pregou. Lembro-me, porém, de ter ofendido grandemente os membros da igreja, os quais já se encontravam insatisfeitos. Como fiquei sabendo depois, as pregações incisivas do rev. Foote aborreceram-nos intensamente. Alguns resolveram retirar-se da congregação e fundar outra igreja. Não lembro quanto tempo depois de eu ter saído de Troy isso aconteceu. O total fracasso na tentativa de arruinar o dr. Beman deixou consideravelmente envergonhados os opositores do avivamento.

Muitos incidentes dignos de nota ocorreram durante aquele avivamento, mas, não devo citá-los para não dar a impressão de estar sendo severo demais com os oponentes da obra. Mas, no intuito de fazer entender a *natureza* da oposição e de registrar a verdade histórica, devo mencionar que, entre outras coisas, foi descoberto que um dos líderes da oposição proveniente da Nova Inglaterra, chegou a Troy e passou a freqüentar as reuniões de oração dos jovens. Ali, tomava nota de todas as expressões verbais e não-verbais emitidas por aqueles jovens e de tudo que ocorria naqueles encontros. Nunca estava entre os amigos do avivamento. E, pelo que eu sabia, não comparecia a nenhum dos cultos, a não ser de forma dissimulada.

Tratava-se claramente de um espião que viera olhar de perto a situação, não sei se a mando de alguém ou se por conta própria. No entanto, não conseguiu nada contra nós que chegasse a ser publicado nem houve, até onde sei, nada de censurável naquelas reuniões de oração ou em qualquer um de nossos cultos que pudesse ser levado a público em prejuízo do avivamento.

Tratava-se de um irmão de ministério que trabalhara arduamente com irmão Nettleton. Nem eu nem o pastor o vimos. Ficou claro que ele não veio a Troy como amigo. Mas, não vou expor aqui as muitas coisas que entristeceram grandemente o povo de Deus e o Espírito Santo.

A exemplo do que ocorreu nos avivamentos anteriores, imperava em Troy um fervoroso espírito de oração. Todos os dias às 11 da manhã realizávamos uma reunião de oração nas casas. Numa dessas reuniões, estando todos nós ajoelhados, lembro-me de que o sr. Stowe [Silas K. Stow], caixa de um banco naquela cidade, sentiu-se tão pressionado pelo espírito de oração que, quando a reunião foi encerrada, não conseguiu levantar-se. Permaneceu ajoelhado, contorcendo-se e gemendo em agonia. Num momento, exclamou: "Orem por ___", que era o presidente do banco em que trabalhava, tratando-se de um homem rico, porém não convertido.

Quando os presentes perceberam que a alma do sr. Stowe estava lutando a favor daquele homem, ajoelharam-se outra vez e continuaram orando pela sua conversão. Assim que percebemos que o sr. Stowe se acalmou, de maneira que ele pôde ir para casa, todos nos retiramos. Pouco tempo depois, o presidente do banco, a favor de quem havíamos orado, expressou sua esperança em Cristo. Entendo que o sr. Stowe nunca freqüentara nenhuma daquelas reuniões e ninguém sabia que ele se preocupava com a salvação. A oração, porém, prevaleceu e Deus não demorou a solucionar a questão.

Naquela época, o pai do juiz Cushman, que estava também em Troy, morava com o filho, na casa de quem eu estava hospedado. Era um senhor idoso que havia sido juiz em Vermont. Era homem respeitável, de viela

pública notavelmente correta. Sua casa em Vermont abrigara os ministros que visitavam a cidade. Segundo as aparências, aquele homem, já de idade bem avançada, estava satisfeito com sua vida agradável e habituado a exercer justiça própria. Sua esposa me contara como ansiava pela conversão do marido e seu filho, J. P. Cushman, expressara repetidas vezes seu receio de que a justiça que seu pai tinha aos próprios olhos nunca fosse dominada e que sua amabilidade natural arruinasse a sua alma.

Certo domingo de manhã, o Espírito Santo desvendou-me a questão e me ensinou a lidar com ela. Em poucos momentos, tudo ficou claro em minha mente. Desci do quarto em que estava hospedado e contei à sra. Cushman, mulher também idosa e ao seu filho, J. R, o que estava pensando em fazer, exortando-os a orar com zelo a favor do idoso juiz. Coloquei em prática o que o Espírito Santo me mostrara. E a sra. Cushman e J. P. garantiram-me que a Palavra pregada havia impressionado de tal maneira o sr. Cushman que ele passara a noite sem dormir e amanhecera com a aparência desfigurada, denotando aflição. Sua mulher informou-me de que ele passara a noite angustiado - a retidão que, aos próprios olhos, ele julgava possuir fora totalmente aniquila da, levando-o quase ao desespero. Seu filho contou-me que o pai sempre se julgara melhor que os membros da igreja. Não demorou a se converter totalmente e passou a viver como cristão até o fim da vida.

Ocorreram muitas conversões semelhantes. Antes de eu partir de Troy, srta. Seward, de New Lebanon, condado de Columbia, filha única de um diácono ou presbítero da igreja em New Lebanon, segundo o que entendi chegara a Troy, a fim de comprar um vestido para um baile. Tinha um parente em Troy, uma jovem crente muito zelosa. Ela convidou a srta. Seward para assistir aos cultos. O convite despertou inimizade no coração da jovem, fazendo com que se mostrasse muito rebelde. A prima, porém, implorava que ela permanecesse ali mais um dia, a fim de que pudesse assistir aos cultos. Tanto a prima insistiu, que, ao sair de Troy, a jovem Seward já estava convertida a Cristo.

Assim que a srta. Seward teve os olhos abertos, passando a desfrutar de paz com Deus, retornou imediatamente para casa e começou a esforça-se na busca de um avivamento em New Lebanon. Até então, ali, nada que se referisse à vida espiritual despertava o mínimo interesse do povo. A maioria dos jovens não era convertida e os membros mais antigos da igreja estavam em condição de muita frieza. O pai da srta. Seward tornara-se insensível e negligente quanto às questões de fé. O ministro da igreja de New Lebanon era um homem bom, porém muito idoso e parecia não saber como levar a efeito a obra de um avivamento.

A srta. Seward começou sua busca desse avivamento em sua própria casa, implorando ao pai que deixasse de lado a "velha oração", como ela chamava e se permitisse despertar e envolver-se com as coisas espirituais. A sua conversão e seu pedido impressionaram-no grandemente, já que era ela a grande favorita da família, especialmente dele. Não demorou a despertar-se e a tornar-se uma pessoa diferente, denotando profunda convicção da necessidade de um avivamento na região. Sara, a jovem, foi também à casa do pastor e começou a aconselhar sua filha, a qual ainda vivia em seus pecados. Esta não demorou a converter-se e as duas uniram-se em oração, passando a suplicar por um avivamento. Lançaram-se à obra, indo de casa em casa e estimulando as pessoas a tomarem parte ativa no movimento iniciado por elas.

Em duas semanas, tanto interesse fora despertado que a própria Sara viajou a Troy, a pedido do pastor e de alguns membros da igreja e implorou que eu fosse pregar em New Lebanon. Atendi ao seu apelo. O Espírito do Senhor foi derramado e o avivamento não demorou a espalhar-se com grande poder. Fatos emocionantes ocorriam quase todos os dias. Conversões poderosas multiplicaram-se e experimentou-se por toda a cidade uma grande e bendita mudança espiritual. Converteram-se os habitantes mais cultos e influentes da região. Estávamos distantes da envenenadora influência da oposição levantada pelo dr. Beecher e pelo sr. Nettleton, razão pela qual pouquíssimos se opunham ali ao avivamento, principalmente entre os que professavam a fé. Pelo que pude perceber, tudo parecia progredir harmoniosamente na igreja. Os habitantes da região convenceram-se da necessidade de um avivamento e estavam muito gratos por Deus os ter visitado.

Assistimos à conversão da maioria dos homens de destaque naquela comunidade. Entre eles, estava o dr. Wright, que, como diziam e como eu supunha, era incrédulo. Era muito respeitado como profissional e tinha grande facilidade de comunicação. De início, manifestou muita hostilidade contra o avivamento e declarou que o povo estava louco. No entanto, o dr. Wright passou a ser assunto especial das orações da srta. Seward e de outros que se preocupavam com ele. Os que oravam por ele acreditavam que, a despeito de sua veemente oposição, ele não demoraria a converter-se.

Certo domingo, pela manhã, ele veio ao culto e percebi que os que intercediam por ele estavam com o rosto inclinado, orando durante quase todo o sermão. Antes do anoitecer, ficou claro que a oposição do dr. Wright

começava a ceder. Ele ouviu várias pregações durante o dia e passou aquela noite num estado de muita perturbação de alma. Na manhã seguinte, foi-me visitar, mostrando-se submisso como uma criança e confessou que até ali vivera enganado. Com total franqueza, abriu o coração e declarou a mudança que se operara nele. Ficou claro que o dr. Wright passara a ser um homem diferente e, daquele dia em diante, ele dedicou-se com todas as suas forças à obra do avivamento.

Outro fato digno de nota deu-se com o sr. Tilden, comerciante, que na época era provavelmente o cidadão mais destacado e rico da cidade. Porém era um cético. Lembro-me de que, em certo culto vespertino, preguei sobre o tema: "A amizade com o mundo é inimizade com Deus" (Tg 4.4). O sr. Tilden estava presente. Era homem de boa moral, na acepção da palavra, por isso era difícil aplicar à sua consciência algo que o convencesse de pecado. Sua mulher era crente e sua filha já se convertera ao Senhor. As coisas que estavam acontecendo na cidade e na família atraíram a sua atenção, a ponto de ele passar a freqüentar os cultos para ouvir o que era dito. No dia seguinte àquele em que preguei o sermão contra a depravação moral, ele confessou-me que se convencera de pecado. Contou que aquela convicção o dominara com poder irresistível. Percebeu que os conceitos ensinados ali eram pura verdade e assegurou-me de que sua decisão de servir ao Senhor até o fim da vida fora tomada com muita firmeza.

Lembro-me, também, de que John T Avery, que seria um evangelista de renome e durante muitos anos trabalharia arduamente em vários lugares, estava presente naquele culto. Sua família morava em New Lebanon. Ele nascera e fora criado ali e talvez tivesse quinze ou dezesseis anos de idade na ocasião em que preguei aquele sermão. Na manhã seguinte, John Avery veio até mim — um dos jovens convertidos mais fervorosos que eu já vira. Contou-me, de início, o que se passara em sua mente durante vários dias e acrescentou: "Senti-me completamente *envolvido* por aquele sermão e ele me deixou abalado. Pude entendê-lo perfeitamente. Abri mão de mim mesmo e entreguei-me totalmente a Cristo". Jamais esqueci suas palavras.

Não preciso, porém, prolongar-me narrando casos semelhantes. Poderia gastar horas relatando incidentes, bem como a conversão de indivíduos em particular. Mas não devo entrar demasiadamente nos pormenores, pois correria o risco de aumentar em proporções impróprias esta narrativa. Preciso, no entanto, mencionar um pequeno incidente relacionado com a oposição que se manifestava em Troy.

O presbitério de Columbia estava reunido num local dentro de sua jurisdição e, informado de que eu promovia um avivamento em uma das igrejas a ele afiliadas, nomeou uma comissão para visitar o local onde eu trabalhava, a fim de se informar dos fatos. Isso porque, influenciados por algumas pessoas de Troy e de outros lugares, pela oposição do sr. Nettleton e pelas cartas do dr. Beecher, os membros do presbitério convenceram-se de que os métodos usados por mim na condução dos avivamentos eram censuráveis e que, por isso, tinham o dever de abrir um inquérito contra mim. Dois pastores foram nomeados para visitar o local e levantar informações. Conforme fiquei sabendo depois — não me lembro de ter sido informado a respeito disso na ocasião — a notícia da decisão do presbitério chegou a New Lebanon e os crentes dali temiam que a chegada da comissão criasse alguma divisão e desordem.

Os crentes mais envolvidos fizeram do assunto o alvo principal de suas orações e, durante um ou dois dias antes da data marcada, oraram muito, suplicando ao Senhor que anulasse aquele plano e não permitisse que a igreja viesse a dividir-se ou que algum elemento de discórdia fosse nela introduzido. Esperava-se que os dois pastores chegassem para os cultos de domingo. No dia anterior, porém, houve uma violenta tempestade e a neve caiu tão espessa que, embora já estivessem a caminho, foi-lhes impossível chegar a Troy. Sem poder retomar a viagem no domingo e na segunda-feira, resolveram voltar às suas respectivas congregações. Tratava-se do rev. Joel Benedict e do rev. Chester, este pastor da Igreja Presbiteriana em Hudson, NY, aquele pastor da Igreja Presbiteriana em Chatham, aldeia que ficava uns 25 quilômetros abaixo de Albany, no rio Hudson.

Pouco tempo depois, recebi uma carta do irmão Benedict, informando que o presbitério o nomeara membro de uma comissão instituída com a finalidade de me visitar e informar-se de meus métodos de trabalho. Convidou-me a passar um domingo com ele e a pregar em sua igreja. Aceitei o convite. Conforme fiquei sabendo, o relatório que ele deu ao presbitério dizia ser desnecessária e inútil qualquer medida diante da situação. Aquele irmão revelou estar convicto de que era o Senhor quem operava naquela obra e que os pastores do presbitério deviam tomar cuidado para não serem achados em luta contra Deus. Não ouvi mais notícias de oposição por parte daquele presbitério.

Nunca duvidei de que o presbitério de Columbia tivesse agido com honestidade ao mostrar-se alarmado com as notícias que ouviram a meu respeito. Jamais questionei ou considerei inapropriadas as medidas que adotaram. Pelo contrário, sempre admirei a transparência que demonstraram ao aceitar o testemunho de diversas fontes, que fizeram aquietar os seus receios. E, que eu saiba, passaram a simpatizar com a obra, que prosseguia. A oposição levantada pelo dr. Beecher e pelo sr. Nettleton estava superada.

Creio que ainda nessa época foi levantada a proposta, não sei por quem, de realizar uma convenção sobre a maneira de conduzir os avivamentos. Houve troca de correspondência entre os irmãos das igrejas do Oeste, que se haviam envolvido nos avivamentos e os irmãos do Leste, que lhes haviam feito oposição. Se não me falha a memória, ficou combinado que a convenção se realizaria em determinado dia do mês de julho, em New Lebanon, onde eu havia trabalhado e de onde eu saíra a fim de passar um breve período em Little Falls, no rio Mohawk, perto de Utica. Alguns incidentes emocionantes ocorreram durante minha breve estada ali, mas nada tão marcante que precise ocupar espaço nesta narrativa, visto que aquele período foi bem curto, já que precisei retornar a New Lebanon para participar da convenção.

Parece-me que o *propósito* da convenção foi, posteriormente, mal interpretado por um grande número de pessoas. Penso que ficou na mente dos que ali estavam a impressão de que alguma queixa fora levantada contra mim e que o objetivo principal daquele encontro era julgar meus atos, num processo formal colocado diante de um concílio. Mas, de modo algum, era essa a situação. Não fui eu quem convocou a convenção. Não tinha maiores interesses que qualquer outro participante. O objetivo da convenção era descobrir os fatos envolvidos nos avivamentos — contra os quais houvera tanta oposição — trocar idéias a respeito deles, comparar pontos de vista e ver a possibilidade de um melhor entendimento entre os que se opunham ao movimento e os irmãos que haviam sido instrumentos em promovê-lo.

Cheguei a New Lebanon um ou dois dias antes do evento. No dia determinado, chegaram os membros convidados. Não haviam sido nomeados por nenhum grupo eclesiástico e sim convidados pelos irmãos do Leste e do Oeste a fim de se consultarem mutuamente. Nenhum de nós representava qualquer igreja ou organização eclesiástica. Não estávamos reunidos para agir sob alguma autoridade ou em nome de uma igreja ou de suas unificações, mas apenas, como já disse, para trocar idéias, comparar pontos de vista e verificar se alguma coisa existia de errado — nesse caso trataríamos de corrigir qualquer erro, de um lado ou de outro. Quanto a mim, por ter a certeza de que as coisas das quais aqueles irmãos se queixavam em suas cartas não tinham a mínima base, supunha que, tão logo os irmãos se reunissem e trocassem opiniões e os fatos fossem esclarecidos, os irmãos do Leste, que se haviam oposto aos avivamentos — principalmente o dr. Beecher e o sr. Nettleton — perceberiam que estavam enganados, reconhecendo seu erro e o assunto seria encerrado.

Dos irmãos que fizeram parte da convenção, lembro-me dos seguintes: do Leste, vieram o dr. Beecher e o sr. Nettleton; o rev. Joel Hawes, de Hartford; o rev. Dutton, de New Haven; o rev. Humphrey, presidente da Faculdade de William; o rev. Justin Edwards, de Andover. E um número considerável de irmãos do Leste, de cujos nomes não me recordo. Do Oeste, ou seja, da parte central do estado de Nova York, onde os avivamentos estavam acontecendo, vieram o rev. Beman, de Troy; o dr. Lansing, de Auburn; o sr. Aikin, de Utica; o rev. Frost, de Whitesboro; o rev. Moses Gillett, de Rome; o rev. Coe, de New Hartford; o rev. George W. Gale, de Western; o rev. William R. Weeks, de Paris Hill. E, além de mim, talvez tenham vindo outros pastores, de cujos nomes não me lembro agora.

Logo descobrimos que o dr. Beecher havia elaborado algum plano para organizar a convenção à sua maneira. Nós, porém, não demos importância a isso. A convenção foi estabelecida e, acredito, o rev. Humphrey presidiu-a como moderador. Não se notava ali a mínima falta de bons sentimentos entre os participantes. É verdade que os membros vindos do Oeste suspeitavam de que o sr. Weeks, conforme dei a entender anteriormente, fosse o maior responsável pelos mal-entendidos divulgados entre os irmãos do Leste. Assim que a convenção teve início e o assunto foi esclarecido, os irmãos do oeste abriram uma sindicância para descobrir de que fontes o dr. Beecher e o sr. Nettleton haviam recebido as informações que os levaram a tomar aquela posição.

Tínhamos sido muito cuidadosos quando procuramos descobrir quem enganara os irmãos com idéias que os levaram a assumir aquela atitude contra os avivamentos. Descobrir isso era prioritário para nós. Queríamos saber de onde surgira toda aquela misteriosa oposição. Por isso, levantamos imediatamente a pesquisa para saber daqueles irmãos a fonte das informações. Percebeu-se de imediato, porém, que a pergunta era constrangedora.

Quero declarar agora, de maneira a ser nitidamente compreendido, o que deveria ter mencionado antes: nenhuma oposição havia sido manifestada por nenhum dos pastores do Leste presentes à convenção, a não ser da parte do dr. Beecher e do sr. Nettleton. Desde o início das reuniões, era fácil notar que o dr. Beecher assumira com dele mesmo o compromisso de defender sua reputação pessoal, que estava em jogo. Visto que algumas de suas cartas haviam sido divulgadas pela imprensa, ele seria responsabilizado por elas, caso ficasse comprovado serem de sua autoria. Ficou bastante claro que tanto ele quanto o sr. Nettleton estavam com a consciência muito intranqüila. Além disso, era evidente que o dr. Beecher conseguira o comparecimento dos ministros mais influentes da Nova Inglaterra a fim de obter o apoio do público e justificar a posição que adotara. Quanto ao sr. Nettleton, o dr. Beecher lhe assegurara que receberia o apoio da Nova Inglaterra e que todos os representantes legais das igrejas ali o apoiariam e sustentariam sua posição.

Conforme mencionei, já no início da convenção perguntamos aos irmãos onde haviam obtido as informações nas quais baseavam sua oposição e às quais se referiam tão constantemente em suas cartas. Quando a pergunta foi feita, o dr. Beecher respondeu: "Não viemos aqui para ser interrogados. Nossa dignidade espiritual impede-nos de responder a qualquer pergunta desse tipo". Quanto a mim, eu achava muito estranho que não nos fosse permitido saber a fonte daquelas informações. Afinal, cartas que faziam oposição aberta aos avivamentos haviam sido publicadas e afirmações que não se baseavam em fato algum foram consideradas legítimas. Grande tempestade de oposição levantara-se por toda a região e estávamos ali reunidos para esclarecer o assunto. A imagem de nosso trabalho fora totalmente deturpada e o resultado disso foi um grande prejuízo à causa de Cristo. Queríamos saber — e pensávamos ter esse *direito* — quem havia causado todos aqueles mal-entendidos. Vimo-nos, porém, totalmente impedidos de descobrir qualquer coisa a respeito.

A convenção durou vários dias. E, à medida que os fatos com referência aos avivamentos eram citados nas reuniões, o irmão Nettleton ficava com os nervos tão abalados, que teve de faltar a várias sessões. Percebia claramente que perdia terreno e que não era possível averiguar nada que justificasse a posição que adotara. Esse fato deve ter sido muito visível também para o dr. Beecher.

Eu já deveria ter mencionado que, no momento de esclarecer os fatos referentes aos avivamentos, o dr. Beecher declarou não concordar em que fosse aceito o testemunho dos irmãos do Oeste, que promoviam os avivamentos. Alegava que, em certo sentido, éramos réus na questão, por termos sido objeto da censura dele; que o fato de expressarmos nossos pontos de vista seria testemunhar em causa própria; que os fatos não deveriam ser aceitos tal como apresentados por nós. No entanto, os irmãos do Leste não se mostraram favoráveis a essa idéia. O dr. Humphrey declarou, com muita firmeza, que éramos as melhores testemunhas que se podiam apresentar, pois sabíamos o que nós mesmos havíamos feito, bem como todos os fatos ocorridos durante os avivamentos. Éramos, portanto, as testemunhas mais competentes e fidedignas e nossas declarações deveriam ser acolhidas sem hesitação. Pelo que sei, todos concordaram, excetuando-se o dr. Beecher e o sr. Nettleton.

Ficou bem claro que essa decisão perturbou grandemente o dr. Beecher e o sr. Nettleton. Eles perceberam que, se os fatos fossem relatados pelos irmãos que testemunharam os avivamentos e que sabiam, portanto, de tudo que ali havia sucedido, a realidade desfaria totalmente os mal-entendidos e todas as falsas declarações feitas e aceites a respeito do assunto. Nossas reuniões foram muito fraternais, do começo ao fim, sem nenhuma contenda ou amargura. Excetuando-se os dois que mencionei — o dr. Beecher e o sr. Nettleton — os irmãos vindos do Leste pareciam sinceros e desejosos de conhecer a verdade e alegraram-se ao saber dos pormenores dos avivamentos ocorridos no Oeste.

Durante a convenção, vários temas foram debatidos. Um dos principais dizia respeito a ser ou não permitido às mulheres participação ativa nos cultos. Foi o dr. Beecher quem levantou objeção, argumentando longamente e insistindo em que tal prática era antibíblica e inadmissível. O dr. Beman respondeu com um discurso breve, no qual demonstrou, conclusivamente, ser essa prática conhecida entre os apóstolos. Citou 1 Coríntios 11, onde Paulo chama a atenção da igreja para o fato de as mulheres cristãs terem enfrentado problemas por causa do preconceito oriental contra a prática de orarem nos cultos sem o uso do véu. Demonstrou claramente que o apóstolo não se queixava da participação feminina no culto e sim do fato de as mulheres não estarem cobertas com véu, o que vinha de encontro aos costumes e dera ocasião a queixas da parte dos pagãos. Paulo não estava querendo reprovar as mulheres que oravam em público, simplesmente as admoestava a usar o véu quando assim fizessem. Nenhuma contestação foi feita à resposta do dr. Beman — era por demais convincente para admitir contestação.

Perto do fim da convenção, o sr. Nettleton mostrou-se claramente agitado e disse que apresentaria as razões por que tomara aquela atitude. Segundo ele, tinha em seu poder "uma carta histórica", na qual reconhecia os motivos e declarava os fatos sobre os quais baseara sua oposição aos avivamentos. Fiquei contente quando ouvi o aviso de que ele iria ler a carta diante da convenção. Uma cópia dessa carta fora enviada ao sr. Aikin enquanto eu trabalhava com ele em Utica e ele a passara para mim. Eu tinha a carta em minhas mãos durante a convenção e teria levantado o assunto no momento oportuno, se o sr. Nettleton não o tivesse feito.

Pelo desenrolar dos fatos, ficou claro que o sr. Nettleton não fazia a mínima idéia de que eu possuísse uma cópia da carta ou de que já a tivesse lido. Era uma declaração, com temas distintos, das coisas a respeito das quais ele se queixava e que, segundo informações por ele recebidas, estavam sendo praticadas naqueles avivamentos, especialmente por mim. Ainda que meu norne não fosse mencionado muitas vezes, ficou claro que a carta fora redigida especialmente contra mim. As queixas eram apresentadas de tal maneira que era inconfundível o objetivo de me acusar de ser o causador daquela situação. A convenção ouviu com atenção a leitura de toda a carta, que durou o equivalente a um sermão. O sr. Nettleton passou a ver que a convenção tinha diante dela os fatos com base nos quais ele agira e que, supostamente, exigiam e justificavam sua atitude.

Depois que ele se sentou, levantei-me e expressei minha satisfação por haver sido lida aquela carta. Dei ciência de que possuía uma cópia dela e que a teria lido, no momento oportuno, se o sr. Nettleton não tivesse feito sua le¡tura perante a convenção. Afirmei que, no que dizia respeito a mim pessoalmente, nenhuma das coisas negativas ali mencionadas havia acontecido. Eu não fizera nada daquilo que era mencionado na carta. E acrescentei: "Estão presentes aqui todos os irmãos junto dos quais atuei em todos esses avivamentos espirituais e eles sabem se mereço alguma dessas acusações. Se souberem ou acreditarem que alguma dessas coisas pode ser atribuída a mim, que o digam aqui e agora e confessarei imediatamente meu erro". Todos afirmaram imediatamente, quer por declaração verbal, quer por manifesta aquiescência, que nada sabiam de tais coisas.

O sr. Weeks estava presente. Já mencionei que supúnhamos ter sido ele quem forneceu ao irmão Nettleton algumas ou muitas daquelas informações. Eu esperava, por conseguinte, que, se algo fosse dito em resposta à minha contestação pública das coisas de que o sr. Nettleton me acusava, seria da parte do sr. Weeks. Não tive dúvida de que ele se considerava detentor de todos os fatos e que passaria a relatá-los ali. Supunha ainda, que, se ele tivesse escrito ao dr. Beecher ou ao sr. Nettleton confirmando aqueles fatos, se sentiria no dever de tomar a palavra e justificar o que escrevera. Mas, ao contrário do que imaginei, o sr. Weeks não disse uma única palavra. Nenhum dos presentes fez menção de justificar uma única frase da "carta histórica" do sr. Nettleton. Naturalmente, isso deixou atônitos o sr. Nettleton e o dr. Beecher. E a leitura da carta, com suas conseqüências imediatas, preparou o caminho para o encerramento da convenção.

Seguem-se agora, algumas coisas que lamento ter a obrigação de mencionar. O irmão Justin Edwards estivera presente a todos os debates e, acredito, acompanhara todas as sessões da convenção. Era amigo íntimo do dr. Beecher e do sr. Nettleton e deve ter percebido com clareza em que pé ficara a questão. Não sei se a pedido do dr. Beecher, quase no fim da convenção esse irmão apresentou uma série de resoluções, pelas quais, passo a passo, propunha a desaprovação de vários métodos adotados nos avivamentos.

Nas resoluções, eram repassadas quase todas, senão todas, as práticas especificadas na "carta histórica" do sr. Nettleton e para todas elas pedia reprovação. Depois de lidas as resoluções, vários irmãos do Oeste disseram imediatamente: "Somos a favor de todas essas resoluções, mas qual o *objetivo?* É óbvio que seu propósito é criar a impressão de que tais coisas foram praticadas, que esta convenção, ao condená-las, condena os irmãos envolvidos nos avivamentos e que, portanto, esta convenção justifica a oposição contra aquela obra". O dr. Beecher insistiu em que o propósito das resoluções era inteiramente *prospectivo* e que nada do que fora afirmado ou subentendido se referia ao passado. As resoluções serviriam meramente de metas, para deixar claro que a convenção desaprovaria semelhantes coisas, se porventura viessem a existir, sem a mínima implicação com o passado.

A resposta imediata foi dada nos seguintes termos: semelhantes queixas já haviam circulado entre os presentes e em razão disso ficava evidente que as resoluções tinham o propósito de encobrir os opositores e dar a impressão de que haviam sido praticadas nos avivamentos as coisas condenadas por tais resoluções, sendo justificada dessa maneira a oposição movida pelo dr. Beecher e pelo sr. Nettleton. Na realidade, ficou perfeitamente claro que, da parte do dr. Beecher e do sr. Nettleton, era essa a intenção. Os irmãos do Oeste afirmavam: "É lógico que votaremos a favor dessas determinações. Acreditamos nelas tanto quanto vocês e desaprovamos tais práticas tanto quanto vocês. Por isso, não podemos deixar de votar a favor delas. Mas

queremos *dizer* que acreditamos que elas têm a intenção de justificar a oposição levantada contra os avivamentos e que sua aplicação é *retrospectiva*, não *prospectiva".*

Acredito que as decisões, porém, foram aprovadas por unanimidade. Lembro-me de ter dito que, de minha parte, estava disposto a deixar que as resoluções fossem publicadas e todos os fatos deixados ao solene juízo do público que as lesse. Então, propus que, antes do encerramento, fosse aprovada uma deliberação contra a indiferença religiosa e esta fosse condenada tão fortemente quanto qualquer uma das práticas mencionadas nas referidas resoluções. O dr. Beecher declarou não haver perigo de indiferença religiosa. Então a convenção foi suspensa por prazo indeterminado.

Não preciso dizer como as atas da convenção foram recebidas pelo público. No segundo volume da biografia do dr. Beecher, na página 101, encontro a seguinte nota do editor: "O exame cuidadoso das atas dessa convenção deu-nos a certeza de não ter havido diferença radical de opiniões entre os irmãos do Oeste e os da Nova Inglaterra. E, não fosse a influência de um único indivíduo, poderia ter sido alcançado o mesmo entendimento posteriormente celebrado em Filadélfia". Sem dúvida, essa é a verdade. O caso é que se o sr. Nettleton não tivesse prestado atenção a relatórios falsos nem assumido uma postura contrária aos avivamentos, nenhuma convenção teria sido realizada nem sequer cogitada para discutir o assunto. Era muito estranho que ele tivesse atribuído tanto crédito a tais relatórios, os quais continham óbvias deturpações. Mas ele estava quase esgotado, com medo e com os nervos à flor da pele. Tinha ainda o defeito — mencionado pelo dr. Beecher em sua biografia — de nunca abrir mão da própria vontade. Tenho a certeza de estar dizendo isso com sentimentos amáveis para com o sr. Nettleton. Nunca tive outro sentimento a respeito do caso.

Depois da convenção, o sentimento público contra o irmão Nettleton tornou-se esmagador. Em fins do Outono do mesmo ano, encontrei-me com ele na cidade de Nova York. Contou-me que estava ali para publicar, em forma de panfletos, suas cartas contra os avivamentos. Perguntei-lhe se iria publicar sua "carta histórica", lida na convenção. Disse que precisava publicar suas cartas, a fim de justificar o que havia feito. E eu retruquei que, se ele publicasse aquela carta, a reação seria a ruína dele próprio, uma vez que todos os que testemunharam os avivamentos perceberiam a falta de motivo em suas ações. Ele respondeu que as publicaria assim mesmo e arriscaria a reação. Publicou várias cartas, mas, segundo estou informado, a "carta histórica" nunca veio a público. Se fosse verdadeira, sua publicação teria dado a impressão de que fora requerida pelos opositores. Mas como seu conteúdo era falso, foi melhor não tê-la publicado.

Neste ponto, devo comentar, de leve, algumas coisas que vejo na biografia do dr. Beecher e que, segundo minha crítica, envolviam mal-entendidos. A biografia retrata-o como tendo justificado, até o dia de sua morte, a oposição que fazia aos avivamentos, ou melhor, à maneira em que eram conduzidos, e como declarara que os males dos quais se queixava eram reais, tendo sido corrigidos graças à oposição que ele empreendera. Se essa foi a conclusão a que o dr. Beecher chegou depois daquela convenção, por certo ele considerava os irmãos que negaram as práticas descritas na carta enviada ao dr. Taylor um bando de mentirosos e por isso deve ter rejeitado nosso testemunho coletivo. Mas, se ele e o sr. Nettleton estavam realmente desejosos de justificar sua oposição e ainda acreditavam nas declarações feitas na "carta histórica", por que não a publicaram para apelar às pessoas que testemunharam os avivamentos? Se a carta fosse a expressão da verdade, sua publicação teria sido a justificativa de ambos. Se ainda acreditavam na veracidade daquela carta, por que ela não foi publicada com as demais cartas do sr. Nettleton?

Já me referi ao fato de que os acontecimentos naquela convenção abalaram a confiança do dr. Beecher no bom senso e na justiça da oposição feita pelo sr. Nettleton. Um ano e meio depois da convenção e da publicação das cartas do sr. Nettleton, estava eu em Boston quando ouvi o dr. Beecher dizer, ao se referir àquela convenção, que "nem por mil dólares teria aceitado que o sr. Nettleton viesse para Boston". Seria possível que o dr. Beecher tivesse acreditado até o dia de sua morte que os pastores das igrejas onde ocorreram os avivamentos eram mentirosos e não mereciam crédito com referência a fatos que, certamente, eram do conhecimento dele? O que as igrejas envolvidas dirão diante disso?

Descubro nas biografias do dr. Beecher e do sr. Nettleton muitas queixas contra o espírito de animosidade que predominava nos avivamentos. O erro desses irmãos foi atribuir um espírito de denúncia ao grupo errado. Pelo que me lembre, nunca ouvi o nome do dr. Beecher ou do sr. Nettleton ser mencionado publicamente durante os avivamentos e, certamente, não em tom de censura. Pelo que sei, nem sequer em conversas particulares seus nomes eram referidos com sentimento de amargura.

Os envolvidos nos avivamentos tinham um espírito cristão de amabilidade, tão longe quanto possível do espírito de denúncia. Se tivesse havido entre eles esse espírito de denúncia, jamais teriam conseguido promover tão bem-aventurados avivamentos, com resultados tão gloriosos. Pelo contrário, as denúncias provinham do lado da oposição. Uma citação da biografia do dr. Beecher pode ilustrar a animosidade que imperava do lado dele. Na página 101 do volume 2, está registrado que o dr. Beecher me disse na convenção em New Lebanon: "Finney, sei qual é seu plano e você sabe disso. Você pretende chegar a Connecticut e levar a Boston chamas de fogo. Mas, se você tentar isso, tão certo como vive o Senhor, enfrentarei você na fronteira do estado. Convocarei toda a artilharia e lutarei contra você, centímetro a centímetro, em sua caminhada até Boston e depois lutarei contra você naquela cidade". Não me recordo de ter ouvido o dr. Beecher dizer tal coisa. Mas, se ele se lembra disso, que as mesmas palavras sirvam para ilustrar o ***espírito*** de sua oposição.

A verdade é que ele estava totalmente enganado. Eu não tinha nenhum plano ou desejo de ir a Connecticut ou a Boston. Essas e outras tantas coisas que descubro em sua biografia demonstram sua completa ignorância a respeito do caráter, dos motivos e da atuação daqueles que envidaram tantos esforços naqueles gloriosos avivamentos. Escrever estas coisas não me traz o mínimo prazer. Descubro nessa biografia bastante informação que me surpreende e que me leva à conclusão de ter havido algum engano, a ponto de o dr. Beecher ter sido mal compreendido e difamado. Mas tratarei agora de outros assuntos.

Depois daquela convenção, nada mais ouvi falar da oposição do dr. Beecher e do sr. Nettleton. O sr. Nettleton publicou suas cartas, em forma de panfleto, com o propósito de se justificar a si mesmo. Mas, essas cartas devem ter caído mortas do prelo, por assim dizer, porque quase nunca ouvi qualquer alusão a elas. A oposição sob aquela forma já se esgotara. Mesmo recebendo tanta oposição, os resultados obtidos com os avivamentos foram suficientes para calar os críticos e convencer a todos de que eles eram, de fato, avivamentos espirituais puros e gloriosos — longe de serem censuráveis, em comparação com qualquer avivamento que já tivesse ocorrido no mundo.

Qualquer pessoa pode ler em Atos dos Apóstolos o que os discípulos fizeram na liderança dos avivamentos em seus dias, bem como o que eles dizem em suas epístolas a respeito das reações, dos desvios e das apostasias que se seguiram. Assim, poderão descobrir também a verdade em relação aos gloriosos avivamentos a respeito dos quais até aqui escrevi: seu início, seu progresso e seus resultados, que se têm manifestado em menor ou maior grau durante quase 40 anos. Não poderão deixar de perceber quanto são puros e que os resultados obtidos são tão notáveis quanto os dos tempos apostólicos.

A pureza e o poder dos avivamentos devem aumentar na mesma proporção em que aumentam as informações sobre eles. Nos tempos apostólicos, os que se convertiam eram ou judeus, com todo o seu preconceito e ignorância, ou pagãos, em toda a sua degradação. A arte da imprensa ainda não havia sido descoberta. Cópias do Antigo Testamento e da Palavra de Deus não podiam ser obtidas, a não ser pelos ricos que tinham possibilidade de comprar os manuscritos. Não havia ainda literatura cristã que pudesse ser oferecida às massas. Os meios de instrução não estavam disponíveis para o povo. Com tanta falta de luz e com tanta ignorância, tantas falsas noções de religião, tantas influências enganosas e aviltantes e tão poucas facilidades para manter uma reforma religiosa, não se podia esperar que os avivamentos fossem puros e isentos de erros lamentáveis como se espera nestes últimos dias, já que os cristãos hoje podem ter a Bíblia na mão e podem contar com tantos meios de instrução.

Temos e pregamos o mesmo evangelho que os apóstolos pregavam. Temos todas as condições de nos proteger contra erros de doutrina e de prática e de manter uma religião evangélica sadia. As pessoas entre as quais prevaleceram os grandes avivamentos de nosso tempo eram inteligentes e cultas. Entre elas havia muitas pessoas de instrução secular e religiosa. Quase todas as igrejas contavam com um pastor formado, capaz e fiel. Esses pastores tinham plena autoridade para julgar a capacidade, integridade e discrição do evangelista cujos serviços queriam aproveitar. Tinham plena autoridade para julgar se os métodos adotados pelos evangelistas eram apropriados ou não.

Do modo mais marcante e notável, Deus colocou o seu selo sobre as doutrinas pregadas e os métodos empregados naquela grande obra. Os resultados agora podem ser verificados em todas as partes do país. Os convertidos naqueles avivamentos continuam vivendo e trabalhando para Cristo e pela conversão de almas em todo o país. Não é lisonja nenhuma dizer que eles estão entre os cristãos mais cultos e esforçados deste ou de qualquer outro país. Os métodos adotados nesses avivamentos, em nenhum sentido real, podiam ser censurados. Tratava-se simplesmente de pregação, oração e reuniões para instrução, oração e confissão,

conforme a necessidade do povo. Não havia rebeldia nem sinal de fanatismo ou de heresia. Nenhum espírito de ofensa ou de denúncia existia entre os convertidos.

Realmente, nunca vi nem ouvi falar a respeito de avivamentos espirituais mais isentos de tudo que é deplorável. Nunca ouvi falar de avivamentos que tenham despertado ou ocasionado, de modo tão misterioso, tanta oposição da parte de homens que podiam ser considerados bons, mas que estavam errados. Tantas coisas foram ditas e escritas a respeito dos novos métodos que parece ter sido tomado por certo que existia muita coisa lamentável nos meios utilizados para promover aquela obra bem-aventurada do Espírito Santo. Isso, porém, é puro engano.

Tenho trabalhado exaustivamente neste país e na Europa e nenhuma objeção foi levantada contra os métodos que utilizo. Tem sido até dito e asseverado que, depois da oposição levantada pelo sr. Nettleton e pelo dr. Beecher, eu me corrigi e abri mão das práticas de que eles se queixavam. Outra vez, é puro engano. Sempre e em todos os lugares, emprego os mesmos métodos utilizados naqueles avivamentos e, freqüentemente, acrescento outros métodos — como o "banco dos aflitos" — conforme considero apropriados.

Nunca senti necessidade de corrigir meus métodos. Se eu pudesse viver minha vida outra vez, acho que, com a experiência de mais de quarenta anos em avivamentos, meus métodos, em semelhantes circunstâncias, seriam substancialmente os mesmos. E que ninguém pense que tomo o crédito para mim. Nada disso! Nada foi feito por sabedoria minha. Fui levado a sentir minha ignorância e dependência e a buscar continuamente orientação da parte de Deus. Nunca tive a mínima dúvida de que Deus me orientava pelo seu Espírito quanto ao caminho que eu devia seguir. Ele me dirigia tão claramente, dia após dia, que nunca duvidei de que, em tudo, recebia orientação divina.

É completo erro supor que a oposição do dr. Beecher e do sr. Nettleton me tenha feito sentir envergonhado, como registra a biografia do dr. Beecher, ou que me corrigi, ou ainda que só em conseqüência disso ela tenha cessado. Com toda a segurança, posso apelar a todos que me escutaram naqueles avivamentos e testemunharam os métodos usados por mim, que eram os mesmos em todos os lugares, que declarem se os empreguei ou não na região central do estado de Nova York. Naqueles grandes avivamentos e em muitos outros lugares, tive o cuidado de implantar outras medidas conforme me pareceram necessárias.

Não duvido de que os irmãos que se opunham aos avivamentos fossem homens bons. Não duvido também de que alguém mal orientado e iludido os tenha enganado, por sua vez. Se eles morreram acreditando que tinham motivo justo para o que fizeram, escreveram e disseram e que corrigiram os males dos quais se queixavam, então morreram enganados. Não contribuiria para o bem-estar da igreja, nem para a honra dos avivamentos, nem para a glória de Cristo as gerações futuras acreditarem que aqueles males realmente existiram e foram corrigidos por causa do espírito e das atitudes acima descritos. Eu teria mantido silêncio, se não se tivessem esforçado para propagar e confirmar a ilusão de que a oposição aos avivamentos se justificava e que foi bem-sucedida. A verdade é que não era isso o que acontecia.

Não tenho a mínima dúvida de que o dr. Beecher tenha sido levado por alguém a acreditar que a oposição feita por ele aos avivamentos se justificava. Tomando por base sua biografia, parece que, em Filadélfia, durante a primavera depois da convenção, foi combinado entre ele, o dr. Beman e outros que abandonariam o assunto, nada mais publicando a respeito dos avivamentos. A verdade é que todas as controvérsias e todas as publicações partiram da oposição. Antes do encontro em Filadélfia, o sr. Netdeton já publicara as suas cartas e nada mais vi na imprensa a respeito do assunto.

Não participei do acordo firmado em Filadélfia. Mesmo assim, se a biografia do dr. Beecher não tivesse reaberto a questão, com o óbvio propósito de justificar a postura que adotara e de imprimir na mente do povo a idéia de que prestara um grande serviço com sua oposição aos avivamentos, não me sentiria com o dever de falar aquilo que, agora, não posso omitir. Escrevo com base naquilo que pessoalmente conheço e não me importa quem possa ter passado ao dr. Beecher o relato dos supostos fatos que o levaram a agir. Não há dúvida de que eram substancialmente idênticos aos mencionados na "carta histórica" do sr. Nettleton, lida diante da convenção.

Conforme declarei diante da convenção, os fatos ali citados nada provavam, e com isso concordaram todos os irmãos entre os quais eu trabalhara. Se algo pode ser provado pelo testemunho humano, aquilo era prova suficiente. Se sua biografia expressa a realidade de seus pensamentos, então o dr. Beecher não acreditou no testemunho daqueles irmãos. E, quanto a isso, o que dirão as igrejas do condado de Oneida? Acreditarão realmente que homens como o rev. Aikin, o rev. John Frost, o rev. Moses Gillett, o rev. Coe e os demais

homens daquele condado presentes na convenção mentiram deliberadamente sobre um assunto que cada um deles tinha conhecido pessoalmente? Nunca poderão acreditar nisso.

Não importa quais tenham sido os informantes do dr. Beecher. O certo é que nenhum daqueles pastores lhe passou alguma informação que justificasse a sua oposição. E não houve quem entendesse a situação tão bem como eles. Por isso, visto que a convenção reconheceu serem eles as melhores testemunhas do que era dito e feito em suas respectivas congregações, sendo o testemunho deles unânime, conclui-se que nenhuma das alegações da "carta histórica" do sr. Nettleton era verdadeira.

Nunca descobrimos de quem o dr. Beecher e o sr. Nettleton receberam as informações. Isso em si já desperta suspeita. Se as coisas afirmadas pelos seus correspondentes eram verídicas, por que ocultar o nome deles? Teriam os dois o direito de acolher semelhantes informações, agir com base nelas de modo tão notório e, ainda assim, recusarem-se a revelar os nomes dos informantes? Li as terríveis acusações levantadas contra os irmãos que trabalhavam com ardor nos avivamentos. Em sua carta ao dr. Taylor, o dr. Beecher declarava que sua correspondência justificaria sua conduta, bem como o que escrevia contra aqueles irmãos. Quando fiquei sabendo que a questão seria desvendada em público, por meio da biografia do dr. Beecher, imaginei que finalmente ficaríamos sabendo o nome dos autores dos relatórios, mediante a publicação da correspondência por ele recebida. Nada, porém, existe nessa correspondência que justifique sua atitude. Assim, continuarão públicas as acusações, enquanto a correspondência que alegadamente as justificaria permanece oculta? E, se o dr. Beecher rejeitou nosso testemunho até o dia de sua morte, qual a razão de não podermos saber de quem partiu o testemunho contrário, que anula o nosso?

Na página 103 do volume 2 da autobiografia do dr. Beecher, encontramos o seguinte: "Na primavera de 1828, ao conversar sobre o assunto, o dr. Beecher disse: 'Descobri que os amigos do sr. Finney estavam planejando causar certa impressão na assembléia geral, que se reuniria em Filadélfia, para colocar um de seus homens no lugar do sr. Skinner. A igreja do sr. Skinner acabara de me convidar para pregar ali e respondi que assumiria o púlpito enquanto a assembléia estivesse reunida. Aquilo bloqueou os planos de alguém. Permaneci até o fim, quando Beman pregou durante metade do dia. Assim, foram frustrados os planos de alguém. Fracassaram. Não sei dizer o que isso significa. Ao ler as declarações acima, juntamente com a matéria que continua até o fim do capítulo e com outras coisas registradas na mesma biografia, fico atônito diante das suspeitas e ilusões que ocupavam a mente do dr. Beecher.

Não tenho a mínima idéia de ter ouvido falar que algum de meus amigos estivesse tentando ocupar o púlpito que o dr. Skinner deixara vago. Na época, eu era ministro da Igreja Presbiteriana e pregava em Filadélfia enquanto a assembléia estava reunida e o dr. Beecher também estava ali. Não sei até que ponto a influência do dr. Beecher sobre os membros daquela assembléia teve que ver com a misteriosa oposição que não demorou a surgir naquela agremiação contra os avivamentos, oposição que me senti obrigado a citar em minhas preleções. Continuei a atuar em Filadélfia e em outros lugares sem desviar minha atenção nem me mostrar atingido pelo que o dr. Beecher e o sr. Nettleton diziam ou faziam. Não me envolvi na controvérsia com eles.

Eu era inocente como uma criança no que se refere a toda aquela manipulação revelada na biografia do dr. Beecher. Parece que ele e o sr. Nettleton estavam assustados e cheios de suspeitas e falsos conceitos sobre meus motivos, planos e esforços, bem como sobre as intenções daqueles que eles consideravam meus amigos mais íntimos. Isso tudo ocorria enquanto eu atendia à obra de avivamento, sem ter nenhum plano ou propósito senão o de trabalhar onde e quando o Senhor me chamasse. Dediquei-me ao trabalho sem interrupção, a não ser durante os poucos dias que passei na convenção. Não compartilhei de nenhum dos terrores e perturbações que parecem ter acometido o dr. Beecher e o sr. Nettleton. Se algum de meus amigos compartilhava dessas aflições, eu não tinha conhecimento disso. O real testemunho dos esforços que empreendi até a data da convenção, e também a partir daí, demonstra quanto eu sabia do que o dr. Beecher e o sr. Nettleton diziam ou faziam contra mim. Louvo ao Senhor por ele me ter guardado, não permitindo que meu trabalho fosse impedido nem que eu experimentasse a mínima inquietação.

Conforme relatei, quando estava em Auburn, Deus me deu a certeza de que ele venceria toda a oposição sem que eu precisasse interromper a obra para responder aos meus oponentes. Nunca me esqueci disso. Com essa certeza vinda da parte de Deus, avancei com firmeza de propósito e espírito confiante, e agora, ao ler sobre as agitações, suspeitas e mal-entendidos que dominavam a mente do dr. Beecher e do sr. Nettleton, fico espantado com as aflições que meu trabalho lhes causava. Deus, porém, me mantinha cheio de amor e de fé, e fez com que meu coração e minhas mãos desfrutassem de muitas vitórias naquela obra.

Exatamente na época em que o dr. Beecher se encontrava em Filadélfia, maquinando com membros da assembléia geral, conforme relata em sua biografia, eu estava trabalhando com afinco, sem nenhuma prevenção contra a atuação do dr. Beecher naquela cidade, como fizera durante alguns meses, em várias igrejas, em meio a um poderoso avivamento espiritual. Segundo o que transpirou, ele estava ali para influenciar a assembléia geral contra mim e impedir que algum amigo meu ocupasse o púlpito que o dr. Skinner deixara vago. Não posso imaginar quem era esse amigo e quanto crédito ele mereceu em troca desse serviço.

Nunca poderei agradecer suficientemente a Deus por ele ter impedido que eu me sentisse perturbado ou que viesse a sofrer mudanças em meu espírito ou em meus conceitos a respeito da obra, diante da oposição que enfrentei naqueles dias. Conforme já relatei, não ouvi nem senti muita coisa da parte dos opositores depois daquela convenção. Soube depois que o sr. Nettleton lamentava profundamente a reação do público contra ele. Eu sabia que ele e o dr. Beecher haviam sido enganados por informações inverídicas e colocados, assim, em situação delicada. Mas só depois de ler suas biografias tomei consciência das aflições que ambos sofreram.

CAPÍTULO XVII

O AVIVAMENTO EM STEPHENTOWN

Depois da convenção, permaneci um pouco mais em New Lebanon. Não creio que ela tenha prejudicado a situação espiritual dos habitantes daquela cidade. Haveria prejuízo para a obra se surgissem fatos que justificassem a oposição aos avivamentos, que sabidamente existia e fora o assunto daquele encontro. Acredito, porém, que a igreja em New Lebanon acabou edificada e fortalecida pelas notícias vindas da convenção. Realmente, tudo foi conduzido num espírito que tendia a edificar os fiéis, em vez de escandalizá-los.

Pouco tempo depois de suspensa a convenção, no domingo, quando desci do púlpito, uma jovem senhora chamada Sackett, de Stephentown, foi-me apresentada. Pediu-me que fosse pregar em sua cidade. Respondi que estava com a agenda cheia e que não via possibilidade de atender ao seu pedido. Percebi que as palavras dela estavam embargadas, demonstrando profundo sentimento, mas, sem tempo para conversar com ela naquele momento, fui para a casa onde estava hospedado. Pouco depois, informei-me a respeito de Stephentown, que fazia divisa a norte com New Lebanon.

Muitos anos antes, um homem rico falecera naquela cidade, deixando para a Igreja Presbiteriana um fundo financeiro cujos rendimentos bastariam para sustentar um pastor. Pouco depois, o sr. Bogue, que fora capelão no Exército Revolucionário, foi estabelecido ali como pastor da igreja. Sob a influência desse homem, a igreja foi sucumbindo. Finalmente, ele revelou-se um incrédulo assumido, causando uma impressão desastrosa na cidade. Bogue continuou morando ali e era abertamente hostil ao cristianismo. Depois que ele deixou o pastorado da igreja, atuaram em seu lugar um ou dois ministros. Mesmo assim, a igreja continuou em decadência e a condição espiritual de seus membros tornou-se cada vez pior. Por fim, abandonaram o templo, pois era muito reduzido o número de pessoas que freqüentavam os cultos dominicais. Passaram a realizá-los numa escola pequena que ficava nas proximidades.

O último pastor que atuou na igreja afirmou que continuaria ali até que o número de pessoas que se reunissem para ouvir suas pregações dominicais não chegasse mais a meia dúzia. Embora existisse um fundo financeiro para seu sustento e seu salário fosse pago com regularidade, ele não se sentia no dever de gastar seu tempo atuando em semelhante campo, por isso demitiu-se. Nenhuma outra denominação conseguiu despertar o interesse público e a cidade inteira era um deserto sem moralidade. Permaneceram ali três presbíteros da Igreja Presbiteriana e cerca de vinte membros. A única pessoa solteira na igreja era a srta. Sackett, a quem me referi. Quase todo o município estava mergulhado no erro. Era um município grande e rico, com muitas fazendas, mas sem nenhuma vila de grande população.

No domingo seguinte, a srta. Sackett procurou-me de novo quando desci do púlpito e implorou que eu fosse pregar em Stephentown. Perguntou-me se eu conhecia a situação do lugar. Informei-lhe que sim, mas não via maneira de ir até lá. Ela parecia estar demasiadamente emocionada para poder conversar, não conseguia

controlar seus sentimentos. Esse fato, acrescido das informações que eu obtivera a respeito do lugar, começou a causar-me forte impressão. Senti-me de repente profundamente comovido com a situação de Stephentown e então respondi à srta. Sackett que, se os presbíteros da igreja desejassem minha visita, ela poderia fazer circular o aviso de que, se o Senhor permitisse, eu pregaria em sua cidade no domingo seguinte, às cinco da tarde. Assim, poderia pregar duas vezes em New Lebanon e depois cavalgar até Stephentown a tempo de pregar ali. Ao ouvir minha proposta, seu rosto ficou iluminado. Parecia que um peso lhe fora tirado do coração. Voltou para casa e logo tratou de espalhar a notícia.

No domingo seguinte, depois de ter pregado pela segunda vez, um dos jovens convertidos de New Lebanon ofereceu-se para me levar a Stephentown em sua charrete. Quando ele me veio buscar, perguntei-lhe:

— Seu cavalo é confiável?

— Oh, sim, perfeitamente! — respondeu ele. E perguntou, sorrindo: — Por que faz essa pergunta?

Respondi:

— Se o Senhor quer que eu vá a Stephentown, o Diabo tentará impedir. E, se seu cavalo não for de total confiança, o Diabo o usará para me matar.

Ele sorriu e continuamos viagem. Por estranho que possa parecer, antes de chegarmos ao nosso destino o cavalo fugiu do controle duas vezes e esteve perto de matar-nos. O dono, atônito, declarou nunca ter visto algo semelhante acontecer.

Mesmo assim, chegamos com segurança e em tempo útil à casa do sr. Sackett, pai da srta. Sackett. Ele morava a quase um quilômetro da igreja, na estrada para New Lebanon, de modo que tínhamos de passar por ali antes de chegar a Stephentown. Ao entrarmos, Maria — esse o nome da srta. Sackett — veio ao nosso encontro, acolheu-nos com lágrimas de alegria e indicou-me um quarto, onde eu poderia ficar sozinho. A hora do culto ainda não chegara e, sentado ali sozinho, pude ouvir Maria orando no quarto acima do meu. Na hora do culto, fomos todos juntos para o templo e encontramos ali um grande número de pessoas. E comecei a pregar.

A congregação manteve-se muito atenta, mas nada de muito significativo ocorreu naquela tarde. Passei a noite na casa do sr. Sackett e pareceu-me que Maria passou a noite inteira orando em seu quarto. Eu podia escutar-lhe a voz baixa e trêmula, freqüentemente interrompida por soluços e choro audíveis. Eu não havia combinado de pregar outra vez, porém antes de minha partida, na manhã seguinte, Maria implorou tanto que prometi voltar no domingo seguinte, no mesmo horário. Uma semana depois, retornei e a reação do povo foi quase a mesma, com a diferença de que o número de ouvintes era bem maior. O templo, por ser antigo, recebera escoras fortes nas galerias, instaladas durante a semana, para evitar um possível desabamento. Percebi um aumento notável de seriedade e de interesse no segundo sermão ali. Combinei, então, pregar ali mais uma vez. E, no terceiro culto, o Espírito de Deus foi derramado sobre a congregação.

O juiz Platt morava numa aldeia pequena dentro do município e muitos de seus filhos ainda não eram convertidos. No fim do culto, quando desci do púlpito, a srta. Sackett me esperava embaixo da escadaria e indicou-me um banco — a igreja ainda tinha aquelas bancadas quadradas antigas — no qual estava uma jovem grandemente tomada pela emoção. Falei com ela e descobri tratar-se de uma das filhas do juiz Platt. Ela estava sob profunda convicção de pecado. Sentei-me ao lado dela e dei-lhe algumas instruções — acho que, antes de sair do templo, ela já estava convertida. Era uma jovem muito inteligente e sincera e passou a ser uma crente dedicada. Posteriormente, casou-se com o evangelista Underwood, conhecido pregador, especialmente nas igrejas de Nova Jersey e da Nova Inglaterra. Parece que ela e Maria Sackett passaram imediatamente a orar juntas.

Até aquela altura, porém, eu não vira muita mudança entre os membros mais velhos da igreja. O tipo de relacionamento que mantinham uns com os outros iria exigir bastante arrependimento e confissão até que pudessem participar da obra. O trabalho em Stephentown passou a exigir que deixasse New Lebanon e passasse a morar ali. Naquele período, um espírito de oração viera poderosamente sobre mim, da mesma forma que já operava na vida da srta. Sackett havia algum tempo. Esse poder espalhava-se de modo tão notório que logo a obra passou a progredir de maneira poderosa. Tanto assim que a Palavra do Senhor derrubava os corações dos homens mais fortes e tornava-os inteiramente indefesos, por ação do Espírito Santo. Poderia citar muitos casos ocorridos nesse período.

Um dos primeiros que me vêm à memória ocorreu num domingo, enquanto eu pregava sobre o texto "Deus é amor". Havia ali um homem chamado Jowles, fazendeiro genioso e de considerável destaque no município.

Ele sentou-se quase à minha frente, próximo ao púlpito. A primeira coisa que observei foi que ele caiu e parecia estar em grande crise. Contorceu-se em agonia uns poucos momentos, gemendo com profunda emoção, mas depois aquietou-se e ficou quase imóvel. No entanto, parecia inteiramente desamparado. Continuou nesse estado até o final do culto e então foi levado para casa. Converteu-se pouco depois e tornou-se instrumento poderoso para influenciar seus amigos a virem a Cristo. Casos semelhantes passaram ser comuns naquela obra de avivamento.

Zebulon R. Shipherd, célebre advogado do condado de Washington, NY, começou a dar plantão no fórum de Albany e ficou sabendo do avivamento em Stephentown. Então, organizou seus compromissos de modo a que lhe fosse possível empenhar-se comigo na obra. Crente sincero, freqüentava todos os cultos, experimentando grande alegria. Estava presente quando as eleições de novembro foram realizadas no estado. Fiquei muito preocupado com a chegada do dia das eleições, pois temia que as emoções daquela data retardassem a obra espiritual. Exortei os cristãos a vigiar e orar grandemente, para que o trabalho não fosse interrompido pelas excitações daquele dia.

Preguei na noite seguinte ao encerramento das eleições. Então, ao descer do púlpito, o sr. Shipherd — que, aliás, era o pai de J. J. Shipherd, que estabelecera Oberlin — fez-me sinal para que eu fosse até o banco onde ele estava sentado, num canto do templo à esquerda do púlpito. Fui até ele e vi um dos cavalheiros que servira como mesário durante o dia, responsável pela contagem dos votos. Estava tão dominado pela convicção de pecado que não conseguia levantar-se do assento. Conversei e orei com ele e mostrou-se claramente convertido. Enquanto isso acontecia, uma porção considerável da congregação permanecera sentada. Quando me afastava, fui chamado para atender alguém que estava à direita do púlpito, onde um homem que também trabalhara na eleição, recolhendo os votos na urna, se encontrava na mesma condição de espírito. Estava demasiadamente dominado pela emoção para sair do lugar. Fui também conversar com ele e, se bem me recordo, sua conversão ocorreu antes de ele sair do templo. Cito esses episódios como exemplos do tipo do trabalho realizado naquele local.

Já mencionei que a família do sr. Platt era grande. Lembro-me de que era composta de 16 pessoas — filhos e netos — e todos se converteram. Creio que se uniram à igreja antes que eu partisse de Stephentown. Havia outra família no município, de nome Moffit, que também era grande e influente, mais que qualquer outra na região. A maioria de seus membros morava dispersa ao longo de uma rua que, se não estou enganado, tinha oito quilômetros de comprimento, numa região agrícola bastante populosa. Descobri que não havia uma única família crente ao longo de toda aquela rua, uma única casa que mantivesse um culto doméstico.

Marquei um horário para pregar em uma escola situada ali e, quando cheguei, o local estava superlotado. Usei como tema o versículo: "A maldição do SENHOR está sobre a casa dos ímpios" (Pv 3.33). O Senhor capacitou-me para discernir claramente o assunto e a mostrar como a maldição divina repousa sobre a casa dos descrentes. Revelei que entendia não existir uma única família de oração naquele distrito inteiro. A realidade era que o município estava numa situação terrível. A influência do sr. Bogue, seu ex-pastor e agora um incrédulo, produzira seus frutos naturais: sobrara muito pouca convicção da realidade espiritual entre os incrédulos da região. Acredito que aquele culto resultou em convencimento de pecado para quase todos os presentes. O avivamento propagou-se naquela vizinhança e lembro-me de que na família Moffit houve 17 conversões a Cristo.

Havia, no entanto, várias famílias no município que não freqüentavam os cultos, mas tinham muita predominância sobre o povo. Parece que a firme resolução de não comparecer nos cultos vinha da grande influência que o sr. Bogue mantinha sobre essas famílias. Entretanto, durante o avivamento, o sr. Bogue morreu, de maneira terrível. Chegou ao fim, então, a oposição que ele semeara entre aquelas famílias. No entanto, eu não conseguia imaginar um modo de fazer aquelas pessoas comparecerem às reuniões.

A srta. Seward, a quem já me referi, que residia em New Lebanon e havia se convertido em Troy, ficou sabendo das famílias que não freqüentavam a igreja e veio para Stephentown. Seu pai era homem bem conhecido e muito respeitado na cidade, recebido com deferência em qualquer casa da região. A srta. Seward foi visitar uma das referidas famílias. Acredito que tivesse amizade com as filhas do casal. Seja como for, conseguiu que elas a acompanhassem ao culto no domingo. Logo aquelas jovens passaram a interessar-se tanto pelos cultos que ninguém precisava persuadi-las a freqüentá-los. Continuaram a vir por conta própria.

A srta. Seward foi visitar outra família, obtendo o mesmo resultado. Depois, procurou outra e, finalmente, acredito, conseguiu a presença de todas as famílias que se haviam afastado da igreja. Converteram-se quase

todas — ou talvez todas — antes de minha partida. A verdade é que quase todos os habitantes de influência filiaram-se à igreja e a cidade foi moralmente renovada antes que eu a deixasse, no outono de 1827. Jamais voltei a Stephentown, no entanto recebo notícias de lá e sei que o avivamento produziu resultados permanentes. As conversões revelaram-se reais e, segundo entendo, a igreja mantém excelente grau de vigor espiritual.

As doutrinas e os métodos eram os mesmos de outros avivamentos em que trabalhei. Os cultos eram caracterizados pela perfeita ordem e por grande respeito espiritual. Não houve indícios de desregramento, exagero, heresia, fanatismo ou qualquer outra coisa que se pudesse lamentar. Os resultados da convenção em New Lebanon não foram favoráveis à oposição movida pelo dr. Beecher e pelo sr. Nettleton. Conseqüentemente, não houve mais notícia alguma de qualquer oposição apoiada pela autoridade deles, nem em Stephentown, nem em qualquer outro lugar.

Assim como acontecera em outros lugares, as características notáveis desse avivamento foram: 1) predominância de um poderoso espírito de oração; 2) forte convicção de pecado; 3) repentinas e poderosas conversões a Cristo; 4) grande amor e intensa alegria dos convertidos; 5) cultura e estabilidade religiosa dos convertidos; 6) grande seriedade, atividade e proveito nas orações e esforços feitos a favor do próximo.

Esse avivamento ocorreu no município adjacente a New Lebanon, imediatamente após a convenção em que a oposição recebeu seu golpe mortal. Pessoalmente, raras vezes atuei num avivamento com mais satisfação e com menos oposição que em Stephentown. No início, os ouvintes ficaram um pouco irritados com a pregação, mas, a operação do Espírito Santo foi tão poderosa que não ouvi mais reclamações da parte de nenhum ouvinte.

O dr. Beecher, em suas memórias, alega que nós, envergonhados dos métodos que utilizávamos, os alteramos. E ele atribui a si mesmo e ao sr. Nettleton o crédito dessa suposta mudança. Assim, ungiram com lisonjas a própria alma. Isso é um grande equívoco, porém e posso afirmar com toda a sinceridade que a oposição deles nunca me envergonhou, nunca me convenceu de que eu estivesse errado e nunca me levou a mudar em nada a maneira de conduzir os avivamentos. Eu tinha a certeza de estar agindo corretamente. Permaneço com essa certeza. Considerava impertinente, intrometida e sem sentido a oposição que faziam ao meu trabalho. Considerava-a prejudicial a eles mesmos e à causa divina. Continuo pensando assim, mas nada disso eu teria incluído na presente narrativa se as biografias do dr. Beecher e do sr. Nettleton não me tivessem obrigado a registrar com franqueza minha opinião.

CAPÍTULO XVIII

OS AVIVAMENTOS EM WILMINGTON E NA FILADÉLFIA

Durante minhas intensas atividades em New Lebanon, no verão anterior, o rev. Gilbert, de Wilmington, Delaware, cujo pai residia em New Lebanon, ali chegou para uma visita. Ocorrera no avivamento em New Lebanon um incidente tocante, envolvendo um irmão dele. Esse seu irmão mostrara-se muito irritado com o avivamento. Não sendo ainda convertido, acabou partindo da cidade, declarando, segundo eu soube, que não voltaria senão depois de passado o avivamento.

Logo depois de sua partida, receberam a notícia de sua morte, a qual, se não me falha a memória, ocorrera de maneira bem trágica. Em seus conceitos teológicos, o rev. Gilbert seguia a Escola Antiga, mas era homem bondoso e sincero. Seu amor às almas sem Cristo excluía qualquer rigor no que se referia até mesmo às questões mais delicadas de nossas divergências teológicas. Ouvira-me pregar em New Lebanon e vira os resultados, por isso expressou o desejo de que eu fosse a Wilmington naquele outono ajudá-lo na obra que ali desenvolvia. Tão logo vi que tudo estava em ordem em Stephentown e que podia ausentar-me, fui para Wilmington e comecei a trabalhar com o irmão Gilbert.

Antes de encerrar meus comentários a respeito de Stephentown, porém, devo dizer que, tanto ali quanto em New Lebanon, foram empregados os métodos de sempre e nenhum outro, pelos quais fomos abençoados na região central do estado de Nova York. O mesmo espírito de oração, poderoso e prevalecente, foi manifestado ali. A Palavra era confirmada pelo mesmo poder prodigioso outorgado pelo Espírito Santo e as conversões ocorriam da mesma forma e no mesmo estilo. Os convertidos pareciam sempre conscientes de

sua decisão e mostravam-se fortes, zelosos e unidos. Não percebi haver entre eles nenhum sinal de heterodoxia, nenhuma tendência ao fanatismo, nem qualquer coisa censurável. Não me consta que tenha sido feita qualquer queixa, em qualquer momento e em qualquer lugar, a respeito da existência de alguma coisa desastrosa ou fora de propósito naqueles avivamentos, que eram notavelmente puros e poderosos e cujos resultados eram duráveis.

Se me lembro bem, acolhi numa só ocasião cerca de duzentos convertidos à comunhão da igreja. Nunca me esquecerei do interesse que os jovens da igreja sentiam pela srta. Sackett, a quem me referi no capítulo anterior. Parecia ser objeto de afeto especial da parte deles, pois fora ela quem me persuadira a ir até lá e viam sua alma sincera derramar-se a favor da salvação deles. Mostravam-se muito apegados a ela e, com muita ternura, estavam sempre ao seu redor. A srta. Sackett era jovem, sem afetação e de coração tão singelo quanto o de uma criança. Em seus esforços, porém, ultrapassara os limites do corpo. Em pouco tempo, suas forças se esgotaram e creio que morreu poucos meses após o avivamento.

Como já disse, fui para Wilmington e dediquei-me à obra que ali se realizava, na companhia do irmão Gilbert. Logo percebi que os ensinos que ele ministrara aos crentes impossibilitavam o avivamento e precisavam ser corrigidos para que a obra prosperasse. Parecia que tinham medo de tirar a obra das mãos de Deus ao mínimo esforço que fizessem. Mantinham os mais antigos conceitos doutrinários transmitidos pela Escola Antiga e, como conseqüência, acreditavam que Deus converteria os pecadores no tempo por ele determinado. Para eles, portanto, promover um avivamento, que significava levar pessoas à conversão por meio de intervenção e de forças humanas, era desonrar a Deus, fazendo o trabalho dele. Observei, também, que em suas orações não havia urgência em pedir um derramamento do Espírito — tudo isso resultado das doutrinas que lhes haviam ensinado.

Ficou claro que nada poderia ser feito a não ser que as doutrinas disseminadas pelo irmão Gilbert sofressem reparação. Por isso, eu passava horas, todos os dias, conversando com ele a respeito de seus pontos de vista. Debatemos de modo fraternal tudo que se referia ao assunto e, depois de cooperarmos um com o outro durante duas ou três semanas, percebi que a mente do irmão Gilbert estava preparada para consentir que as doutrinas que eu defendia fossem apresentadas à congregação.

No domingo seguinte, preguei sobre este texto: "Busquem [criai em vós —ARC/ARA] um coração novo e um espírito novo. Por que deveriam morrer...?" (Ez 18.31). Explanei minuciosamente o assunto sob o aspecto da responsabilidade do pecador e demonstrei o que era e o que não era um coração novo. Preguei cerca de duas horas e não me sentei até ter repassado o assunto de modo tão eficiente quanto a fluência e o tempo me permitiam. A congregação passou a interessar-se intensamente pelo tema e, por todo o recinto, um grande número de pessoas se colocava de pé. O templo estava superlotado e havia olhares de estranheza na assembléia. Alguns pareciam ofendidos e desgostosos e outros, vivamente interessados.

Não foram raras as vezes em que, quando eu ressaltava o contraste entre minhas opiniões e aquelas nas quais eles haviam sido instruídos, alguns riam, outros choravam e outros ainda mostravam-se obviamente aborrecidos, mas não me lembro de ninguém ter saído da reunião. Era uma estranha agitação. O irmão Gilbert arrastava-se de uma ponta a outra no banco atrás de mim. Escutava sua respiração forte e seus suspiros e não podia deixar de perceber que ele estava muito agitado. Fiquei consciente de ter afetado suas convicções, mas não sabia se ele estava disposto a enfrentar os comentários que seriam feitos pelos membros da igreja. Quanto a mim, estava pregando para agradar ao Senhor e não aos homens. Cheguei a imaginar que seria a última vez que pregava ali, mas pensava também que estava lhes dizendo a verdade — independentemente do resultado.

Esforçara-me por demonstrar que, se o ser humano fosse tão desamparado quanto indicavam as convicções doutrinárias deles, ele não poderia ser condenado pelos seus pecados. Se em Adão o homem perdera toda a capacidade de obedecer — não por ação ou consentimento próprios, mas por algo que Adão fizera — não fazia sentido tentar fazê-lo assumir a culpa por erros que ele não podia evitar. Tentei, também, demonstrar que, por aquela hipótese, a expiação não seria graça e sim uma dívida que Deus tinha para com a humanidade por tê-la posto numa situação tão deplorável.

De fato, o Senhor ajudou-me a demonstrar, com clareza irresistível, as falhas nos dogmas da Escola Antiga com seus resultados inevitáveis. Ao concluir, não ousei convidar o irmão Gilbert a orar. Orei eu mesmo para que o Senhor aplicasse e tornasse claramente compreensível a Palavra e outorgasse a todos os que ali estavam uma mente imparcial para pesar na balança tudo que fora dito, para acolher a verdade e para rejeitar

o que estivesse errado. Então, encerrei o culto e desci a escadaria do púlpito. O irmão Gilbert desceu atrás de mim. A congregação foi-se retirando com muita lentidão. Pareciam estar esperando alguma coisa.

Os corredores do templo já estavam quase vazios e o restante da congregação parecia em posição de espera, como se aguardasse que o irmão Gilbert comentasse o que fora dito no sermão. A sra. Gilbert, no entanto, saiu imediatamente e foi para casa. Ao descer do púlpito, notei que duas senhoras permaneciam sentadas à esquerda do corredor pelo qual tínhamos de passar. Eu já fora apresentado a elas e sabia que eram amigas e partidárias fiéis do irmão Gilbert. Mostravam-se um tanto magoadas ou ofendidas e muito atônitas. A primeira por que passamos, sentada perto da escadaria do púlpito, pegou no paletó do sr. Gilbert e perguntou-lhe em um sussurro audível:

— Sr. Gilbert, o que pensa disso? Ele respondeu no mesmo tom:

— Vale quinhentos dólares.

Sua resposta foi gratificante para mim e me deixou emocionado. Ela retrucou:

— Nesse caso, o senhor nunca pregou o evangelho!

— Pois bem! — respondeu ele. — Então lamento dizer que nunca preguei o evangelho.

Passamos adiante. A outra senhora disse-lhe mais ou menos a mesma coisa e ele também respondeu mais ou menos da mesma forma. Era o suficiente para mim. Fui caminhando até a porta e saí. Muitos ainda permaneciam na frente do templo, debatendo com veemência as coisas que eu dissera. A caminho da casa do sr. Gilbert, onde me hospedava, encontrei as ruas cheias de comoção e de pessoas discutindo o que eu pregara. Percebi que comparavam as opiniões e, pelo que escutei da parte daqueles que não me notavam passar, a impressão geral era decididamente favorável ao que eu dissera. Assim que cheguei à casa do sr. Gilbert, sua mulher veio interrogar-me:

— Sr. Finney, como ousou pregar semelhante coisa em nosso púlpito?

— Sra. Gilbert, não ousei pregar nada de diferente — respondi. Aquela é a pura verdade, vinda da parte de Deus.

— Ora, é verdade que, segundo a justiça, Deus tem a obrigação de providenciar a expiação pela humanidade — ela retrucou. Sempre pensei dessa forma, mas nunca ousei revelar meu ponto de vista. Acreditava que, se a doutrina pregada pelo sr. Gilbert era a verdade, Deus tinha de oferecer expiação e me salvar das circunstâncias em que era impossível eu socorrer a mim mesma e de uma condenação que eu não merecia. Nesse exato momento, entrou o sr. Gilbert.

— Está vendo, irmão Gilbert? — perguntei. Está vendo os resultados de sua doutrina dentro de sua própria casa? — E repeti o que sua mulher acabara de dizer.

Ele respondeu:

— Às vezes, eu a via como uma das mulheres mais piedosas que já conheci. — Pois bem! — exclamei. — Ela sempre pensou que Deus lhe devia, por questão de justiça, a salvação que Cristo lhe outorgara. Como podia ser cristã?

Cada um de nós falava com a maior seriedade e sinceridade. Quando fiz essa última observação, a sra. Gilbert levantou-se e saiu da sala. A casa ficou em completo silêncio e penso que não a vi durante dois dias. Mas, as coisas ficaram claras para ela, não somente quanto à verdade, mas também quanto ao estado de sua alma. Ela passou por uma revolução interior completa. A partir de então, a obra foi progredindo. O Espírito Santo operava admiravelmente, revelando a verdade. Os pontos de vista do irmão Gilbert foram alterados. Mudaram também seu estilo de pregação e sua maneira de apresentar o evangelho. Pelo que eu saiba, ele defendeu os ensinos da Escola Nova até o dia de sua morte, abandonando o que ensinava a Escola Antiga.

O efeito de meu sermão foi marcante sobre muitos membros daquela igreja. Já descrevi a experiência da senhora que perguntou ao sr. Gilbert o que ele pensava a respeito do que eu pregara. Posteriormente, ela me disse que ficara tão ofendida ao ver seus conceitos religiosos derrubados por mim que prometeu a si mesma nunca mais orar. Era seu hábito justificar-se lembrando sua natureza pecaminosa e tinha pontos de vista semelhantes aos da sra. Gilbert. Assim, minha pregação abalara todos os seus conceitos relativos à fé. Se estou bem lembrado, seu estado de rebelião durou umas seis semanas. Mas em seguida quebrantou-se, modificando suas opiniões e tendo uma nova experiência com Deus. Acredito que o mesmo aconteceu com muitos outros.

Fui convidado a pregar no púlpito do irmão Patterson, em Filadélfia, duas vezes por semana. Subia para lá de vapor (trem), pregava à noite e voltava no dia seguinte para pregar em Wilmington. Assim, alternava os cultos vespertinos entre Wilmington e Filadélfia. Viajando de barco pelo rio, a distância entre essas cidades ficava em cerca de 64 quilômetros. A obra surtiu tanto efeito em Filadélfia que me convenci de que, se essa era a vontade de Deus, meu dever era deixar o irmão Gilbert continuar a obra em Wilmington, para que eu pudesse dedicar todo o meu tempo ao trabalho na grande cidade de Filadélfia.

O irmão James Patterson, com quem eu já atuara em Filadélfia, sustentava os conceitos teológicos que então se ensinavam no Seminário Teológico de Princeton, posteriormente conhecidos como a teologia dos presbiterianos da Escola Antiga. Era um homem piedoso, porém, importando-se muito mais com a salvação das almas que com as questiúnculas da capacidade ou da incapacidade ou com qualquer um daqueles temas doutrinários a respeito dos quais os presbiterianos da Escola Antiga e da Escola Nova diferem entre si. A mulher de Patterson sustentava os conceitos teológicos da Nova Inglaterra, ou seja, acreditava na expiação geral, não na restrita e concordava com a ortodoxia da Nova Inglaterra, em contradição com a de Princeton. Deve ser lembrado que, nessa época, eu mesmo pertencia à Igreja Presbiteriana. Havia sido licenciado e ordenado por um presbitério composto principalmente de homens formados em Princeton. Já relatei as lutas que tive com alguns dos membros daquele presbitério, especialmente com meu professor de teologia, o rev. George W. Gale. Mencionei, ainda, que quando fui licenciado para pregar o evangelho, perguntaram-me se eu aceitava a Confissão de fé presbiteriana por conter a substância da doutrina cristã. Respondi que sim, dentro dos conhecimentos que tinha dela. No entanto, por não ter previsto que semelhante pergunta me fosse feita, nunca a examinara com atenção e acho que nunca a lera do começo ao fim.

Em minha controvérsia com o irmão Gale, nunca fizemos uso da Confissão de fé. Quando debatia com ele no tocante a determinadas questões, entendia que a luta era contra as opiniões de Princeton. Quando, no entanto, li a Confissão de fé e meditei sobre ela, percebi que, embora eu pudesse admitir aceitá-la, da mesma forma que multidões de presbiterianos por conter a substância da doutrina cristã conforme ensinada na Bíblia, não deixava de perceber várias questões que eu não poderia interpretar pela ótica de Princeton. Portanto, sempre dava a entender aos ouvintes que eu não aceitava aquela interpretação. Ou, pelo menos, que, se ela era considerada a interpretação correta, eu discordava inteiramente dos termos em que se apresentava. Tomo por certo que o irmão Patterson entendia isso antes de eu me dispor a cooperar com ele, pois não expressou nenhuma surpresa quando adotei aquela linha no púlpito. E, realmente, ele não levantou a mínima objeção.

O avivamento firmou-se tão poderosamente em sua congregação, que o interesse dele aumentou muito. E, à medida que via as bênçãos divinas envolvendo a Palavra da maneira em que eu a apresentava, ele me apoiava com firmeza e nunca, em hipótese alguma, levantou objeções contra qualquer conceito por mim apresentado. Às vezes, quando voltávamos do culto, a sra. Patterson observava, sorridente: "Está vendo, sr. Patterson, que o sr. Finney não concorda com você quanto às questões sobre as quais conversamos tão freqüentemente?". E ele, na grandeza de sua fé e amor cristãos, respondia: "Pois bem, o Senhor abençoa essa obra".

O interesse cresceu tanto que a congregação ficava superlotada em todos os cultos. Certo dia, o irmão Patterson disse-me:

— Irmão Finney, se os ministros presbiterianos desta cidade descobrirem suas opiniões teológicas e o que o irmão está pregando ao povo, irão expulsá-lo da cidade como se fosse um lobo.

— Não posso deixar de pregar o que prego — respondi. — Não posso pregar outra doutrina. E, se insistem em me expulsar da cidade, que o façam e assumam a responsabilidade. Mas não acredito que consigam livrar-se de mim.

Os ministros, no entanto, não tomaram a atitude que o rev. Patterson temia. Ao contrário, quase todos me recebiam em seus púlpitos. Quando ficaram sabendo o que acontecia na igreja do irmão Patterson, que até membros de suas igrejas mostravam grande interesse pelo que ali era pregado e que havia avivamento entre algumas delas, convidavam-me também a pregar em suas igrejas. Assim, se não estou enganado, preguei em todas as igrejas presbiterianas, exceto a da rua Arch. Houve muitos casos maravilhosos de conversões naquele avivamento e também muitos casos de amargura extrema por parte de pessoas que, individualmente, se opunham à obra.

Já mencionei que me encontrei com o sr. Nettleton em Nova York, durante o outono, após a convenção em New Lebanon e que ele estava ali para publicar suas cartas. Na ocasião, eu estava a caminho de Wilmington

e passei alguns dias com meus amigos em Nova York. O sr. Nettleton realmente publicou as cartas, que foram imediatamente enviadas para Filadélfia, onde foram postas em circulação. Por certo, a intenção era prejudicar as minhas atividades ali. Posso imaginar que, em alguns casos, as cartas encorajaram a oposição, mas, pelo que me lembro, provocaram também, naquela cidade, uma reação contra o irmão Nettleton. Quando liam as cartas, as pessoas comentavam: "Vejam bem! Se o sr. Finney está errado, o sr. Nettleton é o maior e principal dos delinqüentes. Ele mesmo defendeu essas opiniões e empregou esses mesmos métodos durante muitos anos. Por que, agora, está condenando a atuação do sr. Finney? É melhor escutarmos o sr. Finney".

Naquela época, Filadélfia formava um só bloco, ou quase isso, no tocante aos conceitos teológicos mantidos em Princeton. O rev. Skinner sustentava, até certo ponto, opiniões que, posteriormente, vieram a coincidir com as da Escola Nova e diferiam bastante das doutrinas pregadas ao seu redor, nas igrejas presbiterianas vizinhas, a ponto de suspeitarem que ele não fosse totalmente conservador. Sempre considerei um fato extraordinário a questão da ortodoxia por mim defendida não se ter revelado uma pedra de tropeço naquela cidade e nenhum ministro ou igreja lançar qualquer objeção contra ela.

Preguei na igreja holandesa do dr. Livingston e descobri que ele simpatizava com minhas opiniões. Encorajou-me, com toda a sua influência, a pregar segundo o que Deus me ordenara. Em todos os lugares e em todas as ocasiões, não hesitei em expor os conceitos teológicos que sempre apresentara às igrejas. Acredito que o próprio irmão Patterson ficou surpreso por ninguém me fazer oposição aberta por causa de minhas convicções teológicas. O fato é que eu não as apresentava em tom de controvérsia, apenas as incluía em minhas instruções aos crentes e aos descrentes, de modo tão natural que não havia probabilidade de despertar muita atenção senão da parte dos teólogos mais exigentes.

Entretanto, muito do que eu falava era novidade para os ouvintes. Por exemplo, certa noite eu preguei a respeito do seguinte texto: "Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo" (1Tim.2.5,6). Tratava-se de um sermão a respeito da expiação e apresentei minha opinião a respeito de sua natureza e universalidade. Procurei expor, do modo mais enfático possível, as diferenças entre minhas opiniões e as sustentadas pelos teólogos que defendiam a expiação limitada. O sermão atraiu tanta atenção e despertou tantos sentimentos que fui convidado com insistência a pregar sobre o assunto em outras igrejas. E, quanto mais eu pregava a respeito do tema, mais as pessoas queriam ouvir-me, a ponto de eu pregar sete noites sucessivas em sete igrejas diferentes. Não ouvi falar de nenhuma oposição às opiniões por mim apresentadas — fato notável para mim e para o irmão Patterson.

Segundo parece, as pessoas tinham ouvido falar muita coisa contra o hopkinsianismo [doutrina teológica esposada por Samuel Hopkins] e as duas colunas que sustentavam essa doutrina eram: 1) o ser humano deve estar disposto a ser condenado ao inferno para a glória de Deus e 2) Deus é o autor do pecado. Em minhas pregações, às vezes fazia alusão a esses temas e aproveitava a ocasião para condenar o hopkinsianismo e dizer que essa doutrina parecia muito difundida ali. Falava que, diante do grande descuido deles em buscar a salvação da própria alma, tinha-se a impressão de estarem dispostos a ir para a perdição eterna. Dizia-lhes, também, que certamente sustentavam que Deus era o autor do pecado porque sabiam que tinham uma natureza pecaminosa. Eu repetia os dois temas muitas vezes e dedicava tempo a estudar e a pregar sobre eles.

Repetidas vezes, fiquei sabendo que os ouvintes comentavam: "Pois bem, ele não é hopkinsiano". Eu realmente sentia ser meu dever — e até achava necessário — desmascarar todos aqueles esconderijos de pecadores, persegui-los e tirá-los de trás das trincheiras da ortodoxia. O avivamento propagou-se e firmou-se poderosamente. Os locais de reunião estavam sempre superlotados. Havia interessados em demasia para que pudéssemos atendê-los a contento. Foi em fins do outono que passei a hospedar-me em Filadélfia e continuei as atividades ali, sem interrupção, até aproximadamente o primeiro dia de agosto, no verão seguinte.

Já mencionei que houve oposição ferrenha por parte de alguns indivíduos. Lembro-me de um homem cuja esposa sentia forte convicção de pecado e tendo em vista a situação de sua alma. Ele ficou tão enfurecido que entrou no templo durante o culto para tirá-la de lá à força.

Outro caso notável do qual me recordo foi o de um alemão, cujo nome não lembro, que comercializava tabaco. Sua mulher era uma pessoa muito amável e culta e ele mesmo, segundo descobri posteriormente, ao conhecê-lo melhor, era um homem inteligente. No entanto, era cético e não tinha a mínima confiança na

religião. A mulher, porém, freqüentava nossos cultos e ficou muito preocupada com a situação da própria alma. Depois de uma severa luta mental, que durou muitos dias, converteu-se ao Senhor. Era assídua nas reuniões e demonstrava grande interesse pelas coisas espirituais, fato que logo atraiu a atenção do marido, que passou a levantar objeções contra a sua fé. Fiquei sabendo que se tratava de um homem de temperamento agressivo, de muita força atlética e muito resoluto em seus propósitos.

A oposição do marido aumentava à medida que ela se interessava cada vez mais pela vida espiritual. Ele chegou a proibi-la de freqüentar os cultos. Ela, então, veio aconselhar-se comigo, querendo saber que atitude tomar. Respondi-lhe que sua primeira obrigação era diante de Deus e que, sem dúvida, tinha de obedecer aos mandamentos divinos, embora estes estivessem em conflito com as ordens do marido. Aconselhei-a a evitar ofendê-lo em qualquer questão, quando isso era possível sem implicar desobediência a Deus. Ela não devia, em circunstância alguma, faltar em sua obrigação para com o Senhor para atender à vontade de um ímpio.

Falei-lhe que, por ele ser incrédulo, suas opiniões sobre os assuntos religiosos não contavam e que ela não podia orientar-se pelos conselhos do marido. Disso ela parecia ter bastante consciência. Tratava-se de um homem que não dedicava a mínima atenção à vida espiritual, a não ser para fazer oposição a ela. Seguindo meus conselhos, aquela mulher freqüentava os cultos sempre que tinha oportunidade. Ela recebia instrução e logo ali alcançou a liberdade do evangelho, passando a ter muita fé e paz de espírito e a desfrutar da presença de Deus. Aquilo deixou o marido bastante desgostoso e ele chegou a ameaçar-lhe a vida, caso ela voltasse a freqüentar os cultos. Ela, porém, já o vira zangado tantas vezes que não estava certa de que ele cumpriria a ameaça. Respondeu-lhe com calma, dizendo que, custasse o que custasse, ela estava decidida a cumprir seu dever diante de Deus e que esse dever consistia em receber a necessária instrução religiosa. Por isso, freqüentaria os cultos sempre que pudesse, sem negligenciar seus deveres para com a família.

Certo domingo, ao anoitecer, quando soube que ela iria ao culto, o marido renovou a ameaça de lhe tirar a vida. Ela contou-me, depois, que não imaginara as palavras do marido serem mais do que uma simples ameaça. Respondeu-lhe, então e com calma, que seu dever lhe fora claramente revelado e que não havia motivo para ficar em casa naquele horário, a não ser para cumprir as exigências exorbitantes do marido. E ficar em casa em semelhantes circunstâncias seria inconsistente com seu dever diante de Deus e diante dela mesma. Assim, foi ao culto.

Quando voltou, encontrou o marido numa crise de raiva. Logo que ela entrou, ele trancou a porta, tirou a chave e puxou uma faca, jurando que lhe tiraria a vida. Ela subiu as escadas correndo. Ele pegou um lampião para segui-la, mas a empregada, assustada, apagou a chama com um sopro quando ele passou à sua frente. Assim, ficaram no escuro. Ela subiu e correu pelos quartos do segundo andar, conseguiu descer para a cozinha e de lá para o porão. Ele não conseguiu encontrá-la. Ela escapou pela janela do porão e foi para a casa de uma amiga, onde passou a noite. Tomando por certo que o marido se envergonharia do que fizera na véspera, voltou ainda cedo para casa, e encontrou as coisas na maior desordem. Ele quebrara alguns móveis, num ataque de fúria.

Mal entrou, ele trancou a porta de novo e, puxando a faca, lançou-se ao chão de joelhos e levantou as mãos para fazer o terrível juramento de que tiraria imediatamente a vida da mulher. Ela olhou para ele, atônita e fugiu. Subiu correndo as escadas, mas havia luz suficiente para ele segui-la. Ela correu de quarto em quarto até entrar no último, de onde não havia como fugir. Virou-se para olhá-lo de frente e, no momento em que ele ia esfaqueá-la, atirou-se ao chão de joelhos, levantou as mãos ao céu e clamou por misericórdia, para ela e para ele. E Deus o fez parar. Segundo ela me contou, ele olhou para ela por um instante, deixou cair a faca, prostrou-se no chão e, por sua vez, clamou por misericórdia. Naquele momento, sentiu-se quebrantado e confessou seus pecados contra Deus e contra ela, implorando a ambos que o perdoassem. É claro que ela o perdoou e confio que Deus o tenha perdoado também.

A partir de então, ele tornou-se um homem maravilhosamente transformado, um dos cristãos convertidos mais zelosos que conheci. Apegou-se fortemente a mim e, um ou dois anos mais tarde, quando soube que eu estava para chegar a Filadélfia num barco a vapor, foi a primeira pessoa a dar-me as boas-vindas. Antes de eu partir de Filadélfia, naquela primeira ocasião, levei o casal a afiliar-se à comunhão da igreja e batizei seus filhos. Já faz muitos anos que não os vejo, nem recebi mais notícias deles.

Embora houvesse, individualmente, casos de amargura e oposição notáveis, provocados por idéias errôneas a respeito do que eu pregava, não sofri nada que pudesse comparar-se com o peso da oposição levantada pelo dr. Beecher e pelo sr. Nettleton. Os pastores tratavam-me com bondade e, que eu me recorde, em nenhum caso falaram publicamente contra a obra que estava sendo realizada — acho que nem em particular

a criticavam. Deve ter sido muito grande o número de convertidos. Depois de pregar vários meses na igreja do irmão Patterson e, em maior ou menor grau, em quase todas as igrejas presbiterianas da cidade, acharam melhor que eu ocupasse uma posição mais central e pregasse com regularidade em um só lugar.

Na rua Race, havia uma grande igreja alemã, cujo pastor era o sr. Helfenstine [Samuel Helffenstein]. Os presbíteros da congregação e seu pastor pediram-me que ocupasse o púlpito deles. Penso que, na época, aquela igreja tinha o maior templo na cidade. Foi ali que continuei a pregar com regularidade durante vários meses. Estava sempre cheia e dizia-se que acomodava 3 mil pessoas com o recinto superlotado até nos corredores. Tive a oportunidade de pregar para grande número de professores da escola bíblica dominical. Dizia-se que os professores de todas as partes da cidade geralmente acompanhavam meu ministério.

No auge do verão de 1828, ausentei-me por um breve período a fim de visitar os pais de minha mulher, no condado de Oneida. Depois, voltei a Filadélfia e trabalhei ali até a metade do inverno. Não me lembro com exatidão, mas acho que, ao todo, trabalhei em Filadélfia cerca de um ano e meio, tempo em que o fervor do avivamento não sofreu diminuição. Os convertidos multiplicavam-se por toda a cidade. Eram tantos que nunca tomei conhecimento do número exato, nem mesmo consegui fazer uma estimativa razoável. De todos os lugares em que trabalhei, em nenhum deles fui recebido mais cordialmente que ali. E em nenhum outro lugar os crentes, especialmente os novos convertidos, deram melhor testemunho. Que eu soubesse, nunca houve conflito ou divisão entre eles e jamais chegou ao meu conhecimento que alguma influência desastrosa tenha sido provocada por aquele avivamento. Numa cidade grande, os convertidos podem multiplicar-se grandemente, mas não se pode fazer estimativa do tamanho do avivamento. Somente nas cidades pequenas, nas quais todos os habitantes são conhecidos, é que se pode contar o número dos que são levados à conversão.

Durante o avivamento em Filadélfia, ocorreram muitos fatos interessantes. Lembro-me de certa jovem, filha de um pastor batista seguidor da Escola Antiga, que freqüentava a igreja do sr. Patterson. Durante meu ministério ali, ela demonstrou uma impressionante convicção de pecado. Suas convicções eram tão profundas que caiu em grande desespero e aflição. Contou-me que, desde a infância, aprendera do pai que, se ela fosse uma das eleitas, seria levada a converter-se na ocasião própria e que ela nada poderia fazer por conta própria antes de converter-se e de sua natureza ser transformada pelo Espírito de Deus, a não ser ler a Bíblia e orar, pedindo um novo coração.

Ainda bem jovem, ela sentiu forte convicção de pecado, mas seguia a instrução do pai: lia a Bíblia e orava, pedindo um novo coração, pensando que era somente isso que lhe era exigido. Ficou esperando ser levada à conversão e, assim, receber a evidência de pertencer aos eleitos. Em meio do seu grande empenho pela salvação, surgiu a questão do casamento e ela prometeu a Deus que não se casaria com ninguém até que estivesse convertida. Disse-me que, ao fazer a promessa, esperava que Deus apressasse sua conversão. Mas, as suas convicções desapareceram. Ela não se converteu e a promessa continuava pesando em sua alma, pois não ousava quebrá-la.

Quando estava com cerca de 18 anos de idade, um jovem pediu-a em casamento. Ela consentiu, mas, por causa do voto que fizera a Deus, o casamento não poderia ser realizado antes que ela se convertesse. Os dois se amavam muito e ele insistia em que o casamento fosse realizado sem demora. Mas, sem contar-lhe o motivo verdadeiro, ela ficava adiando o casamento. Se estou bem lembrado, os adiamentos somaram cinco anos, enquanto ela esperava a conversão.

Certo dia, o jovem cavalheiro caiu da charrete em que viajava e morreu instantaneamente. Esse acontecimento despertou no coração da jovem profunda mágoa contra Deus. Passou a acusá-lo de agir com crueldade para com ela. Havia esperado pela conversão e mantivera-se fiel à promessa de não casar-se antes de estar convertida. Obrigara seu amado a esperar todos aqueles anos até que ela estivesse pronta e ela, também, ficara esperando que Deus a levasse à conversão. Então veio Deus e tirou a vida dele, enquanto ela permanecia sem se converter! A jovem ficou sabendo que o rapaz era universalista e, por isso, passou a desejar ardentemente que o universalismo fosse a verdade, pois não conseguia acreditar que Deus tivesse condenado seu noivo ao inferno. E, se ele o tivesse feito, ela não saberia conviver com isso.

Ela passou muito tempo lutando com Deus antes de começar a freqüentar nossas reuniões e acreditava que a culpa por não se ter convertido era de Deus, não dela mesma. Quando ouviu minha pregação e viu que seus refúgios de mentiras foram derrubados, percebeu que já deveria ter entregado o coração a Deus há muito tempo. Disposta a resolver a situação, assumiu sua culpa, tendo a certeza de que a instrução dada por seu pai

fora totalmente errada. Lembrando-se, então, de como culpara a Deus e de quanto blasfemara contra ele, naturalmente clamou desesperadamente por misericórdia.

Arrazoei com ela e tentei mostrar-lhe a longanimidade divina, encorajando-a a esperar, a crer e a tomar posse da vida eterna. Mas ela sentia-se tão consciente do pecado que não parecia entender o que eu dizia. E lançou-se, dia após dia, cada vez mais ao desespero. Depois de me dedicar muito a aconselhá-la, passei a afligir-me bastante com o caso dela. Tão logo os cultos eram encerrados, ela aparecia e seguia-me até em casa, queixando-se e cansando-me com seus apelos para que eu demonstrasse simpatia e compaixão cristã pela sua alma.

Essa situação prolongou-se por muitas semanas. Certa manhã, ela veio visitar-me. Estava acompanhada por uma tia que ficara muito preocupada com a sua situação, temendo que a sobrinha estivesse à beira da loucura. Eu mesmo achava que seria esse o resultado, se ela não decidisse crer. Catharine — esse o nome da jovem — entrou em minha sala com o seu jeito desesperançado de sempre, mas tinha um olhar selvagem, que indicava um estado emocional crítico. E creio que, então, o Espírito de Deus sugeriu à minha mente que eu adotasse uma postura inteiramente diferente diante dela. Falei-lhe:

— Catharine, você afirma acreditar que Deus é bom.

— Oh, sim! — respondeu ela. — Nisso eu acredito.

— Pois bem! — continuei. — Você me tem revelado freqüentemente que a bondade de Deus não permite que ele tenha misericórdia de você, que você pecou tanto que seria uma desonra para Deus perdoá-la e salvá-la. Você tem-me confessado muitas vezes que acredita que Deus perdoaria você se a sabedoria dele o permitisse, mas que esse perdão seria uma ofensa contra ele, contra seu governo e contra seu universo e que, portanto, ele não pode perdoar você.

— Sim — ela respondeu. — E nisso que acredito.

— Então, sua dificuldade é que você espera que Deus peque, que aja de modo tolo e que se prejudique a si mesmo e ao Universo para salvar você — ponderei.

Ela abriu bem os grandes olhos azuis e fixou-os em mim. Parecia surpreendida, parcialmente indignada. No entanto, continuei:

— Sim. Você está em grande angústia porque Deus não fará uma coisa errada, porque ele persistirá em ser bom, independentemente do que aconteça com você. Você experimenta essa aflição na alma porque Deus não pode ser persuadido a violar o conceito de retidão e justiça e não salvará você de um modo que contrarie as leis que ele criou. Você considera-se mais importante que Deus e o Universo inteiro e não se sentirá feliz, a menos que Deus se torne infeliz e torne infelizes todas as pessoas por sua causa.

Insisti nesse argumento, enquanto ela olhava para mim, atônita. Depois de alguns momentos, mostrou-se submissa como uma criancinha. Então falou:

— Aceito essa condição. Que Deus me envie para o inferno se ele julgar ser essa a melhor coisa a fazer. Não quero que ele me salve às custas dele próprio e do Universo. Que ele faça o que bem pareça aos seus olhos.

Levantei-me de imediato e saí da sala. E, para ficar longe dela, fui para a rua, entrei numa charrete e saí dirigindo. Quando voltei, ela já havia ido embora. Naquela tarde, porém, ela e a tia voltaram para declarar o que Deus fizera pela alma de Catharine. Ela transbordava de alegria e paz e foi uma das convertidas mais submissas, humildes e dedicadas que já vi.

Lembro-me de que outra jovem — uma belíssima moça de uns vinte anos de idade — veio visitar-me, sentindo grande convicção de pecado. Entre outras coisas, perguntei-lhe se estava convencida de ter sido tão iníqua a ponto de Deus, em sua justiça, ter motivos para enviá-la ao inferno.

— Sim! Mereço mil infernos — respondeu em tom contundente. Estava vestida elegantemente, até mesmo com certo luxo. Tive com ela uma conversa profunda e ela mostrou-se quebrantada de coração e entregou-se a Cristo. Tornou-se uma cristã muito humilde e quebrantada. Fiquei sabendo que ela foi para casa, apanhou as muitas flores artificiais e ornamentos com os quais se enfeitava e dos quais se orgulhava muito, passou pela sala com todos eles na mão. Alguém lhe perguntou o que ia fazer com aquelas flores e ornamentos e ela respondeu que iria queimá-las.

— Nunca mais os usarei — afirmou.

— Se você não quiser usá-los, poderá vendê-los. Não precisa queimá-los

— disseram-lhe.

Ela, porém, respondeu:

— Se eu os vender a outra pessoa, ela terá tanto orgulho e ficará tão vaidosa deles quanto eu fui com eles. Por isso, vou queimá-los. — E, realmente, lançou-os numa fogueira.

Poucos dias depois, ela visitou-me e contou-me que, de passagem pelo mercado, penso que naquela manhã, observou uma senhora ricamente vestida. Sua compaixão foi de tal maneira despertada que ela foi até aquela senhora e pediu licença para falar-lhe. A senhora permitiu e ela lhe disse: "Madame, não tem orgulho de suas roupas? Não se sente tão vaidosa a ponto de negligenciar a salvação de sua alma?" Disse que ela mesma irrompeu em lágrimas ao dizer isso e contou àquela senhora um pouco de sua experiência — de como fazia demasiada questão de ter roupas finas e de como isso quase arruinara sua alma. E acrescentou: "Ora, a senhora é uma mulher belíssima e está vestida com elegância. Será que não está tendo a mesma mentalidade que eu já tive?"

Aquela senhora chorou e confessou que, de fato, aquilo era um tropeço para ela e temia que seu apego às roupas luxuosas e à sociedade lhe arruinasse a alma. Confessou que negligenciara a salvação por não saber como livrar-se do círculo social no qual se movimentava. A jovem perguntou-me, então, se eu achava errado o que ela dissera à senhora. Falei-lhe que não, que eu desejava que todos os cristãos fossem tão fiéis quanto ela e esperava que ela nunca cessasse de advertir as mulheres contra algo que quase lhe arruinava a alma.

Na primavera de 1828, estando o rio Delaware bem cheio, os madeireiros desciam com suas balsas da região das terras altas, para onde haviam ido a fim de extrair as toras durante o inverno. Naquele tempo, havia uma grande faixa de terras ao longo da região norte da Pensilvânia, que muitos chamavam "região da madeira", que subia em direção aos mananciais do rio Delaware. Durante o verão e o inverno, muitos madeireiros ocupavam-se em extrair toras da região. Boa parte dessas toras era enviada até Filadélfia, flutuando pelo rio, quando as águas subiam. (Eles extraíam as toras quando as águas do rio estavam baixas). Quando a neve derretia e vinham as chuvas da primavera, jogavam todas no rio e as deixavam descer flutuando até onde pudessem formar balsas com as próprias toras ou embarcá-las de outras maneiras para o mercado em Filadélfia.

Muitos dos madeireiros criavam famílias na região e havia uma vasta extensão de terras no interior, onde quase não havia povoados e a terra não era ocupada senão por aqueles madeireiros. Naquele tempo, não havia escolas nem igrejas ali, nem a mínima assistência espiritual. Fiquei conhecendo um pastor nascido na região dos madeireiros que até os vinte anos de idade nunca havia participado de um culto e também era analfabeto. Os homens que desciam com as toras de madeira freqüentavam nossos cultos e, vários deles, converteram-se a Cristo. Voltaram para a floresta e começaram a orar, pedindo o derramamento do Espírito Santo e a contar às pessoas o que viram em Filadélfia, exortando-as a aceitar a salvação.

Seus esforços foram imediatamente abençoados e o avivamento começou a propagar-se e a enraizar-se entre aqueles madeireiros. Esse acontecimento persistiu de modo muito poderoso e notável. A obra estendeu-se de tal modo, que, em muitos casos, pessoas que eram quase tão destituídas de conhecimentos religiosos quanto os pagãos e que não haviam freqüentado nenhum culto, tornavam-se convictas do pecado e convertiam-se. Homens que estavam cortando árvores em lugares distantes, onde moravam em cabanas, sozinhos ou em dois ou três, eram tomados de tamanha convicção que eram induzidos a sair andando sem rumo e perguntando o que deveriam fazer; então, convertiam-se. E assim o avivamento foi-se propagando.

Os convertidos manifestavam a máxima simplicidade. Para mostrar o que acontecia na região, certo pastor idoso, que conhecera um pouco a situação do lugar, contou-me que havia ali um homem que tinha uma choça pequena, só dele, onde dormia à noite, depois de cortar suas toras durante o dia. Começou a sentir que era pecador e essa convicção foi-lhe pesando a ponto de quebrantar-se, confessar seus pecados e arrepender-se. O Espírito de Deus revelou-lhe sobre a salvação o suficiente para que o pastor percebesse que ele já estava convertido. Mas, nunca freqüentara uma reunião de oração em toda a sua vida e, que se lembrasse, jamais tinha ouvido uma oração. Seus sentimentos eram tão fortes que ele sentiu-se constrangido a dar testemunho disso a alguns conhecidos que extraíam toras em outro local. Quando chegou ali, porém, descobriu que muitos deles já haviam passado pela mesma experiência e estavam realizando reuniões de oração. Passou a freqüentar as reuniões, escutava-os a orar e, finalmente, começou a orar também. Sua oração era esta: "Senhor, tu me derrubaste e espero que me mantenhas no chão. E já que foste tão bem-sucedido comigo, espero que consigas obter o mesmo com outros pecadores".

Já mencionei que essa obra começou na primavera de 1828. Na primavera de 1831, eu estava de volta a Auburn. Dois ou três homens da região madeireira foram visitar-me para se informarem sobre um meio de levar alguns pastores para lá. Disseram que nada menos que 5 mil pessoas se haviam convertido na região, que o avivamento se estendera por 130 quilômetros e que não havia um único ministro do evangelho para cuidar da obra. Nunca estive na região, mas, com base em tudo que ouvi, considero aquele um dos avivamentos mais notáveis deste país. Foi levado a efeito de modo independente do ministério e entre uma classe inculta, mas os ensinos da parte de Deus eram tão evidentes e maravilhosos que sempre entendi que aquela obra nunca foi manchada pelo fanatismo, pelo descontrole ou por alguma coisa censurável.

É possível que algum aspecto não me tenha sido explicado com exatidão, mas aqui relato os acontecimentos conforme os entendi. "Vejam como um grande bosque é incendiado por uma simples fagulha" (Tg 3.5). A fagulha acesa no coração daqueles poucos madeireiros que visitaram Filadélfia propagou-se por toda a floresta e resultou na salvação de uma multidão de almas.

Descobri ser o irmão Patterson um dos homens mais leais e santos de todos aqueles com os quais já havia cooperado. Sua pregação era extremamente sincera. Mas, em seus sermões, freqüentemente faltava conexão entre as coisas que dizia e o texto que escolhera. Ele me dizia sempre: "Quando prego, prego de Gênesis a Apocalipse". Lia um texto bíblico e, depois de fazer algumas observações — ou talvez nenhuma — a respeito dele, outro texto vinha-lhe à mente e sobre este fazia observações muito pertinentes. Então lembrava-se de outro texto e, assim, seus sermões consistiam em comentários incisivos de textos que iam surgindo em sua memória. Era um homem alto, de porte notável e de voz poderosa. Pregava com lágrimas descendo pela face e com tanta sinceridade e emoção que chamava a atenção de todos.

Era impossível ouvi-lo pregar sem nos impressionarmos com seu senso de sinceridade intensa e de grande honestidade. Foi só ocasionalmente que o ouvi pregar e, da primeira vez, fiquei triste, imaginando que a natureza dispersiva de sua pregação não surtiria qualquer efeito. No entanto, logo percebi meu engano. Descobri que, a despeito de suas divagações, sua grande sinceridade e sua unção faziam com que a verdade fosse fixada no coração dos ouvintes. Acho que nunca o ouvi pregar sem descobrir na platéia pessoas profundamente convictas de pecado. Antes de atuarmos juntos, ele realizava uma campanha de avivamento religioso todos os invernos — pelo que me contou, por 14 invernos sucessivos.

Os membros de sua igreja eram crentes de oração. Enquanto cooperava com ele, lembro-me de que, por um curto período, foi sentido um empecilho no caminho. A obra parecia emperrada e comecei a sentir-me alarmado, com medo de que algo tivesse entristecido o Espírito Santo. Certa noite, numa reunião de oração, um dos presbíteros levantou-se e fez a seguinte confissão: "Irmãos, o Espírito de Deus tem se entristecido e eu o entristeci. Adotei o hábito de orar a favor do irmão Patterson e da pregação, aos sábados à noite até a meia-noite. Durante muitos anos, dediquei as noites de sábado para implorar a bênção de Deus sobre os trabalhos do domingo. No sábado passado, estava cansado e não orei. Achava que a obra estava progredindo tão bem que eu podia dar-me ao luxo de ir para a cama sem buscar a Deus e sem pedir sua bênção. No domingo, tive a forte convicção de que entristecera o Espírito e percebi que ele não se manifestara na congregação. Senti que eu havia pecado e que era meu dever fazer esta confissão. Não sei se mais alguém entristeceu o Espírito de Deus, mas eu estou certo de que o fiz".

Já falei sobre a ortodoxia do irmão Patterson. Quando comecei a cooperar com ele, senti-me pesaroso com o que ele dizia às pessoas que se mostravam convictas de pecado. Por exemplo, na primeira reunião que realizamos com os interessados no avivamento, o número de presentes era muito grande. Passamos algum tempo conversando com eles, pessoa a pessoa, oferecendo orientação. De repente, o irmão Patterson levantou-se, muito emocionado, e disse: "Meus amigos, vocês já se colocaram na direção de Sião e agora os exorto a avançar com firmeza". Em seguida, fez uma preleção que durou apenas alguns momentos, na qual deu a nítida impressão de que agora aquelas pessoas estavam no caminho certo — era só continuar a cumprir seus deveres religiosos e estariam salvas.

Suas declarações causaram-me grande dor. Pareciam incentivar a justiça própria e levar aquelas pessoas a pensar que tinham elevada espiritualidade e cumpriam seu dever para com Deus. Elas podiam pensar que, se continuassem a cumprir seus deveres religiosos, como faziam até então, seriam salvos. Esse não era, de modo algum, meu diagnóstico da condição deles. Sentia-me desgostoso por ouvir semelhantes afirmações e, perplexo, tentava descobrir uma forma de neutralizá-las.

Assim, tão logo ele se sentou — ou talvez eu deva dizer, no final da reunião — quando, segundo o costume, eu resumia os resultados de nossa conversa, fiz um pequeno discurso, referindo-me ao que o irmão Patterson

tinha dito. Observei que eles não deviam entender erradamente o que ele e usinara: que as palavras dele eram aplicáveis apenas aos que realmente eram convertidos e tinham intenção firme de chegar a Sião, aos que haviam entregado o coração a Deus. Elas não se aplicavam àqueles que, embora convencidos de pecado, ainda não se haviam arrependido, crido e entregado o coração a Deus. Quem pensasse assim, em vez de estar a caminho de Sião, estaria virando as costas para Cristo, resistindo ao Espírito Santo e rumando para o inferno. E, a cada momento que resistissem, estariam tornando-se piores. Enquanto se mostrassem insubmissos, sem arrependimento e sem fé, estariam pecando contra a luz maior. O Senhor deu-me uma visão muito nítida do assunto.

O irmão Patterson escutou com a máxima atenção. Nunca me esquecerei da sinceridade com que me observava nem do interesse com o qual acompanhava minhas explicações. Continuei minhas considerações até ver e sentir que a impressão causada pelas palavras do irmão Patterson não somente fora corrigida, mas também que eles estavam sentindo uma forte pressão para mostrar submissão a Deus. Foi então que os conclamei a ajoelharem-se e, ali mesmo, naquele momento, dedicar-se ao Senhor, renunciando a todos os pecados e entregando-se à disposição da bondade soberana, com fé no Senhor Jesus Cristo. Expliquei-lhes, com a maior clareza possível, a natureza da expiação e da salvação apresentada no evangelho. Passei, então, a orar com eles e tenho motivos para acreditar que um grande número deles se converteu ali mesmo. A partir de então, nunca mais ouvi qualquer coisa censurável da parte do irmão Patterson, nada que abalasse meus sentimentos ao orientar os pecadores interessados no evangelho.

De fato, percebi que ele estava notavelmente apto para aprender e sua mente estava aberta a esclarecimentos retos e justos. Parecia ser especialmente rápido em apossar-se daquelas verdades que precisavam ser apresentadas aos pecadores. E tenho por certo que, até ao dia de sua morte, nunca mais apresentou conceitos semelhantes àqueles que já mencionei e que me deixaram tão aflito na ocasião. Respeito e reverencio seu nome. Ele era um cristão amável e fiel ministro de Jesus Cristo.

CAPÍTULO XIX

Avivamento em Reading

Achava-me em Filadélfia, no coração da Igreja Presbiteriana, onde os conceitos de Princeton eram aceitos quase universalmente. Preciso dizer, ainda mais enfaticamente — se isso é possível — que a maior dificuldade com que deparava na promoção dos avivamentos provinha da instrução errônea dada ao povo, principalmente aos pecadores desejosos de conhecer o caminho da salvação. A verdade é que, em toda a minha vida ministerial, em cada localidade ou país onde trabalhei, sempre me achei diante dessa dificuldade, em maior ou menor grau. Estou convicto de que as pessoas são enganadas a tal ponto que há multidões vivendo no pecado, quando poderiam ter-se convertido se fossem instruídas na verdade.

A base do erro a que me refiro é o dogma que diz que a natureza humana é pecaminosa por si mesma e que, por isso, os pecadores são inteiramente incapazes de tornarem-se cristãos. Reconhece-se, quer expressamente, quer de modo virtual, que os pecadores talvez queiram ser cristãos, que realmente eles querem ser cristãos e que até mesmo freqüentemente tentam ser cristãos.

Tem sido a prática e, até certo ponto, continua a ser assim, os pastores pregarem o arrependimento e conclamarem as pessoas a arrependerem-se, mas apenas para resguardar a ortodoxia, revelando ao pecador no final que ele não pode arrepender-se por si mesmo, tanto quanto não poderia criar um mundo. O pecador, no entanto, tem de forçosamente fazer alguma coisa. E os pregadores, apesar de todo o seu conservadorismo, não têm coragem de revelar ao pecador que ele nada pode fazer. Por isso, levavam-no a orar por um novo coração, incentivando a justiça própria. O estranho é que, embora esses pastores digam ao pecador que ele é totalmente depravado e que todos os seus atos e pensamentos são pecaminosos, dizem-lhe também que ele precisa obter um coração novo. E, tendo ele esse desejo e sendo incapaz de produzir para si mesmo um novo coração, induzem-no a orar por isso.

Esses pastores, às vezes, determinam que o pecador cumpra seus deveres religiosos, pratique o bem, leia a Bíblia e faça uso dos meios da graça. Resumindo: determinam-lhe que faça tudo menos o que é ordenado por Deus. Deus ordena que o pecador se arrependa agora, creia agora e tenha seu coração transformado agora. Mas os pastores receiam apresentar-lhe as exigências divinas dessa forma, mostrando urgência, porque ensinam que o ser humano não é capaz de realizar essas coisas. Por isso, apresentam-lhe um meio-

termo: em vez de conclamar o pecador a arrepender-se, a crer, a mudar o coração, a submeter-se e a voltar-se imediatamente para Deus, levam-no a praticar obras meramente externas, chamando a isso dever, para fazê-lo acreditar que assim chegará à conversão.

Como exemplo do que encontrei neste e em outros países, durante o tempo em que estou no ministério, farei referência a um sermão que ouvi do rev. Baptist Noel, em Inglaterra. Era ele homem virtuoso e ortodoxo, na acepção da palavra. O texto que ele usou foi este: "Arrependam-se, pois e voltem-se para Deus, para que os vossos pecados sejam cancelados, para que venham tempos de descanso da parte do Senhor", (At 3.19,20). Em primeiro lugar, o rev. Noel apresentava o arrependimento não como uma mudança voluntária, mas como uma transformação involuntária — que consistia na tristeza pelo pecado, um mero estado da sensibilidade. Depois, insistia em que o dever do pecador era arrepender-se e o conclamava a reconhecer os direitos de Deus sobre ele.

No entanto, estava pregando a uma congregação ortodoxa e não poderia deixar de lembrar-lhes que não se podiam arrepender e que, embora Deus o exigisse, o pregador estava convicto de que aquilo era impossível, visto que somente Deus lhes podia conceder o arrependimento. "Vocês perguntam, portanto, o que fazer. Vão para casa!", foi a resposta. "E orem, pedindo o arrependimento. Se ele não vier, orem de novo. Se ainda assim não vier, continuem orando até que ele venha". Essa foi a situação em que ele os deixou. A congregação era grande e os ouvintes muito atentos. Foi difícil conter a vontade de gritar para que se arrependessem e fazê-los entender que simplesmente orar pelo arrependimento não é o bastante.

Na ocasião, eu estava em Filadélfia e realmente, durante toda a minha vida ministerial, constatei ser comum que ministros e crentes professos tomassem por certo que o pecador é incapaz de fazer o que Deus exige deles e o encorajassem a fazer outra coisa. Não ousavam dizer ao pecador que aguardasse passivamente a operação divina, sem se preocupar em fazer outra coisa. Por isso encorajavam-no a empregar os meios da graça e a orar até o momento determinado por Deus para sua conversão.

Semelhantes instruções afligiam-me grandemente e boa parte de meus esforços no ministério têm consistido em corrigir tais conceitos e em insistir com o pecador que faça sem demora o que Deus exige dele. Quando alguém que ainda não se converteu me pergunta se o Espírito de Deus não tem nenhum papel no processo da conversão, eu respondo: "Sim, na realidade, não é você quem atua. O Espírito de Deus está operando agora em sua vida para que você faça exatamente o que ele quer. Está se empenhando para levá-lo ao arrependimento, para levá-lo a crer e trabalhará não para que sejam vistos em sua vida simples atos exteriores, mas para transformar seu coração".

A igreja, em grande medida, tem ensinado o pecador a começar pelo lado de fora da religião, por aquilo que chamam cumprimento externo do dever, a fim de conseguir a transformação interior da vontade e da disposição mental. Quanto a mim, sempre considerei essa postura absurda, herética, heterodoxa e extremamente perigosa. Sempre ensinei que não pode haver virtude alguma nas ações exteriores do pecador sem que seu coração seja transformado. Nenhum ato externo, baseado na justiça própria, pode conquistar o favor de Deus. E, sem o coração transformado, todos os esforços externos do pecador não passam de hipocrisia, ilusão e abominação.

Descobri inúmeros casos em que o resultado desse ensino incorreto é a má interpretação do dever do pecador. Posso dizer que encontrei milhares de pecadores, de todas as idades, vivendo essa ilusão. Imaginam que nada é exigido deles, senão que orem por um coração novo, vivam uma vida de moralidade, leiam a Bíblia, freqüentem os cultos, empreguem os meios da graça e deixem com Deus a total responsabilidade por sua conversão.

Partindo de Filadélfia, no inverno de 1829, mudei-me para Reading, cidade situada a cerca de 60 quilômetros a oeste de Filadélfia. Nesse local, ocorreu um incidente que mencionarei no devido contexto e que ilustrou de modo marcante o tipo de ensino a que me tenho referido e suas naturais conseqüências. Em Reading, havia algumas igrejas alemãs e uma igreja presbiteriana. O pastor desta era o rev. Greer [John Ferguson Grier]. A pedido dele e dos presbíteros de sua igreja, fui para lá, a fim de trabalhar durante algum tempo. Logo descobri, porém, que nem o dr. Greer nem qualquer membro de sua igreja faziam a mínima idéia do que necessitavam ou do que era, na realidade, um avivamento.

Pelo que me informei, nenhum deles tivera a oportunidade de testemunhar um desses movimentos espirituais. Além disso, todos os esforços empreendidos para promover o avivamento naquele inverno foram prejudicados pelo plano de se realizar, semana sim, semana não, um baile do qual participariam muitos membros da igreja. Um dos presbíteros de maior destaque na igreja do dr. Greer ajudava a organizar o baile.

Nunca soube se o dr. Greer alguma vez chegou a opor-se a isso. Durante os dias da semana, não havia pregação na igreja e penso que nenhum outro encontro religioso.

Quando descobri a situação, considerei que era meu dever dizer ao dr. Greer que os bailes teriam de ser suspensos imediatamente, senão eu me negaria a ocupar seu púlpito. Os bailes, freqüentados pelos membros da igreja e organizados por um de seus presbíteros, não se harmonizavam com minha pregação. Ele, no entanto, respondeu: "Vá em frente! Siga seus métodos". E assim fiz. Pregava três vezes no domingo e creio que quatro vezes durante a semana. Prossegui nesse ritmo por cerca de três semanas, antes de mencionar outras reuniões.

Creio que a falta de reuniões de oração devia-se ao fato de os membros da igreja não terem o costume de orar em grupo. Entretanto, anunciei nos três cultos do terceiro domingo que uma reunião para os interessados no avivamento seria realizada na sala de preleções, no subsolo da igreja, na segunda-feira à noite. Expliquei com a maior clareza possível o objetivo da reunião, especificando o tipo de pessoa que deveria participar: somente os que estivessem seriamente preocupados com seu estado espiritual e desejassem receber instrução a respeito do que fazer para alcançar a salvação. O dr. Greer não levantou objeção alguma, pois deixara tudo a meu critério. Acho, porém, que ele imaginava que ninguém iria aparecer depois de um convite daquela ordem, pois comparecer àquela reunião seria reconhecer publicamente a ansiedade pela salvação da alma e mostrar-se pronto para atender imediatamente a essa necessidade espiritual.

Aquela segunda-feira foi um dia frio e com bastante neve. Pelo que eu observara, a convicção de pecado alcançara a congregação. No entanto, não estava certo de que um grande número de pessoas compareceria à reunião, pois era novidade para eles. Ao anoitecer, porém, dirigi-me ao local onde ela seria realizada. O dr. Greer entrou e a sala de preleções, que era grande — acho que tinha quase o tamanho do salão de cultos da igreja — estava cheia! Ao olhar ao redor, ele notou, surpreso, a presença dos membros mais ímpios da congregação. E a surpresa foi maior quando viu ali também a camada mais respeitável e influente da igreja. Ele nada comentou publicamente, mas, dirigindo-se a mim, disse: "Nunca dirigi uma reunião como esta. Assuma o controle e dirija-a à sua maneira".

Iniciei o encontro com uma breve explicação do que pretendia: conversar com cada um deles, por breves momentos, para que me dissessem com franqueza o que sentiam — quais eram suas convicções, resoluções e dificuldades. Para me fazer entender, fiz esta analogia: se estivessem doentes e chamassem um médico, este desejaria ser informado dos sintomas, saber o que sentiam. "Não posso aplicar minha instrução ao seu estado de alma sem que vocês o revelem a mim", disse-lhes. "O que desejo, pois, é que vocês revelem, com um mínimo de palavras, exatamente como estão se sentindo neste momento. Vou passar entre vocês e dar a cada um a oportunidade de declarar, em poucas palavras, seu estado de alma". Então fui passando de pessoa em pessoa.

O dr. Greer não disse uma só palavra, mas seguia-me, permanecendo de pé ou sentando-se ao meu lado, ouvindo tudo o que eu dizia a cada pessoa. Ficava bem perto de mim, pois eu falava em voz baixa, para não ser ouvido pelos outros, a não ser por aqueles que estavam próximos. Descobri haver forte convicção de pecado e muito sentimento religioso entre os que ali estavam. E o peso dessa convicção fazia-os sentirem-se muito pressionados. Poucas vezes participei de uma reunião mais solene. O convencimento do pecado firmara-se entre todas as classes: superiores e inferiores, ricas e pobres.

O dr. Greer ficou grandemente comovido. Embora nada dissesse, ficou claro que suas emoções eram intensas. Não fazia idéia de que a sua congregação houvesse chegado a semelhante estado espiritual. Percebi que, por vezes, era-lhe difícil controlar os seus sentimentos. Mesmo assim, não proferiu uma palavra sequer. Depois de passar tanto tempo em conversas particulares quanto o horário permitia, voltei ao púlpito e fiz um pronunciamento aos ouvintes em geral. Conforme era meu costume, fiz um resumo das reações mais interessantes que ouvira nas conversas pessoais. Omitindo nomes, narrei os casos mais típicos e analisei-os, usando-os como ilustração para instrução e ensino.

Procurei desfazer os falsos conceitos e os erros cultivados por eles, esclarecer sobre a falsa esperança de simplesmente esperar que Deus os levasse à conversão. E, num discurso de pouco mais de meia hora, expus a situação com tanta clareza quanto me era possível. Em seguida, exortei-os a submeterem-se, a crer e a consagrarem-se com tudo que possuíam — ali mesmo — a Cristo. Então orei com eles. Chamei os que se sentiam prontos a assumir de imediato o compromisso de viver apenas para Deus, de se entregarem à misericórdia divina em Cristo e de abrir mão de todo o pecado renunciando a ele para sempre em todas as

suas formas. Eles deviam ajoelhar-se não com a expectativa de que seriam as minhas orações que os salvariam. Eu queria que, enquanto orasse, eles se entregassem a Cristo e fizessem, de coração, tudo quanto os exortava a fazer. Pedi que se ajoelhassem somente os que estivessem dispostos a fazer o que Deus requeria de cada um, conforme eu já explicara.

O dr. Greer parecia muito surpreendido com a prova a que os submeti e com a insistência para que se submetessem de imediato. Tomei o cuidado de analisar cada caso, para que ninguém se ajoelhasse sem que fosse em total sinceridade. Percebi que o Espírito de Deus insistia tão fortemente com eles que, se eu pudesse fazê-los entender exatamente o que Deus queria deles, muitos sem dúvida alguma seriam levados pelo Espírito de Deus a tomar a decisão naquele momento, ali mesmo.

Tão logo percebi que me entendiam perfeitamente, pedi que se ajoelhassem. Eu também me ajoelhei. O dr. Greer ajoelhou-se ao meu lado, mas nada disse. Apresentei em oração diante de Deus a situação em que eles se encontravam e confirmei o propósito que tinham feito de se submeterem, crerem e de se consagrarem a Deus. Sentia-se que a congregação estava permeada de reverência e do temor a Deus e envolta num silêncio tumular, excetuando-se minha voz em oração e os soluços, suspiros e choro que eram ouvidos, em menor ou maior volume, por todo o recinto. Em seguida, levantei-me e todos se colocaram de pé. Sem falar mais nada, impetrei a bênção final e encerrei a reunião.

O dr. Greer tomou-me cordialmente a mão e disse, sorrindo: "Vou vê-lo amanhã de manhã". Ele foi para casa e eu voltei para o meu aposento. Penso que eram onze da noite quando um mensageiro chegou correndo para me avisar que o dr. Greer havia falecido. Perguntei como acontecera. Disse que o ministro acabara de se recolher à cama, quando lhe sobreveio uma crise de apoplexia, à qual não resistiu, morrendo imediatamente. Era um pastor grandemente respeitado e amado pelo seu rebanho e estou convicto de que essa estima era merecida. Era um homem de alta cultura e, tenho certeza, de piedade sincera. No entanto, sua formação teológica não o preparara bem para a obra do ministério, que é ganhar almas para Cristo. Era, ainda, um homem de certa timidez. Evitava o confronto com a congregação e não resistia suficientemente aos avanços do pecado no meio dela.

Sua morte súbita foi um grande choque, tornando-se assunto das conversas por toda a cidade. Embora, por todas as aparências humanas eu tivesse constatado que um bom número de pessoas se havia submetido a Deus no encontro de segunda-feira à noite, a morte do dr. Greer, em circunstâncias tão extraordinárias, lastimavelmente desviou a atenção do povo durante uma semana ou mais. Depois do sepultamento, porém e com os cultos vespertinos de volta ao seu andamento normal, a obra prosseguiu num ritmo poderoso, avançando de modo muito animador.

Muitos incidentes bastante emocionantes ocorreram nesse avivamento. Lembro-me de que, certa noite, depois de a neve ter caído espessa e severamente, deslocando-se de modo terrível pela força de uma forte ventania, fui acordado à meia-noite. Alguém me chamava para visitar um homem que sentia tão tremenda convicção de pecado que temia morrer se nada fosse feito a seu favor. Chamava-se Buck. Era homem robusto, muito musculado, de muita força de vontade e nervos de aço — fisicamente, um magnífico exemplar da raça humana. Sua mulher professava a fé, mas ele tinha sido uma espécie de Gálio, "não [demonstrando] nenhuma preocupação com isso". Assistira ao culto vespertino e o sermão o desmontara por completo. Fora para casa num estado emocional terrível, sendo que suas convicções e aflições foram aumentando até vencerem sua força física. Seus familiares também receavam que ele morresse, caso não fosse ajudado por alguém. Assim, apesar da violenta tempestade de neve, mandaram um mensageiro buscar-me.

Levantei-me, vesti uma roupa adequada para enfrentar a tempestade e saí. Tínhamos de andar contra o vento uma distância de 250 a 300 metros. Ouvi os gemidos — ou uivos — daquele homem antes de chegar à sua casa. Quando entrei, ele estava sentado no chão e alguém — penso que sua esposa — amparava-lhe a cabeça. O olhar dele era indescritível. Por mais acostumado que eu estivesse a ver pessoas sofrendo sob convicção espiritual, preciso confessar que sua aparência foi um choque tremendo para mim. Ele estava-se contorcendo em agonia, rangendo os dentes e literalmente mordendo a língua por causa da dor que sentia. Quando me viu, gritou para mim: "Sr. Finney, estou perdido! Sou uma alma perdida!". E fez outras confissões que me deixaram ainda mais abalado. Lembro-me de que exclamei: "Se isso é convicção, como será o inferno?"

Recuperei-me do choque o mais depressa possível, sentei-me ao lado dele e ministrei-lhe instrução. De início, teve muita dificuldade para prestar atenção, mas logo consegui que se concentrasse no que eu dizia para entender o caminho da salvação em Cristo. Apresentei-lhe com firmeza o Salvador e o fardo que sentia sobre si não demorou a ser removido. Foi convencido a confiar no Salvador e, liberto, encheu-se de júbilo pela sua esperança em Cristo.

É óbvio que, dia após dia, minhas mãos, minha cabeça e meu coração estavam totalmente ocupados. Não havia pastor para ajudar-me e a obra propagou-se em todas as direções. O presbítero da igreja a quem me referi como sendo um dos organizadores dos referidos bailes não demorou a ter o coração quebrantado diante do Senhor e passou a participar da obra. E, como conseqüência, seus familiares logo se converteram. A obra entre as famílias dos membros daquela igreja que cooperaram com o avivamento foi completa.

Já mencionei que, naquele local, ocorreu um fato que bem ilustra os ensinos da Escola Antiga, dos quais já me queixei. Bem cedo, certa manhã, um advogado, membro de uma das famílias mais respeitáveis na cidade, foi até meu aposento. Parecia muito agitado. Percebi que era homem de muita cultura, um cavalheiro. Era a primeira vez que o via. Ele entrou, apresentou-se e declarou ser um pecador perdido — chegara à conclusão de que não havia esperança para ele. Informou-me, em seguida, que, quando estava na Faculdade de Princeton, ele e mais dois colegas de classe sentiram-se muito ansiosos a respeito da própria alma e foram procurar o dr. Ashbel Green, então reitor daquela universidade e perguntaram-lhe o que fazer para serem salvos. O doutor Green declarou estar muito contente com aquela iniciativa e mandou que ficassem longe de todas as más companhias, lessem a Bíblia de modo regular e orassem para que Deus lhes desse um coração novo. E acrescentou: "Continuem assim e o Espírito de Deus os converterá. De outra forma, ele se afastará de vocês e vocês voltarão aos vossos pecados".

— E como acabou? — perguntei.

— Fizemos exatamente o que ele nos mandou — respondeu o advogado. — Mantivemo-nos longe das más companhias e oramos para que Deus fizesse nascer em nós um novo coração. Mas, pouco tempo depois, as nossas convicções foram-se desgastando e cessamos de nos dedicar à oração. Perdemos todo o interesse. — E, em lágrimas, prosseguiu: — Meus dois companheiros foram levados ao túmulo pela bebedeira e, se eu não conseguir arrepender-me, terei o mesmo fim.

Essa declaração fez-me perceber que ele fazia uso de bebidas fortes. Mas, naquele horário estava sóbrio e terrivelmente ansioso a respeito da própria alma. Procurei demonstrar o erro a que foi induzido pelos ensinos da Escola Antiga. Ele resistira e entristecera o Espírito Santo ao transferir para Deus o que era responsabilidade humana. Procurei mostrar-lhe que a própria natureza da situação impedia que Deus fizesse o que exigia do pecador. Deus exigia arrependimento e não podia arrepender-se no lugar do pecador. Deus exigia que o pecador cresse e não podia crer no lugar dele. Deus exigia submissão e não podia submeter-se no lugar dele.

Em seguida, procurei fazê-lo compreender a atuação do Espírito de Deus ao dar ao pecador o arrependimento e um novo coração. Expliquei-lhe que se tratava de persuasão moral divina: o Espírito leva o pecador a enxergar os próprios pecados, insiste em que este abra mão deles, leva-o a tomar consciência da própria culpa e do perigo que está correndo e o conclama a fugir da ira vindoura. O Espírito apresenta ao pecador o Salvador, a expiação e o plano de salvação e convida-o a aceitá-lo. Perguntei-lhe se não percebia a urgência premente a respeito daquelas verdades reveladas, se não sentia um chamado urgente para submeter-se, crer e obter ali mesmo um novo coração.

— Oh, sim! — ele respondeu. — Vejo e sinto tudo isso. Mas não fui abandonado por Deus? Não perdi a oportunidade de receber a graça?

— Não! — respondi. — Está claro que o Espírito de Deus ainda está chamando você, ainda está tentando convencê-lo e a levá-lo ao arrependimento. Você mesmo reconhece que percebe essa urgência.

— É isso, então, que o Espírito de Deus está fazendo para me mostrar tudo isso? — ele perguntou.

Dei-lhe a certeza de que era assim mesmo. Ele devia entender que se tratava de um chamado divino e que aquela era a evidência definitiva de que ele não fora abandonado, que não desperdiçara a oportunidade da graça por causa de seus pecados. Deus continuava querendo salvá-lo. Em seguida, convidei-o a aceitar o chamado, a aproximar-se de Jesus, a tomar posse da vida eterna ali mesmo. Tratava-se de um homem inteligente e o Espírito de Deus estava sobre ele, ensinando-o e fazendo-o compreender o que eu lhe dizia. Quando percebi que o caminho estava totalmente preparado, convidei-o a ajoelhar-se e a humilhar-se diante

de Deus. E ele assim fez. E, pelo que humanamente era possível perceber, experimentou uma conversão completa no mesmo instante.

— Oh! Se o dr. Green nos tivesse falado isso que você acaba de me dizer, se tão-somente tivéssemos recebido a instrução correta, todos nós teríamos nos convertido imediatamente! — disse ele depois. — Mas meus amigos e companheiros perderam-se e minha salvação é uma demonstração maravilhosa da misericórdia divina!

Ora, a instrução do dr. Green, substancialmente, é a mesma repassada há muitas décadas por milhares de ministros aos pecadores que buscam a salvação. Continua sendo, em essência, a instrução oferecida por muitos ministros da Igreja do Senhor em todas as denominações. Considero-a totalmente equivocada e receio que seja a causa da ruína de milhares de almas.

Lembro-me de um caso muito interessante, ocorrido com um comerciante de Reading, homem muito respeitável. Uma ramificação de seus negócios era a produção de uísque. Ele acabara de montar uma destilaria muito grande, na qual investira muito dinheiro. Fora construída com a melhor tecnologia da época, em grande escala e aquele homem estava-se aprofundando nesse negócio. Mas tão logo se converteu, abandonou totalmente a idéia de continuar no ramo. Chegou a essa conclusão espontaneamente, declarando: "Não tenho mais parte nisso. E vou desfazer a destilaria: não vou trabalhar nela nem vendê-la para que outros a façam funcionar". Sua mulher era virtuosa — uma das irmãs do sr. Buck, cuja conversão deu-se naquela noite de tempestade. O nome do comerciante era O'Brien.

O avivamento firmou-se poderosamente na família dele. Vários de seus familiares converteram-se. Não me recordo agora quantas pessoas foram levadas à conversão, mas acho que todos de sua família se converteram. Seu irmão e a esposa também se converteram e não tenho como calcular o número exato de parentes convertidos, mas foram muitos. O próprio sr. O'Brien, no entanto, tinha a saúde frágil e a tuberculose levou-o rapidamente deste mundo. Eu fazia-lhe visitas freqüentes e sempre o encontrava cheio de alegria.

Havíamos examinado os candidatos à comunhão da igreja e grande número deles seria admitido em determinado domingo, entre eles, os membros da família do sr. O'Brien. O domingo amanheceu e a família logo percebeu que o sr. O'Brien não sobreviveria àquele dia. Ele chamou a mulher para o lado da cama e disse-lhe: "Minha querida, vou celebrar o domingo no céu. Que toda a nossa família vá, com todos os amigos e se una à igreja aqui embaixo, enquanto vou me unir com a igreja lá em cima". Antes da hora do culto, ele já falecera. Alguns amigos colocaram-no na urna mortuária. A família e os parentes reuniram-se ao redor de seu corpo inerte e depois foram à igreja participar do culto. E, conforme o desejo do sr. O'Brien, uniram-se à Igreja militante enquanto ele se reunia à Igreja triunfante. Foi uma cena muito tocante, um fato comovente digno de ser mencionado à mesa da comunhão.

O pastor deles havia morrido pouco tempo antes e acho que foi naquela manhã que eu dissera ao sr. O'Brien:

— Dê um abraço no irmão Greer, quando você chegar ao céu. Ele sorriu com santa alegria e perguntou:

— Você acha que eu o reconhecerei?

— Sim, com certeza você o reconhecerá — respondi. — Transmita a ele meu amor cristão e diga-lhe que a obra está avançando gloriosamente.

— Eu vou dizer! Eu vou dizer! — prometeu.

Não lembro quantos de seus familiares se filiaram à igreja naquele dia, mas, eram em número considerável. Sua mulher estava sentada à mesa da comunhão e manifestava em seu semblante uma mistura de alegria e tristeza que só poderia ser esperada numa ocasião como aquela. Havia certo sentimento de triunfo santo manifestado nos parentes e amigos do sr. O'Brien, quando lhes foi ressaltado o fato de que o marido, o pai, o irmão e o amigo estavam sentados à mesa do Senhor nas alturas, enquanto que eles estavam sentados à mesa do Senhor na terra.

Houve muitos episódios comoventes e interessantes naquele avivamento, sob muitos aspectos. Ele ocorreu entre uma população que não tinha o mínimo conceito de avivamento religioso. Os alemães acreditavam que haviam sido cristianizados pelo batismo, mais exatamente ao receber a comunhão. Quase todos, quando eu lhes perguntava quando se haviam tornado cristãos, respondiam que tinham recebido a comunhão das mãos do dr. Muhlenberg ou de algum outro teólogo alemão. E quando lhes perguntava se pensavam ser isso a religião, respondiam que sim. Era o que acreditavam e assim pensava o próprio dr. Muhlenberg.

Por ocasião do enterro do dr. Greer, caminhei ao lado do dr. Muhlenberg e ele contou-me que havia cristianizado 1.600 pessoas por meio do batismo e da comunhão desde quando assumira o pastorado da igreja em Reading. Ele mesmo não parecia defender outro conceito, a não ser o de que para ser cristão bastava aprender o catecismo, ser batizado e tomar a comunhão. O avivamento ia de encontro àquele conceito. Em Reading, de início, quase todos pensavam assim. Sustentava-se, conforme fui informado — e não tenho a mínima dúvida de que era verdade — que, para eles, ser convertido, estabelecer o culto doméstico e dedicar-se à oração não somente era fanatismo como também significava afirmar que todos os seus antepassados estavam no inferno, pois jamais haviam praticado semelhantes coisas. Fui informado, também, pelos próprios membros da igreja alemã, de que seus ministros pregavam contra tudo isso e advertiam com severidade os que abandonavam o caminho de seus pais para buscar a conversão.

Penso que a grande maioria da congregação do dr. Greer converteu-se naquele avivamento. De início, enfrentei considerável dificuldade com a imprensa local. Acho que dois ou mais jornais diários eram publicados ali, na época. Fiquei sabendo que os editores eram dados à bebida: nas festas, ficavam tão bêbados que tinham de ser carregados para casa. O povo era bastante influenciado pelos jornais — refiro-me à população alemã, em especial. Os editores começaram a orientar o povo em questões religiosas e a publicar matérias contra o avivamento e contra meus sermões. Assim, a população ficou confusa. A situação agravou-se, dia após dia, semana após semana, até que achei ser minha obrigação pronunciar-me sobre o assunto.

Subi ao púlpito quando a igreja estava cheia até sua máxima capacidade e li o texto: "Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo e querem realizar o desejo dele" (Jo 8.44). Passei, então, a explicar de que maneira os pecadores cumpriam o desejo do Diabo. Citei muitas formas em que a obra imunda de Satanás era realizada pelos homens — coisas que ele não podia realizar por conta própria. Depois de deixar essa questão bem clara, apliquei-a ao comportamento daqueles editores de jornais. Perguntei se não achavam que tais editores estavam cumprindo o desejo do Diabo — se não acreditavam que o próprio Diabo os estava manipulando para que fizessem exatamente aquilo. Depois, perguntei à congregação se era lícito que editores de caráter tão desprezível orientassem a vida religiosa do povo.

Revelei o que eu soubera a respeito do caráter daqueles homens, que eram freqüentemente levados para casa, bêbados, dos locais de depravação pública. Critiquei-os severamente por tentarem instruir o público no tocante aos seus deveres diante de Deus e do próximo. Falei que, se tivesse uma família ali, não permitiria que aqueles jornais entrassem em minha casa, que teria medo de recebê-los sob meu teto, pois os considerava por demais imundos para tocar neles com meus dedos. Eu os pegaria com uma tenaz e os jogaria na rua. Fiquei sabendo, na manhã seguinte, que muitos exemplares daqueles jornais apareceram jogados na rua. Nunca mais ouvi falar de qualquer oposição por parte dos tais editores. A partir de então, a imprensa diária manteve total silêncio sobre o avivamento e a obra prosseguiu.

Continuei em Reading até o final da primavera. Não sei quantas conversões aconteceram ali, pois, como já disse, nunca tive o hábito de contar nem publicar o número de convertidos. Houve muitas conversões notáveis. E, pelo que sei, a congregação manteve-se unida, grandemente encorajada e fortalecida, com grande acréscimo no número de membros. Depois de minha partida, não voltei a Reading.

De Reading, fui para Lancaster, Pensilvânia, onde residia então o presidente Buchanan. (Ele morou ali até sua morte.) A igreja em Lancaster não tinha pastor e vi que a fé não se desenvolvia ali. Nunca haviam experimentado um avivamento espiritual e, obviamente, não tinham idéia formada sobre o que isso significava nem estavam cientes dos meios apropriados para sua realização. No entanto, a obra de Deus foi imediatamente reavivada, e o Espírito Santo foi derramado quase imediatamente sobre o povo.

Hospedei-me na casa de um senhor idoso, chamado Kirkpatrick, um dos presbíteros locais — na realidade, o líder da igreja. Era muito rico e sua influência estava acima da de qualquer membro da igreja. Enquanto eu estava hospedado com sua família, a verdadeira situação espiritual daquela igreja foi-me revelada. Um pastor que anteriormente ministrara ali convidara o sr. Kirkpatrick a afiliar-se e assumir o cargo de presbítero. Devo esclarecer que os fatos que passo a narrar me foram relatados pelo próprio presbítero.

Certo domingo à noite, depois de ouvir dois sermões muito incisivos, aquele senhor não conseguiu dormir. Estava com a alma tão aflita que não pôde suportar até a manhã seguinte. Mandou chamar-me na calada da noite, declarou suas convicções e disse estar ciente de que nunca fora convertido. Contou-me que, quando foi convidado a afiliar-se à igreja e tornar-se presbítero, sabia que não era convertido. Sendo alvo de muita insistência, foi consultar o rev. Cathcart, idoso ministro presbiteriano de uma igreja não muito distante de

Lancaster e explicou-lhe que, apesar de não ser convertido, estava sendo convidado a afiliar-se à igreja e de tornar-se presbítero. O dr. Cathcart, levando em conta todas as circunstâncias, aconselhou-o a afiliar-se e aceitar o cargo — o que ele realmente fez.

Na ocasião em que conversou comigo sobre o assunto, suas convicções eram muito profundas. Dei-lhe a orientação que considerava necessária e insisti em que aceitasse imediatamente o Salvador. Enfim, tratei-o como a qualquer pecador que se interessasse pela fé. Aquele foi um momento da maior solenidade. Ele prometeu aceitar a Cristo como Salvador. Da história de sua vida, nada sei daí em diante. Certamente era homem de bom caráter e, pelo que sei, nunca fez nada que desonrasse o cargo que ocupava. Os que têm conhecimento da condição da igreja pastoreada pelo dr. Cathcart, na época e no tocante à situação dos presbíteros, não estranharão o conselho que ele deu ao sr. Kirkpatrick. Coisas extraordinárias ocorreram durante minha breve estada em Lancaster, como a história que passo a narrar.

Certa noite, eu preguei sobre um assunto que me levou a insistir, de modo tão enfático quanto me foi possível, a respeito da aceitação imediata de Cristo. A igreja estava cheia, a ponto de não caber mais ninguém. No encerramento do sermão, fiz um veemente apelo para que os ouvintes tomassem uma decisão ali mesmo. Penso que solicitei aos que já haviam aceitado o Salvador que se colocassem de pé, a fim de que soubéssemos quem eles eram e fizéssemos deles assunto de nossas orações. Conforme fiquei sabendo no dia seguinte, dois homens, que tinham bom relacionamento um com o outro, estavam sentados juntos perto de uma das portas da igreja. Um deles ficou muito tocado com o apelo e não pôde conter a emoção, fato que seu vizinho presenciou. No entanto, o homem não se colocou de pé nem entregou o coração a Deus.

Eu insistia com eles, aplicando no apelo todas as minhas energias, a fim de despertar-lhes o pensamento de que talvez fosse a última oportunidade que alguns deles teriam na vida para decidir a questão. Numa congregação tão grande, não seria improvável que alguns, naquela mesma noite, decidissem seu destino eterno de uma ou de outra maneira. Não era improvável que, diante de Deus, a decisão feita naquela hora valesse por toda a eternidade. Depois de encerrado o culto, conforme fiquei sabendo no dia seguinte, aqueles dois homens saíram juntos e um disse ao outro:

— Vi que você ficou profundamente emocionado com o apelo do sr. Finney.

— Fiquei mesmo — respondeu o outro. — Nunca antes em minha vida me senti assim, principalmente quando ele nos fez lembrar que talvez fosse a última oportunidade que teríamos para aceitar a oferta da misericórdia divina.

Continuaram a conversar e, mais adiante, separaram-se, indo cada um para sua casa. A noite era escura e aquele que experimentara emoções tão profundas, impressionado com a idéia de que talvez estivesse rejeitando sua última oferta, tropeçou num paralelepípedo e quebrou o pescoço. Assim, ficou claro que, para ele, realmente aquela havia sido a última oportunidade. Isso foi-me contado um dia depois.

Estabeleci reuniões de oração em Lancaster e insisti em que os presbíteros da igreja participassem delas. Assim fizeram, atendendo ao meu pedido sincero, embora, como descobri depois, nunca tivessem participado de reuniões como aquelas. O interesse parecia aumentar dia após dia e as conversões multiplicaram-se. Não lembro o motivo de não ter passado mais tempo ali. Saí de Lancaster tão prematuramente que não há condição de formular um relato pormenorizado da obra naquela cidade.

CAPÍTULO XX

OS AVIVAMENTOS EM COLUMBIA, E NA CIDADE DE NOVA IORQUE

Em meados do verão, voltei de Lancaster para o condado de Oneida, estado de Nova York e passei um breve tempo em casa de meu sogro. Penso que foi durante aquele período, quando estava hospedado em Whitestown, que um fato despertou grandemente meu interesse. Um mensageiro veio de Colúmbia, que ficava no condado de Herkimer, com o pedido de que eu fosse trabalhar naquela cidade, pois a obra da graça já começara a desenvolver-se ali. As informações que me deu a respeito do trabalho realizado em Colúmbia foram tais que me senti forçado a atender ao seu pedido. No entanto, não pensava em demorar-me naquela cidade, já que recebera outros chamados mais urgentes para assumir obras de avivamento. Mas fui para Colúmbia, a fim de acompanhar o trabalho e prestar toda ajuda possível, ainda que por breve tempo.

Lá havia uma grande igreja alemã, cujos membros haviam sido recebidos, segundo o costume da igreja, mediante o exame de seus conhecimentos doutrinários, em vez de ser ouvida a narrativa de sua experiência cristã. Conseqüentemente, conforme fui informado, a igreja era composta de pessoas não convertidas em sua grande maioria. Era uma igreja grande e o pastor era um jovem chamado Hongin [Jacob W. Hangen], descendente de alemães proveniente da Pensilvânia.

Falando a respeito de si mesmo e da situação de Colúmbia, o pastor Hongin informou-me que estudara teologia com um doutor em divindade, um alemão, no lugar onde morava e que este de modo algum encorajava a religião experiencial. Um de seus colegas tinha inclinações religiosas e orava a sós no quarto. O velho professor, que não via isso com bons olhos, de alguma forma veio a saber do caso e advertiu-o contra semelhante prática, que considerava perigosa. Alegou que o aluno enlouqueceria se seguisse semelhante caminho e que seu professor seria o grande culpado se permitisse tal coisa.

O sr. Hongin confessou que não tinha religião alguma. Afiliara-se à igreja de acordo com o processo normal da época. Não tinha a mínima idéia de que, para tornar-se pastor, fosse necessário algo mais com referência à vocação e experiência religiosa. Sua mãe, no entanto, era uma mulher piedosa. Entendia melhor a questão e ficou muito aflita ao ver que um de seus filhos exerceria o sagrado ministério sem ser convertido. Depois de ele ter sido chamado para a igreja em Colúmbia, quando estava para sair de casa, a mãe teve com ele uma conversa bem séria, fazendo com que se impressionasse com a responsabilidade que assumiria e dizendo coisas comoventes, as quais penetraram profundamente em sua consciência. Ele revelou não ter conseguido libertar-se do que a mãe lhe dissera, que suas palavras passaram a pesar muito em sua mente e que suas convicções foram-se aprofundando até quase levá-lo ao desespero.

Ele ficou nessa situação por muitos meses. Não havia ninguém com quem pudesse conversar sobre o assunto, não conseguia abrir o coração. Depois de séria e prolongada luta, ele converteu-se, encontrou a luz. Percebeu o estado de sua alma e reconheceu a condição em que sua igreja e todas as outras se encontravam, devido à maneira em que nelas eram admitidos os membros. Sua mulher não era convertida e ele começou imediatamente a trabalhar para levá-la à conversão, o que, pela graça de Deus, não demorou muito a acontecer. A alma do sr. Hongin foi totalmente absorvida pela questão. Ele passou a dedicar-se à leitura da Bíblia e à oração e pregava com entusiasmo. Era, no entanto, um recém-convertido. Por isso, não recebera ainda a instrução de que necessitava e sentia-se um tanto desorientado quanto ao que fazer. Percorria todo o município a cavalo e, conversando com os presbíteros e os líderes da igreja, teve a satisfação de constatar que alguns de seus presbíteros mais destacados e várias mulheres entre os membros da igreja haviam passado pela experiência da conversão.

Depois de muito orar e pensar no assunto, tomou uma decisão. No domingo, avisou que num dos dias daquela semana seria realizada uma assembléia para a resolução de certas questões e, para essa reunião especial, desejava a presença de todos os membros. Sua conversão, suas pregações, as visitas e as conversas pessoais com o povo de todo o município já haviam obtido algum resultado, de modo que a religião havia-se tornado o tema comum das conversas. Assim, sua convocação foi atendida e no dia determinado a congregação compareceu em peso. O pastor expôs a verdadeira situação da igreja e apontou o erro que ela cometia quanto às condições exigidas para o ingresso de novos membros. Discursava ora em alemão, ora em inglês, a fim de que, dentro do possível, todos pudessem compreendê-lo. Depois de falar até levar o povo à emoção, propôs a desativação da igreja que então existia, a fim de que uma nova fosse organizada e insistiu em que essa medida era essencial para o progresso e bem-estar espiritual de seus membros.

Ele entrara em entendimento com os membros da igreja que considerava realmente convertidos para que, com sua proposta e apoio, dirigissem a votação a favor da desativação da igreja. Acho que um deles fez a proposta e os outros a apoiaram. Seja como for, a proposta foi apresentada e, diante disso, os membros convertidos colocaram-se em pé, conforme lhes fora pedido. Estes eram muito influentes na igreja e os demais, vendo que estavam de pé, foram-se levantando e, finalmente, a proposta foi aprovada por unanimidade. Então, o pastor declarou: "Agora, não há igreja em Colúmbia. E a nossa proposta é formar uma igreja de crentes, de pessoas realmente convertidas a Cristo". Em seguida, diante da congregação, relatou a própria experiência. Convidou sua mulher a falar e ela também deu seu testemunho. Os presbíteros e membros convertidos tiveram sua vez, um após outro, de relatar diante do povo sua experiência de conversão, até que todos tivessem falado.

Com esse grupo, formou-se uma nova igreja. O pastor então dirigiu-se aos que não eram considerados convertidos e disse-lhes: "Seus vínculos com esta igreja estão desfeitos. Vocês estão fora, no mundo. E, até que se tenham convertido e afiliado à igreja, não poderão batizar seus filhos nem participar das ordenanças".

Um grande pânico tomou conta daquelas pessoas. Segundo acreditavam, não participar do sacramento e não batizar os filhos era uma perspectiva assustadora, pois fora dessa maneira que eles se haviam tornado cristãos.

O sr. Hongin passou, então, a trabalhar com todas as suas forças. Visitava, pregava, orava e realizava encontros de avivamento. O interesse do povo aumentava e a obra continuou assim durante algum tempo. Então, ele ficou sabendo que eu estava no condado de Oneida e enviou o mensageiro para buscar-me. Ele parecia um novo convertido de coração fervoroso e escutava minhas pregações com alegria quase irreprimível. Vi que a congregação era bem grande e estava sempre muito atenta. Dentro de minhas possibilidades de avaliação, posso dizer que a obra era muito próspera e saudável. Aquele avivamento continuou a desenvolver-se até alcançar e levar à conversão quase todos os habitantes do município. Galesburg, em Illinois, foi povoada por uma colônia proveniente de Colúmbia e acredito que todos os colonos, ou quase todos, converteram-se durante aquele avivamento.

Foi assim que o sr. Hongin narrou esses fatos. Percebi que suas opiniões eram firmadas no evangelho, que seu coração era cheio de calor e que o interesse da congregação pela vida espiritual era o que se podia desejar. Todos prestavam a máxima atenção às minhas palavras, com tamanho interesse, atenção e paciência que nos levava ao mais alto grau de emoção. O próprio sr. Hongin era como uma criança pequena, o convertido mais dócil, humilde e sincero que conheci. Aquela obra continuou mais de um ano, conforme fui informado e propagava-se cada vez mais entre aquela grande e interessante população de agricultores.

Depois de minha volta a Whitestown, fui convidado a visitar a cidade de Nova York. Tomei conhecimento de que grandes esforços haviam sido feitos para impedir minha ida àquela cidade. Conforme fiquei sabendo, os ministros presbiterianos tinham firmado um acordo mútuo de não convidar-me para pregar em suas igrejas. Isso devia-se, em parte, à influência do sr. Nettleton. Nunca procurei apurar essa história que, possivelmente, não era verdadeira. Nada soube a respeito, a não ser muito tempo depois. Seja como for, Anson G. Phelps, que se tornou conhecido por deixar, em seu testamento, grandes contribuições para as principais instituições beneficentes do país, sabedor de que eu não seria convidado para pregar em nenhum dos púlpitos da cidade, alugou um templo desocupado, na rua Vandewater e enviou-me um recado urgente para que fosse pregar ali. Atendi ao seu pedido e ali tivemos um avivamento poderoso.

Descobri que o sr. Phelps dedicava-se muito à obra e não hesitava em custear qualquer despesa necessária para promovê-la. A propriedade por ele alugada não poderia ser usada por mais de três meses. Por isso, ele comprou, antes de se esgotarem os três meses, um templo na rua Prince, perto de Broadway. Esse templo, construído pelos universalistas, foi vendido ao sr. Phelps, que pessoalmente fez a compra e pagou por ele. Passamos, portanto, da rua Vandewater para a rua Prince e ali organizamos uma igreja, formada principalmente de crentes convertidos durante as reuniões evangelísticas na rua Vandewater. Continuei atuando intensamente na rua Prince durante alguns meses — acho que até o fim do verão. Houve muitas conversões interessantes, uma vez que as pessoas que freqüentavam nossas reuniões eram provenientes de todas as partes da cidade.

Durante o tempo em que trabalhei ali, impressionou-me a piedade do sr. Phelps. Enquanto continuamos na rua Vandewater, eu, minha mulher e nosso único filho fomos hóspedes em sua casa. Observei que, embora estivesse grandemente sobrecarregado com seus negócios, o sr. Phelps conseguia manter um elevado nível espiritual. Vinha para as reuniões diretamente do trabalho e participava delas de modo tão devoto, que demonstrava saber perfeitamente separar os negócios seculares da vida religiosa. À medida que o observava, dia após dia, passei a interessar-me cada vez mais por sua vida interior, conforme esta se manifestava em sua vida exterior.

Certa noite, por volta de meia-noite ou uma da madrugada, precisei descer a escada do andar superior para pegar alguma coisa para nosso filho pequeno. Supunha que toda a família estivesse na cama, porém surpreendi-me ao ver o sr. Phelps sentado diante da lareira, com roupas de dormir. Notei que eu interrompera suas devoções particulares. Pedi desculpas e falei que supunha que ele estivesse dormindo. Ele respondeu: "Irmão Finney, tenho muitos negócios prementes durante o dia e pouco tempo para a devoção pessoal. Tenho o costume de tirar uma soneca à noite e levantar-me para desfrutar um período de comunhão com Deus".

Depois de sua morte, ocorrida poucos anos atrás, soube-se que, durante essas horas noturnas em que permanecia acordado, ele mantivera um diário manuscrito que, mais tarde, foi encadernado em vários volumes. Esse diário revelava as operações por que passava sua mente e o verdadeiro progresso de sua vida

interior. Esse fato interessou-me e afetou-me grandemente, fazendo com que eu me inteirasse mais daquilo que despertara tanto minha atenção e admiração enquanto fiz parte daquela família.

Naturalmente, eu nunca soube o número dos que se converteram enquanto estávamos nas ruas Prince e Vandewater, mas sei que foram muitos. E não devo deixar de narrar uma dessas conversões. Certo dia, uma jovem veio visitar-me. Sentia grande convicção de pecado. Ao conversar com ela, percebi que muitas coisas lhe pesavam na consciência. Se entendi bem, era filha única de uma viúva. Contou-me que desde a infância tivera o hábito de fazer pequenos furtos. Tirava das colegas de classe e de outras pessoas lencinhos, alfinetes de enfeite, lápis e tudo que tivesse a oportunidade de furtar. Ela especificou algumas dessas coisas em sua confissão e perguntou-me o que fazer a respeito. Disse-lhe que precisava devolvê-las e confessar seu erro àqueles de quem as havia furtado.

Sem dúvida, foi um grande desafio para ela. Suas convicções, no entanto, eram tão profundas que não ousava permanecer de posse daquelas coisas. Assim, passou a confessar seu pecado e a restituir o que havia furtado. Mas, à medida que cumpria seu intento, lembrava-se de mais e mais erros em que havia incorrido e continuava visitando-me para confessar o furto de quase todo tipo de objeto que uma jovem poderia desejar. Perguntei-lhe se a mãe sabia que ela possuía aquelas coisas. Respondeu que sim, mas que sempre dizia à mãe que eram presentes. Certa ocasião, ela disse-me: "Sr. Finney, acho que furtei um milhão de vezes. Vejo entre meus pertences coisas que sei que furtei, mas não posso lembrar-me de quem". Recusei-me totalmente a sugerir-lhe um meio-termo. Insisti em que ela restituísse tudo de que conseguisse lembrar a procedência ou que buscasse informação a respeito. Depois de cumprir minhas orientações, ela voltava para relatar o que fizera. Certa vez, perguntei-lhe o que as pessoas diziam.

— Algumas delas afirmam que sou louca, outras dizem que sou boba, outras ainda ficam muito emocionadas — ela respondeu.

— E todas perdoaram você? — eu quis saber.

— Oh, sim — disse ela. — Todas me perdoaram. Mas algumas acham que seria melhor eu não fazer o que estou fazendo.

Certo dia, ela contou-me que tinha consigo um xale que furtara de uma das filhas do então bispo de Nova York, Hobart, que morava na praça St. John, perto da Igreja de St. John. Como de costume, falei-lhe que devia devolver o xale. Poucos dias depois, ela voltou e relatou o que acontecera. Disse que dobrou o xale, embrulhou-o em papel e levou-o até a porta da residência do bispo. Tocou a campainha e, quando o empregado veio atender, entregou-lhe o pacote endereçado ao bispo. Não deu nenhuma explicação e saiu correndo até virar a esquina e entrar em outra rua, para evitar que alguém olhasse pela janela e descobrisse quem havia feito a entrega. Mas, depois de ter virado a esquina, a consciência a acusou e ela pensou: "Não agi de maneira correta. Outra pessoa pode ser acusada de ter praticado essa ação se eu não revelar ao bispo o que fiz". Com isso, deu meia-volta e pediu para falar com o bispo. Permitiram-lhe que o visse e ela foi levada ao gabinete dele. Então, confessou-lhe seu erro, bem como o que acabara de acontecer.

— E como o bispo a recebeu? — perguntei.

— Oh! — exclamou. — Quando lhe contei o que ocorrera, ele chorou, impôs a mão sobre minha cabeça e disse que me perdoava. E orou pedindo a que Deus me perdoasse também.

— E a partir de então você teve paz de espírito quanto ao problema? — inquiri.

— Oh, sim! — respondeu.

Esse processo continuou durante semanas — meses, penso eu. A jovem ia de lugar em lugar, em todas as partes da cidade, devolvendo as coisas que furtara e confessando o que fizera. Às vezes, sua convicção de pecado era tão grande que parecia que ela ia enlouquecer. Certa manhã, mandou-me um recado. Queria que eu fosse à casa de sua mãe. Fui e quando cheguei levaram-me ao quarto dela. Encontrei-a com os cabelos despenteados, caídos sobre os ombros, vestida descuidadamente, andando pelo quarto em atitude desesperada. Seu olhar alucinado indicava que ela estava quase enlouquecendo.

— Minha filha, qual o motivo dessa aflição? — perguntei. Enquanto caminhava, segurava na mão um Novo Testamento pequeno.

Voltou-se para mim e disse:

— Sr. Finney, furtei este Novo Testamento. Furtei a Palavra de Deus! Poderá ele me perdoar por isso? Não me lembro de quem o tirei. Foi de uma de minhas amigas da escola, mas faz tanto tempo que nem sequer me

lembrava de que o havia furtado. Só hoje de manhã me dei conta disso e parece que Deus nunca irá perdoar-me por ter roubado sua Palavra.

Assegurei-lhe que não havia motivo para tamanho desespero.

— Mas, o que vou fazer? Não consigo lembrar-me de onde o tirei! — disse ela.

— Guarde-o como lembrança dos pecados que você cometia e leia-o agora, visando o bem que você pode alcançar com sua mensagem.

— Oh! — exclamou. — Se tão-somente pudesse me lembrar de onde o tirei, eu o devolveria de imediato.

— Se você se lembrar de onde o furtou, faça a restituição imediatamente. Devolva-o ou dê à pessoa de quem ele foi tirado outro do mesmo valor.

— Vou fazer isso, com certeza! — garantiu ela.

Todo esse processo emocionava-me muito. O estado de ânimo que resultava desse tipo de relacionamento era realmente maravilhoso. O resultado foi uma verdadeira humildade, um profundo conhecimento da própria condição e de seus pecados, um coração quebrantado, um espírito contrito e, finalmente, fé, alegria, amor e paz como um rio. Ela tornou-se uma das jovens crentes, mais encantadoras que alguma vez conheci.

Quando se aproximou a data combinada para minha partida de Nova York, fiquei pensando que alguém na igreja devia tomar conhecimento do que acontecera com aquela jovem, para que lhe pudesse prestar assistência. Àquela altura, tudo que fora conversado entre nós eu mantinha em segredo. No entanto, na véspera de minha partida, narrei ao irmão Phelps o que acontecera e ele ficou muito emocionado com a história e disse-me: "Irmão Finney, apresente-a a mim. Vou tornar-me amigo dela. Vou vigiar seus passos, para o bem dela". E assim ele fez, como fiquei sabendo posteriormente. Há muitos anos não vejo aquela jovem — acho que, depois de ter relatado o caso ao sr. Phelps, não a vi mais. Mas quando retornei de minha última viagem à Inglaterra, ao visitar uma das filhas do sr. Phelps, agora uma senhora casada vivendo na cidade de Nova York, ela mencionou o assunto no decurso de nossa conversa, a propósito de alguma coisa. Perguntei-lhe, então:

— Seu pai apresentou você àquela jovem?

— Oh, sim! Todas nós a conhecíamos — ela respondeu, referindo-se, penso eu, às mulheres da família.

— E o que você sabe a respeito dela? — perguntei.

— Oh! — ela exclamou. — É uma cristã muito sincera. Está casada e seu marido é comerciante nesta cidade. É membro da igreja e mora naquela rua. — E indicou o lugar, que ficava perto de onde estávamos.

Eu ainda quis saber:

— Ela tem demonstrado um caráter cristão firme?

— Oh, sim! É uma mulher excelente, de oração — foi a resposta.

Fui informado também — não me lembro como — de que ela, depois de sua conversão, nunca mais se sentiu tentada a furtar, nunca mais soube o que era ter semelhante desejo.

Aquele avivamento preparou o caminho em Nova York para a organização das igrejas presbiterianas independentes, compostas principalmente dos convertidos durante o avivamento. Muitos deles tinham pertencido à igreja da rua Prince. Depois de eu deixar a congregação na rua Prince, o rev. Herman Norton foi investido como seu pastor. Mais tarde, por algum motivo, ele deixou o trabalho, o templo foi vendido, vindo a igreja a desfazer-se e os membros filiaram-se em outras igrejas.

Para esclarecer muitas coisas que terei de revelar mais tarde, nesta altura da minha narrativa devo oferecer um breve relato das circunstâncias que envolveram a conversão do irmão Lewis Tappan e sua posterior relação com o trabalho por mim empreendido. Ele mesmo contou-me o que aqui exponho. Sua conversão ocorreu antes de eu o conhecer pessoalmente, nas circunstâncias que descrevo a seguir.

Ele era unitarista e vivia em Boston. Seu irmão, Arthur, grande comerciante de grãos e farinha em Nova York, era um cristão sincero e ortodoxo. Os avivamentos na parte central do estado de Nova York haviam causado um rebuliço entre os unitaristas. Os jornais, principalmente os publicados por eles, criticavam os avivamentos. Em especial, circulavam histórias estranhas, as quais retratavam-me como um fanático meio enlouquecido. Essas histórias haviam sido relatadas a Lewis Tappan pelo rev. Henry Ware Jr., ministro unitarista de destaque em Boston e Lewis acreditou nelas. Muitos dos principais unitaristas da Nova Inglaterra e de todo o Estado de Nova York davam crédito àqueles boatos.

Enquanto as histórias circulavam entre o povo, Lewis Tappan visitou seu irmão Arthur em Nova York e a conversa desviou-se para o tema do avivamento. Lewis ressaltou diante de Arthur o estranho fanatismo que se dizia ligado aos avivamentos, principalmente o que era dito sobre mim. Asseverou que eu proclamava publicamente ser "o general-de-brigada de Jesus Cristo". Circulavam histórias semelhantes a essa e Lewis insistia em que eram verídicas. Arthur não acreditava em nenhuma delas e declarou a Lewis que eram inventadas e que ele não devia dar-lhes crédito.

Confiando nas declarações do sr. Ware, Lewis quis apostar quinhentos dólares como conseguiria comprovar a veracidade daquelas histórias, principalmente a de que eu me apresentava como o "general-de-brigada de Jesus Cristo". Arthur replicou: "Lewis, você sabe que não faço apostas, mas vou lhe dizer o que farei. Se você conseguir provar, com um testemunho confiável, que essa história é verdadeira e que é verdadeiro o que se diz do sr. Finney, eu lhe darei quinhentos dólares. Ofereço essa quantia para que você investigue. Quero que você saiba que essas histórias são falsas e que sua fonte não é digna de confiança".

Sem duvidar de que pudesse apresentar as provas, já que as histórias eram sustentadas com tanta firmeza pelos unitaristas, Lewis enviou uma carta ao rev. Pierce, ministro unitarista de Trenton Falls, Nova York, indicado pelo sr. Ware, autorizando-o a gastar até quinhentos dólares na busca de testemunho suficiente para comprovar as histórias — testemunho que, se fosse apresentado no tribunal, levasse o réu à condenação.

O sr. Pierce empreendeu a busca às evidências. Depois de muito esforço, porém, nada conseguiu oferecer a Lewis, a não ser um artigo publicado num jornal universalista, impresso em Buffalo, no qual o autor asseverava que o sr. Finney alegara ser "o general-de-brigada de Jesus Cristo". Mas, não conseguiu obter, em lugar nenhum, a mínima comprovação de que eu falara as coisas a mim atribuídas na reportagem. Todos tinham ouvido dizer e acreditaram que eu dissera aquelas coisas em algum lugar e o sr. Pierce procurava provas de cidade em cidade por meio de correspondência, mas, não conseguiu comprovar aquelas afirmações em lugar algum.

Lewis contou-me que esse fato, juntamente com outros assuntos, o levou a pensar seriamente a respeito da natureza da oposição e da fonte daquelas histórias. Embora soubesse da ênfase atribuída pelos unitaristas àquelas histórias e como eram usadas como arma de oposição ao avivamento de Nova York e de outros lugares, sua confiança neles foi abalada. Assim, abrandaram-se seus preconceitos contra os avivamentos e contra os crentes ortodoxos e sua confiança na oposição unitarista desmoronou totalmente. Sentiu-se levado a analisar com muito cuidado e seriedade as obras teológicas publicadas pelos cristãos ortodoxos, comparando-as com as dos unitaristas. Como resultado, sentiu-se obrigado a abandonar suas opiniões unitaristas e aceitar os conceitos ortodoxos. A mãe dos Tappans era uma mulher muito piedosa e de oração. Nunca tivera a mínima simpatia pelo unitarismo. Vivera uma vida de muita oração e deixara nos filhos uma impressão muito forte.

Quando a confiança de Lewis Tappan nas doutrinas unitaristas e na oposição destes aos avivamentos e aos métodos empregados para levar pessoas à conversão foi abalada, seus ouvidos abriram-se para a verdade, o que resultou em sua conversão a Cristo. Sua oposição havia sido ferrenha e ele acreditava piamente que os supostos exageros e extravagâncias ocorridos nos avivamentos eram reais e que o unitarismo era a verdade. Seu irmão, Arthur, desejava muito que Lewis passasse a confiar na fé ortodoxa. Queria também trazê-lo à influência evangélica, a fim de levá-lo à conversão. E, logo que Lewis se converteu, tornou-se tão firme e zeloso no apoio às opiniões ortodoxas e aos avivamentos religiosos quanto se mostrara na oposição a eles.

Pelo que entendi, pouco depois de sua conversão foi para Nova York e tornou-se sócio de Arthur. Foi quando o conheci e tinha bastante amizade com o irmão. Próximo à minha saída de Nova York, depois de meus primeiros trabalhos ali, o irmão Tappan e vários outros bons irmãos mostraram-se insatisfeitos com a situação espiritual da cidade. Depois de muita oração e consideração, resolveram organizar uma nova igreja e introduzir novos métodos para levar as pessoas a Cristo. Conseguiram um local para realizar cultos e chamaram o rev. Joel Parker, então pastor da Terceira Igreja Presbiteriana em Rochester, para ajudá-los.

O irmão Parker chegou a Nova York e começou a trabalhar, penso que exatamente quando encerrei minha atuação na rua Prince. A igreja em Rochester ficou sem pastor. Em Nova York, então, organizaram a Primeira Igreja Presbiteriana Independente e o rev. Joel Parker ficou sendo seu pastor. Atuavam especialmente entre as pessoas que não tinham o hábito de freqüentar cultos e foram muito bem-sucedidos. Acabaram mobiliando o andar superior de alguns armazéns na rua Dey, de modo a acomodar uma grande congregação e ali continuaram os trabalhos.

José Mateus
zemateus@msn.com
WWW.REAVIVAMENTOS.COM

CAPÍTULO XXI

O AVIVAMENTO EM ROCHESTER, NOVA YORK 1830

Saí de Nova York e passei umas poucas semanas em Whitestown. Havia recebido convites para voltar a Filadélfia e também a Nova York. Era comum as pessoas instarem comigo para que eu fosse a muitos lugares e eu ficava bastante constrangido, procurando descobrir o que fazer. Entre outros convites, recebi um insistente pedido da Terceira Igreja Presbiteriana em Rochester, da qual o irmão Parker havia sido pastor: queriam que eu preenchesse, por algum tempo, a vaga deixada por ele. Procurei obter informações sobre a situação daquela igreja e descobri que, por várias razões, seria um campo de trabalho pouco promissor.

Havia somente três igrejas presbiterianas em Rochester. A Terceira Igreja, que me fizera o convite, estava sem pastor e seu estado espiritual era de desânimo. A Segunda Igreja Presbiteriana, ou a "Igreja de Tijolos", como era chamada, tinha um pastor — homem excelente, mas havia considerável divisão de opiniões na igreja quanto às suas pregações. Isso o desgostava e ele estava para deixar o pastorado. Existia uma controvérsia entre um presbítero da Terceira Igreja e o pastor da Primeira Igreja, que estava para ser julgada diante do presbitério. Essa questão e outras tantas haviam criado um estado de ânimo pouco cristão nas duas igrejas, em grau considerável e, por isso, aquele campo de trabalho pareceu-me proibitivo.

Meus amigos que moravam em Rochester estavam muito desejosos de levar-me para lá — refiro-me aos membros da Terceira Igreja. Por estar sem pastor, sentiam que corriam o risco de dispersar-se, até mesmo de serem extintos como igreja, se algo não acontecesse para reavivar a espiritualidade entre eles. Tendo diante de mim tantos convites urgentes provenientes de tantos lugares, sentia-me, como acontecia freqüentemente, profundamente desconcertado.

Permaneci na casa de meu sogro e considerei o assunto até sentir que precisava decidir-me por algum lugar. Assim, fizemos nossas malas e fomos a Utica, que distava cerca de 12 quilômetros da casa de meu sogro. Ali, eu tinha muitos amigos que se dedicavam à oração. Chegamos à tarde e, ao anoitecer, um número considerável de irmãos da liderança em cujas orações e sabedoria eu sentia bastante confiança, reuniu-se, a meu pedido, para sondagem e oração sobre o meu próximo campo de trabalho. Coloquei diante deles todos os fatos referentes a Rochester e, com base nas informações que eu tinha, expus a situação dos campos mais importantes, para os quais estava sendo convidado. Rochester parecia ser o menos convidativo de todos.

Depois de examinar a questão inteira e após vários períodos de oração alternados com troca de idéias, cada um emitiu sua opinião a respeito do rumo que deveria tomar. Foram unânimes na opinião de que Rochester era um campo pouco convidativo comparado com Nova York ou Filadélfia ou com outros campos pelos quais eu estava sendo convidado. Eram firmes na convicção de que, de Utica, eu deveria ir para o Leste e não para o Oeste. Na ocasião, esse também era o meu parecer. Quando saí da reunião, entendi que estava decidido que eu não iria para Rochester e sim para Nova York ou Filadélfia.

Isso aconteceu antes de existirem as estradas de ferro. E, quando nos despedimos naquela noite, eu planejava fazer a viagem de barco pelo canal — meio de transporte mais conveniente para uma família — e partir de manhã para Nova York. Depois de me recolher ao meu aposento, porém, a questão veio a minha mente de outra maneira. Algo parecia questionar-me: "Que razões te impedem de ir a Rochester?" Não tive dificuldade nenhuma em enumerá-las, mas então veio a pergunta: "Mas essas são *boas* razões? Sem dúvida, sua presença é *necessária* em Rochester, *mais ainda* por causa dessas dificuldades. Estaria você evitando esse campo por existirem ali muitas coisas a serem corrigidas, por haver ali tanta coisa *errada?* Ora, se tudo estivesse correndo bem, seu trabalho não seria necessário naquela cidade".

Não demorei a chegar à conclusão de que todos nós estávamos errados e que as razões apresentadas *contra* minha ida a Rochester eram na realidade as que mais a *favoreciam.* Cheguei à conclusão de que eu faria mais falta em Rochester que em qualquer outro dos campos que se abriam diante de mim. Senti vergonha de me ter esquivado de trabalhar naquela cidade por causa das dificuldades. O Senhor infundiu em minha mente a certeza de que estaria comigo e que aquele deveria ser meu campo de trabalho.

Antes de me acomodar para dormir, estava totalmente convencido de que Rochester era o lugar para onde o Senhor queria que eu fosse. Informei minha mulher a respeito da decisão que eu tomara e, assim, de manhã cedo, quando ainda pouca gente circulava nas ruas, embarcamos no navio do canal e fomos para o Oeste, ao invés de ir para o Leste. Chegamos então a Rochester. Fiquei sabendo depois que os irmãos de Utica ficaram grandemente surpreendidos ao tomar conhecimento dessa mudança de rumo e aguardavam com muita solicitude o resultado de minha decisão.

Chegamos a Rochester de manhã cedo e fomos convidados a alojar-nos, a princípio, na casa do irmão Josiah Bissell, presbítero principal da Terceira Igreja, que levara ao presbitério uma queixa contra seu pastor, o dr. Penny. Ao chegar ali, encontrei-me na rua com meu primo, Frederick Starr, que me ofereceu hospedagem em sua casa. Era um dos presbíteros na Primeira Igreja e, ao ficar sabendo que me esperavam na cidade, ficou muito desejoso de que seu pastor, o dr. Penny, se encontrasse comigo a fim de combinarmos como ele poderia cooperar nas atividades que eu desenvolveria na cidade.

Recusei o bondoso convite para nos hospedarmos em sua casa, informando-lhe que seria hóspede do sr. Bissell. Logo depois do café da manhã, Frederick veio avisar-me que combinara uma entrevista entre mim e o dr. Penny na casa deste e que o pastor estava me esperando. Apressei-me em encontrar-me com o doutor e tivemos um encontro animador. Quando comecei a trabalhar, o dr. Penny compareceu às nossas reuniões e logo convidou-me para pregar em sua igreja. O sr. Starr esforçou-se para levar a efeito um bom entendimento entre os pastores e as igrejas e logo se manifestou uma boa mudança na atitude e no estado espiritual do povo.

Em pouco tempo, houve algumas conversões notáveis. A mulher de um advogado de destaque na cidade foi uma das primeiras conversões a causar admiração. Era uma dama de alta posição, bem conhecida, culta e de ampla influência. Na primeira vez que a vi, uma de suas amigas acompanhou-a até onde eu estava e a apresentou a mim. A senhora que a apresentou era cristã e descobrira que a outra estava com a consciência muito atormentada e a persuadira a vir falar comigo.

A sra. Matthews era uma mulher mundana, muito festeira, freqüentadora e apreciadora dos eventos sociais. Contou-me, posteriormente, que se lamentara grandemente quando soube que eu havia chegado à cidade, pois um avivamento ali iria prejudicar os prazeres e as diversões prometidas para aquele inverno. Ao conversar com ela, descobri que o Espírito do Senhor estava lidando com ela sem poupá-la. Sentia o peso de uma forte convicção de pecado. Depois de falar bastante com ela, insisti em que se entregasse a Cristo ali mesmo, renunciando ao pecado, ao mundo, a si mesma e a tudo o mais, a favor de Cristo. Percebi que ela era uma mulher muito orgulhosa e tive a impressão de ser essa a característica mais marcante do seu caráter.

Ao encerrar a conversa, ajoelhamo-nos para orar. Pensando no orgulho que ela denotava ter no coração, recitei o texto bíblico: "... a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus", (Mt 18.3). Parecia que o espírito de oração me levava irresistivelmente a essa passagem. Revirei o assunto durante a oração e quase de imediato ouvi a sra. Matthews, ajoelhada ao meu lado, repetindo aquele texto: "... a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças... como *crianças...* a não ser que vocês se convertam e *se tornem como crianças..!".*

Notei que a mente dela estava tomada pela mensagem do texto e que o Espírito de Deus o aplicava ao seu coração. Por isso, continuei a orar e a manter esse assunto diante da sra. Matthews, apresentando a Deus a necessidade que aquela senhora tinha de tornar-se como criança, deixando de lado a soberba. E eu sentia que Deus estava atendendo à minha oração. Tinha *certeza* disso — em minha mente não existia nenhuma dúvida de que o Senhor estava realizando a obra que eu lhe pedira. E o coração da sra. Matthews quebrantou-se. Suas emoções eram lançadas com ímpeto para fora e, antes que nos levantássemos, ela havia-se tornado realmente como uma criança.

Quando acabei de orar, abri os olhos e olhei para ela. Seu rosto estava virado para o céu e as lágrimas desciam pela face. Permanecia em atitude de oração. Quando se levantou, demonstrou estar em perfeita paz, firme numa fé jubilosa. Então ela retirou-se. Dali em diante, era sincera em suas convicções religiosas e

zelosa pela conversão das amigas. É lógico que a sua conversão produziu grande alvoroço nos círculos aos quais ela pertencia.

A não ser em raras ocasiões, antes de ir para Rochester eu nunca usara o chamado "banco dos aflitos". Às vezes, pedia às pessoas interessadas em mudança espiritual que se colocassem de pé, mas colocá-las num banco especial, à frente da congregação, raramente eu fazia. No entanto, ao pensar no assunto sentia a necessidade de alguma medida que levasse os pecadores a tomar uma posição. Com base em minha experiência e observação, sabia que, principalmente entre a classe alta da sociedade, o maior obstáculo a ser vencido era o receio de serem reconhecidos como pessoas espiritualmente necessitadas. O orgulho impedia-as de adotar qualquer atitude que revelasse a ansiedade de sua alma.

Descobrira ainda que era necessário algo além do que eu já fazia para conscientizar aquelas pessoas da necessidade de entregarem, ali mesmo, o coração a Jesus; algo que as levasse a confessar seus pecados da mesma forma em que os haviam praticado: diante de todos; algo que mostrasse abertamente que estavam comprometidas com Cristo; algo que as levasse a declarar publicamente que estavam abandonando sua vida pecaminosa e dedicando-se a Jesus Cristo. Quando as conclamava simplesmente a ficar de pé no meio da congregação, isso surtia bom efeito e, dentro de suas limitações, serviria o propósito. Mesmo assim, durante algum tempo, senti que algo mais era necessário para tirá-las do meio dos ímpios e fazê-las renunciar a seus caminhos pecaminosos para se dedicarem inteiramente a Deus.

Se estou bem lembrado, foi em Rochester, muitos anos depois de ter sido levantado o grito contra os "Novos Métodos", que adotei essa prática pela primeira vez. Poucos dias depois da conversão da sra. Matthews, fiz um apelo — penso que pela primeira vez — a todas as pessoas cujas convicções eram maduras a ponto de renunciarem de imediato os seus pecados e entregarem-se a Deus para que viessem à frente, ocupassem os assentos que a meu pedido haviam sido esvaziados e se entregassem a Deus enquanto orávamos por elas. Veio à frente um número de pessoas bem maior do que eu esperava, entre elas outra senhora de considerável destaque na sociedade e várias de suas amigas, as quais pertenciam ao mesmo círculo social.

Esse fato aumentou a emoção e interesse entre aquela classe de pessoas e rapidamente se percebia que o Senhor estava visando à conversão dos membros da alta sociedade. As reuniões de avivamento não demoraram a encherem-se de pessoas daquela classe social. Advogados, médicos, comerciantes — todos passaram a interessarem-se cada vez mais pelo avivamento e eram facilmente convencidos a entregar o coração a Deus. Em pouco tempo, a obra passou a produzir efeito entre os advogados da cidade — boa parte dos principais advogados do estado residiam em Rochester. A obra alcançou muitos deles com rapidez. Mostravam-se ansiosos e participavam abertamente em nossas reuniões. Muitos deles sentavam-se no "banco dos aflitos" — como passou a ser chamado — e publicamente entregavam o coração a Deus.

Lembro-me de que, certa noite depois da pregação, três deles seguiram-me até meu quarto, todos demonstrando profunda convicção de pecado. Creio que os três se haviam sentado no "banco dos aflitos", porém não tinham entendido todos os aspectos da mensagem e achavam que não podiam voltar para casa sem a certeza de que estavam em paz com Deus. Conversei e orei com eles e creio que, antes de voltar para casa, todos receberam a paz e creram no Senhor Jesus Cristo.

Preciso mencionar que, bem pouco tempo depois do início da obra, foram sanadas as dificuldades que havia entre o irmão Bissell e o dr. Penny. Todos os desentendimentos e conflitos foram resolvidos, de modo que um espírito de bondade e fraternidade permeava todas as igrejas. Digo isso, é claro, com base do que eu tinha conhecimento.

A obra continuava a progredir. Certo dia, fiquei de pregar na Primeira Igreja. Naquele dia, tinha havido um desfile militar. Os militares foram convocados e eu receava que a emoção do desfile desviasse a atenção do povo e prejudicasse a obra do Senhor. O recinto estava bem cheio de gente, excedendo a sua capacidade. O dr. Penny fez a introdução do culto e dirigia a primeira oração quando ouvi algo que parecia um tiro de fuzil e o tilintar de vidro, como se uma janela tivesse sido quebrada. Imaginei que algum dos recrutas havia atirado do lado de fora, tão perto da janela que quebrou o vidro. E, antes que eu tivesse tempo para pensar em mais alguma coisa, o dr. Penny deu um salto, passando por cima de mim — eu estava ajoelhado junto ao sofá atrás dele.

O púlpito ficava na parte dianteira do salão de cultos, entre as duas portas de entrada. Os fundos da igreja chegavam até a beira do canal. A congregação entrou em pânico e todos corriam como loucos para alcançar as portas e as janelas. Uma senhora idosa manteve levantada uma janela nos fundos e, por ali, segundo fui informado, várias pessoas pularam no canal. A correria foi generalizada. Alguns pularam das galerias para

os corredores do primeiro piso. Outros correram de fileira em fileira, pulando sobre os corrimões e tropeçando uns nos outros nos corredores. Fiquei em pé no púlpito, um tanto confuso. Levantei as mãos e gritei o mais alto que pude: "Acalmem-se! Acalmem-se!". Foi quando duas senhoras subiram correndo a plataforma e se agarraram em mim, cada uma de um lado, totalmente transtornadas. O dr. Penny correu para a rua e as pessoas corriam para todas as direções.

Não percebendo nenhum perigo, a cena pareceu-me tão cômica que só com muito esforço eu conseguia reprimir o riso. Corriam por cima uns dos outros nos corredores e alguns, ao levantarem-se, derrubavam outros, mais fracos, que tropeçavam neles. Todos saíram apavorados do recinto numa correria desenfreada. Vários machucaram-se consideravelmente, mas ninguém morreu. No salão de cultos, espalhavam-se restos de roupas de todos os tipos, especialmente femininas. Algumas mulheres tiveram pedaços dos vestidos arrancados perto das bainhas. Chapéus, xales, luvas, lencinhos e pequenos pedaços de saia estavam espalhados no chão. Fiquei sabendo que grande quantidade de acessórios femininos fora deixada também nos corredores e em várias partes do templo. Parece-me que a maior parte dos homens havia saído sem pegar o chapéu. Muitas pessoas sofreram contusões no terrível tumulto.

Fui informado mais tarde de que, havia tempo, as paredes do templo estavam cedendo por causa da umidade do terreno próximo do canal. O templo era construído em pedra, por isso, suas paredes eram muito pesadas. O chão era de barro e o edifício estava ruindo. A congregação fora avisada de que o templo não se encontrava em boas condições e alguns temiam que a torre ou o telhado caísse ou que as paredes entrassem em colapso. Eu, porém, nada sabia desse perigo. O barulho que escutara do púlpito fora produzido por uma viga que caíra do telhado com a ponta para baixo e irrompera pelo estuque, bem acima da lâmpada que ficava diante do órgão. O estuque quebrou a lâmpada e foi esse o barulho de vidro quebrado que ouvi.

O povo, temendo o pior, ficou alarmado e precipitou-se para fora da maneira que acabo de descrever. O dr. Penny disse que, quando a viga caiu, abriu os olhos e, pensando que o telhado iria cair, pulou do púlpito e correu tão rápido quanto pôde. Um exame pericial mostrou que as paredes do templo haviam-se afastado de tal maneira do prumo que realmente havia perigo de o telhado implodir. A pressão na galeria, noite após noite, era tão grande que as paredes estavam sendo empurradas para fora. Se isso acontecesse, haveria muitos feridos.

Por causa do acidente, fiquei apreensivo — e creio que outras pessoas também — temendo que a obra fosse prejudicada. O tumulto fora muito grande. Além disso, tornou-se impossível a realização de cultos naquele templo. No entanto, parece que o trabalho nada sofreu com isso. O Espírito do Senhor assumira com seriedade a obra e nada parecia impedi-la.

A "Igreja de Tijolos" foi imediatamente franqueada e seu pastor, por esse tempo, demitiu-se e foi para outro campo. A partir de então, os nossos cultos alternavam-se entre a Segunda e a Terceira Igreja Presbiteriana, sendo que os membros da Primeira Igreja e de suas congregações freqüentavam os cultos, dentro das possibilidades de acomodação. Assim, as três igrejas presbiterianas e, na realidade, os crentes de todas as denominações pareciam apoiar a causa unidos em seus esforços, pondo mãos à obra com o máximo de entusiasmo para arrancar os pecadores do fogo eterno. Éramos obrigados a realizar cultos quase que ininterruptamente. Eu pregava quase todas as noites e três vezes aos domingos. Depois de a obra avançar poderosamente, passamos a realizar reuniões para os interessados em avivamento espiritual.

Lembro-me de certa manhã, em uma dessas reuniões, em que se converteu o genro de uma mulher piedosa e de muita oração, a qual pertencia à Terceira Igreja. Ela sentia-se muito aflita a respeito dele e passava muito tempo orando por sua salvação. Quando ele voltou da reunião, estava cheio de alegria, paz e esperança. Ela estava orando na hora da reunião, rogando a Deus que o levasse à conversão naquela manhã. Logo que ele chegou em casa e lhe revelou que se havia convertido, ela viu em seu rosto que realmente ele fora transformado. A emoção foi tanta que ela desmaiou, vindo a falecer imediatamente. Esse foi um fato notável que acabou por despertar nos membros da igreja o respeito pelas coisas espirituais.

Outro homem, que morava no lado oeste do rio quase dois quilômetros abaixo da cidade, ficou sob forte convicção de pecado durante vários dias e acabou por converter-se de modo repentino e poderoso. Foi tão forte a reação em sua mente e tão transbordante sua alegria que ele também caiu morto.

Havia na época uma escola secundária em Rochester, presidida pelo sr. Benedict, filho de Abner Benedict, pastor da igreja em Brighton, que ficava nas proximidades de Rochester. O sr. Benedict era cético, mas dirigia uma escola secundária muito grande e bem-sucedida, para rapazes e moças. A srta. Allen, uma mulher cristã, era assistente e sócia do sr. Benedict. Os alunos freqüentavam os cultos, e muitos deles não

demoraram a sentirem-se preocupados com a situação da própria alma. Certa manhã, o sr. Benedict verificou que os alunos não conseguiam recitar a lição. Quando chamava um aluno à frente, este mostrava-se tão ansioso que chorava. Era evidente que estavam abalados com a própria situação espiritual. Aquilo deixou o sr. Benedict confuso. Ele chamou sua assistente, a srta. Allen, e contou-lhe que as moças e os rapazes estavam tão fragilizados espiritualmente que não conseguiam recitar a lição e perguntou-lhe se não seria melhor chamar o sr. Finney para falar com eles.

A srta. Allen informou-me da situação e disse ter ficado muito contente com a consulta que o sr. Benedict lhe fizera. Muito cordialmente, ela aconselhou-o a mandar-me chamar. Assim ele fez e o avivamento espalhou-se poderosamente por toda a escola. O próprio sr. Benedict não demorou a converter-se a Cristo e quase todos os alunos também. Há alguns anos, a srta. Allen informou-me de que mais de quarenta pessoas que se converteram naquela escola se tornaram ministros — ou missionários no exterior — não lembro bem. Eu não tinha conhecimento desse fato, mas quando ela me revelou os nomes dos convertidos, reconheci grande parte deles. Eram obreiros que trabalhavam em missões no exterior.

Depois de permanecer umas poucas semanas na casa de Josiah Bissell, hospedamo-nos na casa do sr. Beach, advogado e cristão professo, o qual morava no centro da cidade. Sua cunhada também morava ali e não era convertida. Tinha belíssima aparência, cantava primorosamente e era mulher culta. Ficamos sabendo que era noiva do juiz Addison Gardiner, que atuava na Suprema Corte do estado, um homem muito orgulhoso que recusava sentar-se no "banco dos aflitos" e até o criticava. No entanto, ausentava-se muito da cidade a serviço e não se converteu naquele inverno. Muitos dos advogados, no entanto, se converteram e com eles sua jovem noiva. Cito aqui esse fato porque os dois casaram-se. Sem dúvida, isso o levou à conversão, cerca de dez anos após o casamento. Os pormenores desse acontecimento serão narrados por mim em outra parte deste livro, segundo sua ordem cronológica.

O avivamento produziu grande transformação no estado moral e na história de Rochester. A maioria dos homens e mulheres de destaque na sociedade converteu-se. Ocorreram muitíssimos fatos notáveis, dos quais não me esquecerei tão cedo.

Certo dia, aquela senhora que me visitou — cuja conversão já mencionei — voltou com uma amiga com quem desejava que eu conversasse. Falei com ela, porém tive a nítida impressão de que seu coração era endurecido e que ela tratava os assuntos espirituais com leviandade. O marido era comerciante e eram pessoas de alta posição na comunidade. Insisti em que considerasse a questão espiritual com seriedade, mas ela respondeu que não o faria porque o marido não se importava com isso e ela não iria agir separadamente dele. Perguntei-lhe se estava disposta a ir para a perdição eterna só porque o marido rejeitava a fé, se não era tolice negligenciar a própria alma só porque ele também agia dessa forma com a dele. Ela respondeu, sem a mínima hesitação: "Se ele for para o inferno, quero ir também. Quero ir para onde ele for. Não quero ficar separada dele em hipótese alguma".

Pareceu-me que eu não conseguira causar nenhuma impressão nela. Estava decidida a seguir o marido — se ele não aceitasse a salvação de sua alma, ela também não aceitaria. No entanto, noite após noite, fazia meus apelos à congregação, convidando para ir à frente os que estavam dispostos a entregar o coração a Deus e muitíssimas pessoas convertiam-se todas as noites. Fiquei sabendo que, quando aquela senhora chegou em casa, o marido disse-lhe:

— Querida, pretendo ir à frente hoje à noite e entregar meu coração a Deus.

— O quê?! — ela espantou-se. — Eu disse hoje ao sr. Finney que não me tornaria cristã e que não queria mais saber do assunto, que você não se tornaria crente nem eu tampouco e que, se você fosse para o inferno, eu o acompanharia.

— Pois bem! — exclamou ele. — Eu não *pretendo* ir para o inferno e já resolvi ir à frente esta noite entregar meu coração a Cristo.

Ela contestou:

— Nesse caso, nem sequer irei ao culto. Não quero ver isso acontecer. E se você, afinal de contas, resolveu tornar-se crente, pode ir. Eu não vou!

Ele chegou sozinho ao culto. O púlpito ficava entre as portas, na parte da frente do salão. O templo estava superlotado, mas ele encontrou um assento perto de um dos corredores, bem no fundo. No final do culto, como era meu costume, convoquei os que estavam preocupados com a própria alma e tinham tomado a decisão de ocupar os assentos ao redor do púlpito onde poderíamos apresentá-los a Deus em oração. Posteriormente, fiquei sabendo que, depois de o comerciante ter saído para ir ao culto, a mulher também foi,

mas, não sabendo onde ele estava, subiu por outro corredor e tomou assento quase em frente ao lugar ocupado por ele.

Quando fiz o apelo, ele levantou-se de imediato. Ela, que procurava ver onde ele estava, viu-o levantar-se. Assim que o viu em pé, abrindo caminho pelo corredor apinhado para chegar ao lugar onde devia sentar-se, ela saiu andando pelo outro corredor, em direção ao púlpito. Encontraram-se diante do púlpito e ajoelharam-se para que orássemos por eles! Muitas pessoas, ali mesmo, alcançaram a esperança em Cristo — mas o casal não. Os dois voltaram para casa, sendo que cada um deles sentia-se orgulhoso demais para revelar ao outro sua decisão e não conseguiram dormir direito naquela noite.

No dia seguinte, acho que pelas dez da manhã, ele pediu para ver-me e foi ao meu quarto. Minha mulher ocupava um quarto de frente no segundo andar e eu, um quarto nos fundos, no mesmo andar, perto da escadaria. Enquanto eu conversava com ele, o empregado informou-me que uma senhora esperava para ver-me no quarto da sra. Finney. Pedi licença, pedindo ao visitante que me esperasse enquanto eu ia atendê-la. Descobri que se tratava da senhora que, na véspera, se mostrara tão teimosa, exatamente a mulher do cavalheiro que estava em meu quarto. Um não sabia que o outro viera visitar-me. Conversei com ela e descobri que estava a ponto de se entregar a Cristo. Fiquei sabendo, também, que ele, pelo que tudo indicava, estava na mesma condição.

Voltei, então, ao meu quarto e disse-lhe: "Vou orar com uma senhora que se encontra no quarto da sra. Finney. Se você quiser, poderemos ir juntos para orar com ela". Ele seguiu-me e viu que se tratava de sua mulher! Olharam um para o outro, surpresos, mas cada um ficou emocionado por ver o outro ali. Ajoelhamo-nos para orar e, pouco depois, ela começou a chorar e a orar em voz alta pelo marido. Parei de orar, para poder ouvi-la e percebi que ela perdera toda a preocupação consigo mesma e lutava pela conversão dele. O coração do marido parecia quebrantar-se e ceder, mas justamente naquele momento o sino tocou, chamando-nos para o almoço. Julguei que seria melhor deixá-los a sós. Por isso, fiz um sinal à minha mulher e levantamo-nos em silêncio. Descemos para o almoço, deixando os os dois ali. Almoçamos rapidamente e voltamos — e encontramo-los bem-humorados, amorosos e humildes, tanto quanto gostaríamos que estivessem.

Ainda não falei muita coisa a respeito do *espírito de oração* que prevalecia naquele avivamento e não quero deixar de mencioná-lo. Enquanto eu viajava para Rochester, ao passar por uma aldeia que ficava uns 48 quilômetros a leste de lá, um pastor, meu colega de ministério, vendo-me a bordo do barco que percorria o canal, pulou para dentro dele e veio conversar comigo. Ele tinha a intenção de viajar uma pouca distância e, depois, descer e retornar para onde estava. No entanto, interessou-se muito pela conversa e, ao saber para onde eu ia, resolveu acompanhar-me até Rochester. Tínhamos passado bem poucos dias ali e esse pastor foi tomado por tamanha convicção que, certo dia, andando na rua, não conseguiu evitar o choro em voz alta. O Senhor concedeu-lhe um espírito poderoso de oração e seu coração mostrou-se quebrantado.

Ele e eu orávamos muitas vezes juntos. Considerava notável sua fé quanto ao que o Senhor estava para fazer ali. Lembro-me de que ele dizia em sua oração: "Senhor, não sei como vai ser, mas vejo que vais realizar uma grande obra nesta cidade". O espírito de oração foi derramado poderosamente naquela cidade, tanto que algumas pessoas deixaram de vir aos cultos para permanecer em oração, por não conseguirem refrear seus sentimentos ao ouvir a pregação.

A esta altura da narrativa, preciso apresentar um homem, cujo nome ainda terei oportunidade de mencionar várias vezes: sr. Abel Clary. Era filho de um homem excelente, presbítero da igreja onde me converti. Converteu-se durante o mesmo avivamento em que fui levado à conversão. Fora licenciado para pregar, mas seu espírito de oração era tão forte e ele sentia tanto o peso espiritual pelas almas perdidas que não conseguia dedicar muito tempo nem empregar muito de suas forças à pregação da Palavra — gastava-os na oração. O peso que sentia sobre sua alma quase sempre era tão grande que ele não conseguia manter-se em pé, contorcia-se e gemia de aflição, de maneira espantosa. Eu o conhecia muito bem e sabia do maravilhoso espírito de oração que pairava sobre ele. Era homem muito calmo, como são quase todos os que têm esse poderoso espírito.

A primeira notícia que recebi de sua presença em Rochester foi por meio de um senhor que morava cerca de um quilômetro a oeste da cidade e que, ao visitar-me certo dia, perguntou se eu conhecia um pastor de nome Abel Clary. Respondi-lhe que o conhecia bem.

— Pois o sr. Clary está em minha casa há bastante tempo — disse ele. Não me lembro quanto tempo fazia, mas ele estava ali desde minha chegada a Rochester. Ele declarou:

— Não sei o que pensar a respeito dele.

— Não o vi em nenhum de nossos cultos — comentei.

— Ele diz que não dá para ir aos cultos. Fica em oração quase o tempo todo, de dia e de noite e em tamanha agonia que não dá para entender — explicou. — Às vezes, nem consegue manter-se firme nos joelhos e fica prostrado no chão, gemendo. Depois joga-se na cama, rolando de um lado para outro e geme e ora de uma forma que me deixa totalmente atônito.

Perguntei o que ele dizia. E ele respondeu:

— Não fala muita coisa. Diz não poder ir aos cultos, mas todo seu tempo é inteiramente dedicado à oração.

Então eu disse:

— Entendo isso, não se preocupe. Tudo dará em bem para ele. Naquele tempo, eu conhecia um número considerável de homens que tinham uma preocupação espiritual do mesmo tipo: o diácono Pond, de Camden, no condado de Oneida; o diácono Truman, de Rodman, no condado de Jefferson; o diácono Baker, de Adams, no mesmo condado; o sr. Clary. Muitos outros homens e mulheres compartilhavam o mesmo espírito e passavam boa parte de seu tempo em oração. O irmão Nash — ou Pai Nash, como o chamávamos — ministro que me visitou em muitos campos de trabalho e me ajudava, era outro que tinha o poderoso espírito de oração. O sr. Clary continuou em Rochester enquanto permaneci ali e não foi embora a não ser depois de minha partida. Nunca, pelo que consegui descobrir, apareceu em público, mas dedicava-se totalmente à oração.

Em Rochester, muitas pessoas apresentavam esse espírito agonizante de alma. Já mencionei que o aspecto moral das pessoas ali foi grandemente transformado pelo avivamento. Rochester era uma cidade nova, cheia de vigor e de empreendimentos — e também cheia de pecado. Seu povo era inteligente e bastante criativo, mas, à medida que o avivamento varria a cidade e convertia a maioria das pessoas mais influentes, homens e mulheres, era notável a transformação na ordem, na temperança e na moralidade dos cidadãos.

Num período subseqüente, que mencionarei no devido lugar desta narrativa, estava conversando com um advogado que se convertera nesse avivamento e que, posteriormente, foi nomeado procurador do distrito. Seu trabalho era fiscalizar os processos contra os criminosos. A posição que ocupava fez com que ele conhecesse toda a história do crime na cidade. Ao falar do avivamento durante o qual se convertera, ele contou-me, muitos anos depois: "Examinando os registros penais, descobri este fato notável: embora a população da cidade tenha triplicado desde o avivamento, o número de processos criminais não chega nem a um terço dos que existiam antes de ele ter começado. Portanto, a criminalidade *diminuiu* em dois terços, enquanto a população *aumentou* três vezes. É essa a influência maravilhosa que o avivamento operou na comunidade".

Realmente, pelo poder daquele avivamento, a consciência do povo foi reformulada. Os negócios públicos da cidade estão, em grande medida, nas mãos de homens cristãos. O caráter do povo tem sido moldado sob a graça de Cristo. E os negócios públicos são tratados de acordo com os princípios cristãos.

Entre outras conversões, não posso esquecer-me da de Samuel D. Porter, cidadão de destaque naquele local. Na época, ele mantinha uma livraria, em sociedade com o sr. Everard Peck, pai de nosso falecido professor Peck. O sr. Porter era um herege — não ateu, mas descrente da autoridade divina da Bíblia. Era homem de leitura, um pensador de mente aguçada e perspicaz e de caráter muito resoluto. Era, segundo meu julgamento, homem de boa moralidade exterior e um cavalheiro respeitado. Ele veio ao meu quarto certa manhã bem cedo e disse-me:

— Sr. Finney, existe muita agitação aqui no tocante à religião, mas sou cético e quero que o senhor me comprove a veracidade da Bíblia.

O Senhor capacitou-me, fazendo-me discernir imediatamente os pensamentos do sr. Porter, mostrando-me como lidar com ele. Perguntei-lhe:

— O senhor acredita na existência de Deus?

— Oh, sim! — ele respondeu. — Não sou ateu.

— Pois bem. E o senhor tem dado a Deus o tratamento devido? Tem respeitado sua autoridade? O senhor o tem amado? Tem feito o que acha que lhe agrada, com o *propósito* de realmente agradar-lhe? Reconhece que deve amá-lo e obedecer-lhe, à altura de seus melhores conhecimentos?

— Certamente — confirmou ele. — Reconheço tudo isso.

— Mas o senhor tem posto tudo isso em prática? — perguntei.

— Bem, realmente, não — ele admitiu. — Não posso dizer que tenho feito isso.

— Pois bem — respondi. — Por que eu lhe daria mais informações e mais iluminação, se o senhor não está querendo cumprir seu dever, que é andar na luz que já possui? Agora, quando o senhor resolver viver à altura de suas convicções e obedecer a Deus de acordo com a iluminação que possui; quando resolver arrepender-se da negligência que tem demonstrado até o presente e procurar agradar a Deus o melhor que puder pelo restante da sua vida, procurarei mostrar-lhe que a Bíblia provém de Deus. Até lá, nada disso terá a mínima utilidade para a sua vida.

Falei tudo isso de pé e acho que nem o convidei para sentar-se.

— Penso que isso é muito justo — disse ele. E saiu.

Não ouvi mais nada de sua parte, a não ser bem cedo, na manhã seguinte, quando ele chegou de novo ao meu quarto, pouco depois de eu haver-me levantado. Mal entrou, bateu palmas e exclamou:

— Sr. Finney, Deus operou um milagre! Desci à loja depois de sair daqui, pensando no que o senhor dissera e resolvi que me arrependeria do que sabia estar errado em meu relacionamento com Deus. Decidi viver à altura de meus conhecimentos. E, quando tomei essa firme decisão, minhas emoções me dominaram, tanto que caí. Talvez tivesse morrido se o sr. Peck, que estava comigo na loja, não me tivesse socorrido.

A partir de então, ele tem sido, conforme sabem todos quantos o conhecem, um crente sincero e de oração. Menciono esse caso em especial porque esse mesmo sr. Porter tem sido, durante muitos anos, um dos membros do conselho diretor da Faculdade de Oberlin, apoiando-nos em todas as nossas provações e ajudando-nos com toda a sua influência e com suas ofertas.

Os métodos utilizados na promoção daquele avivamento foram exatamente os mesmos dos avivamentos anteriores, excetuando-se, conforme já disse, o "banco dos aflitos", nome com que passou a ser conhecido posteriormente. Descobri que esse método, da maneira como previra, era uma poderosa influência para o bem. Se os que sentiam convicção de pecado não quisessem vir à frente para renunciar a sua situação pecaminosa e entregarem-se a Deus, esse fato revelaria o orgulho de seu coração. Se, porém, vencessem os obstáculos que se levantavam contra isso, dariam um grande passe no processo de sua própria conversão. E, conforme descobria continuamente, aquele era exatamente o passo que necessitavam dar. Quando a verdade lhes era revelada a ponto de se conscientizarem dela e o dever a ser cumprido era colocado diante deles antes de serem exortados a vir à frente, na grande maioria dos casos e conforme ficou constatado depois, eles realmente mantinham seu compromisso com Cristo.

Esse foi um dos meios usados pelo Espírito Santo para levá-los à submissão e à imediata aceitação de Cristo. Há muito tempo, minha opinião era de que a razão principal por que tão poucos se convertiam ao ouvir o pregador de viva voz, era que não se exigia deles submissão imediata. Os pastores tinham o hábito de pregar sermões que indicavam aos pecadores o seu dever, mas, no fim do sermão, revelavam-lhes que nada poderiam fazer sem que sua natureza fosse transformada pelo Espírito de Deus. Tinham tanto receio de desonrar a Deus que pensavam ser seu dever ressaltar diante do pecador sua dependência total do Espírito no final de cada sermão e de cada exortação ao arrependimento.

A doutrina da constitucionalidade do pecado, de o pecado fazer parte da natureza humana e da necessidade de essa natureza ser transformada pela influência física direta do Espírito Santo, compelia os pastores a lembrar aos pecadores a incapacidade destes em corresponder ao que Deus exigia deles e ao que os sermões os exortavam a fazer. Portanto, exatamente no momento em que o pecador precisava pensar em Cristo e no que precisava *ser feito,* sua atenção era desviada para a necessidade de sentir a influência divina a mudar a sua natureza e de esperar o Espírito de Deus agir sobre ela, como um choque elétrico, enquanto o pecador permanecia passivo. Dessa maneira, a mente da pessoa era obscurecida. E, diante de semelhante pregação, não era de admirar que tão poucas almas se convertessem.

O Senhor convenceu-me de que essa não era a maneira certa de lidar com os pecadores. Mostrou-me claramente que a depravação moral era forçosamente *voluntária* e que a ação divina na regeneração consistia em educar a alma com argumentos, persuasão e súplicas. Portanto, o caminho era colocar o dever do pecador nitidamente diante dele, para que o Espírito Santo o conclamasse a cumprir esse mesmo dever. Era também colocar Cristo diante dele e esperar que o Espírito Santo apresentasse ao pecador as coisas que podiam levá-lo a Jesus. Era ainda colocar diante do pecador os seus pecados e esperar que o Espírito Santo lhe mostrasse quão terrível era sua iniqüidade e o levasse voluntariamente a renunciar aos seus erros. Percebi com clareza que, para cooperar com o Espírito de Deus como agente inteligente nessa obra, eu

precisava apresentar as verdades em que se devia crer, os deveres a serem cumpridos e as razões desses deveres.

É exatamente isto o que o Espírito está fazendo: levando o pecador a ver e entender a força dos argumentos apresentados pelo ministro e a veracidade dos fatos demonstrados por meio da pregação e deixando que o pecador tome consciência das verdades que lhe são apresentadas, a fim de induzi-lo a ***agir.*** Para mim, portanto, ficou claro que, justamente por essa altura, ressaltar diante do pecador que ele dependia inteiramente do Espírito de Deus era prejudicar a obra do Espírito e não promovê-la. O dever do ministro é exortar o pecador e o papel do Espírito é tornar eficaz essa exortação, a fim de levá-lo a vencer a sua oposição natural.

Para mim era totalmente irracional e absurdo conclamar o pecador a cumprir seu dever e revelar-lhe sua impossibilidade de fazê-lo, lembrar-lhe sua dependência do Espírito de Deus e demonstrar-lhe a necessidade de sua natureza ser primeiramente transformada e apontar as demais coisas que o impediam de dar o passo a que o Espírito de Deus o conclamava. Esse tipo de ensino leva o pecador a resistir ao Espírito de Deus, a aguardar passivamente que Deus faça alguma coisa para transformar todo o seu coração antes de se voltar para Deus. O erro fundamental está em supor que uma mudança de coração seja uma transformação ***física,*** em vez de uma transformação ***moral.*** Ou seja, uma mudança da natureza humana, em vez de um compromisso e preferência voluntários da mente.

Diante desse tipo de ensino, os pecadores sofriam tropeços constantes e quase nunca se convertiam ao ouvir um sermão. Se experimentassem convicção de pecado e se convertessem, forçosamente teriam de esquecer a teoria segundo a qual haviam sido instruídos, deixar fora de vista sua incapacidade e, por alguns momentos, sua dependência do Espírito de Deus para agir segundo as próprias convicções e em obediência à exortação do Espírito. A tarefa do Espírito é, em primeiro lugar, convencer o pecador do pecado, da justiça e do juízo vindouro e depois esclarecê-lo da necessidade do Salvador, apresentar-lhe o Salvador em sua natureza divina, atuação, relacionamento, expiação, misericórdia, disposição, prontidão e capacidade de salvar até o limite extremo. Dessa maneira, Cristo promete o Espírito Santo como ***mestre capaz*** de levar os homens, mediante persuasão moral e divina, a renunciar aos seus pecados e entregar-se a Deus.

Sob a atuação do Espírito, o pecador não está consciente da realidade da atuação divina em sua mente. Mas enxerga a verdade com clareza e de tal maneira que ela causa nele profunda impressão. Suas dificuldades são esclarecidas, seus erros são corrigidos e sua mente é esclarecida. A verdade atua sobre sua consciência e ele sente em seu espírito a urgência de se submeter imediatamente a Deus. A ***verdade*** ocupa toda a sua atenção. Se for leitor da Bíblia, inferirá, obviamente, que essa urgência que está sobre ele provém do Espírito de Deus.

É vantajoso que o pecador seja informado de que é assim que o Espírito de Deus opera nele; que, ao resistir às verdades que lhe são apresentadas, ele estará resistindo ao Espírito Santo; que, ao aceitar de coração essas verdades, ele estará se submetendo aos ensinamentos divinos. Ele deve, no entanto, entender que a obra do Espírito não é levá-lo à conversão enquanto ele se mostra passivo, enquanto está esperando algo para o futuro, supostamente determinado por Deus. Pelo contrário, o Espírito de Deus leva-o à conversão, à transformação, induzindo-o a produzir ele mesmo, pecador, uma reviravolta em sua vida.

O pecador deve entender que a submissão tem de ser iniciativa humana e que o Espírito o persuade a agir assim; que a fé também é iniciativa do ser humano; que o Espírito de Deus lhe outorga essa fé somente pelo fato de apresentar as verdades em que ele deve crer, sendo estas apresentadas com tal clareza e persuasão divinas que ele, o pecador, é levado a confiar em Cristo; que o Espírito Santo lhe outorga a fé, induzindo-o a crer; que ele o leva a cumprir os deveres, a arrepender-se, a crer, a submeter-se e a amar, através das verdades apresentadas numa luz tão clara que é capaz de dissipar qualquer relutância e induzi-lo a voltar-se para Deus, a confiar nele, a amá-lo e a obedecer-lhe voluntariamente com sinceridade e de todo o coração.

Por defender esses conceitos, percebi que, em determinado ponto, o pecador precisa ser instruído pelo pregador, sob a forte pressão da verdade que lhe é aplicada pelo Espírito Santo, a pôr em prática suas convicções, sem quaisquer demora. Cheguei, portanto, à conclusão de que devia chamar o pecador do meio da multidão e convidá-lo a assumir uma posição diante de Deus, mostrando-se tão franco e aberto na renúncia do pecado diante do público, quanto o fora a cometê-lo; que era meu dever conclamá-lo a mudar de partido, a renunciar ao mundo e passar para o lado de Cristo, renunciando à justiça própria e aceitando a de Cristo. Resumindo: fazer exatamente o que se constitui mudança de opinião. Era o que se tornava necessário fazer.

Não fiquei decepcionado com o emprego desse método. Sempre o considerei muito necessário e posso relatar inúmeras ocasiões em que homens orgulhosos, depois de resistir ao Espírito durante algum tempo, perceberam que ele era apropriado e necessário e acabaram ocupando o "banco dos aflitos" e se entregando a Deus. Muitas pessoas já me confessaram que, se não tivessem sido conclamadas a dar aquele passo — ou não tivessem feito algo equivalente — jamais se teriam convertido. Se estou me empenhando a favor da conversão do pecador, preciso dizer-lhe as coisas que o Espírito de Deus quer que ele entenda e creia. Preciso colocar diante dele as verdades que devem levá-lo à ação imediata. Dessa maneira, estarei cooperando com o Espírito de Deus, pois é exatamente isto que o Espírito luta para conseguir do pecador: ***ação imediata em conformidade com as exigências divinas.*** Não considero meu dever cumprido até aplicar à mente do pecador todas as considerações que me parecem essenciais para que ele entenda corretamente seu dever e se disponha a cumpri-lo.

Mais adiante, neste meu relato, quando me referir a outro avivamento em Rochester no qual estive presente, o leitor perceberá que as verdades que agora estou declarando foram exemplificadas na conversão daquele juiz que mencionei em outra parte deste capítulo. Não tenho notícia de que no avivamento em Rochester tenha surgido a mínima queixa de fanatismo ou de qualquer coisa considerada deplorável em seus resultados. O avivamento foi tão poderoso, abrangeu tantos membros da classe mais influente da sociedade e fez uma limpeza tão ampla que causou impacto até nas redondezas. Alguns moradores de Rochester escreveram cartas a seus amigos, descrevendo a obra. Essas cartas foram lidas em várias igrejas, em diferentes partes de vários estados e acabaram produzindo outros grandes avivamentos.

Muitas pessoas vinham de longe para ver a grande obra de Deus e eram levadas à conversão. Lembro-me de um médico que se sentiu tão atraído pelo que ouviu falar da obra que veio de Newark, NJ, a Rochester com o propósito de ver o que o Senhor estava fazendo e acabou convertendo-se ali. É homem talentoso e de cultura superior e há muitos anos tornou-se um dedicado obreiro cristão. Lembro-me de que, certa noite, quando fiz o apelo, um homem da máxima influência de uma cidade vizinha veio à frente com vários membros de sua família e todos se entregaram a Deus. A obra realmente propagou-se como ondas em todas as direções. Conforme o tempo e energia que sentia estarem à minha disposição, ia pregando em muitos locais à volta da cidade, embora meus esforços principais fossem empreendidos em Rochester.

Preguei várias vezes em Canandaigua. A obra foi frutífera ali e muitos converteram-se. O pastor, o rev. Ansel Eddy, entregou-se com ânimo à obra. Um pastor inglês que atuara ali anteriormente, homem idoso, fez também o que podia a favor do avivamento. Percorri vários lugares das redondezas para pregar, mas não recordo os nomes. No entanto, lembro-me com clareza de que em todos esses lugares a Palavra de Deus surtiu efeito imediato. Parecia que bastava apresentar, na medida apropriada, a lei de Deus e as exigências feitas por Cristo para obter inúmeras conversões.

O grande vulto da obra em Rochester atraía tanto a atenção dos ministros e crentes de todo o estado de Nova York, de toda a Nova Inglaterra e de várias partes do país que a própria ***fama*** do trabalho ali realizado foi um instrumento eficiente nas mãos do Espírito de Deus para a promoção do maior avivamento ocorrido até então. Muitos anos depois, numa conversa com o dr. Beecher a respeito desse poderoso avivamento e de seus resultados, ele fez a seguinte observação: "Aquela foi a maior obra de Deus, o maior avivamento espiritual que o mundo já viu num período de tempo tão curto. Segundo relatórios, cem mil pessoas afiliaram-se às igrejas como resultado direto dessa obra grandiosa. Isso não tem paralelo na história da Igreja e do progresso da religião". Mencionou, ainda, que tudo ocorrera num único ano e acrescentou que, em toda a era cristã, não há registro de um avivamento espiritual tão grandioso ocorrido em tão pouco tempo. Desde os tempos da convenção em New Lebanon, à qual já me referi, a oposição aberta e pública aos avivamentos era cada vez mais rara. Eu, pessoalmente, passei a sofrer menos oposição, a qual foi-se desfazendo de modo natural, porém constante. Em Rochester, não senti nada nesse sentido. E, verdadeiramente, a salvação era tão propagada, o avivamento era tão poderoso e abrangente e o povo estava tão inteirado de seus propósitos e de seus resultados que as pessoas passaram a ter medo de lhe fazer oposição como antes faziam. Os pastores agora o compreendiam melhor e os pecadores, mais ainda os ímpios, estavam convencidos de que a obra realmente era de Deus.

Ficou claro que as conversões eram autênticas, que todos aqueles convertidos foram, de fato, regenerados e se tornaram novas criaturas. Era tão profunda a transformação dos indivíduos e das comunidades e os resultados tão permanentes e inquestionáveis que tornou-se quase universal a convicção de que tudo aquilo era obra de Deus. Houve muitos casos de conversões notáveis, muitas personagens diferentes convertidas e todas as classes sociais foram afetadas pelo avivamento. Assim, a oposição aberta foi quase totalmente

subjugada. Se eu tivesse tempo, poderia encher um volume inteiro com o relato dos casos de conversão mais notáveis que ocorreram diante de meus olhos, durante muitíssimos anos e em muitos lugares.

CAPÍTULO XXII

O AVIVAMENTO EM AUBURN, BUFFALO, PROVIDENCE E BOSTON

Durante a última parte de minha estada em Rochester, minha saúde estava bem fragilizada. Sentia-me esgotado e, conforme descobri depois, alguns dos melhores médicos tinham chegado à conclusão de que eu nunca mais pregaria. Perto da época em que encerrei meu trabalho em Rochester, no primeiro avivamento ali realizado, o rev. Wisner, de Ithaca, veio passar algum tempo ali, observando a obra e ajudando a promovê-la. Nesse meio-tempo, fui convidado a pregar em muitos campos. Entre os convites, estava o do dr. Nott, reitor da Faculdade Union. Ele insistia em que eu fosse ajudá-lo naquela obra, com o objetivo de levar seus alunos à conversão. Resolvi atender ao seu apelo.

Acompanhado pelo dr. Wisner e por Josiah Bissell, de quem já fiz menção nesta narrativa, embarquei numa diligência na primavera, quando era muitíssimo penoso viajar. Deixei minha mulher e filhos em Rochester, pois as estradas eram muito perigosas e, a viagem, cansativa demais para eles. Quando chegamos a Geneva, o dr. Wisner pediu que eu o acompanhasse até sua casa e repousasse um pouco. Recusei seu oferecimento, declarando-lhe que tinha urgência em levar a obra adiante. Ele insistiu muito em que eu o acompanhasse, alegando que os médicos em Rochester lhe haviam pedido que me levasse para sua casa, pois eu estava a ponto de morrer e corria o risco de nunca mais atuar em avivamento algum: segundo eles, eu estava tuberculoso e teria pouco tempo de vida. Respondi que já ouvira aquele diagnóstico, mas, que era puro engano. Disse-lhe que os médicos não entendiam meu problema, que minha doença não passava de pura fadiga e que eu me recuperaria com um pouco de repouso.

O dr. Wisner, finalmente, deixou de me importunar e continuei a viagem na diligência até Auburn. A condição das estradas era tão ruim que, às vezes, não conseguíamos viajar mais que dois ou três quilômetros por hora e levamos dois ou três dias para chegar a Auburn. Em Aubum, eu tinha muitos amigos queridos e, como estava muito cansado, resolvi parar ali e descansar até que a diligência do dia seguinte passasse. Já pagara minha passagem até Schenectady, mas, se desejasse, poderia interromper a viagem por um ou dois dias, embarcando depois em outra diligência. Hospedei-me na casa do irmão Theodore Spencer, filho do presidente Spencer, da Suprema Corte estadual. Era um crente sincero e meu amigo muito querido. Conseqüentemente, pernoitei em sua casa, em vez de passar a noite no hotel e resolvi repousar enquanto aguardava a diligência do dia seguinte.

Dormi muito bem na casa do irmão Spencer. Levantei-me no outro dia e estava-me aprontando para embarcar na diligência, que passaria ali ainda na parte da manhã, quando chegou um senhor trazendo um documento: era um pedido formal para que eu permanecesse em Auburn, assinado por vários homens influentes, os quais haviam resistido ao avivamento realizado ali em 1826! Esse convite havia-me sido feito na primavera de 1831. Em 1826, quando o dr. Lansing ainda estava ali, aqueles homens haviam levado tão longe sua oposição ao avivamento a ponto de deixarem a igreja do dr. Lansing e organizarem outra congregação. Por essa época, o dr. Lansing foi chamado para trabalhar em outro campo e o rev. Josiah Hopkins, de Vermont, foi nomeado pastor da Primeira Igreja, no lugar do dr. Lansing. O pedido, assinado por uma longa lista de não-crentes, apelava de modo veemente para que eu permanecesse na cidade e trabalhasse pela salvação de seus cidadãos mais destacados. Achei aquilo extraordinário. No documento, eles faziam referência à oposição que haviam liderado contra meu trabalho e suplicavam que eu os perdoasse e ficasse ali para pregar o evangelho.

O pedido não provinha do pastor nem de sua igreja, mas do grupo que comandara a resistência ao avivamento de 1826. Mas, o pastor e os membros da igreja também insistiram comigo, usando toda a sua influência para persuadir-me a ficar na cidade, conforme queriam os cidadãos que assinaram o documento. Eles pareciam tão surpreendidos quanto eu com a mudança de atitude daqueles homens. Fui para meu quarto e apresentei o assunto a Deus, chegando logo a uma decisão. Contei ao pastor e aos presbíteros que eu estava muitíssimo fatigado, quase esgotado, mas que permaneceria na cidade sob certas condições. Pregaria duas vezes por domingo e duas noites durante a semana, enquanto eles assumiriam o restante do trabalho. Não deveriam contar com minha presença em qualquer outra reunião além daquelas em que eu tivesse de

pregar. Também seria deles, entre outras coisas, a tarefa de instruir os interessados e dirigir as reuniões de oração.

Eu estava certo de que eles saberiam como lidar com os pecadores e que podia confiar neles para o desempenho das outras funções. Estipulei ainda que nem eles nem os demais membros da igreja deveriam visitar-me em meus aposentos, excetuando-se os casos extremos — isso porque, com exceção dos domingos, eu precisava de repouso. Também não podia atender ninguém à noite, excluindo-se, é claro, as noites em que eu pregasse. Aos domingos, havia três cultos de pregação, sendo que o irmão Hopkins pregava em um deles. Penso que eu pregava pela manhã e à noite, todos os domingos e, ele, à tarde.

A Palavra surtiu efeito imediato. Na primeira ou na segunda noite de domingo em que preguei, vi que a mensagem bíblica produzia um resultado tão poderoso que, no encerramento do sermão, fiz um apelo para que os decididos viessem imediatamente à frente declarar diante de todos que estavam renunciando aos seus pecados e entregando-se a Cristo. Para minha surpresa, bem como do pastor e de muitos membros da igreja, o primeiro homem que veio à frente, abrindo caminho para que outros o acompanhassem, foi aquele que exercera a máxima influência na oposição ao avivamento de 1826. Veio prontamente, seguido por boa parte dos que haviam assinado o pedido. Aquela demonstração tão marcante de mudança de vida causou verdadeira comoção na cidade.

Já me referi ao rev. Abel Clary, homem de oração que estivera em Rochester. O rev. Clary tinha um irmão médico que morava em Auburn. Acho que foi no segundo domingo que passei ali, durante o novo avivamento, que observei na congregação o rosto sério do rev. Abel Clary. Parecia estar sob o peso de tremenda responsabilidade na oração. Por conhecê-lo bem e por saber do grande dom que Deus lhe concedera — o espírito de oração — fiquei muito contente de vê-lo ali. Estava sentado junto de seu irmão, médico que professava a fé, mas que nada sabia, penso, do grande poder que a oração de seu irmão Abel exercia diante de Deus. No período entre os cultos, logo que desci do púlpito, o irmão Clary e seu irmão me esperavam ao pé da escada e o médico convidou-me para ir à sua casa durante o intervalo e acompanhá-lo num lanche. Aceitei o convite.

Pouco depois de chegarmos à sua casa, fomos chamados para almoçar. Quando estávamos à volta da mesa, o dr. Clary voltou-se para seu irmão e perguntou: "Irmão Abel, quer agradecer ao Senhor pela refeição?". O irmão Abel inclinou a cabeça e começou a orar em voz alta. Mal pronunciou uma ou duas frases, porém, teve uma crise emocional, afastou-se repentinamente da mesa e correu para seu quarto. O médico supôs que o irmão estava passando mal e foi atrás dele. Pouco depois, retornou e disse-me:

— Sr. Finney, meu irmão Abel quer vê-lo.

— O que ele está sentindo? — perguntei.

— Não sei, mas ele disse que o irmão sabe — ele respondeu. — Ele parece estar em grande aflição.

Num momento, entendi o que se passava e saí da mesa para subir ao quarto dele. O rev. Clary enfrentava grande sofrimento de alma. Estava deitado, gemendo na cama e rolando de um lado para outro. O Espírito intercedia por ele, dentro dele, com gemidos inexprimíveis. Ou seja, seus desejos eram grandiosos demais para serem expressos em palavras e seus gemidos podiam ser ouvidos pela casa inteira. Nem bem entrara no quarto, eu o ouvi falar, com esforço: "Ore, irmão Finney!". Ajoelhei-me e o ajudei, em oração, encorajando sua alma na tarefa de levar à conversão os pecadores. Continuei a orar até que sua aflição passou e voltei para a mesa. Acho que o irmão Clary não almoçou naquele dia, durante o qual, se não me falha a memória, nem voltei a falar com ele. Entendi, porém, que se tratava da voz de Deus. Percebi que o espírito de oração estava sobre ele, senti sua influência sobre mim mesmo e tomei por certo que a obra entraria numa fase poderosa. E assim aconteceu.

Não tenho absoluta certeza disso, mas, acredito que todos os que assinaram aquele pedido — uma longa lista de nomes — converteram-se durante aquele avivamento. No entanto, há alguns anos, o dr. Steel, de Aubin escreveu-me para saber se eu guardara aquele documento, pois queria vê-lo e verificar se todos os que o haviam assinado se converteram na época. Eu não lembrava onde o havia guardado. Provavelmente estava entre meus numerosos papéis e cartas, mas, não o encontrei e por isso não consegui atenda de forma satisfatória à solicitação do dr. Steel. Contudo, tenho certeza de que quase todos — se não todos — aqueles homens foram levados à conversão, tornando-se a partir de então os crentes mais sinceros e atuantes naquela cidade.

Permaneci em Auburn seis domingos, pregando, como já mencionei, duas vezes por domingo e duas vezes durante a semana, deixando o restante das atividades com o pastor e os membros da igreja. À semelhança de

Rochester, quase nenhuma oposição se levantou abertamente. Os pastores e os membros da igreja atuaram firmemente na obra e todos os que estavam dispostos a trabalhar receberam muitos encargos e alcançaram bom resultado nessas atividades. Depois de fazer a devida verificação, o pastor informou-me que, nas seis semanas que passei ali, quinhentas almas foram levadas a Cristo. Os métodos foram os mesmos empregados em Rochester. Pelo que eu saiba, nesse avivamento não houve sinal de fanatismo nem foi constatado nada que pudesse ser lastimado. Parecia que uma onda de influência divina partira de Rochester, alcançando toda a região com sua influência poderosa.

Perto do final de meu trabalho em Auburn, chegou ali um mensageiro de Buffalo, solicitando que eu fosse com urgência àquela cidade. Penso que Auburn fica a leste de Rochester mais ou menos a mesma distância que Buffalo está a oeste dessa cidade. O avivamento desenvolvido em Rochester preparou o caminho para o avivamento que viria a acontecer em Auburn, nos lugares à sua volta e em Buffalo. Segundo aquele mensageiro me informou, a obra já havia começado em Buffalo e umas poucas almas haviam-se convertido a Cristo. Mas, os crentes ali tinham a impressão de que outros métodos, que não os empregados ali, precisavam ser usados. Insistiram tanto comigo que parti de Auburn, passei de volta por Rochester até chegar a Buffalo. Penso que não passei mais que um mês em Buffalo. E, durante esse período, grande número de pessoas converteu-se a Cristo.

O trabalho em Buffalo, assim como em Auburn e em Rochester, surtia bastante efeito entre as classes mais privilegiadas. Entre os convertidos de buffalo, creio que estava o rev. Lord, que era advogado. Além dele, o sr. Heacock, pai do rev. Heacock, que atualmente é pastor em Buffalo, foi levado à conversão em circunstâncias das quais nunca me esqueci.

O sr. Heacock era um dos homens mais ricos e influentes de Buffalo. Apesar do excelente caráter, do bom comportamento e da alta reputação como cidadão, era um pecador impenitente. Sua mulher era cristã e havia muito tempo estava orando por ele, para que se convertesse. Quando, porém, comecei a pregar ali e passei a insistir em mostrar que o "não posso" do pecador correspondia a um "não quero" e que a dificuldade a ser vencida era a impiedade voluntária de pecadores que não estavam prontos para tornarem-se cristãos, o sr. Heacock rebelou-se contra meu ponto de vista. Insistia em afirmar que, no seu caso, essa era uma visão equivocada — porque havia muito tempo ele tinha consciência de que estava disposto a tornar-se cristão.

Sua mulher informara-me sobre a opinião que ele defendia, mesmo assim não o poupei. Noite após noite, dia após dia, procurava-o em seus esconderijos, respondia a todas as suas objeções e punha por terra todas as suas desculpas. Ele mostrava-se cada vez mais perturbado. Era homem de força de vontade e declarou que não aceitava nem queria crer em semelhante doutrina. De tanto falar contra a doutrina, atraiu para si homens com os quais não tinha a mínima simpatia a não ser nessa questão em particular. Quanto a mim, não hesitava em pressioná-lo, em cada sermão, de uma forma ou de outra, no tocante à sua falta de disposição em aceitar a Cristo.

Depois de sua conversão, ele contou-me que ficara chocado e envergonhado ao descobrir que, alguns dos que zombavam da obra, faziam dele um escudo. Certa noite, no salão de cultos, estava de um lado do corredor e um dos homens que mais ridicularizavam o trabalho ficou bem perto dele, do outro lado do corredor. E, repetidas vezes, enquanto eu estava pregando, esse homem, com o qual o sr. Heacock não tinha absolutamente nada em comum no que se referia a qualquer outro assunto, olhava o pai dele e sorria, dando fortes indícios de ser companheiro dele na oposição ao avivamento. Ao descobrir isso, ficou profundamente indignado e disse para si mesmo: "Não vou ser parceiro de homens desse tipo! Não quero mais nada com eles!".

Naquela mesma noite, na conclusão do sermão, fiz tanta pressão sobre a consciência dos pecadores e um apelo tão forte a que abrissem mão da oposição ao avivamento e viessem a Cristo que o sr. Heacock não se conseguiu dominar. Assim que o culto foi encerrado, ele, de modo totalmente contrario ao seu costume, começou a criticar tudo que fora dito, antes mesmo de deixar o salão de cultos. Os corredores estavam cheios e as pessoas se comprimiam ao seu redor. Realmente, conforme sua mulher me informou, usou expressões profanas, o que a perturbou muito, pois ela achava que com semelhante comportamento ele tinha muita probabilidade de entristecer e afastar de si o Espírito de Deus e perder a sua alma.

No entanto, naquela noite, ele não conseguiu pegar no sono. Contou-me, depois, que quase não dormiu. Sua mente estava tão atormentada que ele levantou-se ao primeiro sinal da luz da manhã, saiu de casa e andou uma distância considerável até um bosque próximo, que ficava perto de um conjunto de instalações chamado "os hidráulicos". Ali, naquele bosque, ajoelhou-se para orar. Durante a noite, sentira que devia ir sozinho para algum lugar onde pudesse soltar a voz e o coração, pois sofria a pressão intolerável da consciência de

seus pecados e a necessidade de buscar e achar imediatamente paz com Deus. No entanto, quando chegou ao bosque e ajoelhou-se, descobriu que seu coração não queria orar. Não tinha palavras. Não sentia nenhum desejo que pudesse expressar verbalmente. Parecia que seu coração estava duro como mármore e não conseguia despertar em si a mínima emoção pelo assunto. Permaneceu de joelhos, decepcionado e confuso e descobriu que, mesmo quando abria a boca para orar, não conseguia pronunciar uma palavra.

Nesse estado de espírito, ocorreu-lhe que talvez pudesse repetir o pai-nosso. E assim, começou: "Pai nosso, que estás nos céus...". Tão logo pronunciou essas palavras, tornou-se convicto de sua hipocrisia ao chamar Deus de Pai. Quando pronunciou a frase "santificado seja o teu nome", quase teve um choque. Percebeu que não estava sendo sincero, que suas palavras não expressavam em nada seu real estado de espírito. Não se importava que o nome de Deus fosse santificado. Depois, pronunciou a petição seguinte: "Venha o teu Reino...". Com isso, quase engasgou. Não estava querendo a chegada do Reino de Deus. Era hipocrisia orar assim, pois não era uma expressão genuína do desejo de seu coração. E então veio a petição: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". E seu coração rebelou-se: não conseguia repetir essa parte da oração.

A essa altura, viu-se face a face com a vontade de Deus. Fora-lhe revelado, dia após dia, que ele se opunha à vontade divina, pois não estava disposto a aceitá-la e que sua oposição a Deus, às suas leis e à sua vontade era o único obstáculo à sua conversão. Ele sempre resistira a essa idéia e lutara como um tigre contra ela. Mas, ali de joelhos, com o pai-nosso nos lábios, teve de ponderar a questão e viu, com perfeita clareza, que tudo que lhe fora revelado era verdade: ele não estava querendo que a vontade de Deus fosse cumprida. E ele mesmo, Heacock, não a cumpria porque não desejava fazer isso.

A natureza e a abrangência de sua rebelião tornaram-se tão patentes diante de seus olhos que ele percebeu que abrir mão dela lhe custaria um esforço enorme. Então, reuniu toda sua força de vontade e exclamou em voz alta: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu!". Dessa vez, estava perfeitamente convencido de que sua vontade condizia com suas palavras. Aceitava agora a vontade de Deus em sua totalidade. Rendia-se totalmente a ele e aceitava a Cristo exatamente como apresentado no evangelho. Abriu mão de seus pecados e abraçou a vontade de Deus como sua regra de vida. A linguagem de seu coração passou a ser: "Senhor, faze comigo o que é bom aos teus olhos. Que tua vontade seja feita em mim e em todas as criaturas na terra, assim como é feita no céu".

Logo que sua vontade se rendeu, pôde orar livremente e seu coração derramou-se como uma inundação. A rebelião da sua mente foi extinta, seus sentimentos se aquietaram e uma doce paz transbordou em sua alma. Levantou-se e foi contar à sua ansiosa mulher, que orava por ele com tanta sinceridade, o que o Senhor fizera por sua alma. Confessou-lhe que estivera totalmente errado ao fazer oposição ao avivamento e ao rejeitar a idéia de tornar-se cristão. A partir de então, tornou-se um obreiro zeloso na obra de Deus e toa a sua vida passou a dar testemunho da mudança que ocorreu nele. Ele viveu e morreu como crente frutífero.

Se não estou enganado, o juiz Wilkinson [Samuel Wilkeson] também se converteu na ocasião, bem como muitos outros homens de destaque e não poucas mulheres. Quando deixei Buffalo, penso que em Junho, fui para a casa de meu sogro, em Whitestown. Passei parte do verão em passeios, visando à restauração de minha saúde e de minhas forças.

No começo do outono de 1831, aceitei o convite para realizar o que então se chamava "uma reunião prolongada", que consistia em uma série de reuniões, em Providence, Rhode Island. Atuava principalmente na igreja então pastoreada pelo rev. Wilson. Penso que fiquei ali cerca de três semanas. Havia reuniões todas as noites e três cultos de pregação todos os domingos. O Senhor derramou seu Espírito imediatamente sobre a congregação e a obra da graça progrediu de modo irresistível durante aquele breve período que passei na cidade. Minha permanência ali, no entanto, foi breve demais para que fossem obtidos resultados semelhantes aos do avivamento ocorrido ali em 1842, quando passei cerca de dois meses na cidade. No devido contexto cronológico, narrarei os pormenores desse segundo avivamento.

Nessa época, pudemos assistir a muitas conversões inspiradoras. Foi nesse período que se converteram vários homens que exerceram e exercem até hoje forte influência cristã na cidade. O mesmo se pode dizer das senhoras: ocorreram entre elas muitos casos notáveis de conversão. Lembro-me com muita clareza da conversão de certa jovem, que passo a relatar de modo sucinto.

No domingo, observei no meio do povo uma jovem de grande beleza, sentada ao lado de um cavalheiro que, posteriormente, soube ser seu irmão. A jovem tinha olhar inteligente e sincero e parecia escutar com a máxima atenção e seriedade cada palavra que eu dizia. Sendo hóspede do irmão Josiah Chapin, eu estava indo com ele para sua casa quando notei que o casal subia pela mesma rua. O irmão Chapin informou-me de

que se tratava do senhor e da senhorita Ainsworth e que ela era considerada a mais bela moça em Providence. Perguntei-lhe se ela já professara a fé e ele respondeu que não. Contei-lhe que ela parecera fortemente tocada pela mensagem e perguntei-lhe se não seria bom eu fazer-lhe uma visita. Ele desencorajou-me. Achava que era desperdício de tempo e que eu não seria bem recebido, pois a moça era tão mimada que provavelmente nunca pensara a respeito da sua salvação. Porém, ele estava enganado e eu tinha razão em supor que o Espírito do Senhor estava lutando com aquela jovem.

Não fui visitá-la, mas, poucos dias depois, ela procurou-me. Reconheci-a de imediato, convidei-a a sentar-se e perguntei-lhe sobre o estado de sua alma. Espiritualmente, ela estava bem vigilante, mas sua convicção de pecado não tinha amadurecido a ponto de chegar ao estado que eu julgava necessário para que ela fosse levada de modo consciente a aceitar Cristo. Por isso, durante uma ou duas horas — a visita foi realmente prolongada — tentei mostrar-lhe a depravação de seu coração. Perguntei-lhe se não era orgulhosa, vaidosa, considerando-se justa aos próprios olhos. Ela achava que não. Fiz-lhe várias perguntas incisivas como essa.

Perguntei-lhe se já havia sentido inveja de alguém. Respondeu que não tinha consciência disso. Perguntei-lhe, também, se conhecia alguma moça a quem considerasse mais bonita que ela própria. De início, ofereceu resistência a essa pergunta, mas sua franqueza levou-a a reconhecer que não conhecia nenhuma. Perguntei-lhe em seguida se não sentiria inveja ou ciúmes se encontrasse uma jovem mais bonita que ela. Respondeu que achava que não. Perguntei-lhe, ainda, se conhecia alguma jovem que considerava mais amável que ela. Declarou haver pelo menos uma, porém, conscientemente, não sabia se sentia alguma inveja ou ciúmes por causa disso. Fiz-lhe muitas perguntas semelhantes, visando obrigá-la a pensar e refletir nessa direção. Suas convicções pareciam amadurecer à medida que a conversa progredia e se tornava cada vez mais séria. Quando lhe revelei o que considerava necessário para que ela alcançasse uma convicção espiritual madura e profunda sob a influência do Espírito de Deus, ela levantou-se, sentindo uma visível insatisfação e despediu-se. Mas, eu já tinha certeza de que o Espírito de Deus se encarregaria do caso dela e que minhas palavras não seriam esquecidas. Pelo contrário, operariam a convicção que eu tentava produzir.

Dois ou três dias depois, ela veio-me visitar outra vez. Percebi de imediato que estava grandemente humilhada no espírito. Assim que entrou, sentou-se e abriu o coração. Com a maior sinceridade possível, confessou: "Sr. Finney, da outra vez que estive aqui, considerei suas perguntas e seu modo de tratar-me bastante severos. Mas, percebo agora que sou tudo aquilo que o senhor me apresentou. Realmente, não fosse meu orgulho e o cuidado com a minha reputação, eu seria uma das moças mais depravadas de Providence. Posso ver claramente que minha vida tem sido refreada apenas pelo orgulho e pelo zelo de minha reputação, não por consideração a Deus, à sua lei ou ao evangelho. Percebo que Deus fez uso de meu orgulho e de minha ambição para refrear vergonhosas iniquidades em mim. Sempre fui mimada e bajulada, sempre me impus e mantive minha reputação por motivos puramente egoístas".

Ela prosseguiu, confessando de tal modo seus erros que não deixava nenhuma dúvida de suas convicções. Não estava no calor da emoção. Mostrava-se calma e racional. Ficou claro, no entanto, que tinha uma natureza fervorosa, uma vontade forte e um intelecto equilibrado e cultivado de maneira incomum. Realmente, creio nunca ter visto um caso de convicção muito inspirador. Depois de conversarmos durante algum tempo e de eu tê-la orientado da melhor maneira possível, curvamo-nos diante do Senhor e oramos. Humanamente falando, deu todas as demonstrações de haver-se entregue sem reservas a Cristo. Atingiu um estado de espírito que a levou a renunciar ao mundo. A partir daí, tornou-se uma crente de um grande testemunho.

Poucos anos depois de sua conversão, casou-se com um homem rico de Nova York. Fiquei vários anos sem manter correspondência com ela. O marido introduziu-a num círculo da sociedade com o qual eu não tinha nenhum contato. Só depois da morte dele restabelecemos contato. A partir de então, trocávamos correspondência sobre assuntos cristãos, pois tinha grande interesse em acompanhar sua vida espiritual. Menciono esse caso porque sempre o considerei um triunfo maravilhoso da graça de Deus sobre os fascínios do mundo. Talvez não houvesse na região jovem mais bajulada, respeitada e idolatrada pela sociedade. Mas, a graça de Deus revelou-se muito mais forte que as coisas do mundo. E, mesmo cercada por todos os fascínios mundanos, nunca ouvi dizer que ela tivesse, em algum momento, titubeado em sua carreira cristã.

Enquanto eu estava em Providence, a questão de minha ida a Boston foi levantada pelos ministros e diáconos das várias igrejas congregacionais dessa cidade, mas, eu mesmo não tinha a menor idéia do que estavam fazendo. No entanto, o dr. Wisner, então pastor da Igreja Antiga do Sul, chegou a Providence e assistiu às nossas reuniões. Fiquei sabendo mais tarde que ele fora enviado pelos ministros "em missão de reconhecimento", com o compromisso de apresentar um relatório. Conversamos várias vezes e ele

manifestou um interesse que beirava o entusiasmo por tudo que viu e ouviu em Providence. No período em que esteve ali, ocorreram algumas conversões notáveis.

A obra em Providence era de caráter notavelmente perscrutador, pois operava entre os que já professavam a fé. Esperanças antigas eram terrivelmente abaladas e os ossos secos nas várias igrejas eram fortemente sacudidos. Na ocasião, um diácono de uma das igrejas sentiu-se tão profundamente mudado que me disse quando desci do púlpito: "Sr. Finney, não acredito haja dez crentes verdadeiros em Providence. Estamos todos errados! Fomos enganados!".

O sr. Josiah Chapin foi muito abençoado naquele avivamento. Converteu-se na mesma época, mas não lembro se sua conversão ocorreu logo na minha chegada ou imediatamente antes. Entre outros convertidos, lembro-me do sr. Barstow, que se tornou um crente exemplar na cidade. Lembro-me, também, do sr. Green, que era tesoureiro de um banco. Acredito que o dr. Wisner tenha-se convencido totalmente de que a obra era genuína e de grande alcance para os padrões da época e que naquele trabalho não existia nada que pudesse ser tachado de não-cristão ou digno de reprovação.

Depois que o dr. Wisner retornou a Boston, recebi quase de seguida um pedido de ministros e igrejas congregacionais para realizar naquela cidade a obra que estava acostumado a fazer. O dr. Lyman Beecher era então o pastor da igreja da rua Bowdoin e seu filho, Edward Beecher, era o pastor ou o pastor substituto oficial na igreja da rua Park. O pastor da igreja da rua Essex era o sr. Green, mas este fora à Europa por motivos de saúde e, na ocasião, a igreja estava sem um substituto oficial. O dr. Fay era o pastor da Igreja Congregacional em Charlestown e o dr. Jenks era pastor da igreja da rua Green, em Boston. Não lembro o nome dos pastores das demais igrejas.

Comecei meu trabalho pregando de igreja em igreja, aos domingos e, durante a semana, à noite, na igreja da rua Park. Logo percebi que a Palavra de Deus estava surtindo efeito e que o interesse aumentava dia após dia. No entanto, percebi, também, que seria necessária uma profunda operação entre os cristãos professos. Soube que não existia entre eles nada semelhante ao espírito da oração que prevalecera nos avivamentos do Oeste e da cidade de Nova York. Parecia haver em Boston um tipo estranho de religião, que não denotava aquela liberdade nem o poder presentes em outros avivamentos Por isso, comecei a pregar aos crentes alguns sermões profundos. Num domingo, avisei que em certas noites da semana pregaria uma série de sermões direcionados aos cristãos, na igreja da rua Park. Descobri, no entanto, que tais sermões não agradavam em nada aos crentes de Boston. Não estavam acostumados a esse tipo de mensagem, por isso, a freqüência à igreja da rui Park era cada vez menor, principalmente quando eu pregava aos cristão professos. Aquela reação era novidade para mim.

Nunca vira, como em Boston, um crente professo recusar-se ouvir os sermões que penetravam fundo no coração. No entanto, ouvi ali, repetidas vezes, comentários como: "O que dirão os unitaristas se semelhantes coisas forem aplicadas a nós, que somos ortodoxos?"; "Com o sr. Finney se dirigindo a nós dessa maneira, os unitaristas dirão que os ortodoxos não são melhores cristãos do que eles". Era evidente que se ressentiam um pouco da minha franqueza ao falar com eles. O dr. Wisner informou-me que a igreja em que eu lidava com os que professavam a fé era totalmente oposta ao dr. Beecher. O padrão religioso adotado por ele era muito inferior. O dr. Beecher rebaixava os parâmetros da piedade e da pregação ortodoxas a tal ponto que as portas de entrada da igreja estavam escancaradas, largas demais.

O dr. Wisner revelou-me que achava — e também muitos crentes de Boston, durante algum tempo — que aceitar as pessoas como membros da igreja mediante um padrão tão baixo de pregação fatalmente lhes seria prejudicial. Era o que sentia o dr. Wisner na época e acredito que esse era o sentimento dos crentes ortodoxos. Suponho ter sido essa a causa de meus penetrantes sermões deixarem atônitas e até mesmo ofendidas multidões de crentes professos. No entanto, à medida que a obra progredia, a situação foi mudando grandemente. E, poucas semanas depois, os crentes passaram a aceitar mensagens mais penetrantes, chegando a ter por elas alta apreciação.

Descobri que em Boston, assim como nos demais lugares, era praticado um tipo de abordagem aos pecadores que muito me irritava. Às vezes, eu realizava as reuniões na presença do dr. Beecher, no subsolo da igreja dele. Certa noite, numa reunião com muitos presentes, percebia-se que o sentimento de introspecção e a solenidade do ambiente eram muito fortes. No final, conforme era meu costume, procurei explicar-lhes exatamente o que o Senhor desejava deles. Meu objetivo era levá-los a renunciar a si mesmos e entregar-se a Cristo, imediatamente, com tudo que possuíam. Procurei mostrar-lhes que não pertenciam a si mesmos, mas que haviam sido comprados por alto preço e que se esperava que abandonassem tudo que

possuíam e entregassem a Cristo. Deixei a questão tão clara quanto podia e vi que a impressão sobre eles foi bastante profunda.

Quando eu estava a ponto de convidá-los a ajoelharem-se para apresentá-los a Deus em oração, o dr. Beecher colocou-se em pé e disse: "Vocês não precisam recear entregar tudo a Cristo, vossos bens e tudo o mais, pois ele devolverá tudo a vocês, de imediato". Sem apresentar a mínima explicação sobre o real sentido do ato de abrir mão de suas posses, simplesmente os exortou a não temer aquela entrega. ***Não era o que eu lhes havia pedido que fizessem***. Vi que ele estava passando ao povo uma falsa impressão e senti-me muito aflito. A idéia que ele apresentara era oposta à verdade!

Depois que ele acabou de falar, eu, com tanta sabedoria e cuidado quanto me foram possíveis, procurei fazê-los entender que, no sentido em que Deus exigia deles que abrissem mão de suas posses, ele nunca as devolveria e que eles não deveriam contar com essa devolução. Esforcei-me para explicar a situação de modo que não parecesse uma contradição às afirmativas do dr. Beecher, mas sem deixar de corrigir a falsa impressão que eu havia percebido em suas palavras. Expliquei-lhes que o Senhor não exigia que deixassem de lado suas posses, que abandonassem o emprego, a casa e os outros bens para nunca mais recebê-los de volta, mas que o Senhor esperava deles a renúncia ao domínio dessas coisas sobre eles e o reconhecimento de que as coisas que possuíam não pertenciam a eles e sim a Deus.

Não deviam pensar naquelas coisas como se, diante de Deus, elas pertencessem a eles. Diante dos homens, eram de fato deles, não pertenciam a outros, mas diante de Deus não podiam tratá-las como se lhes pertencessem. Do ponto de vista do relacionamento com Deus, tinham de renunciar a qualquer direito sobre elas. As exigências divinas eram absolutas e o direito de Deus sobre o homem e todas as demais coisas estava acima do direito de todo ser humano. O Senhor exigia deles o uso do que eram e do que possuíam, a favor dele e para sua glória. Exigia, também, que não pensassem que tinham o direito de empregar seu tempo, suas forças, sua influência ou qualquer outra coisa que possuíssem como se lhes pertencessem, como se não fossem propriedade do Senhor.

O dr. Beecher não levantou objeções às minhas palavras — nem naquela hora nem depois, pelo que eu saiba. Portanto, é provável que não tivesse a intenção de me contradizer com aquelas declarações. Mesmo assim, o que ele disse forçosamente traria a impressão de que Deus devolveria todas as coisas, na mesma medida em que eles abrissem mão delas e as entregassem a ele.

Acredito que os membros das igrejas ortodoxas de Boston recebiam sem questionamento os conceitos doutrinários que eu lhes transmitia. Sei que o dr. Beecher concordava com eles, pois certa vez ele me declarou que nunca vira um homem com cujas opiniões teológicas ele concordasse tão inteiramente quanto eu. Havia, porém, um ponto defendido por mim contra o qual muitos levantavam objeções. O sr. Rand, por exemplo, que editava um periódico em Boston, creio eu, escreveu um artigo sério contra minhas opiniões e jeito do agir divino na regeneração. Eu costumava pregar que a atuação de Deus era a do ensino e da persuasão e que a era bíblica. O presidente Edwards sustentara o inverso dessa doutrina. Da mesma forma, o sr. Rand sustentava que a agência divina exercida na regeneração era física, uma mudança na natureza, em vez de uma mudança na atitude voluntária e na preferência da alma.

O sr. Rand considerava heterodoxa minha opinião sobre esse assunto. Escreveu e publicou um artigo bastante severo quando eu ali estava, criticando minha posição. Havia outros pontos doutrinários defendidos por mim que ele tratava de modo crítico, tais como a natureza voluntária da depravação moral e a atividade do pecador na regeneração. O dr. Wisner escreveu uma réplica e justificou minhas opiniões, excetuando-se as que eu mantinha no tocante à influência persuasiva ou moral do Espírito Santo. Não estava disposto, portanto, a tomar posição contra o presidente Edwards nem contra o conceito corrente na Nova Inglaterra de que a atuação do Espírito não era física, mas apenas moral.

O dr. Woods, de Andover, publicou também um artigo em um periódico, acredito que em Andover, intitulado: "O Espírito Santo, o autor da regeneração" — penso que era esse o título. De qualquer forma, a intenção era comprovar que a regeneração era obra exclusiva de Deus. Obviamente, ele citou os textos bíblicos que asseveram a ação divina na obra de transformar o coração. Não apresentei nenhuma resposta por escrito a esse artigo, mas em uma de minhas pregações afirmei que aquilo era apenas meia verdade. A Bíblia asseverava com igual clareza que a regeneração tinha participação humana e citei as passagens que afirmam isso. Paulo declarou a determinada igreja que ele os regenerara — e utiliza a mesma palavra referente à regeneração atribuída a Deus.

Era fácil, portanto, demonstrar que Deus tinha atuação na regeneração e que esta consistia em ensinar ou persuadir o pecador. Era fácil, também, demonstrar que o homem tinha parte nesse processo: os atos do arrependimento, da fé e do amor partiam dele. E o Espírito o persuadia a produzir esses atos quando lhe apresentava a verdade. Assim, como a verdade era o instrumento, o Espírito Santo era um dos agentes. O pregador, ou qualquer agente humano e inteligente — geralmente com esse objetivo — também cooperava na obra da regeneração. Que me recorde, nada havia de anticristão em qualquer dos debates realizados na época, nada que viesse a entristecer o Espírito ou produzir ressentimentos entre os irmãos.

Depois de pregar algumas semanas entre as várias congregações daquele circuito, consenti em ocupar com regularidade o púlpito da igreja do sr. Green, na rua Essex. Passei a concentrar meu trabalho naquele campo. Assistimos a uma bendita obra da graça e muitas pessoas converteram-se em várias partes da cidade. Na realidade, a obra se estendia pela cidade inteira, em maior ou menor grau. Naquele inverno, nasceu meu terceiro filho. Eu estava muito cansado, pois atuara durante mais de dez anos como evangelista, sem ter tido mais que alguns dias ou semanas seguidos de repouso durante todo aquele período. Os irmãos de ministério eram homens sinceros, tinham assumido a obra da melhor maneira que podiam e atuavam com fidelidade e eficiência, alcançando bons resultados.

Àquela altura, uma segunda igreja presbiteriana fora formada na cidade de Nova York. A Primeira Igreja Independente, do irmão Joel Parker, tornara-se tão grande que um grupo resolveu formar a Segunda Igreja, onde o rev. Barrows, ex-professor de Andover, estivera pregando. Alguns irmãos dedicados escreveram-me de Nova York, com a proposta de alugarem um teatro e equipá-lo como igreja — com a condição de que fosse eu o pregador. Propunham-se a conseguir o teatro da rua Chatham, onde se concentrava o maior número de incrédulos de Nova York. Não ficava longe dos Cinco Pontos e era lugar de convívio altamente vergonhoso para a cidade. Os donos estavam dispostos a permitir que o lugar fosse transformado em igreja. Minha família já se tornara tão grande que era difícil levá-la comigo a cada lugar aonde fosse exercer a obra de evangelista e minhas forças estavam-se esgotando. Depois de muito orar e pensar, resolvi aceitar o convite da Segunda Igreja Independente: iria trabalhar algum tempo em Nova York.

CAPÍTULO XXIII

AS OBRAS NA CIDADE DE NOVA IORQUE, DE 1832 EM DIANTE

O sr. Lewis Tappan e outros irmãos alugaram o teatro da rua Chatham e o equiparam para servir de templo, tornando-o também um local apropriado para acomodar as várias sociedades filantrópicas em suas celebrações de aniversário. Convidaram-me para pastorear a Segunda Igreja Presbiteriana Independente. Parti de Boston em Abril e comecei de imediato o trabalho. O Espírito de Deus foi imediatamente derramado sobre nós e tivemos um grande avivamento naquela primavera e verão.

Em meados do verão de 1832, a cólera apareceu em Nova York pela primeira vez. Muitos crentes retiraram-se para o campo. Espalhou-se um grande pânico entre os moradores da cidade. A cólera propagou-se com mais severidade naquele verão que em qualquer período posterior e era especialmente fatal na parte da cidade onde eu residia. Lembro-me de ter olhado, certa vez, pela porta de nossa casa e ter contado dentro do que minha visão alcançava, cinco carros fúnebres parados ao mesmo tempo em diferentes endereços para a remoção de mortos. Permaneci em Nova York até o final do verão, pois não queria deixar a cidade enquanto a mortalidade fosse tão grande. No entanto, percebi que o contato com o povo estava gradualmente abalando minha saúde e, assim, fui passar duas ou três semanas no interior.

Ao voltar, fui empossado como pastor da igreja. Durante o culto de posse, tive um mal-estar e quando cheguei em casa ficou claro que eu havia contraído a cólera. O dono da casa ao lado fora acometido da doença quase à mesma hora naquela noite e, antes que o dia amanhecesse, estava morto. Eu, porém, consegui recuperar-me. Mas os meios usados para minha recuperação abalaram terrivelmente meu físico, e demorei muito tempo a recuperar a saúde. Antes da primavera, porém, consegui voltar a pregar. Convidei dois colegas pastores para me ajudarem a realizar uma série de cultos. Durante duas ou três semanas, alternávamos o púlpito. Um de nós pregava em determinada noite e, o outro, na noite seguinte. Mas alcançamos bem poucos resultados. Vi que aquela não era a melhor maneira de promover um avivamento e suspendi as reuniões.

No domingo seguinte, combinei que pregaria todas as noites durante a semana. Assim fiz, e o avivamento começou e tornou-se muito poderoso. Preguei vinte noites consecutivas, fora as pregações de domingo. Um dos presbíteros que se dedicava a visitar os interessados, mantinha um caderno no qual registrava o nome dos que pareciam claramente haver-se convertido a Cristo. Eu não havia ainda recuperado a saúde o suficiente para pregar todas as noites. Assim, depois de pregar vinte noites seguidas, mudei meu método de trabalho. Tivemos conhecimento — pelo Pai Smith, cognome com que tratávamos um dos presbíteros — de que quinhentas pessoas se haviam convertido. Assim, nossa igreja cresceu tanto que logo um grupo de irmãos se separou, formando outra igreja. Um novo templo foi construído na esquina das ruas Madison e Catharine.

A obra progredia de maneira muito proveitosa. Mantínhamos reuniões para os interessados uma ou duas vezes por semana — às vezes com mais freqüência — e um bom número de conversões era verificado todas as semanas. Os membros da igreja oravam e trabalhavam. Estavam sempre reunidos em sua totalidade e, depois de bem instruídos no tocante aos esforços para a conversão dos pecadores, tornaram-se uma igreja mais dedicada e operosa. Empenhavam-se no trabalho e, quando lhes era pedido, saíam pelas estradas e campos a fim de trazer pessoas para ouvir a mensagem. Tanto os homens quanto as mulheres dedicavam-se a esse trabalho.

Quando queríamos promover uma reunião, convites eram impressos e distribuídos de casa em casa pelos membros da igreja, principalmente naquela parte da cidade onde se localizava a "Capela da Rua Chatham", conforme a chamávamos. Por meio da distribuição dos convites, que eram acompanhados por convites verbais quando os crentes tinham a oportunidade de falar, era possível encher o templo em qualquer noite da semana. As pessoas da igreja não tinham medo de buscar pessoas de todos os tipos na esperança de trazê-las aos cultos. Cultos religiosos no teatro eram novidade naquela parte da cidade. Ao vê-lo transformado em igreja, tendo sido as peças teatrais substituídas por cultos, passaram a chamá-lo "Capela da Rua Chatham".

Havia três salões, um acima do outro, ligados por escadarias externas na parte de frente do teatro. Eram salões compridos e espaçosos, mobiliados para reuniões de oração e para preleções. Dizia-se que, enquanto o prédio principal fora ocupado pelo teatro, esses salões eram usados para propósitos obscenos. Entretanto, esses mesmos salões, depois de mobiliados por nós, mostraram-se excepcionalmente apropriados aos nossos objetivos. Havia três galerias ligadas aos salões, cada salão com sua respectiva galeria, uma em cima da outra.

Instruí os membros da igreja no sentido de que se espalhassem por todo o recinto e mantivessem os olhos abertos para detectar qualquer pessoa que fosse seriamente tocada pela pregação e, se possível, convidá-la para uma palestra e uma oração depois do culto. Eles cumpriam fielmente minhas instruções e ficavam atentos no culto, procurando pessoas sobre as quais a Palavra de Deus parecia estar surtindo efeito. Tinham fé para deixar de lado o temor e falar com elas antes de se retirarem. Dessa maneira, obteve-se um grande número de conversões.

Os membros da igreja convidavam ainda as pessoas que se mostravam influenciadas pela Palavra a acompanhá-los a um dos salões que haviam equipado para oração, para a escola bíblica dominical e para preleções. Nós podíamos conversar e orar com elas e, assim, colher os resultados de cada sermão. Os membros da igreja tornaram-se muito eficientes na aplicação desse método. Eu dificilmente poderia desejar melhores ajudantes — com tanta sabedoria e sinceridade — para alcançar os pecadores.

Um fato que acabo de lembrar ilustrará esse método de trabalho. A firma de Naylor & Co., na época grande fabricante de talheres em Shefield, Inglaterra, tinha uma loja em Nova York e um sócio que se chamava Hutchinson. O sr. Hutchinson era um homem do mundo: viajara bastante e havia morado em várias das principais cidades da Europa. Um dos vendedores daquele estabelecimento aparecera em um de nossos cultos, convertera-se e estava ansioso pela conversão do sr. Hutchinson. Por algum tempo o jovem sentiu-se acanhado para convidar o chefe a participar de um culto nosso. Finalmente, tomou coragem e o sr. Hutchinson, atendendo ao pedido pressuroso de seu subalterno, compareceu a um culto vespertino.

Acontece que ele se havia sentado na extremidade de um banco no mesmo corredor onde o sr. Tappan estava sentado, na extremidade de outro banco. Os dois estavam separados somente pelo corredor. O sr. Tappan percebeu que o sr. Hutchinson manifestara bastante interesse durante o sermão e que às vezes sentia-se tão inquieto que parecia estar a ponto de retirar-se. (Posteriormente, o próprio sr. Hutchinson confessou-me que várias vezes sentira vontade de ir embora, porque o sermão o deixava muito comovido). Apesar disso, ficou sentado até ser dada a bênção. O sr. Tappan manteve-o à vista e, tão logo foi dada a bênção,

atravessou o corredor e apresentou-se como sr. Tappan, sócio de Arthur Tappan & Co., firma que então era bem conhecida em Nova York.

O próprio sr. Hutchinson relatou-me, com grande emoção, o que se seguiu. Disse que o sr. Tappan aproximou-se dele, segurou-o delicadamente pelo botão do casaco e falou-lhe com muita gentileza, convidando-o a permanecer para uma oração e uma conversa. Hutchinson tentou pedir licença para se afastar, mas o sr. Tappan portava-se de modo tão amável, que foi impossível escapar. Sentiu-se importunado e, conforme o sr. Hutchinson descreveu o fato, "ele segurou-me com firmeza, de forma que um botão de trinta gramas foi o instrumento usado para salvar minha alma". Os membros da congregação retiraram-se e o sr. Hutchinson, entre outros, foi convencido a permanecer. Segundo nosso costume, tivemos uma conversa bem profunda e o sr. Hutchinson, na ocasião ou logo depois, converteu-se a Cristo.

Quando cheguei para ajudar no trabalho realizado na "Capela da Rua Chatham", deixei claro que não gostaria de encher os salões com cristãos de outras igrejas, pois meu objetivo era trazer as almas do mundo. Queria alcançar o máximo possível de conversões. Por isso, empenhamo-nos na busca desta classe de pessoas e, pela bênção de Deus, obtivemos bons resultados. As conversões multiplicavam-se tanto que tivemos de separar um grupo para plantar outra igreja. Quando fui para Nova York, nossa igreja era a Segunda Igreja Independente. Quando saí de lá, acho que eram sete as igrejas, cujos membros empenhavam todas as suas forças na salvação das almas. Essas igrejas eram sustentadas principalmente por contribuições levantadas domingo a domingo, quando circulavam entre a congregação as caixas de coleta e quando o dinheiro era insuficiente para pagar as despesas, os irmãos de boa condição econômica cobriam imediatamente o défice, de modo que nunca tivemos a mínima dificuldade para suprir as necessidades financeiras da congregação.

Jamais conheci pessoas mais conciliadoras, aplicadas à oração e operosas na fé que os membros daquelas igrejas. Não eram tidos como ricos, embora alguns homens de posses integrassem essas igrejas. De modo geral, os membros pertenciam às classes média e inferior de Nova York. Nosso alvo era apresentar o evangelho aos pobres, especialmente. Quando trabalhei em Nova York pela primeira vez, tinha já opinião formada sobre a escravatura e estava desejoso de despertar a atenção do público a esse respeito. Não pretendia, no entanto, fazer disso uma bandeira nem desviar a atenção dos crentes da obra de evangelização. Mesmo assim, em minhas orações e na minha pregação, fazia freqüentes alusões à escravatura, condenando-a publicamente, de modo a despertar bastante emoção entre o povo com esse assunto.

Enquanto me empenhava na obra da rua Chatham, ocorreram alguns fatos no presbitério que levaram à formação de uma igreja congregacional e a meu chamado para ser seu pastor. Veio por transferência para nossa igreja um membro de uma das antigas igrejas. Logo chegou até nós a informação de que, antes de unir-se à nossa igreja, esse homem cometera um crime e era necessário puni-lo. Embora tivéssemos sido enganados, já que viera recomendado como membro em plena comunhão, imaginei que o crime fora cometido antes de ele transferir-se. Julgava que o dever de discipliná-lo era da igreja de origem e que o crime não era da competência de nossa jurisdição. A questão foi levantada diante do Terceiro Presbitério de Nova York, ao qual eu então pertencia e a conclusão foi que o crime era, sim, da competência de nossa jurisdição e que cabia a nós disciplinar aquele homem. E assim fizemos. Entretanto, logo surgiu um caso semelhante.

Afiliou-se à nossa igreja, também por transferência, uma senhora. Descobrimos que ela também cometera um crime e precisava ser disciplinada. Levando em consideração a decisão do presbitério no caso anterior, fomos adiante e a excomungamos. Ela recorreu da decisão da igreja e levou o assunto ao presbitério. Este chegou à conclusão de que o crime não fora cometido em nossa jurisdição e sua decisão foi exatamente oposta à anterior. Protestei, declarando que não sabia como agir, já que os dois casos eram exatamente iguais e as decisões do presbitério haviam sido incoerentes. O dr. Cox replicou, dizendo que o presbitério não era obrigado a obedecer a nenhum precedente. Defendeu com tanta veemência seu argumento que o presbirério o apoiou. Expliquei-lhes que não podíamos trabalhar assim, pois eles não obedeciam às decisões que eles próprios tomavam, por isso não sabíamos como agir.

Pouco tempo depois, surgiu a questão da construção do Tabernáculo, na Broadway. A intenção dos que haviam financiado a construção e dos líderes da igreja ali era que eu fosse o pastor e que aquela fosse uma igreja congregacional. Então, demiti-me do presbitério e tornei-me pastor congregacional.

Eu já deveria ter mencionado que, no segundo ou terceiro ano depois de minha ida para a "Capela da Rua Chatham", fui obrigado a fazer uma viagem marítima. Circulei pelo Mediterrâneo num navio pequeno no meio do inverno. Enfrentamos muitas tempestades. Meu camarote era pequeno e, de modo geral, meu estado

de saúde não era bom e a viagem em nada o melhorou. Passei algumas semanas em Malta e na Sicília. Fiquei fora uns seis meses e, ao retornar, deparei com uma grande comoção em Nova York. Os membros de minha igreja e outros abolicionistas haviam realizado um comício no dia 4 de julho (dia da Independência dos Estados Unidos) e foi feita uma preleção sobre a escravatura. A manifestação provocara grande alvoroço, marcando o início de uma série de tumultos que se espalhavam em muitas direções, onde quer que houvesse um comício contra esse abominável regime.

Não deixei, por isso, de levar adiante meu trabalho na rua Chatham. Por ocasião de meu retorno, a obra de Deus foi imediatamente reavivada e progrediu com grandes resultados, sendo que em todos os cultos várias pessoas eram levadas à conversão.

Continuei atuando na rua Chatham. A igreja crescia e estendia sua influência e suas atividades em todas as direções, até ser concluído o Tabernáculo. A planta interior do edifício foi desenhada por mim. Eu havia observado as deficiências na acústica de outros templos e estava convicto de poder apresentar a planta de uma igreja em que se pudesse falar facilmente a uma platéia muito maior que a de qualquer recinto em que eu já tivesse estado. Consultei um arquiteto e apresentei-lhe minha planta. No entanto, este fez objeções ao projeto. Construir uma igreja com a parte interna descrita na planta por mim apresentada não resultaria numa boa aparência e poderia prejudicar sua reputação. Insisti, porém, na idéia e disse-lhe que, se ele não quisesse construir o templo seguindo aquela planta, então não era o homem certo para supervisionar a construção. Por fim, o templo foi construído conforme eu queria e ficou sendo o lugar mais amplo e confortável para pregar que eu já vira com aquelas dimensões.

Relacionado a isso, devo relatar a origem do jornal ***New York Evangelist.*** Antes de eu ir pela primeira vez à cidade de Nova York, o jornal ***New York Observer,*** dirigido pelo sr. Morse, já se havia empenhado na polêmica que o sr. Nettleton levantou contra os avivamentos na região central do estado de Nova York. O jornal apoiava as ações do sr. Nettleton e recusava publicar qualquer coisa escrita contra ele. Tudo que fosse escrito pelo sr. Nettleton ou por seus amigos, o sr. Morse publicava no ***New York Observer***; mas, se algum de meus amigos ou alguém que apoiasse os avivamentos escrevesse uma resposta, não havia nenhuma chance de publicação. Assim, os defensores dos avivamentos não tinham o apoio de nenhum periódico no qual pudessem apresentar seus pontos de vista e corrigir mal-entendidos.

O juiz Jonas Platt, da Suprema Corte, morava em Nova York e era meu amigo. Seu filho e sua filha haviam-se convertido a Cristo no avivamento de Utica. Esforços consideráveis eram empreendidos pelos defensores dos avivamentos a fim de manifestar seus pontos de vista no debate. Mas tudo em vão: o ***New York Observer*** não publicava nada a não ser matéria favorável ao outro lado. Certo dia, o juiz Platt encontrou, colada na capa interna de um de seus antigos livros de Direito, uma carta escrita por um dos pastores de Nova York contra o trabalho de Whitefield, na ocasião em que este se encontrava nos Estados Unidos. Ele ficou impressionado ao ver que o conteúdo da carta assemelhava-se em muito às acusações do sr. Nettleton. Enviou-a ao ***New York Observer,*** pedindo que fosse publicada como curiosidade, pois, fora escrita quase cem anos antes. O sr. Morse, porém, recusou publicá-la, porque, como dizia, os leitores fariam um paralelo com as acusações do sr. Nettleton.

Depois de esperar certo tempo, alguns dos que apoiavam os avivamentos em Nova York reuniram-se e conversaram sobre a possibilidade de ser lançado um novo jornal que tratasse com eqüidade as questões levantadas pelo ***New York Observer.*** Decidiram publicar o jornal. Colaborei com a primeira publicação, na qual eu convidava os ministros e leigos a considerar e debater várias questões teológicas, bem como assuntos relacionados com os melhores meios de promover avivamentos espirituais.

O primeiro editor desse jornal foi o sr. Saxton, jovem que havia trabalhado um bom tempo com o sr. Nettleton, mas que desaprovava as medidas que este tomara em relação aos "Avivamentos do Oeste", conforme os chamava. Esse jovem ocupou o cargo de editor durante cerca de um ano e apresentou com muita competência as questões levantadas no debate. No curso de muitos anos, talvez o jornal tenha mudado de editor duas ou três vezes e, finalmente, o rev. Joshua Leavitt foi convidado a ocupar a cadeira editorial e aceitou o convite. O jornal logo alcançou ampla circulação e revelou-se um instrumento por meio do qual os defensores dos avivamentos podiam expressar suas idéias.

Já fiz menção da construção do Tabernáculo e da comoção que envolveu a cidade de Nova York na questão da escravatura. Quando o edifício estava recebendo os retoques finais, foi publicada uma matéria que dizia ser aquele templo "a igreja da amalgamação", porque nela brancos e negros sentariam-se juntos, de maneira promíscua. Na época, os ânimos em Nova York estavam tão exaltados que alguém ateou fogo à construção.

Os bombeiros recusaram apagar o incêndio, permitindo que as chamas consumissem o interior e o telhado. Apesar disso, os homens que financiavam a obra deram prosseguimento a seus planos e a concluíram.

À medida que aumentavam os tumultos diante dos movimentos contra e a favor da escravatura, o irmão Leavitt abraçava com interesse a causa dos escravos e a defendia no ***New York Evangelist.*** Passei a observar os debates com bastante atenção e ansiedade. Mas, foi nesse período que minha saúde ficou abalada, de modo que, como já relatei, fui obrigado a fazer uma viagem marítima. Quando me despedi, admoestei o irmão Leavitt a tomar cuidado para não se envolver nos debates anti-escravatura, a fim de não prejudicar o jornal.

Retornei de viagem cerca de seis meses depois, mas não apresentava grandes melhoras em minha saúde. Durante a viagem de volta, senti-me milito preocupado com a questão dos avivamentos. Receava que entrassem em declínio no país inteiro. Temia que a oposição levantada contra eles entristecesse o Espírito Santo. Minha saúde estava muito prejudicada e eu não conhecia nenhum evangelista que pudesse assumir o campo e ajudar os pastores naquela obra. Achava que minha aflição jamais iria acabar. Minha alma estava em agonia total. Passei quase um dia inteiro orando em meu camarote ou caminhando pelo convés. Contorcia as mãos e quase mordia a língua, por causa do sofrimento que a situação me causava. Realmente, sentia-me esmagado pelo fardo que pesava sobre minha alma. Não havia ninguém a bordo com quem eu pudesse abrir o coração e contar o que estava sentindo.

Era o espírito de oração que repousava sobre mim. Já tivera experiências daquele tipo muitas vezes, mas talvez nunca em tal grau e nem durante tanto tempo. Roguei ao Senhor que continuasse sua obra e convocasse os instrumentos necessários à sua realização. Era um dos prolongados dias de verão do início de julho. Depois daquele dia de lutas e agonia indizíveis, foi exatamente ao anoitecer que a questão pareceu desanuviar-se em minha mente. O Espírito levou-me a acreditar que tudo daria bem e que eu ainda tinha um trabalho a fazer. Eu podia confiar, pois o Senhor continuaria sua obra e me daria forças para nela desempenhar qualquer papel que ele quisesse. No entanto, eu não tinha a mínima idéia do caminho que a Providencia tomaria.

Quando cheguei a Nova York, descobri, conforme já disse, que uma intensa e tumultuada comoção tomava conta da cidade por causa da questão da escravatura. Fiquei apenas um ou dois dias em Nova York e fui para interior, onde minha família estava passando o verão. Quando retornei a Nova York, no outono, o irmão Leavitt procurou-me e disse: "Irmão Finney arruinei o ***Evangelist!*** Não fui prudente como o irmão me aconselhou e ultrapassei tanto a compreensão e os sentimentos públicos a respeito do assunto que o número de assinantes do jornal está reduzindo rapidamente. Não poderemos continuar a publicá-lo depois do dia 1.° de Janeiro, a não ser que o irmão faça algo para restaurá-lo diante do público".

Informei-lhe que minha saúde estava abalada e que não sabia que providências tomar, mas faria daquilo assunto de minhas orações. Ele me sugeriu que, se eu escrevesse uma série de artigos a respeito dos avivamentos, o jornal com certeza recuperaria a popularidade. Depois de passar uns dois dias considerando o assunto, coloquei diante dele a seguinte proposta: eu faria uma série de preleções em nossa congregação a respeito de avivamentos e ele as transformaria em matérias do jornal. O irmão Leavitt aprovou imediatamente a idéia: "É disso que preciso!". Na edição seguinte, fez propaganda das preleções. Isso surtiu o efeito que ele desejava e, pouco depois, contou-me que a lista de assinantes estava aumentando muito rapidamente e, abrindo ao máximo seus braços compridos, exclamou: "A cada dia, são tantas as novas assinaturas que os jornais ocupariam todo este espaço para que eu pudesse fornecer a cada pessoa um único exemplar!". Antes, a média fora reduzindo 60 assinaturas por dia. Mas, agora, a velocidade com que aumentavam era maior que a da redução.

Comecei de imediato a série de preleções e preguei durante todo o inverno, uma vez por semana. O irmão Leavitt não era taquígrafo, mas anotava tudo que eu dizia, abreviando as palavras de modo a entender o que anotara. No dia seguinte, sentava-se e reescrevia as anotações e enviava o texto para o prelo. Eu não via as matérias até serem publicadas no jornal. Eu não escrevia as preleções, eram feitas totalmente de improviso. Mas, não escolhia o assunto da mensagem seguinte sem ter lido a última matéria publicada. Lendo o texto do irmão Leavitt, tornava-se claro para mim o assunto que, pela ordem natural, devia ser considerado a seguir. Os textos apresentavam em resumo o conteúdo das preleções, cuja duração média era de uma hora e 45 minutos. Mas o que o irmão Leavitt colocava no papel podia ser lido em trinta minutos.

Mais tarde, as preleções foram publicadas em forma de livro com o título ***Finney's Lectures on Revivals*** [Leituras de Finney sobre Avivamentos]. Doze mil exemplares foram vendidos tão rapidamente quanto podiam ser impressos. E, agora, para a glória de Cristo, quero registrar que essas preleções foram

reimpressas em Inglaterra e em França. Foram traduzidas para o galês e, na Europa continental, para o francês e, acredito, para o alemão. Circularam por toda a Europa e pelas colônias da Grã-Bretanha. Suponho que possam ser achadas em todos os lugares de língua inglesa e francesa. Depois de serem impressas em galês, os ministros congregacionais do País de Gales, em uma nas convenções, nomearam um comitê para informar-me do grande avivamento que resultara da tradução daquelas preleções para o idioma deles. O relatório veio por carta. Certo editor, em Londres, informou-me que o pai publicara 80 mil volumes. Acredito que tenham servido de padrão de impressão na Inglaterra e na Europa continental.

Não sei para quantos idiomas foram traduzidas aquelas preleções. Considero tudo isso resposta à oração no barco. Minhas preleções sobre avivamentos, mesmo escritas de forma abreviada e por fracas que tenham sido em si mesmas, foram usadas por Deus para a promoção de avivamentos na Inglaterra, na Escócia, em vários lugares da Europa continental, no Oeste e no Leste do Canadá, na Nova Escócia, em algumas das ilhas — na realidade, em todas as colônias britânicas.

Quando visitei a Inglaterra e a Escócia, tive o prazer de encontrar-me com um grande número de ministros e leigos que se haviam convertido, direta ou indiretamente, por meio de minhas preleções sobre avivamento. Lembro-me de que, da última vez em que estive ali, certa noite, depois de meu sermão, três ministros de grande destaque apresentaram-se a mim e declararam que, quando eram estudantes, conseguiram adquirir exemplares daquelas preleções e que a leitura delas havia resultado em sua vocação ministerial. Conheci pessoas de todas as denominações na Inglaterra que não somente haviam lido minhas preleções, como também tinham sido grandemente abençoadas por sua leitura.

Quando foram publicadas pela primeira vez no ***New York Evangelist,*** a leitura delas resultou em avivamentos em inúmeros lugares dos Estados Unidos. Pode ser que, ao relatar estes fatos, eu esteja dando a impressão de ser presunçoso. Mas, o leitor deve lembrar-se de minha agonia em alto mar, do longo dia de viagem vivido em oração, rogando a Deus que fizesse algo a favor do avivamento e me capacitasse, se fosse seu desejo, para ajudar ainda naquela obra. Foi então que tive a certeza de que minhas orações seriam atendidas e, a partir de então, tenho considerado tudo isso como a resposta à oração daquele dia — inclusive os resultados da pregação e da publicação daquelas preleções a favor da Sião de Deus.

Essa tem sido minha experiência, quando passo um dia ou um período de tempo em agonia de alma por algum objetivo e quando persigo meu alvo e continuo a defender minhas intenções, até sentir que minha alma alcançou repouso. Em resposta às minhas orações, Deus não somente me deu tudo que lhe pedi: concedeu-me muitíssimo mais do que eu tinha consciência de estar pedindo. Deus continua atendendo às orações que fiz naquele dia, a bordo do navio, há mais de trinta anos.

Ninguém senão eu mesmo pode dar o devido valor à maneira maravilhosa como Deus atendeu àquelas agonizantes pontadas em minha alma. Realmente, tratava-se de Deus, o Espírito Santo, intercedendo dentro de mim. A oração não era propriamente minha, era do Espírito. Não advinha, absolutamente, de nenhuma justiça ou merecimento próprio. O espírito de oração veio sobre mim como graça soberana, que me foi outorgada sem o mínimo mérito meu e a despeito de minha pecaminosidade. Ele pressionou minha alma à oração, até eu ser capacitado a prevalecer e, mediante as riquezas infinitas da graça de Cristo Jesus, já passei muitos anos testemunhando os resultados maravilhosos daquele dia em que pude contender com Deus em oração. Como resposta àquela agonia, que durou um dia inteiro, ele tem continuado a conceder-me o espírito de oração.

Pouco depois de voltar a Nova York, comecei a empenhar-me no trabalho do Tabernáculo. O Espírito do Senhor foi derramado sobre nós e, enquanto fui pastor daquela igreja, experimentamos ali um precioso e contínuo avivamento. No período que passei em Nova York, muitos jovens me procuraram, pedindo que eu lhes desse algumas aulas e lhes transmitisse meus conceitos teológicos. Mas, eu estava demasiadamente sobrecarregado de responsabilidades para me poder dedicar a mais essa tarefa. Mesmo assim, os irmãos que haviam construído o Tabernáculo, já tinham um plano semelhante. Por isso, nos retoques finais da obra, prepararam uma sala localizada abaixo do lugar da orquestra. A sala seria usada para reuniões de oração, mas especialmente como sala de preleções teológicas. O número de interessados era tão grande que resolvi oferecer um curso teológico anual, usando aquela sala e permitindo que os estudantes o freqüentassem gratuitamente.

Antes de eu começar as preleções em Nova York, porém, o Seminário Lane suspendeu suas atividades. Os pormenores desse fato são demasiadamente conhecidos para serem narrados aqui. Quando isso aconteceu, o irmão Arthur Tappan propôs que eu fosse para algum lugar do Oeste por um período suficiente para introduzir no ministério os jovens que haviam saído do seminário. Fez-me a seguinte proposta: se eu fosse

para o Oeste e alugasse cômodos onde pudesse fazer minhas palestras e transmitir àqueles jovens meus conceitos teológicos, preparando-os para o ministério naquela região, ele pagaria todos os custos do empreendimento. Estava sendo muito sincero nesse pedido. Mas eu não via como sair de Nova York nem como atender ao pedido do sr. Tappan, embora simpatizasse grandemente com a idéia de ajudar aqueles jovens. A maioria deles, talvez quase todos, haviam-se convertido nos avivamentos dos quais eu participara com maior ou menor envolvimento.

Enquanto essa proposta estava sendo considerada, o rev. J. J. Shiphenl e o rev. Asa Mahan, de Cincinnati, chegaram a Nova York com o propósito de convencer-me a lecionar teologia em Oberlin. O irmão Mahan fora um dos membros da junta do seminário teológico que suspendera as atividades perto de Cincinnati. O irmão Shipherd organizara uma filial, sendo que alguns dos membros da junta já moravam em Oberlin. Obtivera licença para criar um universidade, mas, na ocasião, a razão social da instituição era ser Instituto para Oberlin. O irmão Mahan nunca estivera naquela cidade. As árvores haviam sido removidas da praça, algumas cabanas de toras tinham sido levantadas, as quais, na estação anterior, abrigaram uns poucos alunos e já funcionava ali o departamento preparatório ou acadêmico da instituição.

A proposta colocada diante de mim era que eu assumisse a tarefa de ensinar teologia aos alunos que haviam deixado o Seminário Lane. Eles se propuseram a vir buscar-me, caso eu aceitasse o convite. Essa proposta satisfazia, também, os desejos dos irmãos Arthur e Lewis Tappan e o anseio de muitos amigos dos escravos que simpatizavam com o desejo do sr. Tappan que aqueles jovens recebessem instrução teológica e fossem introduzidos no ministério tão logo quanto possível. Recebemos várias consultas a respeito do assunto. Os irmãos em Nova York ofereceram-se, caso eu concordaram em passar metade do ano em Oberlin, para instituir de imediato um financeiro a fim de sustentar os docentes.

Pelo que entendi, os membros da junta do Seminário Lane haviam agido à revelia do corpo docente e, na ausência de vários professores, aprovaram a resolução que provocara a saída dos alunos. Respondi, portanto, ao irmão Shipherd, por ser ele quem trataria do assunto, que não iria em hipótese alguma, a não ser que os membros da junta do seminário concordassem com duas proposições colocadas por mim. Uma delas era que os membros da junta jamais interferissem nos regulamentos internos da escola: teriam de deixar o assunto inteiramente a critério do corpo docente. A outra era que tivéssemos permissão para aceitar alunos negros, da mesma forma que recebíamos os alunos brancos e que não houvesse nenhuma discriminação racial — essa questão também tinha de ser deixada inteiramente por conta do corpo docente.

Quando minhas condições foram transmitidas a Oberlin, os membros da junta do seminário foram convocados e, para eles, foi uma grande luta vencer os próprios preconceitos — e os da comunidade — e aprovar as resoluções que garantiam a minha ida para sua instituição. Removida essa dificuldade, os amigos em Nova York foram convocados para ver o que poderiam fazer a favor do seminário. Em uma ou duas horas, haviam assumido o compromisso de cobrir o salário de oito docentes — que se supunha ser tudo quanto a instituição precisaria receber durante alguns anos para o sustento dos professores. No entanto, com a grande recessão de 1837, quase todos os que haviam assinado o compromisso foram à falência. Assim, caiu por terra todo o nosso fundo de sustento.

Depois de levantadas as assinaturas para o fundo financeiro, senti grande pesar diante da idéia de abrir mão daquele local admirável para a proclamação do evangelho, que ficava superlotado quando eu pregava. Além disso, tive a certeza de que em Oberlin sofreríamos grande oposição, vinda de muitas fontes. Revelei então ao irmão Arthur Tappan minha intranqüilidade. Enfrentaríamos, no país inteiro, forte oposição por causa de nossos princípios anti-escravatura. As verbas com certeza seriam bastante minguadas, insuficientes para levantar os edifícios e adquirir o equipamento e toda a mobília para implantação de um curso superior. Precisávamos, também, de uma biblioteca e de outras instalações e, por enquanto, não tínhamos nada. Além disso, eramos chamados de Escola Nova da Teologia. Éramos homens de avivamentos e defendiamos a aplicação de métodos desconhecidos sempre que possível. Por isso, diante de mim o caminho não parecia desimpedido para levar adiante aquele compromisso, a não ser que algo fosse feito para nos garantir a verba indispensável.

O coração do irmão Arthur Tappan era tão grande quanto Nova York inteira, posso até mesmo dizer tão grande quanto o globo terrestre. Era homem de pequena estatura, mas, tinha um coração imenso. Quando coloquei o caso diante dele, nos termos que utilizei aqui, ele respondeu:

— Irmão Finney, só o irmão saberá disto: meu salário anual atualmente está na média de 100 mil dólares. Ora, se o irmão quiser ir para Oberlin e assumir aquela obra, supervisionar a construção dos edifícios, criar uma biblioteca e providenciar todas as outras coisas que forem necessárias, eu me comprometo a entregar-

lhe toda a minha renda, descontadas as despesas necessárias ao sustento de minha família, até que o irmão não tenha mais dívidas.

Tendo total confiança no irmão Tappan, respondi: — Isso me basta. Nesse caso, todas as dificuldades estão fora do caminho. Mesmo assim, encontrei grande dificuldade em deixar minha igreja em Nova York. Nunca imaginara que minhas atividades em Oberlin fossem interferir na obra de avivamento e na pregação que ali realizava. Eu e minha igreja, portanto, fizemos um acordo: eu passaria o inverno em Nova York e o verão em Oberlin. A igreja pagaria as despesas de viagem. Eu chegaria a Oberlin em Abril e voltaria para Nova York em Novembro, todos os anos.

Mediante esse acordo, cheguei a Oberlin em Maio, levando comigo minha família.

CAPÍTULO XXIV

O INÍCIO DO TRABALHO EM OBERLIN

Os alunos do Seminário Lane vieram para Oberlin e os membros da junta do seminário armaram barracas para se alojarem. Quando foi anunciado que o seminário restabeleceria as suas atividades, os alunos acorreram, vindo de todas as direções. Depois de ser combinada minha vinda para Oberlin, os irmãos escreveram-me pedindo que eu levasse uma tenda de tamanho grande para abrigar reuniões de avivamento, visto não haver na cidade nenhum salão suficientemente espaçoso para abrigar a congregação. Repassei o pedido a alguns dos irmãos e eles falaram que eu poderia mandar fabricar a tenda, pois pagariam a despesa. Assim, encomendei-a e os amigos entregaram-me o dinheiro para pagá-la. No entanto, os irmãos de Oberlin ficaram receosos. Temiam que a tenda se tornasse uma cilada, pois seríamos forçados a sair por toda a região para pregar. Isso significava abandonar nossa obra principal para que pudéssemos realizar os trabalhos evangelísticos nas cidades e condados ao nosso redor.

Enviaram-me, então, uma carta na qual declaravam que era melhor eu abandonar a idéia de conseguir a tenda. Informei os irmãos de quem eu recebera o dinheiro para a compra da tenda sobre aquela decisão e perguntei-lhes o que fazer com ele. Disseram-me que não o aceitariam de volta. Aconselharam-me a doá-lo ao fundo financeiro da faculdade ou a outra empreendimento beneficente — não lembro qual. De qualquer forma, apliquei o dinheiro conforme o desejo daqueles irmãos e não pensei mais sobre o assunto. Pouco tempo antes da data marcada para minha viagem a Oberlin chegou outro pedido dos irmãos dessa cidade, declarando que não seria possível ficar sem a tenda e que, por isso, desejavam que eu conseguisse uma. Senti-me humilhado, mas, sabedor de que o coração e o bolso dos meus amigos em Nova York estavam inteiramente abertos e que eles haviam assumido o compromisso de levar adiante aquele empreendimento, informei-os a respeito desse último pedido. Sem a mínima hesitação, responderam: "Mande fazer a tenda e nós lhe daremos o dinheiro".

Fiz então nova encomenda: uma tenda circular com 30 metros de diâmetro, acompanhada de todas as peças necessárias para ser armada. No topo do mastro central que sustentava a tenda, havia uma flâmula onde estava escrito em grandes letras: "Santidade ao Senhor". Essa tenda foi-nos de grande utilidade. Quando o tempo permitia, nós a armávamos na praça pública todos os domingos e nela celebrávamos os cultos públicos. Realizamos ali vários cultos de formatura. Era usada para reuniões evangelísticas, mas nunca a ponto de interferir nos trabalhos do seminário.

Já mencionei a promessa do irmão Arthur Tappan, de fornecer-nos os recursos necessários, dentro do que era possível com a sua renda até que tivéssemos vencido as nossas deficiências financeiras. O entendimento entre mim e o irmão Tappan era particular — uma promessa que me fora feita pessoalmente, com a condição de que eu fosse para Oberlin. Ele disse-me: "Quero que sua instituição seja bem conhecida; que os membros da junta enviem representantes por todo o interior e cidades, divulgando os objetivos e as necessidades da instituição; que levantem tanto dinheiro quanto puderem e tornem conhecido seu empreendimento por meio desse trabalho, até onde puderem. Não quero que vocês levantem a bandeira abolicionista, mas levem adiante o propósito de receber alunos negros assim como recebem brancos. E tomem cuidado para que a obra não seja tirada das mãos do corpo docente e destruída pelos membros da junta, como aconteceu em Cincinnati. Basta que divulguem estar aceitando esses alunos e prossigam com o trabalho da melhor maneira possível. Sigam adiante e levantem os edifícios tão rapidamente quanto

puderem. Seja qual for a deficiência de verba, depois de envidados todos os esforços, podem sacar o dinheiro de minha conta e eu cobrirei os saques até o limite de minha renda anual".

Cheguei a Oberlin com isso em mente. Mas havia ficado entendido entre mim e o irmão Tappan que a promessa dele não deveria chegar ao conhecimento dos membros da junta, para que não deixassem de se esforçar não só para coletar fundos, mas, também, para tornar conhecidas as necessidades e objetivos da instituição pela região inteira. De conformidade com esse entendimento, a obra foi levada adiante tão rapidamente quanto possível, levando-se em conta as nossas condições, pois o local ficava no coração de uma grande floresta, num buraco lamacento. Era ali que vivíamos. A localização da instituição era definitivamente inadequada. A escolha do terreno fora feita com precipitação. E, não fosse a boa mão divina que nos ajudava a cada passo, o projeto teria sido um fracasso. Tivemos uma despesa de vários milhares de dólares apenas para vencer os obstáculos naturais à construção do seminário.

Mal havíamos colocado a obra em andamento, começando a levantar os prédios e assumindo despesas de grande vulto, quando o desastre financeiro derrubou o irmão Tappan e quase todos os irmãos que haviam assinado o compromisso de levantar fundos para o sustento do corpo docente. A recessão afetou o país inteiro e destruiu economicamente a grande massa dos homens ricos, deixando-nos não somente sem condições de sustentar o corpo docente mas, também, com 50 mil dólares de dívidas, sem nenhuma perspectiva de obter fundos da parte dos amigos no país. O irmão Tappan escreveu-me, reconhecendo expressamente a promessa que me fizera e expressando sua mais profunda tristeza por estar aniquilado e totalmente incapacitado de cumprir com seu compromisso. Nossas necessidades eram muito grandes e, do ponto de vista humano, parecia que o empreendimento seria um fracasso.

No tocante à política, o estado democrático opunha-se totalmente ao nosso empreendimento por causa de seu caráter abolicionista. As cidades ao redor mostravam-se tão hostis ao nosso movimento que chegaram a ameaçar deitar a abaixo os prédios que já havíamos erguido. Enquanto isso, certa legislatura estava-se esforçando para encontrar na obra algum aspecto que justificasse o cancelamento do alvará. Nessa situação, é lógico que todos nos clamávamos muito a Deus.

O livro com minhas preleções havia circulado amplamente em Inglaterra e tínhamos consciência de que o público britânico simpatizaria calorosamente conosco se viesse a conhecer os nossos objetivos, nossas perspectivas e nossa situação. Por isso, preparamos uma representação composta pelo sr. John Keep e pelo sr. Wm. Dawes. Conseguimos cartas de recomendação para eles, bem como o aval de alguns dos homens mais importantes dos Estados Unidos para nosso empreendimento. Eles foram, então, para Inglaterra e apresentaram nossos objetivos e necessidades ao povo britânico. O apoio foi atendido com generosidade e recebemos 10 mil libras esterlinas. Assim, a nossa dívida foi quase totalmente paga.

Nossos amigos abolicionistas, que apoiavam os avivamentos, estavam espalhados por todos os estados do Norte e ajudaram-nos com generosidade, dentro de suas possibilidades. Tivemos, porém, de lutar contra a escassez de recursos e passamos muitas provações durante vários anos. Às vezes, de um dia para o outro, não sabíamos como seríamos sustentados. Minha situação, em especial, era essa. Falhara o fundo financeiro e não havia como sustentar o corpo docente. Mas, com a bênção de Deus, demos conta da melhor maneira possível. Certa ocasião, encontrei-me sem meios de sustentar minha família no decurso do inverno. Estávamos tão pobres que fui obrigado a vender a mala que usava em minhas viagens evangelísticas, a fim de substituir uma vaca que eu havia perdido. Um dia de Ação de Graças fora decretado pelo governante do estado; levantei-me na manhã desse dia e apresentei ao Senhor as nossas necessidades. Terminei, dizendo que, se a ajuda não viesse, eu tomaria por certo que aquilo era o melhor para nós e procuraria sentir-me inteiramente satisfeito com o que o Senhor desejava para mim.

Subi ao púlpito para pregar e penso que, durante o sermão, senti muita alegria. Foi um momento de bênçãos para minha alma. Percebi que o auditório havia gostado muitíssimo da mensagem. Encerrado o culto, ocupei-me por algum tempo em conversas com os irmãos, enquanto minha mulher voltava para casa. Quando cheguei em casa, ela estava na porta com uma carta aberta na mão. Quando me aproximei, ela disse-me, sorrindo: "A resposta chegou, querido!". E passou-me a carta que continha um cheque do irmão Josiah Chapin, de Providence, num montante de 200 dólares! Ele estivera ali no verão anterior com a mulher. Eu não dissera uma única palavra a respeito de nossas necessidades. Nunca tive o hábito de mencionar nossas dificuldades a quem quer que fosse. Na carta que acompanhava o cheque, porém, o irmão Chapin dizia que ficara sabendo que o fundo financeiro falhara e que eu precisava de ajuda. Dava a entender que eu poderia esperar mais ofertas, de tempos em tempos. Ele passou a enviar-me 600 dólares por ano, durante anos. E com essa soma consegui sustentar-me.

Eu devia ter dito que, pelo acordo feito em Nova York, eu passava os verões em Oberlin e os invernos em Nova York, isso durante dois ou três anos. Um avivamento abençoado acontecia sempre que eu voltava a pregar ali. Em Oberlin, experimentávamos um avivamento ininterrupto. Nenhum dos alunos ficava sem se converter. Minha saúde, porém, ficou tão enfraquecida que me vi obrigado a deixar um dos dois campos de trabalho e os interesses da instituição pareciam impedir totalmente que eu deixasse a obra em Oberlin. Por isso, demiti-me da igreja de Nova York e, os seis meses que seriam passados em Nova York, passei-os no estrangeiro, levando para lá o avivamento.

As preleções sobre avivamento foram feitas enquanto eu ainda era pastor da Igreja Presbiteriana na "Capela da Rua Chatham". Nos dois invernos seguintes, minhas palestras visavam os crentes do Tabernáculo na Broadway e estas foram anotadas pelo irmão Leavitt e publicadas no *New York Evangelist.* Foram impressas depois em um só volume, neste país e na Europa. Esses sermões, dirigidos aos crentes, eram decididamente o resultado de cuidadosa busca interior. Com isso, quero dizer que o Espírito de Deus mostrou-me muitas coisas no tocante à santificação e, assim, fui levado a pregar aquelas mensagens. Muitos consideravam tais preleções mais uma exposição da Lei que do Evangelho. Mas, eu não as considerava assim e ainda não as considero. Para mim, a Lei e o Evangelho têm uma única e mesma regra para a vida e cada violação do espírito da Lei é, também, uma violação do espírito do Evangelho. Há muito tempo me convenci de que as experiências cristãs mais sublimes são o resultado de um profundo processo de aplicação da lei de Deus à consciência humana.

O resultado do meu trabalho até então mostrou-me com maior clareza a grande debilidade dos crentes. Os membros mais antigos da igreja, de modo geral, faziam muito pouco progresso na graça. Descobri que eles recuavam do estado de avivamento muito mais rapidamente que os recém-convertidos. Fora assim no avivamento em que eu mesmo me convertera. Notava que os crentes antigos voltavam com muito mais rapidez ao estado de apatia. Percebi claramente que isso devia-se aos ensinos que lhes foram ministrados no início da fé. Eu também fora levado a um estado de grande insatisfação com minha falta de estabilidade na fé e no amor. Para ser sincero, preciso dizer, para o louvor da graça divina, que Deus não me deixou cair em apostasia como aconteceu com muitos crentes. Mesmo assim, sentia-me fraco quando enfrentava alguma tentação e, muitas vezes, tive de passar dias em jejum e oração e dedicar muito tempo à manutenção de minha vida espiritual. Assim, pude manter a comunhão com Deus e o vínculo com o poder que me capacitava a trabalhar com eficiência nos avivamentos.

Ao examinar o estado espiritual das igrejas, que hoje me é revelado em minhas atividades reavivalistas, fui levado a informar-me se não havia algo mais sublime e durável que aquilo de que o povo cristão tinha consciência, se não existiam promessas e meios de elevar os crentes a um nível mais sublime na vida cristã. Tomei conhecimento das idéias de nossos irmãos metodistas sobre a santificação. Considerando, porém, o estreito relacionamento que lhe atribuem com a emoção, não pude aceitar seus ensinos. No entanto, dediquei-me a estudar com sinceridade as Escrituras e a ler tudo que caía em minhas mãos a respeito do assunto, até ter certeza de que era possível alcançar um nível mais sublime e estável na vida cristã e que esse era um privilégio de todos os cristãos.

Assim, fui levado a pregar no Tabernáculo dois sermões sobre a perfeição cristã, que agora fazem parte do referido livro de preleções. Neles, defini a perfeição cristã, esforçando-me para demonstrar que essa perfeição é alcançável nesta vida e em que sentido ela pode ser alcançada. Já mencionei que esses sermões foram publicados no ***New York Evangelist.*** Pelo que sei, eles não chocaram a igreja. Seus conceitos, em momento algum, foram considerados heréticos. Só bem depois de mudar-me para Oberlin vim a saber de alguma contestação. Mas, nesse tempo, a questão da perfeição cristã, no sentido antinomiano do termo, passou a ser bastante debatida em New Haven, em Albany e em parte da cidade de Nova York. Examinei os conceitos emitidos e li atentamente o jornal ***The Perfectionist***; porém, aquelas opiniões não me eram aceitáveis. No entanto, eu estava convicto de que a doutrina da santificação nesta vida — a inteira santificação — no sentido de ser privilégio dos cristãos viver sem pecado consciente, era ensinada na Bíblia e que inúmeros meios haviam sido providenciados para que alcançassem essa condição.

No último inverno que passei em Nova York, o Senhor agradou-se de visitar minha alma com grande refrigério. Depois de um período de grande busca, levou-me a um lugar espaçoso, como tem feito freqüentemente e envolveu minha alma com uma boa dose daquela doçura divina à qual se refere o presidente Edwards. Naquele inverno, passei por um quebrantamento total, tanto que, por um tempo considerável, não podia refrear o choro em voz alta diante de meus pecados e do amor de Deus em Cristo. Semelhantes períodos foram freqüentes naquele inverno e resultaram na renovação das minhas forças

espirituais e na ampliação de meus conceitos quanto aos privilégios do crente e à abundância da graça de Deus. É bem sabido que as minhas opiniões a respeito da santificação têm sido motivo de bastante crítica.

A fidelidade à história obriga-me a dizer algumas coisas que, em outras circunstâncias, teria deixado passar em silêncio. A Faculdade de Oberlin foi estabelecida pelo sr. Shipherd, contrariando fortemente os sentimentos e desejos dos envolvidos na construção da Faculdade de Hudson. O sr. Shipherd informou-me, certa vez, que o irmão Coe, na época o representante principal dessa universidade, asseverou-lhe que faria o possível para encerrar a nossa faculdade. Logo que os membros da junta de Hudson ficaram sabendo que eu recebera um chamado para ser professor de teologia em Oberlin, selecionaram-me, também, para lecionar a mesma disciplina em sua universidade, de modo que recebi os dois convites ao mesmo tempo. Não assumi compromisso por escrito com nenhuma das duas faculdades, mas examinei a situação a fim de decidir o caminho do dever.

Naquela primavera, a assembléia geral anual da Igreja Presbiteriana foi realizada no mês de Maio, em Pittsburgh. Quando cheguei a Cleveland, fui informado de que dois professores de Hudson estavam aguardando minha chegada com o propósito de me persuadir, no mínimo, a ir primeiramente a Hudson. Eu, no entanto, atrasara-me na viagem pelo lago, por causa dos ventos contrários e as pessoas que estavam à minha espera haviam partido para participar da assembléia, deixando um irmão encarregado de me procurar imediatamente após minha chegada e tentar convencer-me a ir a Hudson.

Em Cleveland, porém, aguardava-me uma carta de Nova York da parte do irmão Arthur Tappan. De alguma forma, ele ficara sabendo que esforços consideráveis estavam sendo feitos para levar-me a Hudson, em vez de Oberlin. Hudson estava com os prédios e instalações prontos e já era uma faculdade bem estabelecida. Tinha, também, reputação e influência. Já em Oberlin não havia nada. A cidade não tinha edifícios e era composta de uma pequena colônia estabelecida no meio da floresta. Estavam começando a construir casas de moradia e a abrir uma clareira na imensa floresta a fim de obter um espaço para montar a faculdade. Tinham, sem dúvida, a escritura de concessão e alguns alunos moravam no local. Comparado com Hudson, porém, tudo isso era nada.

A carta escrita pelo irmão Tappan tinha como propósito desfazer a idéia de que eu conseguiria em Hudson os meios para realizar o que pretendíamos em Oberlin. Deixei minha família em Cleveland, aluguei uma charrete com um cavalo e fui para Oberlin, sem ir a Hudson. Quando passei por Elyria, achei ali uns velhos conhecidos dos tempos em que estávamos na região central do estado de Nova York. Eles informaram-me que os membros da junta da Faculdade de Hudson pensavam que, se me levassem para Hudson, teriam chance de derrotar Oberlin. E em Hudson havia poderosa influência da Escola Antiga, capaz de obrigar-me a acomodar-me às opiniões e métodos deles. Essas coisas eles ficaram sabendo por um representante de Hudson que estivera em Elyria, o que estava plenamente de acordo com as informações que eu recebera do irmão Tappan.

Fui para Oberlin e vi que nada existia que impedisse a edificação de uma faculdade segundo os princípios que determinavam o sucesso de um colégio no Oeste e, também, no que dizia respeito aos princípios reformistas que eu sabia serem preciosos para as pessoas envolvidas naquele empreendimento. Os irmãos que já moravam no terreno eram totalmente a favor de que fosse levantada uma escola segundo os princípios radicais da reforma. Por isso, escrevi aos curadores de Hudson e recusei, com agradecimentos, o convite que me fora feito por eles. Passei, então, a residir em Oberlin. Nada tinha para falar contra Hudson e nada sabia contra aquela instituição. No entanto, parecia que a política do irmão Coe era rebaixar a Faculdade de Oberlin ou mantê-la em condição de declínio.

Em pouco tempo, ouvia-se o clamor contra o perfeccionismo antinomiano — e essa acusação foi levantada contra nós. Cartas foram escritas, grupos eclesiásticos foram visitados e muitos esforços foram empreendidos para mostrar que os nossos conceitos eram heréticos. Foram ditos diante de agremiações eclesiásticas e em todas as partes do país, tamanhos disparates contra a influência da teologia de Oberlin que muitas dessas entidades aprovaram resoluções contra nossa escola. Parecia que o ministério em peso havia-se unido contra nós. Sabíamos muito bem quem dera início à confusão e por que meios ela se espalhara. Nada dissemos, porém. Mantivemos silêncio sobre o assunto e não sustentamos nenhuma controvérsia contra aqueles irmãos que se esforçavam tanto para despertar aversão contra nós.

Não devo entrar em pormenores, mas, basta dizer que as armas utilizadas para rebaixar-nos voltaram-se contra nossos oponentes, causando grande estrago entre eles e o resultado foi a mudança de quase todos os membros do corpo docente em Hudson. A direção geral da universidade caiu nas mãos de outras pessoas. Praticamente nunca ouvi nada do que está sendo registrado aqui contra Hudson, nem naquela ocasião, nem

em qualquer outra época. Nós mantínhamo-nos ocupados em nossas tarefas e achávamos que a melhor resistência à oposição da parte de Hudson seria manter silêncio — e não nos enganamos. Tínhamos a confiança de que não estava nos planos de Deus deixar que semelhante oposição nos destruísse. Quero deixar claro que não tenho a mínima consciência de que algum dos atuais líderes e diretores daquela faculdade tenha simpatizado com os antigos opositores ou que soubesse das atividades deles.

As pessoas perguntam-me o que despertou tantas reações à questão da santificação e o que levou tanta gente a considerar heréticas minhas opiniões sobre o assunto, justamente após minha vinda para Oberlin, já que eram conhecidas e haviam sido publicadas na cidade de Nova York, no ***New York Evangelist***, antes de surgir o comentário sobre sermos perfeccionistas antinomianos.

Os pastores, de perto e de longe, levaram consideravelmente adiante a oposição que faziam. Na época, foi convocada uma convenção em Cleveland para discutir o assunto da educação e do sustento dos colégios do Oeste. O convite era tão insistente que saímos de Oberlin na certeza de que faríamos parte na convenção. Ao chegar, descobrimos que o dr. Beecher estava dominando o território. Logo descobrimos que estavam arquitetando um plano para excluir da convenção tanto os irmãos de Oberlin quanto os que simpatizavam com o nosso trabalho. Não tive licença para ocupar um assento como membro na convenção. Mesmo assim, assisti a várias sessões antes de voltar para casa.

Lembro-me de ter ouvido um dos ministros, o sr. Lathrop, que havia sido ou era ainda pastor da igreja em Elyria, declarar que considerava as doutrinas e a influência de Oberlin piores que as do catolicismo romano. Suas palavras eram típicas do ponto de vista mantido por aquele grupo. Não me refiro à totalidade dos presentes, de modo algum. Alguns dos alunos que haviam cursado teologia em Oberlin relacionavam-se com as igrejas e com a convenção, razão por que tinham assento naquele conclave. Eles representavam igrejas de várias partes do país e explicavam com muita franqueza os princípios e práticas de Oberlin quando surgiam questionamentos a respeito deles. Segundo parecia, o objetivo da convenção era cercar Oberlin por todos os lados e esmagar-nos mediante um sentimento público que nos recusasse qualquer apoio. Quero que o leitor entenda, porém, que não estou culpando de modo algum os que participaram daquela convenção, senão bem poucos deles. Os outros estavam sendo enganados e agiam com base numa compreensão totalmente errônea dos fatos. O dr. L. Beecher era a mente que liderava a convenção.

Em Oberlin, nossa política era deixar a oposição em paz. Dedicávamo-nos aos nossos deveres e tínhamos sempre tantos alunos quantos conseguíamos acomodar e ensinar. Nossas mãos estavam sempre ocupadas com nossa obra e sentíamo-nos grandemente entusiasmados. Poucos anos depois daquela convenção, um dos ministros de maior destaque ali presentes veio passar uns dias em nossa casa.

Esse ministro, entre outras coisas, declarou: "Irmão Finney, para nós, Oberlin é um grande milagre. Há muitos anos sou professor em uma universidade. Estou bem familiarizado com a vida e os princípios que regem o estabelecimento de uma escola. Falando em universidades, pensávamos que elas não podiam existir sem o apoio do ministério. Sabíamos que os jovens prontos a ingressar numa universidade geralmente consultavam seu pastor na hora de escolher em qual se matricular e, geralmente, seguiam a recomendação de seu líder. Agora, quase todos os pastores tomaram posição contra Oberlin. Foram enganados pela acusação de perfeccionismo antinomiano. E, no que se refere às idéias reformistas que o irmão defende, as associações eclesiásticas — de longe e de perto, congregacionais, presbiterianos e de todas as denominações — uniram-se para advertir as igrejas contra o irmão e desencorajar os jovens a virem para cá. Mesmo assim, o Senhor tem feito com que o trabalho aqui se desenvolva. Vocês são sustentados com fundos financeiros maiores que os recebidos por qualquer outra universidade no país e têm muito mais alunos que qualquer outra universidade do Oeste ou mesmo do Leste. A bênção de Deus está sobre vocês, de modo que seu sucesso é maravilhoso. Ora, essa é uma perfeita anomalia na história das faculdades. Os oponentes de Oberlin estão confusos e Deus tem apoiado e sustentado vocês em toda essa oposição, a ponto de quase não a terem sentido".

Hoje em dia, é difícil alguém dar-se conta da oposição que enfrentamos ao estabelecer a faculdade. A título de ilustração e como caso típico, vou relatar um incidente divertido que ocorreu no período do qual estou falando. Tive ocasião de ir a Akron, no condado de Summit, para pregar num domingo. Fui numa charrete puxada por um cavalo. No caminho, pouco depois de passar a aldeia de Medina, observei na estrada, à minha frente uma senhora que caminhava levando na mão uma trouxa pequena. Ao chegar mais perto, observei tratar-se de uma senhora idosa, bem vestida, a qual andava com certa dificuldade por causa da idade avançada. Cheguei perto dela, parei o meu cavalo e perguntei-lhe qual a distância que teria de percorrer ao longo daquela estrada. Ela deu-me a informação e, então, convidei-a a subir na charrete e

completar a sua viagem. "Oh!", exclamou ela. "Ficaria muito grata por uma carona, pois percebo que a caminhada que fiz foi grande demais". E passou a explicar como havia conseguido fazer aquela caminhada tão grande. Ajudei-a a subir na charrete, voltei a sentar-me, agora do lado dela e toquei o cavalo adiante. Era uma senhora muito inteligente, de conversa desembaraçada e agradável. Depois de percorrermos certa distância, ela perguntou: "Posso perguntar a quem devo o favor desta carona?". Disse-lhe meu nome e ela perguntou de onde eu vinha. Contei-lhe que vinha de Oberlin. Essa informação deixou-a assustada. Fez um leve movimento para se posicionar o mais longe de mim quanto possível e, olhando-me com seriedade, exclamou: "De Oberlin! Ora! Nosso pastor disse que enviar um filho para Oberlin é a mesma coisa que enviá-lo para a penitenciária estadual". Naturalmente, sorri e acalmei os temores daquela senhora, fazendo-a entender que não corria nenhum perigo comigo. Relato isso simplesmente como ilustração do espírito que prevalecia na época em que a faculdade foi estabelecida. Deturpações e mal-entendidos multiplicavam-se por todos os lados e estendiam-se até quase todos os cantos dos Estados Unidos.

No entanto, havia um grande número de leigos e um número significativo de ministros, em várias partes do país, que não apoiavam a oposição. Eles simpatizavam com nossos propósitos, opiniões e esforços e se mantinham-se firmes do nosso lado em todas as circunstâncias. E, conhecendo a difícil situação financeira a que a oposição nos levara, contribuíam liberalmente com dinheiro e com influência, ajudando-nos a progredir. Já citei o irmão Chapin, de Providence, que durante vários anos enviava-me 600 dólares por ano para o sustento de minha família. Sentia ser esse seu dever — manteve a promessa até que as dificuldades financeiras tornaram impossível que ele continuasse a enviar a oferta. Então, o irmão Willard Sears, de Boston, assumiu o compromisso e, durante vários anos, permitiu que eu sacasse de sua conta o mesmo montante que o sr. Chapin nos doara anualmente. Os esforços para sustentar os demais membros do corpo docente eram contínuos, mas, pela graça de Deus, superamos a tempestade. Em poucos anos o pânico foi reduzido em grande medida.

O diretor Mahan, o professor Cowles, o professor Morgan e eu publicávamos artigos sobre santificação. Estabelecemos um periódico — o *Oberlin Evangelist* — e, posreriormente, a revista *The Oberlin Quarterly,* por meio da qual esclarecemos ao público nossas opiniões. Em 1846, publiquei dois volumes sobre teologia sistemática. Nessa obra, considero mais amplamente o assunto da inteira santificação. Depois de publicada, a obra recebeu uma crítica de um comitê do presbitério de Troy, NY. Respondi a essa crítica e não tive conhecimento de nenhuma outra que tivesse partido desse comitê.

O dr. Hodge, de Princeton, publicou no *Biblical Repertory* uma crítica de certo peso contra meus conceitos teológicos. Escreveu do ponto de vista da Escola Antiga. Dei a resposta e não ouvi mais notícias do dr. Hodge. O dr. Duffield, da Igreja Presbiteriana, morava em Detroit e fez uma resenha de minha obra — sob a concepção da Escola Nova, embora suas ideias estivessem bem distantes dessa corrente de pensamento. Mesmo assim, preparei uma resposta e, a partir de então, que me lembre, nunca mais soube de críticas à posição teológica de Oberlin, ou seja, nada que pudesse impugnar nossa ortodoxia. Minhas respostas são publicadas como apêndice da edição em inglês de minha *Teologia sistemática.*

Até aqui, narrei os fatos principais ligados ao estabelecimento de nossa escola e às lutas envolvidas, no que diz respeito à minha participação em tudo isso. Sendo eu o professor de teologia, obviamente, a oposição contra os princípios teológicos esposados em Oberlin visava principalmente a mim, fato que me levou a falar mais livremente que em qualquer outra circunstância. Não quero, porém, ser mal compreendido. Não estou argumentando que os irmãos que se opunham a mim eram maldosos. Sem dúvida, a maioria deles foi induzida ao erro e agia segundo o que entendia ser correto. Para glória de Deus, preciso dizer que nada do que foi feito contra nós arrefeceu nosso ânimo ou provocou em nós algum espírito de controvérsia ou maus sentimentos. Tínhamos plena consciência do que causara aqueles mal entendidos. Por isso, entendíamos por que éramos atacados.

Durante aqueles anos de fumaça e poeira que vinham de fora, o Senhor abençoava-nos ricamente por dentro. Não somente prosperávamos como igreja, mas experimentávamos também um avivamento contínuo. As medidas variavam conforme a ocasião, mas nunca nos vimos em uma condição que não fosse considerada avivamento. Nossos alunos eram levados em grande número à conversão, ano após ano e o Senhor cobria-nos continuamente com a nuvem de sua misericórdia. Fortes ventos de influência divina sopravam sobre nós e cobriam-nos abundantemente com o fruto divino de amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Sempre atribuí nosso êxito inteiramente à graça de Deus - nada foi conseguido por sabedoria ou bondade nossa. A contínua influência divina, permeando a comunidade, foi

nosso único sustento durante aquelas provações e Deus capacitou-nos para o empreendimento de toda a obra.

Tínhamos a convicção de que, se o Senhor não nos acompanhasse com seu Espírito, nenhuma circunstância nos levaria a ser bem-sucedidos. Nunca lamentamos provações entre nós mesmos. Assuntos para debate surgiam mm freqüência e passávamos dias e até mesmo semanas discutindo questões importantes a respeito das quais não tínhamos o mesmo parecer. Mas, nenhuma dessas questões provocou divisão permanente entre nós, pois tínhamos por princípio dar a cada um o direito de pensar de seu modo. Em geral, chegávamos à concordância nos pontos substanciais. E, quando não encontravamos um meio de ver as coisas da mesma forma, a minoria sujeitava-se à opinião da maioria. Embora na maneira de encarar alguns assuntos não conseguíssemos unanimidade, cuidávamos para não permitir que a igreja fosse atingida por qualquer cisão. Assim, preservamos "a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Talvez nenhuma comunidade tenha existido por tanto tempo passando por tantas provações e mudanças quanto nós sem perder o espírito de união, de tolerância cristã e de amor fraternal.

Quando o assunto da inteira santificação surgiu pela primeira vez e começou a atrair a atenção da igreja, estávamos em meio a um poderoso avivamento. Certo dia, o diretor Mahan estava pregando um sermão. Notei que, no decurso de sua pregação, ele omitira determinada condição que me parecia de grande importância no contexto da mensagem. Conforme costumava fazer no final de cada sermão, Mahan dirigiu-se a mim e perguntou se eu tinha alguma observação a fazer. Levantei-me e ressaltei aquilo que ele omitira. Tratava-se da distinção entre desejo e vontade. Baseado na lógica dos ensinamentos por ele apresentados e no comportamento da congregação, disse que insistir naquele ponto lançaria muita luz sobre o que era realmente cristão e os ajudaria a descobrir se eles eram pessoas realmente consagradas ou meramente desejosas de se mostrarem como crentes, sem, porém, estar dispostos a cumprir a vontade de Deus.

Quando ficou clara a distinção, exatamente nesse sentido, lembro-me de que o Espírito Santo desceu sobre a congregação de modo notável. Muitos encurvaram a cabeça e alguns começaram a gemer de tal maneira que podiam ser ouvidos por todo o salão. Foram desfeitas as falsas esperanças de crentes professos que se enganavam a si mesmos. Vários deles colocaram-se de pé no mesmo instante e confessaram que até então estavam-se enganando, mas, que agora percebiam perfeitamente o equívoco. A reação do povo intensificou-se a ponto de me deixar atônito, e pairava sobre a congregação uma grande sensação de espanto. Aquela, porém, era a pura realidade e claramente uma revelação, vinda do Espírito de Deus para mostrar o estado de espírito da igreja.

A obra continuou com grande poder e os membros professos mais antigos ou tiveram a esperança em Cristo renovada ou experimentaram nova conversão. Isso ocorreu com tanta gente que a transformação foi sentida na comunidade inteira. O diretor Mahan foi grandemente abençoado, entre outros, incluindo alguns de nossos professores. Na ocasião, o irmão Mahan passou por outra experiência de conversão, agora de modo bem diferente da primeira.

Numa reunião realizada poucos dias depois, um de nossos alunos colocou-se de pé e perguntou se o evangelho não oferecia aos crentes todas as condições para desenvolverem uma fé estabelecida, com esperança e amor; se não existia algo melhor e mais sublime que todos os cristãos pudessem experimentar. Resumindo: se a santificação não podia ser alcançada nesta vida — no sentido de os cristãos poderem desfrutar contínua paz, sem serem levados à condenação, sem a sensação de culpa, sem o sentimento de estarem envolvidos com o pecado. O irmão Mahan respondeu imediatamente: "Sim!".

Naquela reunião, foi colocado diante de nós, de modo destacado e prático, o tema da santificação. Não tínhamos nenhuma teoria ou filosofia a respeito do assunto. Simplesmente tratamos a questão como matéria de estudo bíblico. Dessa forma, ela existia entre nós como verdade ***experimental***. Não tentamos reduzi-la a uma fórmula teológica nem explicar sua filosofia, a não ser muitos anos depois. Naquela ocasião, porém, debater a questão e chegar a uma conclusão foi uma grande bênção para nós e para muitos de nossos alunos que, agora, estão espalhados pelos Estados Unidos e em campos missionários em várias partes do mundo.

CAPÍTULO XXV

QUESTÕES EM OBERLIN

Antes de voltar a escrever sobre os avivamentos, com informações a respeito da história de Oberlin e do trabalho que ali desempenhávamos, preciso dedicar um pouco mais de espaço ao progresso do movimento anti-escravatura ou abolicionista, não somente aqui, mas também em outros lugares. Já falei a respeito do sentimento que se via nas pessoas ao nosso redor quando chegamos a Oberlin, com relação ao abolicionismo e mencionei a oposição que sofremos na região onde nos estabelecemos. Até mesmo a legislatura do estado esforçou-se para achar alguma irregularidade que justificasse o cancelamento de nosso alvará. Tudo isso por causa de nossos sentimentos anti-escravatura. Como se pode imaginar, quando os primeiros alunos negros chegaram a Oberlin, houve bastante preocupação quanto a serem acolhidos em nossas famílias, sentarem à nossa mesa e ocuparem livremente os lugares no refeitório da escola.

Pouco depois de eu chegar a Oberlin — penso que foi no primeiro período em que alunos negros chegaram — surgiu um pedido, da parte de alguns internos brancos, para que esses alunos ocupassem uma mesa separada no refeitório. Diante disso, fiz uma proposta, apoiada por todo o corpo docente: os alunos brancos que não se dispusessem a sentar-se à mesa com os alunos negros no refeitório podiam ter uma mesa só para eles. Assim, os poucos alunos que adotaram esse posicionamento ficaram em situação constrangedora. Mas, não se podiam queixar. Assim, mantínhamo-nos firmes na seguinte decisão: se houvesse separação, não seria por colocarmos os alunos negros em mesa separada e sim pela segregação dos que não queriam sentar-se com eles. Embora a decisão do corpo docente não agradasse a todos os alunos, a solução que encontramos não lhes permitia levantarem objeção.

Vários membros do corpo docente, nesse meio termo, acolhiam alunos em sua casa e davam-lhes lugar à sua mesa. Não fazíamos distinção quanto à cor dos alunos. Acredito que o mesmo fosse feito por todas as famílias de destaque do local. Em nossas pregações e na instrução ao povo, mantínhamos o propósito de extinguir o preconceito, que era quase universal, contra as pessoas negras. De fato, logo o preconceito diminuiu. Nos últimos anos, quase não se percebia nos ajuntamentos públicos aquele sentimento de distinção. Hoje, em Oberlin, os negros sentam-se onde bem entendem e ninguém protesta, nem sequer pensa nisso, pelo que sei. No início, em todos os cantos, circulavam histórias de que pretendíamos encorajar casamentos entre alunos brancos e alunos negros, até mesmo obrigá-los a casamentos mistos e que nosso objetivo era introduzir um sistema universal de miscigenação.

Um pequeno incidente serve para ilustrar o sentimento que existia até mesmo entre lojistas mais cultos. Pouco depois de chegarmos a Oberlin, tive de andar vários quilômetros a cavalo, a fim de adquirir algumas mercearias. O lojista a quem me dirigi mostrou-se muito carrancudo e desconfiado quando descobriu quem eu era e de onde eu vinha, dando a entender que não queria nada com o povo de Oberlin. Disse ser nosso objetivo introduzir a mistura das raças e obrigar casamentos mistos entre os alunos e acusou-nos de tentar introduzir a vinculação entre Igreja e Estado. Ele considerava nossas idéias e empreendimentos revolucionários e abomináveis. Sua expressão era da maior gravidade, mas a história soou-me tão ridícula que não pude responder-lhe no mesmo tom. Por isso, não lhe dei resposta. Eu sabia que, se tentasse falar, acabaria rindo na cara dele.

Desde os primeiros tempos em Oberlin, tínhamos muitos motivos para temer o ataque de vândalos de uma cidade vizinha, os quais pretendiam destruir nossos edifícios. Entretanto, foi também pouco tempo depois de nossa chegada a Oberlin que deparamos com circunstâncias que geraram reações conflituosas entre o povo. Isso porque o lugar tornou-se um dos pontos de paragem do caminho de ferro subterrâneo, como era chamado, onde os escravos fugitivos a caminho do Canadá se refugiavam por um dia, até o caminho ficar livre para continuarem viagem. Ocorreram muitos casos de escravos perseguidos pelos donos e um grande grito de protesto foi levantado, não somente em Oberlin, mas também nas cidades vizinhas, contra a tentativa de levar os fugitivos de volta à escravatura.

Em várias ocasiões, houve escravos escondidos na região, mas só vim a saber disso quando ocorreu o tumulto. Os escravagistas chegaram para capturá-los, mas os escravos foram avisados a tempo pelos amigos — não sei exatamente quem — e começaram a atravessar os campos e os bosques em direção ao lago. Os escravagistas procuravam-nos da melhor maneira que podiam, pois não sabiam que direção os fugitivos haviam tomado. Os amigos dos escravos, no entanto, seguiam em direções diferentes, uns a pé, outros no lombo de cavalos, para dar a impressão de que eles mesmos estavam perseguindo os escravos, produzindo assim uma confusão geral. Enquanto uns chamavam por aqui e outros gritavam por ali, os escravos escapavam através dos campos de trigo bem crescido e dos bosques.

Cenas como essas, no entanto, logo atiçaram a opinião pública nas cidades vizinhas e começaram a causar agitação entre o povo. Isso levou os agricultores e os demais habitantes da região a informarem-se com mais exatidão de nossos alvos e opiniões e nossa escola passou rapidamente a ser mais conhecida e apreciada. O resultado foi um estado de confiança e bons sentimentos entre Oberlin e as cidades e condados ao redor.

No entanto, fora despertada tanta hostilidade contra nós em todo o país que os editores, de modo geral, pareciam procurar com avidez qualquer coisa que pudessem publicar para despertar rancor contra Oberlin e faziam a matéria circular tão amplamente quanto possível. Entre outros fatos curiosos que os editores usaram para dar vazão a todo o seu antagonismo, mas que acabaram sendo favoráveis a nós, relatarei o de certo jovem, penso que proveniente do Kentucky, que foi estudar em Oberlin.

Ainda no período de experiência e antes de tornar-se bem conhecido na cidade, ele arquitetou um plano para seduzir uma de nossas jovens, moça recatada e tida em alta estima. Acredito que o jovem era professor de redação e escrevia de modo magistral. Assim, escreveu à jovem uma carta, na qual fez um desenho obsceno. A linguagem utilizada tinha o propósito de despertar na moça os piores sentimentos. Ele pedia que a moça respondesse — não lembro o endereço do destinatário. Naturalmente, a jovem ficou muito chocada e passou a carta à diretora das alunas da instituição, a qual a mostrou ao marido que era membro do corpo docente. Pouco depois, o jovem escreveu outra carta, no mesmo estilo, com um desenho ainda mais repugnante — para uma mente pura, é claro. A segunda carta foi redigida em linguagem insinuante, que pretendia tentar a jovem para a má conduta. Mais uma vez, insistia em que ela enviasse a resposta para o mesmo endereço. A carta foi imediatamente passada às mãos da diretora e, assim, para o corpo docente, despertando a atenção de todos os professores, que passaram a acompanhar o caso.

Na época, havia entre o corpo docente um jovem de nossa confiança, que trabalhava como agente do correio. Depois de recebidas as duas cartas, o assunto foi colocado diante dele, que de livre e espontânea vontade ofereceu-se para averiguar de onde elas partiam. Acho que conservou consigo as cartas que a moça recebera, a fim de comparar a caligrafia. Não demorou a chegar outra carta dirigida à mesma jovem. O agente do correio reconheceu a caligrafia, abriu a carta e viu que se tratava de outra daquelas abomináveis missivas. Aquilo despertou, até o limite, sua indignação. Acredito que foi sem consultar ninguém que ele mesmo respondeu à carta, como se fosse a moça. Conhecendo o conteúdo das duas cartas anteriores, soube formular uma resposta. Foi assim que o agente do correio começou uma correspondência com aquele mal-intencionado homem. O resultado não se deixou esperar: um encontro marcado em determinado lugar e hora, para depois irem passar a noite juntos. O mal-intencionado jovem supunha estar-se correspondendo com a moça, ao passo que esta desconhecia totalmente o que o agente do correio estava combinando com o jovem.

Na ocasião, tínhamos na escola um casal de noivos muito dinâmicos que vieram completar sua educação antes de se casarem. Denotavam ter moral ilibada e conquistaram a confiança da comunidade. Esse jovem noivo, que era o agente do correio e as poucas pessoas que compartilhavam o segredo reuniram-se para desmascarar o indecoroso rapaz, que montara a armadilha para uma jovem digna de respeito. Para facilitar a identificação e a captura do jovem que escrevera as cartas, o agente do correio combinou com sua noiva que esta desempenharia o papel da jovem que recebera as desrespeitosas cartas. Ela consentiu em ajudar. Vários de nossos jovens mais estimados foram consultados, bem como um de nossos professores mais jovens e todos concordaram em ir prender o rapaz, agindo, porém, com sabedoria. Chegou a hora do encontro e era noite escura — creio que o horário combinado era dez da noite. O jovem missivista e a moça se encontrariam em determinada esquina da aldeia. Ele se identificaria por meio de um sinal e ela lhe tomaria o braço e o acompanharia até o lugar que ele preparara para passarem a noite.

O jovem hospedava-se no hotel e, na ocasião, era quase um desconhecido. Havia tirado o colchão do quarto e o levara para um lugar um pouco afastado da aldeia, colocando-o ao abrigo de uma árvore grande que fora derrubada pelo vento — as grandes raízes viradas para cima bloqueavam totalmente a visão da estrada e da aldeia. O rapaz do correio acompanhou sua noiva até uma ou duas dezenas de metros do local do encontro. Estava escuro e ele escondeu-se perto o suficiente para escutar tudo. A noiva foi um pouco adiante e ficou aguardando o sinal da aproximação do desprezível rapaz. Logo se fez ouvir o sinal e ela deu a resposta. Encontraram-se e o rapaz ofereceu-lhe o braço. Os dois, então, andaram rapidamente na direção do local onde a cama estava montada.

Os jovens que se dispuseram a prender o inescrupuloso, sabedores da trama inteira, haviam-se escondido a pouca distância de onde os dois sairiam da estrada e entrariam no bosque. O desprezível homem estava

armado com uma pistola e tinha o verdadeiro espírito dos sulistas. Quando os dois chegaram ao local onde os jovens estavam escondidos, estes o cercaram. Ele tentou usar a pistola, mas esta foi arrancada dele e ninguém se machucou. Depois de bastante conversa e oração, chegaram à conclusão de que deviam açoitá-lo e escolheram para isso um de nossos jovens mais amáveis. O jovem sentiu-se constrangido em ter de açoitar o outro, mesmo assim aplicou nas costas do vilão o número de golpes determinado, com um chicote de couro cru. Depois o soltaram e creio que o próprio missivista reconheceu que o tratamento que recebera havia sido justo.

Na realidade, não existia nenhuma lei no país que determinasse aquele tipo de castigo. Estou certo de que os jovens, agindo de acordo com o próprio senso de dever, assumiram o caso por conta própria e administraram o que supunham ser um castigo moderado e merecido. Embora na escola os moços e as moças ficassem juntos durante as atividades escolares, aqueles jovens supunham — e com razão — que um ato daquela natureza tinha de receber o repúdio público. Achavam que deviam aproveitar a oportunidade e fazer daquele jovem inconveniente um exemplo, a fim de deixar claro o que aconteceria aos jovens que tentassem seduzir alguma de nossas jovens irmãs de Oberlin. No entanto, pelo que sei, haviam agido por iniciativa própria, sem consultar ninguém fora de seu círculo de amigos.

O pai do jovem que escrevera as cartas veio a saber dos fatos e isso despertou nele uma ira irreprimível. Chegou a Oberlin proferindo ameaças. Não tinha argumentos para justificar o filho, porém sentiu-se mais envergonhado que o rapaz pelos açoites recebidos. Por isso, em vez de nos agradecer por ter sido administrado o bem merecido castigo ao seu filho, tentou fazer a região inteira voltar-se contra nós. Na época, qualquer polêmica produzia na mente do povo era uma situação propícia para a depreciação da Faculdade de Oberlin. Os jornais fervilhavam com suas críticas. A imprensa mostrava-se grandemente indignada com a notícia do açoitamento, embora nenhuma palavra de reprovação tenha partido do criminoso ou de qualquer outra pessoa. Estavam convencidos de que um grande crime fora cometido ao castigarem aquele rapaz. O crime que ele cometera fora deixado de lado, apesar de exigir, com toda a justiça, castigo semelhante. Como de costume, ficamos calados e continuamos nosso trabalho.

Quando o tribunal se reuniu em Elyria, o grande júri tinha diante de si acusações formais contra os jovens envolvidos no caso. Intimaram muitos cidadãos de Oberlin como testemunhas e assim descobriram todos os envolvidos, menos um. No entanto, só fiquei sabendo do processo quando eu mesmo fui intimado como testemunha. Apresentei-me no tribunal. Ao entrar, reconheci o promotor público — um cético convicto. O relator do júri era outro cético e, ao observar os jurados, percebi que eram quase todos líderes da oposição a Oberlin e à própria religião, ou seja, eram céticos também. O juiz da comarca, que presidia a sessão, também era cético, além de ser o juiz no caso. Daí eu poder afirmar que a maioria dos que estavam naquele tribunal era formada de céticos. Acho que o mesmo se podia dizei do xerife. Pelos menos, fui informado de que o que estava de plantão com o grande júri era cético. E claro que me vi cercado por uma atmosfera moral que não era das mais agradáveis.

O relator do júri informou-me do propósito de minha intimação. Após o juramento de praxe, revelou-me o nome dos indiciados e perguntou-me se eu conhecia mais alguém envolvido no caso. Respondi que realmente conhecia um deles, que me confessara, como seu pastor, sua ligação com o fato. Declarei-lhe que ele saíra do estado — não para fugir ou para evitar o julgamento, mas que voltara para casa com seus amigos e, pelo que eu sabia, pretendia permanecer por lá. O relator perguntou-me o nome dele. Respondi que o jovem era membro da igreja por mim pastoreada e que, na época do incidente, era membro de minha família. Depois do acontecido e ao saber dos sentimentos da população a respeito do erro cometido, sua consciência passou a perturbá-lo e ele veio-me confessar seu envolvimento no caso. Então, declarei: Não sei se tenho a obrigação de revelar o nome do jovem. Não me recusei a servir de testemunha, apenas falei o que aqui está registrado. Não insistiram em que eu citasse o nome, nada mais falaram a respeito e, com muita cortesia, dispensaram-me.

Saindo de lá, fui imediatamente ao hotel para pegar meu cavalo e voltar para casa. No entanto, enquanto esperava que me trouxessem o animal, fiquei sabendo, pela conversa das pessoas que ali estavam, que os jurados permaneceriam em sessão até terem interrogado todos os homens de Oberlin, se necessário, para descobrir todos os envolvidos no caso. Fiquei sabendo que a opinião dos moradores de Elyria e dos próprios jurados era de que os habitantes de Oberlin queriam encobrir a questão e não desejavam ver cumpridas as leis do país. Enquanto cavalgava de volta para casa, notei que havia bastante agitação entre o povo. Por isso,

resolvi retornar no dia seguinte, entrar no tribunal e consultar os juízes no tocante ao meu dever — no que dizia a respeito à lei.

Por isso, na manhã seguinte, embora o tempo estivesse muito chuvoso e houvesse muita lama, pois estávamos em fins do outono, montei meu cavalo e enfrentei a chuva e a lama até Elyria. Entrei na sala do tribunal e percebi que a causa que estavam julgando despertara bastante interesse, pois a sala estava cheia de espectadores. Fui até um advogado a quem eu conhecia, chamei-o de lado e pedi-lhe que me conseguisse a oportunidade de dar uma breve palavra no tribunal, pois tinha uma questão importante a expor diante dele. Com muita deferência e de modo apropriado, o advogado transmitiu meu recado. Interromperam imediatamente os trabalhos e o juiz anunciou a presença do professor Finney. Explicou que eu tinha algo a comunicar ao tribunal e os depoimentos seriam suspensos por uns momentos para que eu pudesse ser ouvido.

Relatei o que acontecera no dia anterior e disse que gostaria de saber se a lei exigia que eu entregasse ao júri o nome daquele rapaz. Depois declarei o que entendia ser a interpretação da lei em situações semelhantes. Ressaltei que os homens têm consciência e que as pessoas podem divergir nas mais variadas questões, mas, ninguém pode duvidar de que todos, homens e mulheres, têm consciência e que, freqüentemente, surgem casos constrangedores em que orientações se fazem necessárias. Disse-lhes que em tais casos, enfrentados em todas as comunidades, o bem público exige que algumas pessoas, requisitadas por quem busca conselhos, sejam protegidas pela lei de se tornarem informantes públicos.

Revelei que sabia como os católicos romanos haviam abusado do sigilo da confissão e como a justiça decidira a respeito deles. Falei ainda que, embora a lei deste país não reconheça a união entre Igreja e Estado, ela reconhece o relacionamento pastoral e deve proteger esse relacionamento no sentido de resguardar a comunidade, bem como o pastor que foi consultado, em sua função pastoral, quanto a casos de consciência nos quais os conselhos se fazem necessários. Com discrição, desci a alguns pormenores e ocupei um tempo razoável para declarar as minhas opiniões e as razões que tinha para defendê-las. Pode dizer-se que, na prática, apresentei um sermão ao tribunal.

Considerei a ocasião propícia para apresentar-lhes os sentimentos que reinavam em Oberlin. Revelei à corte as razões de minha volta a Elyria - a conversa que ouvira no hotel, no dia anterior — e que eu tinha a certeza de que eles tinham um conceito errado do povo de Oberlin. Assegurei-lhes que os habitantes de Oberlin respeitavam as leis e que a comunidade não aprovava as medidas adotadas por aqueles jovens. Falei-lhes que não queria protegê-los da aplicação da lei contra seu crime. Estávamos inteiramente a favor de a justiça seguir seu caminho e mais dispostos a ajudar em seu cumprimento que a colocar obstáculos à sua aplicação. Resumindo: apresentei diante deles as opiniões e sentimentos de Oberlin a respeito do fato, acrescentando que apenas desejávamos que os jovens fossem julgados com justiça e que, ao serem julgados, tivessem a oportunidade de expor diante do tribunal os motivos de sua conduta.

Parecia que minhas palavras não haviam aborrecido o tribunal. Segundo me parecia, o júri estava atento, denotando respeito e solenidade. Falei bem diante dos juízes: Agora, se a opinião dos meritíssimos é que meu dever como cidadão é entregar ao grande júri o nome daquele jovem, farei imediatamente. Em seguida, sentei-me e o juiz disse que me agradecia muito por ter retornado a Elyria a fim de expor perante o tribunal não só minhas opiniões, como também o assunto por inteiro. Disse, também, que o tribunal, em sua totalidade, concordava inteiramente comigo: haviam de fato construído uma falsa impressão a respeito do posicionamento do povo de Oberlin naquela questão e estavam muito contentes pelos esclarecimentos. Disse, ainda, que minha declaração os deixara grandemente aliviados e que o conceito apresentado por mim era aquele com o qual todos concordavam.

A conclusão a que chegaram foi que aquela questão deveria ser decidida pelo júri principal e, para isso, convidavam-me a repetir aquelas declarações diante do júri na sala no andar de baixo. Respondi que o faria com prazer. Achei que era convicção do tribunal que meu pronunciamento faria bem ao grande júri.

Passei, então, à sala do grande júri. Vi que estavam presentes todos os que haviam estado ali no dia anterior — o xerife cético, em pé na porta, a serviço do grande júri; o promotor público cético, sentado à mesa com o relator do júri. Percebi, como no dia anterior, que havia entre eles um forte ambiente de ceticismo quanto a assuntos religiosos. Passei a declarar diante deles, substancialmente, o que acabara de declarar diante do tribunal, no andar superior, o que ficara sabendo no dia anterior a respeito dos sentimentos que imperavam na vizinhança e no próprio júri e que o júri estava determinado a estender a sessão até que todas as pessoas

em Oberlin fossem inquiridas, se necessário, para descobrir todos os que tinham ligação com o caso. Passei, então, a declarar minhas opiniões, como fizera diante do tribunal, apresentando, com a máxima exatidão possível e do começo ao fim, os mesmos pontos de vista a respeito do caso.

Observei na sala do grande júri a mesma atenção e o mesmo efeito profundo que percebera no tribunal. Quando acabei de falar, o relator, depois de uma rápida consulta com o promotor público, respondeu substancialmente da mesma forma que o tribunal. Expressou grande satisfação por eu ter apresentado ao júri meu ponto de vista sobre o assunto, pois concordava inteiramente comigo no tocante ao meu dever. Expressou a opinião de que o júri não achava ser meu dever declarar o nome do jovem e que não estava pedindo que eu o fizesse. Quando eu ia sair da sala, o xerife seguiu-me até o portão. Segurou meu braço, visivelmente emocionado e disse: Sr. Finney, sua volta e o que o senhor disse valem mil dólares.

Enquanto voltava para o hotel a fim de buscar meu cavalo, o tribunal, no andar superior, teve um recesso para o almoço. O juiz, que até então me era desconhecido, apresentou-se a mim. Disse estar muito contente de ter-me conhecido e expressou seu pesar pelo júri ter tido um conceito tão errôneo de opinião, sentimentos e ações do povo de Oberlin. Ele declarou: Estávamos enganados a respeito de vocês e, agora, eu e os outros queremos conhecê-los melhor. E acrescentou: Quando eu voltar a presidir o tribunal aqui — e mencionou a data — posso trazer minha mulher e deixá-la em sua casa durante o julgamento, a fim de que ela possa conhecê-los e eu mesmo familiarizar-me com vocês? Convidei-o muito cordialmente a hospedar-se em minha casa e dei-lhe a certeza de que eu — ou outra pessoa — o levaria todos os dias ao tribunal e o traria de volta no fim da tarde.

Poucas semanas depois, passei alguns dias em Cleveland, pregando ao povo. Aquele juiz residia na cidade. Notei sua presença entre os ouvintes e não demorei a descobrir que estava levando a sério a questão da salvação de sua alma. Tive uma conversa prolongada com ele e descobri que revelava, não apenas interesse, mas, também, como eu imaginava, muita esperança. Vendo que seu ceticismo desaparecera inteiramente, fiz-lhe o apelo para que aceitasse imediatamente o Salvador. Ele recebeu minhas palavras com grande carinho e renovou a promessa de visitar-me na próxima ocasião em que presidisse o tribunal em Elyria. Antes de chegar aquela data, porém, ele já estava na sepultura, de modo que não o vi mais. Na ocasião, antes de partir de Elyria, fiquei sabendo que o júri suspendera o caso por tempo indeterminado. Depois de minha declaração, ficaram convencidos de que não havia motivo para continuar com o inquérito e, não havendo mais assuntos a serem tratados, suspenderam a sessão.

A partir de então, houve notável transformação nas opiniões e sentimentos dos principais opositores que viviam na região ao redor de Oberlin. No inverno seguinte, por exemplo, um dos juízes não togados, do Partido democrata, a quem eu tinha como cético e que era membro da legislatura e armara o complô para cancelar nosso alvará, levantou-se e corajosamente e assumiu a defesa de Oberlin, declarando que eram equivocadas as impressões que circulavam a respeito de nossas idéias e de nosso caráter na escola. E, pelo que entendi, suas observações tinham um importante objetivo: evitar que a legislatura cumprisse seu plano.

Por isso, vários fatos permitiram que a comunidade ao nosso redor conhecesse melhor nossa escola e nossas opiniões, até ser totalmente extinto o preconceito que tinham contra nós. Mas, qual foi o efeito do processo contra os jovens? Mais especificamente, qual o efeito dos comentários e denúncias escandalosos da imprensa — local e distante — contra nós? Impediram que moças e rapazes viessem para a nossa escola? Ficou claro que o efeito produzido foi exatamente o inverso do que esperavam.

Descobriu-se que as pessoas tinham medo — e muito havia sido feito nesse sentido — de confiar suas filhas a uma escola onde moças e rapazes estudavam na mesma sala, comiam no mesmo refeitório e estendiam essa convivência às demais atividades. Naturalmente, o método era experimental e muitos o consideravam de natureza bastante questionável. Mas, o resultado de todas as ameaças e oposição, principalmente em relação ao processo no tribunal e sua respectiva causa, foi que as pessoas passaram a raciocinar da seguinte forma: "se em Oberlin a tentativa de seduzir uma aluna provoca semelhante reação contra o culpado, esse é o lugar certo para as nossas filhas". Lá estarão em maior segurança que em qualquer outro lugar. Se os próprios jovens da escola administram semelhante castigo a qualquer rapaz que aja dessa maneira, então eles defendem a castidade e isso favorece a proteção de nossas filhas longe de casa. Houve, portanto, um aumento contínuo de alunos, especialmente do sexo feminino, de modo que o número de moças parecia crescer de ano para ano.

Pela providência divina, quase todos os ataques desfechados contra nós por meio da imprensa ou por outros meios voltaram-se a nosso favor. Mantivemo-nos calados, cuidando de nossos negócios, até que a fumaça e a poeira se tivessem dissipado, quando Deus assim permitiu.

Havia grande agitação entre os moradores das cidades do Leste, do Oeste e do Sul por causa da questão da escravatura. Nosso amigo e irmão Willard Sears, de Boston, enfrentava corajosamente uma tempestade que se levantara contra ele. Com o propósito de possibilitar o debate aberto sobre o assunto naquela cidade e para estabelecer ali o culto religioso e um púlpito em que fosse franqueado o livre debate sobre as grandes questões reformistas, Sears comprara o hotel Marlborough, na rua Washington e o interligara com uma grande capela, onde poderiam ser realizados cultos e encontros pró-reforma, o que era impensável em qualquer outro local. O projeto custou-lhe uma fortuna. Em 1842, insistiram em que eu ocupasse o púlpito da Capela de Marlborough por alguns meses. Fui para lá e preguei durante dois meses. O Espírito do Senhor foi derramado imediatamente e houve grande movimentação entre os ossos secos. Em meus aposentos, recebia visitas quase ininterruptas, todos os dias da semana, de pessoas ligadas a várias denominações de todas as partes da cidade. E muitas delas alcançaram a esperança em Cristo.

Nesse meio-tempo, o presbítero Knapp, reavivalista conhecido da Igreja Batista, estava trabalhando em Providence e enfrentava persistente oposição da parte dos próprios irmãos batistas. Quando a obra alcançou considerável progresso em Boston, ele foi convidado pelos irmãos batistas dessa cidade a trabalhar ali. Por isso, partiu de Providence em meio a uma tempestade de oposição e chegou a Boston. O irmão Josiah Chapin e muitos outros insistiram muitíssimo em que eu fosse, então, para Providence realizar ali um avivamento.

Eu sentia que tinha grande dívida para com o irmão Chapin, pelo que ele fizera a favor de Oberlin e por mim pessoalmente ao enviar-me ofertas regulares para o sustento de minha família naquela cidade durante a grande depressão financeira. Para mim, era um peso muito grande deixar Boston naquele momento. No entanto, depois de encontrar-me com o irmão Knapp e informá-lo a respeito da situação em Boston e assegurar-lhe que uma grande obra havia começado e se propagava pela cidade inteira e que o trabalho era muito promissor, parti para Providence. Isso aconteceu na época do grande avivamento em Boston, que progrediu de modo maravilhoso, especialmente entre os batistas, pela cidade inteira. Os pastores batistas e o irmão Knapp assumiram com firmeza a obra e muitos irmãos Congregacionistas foram abençoados. A obra cresceu muito.

Comecei a trabalhar em Providence e o avivamento começou quase de imediato: o interesse do povo crescia visivelmente, dia após dia. Houve muitos casos notáveis de conversão, inclusive o de um senhor de idade, cujo nome não me ocorre agora. Seu pai havia sido juiz da Suprema Corte de Massachusetts, se não me engano, muitos anos antes. Esse homem vivia em Providence e era cético. Morava não muito longe da igreja onde eram realizadas as reuniões de avivamento, na rua High. O trabalho começara havia algum tempo, quando certo dia um senhor de aspecto muito respeitável entrou no salão de cultos e, durante a pregação, mostrou-se muito atento. Meu amigo, o sr. Chapin, percebeu sua presença de imediato e informou-me quem ele era e o que pensava sobre religião. Afirmou que aquele homem nunca assistira a um culto e expressou sua curiosidade pelo fato de ele ter sido atraído à igreja. O ancião passou a freqüentar os cultos, noite após noite e percebi que sua mente estava inquieta e que seu interesse pelos assuntos espirituais, agora, era profundo.

Certa noite, quando cheguei ao fim de meu sermão, aquele homem alto e de cabelos grisalhos, com aspecto decididamente intelectual, colocou-se de pé e pediu licença para dizer algumas palavras à congregação. Dei-lhe permissão e, em resumo, ele falou o seguinte: "Meus amigos e vizinhos, provavelmente vocês estão surpresos por ver-me freqüentar estes cultos, pois sempre souberam de meu ceticismo e que não estou habituado a freqüentar cultos. Mas, ao ficar sabendo das coisas que ocorreram nesta congregação, resolvi entrar aqui. E quero que meus amigos e vizinhos saibam que acredito que a pregação que estamos ouvindo, noite após noite, é o evangelho. Portanto, mudei de opinião: creio que esta é a verdade e o verdadeiro caminho para a salvação. Digo isto para que vocês entendam o verdadeiro motivo de eu estar aqui. Não vim para criticar, mas cuidar da grande questão da salvação e encorajar outras pessoas a fazer o mesmo". Depois de falar, sentou-se, emocionado.

No subsolo do templo, havia um salão muito grande usado para a escola bíblica dominical. O número dos interessados tornara-se grande demais e a congregação estava demasiadamente cheia, impedindo-me de chamar o povo à frente, como fazia nos outros lugares. Por isso, pedi que descessem àquele salão depois da

bênção. O salão tinha quase o tamanho total do auditório da igreja e oferecia assentos para quase o mesmo numero de pessoas, excluindo-se a galeria. A obra propagou-se por todas as partes da cidade. O número de interessados tornou-se muito grande e, com os novos convertidos que sempre se dispunham a descer com eles, o salão do subsolo do templo também ficou cheio. Todas as noites, depois da ação, o salão fervilhava de novos convertidos jubilosos e de pecadores não-convertidos. Essa situação continuou por dois meses. A essa altura, eu já me sentia completamente esgotado, pois trabalhava sem descanso havia quatro meses — dois em Boston e dois em Providence. Além disso, estávamos às portas do trimestre da primavera, em Oberlin. Por isso, despedi-me de Providence e comecei a viagem para casa.

Considero meu dever relatar aqui um acontecimento ligado ao trabalho desenvolvido em Boston. Converteu-se ali uma mulher unitarista, que conhecia o rev. Channing. Quando soube de sua conversão, o dr. Channing, conforme ela mesma me contou, pediu-lhe que o procurasse, uma vez que se encontrava com a saúde enfraquecida e não podia sair para visitá-la. Ela aceitou o convite. O dr. Channing queria que ela lhe revelasse as circunstâncias em que se convertera e o que pensava a respeito do assunto. Ele ficou curioso ao ver que ela mudara a maneira de pensar e perguntou-lhe se tinha alguma coisa escrita por mim que ele pudesse ler. O dr. Channing afirmou saber o que acontecia em Boston e que tinha grande interesse em compreender melhor o movimento. Queria conhecer, também, minhas opiniões e o que eu pregava, já que despertava no povo tanta curiosidade. Ela respondeu que tinha um livrinho meu que tratava do tema da salvação.

O dr. Channing tomou-o emprestado, prometendo que o leria e que, se ela voltasse dali a uma semana, ele o devolveria e ficaria contente de conversar com ela novamente. Quando ela voltou para pegar o livro, o dr. Channing disse-lhe: "Achei muito interessante este livro, bem como as opiniões aqui expostas. Pelo que entendi, os ortodoxos fazem objeção ao conceito de santificação apresentado pelo sr. Finney. Mas, se Cristo é realmente divino e o verdadeiro Deus, não posso imaginar por que razão alguém iria criticar estas opiniões. Se Cristo é realmente Deus, não vejo por que o ser humano não possa ser santificado por ele nesta vida. Não consigo ver nenhuma inconsistência no que o sr. Finney diz, ao sustentar essa idéia como parte da fé ortodoxa. Por isso, gostaria de conhecer o sr. Finney. Você poderia persuadi-lo a visitar-me, já que não tenho condições de ir até ele? Ela prometeu entregar o recado e pedir que eu fosse visitá-lo. Assim, procurou-me de imediato em meu aposento, mas eu já havia partido para Providence.

Como relatei, estive ausente durante dois meses e, ao retornar de Providence, passei por Boston a caminho de casa. A senhora a quem acabo de me referir, ao saber que eu estava outra vez em Boston, veio-me ver imediatamente para entregar o recado do dr. Channing. Contou-me, também, que ele fora para o campo, por motivos de saúde. Nunca cheguei a vê-lo. Lastimei muito não ter tido a oportunidade de encontrar-me com ele, pois aprendera a respeitá-lo por seus talentos e pelo seu zelo como líder dos unitaristas de Boston. Ouvira falar que ele estava interessado nos assuntos espirituais e disposto a reconsiderar a questão da divindade de Cristo e de seu interesse pessoal no Salvador.

Quando a mulher me contou a história, lamentei grandemente não ter tido a oportunidade de conhecê-lo. Ele, porém, morreu pouco tempo depois e nada sei do que lhe aconteceu depois de sua saída de Boston. Nem mesmo posso garantir que aquelas informações correspondiam à verdade. Ela, porém, era com certeza uma convertida genuína e, na ocasião, não tive a menor dúvida de que cada palavra que ela me dissera era verdade, nem hoje duvido disso. Além de não conhecê-la muito bem, depois de tanto tempo, não consigo lembrar-me do nome dela.

Na vez seguinte em que me encontrei com o dr. Beecher, foi mencionado o nome do dr. Channing e narrei-lhe esses fatos. De imediato, surgiram lágrimas em seus olhos e ele falou, emocionado: "Acho que foi para o céu!" - dando a entender que esperava que o dr. Channing se houvesse convertido.

CAPÍTULO XXVI

OUTRO GRANDE AVIVAMENTO EM ROCHESTER, NOVA YORK, EM 1842

Depois de descansar um dia ou dois em Boston, fui para casa, porque já se aproximava a data para a abertura do trimestre da primavera. Por estar muito cansado do trabalho e da viagem, visitei um amigo em Rochester, com o propósito de repousar mais um dia antes de prosseguir viagem. Logo que se soube que eu estava ali,

fui chamado pelo juiz Gardiner, que com muito empenho me pediu para ficar mais tempo na cidade a fim de pregar para o povo. Alguns pastores insistiam que eu interrompesse a viagem para trabalhar em seus púlpitos. Informei-lhes que estava esgotado e que sentia ser hora de estar em casa. Entretanto, mostrando a urgência do trabalho, eles insistiam em que eu permanecesse ali. Um dos pastores em especial esforçava-se para segurar-me em Rochester. Sua mulher era uma de minhas filhas espirituais — Sara Brayton, que se convertera em Western, no condado de Oneida, conforme descrevi anteriormente.

Vendo a persistência com que solicitavam meu trabalho, consenti em ficar ali e pregar uma ou duas vezes. Mas, isso serviu apenas para despertar a atenção geral e resultar num convite ainda mais insistente para que eu continuasse na cidade e dirigisse uma série de reuniões de avivamento. Consenti em fazê-lo e, por mais cansado que estivesse, levei adiante a obra.

O rev. George Boardman pastoreava a Igreja Betel, conhecida como "Igreja da Rua Washington"; e o rev. Shaw era pastor da Segunda Igreja — a "Igreja de Tijolos". O irmão Shaw estava muito desejoso de fazer esse trabalho em conjunto com o irmão Boardman e realizar as reuniões alternadamente em suas respectivas igrejas. O irmão Boardman não apoiou a idéia, dizendo que sua congregação era fraca e que precisava de um trabalho concentrado ali. Lamentei a sua posição, mas não podia ignorar seus motivos e continuei a fazer o trabalho na Igreja Betel.

Pouco tempo depois, vendo que o templo não tinha espaço para receber o grande número de pessoas que desejavam assistir aos cultos, o dr. Shaw conseguiu levar para pregar na sua igreja o rev. Jedediah Burchard, que ali desenvolveu um prolongado trabalho. Nesse meio tempo, o juiz Gardiner e alguns advogados e juízes da cidade assinaram um pedido para que eu pregasse uma série de sermões dirigidos a essa classe e adaptados à sua realidade profissional. Naquele tempo, Gardiner era um dos juízes do Tribunal de Apelação do estado de Nova York e desfrutava a máxima estima dos colegas de profissão. Consenti em apresentar aquela série de preleções. Estava consciente do estado de ceticismo daqueles advogados — pelo menos da maioria deles, que ainda não se haviam convertido. Mas havia ali um bom número de advogados piedosos, convertidos durante o avivamento de 1830 e 1831.

Comecei minhas preleções aos advogados com a seguinte pergunta: "Devemos saber mais alguma coisa?" Ofereci uma resposta a essa pergunta e continuei a direcionar minha indagação, noite após noite, por meio das pregações. O grupo tornou-se muito seleto. As reuniões de avivamento dirigidas pelo irmão Burchard eram freqüentadas pela classe da comunidade mais propensa a emoções. Assim, no recinto onde eu pregava, havia mais espaço para os advogados e para a classe mais instruída da comunidade. Todas as noites, o salão ficava superlotado. Dessa maneira, era difícil entrar, a não ser para quem chegasse bem cedo. E, à medida que pregava, noite após noite, notava que o interesse aumentava cada vez mais.

A mulher do juiz Gardiner era uma pessoa especial, minha irmã na fé. Assim, eram muitas as oportunidades que eu tinha de encontrar-me com o juiz. Tive muita certeza de que a Palavra estava-se firmando em seu coração. Depois de ouvir algumas preleções, ele disse-me:

— Sr. Finney, até aqui o senhor esclareceu tudo de modo satisfatório para mim. Mas quando formos estudar a questão do castigo eterno dos ímpios, você escorregará: não conseguirá convencer-nos quanto a isso.

— Espere para ver, meritíssimo — respondi.

Esse alerta deixou-me mais precavido e, quando cheguei à questão, procurei expor o assunto com a maior clareza possível. No dia seguinte ao dessa preleção, encontrei-me com ele, que de imediato e por iniciativa própria, comentou:

— Sr. Finney, estou convencido! Sua maneira de apresentar o assunto foi um sucesso! Nada se pode dizer contra seus conceitos. — A forma em que se expressou indicava que ele, além de convencido intelectualmente, estava profundamente impressionado.

Continuei pregando noite após noite, sem concluir se o auditório, desacostumado comigo e muito selecionado, já estava preparado para uma decisão. Chegou o momento quando considerei apropriado puxar a rede para a praia. Vinha ensinando cuidadosamente aquele grupo de advogados, cercando-o com uma concatenação de raciocínio a que eles não pudessem resistir. Estava consciente de que tinham o costume de escutar um argumento e avaliar o peso da verdade apresentada de modo lógico. Não tinha nenhuma dúvida de que até ali conseguira convencer a grande maioria deles. Como conseqüência, preparei um sermão com o

qual pretendia levar o grupo às portas da decisão e, se surtisse efeito, conclamá-los a entregarem-se ao Senhor.

O juiz Gardiner, no período em que eu passara na cidade em 1830, data em que sua mulher se converteu, opusera-se à prática de se manter o "banco dos aflitos". Eu previa que ele, de novo, levantaria objeção, já que era um homem muito orgulhoso e se comprometera fortemente a pronunciar-se contra aquele recurso.

Durante o sermão ao qual me referi, observei que o juiz Gardiner não estava sentado onde costumava ficar. Também não consegui vê-lo entre os advogados e juízes. Fiquei preocupado, principalmente porque o sermão se referia à polêmica levantada por ele. Eu sabia que sua influência era grande e que, se ele tomasse uma posição firme, poderia levar para o seu lado toda a classe de magistrados da cidade. Por isso, lastimei muito sua ausência. Entretanto, pouco depois observei que ele entrava na galeria envolvido numa capa e sentava-se perto do topo da escadaria. Continuei a pregar, mas perto da conclusão observei que o juiz Gardiner deixara seu lugar e fiquei aflito. Imaginei que ele voltara para casa porque fazia frio no lugar onde ele estava sentado ou talvez porque alguma coisa o tivesse perturbado. Tive receio de que o sermão preparado por mim — com a intenção de referir-me a ele de maneira direta — tivesse sido pregado em vão, pelo menos para ele.

No subsolo da igreja da rua Washington, havia um salão grande, quase tão grande quanto o auditório que ficava na parte superior do edifício. Desse salão, uma escada levava ao auditório, no piso superior e terminava ao lado do púlpito. Quando estava chegando ao fim do sermão e com o coração quase gelado pelo receio de fracassar em meus objetivos, senti alguém puxando a barra de meu casaco. Olhei para trás. Era o juiz Gardiner! Ele descera pelo salão até o subsolo, subira aquela escadaria estreita e, sorrateiramente, chegara até o púlpito para puxar meu paletó. Quando me voltei, surpreso, ele disse-me: "Sr. Finney, não quer orar por mim, mencionando meu nome? Posso ir até para o 'banco dos aflitos'". Eu não tinha falado uma única sílaba a respeito do "banco dos aflitos"!

A congregação ficou observando os movimentos do juiz Gardiner quando ele subiu ao púlpito. E, quando anunciei publicamente o pedido que ele fizera, o impacto foi maravilhoso. Em todas as partes do templo, via-se aquela expressão de contentamento. Muitos curvaram a cabeça e choraram, outros pareciam concentrados em uma oração muito sincera. O juiz Gardiner conseguiu contornar o púlpito até a parte da frente e ali se ajoelhou. Os advogados, quase na sua totalidade, colocaram-se de pé, enchendo o espaço aberto diante do púlpito e puseram-se de joelhos onde quer que encontrassem espaço para isso. Os que conseguiam, ajoelharam-se à volta do juiz Gardiner.

A movimentação começou sem que eu pedisse, mas aproveitei o momento e solicitei a todos quantos se dispunham a renunciar aos seus pecados, a entregar o coração a Deus e a aceitar a Cristo e sua salvação que viessem à frente e se colocassem nos corredores entre os bancos ou onde quer que conseguissem ficar e ajoelhar-se. Houve um poderoso movimento. A congregação mostrou-se profundamente comovida. Oramos e, em seguida, encerrei a reunião. Esse movimento aconteceu entre os cidadãos de maior destaque em Rochester.

Eu estava pregando todas as noites, sem poder reservar uma única noite para uma reunião de instrução aos interessados. Então marquei uma para o dia seguinte, às duas da tarde, no subsolo da igreja. Quando cheguei, fiquei surpreso ao ver o recinto quase lotado e notei que o auditório era formado pelos cidadãos de maior destaque na cidade. Continuei com as reuniões dia após dia e tive a oportunidade de conversar livremente com muitos daqueles cidadãos, que se deixavam instruir tão facilmente como se fossem crianças. Acho que nunca estive em uma reunião tão inspiradora e emocionante quanto aquela. Muitos dos advogados haviam-se convertido, e posso dizer que o juiz Gardiner era o principal deles, já que assumira a liderança do grupo ao declarar estar do lado de Cristo.

Dessa vez, permaneci dois meses em Rochester. O avivamento tornou-se maravilhosamente inspirador e poderoso e resultou na conversão de grande número dos cidadãos mais respeitáveis da cidade. O movimento instalou-se com firmeza em uma das igrejas episcopais, a de São Lucas, da qual o dr, Whitehouse, atual bispo de Illinois, era pastor. Quando eu estive em Reading, vários anos antes, o dr. Whitehouse estava pregando em uma congregação episcopal naquela cidade. Uma das irmãs mais cultas dali informou-me que recebera uma grande bênção espiritual durante aquele avivamento.

Quando cheguei a Rochester em 1830, o dr. Whitehouse já era pastor da Igreja de São Lucas e encorajava os membros a freqüentar nossas reuniões de avivamento. Segundo me informaram, muitos foram levados à

conversão, e no avivamento de 1842 ele encorajava e até mesmo aconselhava os membros de sua igreja a freqüentarem nossos cultos. Ele era um pastor muito bem-sucedido e influente em Rochester. Fiquei sabendo que nesse mesmo avivamento nada menos que 70 membros de sua congregação, entre as pessoas de maior influência, se haviam convertido e foram confirmadas em sua igreja. Na ocasião, o avivamento afetou de modo geral aquela classe de pessoas. Se eu fizesse um relato detalhado dos casos especiais de conversão nesse avivamento, escreveria um volume inteiro. Assim, mencionarei apenas um fato, muito impressionante.

Quando instruía o povo, eu insistia em que a condição para ser aceito diante de Deus era a inteira consagração, a total entrega do corpo, da alma, das posses e de tudo o mais, para serem, a partir de então e para sempre, usados para a glória divina. Conforme era meu costume, destaquei o quanto pude essa questão. Certo dia, ao chegar ao culto, encontrei à minha espera, à porta da igreja, um dos advogados com os quais mantinha alguma amizade. Ele experimentava profunda ansiedade de espírito. Quando entrei, tirou um papel do bolso e entregou-o a mim, dizendo: "Entrego isso a você, servo do Senhor Jesus Cristo". Guardei-o para ler depois do culto. Ao examiná-lo, vi que se tratava de uma escritura de renúncia aos seus direitos, lavrada em conformidade com a lei, na qual renunciava diante do Senhor Jesus Cristo à posse de si mesmo e a tudo quanto era dele. Lavrara o documento na forma da lei, com todas as peculiaridades e formalidades de um título de transmissão de propriedade. Acho que ainda guardo comigo aquele título, em algum lugar entre meus documentos. Aquele advogado tratou o assunto com a maior solenidade e, pelo que percebi, estava inteiramente consciente do que fazia. Aqui, porém, não tenho espaço para narrar outros pormenores do fato.

Quanto aos meios usados nesse avivamento, devo dizer que as doutrinas eram as mesmas ensinadas em todos os lugares, com as quais eu deitava os profundos alicerces na lei de Deus, descrevendo a depravação moral total não-regenerado e a voluntariedade dessa depravação, coisas totalmente contrárias à razão e infinitamente iníquas. Destacava a necessidade de regeneração, que é a transformação total da moral e do caráter mediante o ensino e influência persuasiva do Espírito Santo; a necessidade, natureza e suficiência universal da expiação por nosso Senhor Jesus Cristo; a divindade total de Cristo; a personalidade e divindade do Espírito Santo; a autoridade divina das Escrituras como única regra de fé e prática; o governo moral de Deus, com a necessidade da aceitação universal e irrestrita da vontade de Deus como regra da vida; a aceitação incondicional, pela fé, do Senhor Jesus Cristo como Salvador do mundo, de sua obra e de todas as coisas a ela relacionadas; a santificação da alma por meio da verdade. Essas doutrinas e outras semelhantes eram tratadas pormenorizadamente conforme o horário permitia e de acordo com as necessidades perceptíveis do auditório.

Os métodos eram simplesmente a pregação do evangelho e abundantes orações em particular, nos círculos sociais e nas reuniões públicas de oração, sendo que sempre se ressaltava a prática da oração como meio essencial de promover o avivamento. Orientávamos os pecadores no sentido de que não se mantivessem passivos à espera de que o Espírito Santo os levasse à conversão, na expectativa de um momento futuro determinado por Deus. Nós os instruíamos, mostrando-lhes seu primeiro e imediato dever: a submissão a Deus, a renúncia à própria vontade, aos próprios caminhos e a si mesmos e a entrega ao Senhor Jesus Cristo — o legítimo dono de sua vida — de tudo que eram e possuíam.

Em nada abrandávamos essa orientação. Não os mandávamos orar por um coração novo ou ler a Bíblia enquanto aguardavam que Deus viesse convertê-los — nada de levá-los ao emprego de meios que os conduzissem à ação divina. Eram instruídos, nesse assunto e em todos os demais, com base no princípio de que era Deus quem agia com eles, e não eles com Deus, e que nossas reuniões eram meios usados por Deus para alcançar o consentimento deles. Eram levados a reconhecer que o único obstáculo a esse consentimento era a vontade humana obstinada. Deus estava tentando conseguir a irrestrita anuência deles e aguardando que abrissem mão de seus pecados e aceitassem ao Senhor Jesus Cristo como sua justiça e salvação. Insistíamos em que abrissem caminho para Deus, acrescentando que a única dificuldade era conseguir deles essa permissão honesta e voluntária, condição para que Cristo pudesse salvá-los, condição mínima para que pudessem ser salvos.

As reuniões com os interessados ofereciam instrução adaptada às diferentes etapas de convicção de pecado. Eu mantinha o hábito de, após cada reunião, fazer um resumo de tudo, citando alguns casos como exemplo e dissipando suas objeções, respondendo às suas perguntas, corrigindo erros, procurando destituí-los de qualquer desculpa e colocando-os frente a frente com a grande questão da total e irrestrita aceitação da vontade de Deus em Cristo Jesus. A fé em Deus e Deus em Cristo, era sempre destacada. Eles tinham de

entender que a fé não é mera convicção intelectual e sim o consentimento do coração. A fé é a confiança voluntária e consciente em Deus, à medida que ele é revelado no Senhor Jesus Cristo.

Fazíamos o máximo esforço para demonstrar ao pecador que aceitar a salvação é responsabilidade humana e que Deus estará isento de culpa se o pecador for mandado para o inferno. Destacávamos, então, a doutrina do castigo eterno, demonstrando que era justo — e também inevitável — que o pecador fosse castigado eternamente se morresse em seus pecados.

Todas essas doutrinas eram apresentadas de modo a não deixar dúvidas. Esse, pelo menos, era meu alvo constante — e de todos os que ministravam instrução. Explicávamos a natureza da dependência do pecador na influência divina e reforçávamos essa doutrina, explicando que, sem a orientação e a influência divinas, eles jamais se reconciliariam com Deus devido ao estado de depravação em que viviam. No entanto, a falta de reconciliação era resultado da dureza de coração ou da teimosia em fazer imperar a própria vontade, de modo que, depender do Espírito de Deus, não era motivo para não se tornarem cristãos de imediato. Os temas mencionados e outros tantos que decorrem deles logicamente eram explicados em todos os seus aspectos, dentro dos limites do tempo.

Não ensinávamos aos pecadores que a conversão tinha de ser obtida em resposta às suas orações. Dizíamos que, se cultivassem a iniqüidade no coração, o Senhor não os atenderia e que enquanto não se arrependessem estariam em pecado. Não quero dizer com isso que eram exortados a não orar. Explicávamos que Deus exigia que orassem, mas que o fizessem com fé e com espírito de arrependimento e que, ao pedir que Deus os perdoasse, deviam entregar-se definitivamente à vontade divina. Eles aprendiam que a oração sem fé era abominação para Deus, mas, se estivessem realmente dispostos a apresentar uma oração aceitável a ele, podiam fazê-lo. Nada, a não ser a obstinação deles próprios, impedia que fizessem essa oração.

Nunca os deixamos pensar que podiam cumprir seu dever, sob qualquer aspecto, ou que pudessem realizar qualquer boa obra sem antes haverem entregue o coração a Deus. Os atos interiores — arrepender-se, crer e submeter-se — eram os primeiros deveres a ser cumpridos. Antes disso, nenhuma ação externa podia ser considerada cumprimento do dever. Orar por um coração novo antes de se entregarem a Deus era tentar ao Senhor. Orar pedindo perdão sem estar arrependido era ofender a Deus. Pedir-lhe que fizesse o que não deveria e orar na incredulidade era fazer dele um mentiroso. A incredulidade deles não passava de blasfêmia. Resumindo: nosso objetivo era não deixar ao pecador outra saída senão aceitar a Cristo, sua vontade, sua expiação — enfim toda a sua obra, irrestritamente, de todo o coração, com firme propósito de espírito e renúncia a todo o pecado, desculpas, incredulidade, dureza de coração e tudo que fosse maligno, naquele instante e para sempre.

Depois da noite em que o juiz Gardiner veio à frente, conforme já relatei, em vez de convidar os interessados a vir à frente, passamos a convocá-los à sala de preleções do andar inferior. O auditório estava sempre muito cheio e, os corredores, entupidos. Por isso, era impossível utilizar o "banco dos aflitos". Essas reuniões, realizadas todas as tardes, eram freqüentadas por multidões de novos convertidos e pessoas interessadas no evangelho. Nesse avivamento, não se verificou nenhum fanatismo, grosseria ou imprudência, ou seja, nada que pudesse desagradar ao juízo mais exigente, pelo que me lembro.

Sempre me interessei de maneira especial pela salvação dos advogados e de todos os que exerciam funções relacionadas ao Direito. Eu mesmo formei-me como advogado. Entendia muito bem seu modo de pensar e sabia o quanto eles prezavam os argumentos, as evidências e as declarações lógicas. Descobri que, em todos os lugares onde atuei, onde o evangelho era devidamente apresentado, essa era a classe mais acessível. E creio ser verdade que, proporcionalmente, convertia-se maior número deles que de quaisquer outros profissionais. Sempre me impressionei de modo especial pela facilidade com que a Lei e o Evangelho persuadiam a inteligência dos juízes — homens que têm o hábito de se assentar para escutar testemunhas e pesar na balança os argumentos de ambos os lados de uma questão. Não me lembro de nenhuma ocasião em que esses magistrados não se tenham convencido da veracidade do evangelho de Cristo ao assistir aos cultos nos avivamentos em que participei.

Sempre me emocionei ao conversar com os membros da magistratura, pois consentiam com proposições que mentes mal disciplinadas teriam repudiado. A mulher de um dos juízes do Tribunal de Apelação, que morava em Rochester, havendo-se convertido durante meu ministério, mantinha comigo uma amizade especial. Seu marido, no entanto, parecia dominado por um ceticismo crônico. Era leitor voraz e pensador, homem de grande refinamento e honestidade jurídica.

Tive algumas conversas profundas com esse homem. Era ele um verdadeiro cavalheiro, muito educado e amável. Confessava-me sempre que os argumentos eram conclusivos, que seu intelecto era cativado pela pregação ou pela conversa. Certa vez, ele disse-me: "Sr. Finney, em seus sermões, o senhor sempre me arrebata. Mas, embora concorde com tudo que o senhor diz, não atinjo o sentimento adequado — de alguma forma, meu coração não corresponde". Sendo ele um homem tão amável, era um prazer e ao mesmo tempo uma aflição conversar com ele. Sua sinceridade e inteligência tornavam prazerosas nossas conversas a respeito de assuntos religiosos, mas, sua incredulidade crônica tornava os mesmos diálogos muitíssimo dolorosos. Em mais de uma ocasião, conversei com ele até sentir a profunda agitação de sua mente. Mesmo assim, pelo que sei, ele nunca se converteu.

A mulher desse juiz, que era mulher de muita oração e por ele amada de modo especial, já está na sepultura e seu único filho afogou-se diante dos olhos dele. Depois de ele ter enfrentado essas calamidades, escrevi-lhe uma carta, fazendo referência a algumas conversas que tivera com ele e procurando mostrar-lhe a Fonte onde encontraria consolo. Respondeu de modo bem gentil, mas ressaltou a perda que sofrera. Disse não existir consolo para o caso dele. Estava realmente cego para a consolação que poderia encontrar em Cristo. Não podia conceber em aceitar o desígnio divino e sentir-se feliz. Sua mulher era uma pessoa de raras qualidades. Conheci poucas mulheres com semelhante inteligência, beleza pessoal e todas aquelas habilidades e talentos que tornam fascinante uma senhora.

Ele morou em Rochester durante todo o tempo em que ocorreram ali grandes avivamentos, um após outro. E, pelo que sei, embora não tivesse desculpas para apresentar e nenhum refúgio onde esconder-se, ele permanece, misteriosamente, na incredulidade. Citei aqui sua história para ilustrar a maneira em que o intelecto dos profissionais de Direito pode ser persuadido pela força da verdade. Quando falar do avivamento seguinte em Rochester, do qual também participei, terei ocasião de citar outros acontecimentos que ilustrarão o mesmo ponto.

Vários dos advogados que se converteram em Rochester abriram mão de sua profissão e ingressaram no ministério. Nosso irmão Charles Torrey, que visitou Rochester tantas vezes, foi um desses advogados convertidos. É estranho dizer que o filho do chanceler Walworth, que então era um jovem advogado na cidade, foi outro que deu mostras de estar convertido. Por motivo que desconheço, foi para a Europa, para Roma e tornou-se sacerdote católico romano. Já faz muitos anos que se empenha em promover avivamentos entre os católicos, promovendo reuniões com eles. E, de acordo com o que me contou quando o encontrei em Inglaterra, procurava realizar na Igreja Romana o que eu fazia na igreja protestante.

O sr. Walworth parece ser um ministro sincero de Cristo, dedicado de coração e alma à salvação dos católicos romanos. Não sei até que ponto ele concorda com todas as opiniões dos católicos. Quando eu estava em Inglaterra, ele foi-me procurar e demonstrou muito afeto para comigo. Imagino que nossa conversa tenha sido agradável, como se ambos fôssemos protestantes. Nada me disse de suas opiniões teológicas, apenas que trabalhava entre os católicos romanos a fim de promover avivamentos entre eles. Muitos outros ministros surgiram como resultado dos grandes avivamentos em Rochester.

Enquanto eu trabalhava ali, ocorria um fato muito interessante: os advogados, quando se sentiam pressionados pela consciência a humilharem-se diante de Deus, vinham ao meu aposento para conversar e esclarecer questões que não compreendiam com clareza. Repetidas vezes observei que, quando as dúvidas eram esclarecidas, eles logo se mostravam prontos a assumirem uma submissão a Cristo. A verdade é que, como regra, seu modo de analisar o plano de salvação parecia mais inteligente que o de qualquer outra classe profissional a quem já preguei ou com quem já conversei.

Grande número de médicos também se converteu nos avivamentos a que assisti e dos quais participei. Penso que seus estudos os fazem tender ao ceticismo ou a certa forma de materialismo. No entanto, são inteligentes: se o evangelho lhes for apresentado de modo eficiente, despido dos aspectos peculiares do hiper-calvinismo, eles são facilmente convencidos e convertidos, mais até que as pessoas menos cultas da sociedade. De modo geral, o curso de medicina não os leva a entender tão prontamente o governo moral de Deus, como no caso dos que optam pela carreira jurídica. Apesar disso, tenho-os achado abertos à convicção. Não são pessoas que um ministro de Cristo considere difíceis de lidar, na grande questão da salvação da alma.

Sempre achei que, em todos os lugares, o hiper-calvinismo foi pedra de tropeço, tanto para a Igreja quanto para o mundo. A natureza pecaminosa em si mesma, a total incapacidade de aceitar a Cristo e de obedecer a

Deus, a condenação à morte eterna pelo pecado de Adão e pela natureza pecaminosa — todos os dogmas afins e resultantes dessa escola têm sido um embaraço para os crentes e a ruína dos pecadores. Mas, o universalismo, o unitarismo e todas as outras formas de erro fundamental têm cedido e desaparecido diante dos avivamentos. Pude comprovar repetidas vezes que, para o ser humano abandonar de uma vez por todas de livre e espontânea vontade o universalismo e o unitarismo, basta que ele seja totalmente convencido de pecado pelo Espírito Santo.

Quando relatar o outro avivamento que se deu em Rochester, terei ocasião de explicar mais detalhadamente como os céticos, se forem adotadas as técnicas corretas de abordagem, são muitas vezes forçados pelas próprias convicções a reconhecer que estão destinados à condenação e se alegram quando encontram diante deles uma porta de misericórdia, mediante as revelações contidas nas Escrituras. Mas, por ora, deixarei esse assunto, para introduzi-lo outra vez em minha narrativa de acordo com a cronologia dos avivamentos.

CAPÍTULO XXVII

De volta ao trabalho em Oberlin, na cidade de Nova York e em Boston

Após dois meses de atividades em Rochester, parti para Oberlin e, ao chegar ali, dediquei-me à função de professor e de pastor da igreja. A obra de Deus reavivou-se entre os alunos e entre o povo e experimentamos um período de contínua graça. Um número considerável de pessoas convertia-se todas as semanas e, quase diariamente durante o verão, tínhamos notícias de mais conversões — até a chegada do outono, quando parti para trabalhar na cidade de Nova York. Isso foi no final de 1842.

Um de nossos alunos, o rev. Samuel Cochran, era responsável por uma igreja na cidade de Nova York. Havia alugado um teatro na esquina das ruas Broadway e Prince, conhecido como Teatro Jardim de Niblo e ali a igreja celebrava seus cultos. Permaneci em Nova York várias semanas — não lembro exatamente quanto tempo — e houve muitas conversões. Mas, numa cidade grande é muito difícil, se não impossível, fazer qualquer estimativa do alcance de um avivamento. Pessoas procedentes de todas as partes da cidade formam uma grande massa de almas, são convencidas e convertidas e, em seguida, voltam ao convívio de uma vasta comunidade. Assim, é possível que sejam conhecidos bem poucos dentre os que foram realmente abençoados.

Nesse avivamento, o atual governador do estado converteu-se a Cristo. Na época, era um jovem de 16 ou 18 anos de idade. Certa noite, estando o auditório superlotado, convidei a vir à frente, como de costume, as pessoas que quisessem submeter-se a Deus. Enquanto o povo caminhava lentamente através da multidão, observei um jovem atravessando o auditório vindo de um dos cantos mais distantes do salão e passando por cima dos bancos. Dava a impressão de ser muito sincero e fiquei bastante impressionado com a espontaneidade com que veio para a frente. Deu excelente impressão como novo convertido e não tive dúvida de que ele se convertera a Cristo.

De fato, nunca tive dúvidas a respeito de sua vida cristã. Veio para a faculdade e completou o curso. Depois passou para o curso de teologia na ocasião em que visitei a Inglaterra pela primeira vez. Penso que a leitura do tratado do presidente Edwards a respeito do livre-arbítrio fez surgir em sua mente muitas indagações. Chegou a estudar para o ministério. Sua mãe, mulher de muita devoção, tinha a esperança sincera de que viesse a ser um obreiro atuante, pois era um jovem muito promissor. Mas, ele ficou tão confuso com suas especulações metafísicas que passou a questionar o livre-arbítrio do homem. Assim, viu claramente que não podia, de modo consciente e com esperança de sucesso, apresentar o evangelho aos homens. Por isso, abandonou os estudos teológicos e decidiu tornar-se professor primário. Antes de chegar a Oberlin, havia trabalhado num escritório de advocacia como escrevente. Por não conseguir respostas claras às suas especulações metafísicas para prosseguir na pregação do evangelho, resolveu dedicar-se à advocacia.

Aqueles que anotaram os fatos descritos nesta narrativa devem lembrar-se de que o inverno de 1843 foi uma estação em que os avivamentos prevaleciam extensivamente. Comecei a viagem para casa próximo ao primeiro dia de Março e, por todo o percurso até Oberlin, havia condições para que a viagem fosse feita de trenó. Para minha grande satisfação, descobri que um avivamento contínuo ocorria em quase todas as cidades entre Oberlin e Nova York. Dificilmente, nas paradas ao longo do caminho, não tive notícias de reuniões diárias de oração e ou de um poderoso avivamento.

Ao lembrar-me dos avivamentos já relatados por mim, posso dizer, com toda sinceridade, que nunca li nem ouvi que avivamentos semelhantes a esses tenham predominado em qualquer lugar, com tão pouca coisa a ser lamentada ou realmente censurada. Esse fato deve-se, sem dúvida, ao alto nível de cultura entre o povo norte-americano, principalmente entre o povo dos estados do Norte, onde a educação é geral.

Já falei da minha volta de Rochester, na primavera de 1842, quando tivemos um interessante avivamento, do qual eu deveria ter tomado o cuidado de anotar algumas características. Em determinado dia de Julho, uma convenção de ministros reuniu-se em Rochester para considerar a questão da santificação do dia do Senhor. Meus amigos em Rochester estavam muito desejosos de que eu participasse. Concordei em estar presente. No domingo anterior, havia pregado sobre o texto: "Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração" (Jr 29.13). Essa passagem causou profunda impressão nos presentes.

Na segunda-feira de manhã, comecei minha viagem para Rochester. No entanto, verificou-se que os estudantes haviam ficado demasiadamente impressionados com o sermão, o que os impedia de se concentrarem nas aulas — eu já havia partido e desconhecia, portanto, esse fato. Vendo a situação dos alunos, os professores suspenderam as aulas por alguns dias, os estudantes começaram a orar e foram levados a preocuparem-se com a salvação. O sentimento era intenso e, durante alguns dias, chegou a tornar-se esmagador. As conversões multiplicaram-se rapidamente. Alguns alunos, porém, ficaram muito emocionados e um deles, um jovem escocês, ficou mentalmente perturbado. Essa perturbação, no entanto, durou pouco tempo. Foi tal a situação que os membros da igreja pediram que eu voltasse imediatamente a Oberlin. Voltei, porém, nenhum mal permanente resultou do intenso estado emocional que predominara entre os estudantes nos poucos dias de minha ausência.

Os estudos haviam sido suspensos por apenas um breve período e as coisas voltaram ao normal. Os mais afetados acalmaram-se. Mas, durante o verão, continuou a imperar um profundo espírito de oração, trazendo grande progresso espiritual entre os crentes e, muitos de nossos alunos convertera-se a Cristo. Nesse avivamento, não foi demonstrada, de modo algum, nenhuma tendência herética da qual me lembre, ou algo que pudesse ser classificado como fanatismo. E, depois de meu regresso — penso que não estive ausente mais de uma semana, provavelmente só um domingo — as coisas voltaram aos caminhos normais de um avivamento sadio e poderoso.

No outono de 1843, fui chamado de volta a Boston. Se não estou enganado quanto às datas, 1842 foi um ano de grande comoção em Boston com respeito à segunda vinda de Cristo. E eu estive ali nesse ano. Notava-se tremenda agitação na opinião pública. O sr. Miller estava ali, fazendo preleções sobre o tema e ministrando estudos bíblicos diários, nas quais oferecia instrução e inculcava na mente dos ouvintes suas opiniões pessoais. Quanto me lembre, nunca estive em um lugar onde tivesse visto tanto exagero e falta de razão quanto naquela comoção em Boston.

Estive presente a uma ou duas aulas do sr. Miller. Depois disso, convidei-o a vir aos meus aposentos, onde procurei convencê-lo de que estava errado. Chamei sua atenção para a interpretação que atribuía a algumas das profecias e mostrei-lhe, dentro de minhas possibilidades, que ele estava totalmente enganado em algumas de suas opiniões fundamentais. Ele replicou que minha investigação tinha apenas o propósito de apontar os erros dele, se os tivesse. Na última vez em que assisti a uma de suas aulas, ele ensinou aos alunos sua doutrina, baseada na profecia de Daniel, de que Cristo viria e destruiria seus inimigos em 1843. Durante o que ele chamava exposição da profecia de Daniel, afirmou que a pedra cortada da montanha sem o uso de mãos que destruiu a imagem ali referida, era Cristo.

Quando o sr. Miller esteve em meus aposentos, chamei sua atenção para o fato de que o profeta afirmou expressamente que a pedra era o Reino de Deus e não Cristo e que o profeta ali representava a Igreja, ou seja, o Reino de Deus, que, ao ser estabelecido, demoliu a imagem. Esse fato ficou tão claro que o sr. Miller foi obrigado a aceitá-lo como a pura verdade. Não seria Cristo, mas o Reino de Deus que destruiria aquelas nações. Perguntei-lhe, em seguida, se ele acreditava que o Reino de Deus destruiria aquelas nações tal como ele ensinava: pela espada, isto é, por meio da guerra. Ele respondeu que não acreditava nisso. Perguntei-lhe, então:

— Não são os governos que serão derrubados, em vez de os habitantes serem destruídos? E isso não seria resultado da influência da Igreja de Deus, graças à iluminação da mente dos cristãos por meio do evangelho? E, se era esse o significado, em que você baseia o ensino de que um dia Cristo virá em pessoa destruir todos esses povos? Ora, isso é fundamental para o que o senhor ensina. E o grande argumento que ressalta em suas

aulas e aqui temos um erro evidente, pois as próprias palavras do profeta revelam totalmente o contrário daquilo que o senhor ensina!

Diante disso, ele simplesmente respondeu:

— Pois bem! Se eu estiver errado, sua investigação descobrirá os erros.

Mas, na ocasião, era inútil arrazoar com ele e com seus seguidores. Por crerem que o advento de Cristo estava próximo, não era de admirar que se mostrassem profundamente agitados, por demais conturbados para tratar o assunto de maneira racional.

Quando cheguei ali, no outono de 1843, descobri uma situação muito curiosa. Aquela comoção já passara, mas, detectei entre o povo quase todas as formas de heresia. Descobri que em Boston a situação era aquela mencionada pelo dr. Beecher no primeiro inverno em que atuei nessa cidade, quando ele me disse: "Sr. Finney, o irmão não pode fazer a obra aqui como nos outros lugares. Precisa adotar um método diferente de instrução, começando pelos alicerces. Isso porque o unitarismo é um sistema de negações e o resultado de seus ensinos é a decadência dos alicerces do cristianismo. O irmão não pode tomar nada como certo, pois, tendo os alicerces destruídos, por obra dos unitaristas e universalistas, as pessoas estão à deriva. As massas não têm opinião firme sobre nada: são levadas por qualquer um que diga: "Vejam aqui!' ou 'Vejam ali!'. E quase todas as formas concebíveis de heresia conseguem prevalecer".

Descobri que tudo isso se aplicava em maior grau a Boston que a qualquer outro campo em que tivesse atuado. A despeito de toda a cultura do povo de Boston, as convicções religiosas das pessoas ali são mais duvidosas que as de qualquer outro lugar em que trabalhei. O povo tem muito conhecimento em todas as áreas, menos no que concerne à religião. É extremamente difícil inculcar na mente das pessoas as verdades religiosas, porque a influência da doutrina unitarista levou-as a questionar as doutrinas principais da Bíblia. Seu sistema é de negações. Sua teologia é negativa. Negam quase tudo e afirmam quase nada. Em semelhante campo, a heresia é acolhida pelo povo com os ouvidos bem abertos e as opiniões mais loucas e irracionais a respeito de assuntos religiosos são sustentadas por grande número de pessoas.

Já me referi à Capela de Marlborough, que naquela época pertencia ao irmão Willard Sears. Quando comecei a trabalhar ali, descobri uma situação singular. Haviam formado uma igreja composta quase exclusivamente de radicais e a maioria dos membros mantinha opiniões extremadas a respeito de vários assuntos. A igreja era formada principalmente de pessoas que haviam saído de igrejas ortodoxas. Muitas delas eram fortes e consistentes, com idéias reformistas. Eram pessoas boas, mas não posso dizer que fossem unidas. Suas opiniões extremadas pareciam constituir um elemento de rejeição mútua. Alguns eram extremados na tolerância e consideravam errado empregar qualquer castigo físico para disciplinar os filhos. Achavam que tudo deveria ser feito por persuasão moral. De modo geral, porém, era um povo cristão sério e de oração.

Não tive nenhuma dificuldade em conviver com eles, mas, naquele tempo, a comoção causada por Miller e várias outras causas contribuíram para produzir bastante confusão entre eles. Não estavam, de modo algum, desenvolvendo-se como igreja. Surgira entre eles um jovem de nome Smith, que alegava ser profeta. Mantive com ele muitas conversas, procurei convencê-lo de que estava totalmente errado e esforcei-me para livrar seus seguidores do erro. No entanto, vi que seria impossível, até que ele assumiu compromisso com referência a várias questões e predisse que certas coisas aconteceriam em determinadas datas. Uma das previsões foi que seu pai morreria num dia estabelecido e profetizou vários acontecimentos e datas.

Diante disso, propus: "Faremos agora uma prova com você, para testar a veracidade de suas declarações. Se esses fatos vierem a acontecer do modo e na hora que você previu, teremos autoridade bíblica para crer que você é profeta. Mas, se não acontecerem, isso comprovará que você está enganado". Essa prova ele não podia negar. Pela boa providência de Deus, suas predições deviam cumprir-se em poucas semanas. Arriscara sua reputação como profeta e ficou aguardando seu cumprimento. É lógico que todas elas fracassaram e ele fracassou com elas: calou-se e nunca mais ouvi falar de predições suas. No entanto, ele deixara muitas mentes confundidas, a ponto de neutralizar os esforços espirituais dessas pessoas. E não me consta que seus ex-seguidores tenham chegado a reconquistar a influência que tinham anteriormente como crentes.

Naquele inverno, o Senhor fez um completo exame em minha alma e renovou em mim o batismo com seu Espírito. Hospedei-me no hotel Marlborough e meus aposentos localizavam-se na esquina que dava para a capela. Ali estava meu gabinete, com acesso para o quarto. Minha mente ocupou-se grandemente em orar

por um tempo prolongado, como acontecia sempre que eu realizava algum trabalho em Boston. Ali eu sempre recebia grande peso do espírito de oração. Mas, nesse inverno, minha alma ocupava-se grandemente com a questão da santidade pessoal, do estado da igreja como um todo, de sua falta de poder, da fraqueza das igrejas ortodoxas em Boston — fraqueza de fé e falta de poder no meio da comunidade.

O fato de as igrejas estarem fazendo pouco ou nenhum progresso para amenizar os males da cidade perturbava-me grandemente o espírito. Passei a dedicar-me a muita oração. Depois dos cultos vespertinos, acomodava-me tão cedo quanto possível e levantava-me às quatro da madrugada, porque não conseguia dormir mais. Ia imediatamente orar no gabinete. Minha alma ficou tão atormentada e tão profundamente envolvida na oração que eu orava desde a hora em que me levantava até ouvir o sinal que chamava para o café da manhã, às oito horas. Meus dias eram dedicados ao estudo das Escrituras, dentro do horário disponível, pois recebia numerosas visitas de pessoas que queriam conversar comigo.

Nada mais li durante todo aquele inverno senão a Bíblia e boa parte dela me parecia novidade. Parecia que o Senhor me conduzia outra vez, de Gênesis a Apocalipse. Ele levou-me a ver a relação entre os fatos — como as coisas preditas no Antigo Testamento aconteciam no Novo Testamento: promessas, ameaças, profecias e seu cumprimento. Realmente, as Escrituras, na sua totalidade, pareciam brilhar não somente de luz, mas, como se a Palavra do Senhor estivesse impregnada da própria vida de Deus.

Depois de eu passar em oração semanas e meses, certa manhã, enquanto orava, ocorreu-me o seguinte pensamento: "O que acontecerá se, depois de recebidos todos esses ensinos, minha vontade não for dominada por eles e eles afetarem minhas emoções, apenas? Será que minhas emoções podem ser abaladas por essas revelações encontradas na Bíblia sem que meu coração esteja realmente subjugado por elas?". Ocorreram-me então vários trechos das Escrituras, como este: "Ordem sobre ordem, ordem sobre ordem, regra e mais regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali', para que saiam, caiam de costas, firam-se, fiquem presos no laço e sejam capturados", (Is 28.13).

A idéia de que eu pudesse estar sendo enganado pelas minhas emoções foi como uma picada da víbora. Produziu uma dor que não consigo descrever. Os demais textos bíblicos que me ocorreram nesse sentido, durante uns momentos, aumentaram grandemente minha aflição. Logo em seguida, porém, fui capacitado a lançar-me sobre a perfeita vontade de Deus. Declarei ao Senhor que, se ele considerasse mais sábio e melhor e se sua honra exigisse que eu continuasse iludido e descesse ao inferno, eu aceitaria de bom grado sua vontade. Então, eu lhe disse: "Faze comigo o que bem te parecer".

Pouco depois de ocorrer esse fato, passei por uma grande luta interior para atingir um nível mais sublime de consagração a Deus, muito acima do que eu já sentira ser minha obrigação — e além do que me parecia ser possível. Em situações semelhantes, era meu costume colocar toda a minha família no altar de Deus, para que ele lidasse com ela segundo sua vontade. Mas, nessa ocasião, antes de aceitar em definitivo a vontade de Deus, senti forte relutância no momento de entregar a vida de minha mulher à vontade divina. Ela estava com a saúde debilitada e era certo que não viveria por muito tempo.

Por aqueles dias, tive um sonho com ela que veio abrir caminho para a luta interior a que me estou referindo. Depois do sonho, tentei colocá-la sobre o altar divino, como sempre fazia. Porém, jamais enxergara com tanta clareza o que estava subentendido com o fato de deixá-la — e tudo que eu possuía — no altar do Senhor. Durante muitas horas permaneci de joelhos, tentando entregá-la sem restrições à vontade divina. Contudo, sentia-me incapacitado de fazer essa entrega. Isso deixou-me tão chocado e surpreendido que, em minha agonia, passei a suar profusamente. Lutei e orei até sentir-me exausto e totalmente incapaz de entregá-la à vontade divina de forma a não fazer a mínima objeção a que o Senhor dispusesse dela conforme lhe agradasse.

Esse fato perturbou-me muito. Escrevi à sra. Finney e contei-lhe a respeito da luta que eu tivera e da preocupação que sentira por não conseguir entregá-la à perfeita vontade de Deus. Isso aconteceu pouco antes de eu enfrentar a tentação a que acabei de referir-me — pois foi o que me pareceu ter sido — durante a qual os textos bíblicos subiam de modo aflitivo à minha mente e uma amargura quase mortal parecia dominar-me diante da idéia de que minha experiência talvez fosse apenas resultado de minhas emoções. No entanto, como já mencionei, consegui vencer o desânimo e a amargura, o que identifiquei como setas de Satanás. Passei a confiar de maneira ainda mais profunda na infinitamente abençoada e perfeita vontade de Deus.

Em seguida, declarei ao Senhor minha total confiança nele, afirmando que me sentia perfeitamente disposto a entregar a mim mesmo, minha mulher, minha família inteira e tudo o mais, para que ele dispusesse de nós

inteiramente e sem nenhuma restrição, segundo seus planos e sua vontade. E, se ele considerasse melhor e mais aconselhável mandar-me para o inferno, eu aceitaria de bom grado sua decisão.

Quanto à minha mulher, eu também me sentia inteiramente disposto a colocá-la, corpo e alma, sobre o altar da perfeita vontade de Deus sem a mínima apreensão. Passei, então, a ter um conceito mais profundo das coisas que realmente envolviam a consagração a Deus e pude ficar longas horas de joelhos, considerando a questão inteira e entregando tudo nas mãos de Deus: os interesses da igreja, o progresso da fé, a conversão do mundo e a salvação ou condenação de minha alma, conforme ele decidisse. Lembro-me de ter dito mesmo ao Senhor, de todo o coração, que ele podia fazer qualquer coisa comigo ou com os meus, conforme sua bendita vontade consentisse em fazer; que agora minha confiança em sua bondade e em seu amor era total, a ponto de eu ter certeza de que ele jamais faria comigo algo que me causasse descontentamento.

Senti a santa ousadia de dizer-lhe que fizesse comigo exatamente o que ele considerasse bom. O Senhor não pode fazer nada que não seja perfeitamente sábio e bom, por isso, eu tinha os melhores motivos para aceitar qualquer decisão da parte dele no tocante a mim e aos meus. Nunca antes tivera a experiência de um repouso tão profundo e perfeito na vontade de Deus.

O único ponto estranho era este: não consegui firmar-me na esperança que possuía anteriormente nem lembrar-me com clareza dos tempos de comunhão e certeza que experimentara em tempos passados. Posso dizer que abri mão de minha esperança e baseei tudo em um novo alicerce. Com isso, quero dizer que pus de lado a esperança baseada em alguma experiência do passado. Lembro-me de que falei ao Senhor que não sabia se ele pretendia salvar-me ou não. Não me sentia preocupado em sabê-lo. Estava disposto a aguardar o desenrolar dos fatos. Falei ao Senhor que, se eu descobrisse que ele me guardava e trabalhava em mim, pelo seu Espírito e que me preparava para o céu e fazia operar a santidade e a vida eterna em minha alma, eu tomaria isso como sinal de que ele pretendia salvar-me. Mas, se eu me achasse esvaziado das forças, da luz e do amor divinos, então concluiria que ele considerava sábio e conveniente enviar-me ao inferno e que eu, em qualquer um dos casos, aceitaria sua vontade. E minha mente firmou-se em total quietude.

Isso aconteceu de manhã bem cedo e, no decurso daquele dia, eu parecia estar num estado de perfeito repouso de corpo e de alma. Surgia com freqüência em minha mente, a seguinte pergunta: "Você continua firme em sua decisão de consagrar-se e permanecer entregue à vontade de Deus?". Eu respondia sem hesitação: "Sim! Não retiro nada do que prometi. Não tenho motivo para arrepender-me. Em nada fugi à razão em minhas confissões de lealdade a Deus. Não tenho motivo para retirar qualquer coisa do que disse — não quero desdizer-me em nada".

Pensar na possibilidade de minha perdição não me afligia. Realmente, por mais que procurasse durante aquele dia inteiro, não conseguia achar dentro de mim o mínimo temor, a mínima emoção perturbadora. Nada me preocupava. Não me sentia nem eufórico nem deprimido. Não estava alegre nem triste. Minha confiança em Deus era perfeita e minha aceitação à sua vontade era total. Minha mente estava tão calma quanto o céu. E, ao entardecer, veio-me este pensamento: "E se Deus me mandasse para o inferno? Que seria de mim?". Respondi para mim mesmo: "Ora, eu não levantaria objeções". Surgiu ainda a pergunta: "Poderia ele mandar para o inferno alguém que aceite sua vontade da maneira em que você a aceita?". Nem bem a pergunta surgiu em minha mente, já estava respondida: "Não, é impossível! O inferno não poderá ser inferno para mim, já que aceitei a perfeita vontade de Deus". Isso fez brotar em mim um estado espiritual de júbilo que continuou a crescer durante semanas, meses e — posso dizer — anos.

Por muitos anos, minha mente transbordava tanto de júbilo que se sentia livre de ansiedade no que se referia a qualquer assunto. Toda a minha oração, antes tão fervorosa e prolongada, agora resumia-se nisto: "Seja feita a tua vontade". Parecia que todos os meus desejos haviam sido atendidos. Recebi da maneira mais inesperada tudo que eu vinha pedindo para mim.

"Santidade ao Senhor" parecia estar inscrito em todas as ocupações de minha mente. Minha fé era tão forte no perfeito cumprimento da vontade de Deus que eu não conseguia andar ansioso por coisa alguma. As grandes ansiedades que haviam ocupado minha mente durante meus agonizantes períodos de oração pareciam esquecidas, de modo que, cada vez que eu recorria a Deus a fim de entrar em comunhão com ele, como era meu hábito, caía de joelhos e achava impossível pedir-lhe qualquer coisa com sinceridade, senão que sua vontade fosse feita na terra tal como no céu. Minhas orações eram voltadas para isso e, freqüentemente, eu me via sorrindo diante de Deus e dizendo que não estava pedindo coisa alguma. Tendo a plena certeza de que Deus levaria a efeito sua sábia vontade e minha alma sentia-se plenamente satisfeita.

Foi nessa ocasião que me senti livre da prolongada luta enfrentada e comecei a pregar à congregação com essa minha nova experiência. Um número considerável de pessoas acompanhava minhas pregações e compreendia-me. Ouvindo meus sermões, elas entenderam o que se passava em minha mente. Estou certo de que meus ouvintes estavam mais conscientes que eu mesmo da grande mudança operada na forma em que eu apresentava meus sermões. É lógico que minha mente estava totalmente ocupada com o tema da salvação plena e presente no Senhor Jesus Cristo. Não conseguia, portanto, pregar a respeito de outro assunto. Parecia que minha alma estava unida a Cristo de uma forma jamais sentida por mim.

A linguagem de Cântico dos Cânticos era-me tão natural quanto meu hálito. Pensava compreender bem o estado de mente do autor quando escreveu aquele cântico e cheguei à conclusão de que ele fora escrito depois de o autor haver-se recuperado de uma grande queda na infidelidade. Até hoje defendo essa idéia. Além de viver na novidade do primeiro amor, sempre tive livre acesso a ele. Realmente, o Senhor enalteceu-me acima de qualquer coisa que eu experimentara antes e me ensinou tanta coisa a respeito do significado da Bíblia, de nosso relacionamento com Cristo e de seu poder e disposição para manter esse relacionamento que, freqüentemente, eu via-me declarando: "Eu nunca soube nem imaginei que tal coisa fosse possível". Foi, então, que me dei conta do texto: "Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos" (Ef 3.20). E ele, realmente, ensinou-me infinitamente mais do que eu chegara a pedir ou pensar.

Antes disso, eu não fazia idéia da largura, do comprimento, da altura, da profundidade e da eficiência de sua graça. A afirmação "Minha graça é suficiente para você" (2Co 12.9) significava tanto que me era estranho não tê-la compreendido até então. E eu apanhava-me exclamando: "Maravilhoso! Maravilhoso! Maravilhoso!", à medida que as revelações me eram feitas. Foi então que compreendi melhor a intenção do profeta ao dizer: "... ***Maravilhoso*** Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz" (Is 9.6).

Dediquei quase todo o restante do inverno, antes que eu fosse obrigado a voltar para casa, a instruir o povo a respeito da plenitude que se encontra em Cristo. Mas, descobri que estava pregando acima do nível de entendimento espiritual da maior parte da congregação. Havia, de fato, um número razoável de pessoas que me compreendia e desfrutava, por isso, de bênçãos maravilhosas. Tenho motivo para crer que passaram a progredir na vida cristã mais que em qualquer outra época anterior a essa experiência. Mas, nem todos os membros da pequena igreja que se formou ali eram capazes de trabalhar juntos de modo saudável e eficiente. Era grande a oposição externa contra eles. A maioria da população e, até mesmo crentes professos, antipatizavam com eles. Os membros das outras igrejas não estavam em condições de receber os conceitos que eu defendia sobre santificação. E, embora em quase todas houvesse indivíduos piedosos e grandemente abençoados, meu testemunho, em geral, não fazia sentido para eles.

Alguns, no entanto, conseguiam entender minha posição. Lembro-me de que certa noite os diáconos Proctor e Safford, depois de ouvir minha pregação e ver o efeito que causara sobre os ouvintes, esperaram-me descer do púlpito, chegaram até mim e disseram:

— O que o irmão ensina é muito avançado para nós. O irmão está muito à frente de nossos ministros. Como podemos conseguir que venham aqui escutar essas verdades?

— Não sei — respondi. — Mas, gostaria que eles enxergassem as coisas como eu as enxergo, pois realmente me parece ser de infinita importância que haja em Boston um padrão mais alto de santidade.

Os diáconos concordaram comigo e pareciam grandemente desejosos de apresentar aquelas verdades ao povo. Os crentes em Boston afirmavam que os dois eram homens bons, mas, não sei dizer que esforços realmente eles fizeram para persuadir os pastores e congregações a freqüentar minhas reuniões de avivamento.

Durante aquele inverno, empenhei-me no avivamento entre os cristãos. O Senhor preparou-me para isso por meio da grande obra que operou em minha alma. Embora antes eu tivesse muito do entusiasmo divino operando em mim, mesmo assim, a experiência por que passei naquele inverno ultrapassou tudo que eu vivera anteriormente e em tal medida que às vezes eu ficava pensando se, em outro tempo, eu tivera verdadeira comunhão com Deus.

É lógico que eu já havia experimentado comunhão com Deus e por longos períodos. Tomei plena consciência disso quando refleti sobre o assunto e lembrei-me do que, com tanta freqüência, se passara comigo. Minha idéia era que, ao chegarmos ao céu, nossas opiniões, alegrias e práticas religiosas

ultrapassariam de tal maneira qualquer coisa experimentada nesta vida que dificilmente reconheceríamos o fato de termos tido alguma religião enquanto estivemos neste mundo. É verdade que, em muitas ocasiões, eu desfrutara de alegrias inexprimíveis e profunda comunhão com Deus, mas, isso fora de tal maneira encoberto pela experiência daquele inverno que eu dizia ao Senhor que, até então, não conhecia, de fato, as coisas maravilhosas reveladas em seu bendito evangelho nem a graça maravilhosa oferecida por Cristo Jesus. Claro, tudo isso era relativo. Eu falava assim porque minhas experiências anteriores pareciam lacradas, quase perdidas de vista.

Quando cessou a grande emoção daquele período, minha mente parecia estar mais calma. Enxerguei mais claramente os diferentes passos de toda a minha experiência cristã e pude reconhecer que a conexão entre todas as coisas foi operada por Deus desde o início. Mas, a partir de então, nunca mais passei por grandes embates nem por aqueles longos períodos de oração agonizante para alcançar o pleno repouso em Deus, o que era minha experiência freqüente. A partir de então, prevalecer com Deus nas experiências vividas por mim passou a ser coisa bem diferente. Posso comparecer diante de Deus com mais calma, porque me aproximo dele com a mais perfeita confiança. E, ele capacita-me, agora, a repousar nele com muito mais facilidade.

Tenho sentido, a partir de então, liberdade e alegria espirituais em Deus e em sua Palavra. Sinto, ainda, grande firmeza na fé e na liberdade cristã, uma inundação de amor que, antes de passar por essas últimas manifestações divinas, só experimentara ocasionalmente. Não quero dizer com isso que as experiências anteriores fossem raras. Ao contrário, eram freqüentes e repetidas, mas nunca tão permanentes quanto a última. Parecia que minha escravidão fora totalmente desfeita e, a partir de então, passei a desfrutar da liberdade de uma criança diante de um pai amoroso. Pareço capaz de encontrar Deus dentro de mim de tal maneira que posso descansar nele e aquietar-me, colocar meu coração em suas mãos e aninhar-me em sua perfeita vontade, enquanto minhas preocupações e minha ansiedade desaparecem.

Afirmo que essa experiência passou a ser habitual a partir de então, mas, não posso dizer que eram ininterruptas, pois, em 1860, durante uma crise de enfermidade, passei por um período de grande depressão e excepcional humilhação. Mas, o Senhor tirou-me daquele estado de desânimo e colocou-me num lugar seguro de paz e repouso.

Poucos anos depois desse período de refrigério vivido em Boston, minha amada veio a falecer. Para mim, foi uma grande aflição. No entanto, em momento algum murmurei ou opus-me à vontade de Deus. Sem oferecer a mínima resistência, entreguei-a a Deus. Para mim, no entanto, era uma grande tristeza. Na noite após sua morte, prostrei-me solitário em minha cama, enquanto alguns amigos cristãos estavam sentados na sala, numa vigília que duraria a noite inteira. Adormeci e, quando acordei, pouco depois, a realidade de estar viúvo invadiu minha mente de maneira muito forte! Minha mulher se fora! Nunca mais ouviria sua voz nem veria seu rosto! Seus filhos ficaram sem mãe! O que fazer? Meu cérebro parecia rodopiar, como se a minha mente tivesse saído do eixo. Levantei-me imediatamente da cama, exclamando: "Vou enlouquecer se não conseguir descansar em Deus!" O Senhor não demorou a acalmar minha mente, mas, mesmo assim, sobrevinham-me períodos de tristeza quase esmagadora.

Certo dia, eu estava de joelhos conversando com Deus a respeito do assunto e, de repente, senti que ele me perguntava: "Você amava sua mulher?" Respondi que sim. Ele continuou: "Pois bem! Você a amava para o bem dela mesma ou para o seu? Se a amava para o bem dela, por que está triste por ela estar comigo? A felicidade dela não deveria trazer-lhe regozijo, em vez de mágoa?" Ele parecia dizer ainda: "Você a amava por amor a mim? Se você a amava por amor a mim, certamente não deveria estar de luto por ela achar-se comigo agora. Por que pensa na perda sofrida por você, em vez de pensar na vitória conquistada por ela? Como pode estar entristecido sendo que ela está tão alegre e feliz? Se você a amasse por ela mesma, não deveria estar-se regozijando pelo júbilo que ela está vivendo, alegrando-se com a felicidade dela?" Jamais poderei descrever os sentimentos que me sobrevieram depois que Deus se dirigiu a mim desse jeito.

A palavra divina produziu uma mudança instantânea em minha atitude no tocante à perda de minha mulher. A tristeza por sua morte desapareceu para sempre. Já não pensava nela como morta, mas vivendo nas glórias do céu. Por esse tempo, minha fé era tão forte e minha mente tão iluminada que eu sentia-me capaz de penetrar no céu quase da mesma forma em que ela se encontrava lá. E, se fosse possível a comunicação com um espírito ausente ou com alguém que está no céu, eu diria que ainda tinha alguma comunhão com ela. Mas nunca supus a possibilidade de podermos dialogar. Parecia até que eu podia descrever o estado de alma em que ela se encontrava: repouso profundo e ininterrupto dentro da perfeita vontade de Deus. Consegui

perceber que aquilo era o céu, experimentei-o em minha alma. Até hoje, não me esqueci da impressão que aquela experiência causou em meu coração e em minha mente. E aquela sensação retorna com freqüência à minha mente, como se eu experimentasse o mesmo estado mental dos que habitam o céu e eu consigo perceber por que razão vivenciam esse estado.

Minha mulher morreu num estado de alma celestial. Sua confiança em Deus era tão perfeita, que pareceu-me ter ela alcançado, depois de morrer, total compreensão do amor e da fidelidade de Deus, a ponto de confirmar e aperfeiçoar para sempre sua confiança nele e a submissão à sua vontade. Essas são experiências que tenho vivido em alto grau depois daquela ocasião. Descobri, porém, que não posso incluir num sermão as verdades que fazem com que minha alma se deleite, pois não seria compreendido, a não ser por um número muito reduzido de pessoas. Por mais que eu descrevesse os pormenores, penso que bem poucos dos membros de nossas igrejas apreciariam o assunto e receberiam com prazer aquelas visões e a plenitude da salvação, que continuam a alimentar e deleitar minha alma. Em todos os lugares em que prego, sinto ser necessário descer até o nível em que os ouvintes se encontram, a fim de que possam compreender-me. E tenho encontrado igrejas estacionadas em nível tão baixo que seus membros parecem totalmente incapazes de apreender e apreciar o que considero as mais preciosas verdades do evangelho.

Ao pregar aos pecadores impenitentes, vejo-me obrigado, naturalmente, a voltar aos princípios elementares. Em minha experiência, já fui muito além dos princípios elementares e de estágios mais avançados e já não consigo viver dessas verdades. Mesmo assim, preciso pregá-las aos pecadores, a fim de levá-los à conversão. Ao pregar o evangelho, posso falar sobre expiação, conversão e muitos conceitos destacados, apreciados e aceitos pelos que têm pouco tempo de vida religiosa e, também, pelos que já passaram longo tempo na igreja, mas progrediram pouco no conhecimento de Cristo.

Somente em raras ocasiões descubro ser realmente proveitoso para o povo de Deus derramar diante da congregação a plenitude que minha alma consegue ver em Cristo. Em Boston, o número de pessoas que me compreenderam e receberam com avidez essas verdades é bem maior que em qualquer outro local, mas até mesmo ali a maioria dos que professaram a fé não as abraça com todo o seu entendimento. Não levantam objeções, não se opõem a elas e, dentro do alcance de seu entendimento, deixam-se convencer. Mas, em questão de experiência, desconhecem o poder das verdades mais sublimes e preciosas do evangelho da salvação em Cristo Jesus.

Já mencionei que aquele inverno passado em Boston foi dedicado principalmente à pregação aos crentes professos e que, muitos deles, receberam grande bênção na alma. Eu estava convicto de que, a não ser que os alicerces fossem lançados de novo e os crentes de Boston passassem a viver um tipo mais sublime de vida cristã, jamais prevaleceriam contra o unitarismo. Eu sabia que eles haviam arrazoado contra os unitaristas, que os ministros conservadores havia muitos anos pregavam a ortodoxia, em contraste com os unitaristas e que tudo quanto era possível fazer por meio de debates já fora feito. No entanto, eu achava que os unitaristas precisavam ver a prática do puro evangelho de Cristo na vida dos crentes. Precisavam encontrar nas palavras e na vida dos crentes a comprovação de que Jesus Cristo era o Salvador divino, poderoso para salvá-los de todo o pecado.

Sua profissão de fé em Cristo não combinava com suas experiências. Não podiam dizer que haviam comprovado, em sua experiência, que Cristo era aquilo que pregavam. Resumindo: seu testemunho particular e público do poder da graça de Deus na própria consciência não conseguia sustentar sua ortodoxia. Pelo contrário, suas confissões constantes de escravidão ao pecado contradiziam a fé que professavam em Cristo. Percebi, com mais clareza do que nunca, que a ortodoxia em Boston tinha bem pouco poder e jamais alcançaria poder até viver uma nova experiência cristã. Os ortodoxos necessitavam das provas oferecidas pelas testemunhas vivas de Deus e da demonstração da experiência e da consciência para convencer os unitaristas. Meros raciocínios e argumentos, por mais conclusivos que fossem, não poderiam vencer os erros e preconceitos deles. E continuo crendo que é assim.

As igrejas ortodoxas de Boston são muito formais. Estão escravizadas por determinados princípios. Têm medo de lançar mão de novos métodos e de se aventurarem, com toda a liberdade, na salvação das almas. Seus membros sempre me pareceram imobilizados em suas orações, visto que o que chamo espírito da oração raras vezes encontrei em Boston. São teimosos e permanecem dentro de uma camisa de força. Se não conseguirem libertar-se de seus conceitos sobre o que é sensato e conveniente e romper a frieza e a estagnação que existe entre eles, não conseguirão salvar a cidade. Eles vivem em um estado de estagnação espiritual. Os ministros e diáconos, embora eu pense que sejam homens bons, não se aventuram a usar novos

métodos para atrair os ouvintes porque temem a crítica dos unitaristas. Tudo precisa ser feito de determinado modo. E o Espírito Santo entristece-se ao vê-los entregues a semelhante escravidão.

No entanto, há em Boston pessoas virtuosas, dedicadas à oração, que comprovam sua sinceridade ao abrir o coração e as mãos ao próximo e ao ajudar a promover cada palavra e cada boa obra. Mas, há necessidade de líderes mais corajosos: ministros com nível mais elevado de experiência, com fé mais ampla e com maior coragem moral que a demonstrada até agora.

Em Boston, já empenhei meus esforços em cinco poderosos avivamentos. Quero declarar que minha convicção sincera é que a maior dificuldade para vencer o unitarismo e as demais formas de heresia que proliferam ali é a timidez dos crentes e das igrejas. Por saber que estão constantemente expostos às críticas dos unitaristas, tornaram-se cautelosos demais. Sua fé foi reprimida. E receio que a predominância do unitarismo e do universalismo os tenha impedido de pregar e demonstrar o perigo que correm os impenitentes, tal como o presidente Edwards o apresentava. As doutrinas do castigo eterno e da necessidade da inteira santificação e a prontidão em renunciar a todos os pecados como requisitos para a salvação — na realidade, todas as doutrinas que visam despertar os impenitentes e os crentes semi-mundanos a sair da letargia — lastimavelmente não são expostas com a freqüência e o poder indispensáveis à salvação da cidade.

Os poucos membros da Capela de Marlborough queriam muito que eu me tornasse seu pastor. Com esse pedido em mente, saí de Boston e cheguei em minha casa. Conforme vim a saber posteriormente, o irmão Sears seguiu-me com um convite no bolso, para persuadir-me a retornar a Boston e passar a residir ali. Mas, quando chegou a Oberlin, a fim de consultar os irmãos sobre a possibilidade de eu transferir-me para Boston, eles o desencorajaram de tal maneira que ele nem sequer me apresentou o convite.

Esse não foi o último inverno que passei em Boston. Terei muito mais para dizer, em melhor oportunidade, a respeito dos avivamentos ali. Quanto ao número de conversões naquela cidade, naquele inverno, não posso dizer outra coisa a não ser que, de modo global, devem ter sido numerosas, tendo em vista que recebia em meus aposentos, de forma quase ininterrupta, dia após dia, visitas de interessados provenientes de várias partes da cidade. No entanto, conforme já relatei, acho que naquele inverno a maioria dos interessados era de crentes professos, poderosamente despertados para buscar uma vida cristã mais sublime.

CAPÍTULO XXVIII

TRABALHOS EM OBERLIN, MICHIGAN, ETC

No outono seguinte, no ano de 1845, fui convidado de modo insistente, como sempre acontecia, a visitar o lugar de meu nascimento espiritual e a trabalhar ali como evangelista. Resolvi aceitar o convite. Na véspera da partida, fiz minha mala e deixei tudo pronto para começar a viagem na manhã seguinte. Deitei-me cedo e adormeci antes da chegada de minha mulher. Logo fui acordado por sua tosse. Abri os olhos e vi que ela tossia sangue. Havia entrado no quarto enquanto eu dormia e não sei se a tosse provocou a perda de sangue ou se a perda de sangue provocou a tosse. A cena, entretanto, era de dar medo. O sangue saía-lhe da boca com tanta profusão que quase a sufocava. Parecia que tinha dificuldade para expulsa-la dos pulmões com rapidez suficiente para impedir o sufocamento. A impressão era de que morreria em pouquíssimo tempo. Tomei-a nos braços segurei-lhe a cabeça sobre uma vasilha e procurei acalmá-la tanto quanto possível, evitando que alguém mais da família se assustasse.

Ela mesma, porém, não parecia muito atemorizada. Tinha a alma fortemente ancorada em Deus e demonstrava uma confiança inquestionável, por isso não ficava perturbada. Ela sabia que em sua família tinha havido vários casos de tuberculose. Portanto, provavelmente não ficou muito surpreendida com o que estava acontecendo. Depois de lhe enxaguar a boca e a garganta com água fria e de limpar o sangue tão bem quanto podia, coloquei minha preciosa mulher na cama e deitei-me ao lado dela para vigiar-lhe a respiração, o pulso e os demais sintomas que se manifestassem. Ela foi-se aquietando cada vez mais, até adormecer. Recuperou-se da crise e nunca mais sofreu nenhuma sangria nos pulmões. Após dois anos de luta contra a tuberculose, no entanto, faleceu.

Por causa daquele grande sangramento, tive de ficar em casa para cuidar dela, de modo que abandonei qualquer plano de viagem para aquele inverno. Dediquei-me a cuidar dela e continuei a pregar e a trabalhar

a favor de um avivamento ali mesmo, em Oberlin. Tivemos proveitosas atividades e inspiradoras reuniões durante todo o inverno, mas, como esse tipo de trabalho já era comum na cidade, houve pouquíssimos comentários a respeito da obra. Na verdade, há muitos anos acontecem reuniões regulares para os interessados e muitos convertam-se semana após semana: cada vez que é celebrada a ceia do Senhor, dezenas de pessoas são acrescentadas à igreja. Fatos assim são comuns para o povo de Oberlin.

Não saí de casa para atuar especificamente como evangelista senão no inverno seguinte, quando insistiram em que eu fosse para Detroit. E fui para lá para ajudar o irmão Hammond, pastor da Igreja Congregacional. A maioria das igrejas ali eram presbiterianas e era assim na maior parte do estado. O dr. Duffield, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana em Detroit, era muito radical e parecia ressentir-se de minha chegada. Ele exercia muita influência ali e toda ela a favor de nossos oponentes. Nem por isso, no entanto, deixamos de fazer uma obra preciosa ali. Houve muitas conversões notáveis, mas permaneci ali bem pouco tempo.

Era muito difícil conseguir dos congregacionais e dos obstinados presbiterianos o estado de mútuo sentimento indispensável à promoção de um avivamento geral. Era mesmo impossível. Os congregacionais eram considerados intrusos e não consegui dos dois grupos nada que se assemelhasse à união de esforços e de sentimentos. O dr. Duffield professava a teologia da Escola Nova e já na Pensilvânia fora processado pela sua posição teológica. Depois de tudo isso, porém, sua filosofia mistificara de tal maneira sua mente que ele achava ofensiva a verdade tal como eu a apresentava. Assim, posicionou-se firmemente contra minha pregação e, sem dúvida, sua influência limitou grandemente a obra realizada ali naquele inverno.

Antes de eu partir da cidade, no entanto, fui levado a orar a respeito daquela situação e isso de tal maneira que tive a confiança de que Deus transformaria as opiniões do dr. Duffield ou pelo menos reduziria grandemente a influência dele naquela cidade e no estado. Para mim, era óbvio que os esforços a favor do avivamento não deviam ser abandonados. O dr. Duffield seria obrigado a mudar seu modo de agir e então o caminho seria franqueado à obra do avivamento e ao livre desenvolvimento do congregacionalismo na região. Mais tarde, na devida ordem dos fatos, relatarei como se desenvolveu a situação. Antes, porém, de encerrar minha narrativa sobre as ocorrências em Detroit, preciso relatar um fato interessante.

Naquele tempo, havia na cidade um comerciante muito rico e influente, cujo nome era Chandler. Era crente professo, mas sua mulher, uma senhora nova-iorquina destacada pela vasta cultura e por grande beleza, não era convertida. Havia, também, na cidade um advogado de renome chamado Joy (creio que mora hoje em Chicago). O sr. Chandler, durante muitos anos, foi membro do Senado dos Estados Unidos. A sra. Joy, mulher do referido advogado, originária da Nova Inglaterra, era muito talentosa. Pelo que entendi, seu pai, quando vivo, era um dos homens de maior destaque em Massachusetts. Logo, a sra. Joy mostrou-se ansiosa pela salvação de sua alma e passou a freqüentar nossas reuniões. Depois de uma difícil luta espiritual, converteu-se a Cristo — de modo impressionante, devo acrescentar. Ela e a sra. Chandler eram amigas íntimas e a sra. Joy passou a interessar-se muito pela situação espiritual da amiga.

Certa noite, preguei sobre o texto: "Por favor, desculpe-me" (Lc.14.18). Na manhã seguinte, o sr. Chandler veio visitar-me e informou-me que sua mulher tivera a consciência poderosamente despertada pelo sermão. Passara a noite desassossegada e ele desejava que eu fosse visitá-la. Disse-me, se eu fosse diretamente à sua casa, ele iria para sua loja, contígua à casa e ficaria orando pela conversão da mulher. Fui imediatamente à casa dele. Quando toquei a campainha, a sra. Chandler abriu a porta no mesmo instante, pois naquele momento ela e a sra. Joy estavam juntas, de pé, no lado de dentro.

Naquela manhã, havia uma reunião de oração realizada pelas irmãs numa casa ali por perto e a sra. Joy, sabendo que a sra. Chandler sentia convicção espiritual, viera convidá-la para a reunião. Estavam vestidas para sair, inclusive com seus casacos de pele e iam justamente abrir a porta quando toquei a campainha. Eu já conhecia a sra. Joy, que me apresentou à sra. Chandler, pois, com esta eu nunca conversara. Peguei a mão da sra. Chandler e revelei-lhe o propósito de minha visita: conversar com ela a respeito de sua alma. Percebi que, assim que peguei sua mão, ela estremeceu. Voltou para dentro de casa e convidou-me a entrar na sala, onde havia uma acolhedora lareira. A sra. Joy não nos seguiu: passou para outro aposento.

A sra. Chandler convidou-me a sentar. Agradeci e respondi que, antes que sentasse, queria saber se ela daria seu coração a Jesus. Pela impressão que causava, vi que tinha profunda convicção de pecado. Ela, porém, hesitava muito. Insisti muito com ela a respeito do assunto, mas percebi, pelas suas palavras, que ela era uma mulher de tendências mundanas, ambiciosa e orgulhosa e que o mundo exercia terrível domínio sobre ela. Finalmente, sentei-me — e ela também — e insisti com ela de modo tão sincero e eficiente quanto me era

possível no tocante à salvação de sua alma. Parecia que, para ela, a grande luta era abrir mão das coisas do mundo.

Obviamente, era uma mulher cujos caprichos eram todos atendidos. Era jovem e bela, idolatrada pelo marido, uma das grandes prediletas na sociedade, amante da ostentação, dos enfeites e das diversões mundanas. O pai era homem respeitado na cidade de Nova York e ela, filha mimada, continuou a ser mimada como esposa. Além disso, era muito orgulhosa. Era uma senhora de modos refinados — uma dama de caráter apreciável, levando-se em consideração que não era crente. Ficou claro para mim que ninguém ainda havia falado seriamente com ela a respeito da sua salvação. Portanto, o modo em lhe que falei deixava-a desconfortável.

Depois de conversar com ela um bom tempo, insisti na necessidade e no dever de ela ajoelhar-se ali mesmo, renunciar ao mundo e a seus pecados e entregar-se totalmente a Cristo. Ajoelhamo-nos, orei por ela e procurei, na oração, levar sua mente a Cristo. Escutei seu choro angustiado, porém, depois da oração ela declarou: "Não consigo humilhar-me!" Fez questão de levantar-se, mas, pedi-lhe que não o fizesse. Disse-lhe que seria um erro e que eu temia que ela apagasse o Espírito de Deus se rejeitasse sua misericórdia. Então, ela abandonou a idéia de levantar-se e voltei a orar por ela. Sua luta agonizante continuou e parecia aumentar. O conflito tornou-se mais intenso e a luta em sua mente parecia ser pavorosa. Finalmente, ela disse: "Vou-me humilhar". Acalmou-se e depois de ela ter sido consagrada a Deus em oração, levantamo-nos. Ela parecia calma e submissa.

A sra. Joy, que estava no aposento ao lado aparentemente ocupada em oração pela sra. Chandler, percebendo o que acontecera, entrou repentinamente na sala e a cena entre as duas amigas foi emocionante. Depois disso, não vi a sra. Chandler mais que uma ou duas vezes antes de sair da cidade e por muitos anos não ouvi mais falar dela. Na ocasião, parecia estar convertida. No entanto, eu tinha consciência de que as tentações de viver uma vida mundana eram muito fortes para ela e não sei se sobreviveu como crente devota. Nunca me esquecerei daquela cena. Houve muitas outras conversões inspiradoras, mas não há espaço para relatá-las aqui. Depois de passar umas poucas semanas em Detroit, recebi pedidos insistentes da parte da igreja em Pontiac e passei um período nessa cidade.

Chegando ali, encontrei uma situação muito penosa e singular. A região fora colonizada por um grupo de descrentes que zombavam bastante da fé. Havia, no entanto, várias mulheres piedosas na vizinhança. Depois de muitas lutas, elas finalmente conseguiram estabelecer cultos religiosos. Também construíram uma igreja e empossaram um ministro. Naquele tempo, morava em Pontiac o homem que fora pastor da igreja antes do irmão que a pastoreava quando cheguei. O jovem ministro que o substituíra provinha da Nova Inglaterra, mas não lembro seu nome.

Com o pastor anterior, a igreja tivera muitas dificuldades. Haviam sofrido divisão por causa dele e acabaram por demiti-lo. As circunstâncias, porém, haviam sido tão graves que ainda havia ressentimentos entre ele e a igreja — e, também, entre ele e outro ministro, um homem de idade avançada que morava perto da aldeia e que trabalhara muito para estabelecer igrejas na região. Esse ex-missionário participara ativamente da controvérsia, de modo que entre ele e o antigo pastor a antipatia era mútua. De todos os trabalhos que participei, aquele era o menos promissor e o mais difícil de administrar. Apesar disso, comecei a pregar e não demorou a tornar-se evidente que o Espírito do Senhor estava esquadrinhando profundamente a igreja.

Como era meu costume, comecei a remover as pedras de tropeço, a cuidar da mútua confissão e restituição. Resumindo: lutava para converter de novo a igreja e preparar o caminho para um avivamento entre os que eram abertamente impenitentes. O estado de moralidade em Pontiac era degradante, na época. Os habitantes eram empreendedores e o local era próspero do ponto de vista comercial, mas, as condições espirituais eram péssimas. Percebi que nada de eficaz podia ser feito antes de serem extraídas as antigas raízes de amargura. A animosidade causada pela divisão tinha de ser sanada e removida. Por isso, meus sermões eram dirigidos à igreja e aos crentes professos e preguei mensagens o mais incisivas possível.

Morava ali o vice-governador Richardson. A mulher dele era religiosa. Deixara-se envolver consideravelmente na controvérsia entre seu ex-pastor da igreja. Depois de pregar cerca de duas semanas, considerei o caminho preparado. Combinamos dedicar determinado dia ao jejum, à humilhação e à oração. Quando chegou esse dia, preguei com base no seguinte texto: "Ó Esperança de Israel, tu que o salvas na hora da adversidade, por que te comportas como um estrangeiro na terra, ou como um viajante que fica somente uma noite?" (Jr 14.8). Um sentimento muito forte envolvia-me quando apliquei esse texto à situação dos

ouvintes. A tarde, tivemos uma reunião de oração para a igreja em geral. Pouco depois de se iniciar a reunião, ficou claro para mim que as almas estavam sendo esquadrinhadas.

Hospedei-me com o sr. Davis, que desempenhara um papel de destaque na controvérsia com o antigo pastor. Era homem de sentimentos fortes e sentira muita hostilidade contra aquele ministro, considerando-o desviado do caminho. O idoso pastor morava bem perto do sr. Davis. Ao voltarmos do culto matutino, vi que o sr. Davis estava profundamente comovido. Ele disse-me:

— O irmão não acha que seria bom eu fazer confissão àquele pastor? Embora ele não estivesse com a razão, minhas atitudes para com ele foram muito erradas.

— O irmão consegue ir até ele, confessar seu erro sem repreendê-lo e deixar por conta dele a confissão dos pecados dele? — perguntei.

Ele respondeu que conseguiria. Saiu imediatamente, foi até a casa daquele pastor e, pelo que entendi, confessou humildemente seus erros, sem fazer qualquer acusação contra o ministro. Revelou-lhe que abrigara sentimentos anticristãos contra ele e pediu seu perdão.

Como já mencionei, pouco depois de estarmos todos reunidos naquela tarde, ficou evidente que havia um sentimento de auto-exame na congregação. O ex-pastor estava presente e acredito que tenha comparecido a todos os encontros que realizamos. Então vi a mulher do vice-governador Richardson levantar-se, passar por trás do salão e ir até onde seu ex-pastor estava sentado. Confessou-lhe abertamente que nutrira sentimentos anticristãos contra ele. Esse gesto produziu uma explosão generalizada de sentimentos. Notei que o rosto dele estava pálido. Logo que a sra. Richardson voltou para seu lugar, houve um movimento generalizado: pessoas de várias partes do salão dirigiram-se até o lugar em que o ex-pastor estava sentado, a fim de, também, confessarem-lhe seus erros. A obra estava progredindo e eu sentia que haveria um quebrantamento geral.

Depois da atitude dos crentes para com o ex-pastor, eu esperava que a qualquer instante ele se colocasse de joelhos e fizesse também uma confissão. A pressão sobre o povo era tremenda. Fiquei imobilizado, assim como o jovem pastor a que me referi. Mas, foi exatamente nesse momento que o velho missionário, cujo nome penso que era Ruggles, colocou-se em pé e protestou. Disse que fazia objeção porque o ex-pastor — citou-o pelo nome — se sentiria vitorioso, alegando que todos o haviam justificado e, assim, condenado a si mesmos. Pessoalmente, nunca acreditei que houvesse o mínimo perigo de isso acontecer. Acho que se Pai Ruggles, conforme o chamavam, tivesse ficado calado, em menos de dez minutos o ex-pastor estaria, também, confessando todos os seus erros. No entanto, Pai Ruggles assumira uma postura tão radical contra o ex-pastor que não havia como dar qualquer justificativa à sua atitude nem como condenar o comportamento do povo. E, no mesmo instante em que Pai Ruggles adotou essa postura, houve uma reação terrível entre os presentes. Cessaram todas as confissões e todas as lágrimas foram enxugadas. Nunca em minha vida testemunhei a influência do Espírito Santo ser extinta daquela maneira.

A reação foi instantânea, terrível e decisiva. Até aquele momento, todas as animosidades estavam-se derretendo, mas, a infeliz intervenção de Pai Ruggles fez cessar os bons sentimentos e levou-os de volta às origens. Os ressentimentos tornaram a brotar com força quase total. Depois de contemplar aquela desolação por mais alguns dias, voltei para Detroit, onde fiquei doente e passei vários dias confinado ao leito. Chegando o período do trimestre da primavera, voltei para casa logo que tive condições de viajar. Em Oberlin, como de costume, retomei minhas atividades e tivemos um avivamento inspirador no decurso do verão.

Naquele verão, publiquei o segundo volume de minha *Teologia sistemática.* Eu a escrevi e publiquei enquanto cuidava de meus deveres pastorais e cumpria minhas responsabilidades no colégio. Escrevi a maior parte do segundo volume no ritmo de uma preleção por dia, que enviava imediatamente à editora. Eu corrigia as provas de uma preleção, escrevia outra e mandava tudo para a gráfica no mesmo dia. Mas, isso somado aos meus deveres pastorais e minhas aulas, deixou-me tão esgotado que, na noite da formatura, fui acometido de febre tifóide. Durante dois meses, a enfermidade mostrou-se muito grave e cheguei mesmo perto da morte. Enquanto isso, a tuberculose ia enfraquecendo minha preciosa mulher. Em meados de Dezembro, ela morreu. Quando isso aconteceu, eu ainda não havia recuperado minhas forças e permaneci em casa naquele inverno, sem realizar muitos trabalhos pastorais.

AVIVAMENTOS DE FINNEY NA GRÃ-BRETANHA

CAPÍTULO XXIX

VISITA A INGLATERRA, COMO EVANGELISTA, EM 1849

Depois da severa enfermidade por que passei, minhas forças foram-se recuperando lentamente. Constatei, porém, que havia retomado minhas atividades de pastor cedo demais, pois minhas energias ainda não estavam totalmente restauradas. Por essa razão, permaneci em casa durante os invernos de 1847 e 1848, sem sentir-me em condições de realizar viagens evangelísticas mais longas. Recebera muitas cartas com insistentes convites para visitar Inglaterra e atuar em avivamentos naquele país. E, no outono de 1849, minha segunda esposa e eu embarcamos para a Inglaterra, deixando as crianças por conta de minha filha mais velha.

Depois de uma travessia turbulenta no vapor Hermann, dos Correios dos Estados Unidos, chegamos a Southampton, no início de novembro. Ali encontramo-nos com o pastor da igreja de Houghton, no condado de Huntingdon, aldeia que se situava a meio caminho entre as cidades comerciais de Huntingdon e Saint Ives. O sr. Potto Brown, homem muito benevolente, a quem citarei com freqüência neste relato, enviara seu pastor, Jann Harcourt, para nos buscar em Southampton, onde chegamos na manhã do domingo. Ficamos ali o dia do Senhor e na segunda-feira passamos por Londres, viajando de trem, a caminho da casa do sr. Brown, em Huntingdon.

O sr. Potto Brown era *Quaker* pela parte dos pais e pela educação que recebera. Dedicava-se, com um sócio, à produção e ao comércio de farinha de trigo e era membro de uma congregação independente em Saint Ives e claro que eram dissidentes. Ficaram profundamente sentidos ao perceber a situação à sua volta. Achavam que a Igreja, como é chamada em Inglaterra, estava realizando bem pouca coisa pela salvação das almas. Fora das escolas mantidas pelas igrejas, não havia outras para atender à educação da grande massa de pobres e a maioria do povo era notoriamente negligenciada.

Depois de muita oração e consultas mútuas, concordaram em adotar medidas a favor da educação em massa das crianças da aldeia onde moravam e das aldeias ao redor e em estender essa influência tão longe quanto pudessem. Concordaram, também, em aplicar seus recursos financeiros da melhor maneira possível para implantar o culto e construir igrejas, independentemente do sistema eclesiástico. Começaram a obra em Houghton, aldeia a meia distância entre Saint Ives e Huntingdon, como já disse. Não muito tempo depois de iniciado esse empreendimento, o sócio do irmão Brown morreu. Acredito que sua mulher já tivesse morrido, pois antes de morrer ele entregara sua família, composta de vários filhos e filhas, aos cuidados fraternais do irmão Brown, que deixou a educação deles nas mãos de uma viúva de bom caráter numa aldeia vizinha. O sócio do irmão Brown rogou-lhe também que não negligenciasse a obra que haviam planejado juntos, mas que a levasse adiante com vigor e com um só propósito.

O irmão Brown prosseguiu no trabalho com todo o coração. Seu sócio deixara para os filhos um grande imóvel. O irmão Brown tinha apenas dois filhos, homens. Seus hábitos eram singelos e gastava bem pouco dinheiro com ele próprio e com a família. Contratou um professor primário para a aldeia onde residia e construiu ali uma capela para o culto público. Chamaram para atuar na igreja um ministro com opiniões hiper-calvinistas e que, conseqüentemente, pastoreou a igreja ano após ano com pouquíssimos resultados, frustrando as expectativas do irmão Brown. Ele mantinha freqüentes conversas com o ministro no tocante à deficiência de resultados. Pagava o salário do ministro e aplicava seu dinheiro de várias maneiras a fim de promover a fé por meio de escolas bíblicas dominicais, de professores e de obreiros, mas quase ninguém se convertia. O irmão Brown insistia tanto nesse ponto com o pastor que certo dia este protestou:

— Sr. Brown, porventura sou *Deus*, para converter as almas? Eu prego o evangelho ao povo, mas Deus não os converte! Acaso isso é culpa minha?

O irmão Brown respondeu:

— Independentemente de você ser Deus ou não, ou de não ser nenhum deus, *precisamos ter conversões. O povo precisa converter-se!*

E, assim, demitiu o ministro e empregou outro, o rev. James Harcourt, batista de comunhão aberta, homem talentoso, pregador animado e obreiro sincero na conquista de almas. Com a pregação do irmão Harcourt, logo as pessoas começaram a converter-se e a obra progrediu de modo promissor. A pequena congregação reunida na capela modesta aumentou em número e na fé, o trabalho expandiu-se gradualmente e a pequena porção de levedura foi estendendo a sua influência, de modo gradual, porém perceptível, por todos os lados. Logo estenderam suas atividades às aldeias circunvizinhas, alcançando ali bons resultados. Apesar disso, não tinham experiência com avivamentos.

Os filhos do sócio do irmão Brown, que haviam sido confiados aos cuidados dele, cresceram, mas não eram convertidos. Eram três filhas e três filhos, uma família excelente, possuidora de muitos bens, mas não se haviam convertido ainda. O sr. Brown mostrava-se profundamente interessado na salvação dos muitos amigos que tinha naquele condado, todos de bom caráter e de bastante influência no lugar. Além disso, sentia-se ansioso pela conversão da família Goodman — esse era o nome de seu sócio — e desejava ardentemente a salvação deles. Visando à educação dos próprios filhos, contratara um professor e um número considerável de jovens pertencentes a respeitáveis famílias das cidades vizinhas passaram a estudar junto com eles. Por causa dessa pequena escola familiar, um forte vínculo foi criado entre o irmão Brown e as famílias de seus amigos de várias partes do condado, cujos filhos haviam sido convidados a estudar ali. Por algum motivo, no entanto, o trabalho do irmão Harcourt não alcançara essas famílias nem a família Goodman.

O irmão Harcourt foi bem-sucedido entre as classes mais pobres. Era zeloso e dedicado e pregava o evangelho. Conforme disse o sr. Brown, "era poderoso ministro de Jesus Cristo". Mesmo assim, faltava-lhe experiência para alcançar a classe de pessoas que o sr. Brown carregava especialmente no coração. Ele e o irmão Harcourt, seu ministro, freqüentemente discutiam a questão e procuravam descobrir como alcançar aquela classe de pessoas e atraí-las a Cristo.

O irmão Harcourt lera minhas preleções sobre avivamentos, que haviam circulado amplamente em Inglaterra e sugeriu ao irmão Brown que me escrevesse, convidando-me para visitar aquele país e sua cidade. Assim, recebi um convite muito solícito da parte do sr. Brown. Ele conversou com muitas pessoas, inclusive alguns ministros e o resultado foi que recebi vária cartas contendo apelos pressurosos para que eu fosse visitar a Inglaterra.

De início, aquelas cartas causaram pouca impressão em mim, porque eu não via como viajar para Inglaterra. Surgiram, no entanto, circunstâncias que me levaram a ver que o caminho estava aberto para ausentar-me dos Estados Unidos, pelo menos durante certo período. Assim, como já mencionei, no outono de 1849 minha mulher e eu fomos para a Inglaterra. Chegamos ali e, depois de alguns dias de repouso, comecei a empenhar-me no trabalho, na capela da aldeia.

Logo percebi que o irmão Brown era um homem simplesmente notável. Criado como *Quaker,* defendia opiniões bem mais liberais. Já fazia muito tempo que ele não tinha grande convívio com a denominação e esforçava-se de modo independente pela salvação das pessoas ao seu redor. Possuía riquezas e seus bens aumentavam de modo constante e rápido. Muitas vezes, sua história fez-me lembrar do provérbio: "Há quem dê generosamente e vê aumentar suas riquezas; outros retêm o que deveriam dar e caem na pobreza" (Pv 11.24). Quando se tratava de propósitos religiosos, o irmão Brown gastava seu dinheiro como um marajá. E, quanto mais gastava, tanto mais possuía para gastar.

Como já mencionei, éramos hóspedes do irmão Potto Brown. Enquanto estávamos ali, a casa dele era franqueada a todos, de manhã, à tarde e à noite e ele convidava seus amigos, de longe e de perto, para visitá-lo. Seus amigos eram muitos, de modo que em quase todas as refeições a mesa ficava cercada de pessoas que tinham sido convidadas para que eu pudesse conversar com elas e elas pudessem assistir aos nossos cultos. Iniciou-se um avivamento que se propagou entre o povo. A família Goodman não demorou a interessar-se pela religião e converteu-se a Cristo. A obra estendeu-se entre os que vinham das aldeias

vizinhas para conversar e assistir aos cultos. Escutavam e acolhiam de bom grado a Palavra. E a obra entre os amigos íntimos do irmão Brown foi tão abrangente, entre aqueles por cuja conversão ele ansiava e orava, que antes de eu partir de lá cada um deles estava convertido e, conforme disse o próprio sr. Brown, o Senhor não deixara de fora um só daqueles por quem ele sentira ansiedade e a favor de cuja conversão havia orado.

A conversão de todas essas pessoas que viviam dispersas por todo o condado causou impressão muito favorável onde elas eram conhecidas. A casa de cultos em Houghton era pequena e ficava superlotada a cada culto e a maneira em que o irmão Brown e sua mulher se dedicavam àquela obra era inspiradora e comovente. Parecia não haver limites à hospitalidade deles. O professor por eles contratado era um homem piedoso e todos os dias vinha à casa dos Browns. Participava de quase todas as refeições e conversava conosco. Os homens vinham das cidades vizinhas, a muitos quilômetros de distância e chegavam a tempo para o café da manhã. Os jovens que haviam sido educados com seus filhos também apareciam e acredito que todos eles se converteram. Assim, os maiores desejos do irmão Brown foram cumpridos e a obra realizada entre o povo foi bem maior do que ele esperava.

Naquele tempo, o irmão Harcourt mantinha vários pontos de pregação nas aldeias vizinhas a Houghton. Havia um esforço para estabelecer escolas bíblicas dominicais entre os dissidentes e os pobres e para implantar reuniões de oração e de pregação em três lugares ou mais, nas aldeias não muito distantes de Houghton. O bom resultado da obra continuou durante muitos anos. O sr. Harcourt informou-me que, enquanto permanecia em Houghton, pregava numa atmosfera de oração e corações quebrantados. Terei ocasião de contar sobre sua partida de Houghton para outro campo de serviço — e de como alcançou grande sucesso nesse campo — e sobre seu chamado para Londres, onde acabei encontrando-me com ele em minha segunda visita à Inglaterra.

Dessa vez, não permaneci muito tempo em Houghton — apenas algumas semanas. Entre os irmãos que me haviam convidado a visitar Inglaterra, estava o sr. Roe, pastor batista em Birmingham. Logo que foi informado de que eu estava em Inglaterra, ele veio até Houghton e passou vários dias ali. Participou das reuniões de avivamento e viu os resultados.

Como já mencionei, chegamos a Houghton no início de Novembro. Em meados de Dezembro, partimos para Birmingham, para trabalhar na congregação do irmão Roe. Pouco depois de nossa chegada, apresentaram-me o rev. John Angell James, principal ministro dissidente em Birmingham. Era um homem grande e bondoso e exercia ampla influência na cidade, na realidade, em todas as partes de Inglaterra. Quando minhas preleções sobre avivamento foram publicadas em Inglaterra pela primeira vez, o irmão James escreveu uma apresentação na qual as recomendava com de: que. Muitas cópias circularam extensivamente entre os dissidentes. Os leitores liam-nas em voz alta nas salas de aula de suas igrejas e as comentavam.

E em todas as partes de Inglaterra, da Escócia e do País de Gales existia, na época, um amplo movimento religioso. Quando cheguei a Birmingham, fui informado de que, depois de haver recomendado publicamente o avivamento nas reuniões de ministério e em seus escritos, o irmão James foi informado, por homens de certa expressão no lado inglês do Atlântico, de que os avivamentos, especialmente os ocorridos sob meu ministério, tiveram resultados desastrosos. As calúnias foram-lhe passadas de modo tão veemente que ele chegou a retirar publicamente o que dissera a favor de minhas preleções. No entanto, quando me viu em Birmingham, convidou os ministros independentes para um café da manha em sua casa e pediu que eu comparecesse. Esse é o modo comum de realizar as coisas em Inglaterra.

Terminado o café, ele comunicou aos seus irmãos de ministério que ficara com a impressão de que todos estavam muito aquém da *finalidade* de seu ministério. Ficavam mais que satisfeitos quando os membros freqüentavam os cultos e pagavam o salário do pastor, sinais de que tudo ia bem. No entanto, as conversões na maioria das igrejas eram bem poucas e, apesar de tantos esforços, o povo estava caminhando para a destruição. Fui informado pelo irmão Roe de que havia na própria congregação do sr. James nada menos que 1.500 pessoas não convertidas.

Pouco antes, ainda à mesa, o irmão Roe havia declarado que alguma coisa precisava ser feita. Finalmente, os ministros concordaram em que eu, tão logo tivesse condições, começasse as reuniões alternadamente nas várias igrejas independentes, fazendo entre elas um circuito de pregações. Durante algumas semanas, limitei minhas atividades à congregação do sr. Roe e houve ali um avivamento poderoso. O povo nunca havia presenciado nada igual. O avivamento passou pela congregação com grande ímpeto e poder e grande número de impenitentes converteu-se a Cristo.

O irmão Roe lançou-se de corpo e alma àquela obra. Descobri ser ele um homem bom e sincero. Não era sectário, nem preconceituoso em suas opiniões. Pelo contrário, abria o coração à influência divina e, como autêntico servo de Deus, gastava-se no trabalho a favor das almas perdidas. Todos os dias recebia em seu gabinete, na igreja, as pessoas que lhe eram encaminhadas e as levava a Cristo. Durante muitos dias, seu tempo foi totalmente gasto nessa tarefa.

Naquele tempo, sua igreja era uma das poucas em Inglaterra que observava a comunhão restrita, enquanto a maioria das igrejas batistas no país adotava a comunhão aberta na celebração da ceia do Senhor. Após grande número de conversões, a igreja passou a examinar os que se convertiam antes que fossem aceitos na comunhão. Preguei no culto certa manhã e a celebração da ceia do Senhor, para recebê-los, estava marcada para aquela mesma tarde. No final do culto, o irmão Roe pediu que os membros da igreja permanecessem no templo.

Eu e minha querida esposa, que se envolvera com fervor na obra e se esforçara ao máximo entre as irmãs da igreja, retiramo-nos após o término do culto e voltamos para a casa do sr. Roe, onde estávamos hospedados. Pouco depois, o irmão Roe chegou em casa e entrou sorridente em nosso quarto, perguntando: "O que vocês acham que os membros da igreja fizeram?" Respondi-lhe que não sabia, pois nem sequer me preocupara em perguntar o motivo de pedirem à congregação que ficasse mais um pouco. Ele informou: "Votaram unanimemente a favor de convidar o irmão e a sra. Finney a participar da ceia do Senhor que será celebrada esta tarde!" A comunhão restrita pesou-lhes demais numa ocasião como aquela. Depois de refletir a respeito, porém, minha mulher e eu chegamos à conclusão de que seria melhor não aceitar o convite, pois poderiam ter votado sob a pressão do momento e queríamos evitar futuras contendas. E, uma vez que estávamos realmente fatigados, pedimos desculpas e ficamos em casa. E, como eu iria pregar no culto da noite, fiquei contente em poder descansar.

Passei a aceitar os convites de vários pastores para pregar. Em todos os lugares, os templos estavam sempre superlotados. Via-se muito interesse pela obra e era grande o número de pessoas que participavam das reuniões para os interessados. As maiores salas ficavam superlotadas com eles, sempre que eram convidados a receber instrução. Os métodos eram os mesmos empregados em meu país: pregação, oração, conversão e reuniões com os interessados.

Logo descobri, porém, que o irmão James estava recebendo cartas de vários lugares, que o advertiam contra os efeitos do trabalho realizado por mim. Ele informou-me a respeito de tudo. O irmão James tinha conhecidos no lado americano do Atlântico e, segundo entendi, alguns deles eram os remetentes das cartas. Além disso, sofria pressões de várias partes de seu país. Ele tratava-me com franqueza e relatava-me toda a situação e eu era igualmente franco com ele, por isso lhe disse:

— Irmão James, sua responsabilidade é grande. Tenho consciência de quão grande é sua influência e essas cartas demonstram tanto sua influência quanto sua responsabilidade no tocante a este trabalho. O irmão está sendo levado a acreditar que meus pontos de vista são heréticos. O irmão ouve-me pregar todas as noites e sabe se prego o evangelho ou não. — Eu levara comigo para a Inglaterra os dois volumes de minha *Teologia sistemática,* então perguntei ao irmão James: — O irmão já me ouviu pregar alguma coisa que não fosse o puro evangelho?

— Não, absolutamente nada — respondeu ele.

— Pois bem, tenho aqui minha *Teologia sistemática.* Ela contém os princípios teológicos que tenho ensinado a meus alunos e pregado em todos os lugares. Quero que o irmão a leia.

Ele dedicou-se à sua leitura com muito zelo. Pouco depois, notei que um homem de aspecto respeitável passou a acompanhá-lo noite após noite aos nossos cultos. Ficavam juntos na platéia e, quando eu apelava aos interessados, entravam no local da reunião e ficavam de pé num lugar de onde pudessem conseguir escutar o que era falado. Eu não conhecia aquele homem que o acompanhava. Várias noites seguidas, eles comportaram-se da mesma maneira e o sr. James não me apresentou à pessoa que o acompanhava nem conversou comigo durante aqueles cultos.

Depois de uma ou duas semanas, o irmão James e seu amigo vieram visitar-nos no lugar em que estávamos hospedados. Apresentou-me ao dr. Redford e informou-me que ele era um dos teólogos mais renomados da denominação. Disse ter mais confiança na perspicácia teológica do dr. Redford que na dele mesmo e que solicitara sua presença em Birmingham para assistir aos cultos e, especialmente, para juntos examinarem

minha *Teologia sistemática.* Revelou-me que a liam dia após dia e que o dr. Redford gostaria de conversar comigo a respeito de determinados pontos. Conversamos livremente a respeito de todas as questões propostas pelo dr. Redford, que disse com muita franqueza: "Irmão James, não vejo nenhum motivo para considerar o sr. Finney heterodoxo, em qualquer pormenor que seja. Ele tem sua maneira de declarar as proposições teológicas, mas não vejo em que ele seja diferente de nós em qualquer aspecto essencial".

Traziam consigo um manual sucinto, preparado pela União Congregacional da Inglaterra e do País de Gales, no qual se achava uma breve declaração de suas opiniões teológicas. Leram diante de mim alguns trechos do manual e eu, por minha vez, formulei-lhes perguntas. Ouvi suas explicações e fiquei satisfeito por termos chegado a um acordo no que era substancial.

O dr. Redford permaneceu mais algum tempo em Birmingham. Depois foi para casa e, com meu consentimento, levou consigo minha *Teologia sistemática,* prometendo que a leria com cuidado, do começo ao fim e depois me escreveria para dar sua opinião. Percebi que ele realmente dominava bem a teologia. Era um estudioso, um cristão e um teólogo bem preparado. Eu estava, portanto, disposto a receber dele as críticas a respeito de minha teologia, caso ele indicasse alguma coisa que precisasse ser alterada ou retratada. Pedi-lhe que o fizesse com toda a franqueza e ele prometeu que o faria.

Ele levou a obra para casa e dedicou-se a examiná-la cuidadosamente. Leu os dois volumes com paciência e atenção crítica, do começo ao fim. Depois, enviou-me uma carta, na qual expressava sua forte aprovação às minhas opiniões teológicas, acrescentando que havia apenas umas poucas questões a respeito das quais queria fazer-me algumas perguntas. E desejava que eu, tão logo pudesse ausentar-me de Birmingham, pregasse em sua igreja. Permaneci em Birmingham uns três meses. Houve muitas conversões marcantes naquela cidade, mas, os pastores ainda não estavam dispostos a assumir o sério compromisso de empregar os meios necessários para disseminar o avivamento pela cidade.

Poderia mencionar um grande número de casos emocionantes que ocorreram em Birmingham. Houve um tão interessante que o descreverei com destaque. Suponho que seja sabido neste país que o unitarismo em Inglaterra foi desenvolvido e promulgado pela primeira vez em Birmingham. Ali morava o velho dr. Priestly, um dos principais e talvez um dos primeiros ministros unitaristas de Inglaterra. Descobri que sua congregação ainda existia em Birmingham, presidida por um pastor. Certa noite, preguei sobre o seguinte texto: "Povo rebelde, obstinado de coração e de ouvidos! Vocês são iguais aos seus antepassados: sempre resistem ao Espírito Santo!" (At 7.51). Em primeiro lugar, concentrei minha atenção na divindade e na personalidade do Espírito Santo. Passei, então, a indicar muitas maneiras pelas quais os homens podiam resistir ao Espírito — e resistiam mesmo.

Mostrei ao povo que a obra do Espírito era ensinar, convencer os homens de pecado, ensinar-lhes o seu dever e pleitear, diante dos pecadores e de todas as classes de homens, a causa e os clamores divinos. Esforcei-me para demonstrar quão numerosas eram as maneiras em que os seres humanos resistiam aos ensinos bíblicos e apontei os casos. Mostrei que, mesmo depois de convencidos pelo Espírito Santo, persistiam em seguir seus caminhos e que isso era resistir ao Espírito Santo.

O Senhor concedeu-me liberdade para falar naquela noite e preguei um sermão muito incisivo. Meu objetivo era provar que, enquanto alegavam dependência do Espírito Santo, ao mesmo tempo resistiam-no. A exemplo de todos os outros lugares da Inglaterra, em Birmingham era atribuída a máxima ênfase à influência do Espírito Santo, mas em nenhum lugar se percebia a distinção entre influência *física,* exercida diretamente sobre a alma e a influência *moral* e *persuasiva,* que o Espírito Santo exerce de fato sobre a mente humana.

Os crentes de Inglaterra eram muito zelosos no tocante a evitar que o Espírito Santo fosse desonrado e, sua influência, desprezada. Mas descobri ali, assim como em meu país, total falta de discernimento quanto ao *modo* de sua influência. Conseqüentemente, achei necessário chamar a atenção dos ouvintes para a obra que o Espírito Santo levava a efeito, explicar-lhes os ensinamentos expressos de Cristo no tocante ao assunto e, assim, levá-los a perceber que não deviam esperar uma influência e sim entregar-se à sua influência *persuasiva* e obedecer aos seus *ensinos.* Esse foi o objetivo de meu sermão naquela noite.

Depois de eu chegar aos meus aposentos, uma senhora que participara do culto foi visitar a família que nos hospedava e contou-nos que o ministro unitarista estava presente na reunião. Comentei que minhas palavras deviam ter soado estranhas aos ouvidos de um unitarista. Ela respondeu que esperava que lhe fizessem bem. Não muito tempo depois, quando eu estava desenvolvendo o trabalho em Londres, recebi uma carta do

referido ministro, que me relatou a grande transformação que experimentou em sua experiência religiosa por meio daquele sermão. Transcrevo fielmente essa carta a seguir.

Stratford-upon-Avon, Warwickshire, 16 de agosto de 1850

Reverendo e estimado senhor,

Ao ler no Banner que o irmão está a ponto de deixar a Inglaterra, acho que seria ingratidão de minha parte deixá-lo partir sem expressar quanta gratidão lhe devo pelo benefício que recebi de um sermão seu, pregado na rua Steelhouse, Birmingham. Acho que se trata do último sermão que o irmão pregou ali e falava a respeito de resistir ao Espírito Santo (não consegui localizar o texto). Na verdade, meu interesse foi tão despertado pelas questões que diziam respeito à minha pessoa que não pensei no texto senão dois ou três dias depois. A fim de que o irmão possa melhor entender o benefício que recebi do sermão, é necessário que eu relate, sucintamente, qual era o meu ponto de vista na ocasião.

Formei-me em uma de nossas faculdades voltadas para o ministério entre os independentes. Ingressei no ministério e continuei a exercê-lo cerca de sete anos. No decurso daquele período, fui passando paulatinamente por uma grande mudança em minhas opiniões teológicas. A mudança foi produzida, penso eu, em parte pelas especulações filosóficas e em parte pela deterioração de minha condição espiritual. Devo dizer, com a máxima tristeza, que minha piedade nunca recuperou o caráter espiritual que perdera na faculdade. Atribuí todas as minhas tristezas principalmente a isso. Minhas especulações levaram-me, sem nunca ter lido o livro do dr. Williams sobre a "soberania e eqüidade de Deus", a adotar fundamentalmente as opiniões dele. A leitura posterior desse livro consolidou minhas crenças. O pecado é um defeito que surge da defectibilidade necessária da criatura quando esta se acha destituída da graça de Deus. A queda do homem, portanto, nada significa senão a imperfeição original inevitável da raça humana. O grande propósito do governo moral de Deus é corrigir essa imperfeição mediante a educação, a revelação etc. e, assim, em última análise, aperfeiçoar a condição humana.

Antes disso, eu adotara durante longo tempo os conceitos do dr. Jenkyn a respeito da influência espiritual. Sendo eu orientado por semelhantes princípios, o irmão entenderá sem minha explicação como o pecado tornou-se, para mim, um mero infortúnio permitido temporariamente ou então um mal necessário a ser sanado mediante sabedoria e bondade infinitas; como o castigo eterno passou a ser uma crueldade que nem sequer por um momento pudesse ser cogitado na disposição de um Ser bom; como a expiação se mostrou um absurdo total alicerçado em conceitos anti-filosóficos de pecado. Tornei-me unitarista e no início de 1848 professei essa minha fé e tornei-me ministro de uma igreja em Birmingham.

Meu raciocínio, felizmente, era lógico demais para que me acomodasse muito tempo ao unitarismo. Levei minhas conclusões até o simples deísmo e, então, descobri que precisavam ir mais longe ainda. Não estava preparado para isso. Minha alma inteira recuou, horrorizada. Passei em revista todos os meus princípios. Houve uma revolução na totalidade de meu sistema filosófico. A doutrina da responsabilidade foi restaurada em mim, no seu sentido mais rigoroso e literal e com uma forte consciência de pecado. Não preciso entrar nos pormenores de minhas lutas e sofrimentos. Cerca de duas semanas antes de ouvi-lo pregar, cheguei a ver claramente que, mais dia menos dia, eu teria de retornar aos princípios evangélicos. Nunca duvidara de que eram princípios bíblicos. Tornara-me unitarista por razões puramente racionalistas. Descobri, porém, que precisava aceitar a Bíblia, ou pereceria nas trevas. O irmão pode imaginar a agonia de espírito que precisei suportar. Por um lado, havia convicções que se tornavam mais fortes todos os dias, sendo que a consciência de meu pecado e de minha necessidade de Cristo crescia em meu coração enquanto eu vivia a desgraçada situação de ter de esconder das pessoas que confiavam em meus ensinos a verdade que eu conhecia. Por outro lado, se professasse minha fé em Cristo imediatamente, diante

de todas as partes (principalmente da grande maioria que não tinha a mínima simpatia por semelhantes lutas), minha reputação estaria arruinada pela aparente instabilidade e eu teria de lançar minha pessoa, bem como minha mulher e filhos (estávamos aguardando o nascimento do sexto filho), à mercê do mundo. Não conseguia encarar essa alternativa. Assim, resolvi esperar — preparar — de maneira progressiva, a mente dos membros de minha igreja para a mudança. Durante alguns meses, adotei uma rígida economia doméstica a fim de poupar dinheiro para o custeio de nossas necessidades temporais no período de transição.

Nesse estado de espírito, escutei seu sermão. Certamente, o irmão se lembrará dele e facilmente compreenderá o efeito que produziu em mim. Senti a veracidade de seus argumentos, seus apelos alojaram-se irresistivelmente em meu coração e, naquela noite, a caminho de casa, prometi diante de Deus que, acontecesse o que acontecesse, imediatamente eu me consagraria de novo ao Salvador, cujo sangue eu tão recentemente aprendera a valorizar e cujo nome havia sido desonrado com meus atos. O resultado foi que, mediante a bondosa influência do sr. James, tornei-me recentemente ministro da igreja nesta cidade. A paz de Deus, da qual agora desfruto, realmente excede todo o entendimento. Nunca antes tivera tão grande prazer na obra e no ministério. Faço minhas as palavras de Paulo: "Se alguém está em Cristo, é nova criação". Nem sequer posso contar-lhe, portanto, com quanta gratidão seu nome estará associado à minha alma. Dou graças a Deus pela bondosa providência de trazê-lo a Birmingham. Se eu não tivesse ouvido seu sermão, minha vida religiosa recém-despertada teria sido destruída por minha resistência àquelas profundas convicções. Minha consciência teria voltado a endurecer-se e eu teria morrido no pecado. Pela graça de Deus, creditarei ao irmão qualquer benefício que Deus queira, a partir de agora, conceder-me como coroa de minhas batalhas.

Eu deveria ter-lhe contado tudo isso antes, mas achava que, na ocasião, minha história poderia de alguma forma chegar ao conhecimento do público e semelhante idéia repugnava-me. Seu retorno à América do Norte protege-me disso e acho que seria injusto eu esconder do irmão o conhecimento do fruto da obra que realiza.

Que Deus, em sua misericórdia e graça infinitas, lhe conceda uma vida de ainda maior proveito do que essa que ele lhe tem dado pela sua graça! Essa será a oração constante de Seu amigo muito sincero, James Cranbrook.

Quando recebi esta carta, estava trabalhando com o rev. John Campbell no antigo Tabernáculo de [George] Whitefield, em Londres. Passei-a para que ele a lesse. Foi com evidente emoção que ele a leu inteiramente e então exclamou: "Veja só! Isso por si só justifica sua vinda à Inglaterra".

Já mencionei que, durante minha breve permanência em Birmingham, os ministros das igrejas dissidentes não se mostraram dispostos a assumir o compromisso com a obra do avivamento, no sentido de renovar moralmente a cidade inteira, assim como temos visto acontecer nos avivamentos que passarem impetuosamente pelas cidades norte-americanas, grandes e pequenas, renovando-as de tempos em tempos. Preciso mencionar a razão disso. Quando as notícias sobre nossos avivamentos, a partir de 1825, chegaram à Inglaterra, à Escócia e ao País de Gales, foi despertado um espírito de interesse no assunto. E, quando minhas preleções foram publicadas, logo algumas edições circularam pela Inglaterra, sendo pouco depois traduzidas para o galês e para o francês. Conforme fui informado por carta, a circulação dessa obra gerou, quase imediatamente, um avivamento naquele país.

Já mencionei que o rev. John Angell James, um dos ministros dissidentes de maior influência, escreveu uma introdução recomendando minhas preleções. Mas, tão logo os oponentes do avivamento na América do Norte ficaram sabendo da influência que elas produziam em Inglaterra, adotaram medidas para neutralizá-la. Afirmaram ao sr. James que os avivamentos desenvolvidos neste país, os quais deram origem àquelas preleções, tiveram resultados desastrosos para as igrejas. Deturparam de tal maneira os fatos que o sr. James viu-se obrigado a cancelar sua recomendação.

Alguns dos oponentes provenientes da América do Norte, inclusive o sr. Nettleton, visitaram a Inglaterra e a Escócia com o propósito, segundo parece, de neutralizar a influência de minhas preleções. Ele descreveu de

tal maneira os avivamentos em terras americanas, nos quais apliquei todos os meus esforços, que assustou os bons irmãos naquele lado do oceano — a ponto de abandonarem o movimento que fora iniciado de modo tão promissor. Milhares de pessoas, no entanto, haviam-se convertido. Antes de eu visitar Inglaterra, cessara o esforço a favor do avivamento e os irmãos ficaram com impressão de que os grandes e gloriosos avivamentos aqui na América do Norte haviam sido mais uma maldição que uma bênção para as igrejas.

Nesse meio-tempo, mudei-me de Nova York para Oberlin e minhas preleções não foram mais publicadas no *New York Evangelist.* Por isso, divulgou-se na Inglaterra a notícia de que eu me tornara herege e, por fim, pagão. Fiquei atônito ao saber dessas coisas quando cheguei ali, em 1849. Não sei até que ponto esses boatos receberam crédito em Inglaterra, mas, os relatos difamatórios acerca dos avivamentos nos Estados Unidos estavam disseminados naquele país e o povo acreditava neles. Daí, o temor dos melhores homens da Europa em se comprometerem com um avivamento de amplo alcance.

Fiz o melhor que pude naquelas circunstâncias e não duvido da integridade dos irmãos daquele lado do Atlântico ao hesitar em unirem-se a mim no esforço de promover um avivamento em grande escala e por toda a Europa protestante. Nunca duvidei de que, não fossem as deturpações divulgadas pelos oponentes deste lado do Atlântico, aquele avivamento teria sido abrangente e poderoso, prevalecendo não somente em Birmingham, mas, também, em todas as partes da Inglaterra, do País de Gales e da Escócia.

De Birmingham, fui para Worcester, penso que em meados de Março, a fim de trabalhar com o dr. Redford. Como mencionei, ele havia lido minha *Teologia sistemática* e escrevera-me, declarando que queria conversar comigo a respeito de certos pontos. Ao sair de casa, levei comigo minha resposta às críticas do dr. Hodge, de Princeton e também ao dr. Duffield. (Penso que minha resposta ao presbitério de Troy já estava incorporada à obra). Ao chegar, entreguei ao dr. Redford os panfletos que continham essas respostas. O dr. Redford leu-os por completo e, depois, conversou comigo. Ele declarou: "Estas respostas esclarecem todas as questões que eu queria discutir. Por isso, estou plenamente convicto de que o irmão está com a razão". Depois disso, em nenhum momento, que me lembre, ele chegou a fazer qualquer crítica à minha teologia.

Os que viram a edição inglesa da obra sabem que ele escreveu o prefácio, no qual a recomenda ao público cristão, pois, depois de ter lido minhas respostas àquelas críticas, expressou o forte desejo de que minha *Teologia sistemática* fosse publicada imediatamente em Inglaterra. Declarou que ela era muito necessária ali e que faria muito bem a quem a lesse.

O dr. Campbell, pelo que me lembro, afirmou em seu jornal que o dr. Redford era o maior teólogo da Europa. Permaneci em Worcester várias semanas e preguei no púlpito do dr. Redford e, também, numa congregação batista. Houve muitas conversões inspiradoras naquela cidade e, considerando o pouco tempo que passei ali, a obra foi poderosa e realmente produtiva.

Alguns dos homens abastados de Worcester fizeram-me a seguinte proposta: iriam construir um tabernáculo móvel, que pudesse ser desmontado e transportado de lugar em lugar, por ferrovia, sem muitas despesas e montado de novo com todos os assentos e objetos de uma casa de culto. Mediria 45 metros de cada lado, com assentos construídos de modo a acomodar cerca de 6.000 pessoas. Disseram que se eu consentisse em usá-lo durante seis meses, conforme as circunstâncias exigissem, eles bancariam a construção. Mas, quando consultei os pastores locais, eles aconselharam-me a não aceitar. Achavam que seria mais útil eu ocupar os púlpitos de congregações já estabelecidas que passar pela Inglaterra pregando de modo independente, conforme a idéia daqueles homens.

Eu tinha motivos para acreditar que os pastores em geral desaprovariam um método que era novidade, por isso, não quis assumir o compromisso de ocupar o referido tabernáculo. Depois, achei que havia cometido um erro. Isso porque, quando conheci os templos e os locais de culto público das igrejas independentes, achei-os quase todos muito pequenos, pouco ventilados e mal localizados. Sob muitos aspectos, era como estar numa camisa-de-força por imposição das *igrejas estabelecidas.* Desde o início, portanto, tive dúvidas se minha recusa àquela proposta foi a melhor escolha.

Minha opinião é que, de modo geral, eu poderia ter feito muito mais em Inglaterra se tivesse levado, por assim dizer, uma casa de culto comigo. Poderia deslocar-me para onde quisesse e conseguir a atenção das massas, sem depender de qualquer denominação. Não tenho dúvida de que multidões teriam comparecido aos cultos em todos os lugares, excedendo até a capacidade da tenda. Se eu tivesse hoje as forças que tinha na época, sem dúvida retornaria à Inglaterra para levar a efeito essa experiência.

O dr. Redford ficou muito emocionado pela obra realizada em Worcester e nas comemorações de Maio, em Londres, discursou diante da União Congregacional da Inglaterra e do País de Gales, apresentando um relato muito interessante da obra. Eu estava presente, pois estava para começar o trabalho em conjunto com o dr. John Campbell que, como sucessor de Whitefield, era pastor do Tabernáculo, em Finsbury, Londres e também de uma capela na estrada Tottenham Court. Esses dois locais ficavam em Londres, a mais de quatro quilômetros de distância um do outro. Foram construídos pelo sr. Whitefield e por ele ocupados durante muitos anos. O dr. Campbell era também, naquele tempo, editor do *British Banner*, do *Christian Witness* e de uma ou duas revistas. A condição de sua voz não lhe permitia pregar, então dedicava seu tempo a editar os periódicos.

Ele morava na casa onde Whitefield residira — a casa pastoral — e usava a mesma biblioteca que Whitefield usara. O retrato de Whitefield estava pendurado em seu gabinete no Tabernáculo. O perfume de seu nome ainda perdurava ali. Devo dizer, no entanto, que o espírito que pairava sobre ele não era muito visível naquela igreja, quando cheguei ali. Já falei que o dr. Campbell não pregava. Ele exercia o pastorado, residia na casa pastoral e recebia seu salário, mas seu púlpito era ocupado pelos pastores mais populares que conseguisse contratar. Comecei a trabalhar ali ainda no mês de Maio. Os que conheciam a situação do Tabernáculo não podiam imaginar que a obra do avivamento pudesse florescer ali.

A casa de cultos do dr. Campbell era grande, sem dúvida. Os assentos eram posicionados de modo compacto e acomodavam perfeitamente 3.000 pessoas. Um amigo meu deu-se ao trabalho de averiguar qual dos locais de culto podia abrigar o maior número de pessoas: se o de Moorfields, o de Finsbury ou o grande Exeter Hall, do qual todos ouviam falar. Descobriu que o Tabernáculo tinha algumas centenas de lugares a mais que o Exeter Hall.

CAPÍTULO XXX

TRABALHOS NO TABERNÁCULO, MOOR FIELDS, LONDRES

Tendo aceitado o convite cordial do dr. Campbell para pregar em seu púlpito depois de terminadas as reuniões de Maio, empenhei-me nos acertos necessários para um avivamento, embora durante algumas semanas nada tivesse comentado com o dr. Campbell ou com qualquer outra pessoa. Preguei uma série de sermões com o propósito de convencer os ouvintes de pecado e isso de modo tão geral e profundo quanto me foi possível. Percebia, domingo após domingo e noite após noite, que a Palavra estava surtindo efeito. No domingo, pregava de manhã e à noite e, nas terças, quartas, quintas e sextas-feiras, pregava à noite. Na segunda-feira à noite, realizávamos uma reunião no Tabernáculo, em que orávamos e eu falava a respeito da oração. Nossa congregação era muito grande e nos cultos de domingo o salão de cultos estava sempre superlotado.

Naquele tempo, a situação espiritual por toda a cidade de Londres era tão decadente que pouquíssimos sermões eram ouvidos durante a semana. Lembro-me de que o dr. Campbell me disse, certa vez, que era possível que eu pregasse, *contando apenas os cultos durante a semana*, para mais pessoas que todos os ministros de Londres juntos.

Já fiz menção ao fato de o dr. Campbell receber salário da igreja. Mas, ele não o gastava apenas consigo mesmo. Com esse dinheiro, ajudava financeiramente os pregadores que vinham ao Tabernáculo e, no que estava ao seu alcance, atendia às necessidades e compromissos da igreja, apesar da grande pressão dos labores editoriais. Achava o dr. Campbell um homem sincero, embora fosse muito dado à intolerância e propenso às controvérsias. Segundo a expressão popular, "ia com tudo para cima" dos que não concordassem com seus pontos de vista. Dessa maneira, praticava muita coisa boa, embora às vezes causasse problemas.

Depois de pregar várias semanas da maneira que descrevi, sabia que chegara a hora de fazer um apelo aos interessados. Mas, segundo percebi, não era essa a idéia do dr. Campbell. A realidade é que, no púlpito, ele não se sentava, como eu fazia, num lugar de onde pudesse perceber o que acontecia na congregação. E,

ainda que tivesse visto, provavelmente não teria compreendido. Naquela igreja, o costume era celebrar a ceia do Senhor quinzenalmente, no domingo à noite. Nessas ocasiões, era feito um breve sermão e a congregação tinha licença para retirar-se. Todos iam embora, menos os que possuíam o cartão de acesso à ceia — estes permaneciam no templo durante a celebração da ordenança. Num domingo de manhã, disse ao dr. Campbell:

— Vocês irão celebrar a ceia do Senhor hoje à noite. Antes disso, preciso realizar uma reunião para os interessados. Existe alguma sala no edifício onde eu possa reuni-los, depois da pregação?

O dr. Campbell hesitou e expressou sua dúvida de que alguém comparecesse a um encontro daquela natureza. No entanto, por causa de minha insistência, respondeu:

— Sim, há uma sala de aula usada pelas crianças. O irmão pode convidar os interessados a reunirem-se ali.

Perguntei-lhe quantas pessoas caberiam no local. Ele respondeu:

— Entre vinte e trinta, talvez até mesmo quarenta.

— Nem uma sala que fosse o dobro do tamanho dessa seria suficiente — retruquei. — Vocês não têm uma sala Maior?

— Temos, sim — informou ele. — Há o salão da Escola Britânica. Mas ali cabem 1.500 ou 1.600 pessoas. Obviamente, o irmão não vai querer usar esse salão.

— Vou, sim! — falei. — É o lugar ideal. Onde fica?

— Certamente o irmão não se arriscará a marcar uma reunião nesse lugar — insistiu ele. — Creio que nem metade das pessoas que caberiam na sala de aula das crianças comparecerá ao encontro. — E acrescentou: — Sr. Finney, lembre-se de que o irmão está em Inglaterra e na cidade de Londres. O irmão não conhece nosso povo. Na América do Norte, é fácil persuadir as pessoas a comparecer a uma reunião desse tipo, mas, aqui não o conseguirá. Lembre-se: nosso culto vespertino acaba antes do pôr-do-sol, nesta época do ano. E o irmão está imaginando que, no coração de Londres, para atender a semelhante convite, os que procuram a salvação da alma e estão interessados no assunto irão deslocar-se em plena luz do dia para atender ao seu convite?

— Dr. Campbell, conheço o estado dos membros da congregação melhor que o irmão — retruquei. — O evangelho é tão aplicável ao povo inglês quanto ao povo norte-americano. Não tenho o mínimo receio de que o orgulho do povo inglês o impeça de atender a semelhante apelo, assim como não impede o povo norte-americano.

Insisti em que ele me dissesse onde ficava aquele salão, de modo a poder indicá-lo aos ouvintes. Depois de muita insistência, ele consentiu, ainda com relutância, em dizer-me onde ficava o referido salão. Mas, avisou-me expressamente que eu assumisse pessoalmente as conseqüências, pois não teria nenhuma participação naquilo. Respondi que assumiria toda a responsabilidade. Então, ele deu-me a localização do salão, que ficava a pouca distância do Tabernáculo. Bastava subir algumas dezenas de metros pela rua Cowper e a certa altura virar e seguir por uma passagem estreita até o prédio do salão da Escola Britânica.

Depois disso, fomos para o culto e preguei de manhã e à tarde — lá pelas seis horas, se estou bem lembrado. Foi um sermão breve. Em seguida, informei à congregação o que desejava. Conclamei todos os que se sentissem ansiosos pela sua alma e dispostos a buscar imediatamente a paz com Deus a comparecer a uma reunião onde receberiam orientação quanto ao seu estado espiritual. Especifiquei bem o tipo de pessoa que estava convidando. Afirmei: "Os crentes professos não estão convidados para essa reunião. Sei que é celebrada a ceia do Senhor aqui no salão de cultos. Os que já professaram fé devem permanecer aqui. Os pecadores que não estão preocupados com a situação de sua alma também não estão convidados. Esperamos ali somente os que não são convertidos, mas desejam receber instrução quanto ao seu dever diante de Deus". Repeti tudo o que havia falado, a fim de que não houvesse a mínima dúvida.

O dr. Campbell escutou com muita atenção e, como meu apelo se restringira a uma classe de pessoas, suponho que ele tivesse previsto que bem poucos atenderiam ao meu convite. Mantive firme o propósito de não deixar que fosse para o salão ninguém a não ser aqueles que entendessem claramente que a reunião era destinada apenas aos pecadores em busca de salvação. Fui bem específico quanto a isso, não somente visando os resultados do encontro, mas, também, procurando convencer o dr. Campbell de que sua opinião era equivocada. Eu estava certo de que havia bastante convicção entre o povo e de que centenas de pessoas estavam dispostas a atender ao meu apelo. Tinha a certeza de que o convite não era prematuro. Assim,

deixei bem claro o tipo de pessoa cuja presença eu desejava ali. Expliquei ao povo como chegar ao local. Então encerrei o culto e a congregação retirou-se.

Denotando nervosismo e ansiedade, o dr. Campbell olhava pela janela para ver que direção o povo estava seguindo. Ficou muito admirado ao ver toda a rua Cowper tomada por pessoas que se dirigiam apressadas para o salão da Escola Britânica. Fui para a rua também e subi com a multidão. Esperei à entrada do salão, até que todos tivessem chegado. Quando entrei, vi que o recinto estava superlotado. A impressão do dr. Campbell era que não havia ali menos de 1.500 ou 1.600 pessoas reunidas. Era um salão grande, mobiliado com bancos semelhantes aos usados nas salas de aula. Próximo à entrada, havia uma plataforma na qual os oradores se posicionavam para falar ao povo, o que era bem freqüente. Logo descobri que todos ali sentiam o peso da convicção de pecado, tanto que foi necessário muito cuidado para impedir uma explosão de sentimentos irreprimíveis.

Pouco depois, o próprio sr. Campbell entrou. Estava ansioso para assistir àquela reunião tão concorrida. Por isso, celebrara a ceia do Senhor com a Maior rapidez possível, a fim de poder seguir para o salão. Olhou atônito para o grande número de pessoas presentes, admirado, em especial, com a forte manifestação de sentimentos. Dirigi-lhes a palavra por um breve período, evidenciando seu dever imediato. Esforcei-me, como sempre faço, para levá-los a compreender que Deus exigia da parte deles, *de imediato*, inteira submissão à sua vontade. Eles deviam lançar ao solo as armas da rebelião e submeter-se a ele como seu legítimo Soberano, aceitando a Jesus como seu único Redentor.

Já passara tempo suficiente em Inglaterra para perceber a necessidade de desfazer a idéia disseminada entre o povo de *esperar a hora marcada por Deus.* Londres estava sob a maldição da doutrina hiper-calvinista e isso desde muito tempo. Por isso, o propósito de muitas de minhas observações era desfazer aquelas idéias, nas quais muitos deles haviam sido educados. Supus que bem poucos dos presentes pertenciam à igreja do dr. Campbell. E, realmente, ele mesmo me contou que a massa humana que dia após dia se deslocava para lá era tão desconhecida para ele quanto o era para mim. Em minhas instruções, procurei resguardá-los, por um lado, do hiper-calvinismo e, por outro lado, do arminianismo, no qual eu também acreditava que muitos ali haviam sido educados. Em seguida, depois de lançar a rede do evangelho ao redor deles, preparei-me para puxá-la até a praia.

Quando eu estava a ponto de pedir que se ajoelhassem e se entregassem a Cristo, inteiramente e para sempre, um homem exclamou, no meio da congregação, na maior aflição de espírito, que pecara a ponto de a graça de Deus não mais valer para ele. Percebi que havia perigo de surgir um tumulto e tentei aquietar o ambiente da melhor maneira possível. Pedi às pessoas que se ajoelhassem, mas que, se possível, permanecessem quietas o suficiente para escutar cada palavra da oração que iria fazer. Foi com grande esforço que se contiveram, embora houvesse muitos soluços e muito choro por todo o recinto.

Em seguida, encerrei a reunião. Depois dessa, realizei reuniões semelhantes durante nove meses, com resultados semelhantes. O interesse aumentou e estendeu-se até o ponto de não ser mais possível acomodar todos os interessados no grande salão da Escola Britânica. Quando eu percebia — depois de instruí-los e colocá-los frente a frente com a questão da entrega imediata e incondicional a Cristo — que a convicção era profunda e generalizada, conclamava-os a ficar de pé onde estivessem, enquanto os apresentávamos a Deus em oração. Os corredores estavam sempre tão superlotados que era impossível usar o "banco dos aflitos". Qualquer movimento no meio daquele povo era quase impossível e, para sair, era preciso esperar que as pessoas que estavam mais perto da porta se retirassem.

Freqüentemente, quando eu pedia às pessoas que se levantassem e se dedicassem a Deus enquanto as apresentávamos em oração, centenas delas colocavam-se em pé. E, em algumas ocasiões, tendo como base de cálculo o número de pessoas que cabiam no recinto, nada menos de 2 mil pessoas se levantavam na hora do apelo. Realmente, para quem estava no púlpito, parecia que quase toda a congregação se colocava em pé. Eu, porém, sempre deixava bem claro que os membros da igreja não deveriam colocar-se de pé, mas apenas os que estavam entregando suas vidas a Deus.

Creio que as circunstâncias especiais que cercavam a obra ilustram a extensão do interesse espiritual revelado por aquela congregação. Com isso, não me refiro às pessoas *que pertenciam à igreja* ali, mas àquelas que, provenientes de várias partes da cidade freqüentavam nossos cultos durante o avivamento. Quanto às circunstâncias, passarei a descrevê-las. Os dissidentes de Inglaterra haviam-se esforçado, durante longo tempo, para persuadir o governo e o Parlamento a tratá-los com mais respeito. As respostas que

recebiam, no entanto, faziam subentender que a participação dos dissidentes era minúscula, em contraste com a da igreja estabelecida. Mas, houve tanta discussão a respeito do assunto que o governo resolveu adotar medidas para averiguar a relativa força dos dois partidos — dissidentes e Igreja da Inglaterra.

Certo domingo à noite, sem aviso prévio e sem o menor esclarecimento que levasse as pessoas a saber ou pelo menos a suspeitar do que se tratava, foi mandado secretamente um pedido a todos os locais de culto do reino: alguns indivíduos deviam ser escolhidos para ficar junto à entrada de todas as igrejas, capelas e locais de culto, a fim de que fosse levantado o censo em todas as denominações. O dr. Campbell também recebeu a notificação, mas, não fiquei sabendo disso, a não ser mais tarde. Em obediência às instruções, o dr. Campbell colocou homens em cada porta do Tabernáculo, com ordens de contar todas as pessoas que entrassem durante o culto matutino. Entendi que assim foi feito em todas as partes da Grã-Bretanha. Dessa maneira, averiguaram a força numérica relativa dos dois grupos. Em outras palavras, verificaram qual dos grupos contava com mais adoradores aos domingos: se os dissidentes ou a igreja estabelecida. Acredito que o censo comprovou que os dissidentes eram a Maioria. Seja como for, era muito grande o número de pessoas que entravam no Tabernáculo.

Isso ocorreu não muito tempo antes de eu partir de Inglaterra. E somente quando estive ali pela segunda vez foi que tomei ciência desses fatos, principalmente no que se refere à igreja do dr. Campbell. Ele relatou-me que os homens posicionados às portas do Tabernáculo contaram, em todos os horários, milhares de pessoas, muito além da capacidade do recinto. Não lembro o número exato, mas sei que era enorme. Era comum, no domingo, multidões encherem o espaço aberto do lado de fora do Tabernáculo, a fim de que o maior número de pessoas possível, de pé ali, pudesse acompanhar o culto. No entanto, os que formavam a multidão lá fora entravam e saíam constantemente do santuário. Muitos entravam pelas portas e, se não escutavam bem ou não se sentiam à vontade, saíam de novo. Nenhum deles era contado, senão os que entravam pela porta — os quais, conforme já relatei, excediam em muito a capacidade do Tabernáculo. A verdade é que o interesse era tão grande que, se houvesse uma casa de cultos que pudesse abrigar 20 mil ou mesmo 40 mil pessoas, não tenho a mínima dúvida de que teria ficado tão cheia quanto o Tabernáculo, onde cabiam pouco mais de 3 mil pessoas.

Para dar pelo menos uma idéia de como a obra se desenvolvia, menciono aqui o fato que se segue. O dr. Campbell não sabia de onde vinham todas aquelas pessoas e ninguém sabia dizê-lo. Mas, quanto a terem-se convertido centenas e milhares delas, não existe a mínima razão para duvidar. E eu, realmente, conversei com um grande número de pessoas, empenhando todas as minhas forças nessa tarefa.

Nas noites de sábado, interessados e convertidos vinham ao gabinete pastoral para conversar. Era grande o número de pessoas que chegava todas as semanas e as conversões multiplicavam-se além de qualquer possibilidade de registrá-las. Fiquei sabendo que vinham de todas as partes da cidade. Muitas andavam vários quilômetros todos os sábados a fim de assistir aos nossos cultos. Não demorou muito para que começassem a abordar-me nas ruas, em várias partes da cidade. Elas reconheciam-me e davam testemunho de que haviam sido grandemente abençoadas em nossos cultos. Milhares de pessoas, desconhecidas para mim, sabiam quem eu era. E, realmente, a Palavra de Deus era muito abençoada em Londres, naquele tempo.

O dr. Campbell não desfrutava muita popularidade entre os londrinos e fiquei sabendo que relativamente poucos dos convertidos se afiliaram à sua igreja. Mesmo assim, acredito que cerca de duzentos deles passaram a congregar ali. Certo dia, ele pediu-me que fosse falar aos alunos no salão da Escola Britânica. Durante a palestra, perguntei-lhes o que pretendiam fazer com sua educação. Delonguei-me falando da responsabilidade deles nesse aspecto. Esforcei-me para demonstrar quanto bem podiam fazer e que grande bênção seria para eles mesmos e para o mundo se direcionassem sua educação corretamente. Também ressaltei a grande maldição que seria para eles mesmos se a conduzissem de forma egoísta. A preleção foi breve, mas o argumento foi aplicado de maneira incisiva. O dr. Campbell contou-me, depois, que foi recebido na igreja um bom número — não lembro quantos — daqueles alunos, que, após haverem-me ouvido, foram despertados e levados a procurar a salvação. Mencionou isso como um fato notável, porque, segundo ele dizia, não tinha a mínima expectativa de semelhante resultado.

O fato é que os pastores em Inglaterra, assim como aqui nos Estados Unidos, haviam perdido de vista, em grande medida, a necessidade de aplicar a *obrigação imediata* à consciência do povo. Sobre isso, o dr. Campbell comentou:

— Ora, não compreendo isso. Você não disse nada que qualquer outra pessoa não pudesse ter dito igualmente bem.

— Sim — respondi. — *Poderiam* ter dito, mas será que o *teriam* dito? Teriam feito um apelo tão direto e deliberado à consciência daqueles jovens, como eu fiz?

Essa é a dificuldade. Os pastores falam *a respeito* dos pecadores, usando a *terceira pessoa* — "eles", em vez de "vocês". Dirigem-se aos ouvintes, mas evitam dizer-lhes que Deus lhes ordena que se arrependam *de imediato* e, assim, desperdiçam seu ministério.

Às vezes, chamam-me de louco por dirigir-me aos pecadores como se esperasse uma conversão *imediata.* Mas, se creio no evangelho, como esperar outra coisa? Como já mencionei, meu antigo pastor, o irmão Gale, achava que eu iria ofender as pessoas e que ninguém apareceria para escutar-me. Logo, porém, ele descobriu que multidões eram atraídas pela mensagem, a ponto de nenhum templo ter capacidade de acomodar todos os interessados. Passou a dizer, então, que aquilo não duraria, que o povo logo se sentiria enfadado e endurecido e ninguém mais viria ouvir meus sermões. Mas, essa profecia também fracassou, bem como todas as outras que levantavam objeções contra minha maneira de pregar o evangelho. Como já disse, a educação que ele recebera em Princeton deixara-o totalmente despreparado para a obra de conquistar almas para Cristo. Ele próprio confessou-me, pouco depois de minha conversão, que não tinha a consciência de ter sido instrumento na salvação de uma alma, sequer, em toda a sua vida.

Não me admirei disso, pois, embora ele fosse um homem talentoso, nada em sua maneira de pregar servia para induzir à conversão qualquer pessoa — a não ser depois da grande transformação que experimentou, a que já me referi. Realmente, foram raras as ocasiões em que escutei um sermão que parecesse preparado para colocar os descrentes frente a frente com seu dever diante de Deus. Em vez disso, muitos ensaios são escritos, os quais são ótimos exemplos de retórica e de teologia, neste país e em Inglaterra, mas, não se pode dizer que seus autores esperam ser instrumentos na conversão de alguém. Não há como defender a idéia de que esperam tal coisa, nem mesmo que tenham a *pretensão* de alcançá-la.

Há algum tempo, relataram-me um fato que ilustrará o que acabo de declarar. Dois jovens que se conheciam, mas que tinham conceitos muito diferentes quanto à pregação do evangelho, foram nomeados pastores em congregações não muito distantes uma da outra. Um deles experimentou um avivamento poderoso em sua igreja, mas, o outro, não. Na congregação do primeiro, o crescimento era contínuo, mas, na congregação do outro, não. Certo dia, os dois encontraram-se e aquele cuja congregação não crescia, querendo saber o motivo disso, pediu para levar consigo um sermão do colega, a fim de pregá-lo em sua igreja, para ver se surtiria algum efeito. O pedido foi atendido. Depois que se familiarizou com a caligrafia, pregou o sermão, que, embora previamente escrito, fora preparado com o propósito de despertar os descrentes para sua responsabilidade diante de Deus. Antes de chegar ao final da mensagem, notou que vários dos ouvintes estavam chorando. Percebendo que muitos estavam emocionados e permaneciam chorando no banco, mesmo depois do sermão, imediatamente pediu muitas desculpas. Disse que esperava não ter magoado os sentimentos de ninguém, pois não era essa sua intenção.

Enquanto eu estava em Londres, nessa ocasião, fiquei muito aflito ao perceber a desolação moral daquela grande cidade. Conforme fiquei sabendo mais tarde, não havia ali locais de culto para acomodar mais que uma pequena porcentagem dos habitantes. No entanto, enquanto estava ali, interessei-me por um movimento que surgiu entre os episcopais. Numerosos ministros vinham assistir aos nossos cultos. Um dos pastores, o sr. Alien, profundamente tocado, resolveu promover um avivamento em sua igreja. Estabeleceu reuniões de oração em vinte locais de sua paróquia e passou a pregar diretamente às pessoas, com todo o vigor. O Senhor abençoou grandemente seu empenho. Antes de eu partir, aquele pastor informou-me que nada menos de 1.500 pessoas se haviam convertido a Cristo.

Vários outros ministros episcopais foram vivificados na alma e passaram a celebrar cultos prolongados e numerosos. Quando parti de Londres, havia quatro ou cinco igrejas episcopais que realizavam cultos diários e esforçavam-se para promover um avivamento. Penso que em todos os casos receberam grandes bênçãos e refrigério. De fato, aqueles nove meses de trabalhos realizados em Londres produziram, com a bênção de Deus, uma impressão poderosa e de grande duração na cidade. Novas idéias foram introduzidas na mente das pessoas, milhares delas foram levadas à conversão e multidões dentre os que haviam feito profissão de fé no passado acordaram e deixaram-se ser usados na obra de Cristo. Dez anos mais tarde, visitei Londres outra vez, para continuar a obra ali e fiquei sabendo que o trabalho nunca cessara. Em vez disso, havia

continuado e propagado em várias direções. Em minha segunda visita, descobri que muitos daqueles convertidos estavam atuando de várias maneiras e em várias partes de Londres e isso com grande sucesso. Quanto aos resultados na congregação do dr. Campbell, terei ocasião de mencioná-los quando narrar os movimentos que ocorreram ali dez anos depois, enquanto eu visitava o país.

Conforme já mencionei, fiquei muito aflito com a situação de Londres. Poucas vezes fui levado a orar por qualquer cidade mais que por Londres. Às vezes, especialmente quando eu orava em público, parecia, com as multidões diante de mim, que eu não podia cessar de orar e que o espírito de oração quase me arrancava de dentro de mim mesmo ao implorar a favor do povo e da cidade em geral. Nem bem chegara à Inglaterra, comecei a receber inúmeros convites para pregar com o propósito de levantar ofertas a favor de vários objetivos: pagar o salário do pastor, ajudar nas despesas da construção da capela de determinada igreja, levantar verba para a escola bíblica dominical ou suprir qualquer outra necessidade. Parecia que só pensavam em levantar coletas vultosas e que esse era o motivo de me convidarem para várias regiões da Inglaterra. Se eu tivesse atendido a esses pedidos, não teria feito outra coisa. Recusei-me, portanto, a atender a qualquer chamado desse tipo. Avisei os irmãos de que não viera à Inglaterra com o propósito de conseguir dinheiro — nem para mim, nem para eles. Meu objetivo era *conquistar almas para Cristo.* Conseqüentemente, não dediquei meu tempo a fazer turismo nem a coisa alguma que não fosse a tarefa específica de conquistar almas para Cristo.

Depois de pregar quatro meses e meio no púlpito do dr. Campbell, fiquei afônico e a saúde de minha mulher também ficou muito prejudicada pelo clima e por nossas intensas atividades. Preciso iniciar aqui, de modo mais detalhado, um relato do que Deus fez por meio dela.

Até essa época, ela freqüentara apenas encontros de senhoras e deles participara ativamente. Esses encontros eram novidade em Inglaterra, tanto que ela mesma pouca coisa fizera nesse sentido. Mas enquanto estávamos hospedados com o dr. Campbell, ela recebeu um convite para participar de um chá para mulheres pobres, destituídas de escolaridade e de religião. Os ingleses têm o hábito de promover esse tipo de encontro quando querem juntar pessoas de determinada classe. O encontro foi organizado por homens e mulheres, cristãos benevolentes e a presença de minha mulher foi pedida com urgência. Ela consentiu, sem saber que os homens ficariam na reunião para ouvi-la falar. Quando ela chegou, portanto, encontrou o salão cheio de gente. Além das mulheres, havia um número considerável de homens que pareciam muito interessados no resultado do encontro. Ela aguardou um pouco, na expectativa de que se retirassem. Mas, vendo que permaneciam ali e que haviam deixado a direção do encontro por sua conta, colocou-se de pé. Acredito que tenha pedido desculpas por ter sido convocada para falar em público, dizendo-lhes que aquele não era seu hábito.

Tínhamos pouco mais de um ano de casados e ela nunca me havia acompanhado em avivamentos antes de irmos a Inglaterra. Naquele chá, ela fez sua preleção e, depois de voltar aos nossos aposentos, contou-me que a palestra durara cerca de 45 minutos, obtendo bons resultados de imediato. As mulheres pobres ali reunidas pareciam grandemente comovidas e interessadas. E, quando ela acabou de falar, alguns dos homens levantaram-se e expressaram grande satisfação com o que ouviram. Declararam que até ali tinham preconceito contra mulheres discursarem em público, mas, que naquelas circunstâncias não haviam achado motivo algum para se oporem e percebiam claramente que a preleção dela só contribuíra para o bem.

Quando ela voltou do encontro, contou-me o que fizera e declarou estar receosa de que sua locução despertasse o preconceito dos ingleses, trazendo ao evangelho mais problemas que benefícios. Eu mesmo receava que isso acontecesse e revelei-lhe meu temor. Acredito, porém, que não a adverti a conservar-se calada nem a deixar de comparecer às reuniões. Pelo contrário, depois de considerar a questão, encorajei-a a continuar falando em público. Ela, então, foi-se acostumando cada vez mais àquele tipo de trabalho e, depois de voltarmos para os Estados Unidos, continuou a atuar entre as senhoras em atividades ligadas aos avivamentos em que eu atuava. Terei ocasião de fornecer maiores detalhes quando falar dos avivamentos nos quais ela teve participação destacada.

Na época, em Londres, houve muitas conversões interessantes de pessoas de quase todas as classes sociais. Preguei muito sobre confissão de pecados e restituição e os resultados foram maravilhosos. Quase todas as formas de delitos foram, dessa maneira, investigadas e confessadas. Milhares de libras esterlinas foram devolvidas aos seus donos. Na ocasião, pouco depois de eu partir de Londres, o dr. Campbell publicou um livreto no qual apresentava um relatório do trabalho por mim desenvolvido ali. Possuo ainda um exemplar e,

se o que agora estou escrevendo chegar a ser publicado, seria interessante incluir pelo menos algumas seleções desse livrinho.

No entanto, como já mencionei, eu e minha mulher ficamos afônicos. Todos os que conhecem Londres sabem que de Novembro a Março a cidade fica muito triste, úmida, escura e fumacenta, uma atmosfera muito desagradável para nela se respirar ou falar. Havíamos chegado ali no início de Maio. Em setembro, meu amigo Brown, sobre quem já falei, visitou-nos em Londres e, vendo nosso estado de saúde, sugeriu: "Vocês devem ir a França ou a qualquer outro lugar da Europa continental, onde não entendam a língua, pois enquanto puderem falar não haverá repouso para vocês em Inglaterra". Depois de conversar a respeito do assunto, resolvemos aceitar o conselho e passar algum tempo na França. Ele deu-me cinqüenta libras esterlinas para as despesas.

Fomos a Paris e a vários outros lugares na França. Evitamos formar círculos de amizade e mantínhamo-nos tão quietos quanto possível. A influência da mudança de clima foi marcante para a saúde de minha mulher. Ela recuperou as forças rapidamente. Eu, aos poucos, fui-me recuperando da rouquidão e, depois de uma ausência de cerca de seis semanas, voltamos ao trabalho no Tabernáculo, onde continuamos a atuar até o início de Abril do ano seguinte, quando então partimos de volta para casa.

Foi com grande relutância que parti de Inglaterra. Mas, nos Estados Unidos novas circunstâncias pareciam exigir minha volta, para o bem da estabilidade de nosso colégio. Tínhamos grande interesse pelo povo de Londres e desejávamos muito continuar a obra na cidade. Embarcamos em Londres num enorme navio de carreira, o Southampton. No dia do embarque, uma grande multidão que conhecia nosso trabalho, reuniu-se no cais. A grande maioria daquelas pessoas compunha-se de novos convertidos. O navio teve de aguardar a maré alta e colocar a bordo todos os emigrantes que nele viajariam. E, por várias horas, a multidão permaneceu no espaço aberto à volta do navio para se despedir de nós.

Separar-se assim daquela multidão de corações amorosos abalou totalmente as forças de minha mulher. Logo que o navio se afastou das docas, retirou-se para nosso camarote, com uma dor de cabeça da qual só se recuperou muitas horas depois. Permaneci no convés, olhando o povo que nos saudava abanando lenços e chapéus, enquanto o navio era levado rio abaixo pela maré ajudado por dois rebocadores a vapor, até ficarmos fora da vista dos que haviam ido assistir ao nosso embarque. Assim se encerraram as nossas lidas na Inglaterra, na primeira vez em que visitamos o país.

José Mateus
zemateus@msn.com
WWW.REAVIVAMENTOS.COM

CAPÍTULO XXXI

Em casa outra vez

Chegamos a Oberlin em Maio e tivemos entre nossos alunos um avivamento inspirador que durou o verão inteiro. No outono seguinte, fui convidado a visitar Nova York para pregar no Tabernáculo, na Broadway, onde já havia trabalhado. Eu sabia que o Tabernáculo era alugado a várias sociedades, para suas celebrações e, também, disponibilizado para palestras, especialmente durante o inverno. Assim, não era possível promover nenhum avivamento num lugar utilizado para tantos objetivos. Por isso, escrevi ao pastor Thompson, dizendo-lhe que só aceitaria seu convite na condição de o Tabernáculo não ser alugado para outros propósitos enquanto eu ali estivesse. Ele respondeu logo depois, informando que haviam decidido *não* alugar o Tabernáculo para ninguém durante minha estada ali e que fora levantada uma verba, na própria congregação, para custear as despesas da igreja, compensando assim a perda dos aluguéis.

Na data determinada, minha mulher e eu começamos nossas atividades em Nova York. Para surpresa minha, logo descobri que o irmão Thompson era contra a colocação de qualquer cartaz na cidade com o anúncio de nossas reuniões. Relatei-lhe meu espanto com aquela atitude, afirmando que nunca houvera objeção aos cartazes nas cidades onde eu atuara, nos Estados Unidos ou na Europa e que aquele método de divulgação de nossos cultos era muito usado nas cidades grandes. Mas, ele manteve-se irredutível. Consequentemente, a única propaganda do avivamento que corria na cidade eram os avisos que fazíamos nas próprias reuniões.

A congregação do irmão Thompson não era grande, apesar de o templo ser de bom tamanho. O povo ficava perguntando quando eu pregaria. Geralmente, o Sr. Thompson pregava uma vez no domingo. E, por não saberem ainda, as pessoas estavam aflitas para saber em que horário da domingo eu pregaria. Mas quase nunca — ou nunca mesmo — o Sr.Thompson informava aos membros da igreja o horário de minhas pregações. Se eu pregava de manhã ou de tarde dois domingos seguidos, a congregação comparecia na expectativa de ouvir-me. Mas, ele, em muitas ocasiões, alterava o programa e pregava no horário em que eu havia pregado no domingo anterior. Assim, era difícil manter contato permanente com a congregação. Não conseguia entender por que o irmão Thompson agia assim, mas estou citando os fatos exatamente conforme ocorreram. Além disso, pouco tempo depois de eu começar o trabalho ali, descobri que os homens responsáveis pelas finanças da congregação começaram a alugar o Tabernáculo durante a semana, como faziam antes de minha chegada.

De início, imaginei que eram casos excepcionais, porém logo fiquei sabendo que as sociedades que costumavam usar o Tabernáculo em suas comemorações e os que tinham o hábito de apresentar palestras ali, haviam ameaçado os líderes da congregação dizendo que não iriam mais alugar o Tabernáculo, preferindo realizar suas reuniões em outra parte da cidade caso não pudessem utilizá-lo *naquele inverno.* Assim, foi esquecida a decisão de não alugar o Tabernáculo e, conseqüentemente, os cultos realizados durante a semana sofreram muitas interrupções.

Certo domingo, preguei à tarde e à noite para um grande auditório. A congregação parecia bem madura para as coisas espirituais e tudo dava a entender que teríamos uma grande explosão de interesse religioso. Mas,

ao voltar para casa, fiquei resfriado e, na segunda-feira, não consegui levantar-me da cama. Se me lembro bem, havia combinado pregar na terça-feira à noite. No entanto, quando chegou a hora do culto, eu ainda estava de cama. Fiquei muito aflito por causa disso, mas, o irmão Thompson sabia que eu estava doente e supus que ele mesmo fosse pregar ou conseguir um substituto para mim. No entanto, por algum motivo, ele não providenciou nenhum substituto. Na hora do culto, simplesmente anunciou ao povo que eu estava impedido de pregar e encerrou a reunião. Depois de recuperar-me o suficiente para retornar ao púlpito, preguei bem poucas vezes. Então, aceitei um convite para trabalhar em Hartford, Connecticut. Quem me mandou buscar foi o irmão William Patton, que na ocasião era pastor de uma igreja Congregacional naquela cidade. Iniciei minhas atividades ali e logo testemunhei uma influência espiritual poderosa entre os membros da igreja.

No entanto, havia nesse período uma lastimável discórdia entre o dr. Hawes e o dr. Bushnell. A ortodoxia do dr. Bushnell, como se sabe, era questionada pelo dr. Hawes por achá-la censurável. Ambos, porém, freqüentavam nossos cultos e manifestavam grande interesse pela obra, a qual começara bem, segundo o entendimento deles próprios. Convidaram-me a pregar em suas igrejas e atendi ao convite. Mesmo assim, os irmãos leigos da cidade achavam que a discórdia entre dois ministros era uma pedra de tropeço no caminho e o povo se mobilizou para levá-los a conviver mais fraternalmente e a tomar uma atitude de união diante do povo para benefício da obra. Os crentes, em geral, não simpatizavam com as opiniões contundentes do dr. Hawes quanto à ortodoxia do dr. Bushnell. Sabedor disso e mostrando espírito fraternal, procurei convencer o dr. Hawes de seu erro, dizendo que os crentes consideravam uma provocação as críticas que ele fazia ao dr. Bushnell. Declarei-lhe que acreditava que os crentes não justificariam sua atitude.

O dr. Hawes era um homem bom e, evidentemente, sentia quão profunda era sua responsabilidade na questão. Certa noite, preguei no púlpito do irmão Patton e três ministros congregacionais estavam presentes. Depois do culto, seguiram-me até meus aposentos e o dr. Hawes declarou: "Irmão Finney, estamos convictos de que o Espírito do Senhor está sendo derramado aqui e agora. O que nós, ministros, podemos fazer para promover essa obra?" Disse-lhes com franqueza o que eu pensava. Revelei-lhes que pesava sobre eles uma grande responsabilidade e que, a meu ver, eles precisavam decidir se a obra deveria propagar-se pela cidade inteira ou não. Se pudessem conciliar suas diferenças e apresentarem-se unidos diante das igrejas, dedicando-se com vigor à obra, isso removeria o grande obstáculo que havia entre eles. Só assim haveria esperança de que a obra se propagasse em todas as direções. Eles perceberam a posição em que se encontravam, pois falei-lhes com bastante clareza. E o dr. Hawes e o dr. Bushnell chegaram a um entendimento, concordando deixar de lado suas diferenças e prosseguir na promoção da obra.

Devo dizer aqui que acredito que o irmão Patton nunca simpatizou com os pontos de vista extremos sustentados pelo irmão Hawes. Devo dizer, também, que o próprio dr. Bushnell não parecia impor qualquer resistência ao dr. Hawes. O obstáculo a ser removido parecia ser mesmo a indisposição do dr. Hawes em cooperar cordialmente com os demais ministros. O dr. Hawes era um homem por demais bondoso para insistir na prática de qualquer coisa que pudesse impedir o progresso da obra. Dessa forma, daquele dia em diante, pareceu-me que todos passaram a cooperar em boa medida de cordialidade.

A obra propagou-se por todas as igrejas e continuou de modo promissor durante muitas semanas. Houve, no entanto, uma peculiaridade da qual nunca me esqueci. Acho que todos os domingos que passei naquela cidade foram marcados por fortes tempestades. Eu nunca presenciara uma sucessão de domingos tão tempestuosos. No entanto, o povo comparecia em peso aos nossos cultos. E, para uma cidade como Hartford, o trabalho tornou-se poderoso e abrangente.

Quem conhece Hartford sabe como são exigentes e formais os habitantes daquela cidade. Receavam aplicar quaisquer métodos que fossem além de uma simples reunião de oração, um culto com pregação ou uma reunião com os interessados. Em outras palavras, estava fora de cogitação convocar os pecadores a vir à frente, a romper com a desconfiança e a entregarem-se publicamente a Deus. O dr. Hawes, em especial, receava utilizar qualquer método desse tipo. Por isso, eu não podia fazer nada disso ali. Lembro-me de que num encontro para interessados, na sala de reuniões, em que ele estava presente, pedi a todos os que queriam entregar-se a Deus que se ajoelhassem ali mesmo. Aquilo deixou o dr. Hawes assustado. Antes que as pessoas se ajoelhassem, ele comentou que não se deveria fazer tal apelo a ninguém, pois tudo tinha de ser feito de livre e espontânea vontade. Mas, eu estava bem consciente de que a maioria daquelas pessoas estava disposta a fazer o que eu pedia. Assim, elas ajoelharam-se e oramos com elas.

O dr. Hawes fez-me a seguinte observação enquanto as pessoas se levantavam e se despediam: "Sempre senti necessidade de algo assim, mas tinha receio de lançar mão de qualquer método diferente. Sempre achei

que alguma coisa era necessária para levar os interessados a uma tomada de posição e induzi-los a pôr em prática suas convicções. Nunca tive, no entanto, a coragem necessária para fazer algo assim". Respondi-lhe que eu, de minha parte, sempre acreditei que era indispensável aplicar algum método para levar os pecadores ao ponto da submissão.

Nesse avivamento, *havia bastante oração.* Os novos convertidos, em especial, oravam muito. Tomei conhecimento de que, certa noite, um novo convertido, depois do culto vespertino, convidou outro convertido para ir à sua casa, a fim de orarem juntos. O Senhor fez-se presente e, na noite seguinte, convidaram outros. Na terceira noite, convidaram outros ainda, até que o grupo se tornou tão grande que foram obrigados a dividi-lo em dois. As reuniões eram realizadas depois do culto de pregação.

O segundo grupo de oração tornou-se rapidamente grande demais para o espaço disponível e houve mais uma divisão. Os grupos multiplicaram-se tanto que os novos convertidos participavam de reuniões em vários locais. Finalmente, passaram a convidar, também, os interessados na conversão e todos quantos desejassem que algum grupo orasse por eles. Assim, surgiu um esforço bem organizado entre os convertidos a favor da salvação de almas.

Na mesma época, uma situação interessante teve lugar nas escolas públicas. De acordo com o que me informaram, os pastores haviam concordado entre si em não visitar as escolas públicas nem realizar nenhum trabalho religioso ali, para não provocar inveja ou rivalidade entre as diferentes denominações. Certa manhã, um grupo considerável de moços reuniu-se numa das escolas e os jovens sentiram-se tão tocados que não conseguiram estudar. Pediram, então, que o professor orasse por eles. Como ele não era crente professo, mandou buscar um dos pastores, informou-lhe da situação e pediu que realizasse uma série de cultos na escola. No entanto, o pastor recusou-se, por causa do compromisso firmado entre os pastores.

O professor mandou buscar outro pastor e ainda outro, mas todos lhe responderam que ele mesmo teria de orar pelos alunos. Assim, o professor viu-se num beco sem saída. Mas, acredito que o resultado foi ele ter entregado o coração a Deus, para assim tomar as devidas providências em relação ao movimento espiritual naquela escola. Entendi que um número considerável de alunos das várias escolas públicas foram levados à conversão.

Quem conhece a cidade de Hartford sabe que o povo ali é de nível intelectual elevado. Todas as classes sociais recebem boa educação, talvez mais que em qualquer outra cidade do mundo. Quando chegou a ocasião de as igrejas receberem os que se haviam convertido, creio que os candidatos eram cerca de seiscentas pessoas. Antes de minha partida da cidade, o dr. Hawes perguntou-me: "O que faremos com esses jovens que se converteram? Se formarmos uma igreja só com eles, sem dúvida que se tornarão admiráveis trabalhadores pela salvação de almas. Mas, se os acolhermos em nossas igrejas, onde homens e mulheres com mais tempo de fé detêm a liderança em todas as áreas, eles acabarão ficando à sombra dos mais velhos, acomodados até e seu trabalho não será mais eficiente". Segundo o que me foi dado a entender, os moços e moças convertidos formaram uma espécie de sociedade missionária, organizada com o propósito de empreender esforços diretos para a conversão de almas em todas as partes da cidade, como o fato que narro a seguir, que serve de exemplo do tipo de trabalho realizado por aqueles jovens.

Uma das moças de maior destaque na cidade, talvez tão conhecida e respeitada quanto qualquer dama da sociedade, dedicou-se à recuperação e, se possível, à salvação de jovens que pertenciam a famílias ricas e de alta posição, jovens que haviam desenvolvido maus hábitos e caído em decadência moral. Boa parte deles não tinha mais o respeito do povo. O caráter e a posição da jovem eram ideais para o trabalho, o que permitiu que ela agisse sem dar a mínima impressão de mau comportamento. Procurando uma oportunidade para falar àqueles jovens, reuniu-os para instrução religiosa, palestra e oração e foi muito bem-sucedida em recuperar um bom número deles. Se fui informado corretamente, os convertidos naquele avivamento contribuíram muito para o bem da cidade e muitos deles ainda são ativos na fé.

A sra. Finney estabeleceu reuniões de oração para as senhoras, que eram realizadas nas salas de reunião das igrejas. A freqüência a essas reuniões era bem grande e elas foram muito produtivas. As senhoras eram muito unidas e zelosas e, pela graça de Deus, passaram a dar grande apoio à obra divina ali. As doutrinas que eu pregava e os métodos utilizados eram os mesmos de todos os lugares, excetuando-se o "banco dos aflitos". No entanto, depois de pregar, como em todos os avivamentos, convidava os interessados a dirigirem-se à sala de reuniões da igreja, a fim de receberem instrução e essas reuniões eram muito concorridas. Houve muitas conversões notáveis na cidade, como acontecia em todos os outros locais.

Por volta do 1.° de Abril, partimos dali e, a caminho de casa, passamos pela cidade de Nova York. Preguei umas poucas vezes no púlpito do irmão Henry Ward Beecher, em Brooklyn. Havia ali uma influência espiritual crescente e cada vez mais profunda quando cheguei e quando parti. Preguei poucas vezes porque sentia-me doente e fui obrigado a desistir do trabalho ali. Como de costume, quando chegamos a casa, continuamos em intensas atividades entre nossos alunos. O resultado desse trabalho foi de considerável influência espiritual, estendendo-se, também, a grande parte dos habitantes da cidade. Era tão comum ver numerosos alunos interessarem-se pela fé, semana após semana, mês após mês, que alcançar as pessoas do lugar passou a ser coisa natural. Não era novidade aquele estado de coisas, por isso, o interesse aqui não foi tão notório quanto o seria em qualquer outra localidade. Mesmo assim, vizinhos bondosos sempre oravam com sinceridade pela obra entre os alunos e sempre um bom número de nossa gente participava de coração e alma de qualquer obra desse tipo.

No inverno seguinte, partimos de Oberlin e iniciamos nossa viagem para o Leste, a fim de atender a um convite para trabalhar em uma cidade da região. Durante nossa estada em Hartford, no inverno anterior, recebemos um convite insistente para trabalhar na cidade de Syracuse. Os irmãos metodistas haviam realizado uma série de reuniões de avivamento e a emoção que se manifestou entre eles foi tão intensa que provocou oposição por parte dos membros de outras denominações, gerando um clima bastante desagradável entre as igrejas. Nessa situação de emergência, um ministro Congregacional foi a Hartford, a fim de convencer-me a ir a Syracuse.

Na ocasião, eu não considerava essa visita um dever pessoal e não pensei mais a respeito. Mas, quando viajamos para o Leste, encontramos o mesmo ministro em Rochester — na ocasião, ele não era pastor da pequena igreja Congregacional que existia em Syracuse. No entanto, preocupava-se tanto com aqueles crentes que acabou fazendo-me prometer que, durante nossa viagem pelo Leste, eu ficaria ali pelo menos um domingo. Assim fizemos e encontramos aquela igreja muito desanimada. O número de membros era bem pequeno, na maioria pessoas com opiniões muito radicais no tocante a grandes transformações. As igrejas presbiterianas e as demais igrejas em geral não tinham a mínima simpatia por aqueles crentes e percebia-se que o desejo comum era a extinção da igreja. Preguei num domingo, mas, ao tomar conhecimento da situação, vi-me forçado a passar mais um domingo ali. Logo comecei a perceber um movimento entre os ossos secos.

Alguns dos membros de maior destaque da Igreja Congregacional começaram a fazer confissão uns aos outros e publicamente que se haviam desviado de Deus e outras coisas, que os tornaram alvo do preconceito da cidade. Esse fato levou à reconciliação com os vizinhos da igreja e estes começaram a freqüentar os cultos. Logo, o templo tornou-se pequeno para comportar os fiéis que acorriam a ele. Não era meu plano passar ali mais que um domingo, mas, percebi, depois, que não deveria ir embora ainda. Assim, permaneci ali, domingo após domingo. O interesse aumentou e estendeu-se pela cidade. O Senhor removeu todos os obstáculos e aproximou os crentes entre eles.

As igrejas presbiterianas abriram seus templos para nossas reuniões de avivamento e as conversões multiplicaram-se. No entanto, minhas pregações eram mais dirigidas aos crentes. Havia muita antipatia entre eles, por isso, antes de procurar abrir caminho do lado de fora das igrejas, era necessário realizar uma grande obra entre os crentes professos. Assim, continuei a trabalhar em várias igrejas. Nesse ínterim, a Segunda Igreja Presbiteriana ficou sem pastor e a partir de então concentramos a maior parte de nossas reuniões ali, continuando a realizá-las durante todo o inverno.

Aqui também a sra. Finney estabeleceu, com grande sucesso, as reuniões para as senhoras. Geralmente, esses encontros eram realizados no salão de preleções da Primeira Igreja Presbiteriana, um local espaçoso e conveniente para isso. Numerosos e inspiradores fatos aconteceram nessas reuniões durante aquele inverno. Depois de algum tempo, crentes de várias denominações afluíam para ali e todas as barreiras que havia entre as igrejas pareciam desfeitas. Na época, nenhuma das duas igrejas presbiterianas tinha pastor. Quando cheguei ali, a Primeira Igreja estava já sem pastor e, depois de minha chegada, o pastor da Segunda Igreja deixou a cidade. A Igreja Congregacional também não tinha pastor. Assim, nenhuma das três igrejas abriu as portas para aceitar os convertidos. Fiquei contente com isso, porque sabia que, se começassem a acolher os convertidos, haveria o perigo de brotar entre elas o ciúme, a ponto de a obra ser prejudicada.

Íamos partir naquela primavera, então noticiei do púlpito, por conta própria, que no domingo seguinte celebraríamos a ceia do Senhor. Para esse culto, haviam sido convidados todos os crentes que davam evidências de amar realmente ao Senhor Jesus Cristo. Aquela foi a mais inspiradora celebração da ceia do Senhor que já testemunhei. A igreja estava lotada. Dois ministros muito idosos, Pai Waldo e Pai Israel

Brainerd, estavam presentes e ajudaram a celebrar a ceia do Senhor. Notavam-se muitos corações enternecidos e penso que em nenhum lugar participei de uma celebração mais amorosa e alegre entre o povo de Deus.

Depois de minha partida, todas as igrejas, logo que puderam, passaram a contar com a assistência de um pastor. Fui informado de que o avivamento resultou num grande e permanente movimento espiritual. A Igreja Congregacional construiu, posteriormente, uma casa de culto bem maior e creio que a partir de então se tenha tornado uma congregação bem sadia. As igrejas presbiterianas e penso que as batistas também, foram muito fortalecidas na fé e o número de seus membros aumentou.

Foi profunda a obra realizada entre os crentes professos daquela cidade. Ocorreu um fato notável, que passarei a relatar. Morava no primeiro distrito uma senhora cristã, de nome Childs, cujo marido ainda era incrédulo. Era uma bela senhora, de grande cultura e de caráter reto. O marido era comerciante, homem de moral intocável que, a julgar por suas palavras, amava muito sua mulher. Ela freqüentava nossos cultos e ficou profundamente convicta da necessidade de uma obra de graça mais profunda em sua alma. Certo dia, foi-me visitar num estado de muita ansiedade e dúvida. Conversei com ela alguns momentos, destacando a necessidade de uma consagração total a Cristo — dela mesma e de tudo quanto possuía. Disse-lhe que, depois de fazer isso, ela precisaria ter fé para receber o selo do Espírito Santo. Ela já ouvira sobre a doutrina da santificação e interessara-se muito pelo assunto. Então perguntou-me como alcançá-la. Depois de uma breve orientação, ela colocou-se de pé rapidamente e foi embora. Havia tamanha pressão sobre sua mente e ela parecia querer tomar posse imediata da plenitude que se pode achar em Cristo. Acho que não passou mais que cinco ou dez minutos em meus aposentos e saiu de lá como quem está realizando negócios urgentes.

À tarde, ela retornou, aparentando estar tão cheia do Espírito Santo quanto seria possível. Disse que se apressara para chegar em casa depois de falar comigo pela manhã e fora imediatamente para seu quarto, onde se lançou de joelhos diante de Deus e fez total consagração a ele, dela mesma e de tudo quanto possuía. Disse agora entender claramente, mais do que nunca antes, o que significava consagração e fez uma entrega plena nas mãos de Cristo. De imediato, ela experimentou grande calma e passou a sentir que a plenitude do Espírito Santo começava a *enchê-la.* Logo parecia ter sido elevada acima de si mesma e seu júbilo era tão grande que ela não conseguia parar de gritar.

Naquela tarde de domingo, conversei um pouco com ela e vi que havia o perigo de ela se exceder na emoção. Adverti-a quanto a isso e ela foi para casa. Ao anoitecer, foi para a reunião de oração e aconselhamento. E, quando as pessoas começaram a levantar-se para relatar sua experiência, ela também se levantou e contou o que o Senhor fizera e ainda estava fazendo a favor de sua alma. Seu rosto irradiava, literalmente, júbilo espiritual. Penso que todos os presentes ficaram impressionados com a auréola que parecia envolver seu rosto. Começou a narrar o que estava sentindo, mas logo suas palavras foram ficando desconexas, como se houvesse perdido a memória. Entendi logo o que estava se passando, fui até ela e, sussurrando, aconselhei-a a sentar-se. Em seguida, pedi que suas amigas a levassem para casa e aconselhei minha mulher a acompanhá-la. Assim ela fez e permaneceu na casa da sra. Childs dois ou três dias, até seu estado emocional se acalmar. A alegria dela era tanta que a deixou completamente fora de si durante alguns dias, correndo o risco de ficar mentalmente perturbada. Minha mulher, no entanto, ficou com ela e não permitiu que recebesse visitas. Procurava acalmá-la e cuidou dela até voltar ao normal.

Poucos dias depois, numa manhã, o marido dessa irmã veio visitar-me e convidou-me para um passeio de trenó. Aceitei o convite e descobri que seu objetivo era falar comigo a respeito de sua mulher. Disse-me que ela fora criada entre os *Quakers* e que, quando se casou com ela, a considerava uma das mulheres mais perfeitas que conhecia. Mas, então ela converteu-se e ele percebeu nela uma transformação maior do que julgava ser possível, pois já a considerava perfeita em sua moral e na vida exterior. Era tão visível a mudança de atitude que ninguém podia duvidar da experiência que ela estava vivendo. Ele disse: "A partir de então, eu a considerava perfeita, ou quase isso. Mas, agora ela obviamente passou por uma transformação maior. Vejo isso em tudo. Existe nela muita energia espiritual, muito dinamismo religioso e uma plenitude de alegria, de paz e de amor!" Então, ele perguntou-me: "Como explicar isso? Como devo entendê-lo? Semelhantes transformações realmente acontecem entre os crentes?"

Expliquei-lhe tudo da melhor maneira que consegui. Procurei levá-lo a compreender o que ela era como *Quaker* e o que a conversão fizera por ela. Depois, revelei-lhe que a experiência pela qual ela passara fora um novo batismo do Espírito Santo, que resultara em uma transformação adicional em sua vida. Ele ficara realmente surpreso diante das transformações experimentadas por sua mulher, principalmente diante da

última. A sra. Childs já foi para o céu e, de acordo com o que me foi relatado, o sabor daquela unção do Espírito Santo permaneceu com ela até o dia de sua morte.

Determinadas circunstâncias ocorridas nas reuniões dirigidas por minha mulher, narradas freqüentemente por ela, merecem ser relatadas aqui. Dessas reuniões, participavam as mais cultas e refinadas senhoras das várias igrejas da cidade. Conforme ela supunha, muitas eram vistas como de difícil trato pelo grupo. Entre elas, entretanto, havia uma, de idade avançada e inculta que tinha o costume de levantar-se e falar de modo irritante às outras senhoras. Por alguma razão, aquela senhora achava que era seu *dever* falar em todas as reuniões e, às vezes, queixava-se de o Senhor haver colocado sobre ela tal responsabilidade, ao passo que tantas outras senhoras, finas e cultas, podiam assistir às reuniões sem delas participar ativamente. Questionava por que Deus lhe havia imposto o dever de falar, enquanto outras distintas senhoras, que tanta coisa de edificante podiam falar, tinham o privilégio de participar das reuniões "sem nenhuma cruz para carregar". Ela sempre se expressava de modo queixoso, em tom de lamúria. Aquelas intervenções estavam deixando minha mulher bastante irritada e desanimada, pois percebia que não inspiravam as outras senhoras, antes eram causa de desgosto para elas.

Entretanto, as coisas continuaram assim por algum tempo. Certo dia, aquela senhora levantou-se mais uma vez para falar. Minha mulher, quando a viu de pé, achou que ela iria ocupar o tempo mais uma vez com suas lamúrias. Mas, logo que a velha senhora abriu a boca, ficou óbvio que uma grande transformação ocorrera na vida dela. Ela experimentara a plenitude do Espírito Santo e relatou sua experiência de uma forma que deixou as outras mulheres boquiabertas. Minha mulher logo percebeu o grande interesse daquelas senhoras pelas palavras da anciã e esta continuou a falar com grande sinceridade a respeito da ação do Senhor sobre sua vida, transmitindo convicção a todas que a ouviam. Enquanto a escutavam, as lágrimas começaram a fluir e um grande movimento do Espírito era visível na congregação inteira. Uma mudança notável manifestou-se diante daquelas mulheres, trazendo-lhes imensos benefícios e aquela senhora passou a ser a favorita de todas elas. A partir de então, ficavam ansiosas para ouvi-la e deleitavam-se com o relato das coisas que o Senhor fizera e continuava fazendo por sua alma.

Naquela cidade, fiquei conhecendo uma crente a quem chamavam Mãe Austin. Sua fé era notável. Era pobre e, para sua subsistência, dependia inteiramente da assistência caridosa dos crentes da cidade. Também era inculta, obviamente criada numa família de pouca escolaridade. No entanto, possuía tão grande fé que merecia a confiança de todos quantos a conheciam. Parecia que a opinião geral entre os crentes e os incrédulos era de que Mãe Austin era uma santa. Acredito que eu nunca tenha testemunhado maior fé, na sua singeleza e silêncio, como a que se manifestava naquela mulher. Numerosos fatos foram-me contados com referência a ela, que demonstravam sua confiança em Deus, bem como a maneira em que Deus cuidava de seu sustento dia após dia. Certa ocasião, ela disse-me: "Irmão Finney, é impossível eu padecer a falta de alguma coisa na vida, porque Deus me tem dito: 'Confie no Senhor e faça o bem; assim você habitará na terra e desfrutará segurança'". Ela relatou-me muitos fatos que faziam parte de sua história e outras pessoas contaram-me ainda muitos outros que ilustravam o poder de sua fé.

Certo sábado à tardinha, um amigo dessa senhora foi visitá-la. Ele era incrédulo e, depois de conversarem algum tempo, ele ofereceu-lhe, ao despedir-se, uma cédula de cinco dólares. Ela disse ter ouvido uma advertência interior para não aceitar. Achava que o homem consideraria aquilo um ato de justiça própria, que poderia representar para ele um dano maior que o bem que resultaria para ela. Por isso, ela não aceitou o dinheiro e o homem foi embora. Em sua casa, havia lenha e alimentos suficientes para durar até o domingo — e não tinha meios para comprar qualquer outra coisa. Apesar disso, em semelhantes circunstâncias, ela não tinha o mínimo receio de confiar em Deus, como sempre fizera durante tantos anos.

No domingo, caiu uma violenta tempestade de neve. Nevou tremendamente durante todo o dia e durante a noite. Na segunda-feira de manhã, uma espessa camada de neve cobria a cidade e as ruas estavam totalmente bloqueadas — ninguém passaria por elas sem escavar a neve. Essa senhora tinha um filho jovem que morava com ela — a família compunha-se dela e do filho. Ao levantar-se pela manhã, viram-se bloqueados pela neve por todos os lados. Pelo menos haviam conseguido ajuntar lenha suficiente para acender a lareira. O menino, então, perguntou o que comeriam no café da manhã e ela respondeu: "Não sei, filho, mas o Senhor proverá". Olhou para fora e viu que não havia condições de alguém transitar pela rua. O menino começou a chorar, achando que morreriam de frio e de fome.

Apesar disso, ela continuou a fazer os preparativos para servir a refeição, caso chegasse alguma comida: pôs a mesa, com tudo pronto para servir o café da manhã, acreditando que a comida viria no momento certo. Pouco depois, ouviu vozes altas na rua e foi até a janela ver o que acontecia. Ali estava um homem num

trenó de um cavalo e outros homens removiam a neve com pás, a fim de deixar o cavalo passar. Chegaram até a porta da casa dela e deixaram ali mantimentos e lenha, o bastante para vários dias. Não tenho espaço para narrar aqui as numerosas ocasiões nas quais ela foi ajudada de modo semelhante a esse. A cidade inteira sabia que a fé da mãe Austin era como um banco. Ela nunca sofrera falta de nada na vida, porque seus saques eram feitos da conta de Deus.

Nunca fiquei sabendo quantas pessoas se converteram em Syracuse naquele avivamento. Não tinha o costume de conferir os números. Deixo essas coisas para serem conhecidas quando os segredos de todos os corações forem revelados. Mesmo assim, a situação na cidade durante a primavera era o inverso do que fora no outono anterior. Se fui bem informado, nunca a cidade estivera em situação tão lamentável. Os que tinham conhecimento das circunstâncias que envolviam o condado nos trinta anos anteriores não estranharão quando digo que em todos os lugares da região tive de vencer o preconceito quanto às minhas opiniões teológicas. As idéias hiper-calvinistas predominavam até eu começar a pregar. Percebi que, antes de empreender qualquer esforço para levar o povo à conversão, era indispensável introduzir novos conceitos no tocante a importantes questões. O conceito defendido pelo presidente Edwards a respeito da sujeição da vontade e a distinção estranha que fazia entre a capacidade e a incapacidade moral e espiritual influenciavam grandemente os ministros, tomando posse de quase todos os púlpitos das igrejas presbiterianas e congregacionais.

Na maioria das igrejas batistas do condado, era mantido um calvinismo mais severo e absurdo que nas igrejas presbiterianas e Congregacionais. Não é de admirar, portanto, que a teologia por mim pregada tivesse provocado tanto alvoroço e resistência. Afinal de contas, foi a estranha confusão no tocante a nossos conceitos sobre santificação que fez crescer o preconceito entre o povo. E essa confusão era, muitas vezes, um poderoso obstáculo ao avivamento. Em Syracuse, assim como em todos os outros locais onde eu pregava, a preocupação das pessoas era detectar heresias em meus sermões. Só depois de assistirem às nossas reuniões, ouvirem o que era dito ali e alcançarem o testemunho divino a respeito da verdade é que o preconceito era vencido. Então, era possível unir os crentes na promoção da obra.

Já mencionei que o objetivo deliberado de alguns líderes era fechar o cerco contra mim e impedir meu acesso a todos os púlpitos do condado. Nesse intuito, porém, não alcançaram nenhum sucesso, de modo que me era impossível atender a todos os insistentes convites que recebia para pregar em quase todos os lugares. Mesmo assim, era necessário muito trabalho, cautela e sabedoria para vencer o preconceito incutido naqueles crentes e conseguir deles um esforço unido para promoverem o avivamento.

Sem dúvida, eu era em parte culpado por todo esse preconceito. Pela providência divina, tomei sobre mim a responsabilidade de combater e desmascarar muitas afirmações e idéias falsas que predominavam nas igrejas, neutralizando os esforços empreendidos pelos crentes e tornando ineficaz a pregação do evangelho. Realmente, enquanto os pastores pregassem o arrependimento, para depois revelar solenemente que ninguém podia arrepender-se; enquanto pregassem a necessidade de cultivar a fé, para depois declarar que era dom de Deus, acrescentando que era impossível exercê-la; enquanto apresentassem a fé como um *estado intelectual,* em vez de apresentá-la como *confiança voluntária;* enquanto se referissem ao arrependimento como um sentimento de tristeza piedosa, um estado de sensibilidade e, conseqüentemente, um estado involuntário, em vez de se referirem a ele como uma mudança voluntária de opinião; enquanto esses dogmas e outros semelhantes fossem mantidos e ensinados, o evangelho não seria realmente pregado. O que *chamavam* evangelho era, na verdade, pedra de tropeço.

Se a natureza humana era considerada depravada em si mesma e, como conseqüência, os pecadores tinham de esperar que Deus lhes transformasse a *natureza* para que pudessem tornar-se cristãos, o que mais se podia esperar? Os pecadores ficavam sempre adiando o momento de se entregarem a Cristo, enquanto os cristãos lançavam sobre Deus toda a responsabilidade da conversão dos pecadores. Diante da afirmação de que, por causa de sua *natureza* pecaminosa, o homem era ameaçado com a condenação eterna e a expiação por Cristo fora realizada somente a favor dos eleitos, qualquer um podia ver que esses dogmas e outros de igual natureza, eram verdadeiras armadilhas e pedras de tropeço. E sua influência manifestava-se na desolação moral que reinava entre aquelas igrejas.

Não acho estranho que, considerando-me comissionado por Deus para combater e desmascarar esses erros, independentemente das conseqüências contra mim, eu sofresse oposição e fosse alvo de preconceito. No entanto, também é verdade que a oposição e o preconceito foram exagerados em alguns casos pela atitude insensata e quase inexplicável de homens que alegavam concordar com meus ensinos. Raras vezes senti tão

fortes os laços do preconceito por parte das pessoas que me cercavam como naquelas semanas que passei em Syracuse.

CAPÍTULO XXXII

Trabalhos em Oberlin, Western e Rome

Depois de concluir o trabalho em Syracuse, voltamos a Oberlin, como sempre fazíamos e dedicamo-nos a cumprir nossas tarefas comuns alcançando os resultados habituais. Em Oberlin, vivo sempre a expectativa de que a Palavra do Senhor surta efeito, assim como nos demais lugares onde ela é pregada de modo fiel e oportuno e onde os esforços empreendidos são sustentados pelas orações do povo de Deus. No inverno de 1854, no Natal, fomos outra vez a Western, no condado de Oneida, onde, segundo já relatei, comecei meus trabalhos em avivamentos, no outono de 1825.

A igreja estava outra vez sem pastor e resolvemos passar ali várias semanas. O trabalho foi muito proveitoso, com resultados marcantes e inspiradores. A família Brayton, à qual me referi no relato anterior sobre os trabalhos realizados nessa localidade, já havia, em sua maior parte, ido para o céu. O pai, a mãe, as duas filhas mais velhas, Sarah e Cynthia e a mais jovem, todos haviam morrido.

Fatos notáveis ocorreram nesse segundo avivamento. Sem mencionar pormenores, relatarei o caso de certo jovem, filho de pais piedosos, que durante muito tempo fora alvo de orações. Seus pais eram membros destacados da igreja. O pai era presbítero e a mãe, uma mulher piedosa e de oração. Quando comecei o trabalho ali, para surpresa e mágoa de seus pais e dos crentes em geral, o jovem tornou-se excessivamente hostil à pregação, às reuniões de avivamento e a tudo que dizia respeito àquele trabalho. Tomou essa posição com muito ímpeto, declarando que "nem Finney nem o inferno poderiam convertê-lo". Segundo fui informado, dizia coisas odiosas e blasfemas e seus pais ficaram profundamente magoados. Não me consta, porém, pesarem sobre ele suspeitas de qualquer imoralidade.

No entanto, a Palavra de Deus pressionava-o dia após dia, até ele não poder resistir mais. Certa manhã, procurou-me em meus aposentos. Sua aparência era verdadeiramente assustadora. Não consigo descrevê-la. Raras vezes vi alguém cujo estado mental tenha causado tão grande impressão na sua fisionomia. Parecia quase enlouquecido e tremia de tal maneira que, quando se sentou, pude sentir o impacto de sua tremedeira. Quando tomei a mão dele, notei que estava muito fria. Seus lábios estavam azuis e o sangue havia subido tanto à cabeça que suas extremidades ficaram privadas dele, uma imagem alarmante. A verdade é que ele estava no limite da resistência às convicções. Quando ele se sentou, indaguei:

— Meu jovem, o que o aflige?

— Oh! — exclamou ele. — Cometi um pecado imperdoável.

— Por que diz isso? — perguntei.

— *Sei* que o fiz e o fiz *deliberadamente* — insistiu. E passou a relatar os seguintes fatos: — Há vários anos, foi colocado em minhas mãos um livro intitulado *O livro do pirata.* Li-o e ele produziu um efeito extraordinário sobre minha mente. Inspirou-me um tipo de ambição terrível e infernal: ser o maior pirata que já existiu. Resolvi ser o mais destacado entre os salteadores, bandidos e piratas que a História já tenha registrado. No entanto, minha formação religiosa atrapalhava esse sonho. Os ensinamentos e as orações de meus pais surgiam diante de mim, impedindo-me de prosseguir nesse propósito. Eu ouvira dizer que era possível entristecer o Espírito de Deus até ele se afastar de vez e a pessoa não sentir mais sua influência. Lera que era possível cauterizar a consciência até ela não mais perturbar a pessoa. E, depois de tomar aquela resolução, meu primeiro objetivo foi livrar-me de minhas convicções religiosas de modo a poder assaltar e assassinar sem qualquer remorso. Por isso, resolvi blasfemar contra o Espírito Santo.

Em seguida, ele contou-me como fez isso e o que disse ao Espírito Santo palavras demasiadamente fortes para que eu as possa repetir. Dentro do possível, procurei até lançar fora de minha memória o que ele me falou. Basta dizer que era algo tão ruim que a engenhosidade humana e até mesmo a infernal, não poderiam conceber.

— Feito isso, achei que o Espírito de Deus se havia apartado de mim e que minha consciência já não me acusava de nada — prosseguiu o rapaz.

— Algum tempo depois, resolvi cometer um crime, para ver como me afetaria. Havia uma escola do outro lado da rua, defronte à nossa casa. Certa noite, atravessei a rua e ateei fogo à escola. Em seguida, fui para meu quarto dormir. O incêndio logo foi percebido, porém tarde demais para ser dominado. Levantei-me da cama e juntei-me à multidão que se reunira para apagá-lo, mas todos os esforços foram em vão: a escola ficou reduzida a cinzas.

Incendiar um prédio público, naquele estado, era delito passível de prisão e ele sabia disso. Perguntei-lhe se fora mais adiante na prática de crimes e o jovem respondeu que não. Penso que acrescentou que sua consciência não ficara tão tranqüila quanto ele esperava. Perguntei-lhe se alguém havia suspeitado de que ele era o incendiário. Respondeu que outros jovens haviam sido alvo de suspeita e de comentários a respeito do crime. Perguntei-lhe o que pretendia fazer. Respondeu que iria confessar tudo à diretoria e pediu-me que o acompanhasse.

Fui com ele procurar um dos diretores da escola, que morava bem perto e o jovem pediu-me que eu relatasse os fatos. Assim fiz. O diretor era um homem bom e grande amigo dos pais do jovem. A história deixou-o profundamente chocado. O jovem ficou diante dele sem proferir uma palavra. Depois de conversar com o diretor, sugeri:

— Vamos procurar os outros diretores.

— Não, você não precisa ir — respondeu o homem. — Eu mesmo vou falar com eles e contar-lhes a história toda.

Ele deu certeza ao jovem de que o perdoariam. Disse que ele mesmo o perdoava, de livre vontade e que tomava por certo que os demais diretores, bem como os outros moradores da cidade, o perdoariam. Também não cobrariam dele nem de seus pais qualquer indenização.

Voltei então para meu quarto e o jovem foi para casa. Mesmo assim, ele não se sentiu tranqüilo. Quando saí para o culto vespertino, ele estava-me esperando à porta e disse:

— Quero fazer uma confissão *pública.* Vários jovens sofreram a suspeita de ter praticado aquele ato indigno. Quero que o povo saiba que fui eu que o pratiquei, sem a ajuda de nenhum cúmplice e que ninguém, senão Deus e eu mesmo, sabia disso. Sr. Finney, *o irmão* não aceitaria contar a todos? Eu estarei presente, para dar qualquer esclarecimento, mas não me sinto em condições de contar tudo sozinho. O senhor pode contar tudo que lhe revelei.

Quando a congregação se reuniu, levantei-me e relatei os fatos. A família do jovem era tão conhecida e amada na comunidade que a história os deixou estarrecidos. As pessoas soluçavam e choravam. Depois que tudo foi revelado, ele alcançou paz. De sua história religiosa, a partir de então, não sei muita coisa. Fui informado recentemente que manteve sua comunhão com Cristo e nunca deu nenhum sinal de se ter desviado do evangelho. Afiliou-se ao Exército durante a grande rebelião e foi morto na batalha de Fort Fisher.

Toda pessoa familiarizada com os avivamentos tem consciência dos inúmeros e inspiradores casos de conversão. Essas conversões ocorriam dia após dia, semana após semana e tocavam profundamente os que conheciam os convertidos e as circunstâncias em que se converteram. Mas, relatá-las para o proveito do público não seria tão interessante, pois os leitores não conheceram pessoalmente os convertidos e o impacto dessas conversões não seria tão grande para eles quanto o foi para os que as presenciaram. Nesta minha narrativa, portanto, achei por bem não relatar pormenores da conversão de pessoas desconhecidas do público em geral, a não ser que ressaltasse de modo notável algum princípio na administração do governo de Deus.

Ao descrever os avivamentos até agora, deixei de mencionar numerosos casos de crimes que chegaram ao meu conhecimento, crimes de quase todos os tipos cometidos por pessoas que vinham pedir-me conselhos e revelavam o que haviam feito. Em muitos casos, eram feitas restituições de grandes montantes de dinheiro — às vezes, milhares de dólares — por pessoas que sentiram a consciência pesada por terem ganho dinheiro fraudulentamente ou agido de má-fé em suas relações comerciais.

O primeiro inverno que passei em Boston resultou em muitas dessas revelações. Certo domingo de manhã, preguei sobre o seguinte texto: "Quem esconde os seus pecados não prosperará". E, à tarde, discorri sobre o

restante do versículo: "... mas quem os confessa e os abandona encontra misericórdia" (Pv 28.13). Lembro-me de que os resultados dos dois sermões foram extraordinários. Várias semanas depois de eu pregá-los, pessoas de quase todas as idades e de ambos os sexos ainda vinham a mim, pedindo conselhos e confessando fraudes e pecados de todos os tipos. Alguns jovens haviam defraudado seus patrões no comércio e algumas mulheres tinham furtado relógios e outros artigos femininos. Realmente, a Palavra do Senhor parece ter colocado a descoberto um verdadeiro covil de iniqüidades. Eu gastaria muitas horas para mencionar os crimes que chegaram ao meu conhecimento mediante aquelas confissões. E as pessoas demonstravam estar totalmente arrependidas e dispostas a restituir o que podiam.

Deixo agora essa digressão, a fim de retornar a Westernville. O avivamento ali foi de caráter muito proveitoso e um bom número de almas renasceu para Deus. Os moradores da região, no entanto, vivem muito espalhados e, desde muitos anos, havia um sentimento negativo entre a população quanto ao sustento de um pastor.

Lembro-me, muito emocionado, da conversão de uma jovem. Ela ensinava na escola pública da aldeia. Segundo entendi, o pai era cético e ela era filha única, muito amada por ele. Se me informaram corretamente, ele era homem de influência considerável no município, mas não assistia, de modo algum, aos nossos cultos. Morava numa fazenda longe da aldeia. Na realidade, a aldeia era muito pequena e os habitantes viviam espalhados por todo o vale do Mohawk e pelas colinas de cada lado do vale, de modo que a grande maioria precisava percorrer uma distância considerável para vir ao culto. As fazendas são grandes e os proprietários homens ricos, por isso viviam separados uns dos outros. Western é um dos mais belos locais que já conheci para quem gosta de morar no interior.

Mas, voltando à conversão da jovem, eu ouvira falar que ela não freqüentava muito nossos cultos e que manifestava sentir aversão pela obra. Certo dia, ao passar em frente à escola, resolvi entrar e falar com ela. Ela pareceu surpresa ao ver-me entrar. Eu nunca fora apresentado a ela e não a reconheceria se não a tivesse encontrado ali. Ela, no entanto, reconheceu-me e tive a impressão de que sua vontade era fugir de minha presença. Eu sabia o nome dela. Tomei-lhe a mão com ternura e disse-lhe que passara ali para conversar com ela a respeito de sua alma. Perguntei: "Minha filha, como você está passando? Já entregou seu coração a Deus?" Ela inclinou a cabeça e não fez nenhum esforço para retirar a mão. Percebi que viera sobre ela uma influência poderosa, tão profunda e notável que cheguei a pensar que ela se entregaria a Deus naquele instante.

O máximo que eu esperava ao entrar na escola era poder dizer-lhe algumas palavras, para levá-la a pensar e marcar um horário para falarmos mais à vontade a respeito da salvação. Mas, no momento em que lhe falei, ela mostrou-se tão comovida e seu coração tão quebrantado que, depois de lhe dirigir algumas frases de modo suave, ela pareceu-me disposta a não mais fazer oposição à obra e a valer-se de Jesus Cristo. Em seguida, pedi licença para falar algumas palavras aos seus alunos e ela concordou, acrescentando que isso a agradaria muito. Depois de falar-lhes, perguntei se poderia apresentá-los a Deus em oração. Ela respondeu que gostaria que eu fizesse isso e ficou muito emocionada na presença de todos os alunos. Oramos e aquele foi um momento muito solene, no qual os corações se mostraram enternecidos. A partir de então, a jovem professora começou a demonstrar submissão a Deus e passou da morte para a vida. Não viveu muito mais tempo até ir para o céu.

Entre os dois períodos que passei em Western cerca de trinta anos transcorreram. Já vivia ali outra geração, diferente daquela que conheci durante o primeiro avivamento. Apesar disso, encontrei ainda alguns membros mais antigos. No entanto, a congregação era nova em sua maior parte e compunha-se de pessoas relativamente jovens que haviam crescido após o primeiro avivamento.

Assim como aconteceu no primeiro avivamento, também nesse os habitantes de Rome souberam do que acontecia em Westernville e um considerável número deles freqüentava nossas reuniões. Isso levou-me, depois de algumas semanas, a viajar a Rome e passar algum tempo ali. Acredito que o estado espiritual em Western melhorou muito depois desse último avivamento. As ordenanças do evangelho foram mantidas e acredito que foi feito bastante progresso na direção certa. A família Brayton não existe mais em Western, a não ser um único filho e sua família. Aquela família grande e interessante dissipou-se, pois sobrou apenas um deles em Western e um em Utica, além de um que se converteu no primeiro avivamento e que durante muitos anos pastoreou a Primeira Igreja Presbiteriana em Watertown, NY.

Depois do primeiro avivamento em Rome, muitos membros da congregação mostraram-se convictos de que seu antigo pastor, o rev. Moses Gillett, não estava à altura dos deveres resultantes da nova situação. Ele declarou não ter nenhum sermão que pudesse ser aplicado à nova condição da igreja. Ele afirmou: "Meus sermões foram preparados para uma situação inteiramente diferente. E agora, no que diz respeito a nossos membros, o Milênio já chegou; quase a totalidade de nossos membros se converteu". O templo estava superlotado de cristãos professos. Isso resultou na formação de uma nova congregação. O sr. Gillett assumiu outro campo pastoral e já faz muitos anos que foi para o céu receber seu galardão. Durante vários anos, as duas congregações celebraram cultos em separado, mas, finalmente, concordaram unirem-se para construir um templo grande e espaçoso, capaz de acomodar as duas congregações.

Em minha primeira visita, durante o outono e muitos anos depois, a igreja em Rome era Congregacional. Mas, alguns anos antes de minha última visita, a igreja veio a ser pastoreada por um jovem ministro presbiteriano — formado em Princeton, creio eu. Achava que a igreja devia tornar-se presbiteriana, em vez de Congregacional e assim propôs e recomendou aos membros. De alguma forma, conseguiu seu intento, mas deixou insatisfeitas várias pessoas influentes na igreja. Assim, foi criada uma situação indesejável em Rome e quando cheguei ali, vindo de Western, fui informado daquela divisão decorrente da mudança na forma de governo. O pastor perdera a confiança e o afeto de um número considerável de membros.

Ao tomar conhecimento da situação, tive a certeza de que eram poucas as chances de ocorrer um avivamento ali, a não ser que aquela dificuldade fosse superada. Mas, o assunto já passara por tantos debates e as pessoas mantinham-se tão firmes em sua posição que meu esforço para resolver o problema foi inútil. Aquele não era assunto para ser tratado num sermão. Assim, procurava arrancar das pessoas aquela raiz de amargura por meio de conversas em particular. Descobri que as diferentes partes não enxergavam os fatos da mesma forma. No entanto, continuei a pregar e o Espírito do Senhor foi derramado. As conversões eram freqüentes e tenho a certeza de que houve muitos benefícios espirituais. Mas, depois de esforçar-me em vão para unir sentimentos e esforços, conforme Deus aprovaria, resolvi deixá-los agir da maneira que desejassem. Posteriormente, fiquei sabendo que os membros insatisfeitos afiliaram-se à igreja em Western, abandonando a igreja em Rome. Suponho que o pastor tenha cumprido o que considerava ser seu dever naquela controvérsia, mas a divisão foi muito dolorosa para mim, pois eu tinha um interesse especial naquela igreja.

No outono de 1855, fomos chamados outra vez à cidade de Rochester, para mais um trabalho a favor das almas. De início, não me senti disposto a ir, mas, um mensageiro chegou com um insistente pedido assinado por muitas pessoas, crentes professos e nominais. Depois de muito pensar e orar, tomei a decisão de ir. Começamos a trabalhar ali e logo ficou claro que o Espírito de Deus estava operando entre o povo. Alguns cristãos, especialmente o irmão que fora chamar-me, haviam orado durante o verão inteiro, para pedir o derramamento do Espírito Santo. Umas poucas almas oraram fervorosamente até sentir convicção de que estavam às vésperas de um grande avivamento. Quando expus minhas objeções quanto a voltar a trabalhar em Rochester, o irmão que fora procurar-me derrubou por terra todas as minhas justificativas ao dizer: "O Senhor irá enviá-lo a Rochester, o irmão irá a Rochester neste inverno e teremos ali um avivamento grandioso". Mesmo depois disso, ainda hesitei bastante. Mas ao chegar, logo me convenci de que aquela obra era de Deus.

Comecei a pregar nas diferentes igrejas. A Primeira Igreja Presbiteriana era da Escola Antiga e não abria suas portas às reuniões de avivamento. Mas a Igreja Congregacional e as duas outras igrejas presbiterianas, com o apoio dos pastores, entregaram-se com firmeza à obra e nela se envolveram, com muito êxito. Depois da primeira vez que trabalhei ali, em 1830 e 1831, a cidade crescera em grande proporção, em riqueza e nos demais aspectos. Os dois grandes avivamentos anteriores deixaram na cidade uma influência cristã muito forte. As igrejas batistas também se envolveram no trabalho e as igrejas metodistas esforçaram-se à sua própria maneira para expandir a obra. Mantínhamos reuniões de oração ao meio-dia, que eram muito concorridas e nas quais prevalecia um excelente espírito.

Pouco depois de eu ter começado os trabalhos ali, foi-me enviado um pedido, assinado por advogados e vários juízes — dois juízes do tribunal da comarca e, acredito, um ou dois juízes da Suprema Corte, que residiam ali — para que eu voltasse a pregar aos advogados sobre o governo moral de Deus. Atendi ao pedido e comecei uma série de preleções para os advogados. Preguei, de início, sobre o seguinte texto: "Recomendamo-nos à consciência de todos, diante de Deus" (2Co 4.2). Comecei com a observação de que o texto tomava por certo que cada pessoa tinha consciência. Passei, então, a explicar o que era consciência e o

que a consciência de cada pessoa verdadeiramente declara. Todo homem sabe que é pecador contra Deus, por isso sabe que Deus forçosamente terá de condená-lo como tal. E todo homem sabe que sua consciência o condena como pecador.

Eu estava ciente de que havia alguns céticos entre os advogados. E, realmente, um deles declarara, poucos meses antes, que jamais voltaria a freqüentar uma reunião de crentes. Afirmara que não acreditava na fé cristã e que não queria dar a impressão de crer. Para ele, freqüentar um culto era hipocrisia. Assim, passara a desprezar as instituições cristãs.

Em minhas preleções, noite após noite, tentei convencer os advogados de que, se a Bíblia não fosse verdadeira, então não existia esperança para eles, pois, uma vez que a consciência os condenava e eles sabiam que Deus forçosamente os condenaria, como seriam perdoados? Esforcei-me para mostrar-lhes que não podiam concluir que Deus, apenas por ser *bom,* os perdoaria. Em vez disso, sua bondade poderia *impedi-lo* de perdoá-los. Pesando todas as coisas, talvez não fosse um ato de sabedoria e bondade perdoar um mundo de pecadores, como sabemos que somos. Mostrei-lhes que, sem a Bíblia para lançar luz sobre a questão, era impossível ao raciocínio humano chegar à conclusão de que os pecadores podiam ser salvos. Mesmo reconhecendo que Deus é infinitamente benevolente, não há razão para concluir que *todo* pecador será perdoado. Pelo contrário, devemos inferir que os pecadores *impenitentes* não podem ser perdoados. Esforcei-me para fazê-los acreditar que a Bíblia revelava a única forma *racional de* encontrar a salvação.

Fiquei sabendo que, após minha primeira preleção, o advogado a que me referi, que havia decidido não mais freqüentar as reuniões cristãs, confessou que se enganara e estava convicto de que havia mais conteúdo no cristianismo do que havia imaginado. Não via meios de fugir ao argumento que ouvira. Assim, decidiu comparecer a todas as minhas palestras e prometeu tomar sua decisão com base nos fatos e argumentos ali apresentados.

Continuei a discorrer sobre o assunto, até estar convicto de que não viam outra saída a não ser Cristo e a revelação feita no evangelho. No entanto, eu ainda não lhes havia apresentado Jesus Cristo. Apenas os deixara convencidos pela lei, condenados pela consciência e sentenciados à morte eterna. Como eu esperava, isso preparou de modo eficaz o caminho para que recebessem o bendito evangelho. Quando lhes apresentei o evangelho como o único caminho possível ou concebível para a salvação dos pecadores, eles cederam, como outros haviam feito, anos antes, numa série semelhante de preleções. Começaram a render-se a Cristo, em grande número.

Embora na ocasião, bem como em outros períodos, o avivamento tenha alcançado resultados eficazes entre os habitantes de maior destaque da sociedade, o movimento espalhou-se pela cidade inteira. O mais notável resultado dos três avivamentos que presenciei em Rochester foi que todos progrediram e conseguiram alcançar as classes mais altas da sociedade. Esse fato favoreceu grandemente a aceitação da obra e cooperou para diluir a oposição.

Houve muitos casos notáveis de conversão nesse avivamento, bem como no que o antecedeu. A obra propagou-se e despertou tanto interesse que se tornou o principal assunto em todas as partes da cidade e da região vizinha. Os comerciantes faziam questão que seus funcionários estivessem presentes nos cultos, providenciando o revezamento no trabalho, que era cumprido em dias alternados. O trabalho foi tão divulgado pela cidade que em todos os locais de confluência do povo — lojas, prédios públicos, bancos, calçadas e nos transportes coletivos — a obra da salvação era o tema das conversas.

Nunca tomei conhecimento das estatísticas das conversões ocorridas em qualquer dos três avivamentos, mas, com certeza foram muitos os convertidos em cada um deles e creio que o maior número de decisões por Cristo ocorreu no terceiro. Muitos dos que haviam resistido à obra do Espírito Santo nos avivamentos anteriores curvaram-se diante de Cristo dessa vez e submeteram-se a Deus. Alguns que violavam abertamente o dia do Senhor e outros que eram publicamente profanos — de fato, todas as classes de pessoas, da mais alta até a mais baixa, da mais rica até a mais pobre — foram visitados pelo poder desse avivamento e levados a Cristo. Continuei durante todo o inverno, vendo o avivamento progredir cada vez mais, até que na primavera, quando o movimento ficou mais forte e a influência divina parecia mais penetrante, apareceu-me um carbúnculo no pescoço que me deixou inativo. Fui obrigado a parar de pregar e a sair da cidade.

Nessa época, a Igreja Congregacional, organizada recentemente, ficou sem pastor. Enquanto eu estava ali e durante o avivamento, o rev. Edwards atuou como pastor dessa igreja. O rev. Shaw era pastor da Segunda

Igreja Presbiteriana e o rev. Frank Field Ellinwood era pastor da Quarta Igreja Presbiteriana, da rua Washington.

Já mencionei que a Primeira Igreja Presbiteriana seguia a orientação da Escola Antiga. Seu pastor era o rev. Joshua Hall Mcllvaine. Ele recusou-se a participar na obra e a maioria dos membros de sua igreja, ao que parece, não simpatizava com o avivamento. Mas, um número considerável de pessoas de destaque dessa igreja e vários de seus presbíteros freqüentavam nossas reuniões e interessaram-se profundamente pelo trabalho.

O pastor da Terceira Igreja Presbiteriana, o rev. Hall, também seguia a Escola Antiga e não simpatizava com o avivamento. Os membros de sua igreja, na maior parte, seguiam seu exemplo e mantinham-se longe de nossas reuniões. Alguns deles, no entanto, freqüentavam-nas e foram tocados pelo Espírito Santo.

O dr. Shaw e o rev. Ellinwood entraram de coração e alma no movimento e suas igrejas, além da Igreja Congregacional, foram abençoadas e o número de membros aumentou grandemente.

O rev. Anderson, diretor da Universidade Batista, também participou da obra e, segundo entendi, a maioria dos estudantes da universidade converteu-se na ocasião. Os pastores das duas igrejas batistas participaram do esforço reavivalista e preguei várias vezes em ambas as igrejas.

Tendo morado em Rochester durante muitos anos e participado dos dois avivamentos anteriores, nos quais eu atuara, a sra. Finney tornara-se bem conhecida na cidade. E, no terceiro avivamento, ela aplicou todas as suas energias no trabalho, atuando, como de costume, com grande zelo e sucesso. Como nas vezes anteriores, percebi que o povo de Rochester era semelhante aos bereanos, "pois receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo" (At 17.11). Muitas das senhoras de Rochester fizeram uso de sua influência para trazerem pessoas de todas as classes aos cultos e a Cristo. Visitavam as lojas e os escritórios comerciais e empregavam todo o seu prestígio para levar os balconistas e demais empregados daqueles estabelecimentos às nossas reuniões. Muitos dos homens que trabalhavam na estrada de ferro também foram levados à conversão. Muitas das tarefas que eram realizadas aos domingos nas ferrovias chegaram a ser suspensas por causa do grande movimento religioso entre os ferroviários.

A bendita obra da graça estendeu-se e aumentou até parecer que a cidade inteira se converteria. Assim, como nos avivamentos anteriores, a obra propagou-se desse epicentro para as cidades e aldeias vizinhas. Foi notável a influência que os avivamentos em Rochester exerceram sobre outros municípios, cidades e aldeias, próximos e distantes.

Os meios empregados para promover esse avivamento foram os mesmos utilizados nos avivamentos anteriores. As mesmas doutrinas foram pregadas. Os mesmos métodos foram empregados e, em todos os aspectos, alcançaram resultados semelhantes aos obtidos nos outros avivamentos. Destacava-se ali, a exemplo dos demais lugares, a atenção zelosa e sincera à Palavra pregada — uma busca inteligente da verdade, tal como é realmente ensinada na Bíblia.

Nunca preguei com tanto prazer quanto em Rochester. As pessoas ali têm alto grau de inteligência e sempre manifestaram sinceridade, seriedade e apreciação pela verdade, muito mais do que presenciei em qualquer outro lugar. Já trabalhei em cidades onde o nível intelectual do povo era tão bom ou até melhor que o do povo de Rochester. Naquelas cidades, porém, as opiniões e os hábitos do povo eram sempre os mesmos. Eram pessoas mais intransigentes, que temiam a aplicação de novos métodos. Na Nova Inglaterra, encontrei um nível alto de educação, mas também deparei com uma timidez, uma inflexibilidade, uma formalidade e um modo tão estereotipado de realizar as coisas que a operação do Espírito Santo não teve a mesma liberdade e poder que em Rochester. Nos três grandes avivamentos em Rochesrer, sempre achei marcante a forma em que se desenrolavam, diferente de tudo que presenciei na Nova Inglaterra.

Quando trabalhei no avivamento em Hartford, fui visitado por um ministro da região central do estado de Nova York, que presenciara os avivamentos gloriosos naquela região. Ele compareceu a algumas de nossas reuniões, para conhecer o trabalho e observar o progresso da obra. Nada comentei com ele a respeito da formalidade das reuniões de oração nem da relutância dos crentes no emprego de novos métodos, mas ele me disse: "Irmão Finney, suas mãos estão amarradas. O irmão está cerceado pelos temores e pela inflexibilidade deste povo. Até mesmo o Espírito Santo eles colocaram numa camisa de força!" Essa foi uma declaração forte e para alguns talvez pareça irreverente e profana, mas, não era essa a intenção do ministro.

Ele era um homem piedoso, sincero e humilde diante de Jesus Cristo e expressou exatamente o que viu e sentiu — e que eu também vira e sentira: a obra do Espírito Santo estava sendo refreada pelo preconceito, pelos temores e pela sabedoria carnal da congregação. Em Rochester, quase não presenciei essas coisas.

Preciso dizer que, em minha opinião, o povo da Nova Inglaterra não tem a mínima consciência das limitações que impõe à obra do Espírito Santo, no que diz respeito à salvação das almas. Não conseguem atribuir o devido valor ao poder e à pureza dos avivamentos que ocorrem nos locais onde não existem temores, preconceitos, restrições e sabedoria carnal. A oposição levantada contra os avivamentos nas regiões ocidental e central do estado de Nova York pelo dr. L. Beecher e pelo sr. Nettleton contribuiu muito para desenvolver na Nova Inglaterra uma disposição mental desfavorável aos avivamentos mais puros e poderosos.

Em Rochester, não existe semelhante escravidão. Por isso, os avivamentos ali desenvolvem-se com grande poder, graças à liberdade com a qual o Espírito Santo leva adiante sua obra de amor. O mesmo aplica-se em muitos lugares onde já trabalhei. E nem em Rochester nem em qualquer outro lugar onde houvesse tal liberdade cheguei a ver qualquer tendência ao exagero ou ao fanatismo. Numa comunidade inteligente e educada, os métodos podem ser empregados com liberdade, sem qualquer perigo de desordem.

Na realidade, circulam muitas idéias errôneas quanto ao que se constitui desordem. A maioria das igrejas chama desordem qualquer coisa com a qual não estão acostumadas. Seus métodos estereotipados são considerados ordem inviolável de Deus e qualquer coisa que diferir deles constitui-se desordem e entra em choque com suas idéias preconcebidas. Mas, nada é desordem quando o objetivo é simplesmente atender às necessidades do povo em determinado momento. Na religião, assim como nas demais áreas da vida, o bom senso e o juízo sadio poderão, de tempos em tempos, adaptar criteriosamente os meios aos fins. Os métodos necessários serão sugeridos de modo natural aos que testemunharem o estado das coisas. E, se forem empregados com oração e com cautela, permitirão que o Espírito Santo aja com grande liberdade em todos os corações.

O leitor deve ter notado que fiz apenas ligeira alusão à resistência aberta aos avivamentos, depois do fracasso da oposição levantada pelo dr. Beecher e pelo sr. Nettleton. Os avivamentos eram tão puros e poderosos, tanto naquela época quanto nos períodos subseqüentes, que até os oponentes passaram a sentir reverente temor e a confiança nos avivamentos era quase universal, pois os frutos benditos do Espírito Santo permeavam todas as classes de pessoas.

Já relatei a reação desses oponentes em Auburn e como eles, mais tarde, confessaram seu erro e seu pecado, insistindo em que eu voltasse a trabalhar entre eles. Nos tempos da oposição movida pelo dr. Beecher e pelo sr. Nettleton, muita coisa negativa foi dita e predita a respeito do efeito do avivamento sobre as igrejas e seus membros. Dizia-se que as pessoas ficariam envergonhadas quando se lembrassem de como se haviam comportado e não desejariam mais que tais cenas se repetissem, pelo menos na sua geração. Os oponentes previam reações fortes. Acreditavam que a obra dos evangelistas seria varrida para longe e que os oponentes, dentro e fora das igrejas, triunfariam. Estavam certos, também, de que os ministros e as igrejas envolvidas no avivamento ficariam envergonhados e com medo de repetir a experiência.

Passados quarenta anos desde aqueles avivamentos e aquela oposição, o que se vê hoje? Houve reação esmagadora, sim, que agora fica manifesta a todos. No entanto, ela tomou o caminho inverso do previsto por aquelas pessoas, isto é, mostrou-se favorável ao avivamento e contrário à oposição. Todos ficaram convictos de que o trabalho dos obreiros que lideravam os avivamentos era totalmente racional, bíblico e abençoado por Deus e que a oposição comportara-se de maneira insensata, injusta e anticristã.

Apesar dos grandes esforços da oposição para justificarem suas atitudes, o veredicto das igrejas foi quase unânime a favor *dos avivamentos* e contra a *oposição.* Tanto é que há muitos anos não vejo oposição aberta aos avivamentos, senão em mínima intensidade. Descobri que nem mesmo os descrentes confiavam em nossos antagonistas. Reação! Sim, tem havido reação, de fato, só que contra os oponentes — de modo que hoje ministro algum ousaria dar qualquer apoio aos homens que lideraram a oposição.

E onde fica o cumprimento da previsão de que os ministros e as igrejas teriam vergonha dos avivamentos e não desejariam mais repetir a experiência? O que aconteceu foi justamente o oposto. Bem-aventurados os ministros e rebanhos que não têm motivo para se envergonharem, a exemplo dos líderes dos avivamentos que desempenharam seu papel naquela obra bendita da graça! Deus e a história manterão a dignidade

daqueles avivamentos e os resultados desde já os justificam plenamente e confundem os oponentes. Todo louvor e toda glória sejam dados a Deus, para todo o sempre e que o homem se prostre diante dele!

CAPÍTULO XXXIII

AVIVAMENTO EM BOSTON EM 1856, 1857 e 1858

No outono seguinte, aceitamos o convite para trabalhar outra vez em Boston. Iniciamos nossas atividades na rua Park e o Espírito de Deus manifestou imediatamente sua disposição para salvar almas. O primeiro sermão que preguei visava esquadrinhar a igreja — eu sempre começava uma obra tentando despertar o interesse geral, a fim de difundi-la entre os que já professavam a fé. Tentava, com isso, recuperar os desviados e esclarecer os que se enganavam a si mesmos, de modo a trazê-los de volta a Cristo, se possível. Depois que o povo foi embora, o pastor, ainda de pé do meu lado no púlpito, declarou: "Irmão Finney, quero que o irmão saiba que preciso dessa pregação tanto quanto qualquer membro desta igreja. Há muito tempo que estou insatisfeito com meu estado espiritual e mandei buscá-lo para meu próprio bem e pelo bem de minha alma, não somente por amor às almas de meu rebanho".

À medida que a obra prosseguia, o pastor experimentava uma convicção cada vez mais profunda. Certo dia, mandou-me um recado em meu aposento: queria que eu fosse ao seu gabinete para conversarmos. Ele confessou-me que achava ter-se enganado quanto à própria conversão. Quando estava na faculdade, experimentara uma mudança e fora levado a acreditar que era a conversão, mas, agora estava convencido de que se enganara totalmente: nunca se convertera, de fato; e agora queria receber de mim a mesma orientação que eu dava a qualquer outra pessoa em sua situação. Tivemos uma conversa prolongada e muito proveitosa. Achei notável a maneira como expressava sua convicção de pecado. Pareceu-me, então, que ele havia entregue seu coração a Deus.

Naquela noite, houve uma reunião de oração e de testemunhos numa das dependências da igreja e o pastor, segundo me informaram, relatou sua experiência aos presentes, declarando que se convertera naquele dia. Contaram-me, também, que no domingo seguinte durante seu sermão, repetiu o testemunho. Isso causou profunda impressão nos membros da igreja e em toda a cidade. Alguns pastores, porém, achavam que não fora muito prudente tornar pública aquela confissão. Mas, eu não pensava assim. Era com certeza a melhor coisa que ele poderia ter feitor a favor da salvação de seu rebanho. Sua confissão levou cada um daqueles crentes a um profundo exame do próprio coração.

A obra progrediu bastante naquele inverno em Boston e ocorreram muitos casos notáveis de conversão. Trabalhamos ali até a primavera, até que tivemos de voltar às nossas atividades em Oberlin. Ficou claro, porém, que a obra naquela cidade não havia chegado ao fim e partimos de lá com a promessa de que, se o Senhor permitisse, voltaríamos a trabalhar ali no ano seguinte. E, no outono, voltamos a Boston. Nesse ínterim, o irmão Kirk havia escrito alguns artigos, publicados no *Congregacionalist*, nos quais opunha-se ao nosso regresso à cidade. Ele considerava minha teologia heterodoxa, principalmente quanto à santificação.

No inverno anterior, enquanto atuei ali, ele estava em Paris. Quando ele voltou para Boston e descobriu que meu retorno era esperado para o outono seguinte, esforçou-se para impedi-lo por meio de seus artigos. Entretanto, seu propósito não foi alcançado. Mesmo assim, sentimos de imediato que havia algum desentendimento entre os crentes. Alguns dos membros de maior destaque da igreja do irmão Kirk, que no inverno anterior haviam-se envolvido de coração na obra, tornaram-se arredios e nem chegaram perto de nossas reuniões. Ficou claro que a influência dele era considerável na cidade e sua oposição à obra deixou muito tristes alguns bons membros de seu rebanho.

Essas coisas aconteceram no inverno de 1857 e 1858, período em que prevaleceu um grande avivamento por todos os estados do Norte. Esse movimento espiritual passou tão impetuosamente pela região que, segundo as estimativas, durante algum tempo, ocorriam nada menos que 50 mil conversões por semana. Esse avivamento tinha características notavelmente interessantes. Foi levado adiante, em grande medida, por meio de trabalho leigo, de tal maneira que os ministros ficaram quase eclipsados.

Vários anos antes desse avivamento, havia uma reunião diária de oração em Boston e no outono anterior à grande explosão espiritual outra reunião foi estabelecida na rua Fulton, em Nova York e ainda é mantida hoje.

As reuniões diárias de oração foram estabelecidas de ponta a ponta no Norte, nos estados considerados o bloco de liberdade dos escravos. Lembro-me de que, naquele inverno, em uma de nossas reuniões, em Boston, um senhor colocou-se de pé e declarou: "Venho de Omaha, capital do Nebraska. Ao longo de minha viagem para o Leste, descobri que havia reuniões de oração por todo o caminho. Calculamos a distância entre Omaha e Boston em cerca de 3.200 quilômetros. Isso quer dizer as orações na região se estendem por 3.200 quilômetros!"

Como já dei a entender, em Boston tivemos de lutar contra a dissensão, que influenciara negativamente o interesse pela fé, tornando-o grandemente reduzido, se comparado à condição em que deixamos a cidade na primavera anterior. No entanto, a obra continuou a crescer. Em meio a essas circunstâncias, ficou evidente que o Senhor pretendia fazer uma obra completa em Boston. Sugeriram uma reunião de oração para os comerciantes, ao meio-dia, na capela da Igreja Old South, que estava localizada numa região bem central, favorecendo a freqüência dos homens de negócios. O amigo cristão que nos hospedava conseguiu licença para usar o local e encarregou-se de divulgar a reunião. Contudo, era duvidoso que, na época, uma reunião desse teor lograsse êxito numa cidade como Boston. No entanto, o referido irmão convocou a reunião e, para surpresa de todos, o local não somente ficou superlotado, como também uma multidão de pessoas ficou do lado de fora por não haver espaço do lado de dentro. A reunião era realizada dia após dia, com resultados maravilhosos. Desde o início, o local mostrou-se pequeno demais para o número de fiéis. Por isso, outras reuniões foram estabelecidas, em outras partes da cidade.

A sra. Finney dirigia reuniões diárias de oração para as senhoras, numa grande sala da rua Park. Eram reuniões tão concorridas que as senhoras superlotavam o lugar e um grande grupo ficava de pé do lado de fora da sala, também, tentando escutar o que se passava lá dentro. Uma de nossas reuniões diárias era realizada na igreja da rua Park, que ficava sempre cheia. Isso ocorria em muitas outras reuniões de oração realizadas por toda a cidade. Parecia haver um quebrantamento em massa. O avivamento tornou-se abrangente demais para que fosse possível manter o registro de todas as conversões ou mesmo para que fizéssemos uma estimativa próxima da realidade. Todas as classes de pessoas, em todos os lugares, eram atraídas ao movimento. Muitos unitaristas também freqüentavam nossos cultos.

Esse avivamento desenrolou-se tão recentemente que não preciso entrar em detalhes. Ele estendeu-se por quase todas as partes dos estados do Norte. Uma influência divina parecia permear a região inteira. Nos estados do Sul, porém, era como se a escravatura tivesse excluído dali essa influência. Eles estavam tão presos pela vergonha e pelo compromisso com sua instituição de escravatura — atacada por todos os lados — que o Espírito de Deus, entristecido, seguramente afastou-se deles. Parecia que, naquele tempo, não havia lugar para ele no coração do povo do Sul.

Durante esse avivamento, estimou-se que nada menos de 500 mil almas se converteram nos estados do Norte. Estendia-se através de nossos povoados até as fronteiras com o Oeste e até o extremo Leste, no litoral do Atlântico. Como já disse, isso deveu-se em grande medida às reuniões de oração, à visitação e às conversas pessoais, além da distribuição de panfletos e dos esforços dinâmicos dos leigos, homens e mulheres. Que eu saiba, em nenhum lugar os pastores levantaram oposição ao avivamento. Acredito que, de maneira geral, simpatizavam com a obra. Havia tal confiança na excelência da oração que o povo dava a impressão de preferir as reuniões de oração às de pregação. A impressão geral parecia ser: "Já recebemos instrução até o ponto de nos sentirmos fortalecidos e, agora, chegou a hora de orar". As respostas às orações eram constantes e notáveis e atraíam a atenção do povo de toda a região. Ficou evidente que, como resposta à oração, as janelas do céu foram abertas e o Espírito de Deus foi derramado como uma inundação.

Lembro-me distintamente de que, ao orar por Boston, senti-me levado a tomar posse daquele tipo de promessa segundo a qual Deus promete abrir as janelas do céu e derramar seu Espírito como aguaceiro sobre o povo e como chuvas que regam a terra. Estava claro, para mim, que o avivamento seria segundo a fé do povo de Deus e que, se lançassem mão das mais amplas promessas divinas, receberiam bênçãos sem paralelo. Naquele tempo, o *New York Tribune* publicou várias edições extras cheias de relatos do progresso do avivamento em regiões diferentes dos Estados Unidos.

Na época em que se deu esse avivamento, ocorreu um fato relacionado com Theodore Parker, ilustre pastor que dirigia cultos no grande salão de Boston e cujos conceitos teológicos são tão bem compreendidos que, sobre eles, não é preciso entrar em pormenores. Naquele inverno, muitos crentes fiéis mostraram-se preocupados com a má influência que ele exercia em Boston e passaram a orar intensamente a favor dele. Eu mesmo fui visitá-lo duas vezes, na esperança de poder conversar com ele. Nas duas ocasiões, porém, ele recusou receber-me — por motivos de saúde, segundo o que me foi dito. Mas, o espírito de oração a favor

dele parecia aumentar e tomou o seguinte rumo: que o Senhor o convertesse, se isso fosse de sua vontade; e, se fosse outra a vontade divina, que de alguma forma sua má influência não tivesse grande alcance. A mente do povo de Deus estava tão voltada para a questão que vários homens combinaram uma reunião em determinado lugar para apresentarem o problema a Deus.

Narro os fatos conforme me foram contados por um dos homens presentes na reunião. Logo que ela foi iniciada, convocaram um irmão para dirigir as orações e ele foi inspirado a orar de maneira notável — expôs o assunto tão minuciosamente a Deus e com tal sentimento que todos, como um só coração e uma só alma, deixaram o problema inteiramente aos pés do Senhor. Aquele irmão parecia ter sido inspirado para dizer as coisas certas, da maneira correta e com os sentimentos adequados. Todos tinham a impressão de que sua oração seria atendida, tanto que, depois que ele acabou de orar, ninguém tinha mais uma palavra para dizer. Todos sentiam que haviam orado o suficiente e que a resposta estaria assegurada, não sendo necessárias mais orações. Assim, ninguém mais se sentiu impulsionado a apresentar diante de Deus qualquer outra petição a respeito do assunto.

De algum modo, o sr. Parker veio a tomar conhecimento dessa reunião e criticou-a com veemência, verbalmente e também por escrito, se não me engano. Pouco tempo depois, uma enfermidade tirou-o da vida ativa. Ele ficou impossibilitado de pregar, foi para a Europa, a fim de recuperar a sua saúde e ali morreu. Assim, a má influência de sua pregação acabou-se para sempre, excetuando-se a de seus conceitos teológicos, que poderia influenciar gerações futuras.

Já afirmei que, nesse avivamento, houve alguns casos notáveis de conversão. Certo dia, recebi uma carta anônima escrita por uma senhora, que me pedia conselhos sobre o estado de sua alma. Eu não costumava dar importância a cartas anônimas. No entanto, o estilo da caligrafia, o talento revelado na carta e a sinceridade inconfundível de quem a escrevera levaram-me a dar àquela carta a atenção que eu não costumava dispensar a esse tipo de correspondência. Na conclusão, aquela senhora pedia-me que eu respondesse e que endereçasse minha resposta à sra. M., deixando-a com o zelador da igreja onde eu pregaria naquela noite. Assim, ela receberia a carta.

Na época, eu dividia meu tempo entre as igrejas, pregando numa igreja diferente cada noite. Respondi à carta. Expliquei àquela irmã que eu não podia dar-lhe os conselhos que pedia, por não conhecer suficientemente bem sua história nem o verdadeiro estado de sua mente. Mas, declarei que tomaria a liberdade de chamar a atenção para um só fato, bem evidente, não somente em sua carta, como também no fato de ela não revelar seu nome: ela era uma mulher muito *orgulhosa* e precisava atentar para essa realidade. Atendendo ao seu pedido, deixei minha resposta com o zelador e, na manhã seguinte, uma senhora veio visitar-me. Logo que ficamos a sós na sala, ela revelou-me ser a autora da carta. Viera dizer-me que eu me enganara ao considerá-la orgulhosa. Declarou que estava bem longe disso, mas, como membro da Igreja Episcopal, não queria envergonhar a denominação dando a entender que não era convertida. Respondi: "Foi orgulho *denominacional*, então, que a impediu de revelar seu nome". Com isso, ela ficou tão ofendida que se levantou e, denotando muita raiva, saiu da sala. Imaginei que jamais a veria outra vez. Naquela noite, contudo, deparei com ela na reunião para os interessados.

Durante esse avivamento, desenvolvi o hábito de reunir os interessados em uma das dependências do templo, a qual geralmente ficava repleta, excedendo o número de assentos. Eu costumava circular entre eles e trocar umas poucas palavras com alguns, a fim de poder ensinar ao grupo as verdades que eu percebia necessárias. Na reunião a que me refiro, notei a presença daquela senhora ao passar no meio do povo. Obviamente, ela era mulher de escolaridade e educação primorosas e dava mostras de pertencer à alta classe da sociedade. Até aquele momento, eu não sabia seu nome, pois a conversa que mantivemos pela manhã não durara mais que um ou dois minutos, antes de ela, ofendida, sair da sala. Ao notar sua presença, exclamei em voz baixa:

— Então *a senhora* está aqui!

— Sim — ela respondeu. E curvou a cabeça, muito emocionada. Mantive uma conversa curta e amável com ela e foi só. Naquelas reuniões, eu sempre insistia na necessidade da submissão imediata a Cristo e colocava o povo face a face com esse dever. Então, eu convidava a ajoelharem-se todos quantos estavam dispostos a entregarem-se incondicionalmente a Cristo. Naquela noite, observei que, após o apelo, aquela senhora foi uma das primeiras a ajoelharem-se.

Bem cedo, na manhã seguinte, ela visitou-me outra vez. Logo que nos encontramos a sós, abriu a mente diante de mim e disse: "Percebo, sr. Finney, que tenho sido muito orgulhosa. Vim contar-lhe quem sou e

narrar minha história, a fim de que o irmão saiba como aconselhar-me". Conforme eu imaginara, ela era uma mulher da alta sociedade, casada com um homem rico e cético. Ela já professara a fé, mas, na realidade, não se havia convertido. Foi muito sincera comigo e abriu a mente de maneira muito cordial à instrução. Creio que, ali mesmo, ou pouco depois, expressou sua esperança em Cristo e tornou-se uma crente muito zelosa.

Ela escrevia com habilidade e, sem utilizar a taquigrafia, transcrevia meus sermões da maneira mais completa que qualquer outra pessoa já conseguira. Sentava-se durante o culto e registrava o que eu dizia com tanta rapidez e com uma exatidão que me deixaram atônito. Ela enviava cópias de suas anotações a um grande número de amigas e fazia a máximo pela conversão delas, em Boston e em outros lugares. A partir de então, mantivemos larga correspondência. Continuou a manifestar a mesma sinceridade e zelo na fé que demonstrara na época. Sempre se dedicou às boas obras e trabalha com zelo a favor dos pobres e de todos os que precisavam da sua instrução, simpatia e ajuda. Já passou por muitas lutas espirituais, pois está cercada de grandes tentações mundanas. Mas, confio que ela sempre será um adorno para a causa de Cristo.

Naquele avivamento, conversei com muitas pessoas das classes mais altas de Boston, especialmente os que freqüentavam os cultos episcopais. Suponho que nunca poderemos ter, neste mundo, a mínima idéia de quantos, na época, foram alcançados pela salvação. O interesse espiritual era tão generalizado naquela grande cidade quanto em qualquer outro avivamento que eu tenha presenciado e de que me recorde. Se eu utilizasse este espaço para relatar 10% — ou mesmo 5% — dos casos interessantes que testemunhei, uma descrição apropriada deles ocuparia um volume considerável. O avivamento estendeu-se desde Boston até Charlestown e Chelsea. Resumindo: propagou-se por todas as direções. Preguei em East Boston e em Charlestown e, durante um período considerável, em Chelsea, onde o avivamento tornou-se muito generalizado e produtivo.

Continuamos a empenhar esforços em Boston naquele inverno, até chegar a hora de voltar ao trabalho em Oberlin, na primavera. Quando saímos de Boston, a obra estava em pleno desenvolvimento, sem aparentar o mínimo arrefecimento. A igreja e o ministério nesse país ficaram tão amplamente envolvidos na promoção do avivamento e tão grande era a bênção divina que acompanhava os esforços dos leigos e ministros que resolvi passar outro período em Inglaterra, para ver se a mesma influência permearia aquele país. Irmãos de todas as denominações evangélicas estavam envolvidos de modo tão ativo na obra que foi possível para a sra. Finney e eu, já muito exaustos, sair de Boston e passar um período com o irmão dela, em Brooklyn, onde permanecemos por uma ou duas semanas. Passamos, então, a trabalhar em Oberlin com sucesso e, no outono seguinte, fomos a Inglaterra.

CAPÍTULO XXXIV

Atividades na Inglaterra, até 1860

Durante minha ausência da Inglaterra, um novo pastor fora empossado no Tabernáculo sobre a congregação do dr. Campbell e uma nova ordem fora estabelecida. Problemas surgiram e levaram a maioria dos convertidos no avivamento a procurar outras igrejas. Antes de falar sobre o trabalho realizado por mim nessa segunda visita àquele país, preciso destacar a oposição que sofri em minha primeira visita e que ainda não mencionei.

Já falei das cartas recebidas por John Angell James quando eu estava em Birmingham, provenientes de ambos os lados do Atlântico. Quando cheguei a Londres, as cartas eram dirigidas ao dr. Campbell, mas já que todas, ou quase todas, eram anônimas, ele não quis tomar conhecimento de seu conteúdo. Tão logo percebia que eram anônimas e diziam respeito à minha pessoa, ele as entregava a mim e não as lia a não ser que eu insistisse nisso. Eu percebia que a única coisa que aquelas cartas provocavam no dr. Campbell era indignação.

Pouco tempo antes de eu me despedir dele, no entanto, o dr. Campbell recebeu um exemplar do *The Presbyterian* [O presbiteriano], que na época era publicado em Filadélfia e editado, conforme fiquei sabendo posteriormente, pelo sr. Prime, mais tarde editor do *New York Observer*. O artigo tinha a intenção de

advertir as igrejas britânicas contra minha pessoa e minha influência. Entre outras críticas severas, o escritor dizia que, tanto quanto esperava ser salvo e se dispunha a responder pelas suas palavras no sagrado julgamento, precisava dizer que nenhum homem, vivo ou morto, fizera tanta coisa para lesar a causa dos avivamentos quanto eu e que as igrejas onde eu atuara haviam chorado lágrimas de sangue por causa da desolação resultante desses movimentos. Cito as palavras dele com tanta exatidão quanto delas me lembro.

Que eu saiba, isso só fez irritar o dr. Campbell. Contudo, escrevi uma carta ao editor do *New York Evangelist*, pedindo informações sobre o editor do *The Presbyterian.* Perguntei onde estavam as igrejas que haviam vertido lágrimas de sangue por causa dos avivamentos e que provas ele tinha de semelhante coisa. Apelei, então, a todas as igrejas e irmãos entre os quais trabalhara para que, caso soubessem da existência de algum resultado negativo provocado por algum avivamento, escrevessem e deixassem os fatos conhecidos no mundo inteiro. Afirmei não ter conhecimento de nenhum efeito negativo, em nenhum lugar onde atuara. Fiz um apelo tão forte quanto pude a todas as igrejas e ministros para me informarem se sabiam alguma coisa a respeito daquelas acusações. Não pedi que ninguém falasse a meu favor. Mas, se soubessem algo contra mim ou contra os resultados de minhas atividades, que o revelassem, pois eu mesmo nada sabia disso.

Enderecei a carta ao irmão Joshua Leavitt, editor do *New York Evangelist* e fiquei aguardando sem receber resposta. Ele não publicou a carta e eu não compreendia por quê. Isso aconteceu pouco antes de eu partir de Londres e voltar para casa. Por isso, a resposta não chegou tão rapidamente quanto eu esperava. Quando cheguei a Nova York, porém, descobri que a carta fora publicada e recebera várias respostas de irmãos entre os quais eu trabalhara. Tudo isso passou-se durante minha viagem de Londres a Nova York. Quando perguntei ao irmão Leavitt por que a carta não havia sido publicada antes, ele informou-me que a recebera imediatamente antes de partir em viagem e que, por engano, a colocara no bolso, em vez de deixá-la no escritório para ser publicada. Desse modo, ela só recebeu atenção depois de sua volta, quando ele a encontrou por acaso no bolso e mandou publicá-la imediatamente.

Embora eu já tivesse retornado ao país, somente duas ou três cartas haviam sido escritas por amigos meus deste lado do Atlântico e elas foram publicadas. Eles supunham que, depois de minha volta aos Estados Unidos, não havia mais motivo para escrever outras cartas. Embora tivessem intenção de fazê-lo, não o fizeram mais. Não sei dizer como o sr. Prime desenvolveu semelhante conceito a respeito dos avivamentos. Creio que, a exemplo do sr. Nettleton e do dr. Beecher, ele tenha recebido informações negativas sobre os trabalhos.

Em nossa segunda visita à Inglaterra, desembarcamos em Liverpool. De lá, fomos para Houghton, Huntingdonshire, para a casa de meu bom amigo Potto Brown. Quando chegamos, ele não estava em casa. Havia saído à nossa procura. Eu escrevera-lhe dois ou três dias antes de partirmos de Nova York, avisando que pretendíamos viajar no transatlântico Pérsia. Chegamos a Liverpool no sábado pela manhã e passamos o domingo com o irmão Daniel James, que antes vivia em Nova York. Era, para mim, um velho amigo, a toda prova. O irmão Brown havia saído de casa na esperança de chegar a Liverpool a tempo de receber-nos no cais. Mas, já havíamos desembarcado e ido para a casa do irmão James, de modo que o irmão Brown desencontrou-se de nós.

Ele estava de carruagem e percorreu os principais hotéis à nossa procura. Foi até o navio para tentar descobrir nosso paradeiro, mas, ninguém pôde informá-lo com precisão. Ele, então, concluiu que havíamos ido para Londres e partiu imediatamente para lá. Quando percebeu que não nos encontrávamos ali, voltou para casa, chegando a Houghton na mesma tarde que nós. O irmão Brown passara dois ou três dias procurando-nos, quase 24 horas por dia. Seu objetivo era convencer-nos a permanecer em Houghton algum tempo e a trabalhar ali antes de assumir compromisso em qualquer outro campo.

Imediatamente depois de chegar, passei a receber cartas de várias partes da Inglaterra, que expressavam grande júbilo por nosso regresso e convidavam-nos a trabalhar em muitos lugares. Entretanto, gastei várias semanas na obra em Houghton e Saint Ives, onde o avivamento foi poderoso. Saint Ives nunca experimentara um avivamento. Quanto a Houghton, já relatei o trabalho que realizamos durante nossa primeira visita à Inglaterra, quando participamos de uma obra da graça que inspirou a todos.

Na ocasião, achamos Saint Ives numa situação muito curiosa. Existia apenas uma igreja independente e seu pastor, embora trabalhasse ali havia muitos anos, não conseguira fazer muita coisa em seu ministério. Era um homem estranho. Gostava muito de vinho e opunha-se à temperança. Realizamos nossas reuniões de avivamento em Saint Ives num auditório que tinha assentos para acomodar muito mais pessoas que o templo

da Igreja Congregacional. Mesmo assim, às vezes pregava nessa igreja. Mas, por se tratar de um templo muito pequeno e desconfortável, era menos atraente que o salão de conferências.

Em Houghton, o avivamento produziu efeitos poderosos, a despeito da posição adotada pelo ministro Congregacional. Ele mostrou-se resistente à obra, mas, o interesse do povo era tanto que o ministro ausentou-se da cidade por várias semanas. Não sei para onde ele foi. Posteriormente, fiquei sabendo que os convertidos durante o avivamento, juntamente com meu amigo Brown e alguns dos membros mais antigos da igreja, levantaram uma capela magnífica naquela cidade. E a situação espiritual mudou radicalmente.

Já mencionei que um novo pastor ocupava o lugar do dr. Campbell no Tabernáculo, em Londres. Por algum motivo, esse ministro alimentava fortíssimo preconceito contra mim e não me convidou para pregar ao seu rebanho. Fiz menção, também, de que o irmão James Harcourt era pastor em Houghton por ocasião do primeiro avivamento, que não apenas o fizera sentir-se reavivado, como também lhe trouxera novas idéias para continuar a obra. O pastor Harcourt permaneceu em Houghton uns dois ou três anos depois de eu partir da cidade e foi chamado para trabalhar num campo bem mais amplo — acredito que em Luton. Ali, ele envolveu-se com firmeza no trabalho e experimentou um poderoso avivamento em seu ministério. Logo, tratou de construir uma congregação bem grande e tornou-se muito conhecido. Isso levou-o a sentir-se chamado para Londres, para a capela da Borough Road. Foi aí que o encontrei outra vez, em minha segunda visita à Inglaterra.

Ele estava aguardando ansiosamente nossa volta àquele país e logo que ficou sabendo de nossa chegada esforçou-se ao máximo para conseguir que trabalhássemos com ele em Londres. A igreja que presidia fora desfeita por causa de opiniões exageradas e fanáticas no que se referia à temperança. Tinham tido um pastor amoroso, cujo coração quase se partira diante das rixas que a questão fizera surgir entre os membros. Assim, ele abandonou a igreja, desanimado. Os diáconos foram forçados a entregar o cargo e a igreja vivia sob completa desorganização — ou, segundo a expressão norte-americana, sob total *desmoralização.* O irmão Harcourt chegou a Saint Ives e informou-me que, a não ser que fosse possível levar aquela igreja à conversão, ele tinha a certeza de que não conseguiria realizar muita coisa naquele campo.

Logo que deixamos a obra em Saint Ives, fomos a Londres ver o que podia ser feito com a igreja do irmão Harcourt. Descobrimos que, exatamente como o pastor havia descrito, o estado dos membros era tão deplorável que era difícil acreditar que aquela igreja um dia pudesse ter vida outra vez. No entanto, pusemos mão à obra. Minha mulher pôs-se a trabalhar entre as senhoras da congregação e eu dediquei-me à pregação e ao mesmo tempo procurava conhecer melhor os membros. Em pouco tempo, percebeu-se que o Espírito de Deus fora derramado e que os crentes em geral sentiram grande convicção de pecado. A obra aprofundou-se e disseminou-se a ponto de alcançar todos os lares vinculados àquela congregação. Todos os membros antigos da igreja tiveram o coração esquadrinhado. Faziam confissões uns aos outros e os desentendimentos entre eles foram desfeitos.

O irmão Harcourt contou-me, antes de minha partida, que tinha agora uma igreja inteiramente nova. Os membros haviam sido de tal maneira renovados que se podia dizer que eram outro povo. A bênção de Deus fora derramada entre eles, de modo que as antigas animosidades foram resolvidas e o irmão Harcourt foi assim consolado. Realmente, os trabalhos ali foram maravilhosos. Durante semanas, direcionei meus esforços aos próprios membros da igreja. O irmão Harcourt havia orado e trabalhado por eles até quase desanimar. Mas, a bênção chegou com tamanha plenitude que os anseios de seu coração foram todos satisfeitos. Seu rebanho converteu-se de novo, todos ligados entre si em mútuo amor e aprenderam a entregarem-se de corpo e alma à obra do Senhor.

Alguns anos depois de minha volta a Oberlin, o irmão Harcourt veio visitar-nos. Isso foi pouco tempo depois da morte de minha mulher. Ele havia trabalhado excessivamente e foi obrigado a tirar longas férias da igreja. Nessa viagem de descanso, visitou os Estados Unidos. Foi então que me contou que a obra continuara em sua igreja até aquele tempo. Seu rebanho achava que se não houvesse várias conversões todas as semanas alguma coisa estava errada. Ficavam assustados se a obra não avançava de modo perceptível e constante. Os membros o apoiavam com firmeza e ele sentia-se todos os domingos no meio de uma atmosfera de oração. Realmente, o relatório que deu dos resultados daquele avivamento, até a data de sua partida, era profundamente interessante. Considerando o que a igreja havia sido e o que veio a ser depois do avivamento, não é de estranhar que o coração do irmão Harcourt estivesse transbordando de gratidão a Deus por tamanha bênção.

A exemplo do que acontecera na igreja do dr. Campbell, grandes iniqüidades, encobertas havia longo tempo entre os crentes professos, foram reveladas. Os casos eram freqüentemente submetidos à minha atenção por pessoas que vinham pedir-me conselhos. Isso acontecia não apenas entre os que professavam a fé, mas também havia muitos não-crentes convictos de pecado. Eram revelados pecados terríveis, que freqüentemente ultrapassavam tudo que se pudesse suspeitar.

Eram numerosas as conversões na igreja do irmão Harcourt. Refiro-me, naturalmente, às pessoas que compareciam aos cultos, pois acredito que antes de minha chegada o número de pecadores reconhecidamente convertidos era muito pequeno. Mas, o templo encheu-se imediatamente e começou a ser ocupado até sua máxima capacidade e isso tão logo nossos cultos começaram. Não sei e nunca saberei neste mundo quantas conversões ocorreram ali, embora tenham-se multiplicado depois que a igreja aderiu à obra.

Pouco depois de eu iniciar minhas atividades em Londres, nessa ocasião, o dr. Tregelles, distinguido homem de literatura e teólogo professo, escreveu ao dr. Campbell, chamando sua atenção para algo que considerava um grave erro em meus conceitos teológicos. Ao tratar das condições da salvação, eu escrevera em minha *Teologia sistemática* que a expiação por Cristo era uma dessas condições. A declaração era que o *alicerce* ou a *origem* de nossa salvação era o *amor de Deus* — o amor infinito de Deus era o alicerce ou a origem do processo de salvação em sua totalidade, mas *as condições para sermos salvos* eram a expiação de Cristo, a fé, o arrependimento, a santificação etc. A essa declaração, o dr. Tregelles levantou fortes objeções.

É estranho que, em vez de consultar minha *Teologia sistemática* e ver exatamente o que escrevi, o dr. Campbell preferiu dar crédito às objeções do dr. Tregelles e concordou com ele, além de escrever vários artigos contrários ao que ele supunha serem minhas opiniões. Em minha obra, estava explicado o que eu queria dizer com o *alicerce* no qual repousava nossa salvação e que o *amor* era a *fonte* da qual procedia todo o processo redentor. O dr. Campbell não recorreu à minha *Teologia sistemática* para verificar se aquela declaração partira de mim mesmo, nem o dr. Tregelles teve esse cuidado. Os dois deturparam de modo estranho minha posição e levantaram em Inglaterra bastante oposição ao meu trabalho. Depois disso, porém, pelo que me pareceu, o dr. Campbell não teve mais a mínima dúvida quanto à minha ortodoxia.

O dr. Redford insistia em apregoar que minhas declarações eram corretas e que qualquer afirmativa diferente estava longe de ser exata. No entanto, ignorei as críticas do dr. Campbell. Elas prejudicavam mais a ele que a mim. Naquele tempo, eu não atuava em sua congregação e grande número dos que leram suas críticas às minhas opiniões teológicas imputaram-lhe, talvez incorretamente, outros motivos que não o zelo pela ortodoxia.

Posteriormente, ele escreveu-me uma carta — que ainda está em meu poder — na qual apoiava plenamente minha posição ortodoxa e minhas opiniões, mas dizia que, infelizmente, os conceitos que eu expunha em minha *Teologia sistemática* não podiam ser entendidos pelas pessoas comuns. A verdade é que muitos os entendiam melhor que o próprio dr. Campbell. Ele havia sido educado na Escócia e era, segundo a escola mais rígida, um teólogo escocês. Conseqüentemente, minhas declarações doutrinárias segundo a Escola Nova deixaram-no perplexo e demorou algum tempo até que ele conseguisse absorvê-las. Quando comecei a pregar em seu púlpito, ele observou: "Irmão Finney, o irmão *censura* demasiadamente os ouvintes. Não adianta. Limite-se a fazer suas declarações. Não adianta arrazoar com eles, porque não vão entender". Respondi-lhe que eles me *entenderiam* e que ele acabaria constatando isso. A verdade é que sua teologia era, em grande medida, dogmática. E era assim em toda a Inglaterra, quando lá cheguei pela primeira vez.

Como todos sabem, eles haviam rompido havia muitos anos com a Igreja Romana. Então, vieram os 39 artigos na igreja estabelecida e a *Confissão de fé* presbiteriana, considerados *autoridade* em matéria de fé. Não tinham o hábito de *ponderar* sobre as posições adotadas nesses "símbolos", conforme eram chamados, mas difundiam-nas como dogmas. Quando comecei a pregar, ficaram surpreendidos porque eu *censurava* os ouvintes em meus sermões. O dr. Campbell não aprovava isso e insistia em que tal esforço era inútil. Mas, os ouvintes pensavam de modo diferente. Não era incomum eu receber recados com a declaração de que minha censura os havia convencido de coisas das quais sempre haviam duvidado ou que minha pregação era *lógica*, em vez de *dogmática* e, por isso, atendia às necessidades do povo. Eu mesmo, antes de converter-me, sentia profundamente a falta de instrução e pregação lógica da parte do púlpito.

O único ministro de verdadeira erudição e capacidade, cujos sermões eu acompanhava, era o irmão Gale. Ele era teólogo de Princeton, porém deixou de satisfazer minhas necessidades intelectuais. Antes de me converter, eu costumava dizer-lhe que ele parecia iniciar o sermão pelo meio, tomando por certo que

sabíamos e entendíamos o que não sabíamos nem entendíamos. Assim, sem nunca ter lançado qualquer alicerce em nossa mente, sua mensagem não produzia convicção. Essa experiência sempre exerceu forte influência em minha pregação, pois eu sabia como se sentiam as pessoas que raciocinavam diante de um ministro que tomava por certas coisas que precisavam de comprovação. Por isso, eu sempre me esforçava para atender às necessidades daqueles que demonstravam estar na mesma situação que eu antes de converter-me. Ciente de minhas dificuldades, esforçava-me para atender às necessidades de meus ouvintes.

Contei isso ao dr. Campbell, mas, de início, ele não ficou muito certo de que os ouvintes me compreenderiam ou que apreciariam meu raciocínio. Depois que começou a receber os convertidos e a indagar deles o que haviam aprendido, porém, ele me confessou repetidas vezes sua surpresa ao constatar que eles, de fato, entendiam e aceitavam meus argumentos. "Ora", dizia ele, "são teólogos!" Era muito honesto quanto a isso e confessou-me que suas opiniões a respeito de meus conceitos teológicos estavam equivocadas.

Depois de encerrar minhas atividades na capela da Borough Road, partimos de Londres e voltamos para a casa do irmão Brown, em Houghton. Ali, desfrutamos um período de descanso e meu estado de saúde era tão grave que pensei em voltar para casa. No entanto, após duas ou três semanas de repouso, o dr. Foster, excelente cristão que morava em Huntingdon, insistiu em que fôssemos completar aquele período de descanso em sua casa, pois talvez, como médico, pudesse fazer alguma coisa por mim. Respondi-lhe que eu não tomava remédios, mas, ele achava que podia ajudar-me através de simples trabalho de enfermagem. Assim, aceitamos seu convite e fomos para sua casa.

Ele tinha uma família de oito filhos e nenhum deles era convertido. O filho mais velho também era médico, jovem notavelmente *inteligente,* no sentido inglês do termo. Era jovem de talentos notáveis, mas de acentuado ceticismo. Abraçara a filosofia de Comte e acomodara-se às opiniões mais extremadas do ateísmo ou, melhor dizendo, do nulismo. Parecia não acreditar em coisa alguma. Abraçara aquela forma de filosofia que põe abaixo todas as coisas e chega à conclusão de que nem a própria existência é real: tudo que parece existir é mera ilusão e essa *ilusão* é nada. O jovem era muito afetuoso, mas, seu ceticismo magoava profundamente o pai que passou a sentir um anseio inexprimível pela sua conversão. Antes de eu hospedar-me naquela casa, o dr. Foster fizera-me um relato das convicções religiosas do filho. Então, fiquei aguardando uma oportunidade para alcançar aquele jovem e, se possível, acabar com seu ceticismo.

Depois de passar duas ou três semanas na casa do médico, minha saúde melhorou o suficiente para que eu voltasse a pregar. Nunca houvera um avivamento em Huntingdon e o povo não fazia a mínima idéia do que viria a ser esse movimento. Para nossas reuniões, passamos a ocupar o chamado "salão da Temperança", o único de tamanho grande na cidade. Estava sempre lotado e o Espírito do Senhor não demorou a ser derramado sobre os presentes. Logo encontrei oportunidade para conversar com o jovem dr. Foster. Consegui persuadi-lo a dar umas longas caminhadas comigo e sondei profundamente suas opiniões. Pela graça de Deus, consegui esgotar seus argumentos. Ele percebeu que gastara toda a sua filosofia e que todos os alicerces nos quais ela estava fundamentada desfizeram-se. Eu disse-lhe: "Meu caro jovem, agora você percebe quão pouco valor tem o ceticismo e como você ficou parecendo um tolo diante da verdade do evangelho". Ele reconheceu o fato e passou a preocupar-se com o estado de sua alma.

Exatamente no momento em que a ansiedade dele se intensificava, preguei, certo sábado à noite, a respeito do texto: "O granizo varrerá o seu falso refúgio e as águas inundarão o seu abrigo. Seu pacto com a morte será anulado; seu acordo com a sepultura não subsistirá" (Is 28.17,18). Na parte final do sermão, demorei-me no comentário sobre o granizo que varre o falso refugio e as águas que inundam os abrigos, pintando um retrato tão vívido quanto me foi possível das tempestades de granizo que presenciei em terras norte-americanas e que nunca acontecem em Inglaterra — pelo fato de o país ficar tão ao norte, suponho. Já gastara meus esforços em desmascarar os refúgios da mentira e passei a descrever os efeitos da tempestade de granizo e da torrente provocada pela chuva, a qual varre tudo quanto o granizo não consegue destruir. Isso causou profunda impressão no povo.

À noite, o jovem dr. Foster não conseguiu dormir por ser grande sua agonia. O pai, percebendo que ele ainda não fora para a cama, subiu até seu quarto e encontrou-o na maior consternação e agonia de alma. Eu deveria ter mencionado que o motivo do grande medo e agonia do jovem foi a medonha tempestade acompanhada de trovões que se abateu como raras vezes acontece na Inglaterra, por volta das dez da noite. Era tamanho o senso de culpa do rapaz que ele teve a impressão de que uma tempestade de granizo estava para varrê-lo até o inferno. Depois disso, acalmou-se e deu mostras de que passara da morte para a vida.

Foram atendidas as orações do dr. Foster e sua mulher a favor dos filhos. O avivamento passou pela família inteira e levou todos eles à conversão, um por um. Era uma casa cheia de júbilo e uma das famílias mais amorosas com as quais já tive o privilégio de conviver. Permanecemos em casa da família Foster durante o restante de nossas atividades em Huntingdon.

O avivamento atingiu toda a igreja, bem como os crentes professos da cidade e propagou-se entre os não-crentes. Desconheço, porém, quantas foram as conversões. De qualquer maneira, o avivamento transformou grandemente a cidade no aspecto religioso. Na época, não existia nenhuma igreja Congregacional em Huntingdon. Havia duas ou três igrejas oficiais, uma metodista e uma batista. Tomei conhecimento de que os convertidos durante o avivamento, juntamente com o irmão Brown, seu filho e os demais crentes abençoados na mesma ocasião uniram esforços e construíram uma capela espaçosa em Huntingdon, assim como em Saint Ives.

Já contei que, em minha primeira visita à Inglaterra, o irmão Brown construíra uma capela em Houghton e havia dois ou três lugares nas aldeias circunvizinhas onde seu ministro pregava de tempos em tempos. Promovera essa obra de evangelização com tanta energia que, quando cheguei ali pela segunda vez, descobri sete igrejas organizadas em sete aldeias na região e ele estava dando posse a pregadores, mestres e evangelistas, num total de vinte obreiros. Ele continua promovendo a obra com energia e, conforme já relatei, conseguiu, com a ajuda de voluntários, construir duas capelas excelentes, em Saint Ives e em Huntingdon. Não sei quantas outras aldeias foram alcançadas após minha partida.

*[Em Inglaterra, o termo "capela" em geral significa um templo que não pertence à Igreja Anglicana].

Para a construção da capela em Saint Ives, o irmão Brown contribuiu com 3 mil libras esterlinas e investiu a mesma quantia em Huntingdon. Penso que seu filho ofertou cerca de metade desse valor. Seus recursos financeiros, usados para a prática do bem, têm sido empregados prodigamente a favor das almas perdidas. Quando cheguei à Inglaterra pela primeira vez, ele estava operando um moinho de trigo alugado com dez pares de pedras. Na segunda vez, além desse moinho, já operava outro, que construíra em Saint Ives, ao custo de 20 mil libras esterlinas, com dezesseis pares de pedras. Além desses, ele construiu posteriormente, em Huntingdon, outro moinho com a mesma capacidade. Dessa maneira, Deus tem derramado dinheiro nos cofres do irmão Brown tão rapidamente quanto este o derrama na tesouraria do Senhor.

De Huntingdon, voltamos a Londres e trabalhamos várias semanas na parte nordeste da cidade em várias capelas ocupadas por determinada ramificação da Igreja Metodista. Um dos templos ficava em Spitalsfield. Penso que foi construído pelos Huguenotes. Era um local espaçoso para o culto e aconteceu ali uma obra gloriosa da graça.

Alguns casos notáveis da providência divina ocorreram naquela congregação durante o avivamento. Certo domingo à noite, convidei os membros da igreja a "vir à frente e ficar ao redor do altar", como se expressam os metodistas e entregar o coração a Deus. Uma senhora recusou-se a vir à frente, mas, os que estavam ao seu redor, perceberam sua grande agonia de espírito. Insistiram em que fosse à frente, mas, ela recusou. Eu fizera um apelo contundente, a fim de que ninguém hesitasse, como costumavam fazer, advertindo que talvez fosse a última oportunidade para alguém. Por algum motivo, porém, a referida senhora não se moveu do lugar. Na manhã seguinte, ela foi chamada para visitar uma amiga doente que residia a certa distância de Londres. Embarcou no trem na mesma manhã, a fim de fazer a visita. Durante toda a noite, sentira-se atormentada e sua agonia era grande demais para conciliar o sono. No entanto, por alguma razão, não se humilhou. Ela morreu a bordo do trem, antes de chegar ao seu destino. As amigas dela relataram-me o incidente como um fato chocante.

No domingo seguinte, no culto da noite, ao fazer o apelo, relatei o fato à congregação superlotada e de novo os adverti de que aquela poderia ser sua última oportunidade. Dessa vez, havia na congregação um homem que experimentava grande aflição de espírito e seus amigos, percebendo seu estado, tanto o instigaram que ele acabou indo à frente, embora com relutância. Contudo, recusou entregar seu coração a Deus. Se estou bem lembrado, os irmãos permaneceram ali após o término do culto e oraram por ele, tentando de toda maneira levá-lo a Cristo, mas tudo em vão. Ele resistiu a todos os rogos. No dia seguinte, morreu durante um ataque de apoplexia. Esses dois casos notáveis impressionaram grandemente o povo que freqüentava os cultos ali.

Celebrei cultos em várias outras capelas na região de Londres e foi uma obra abençoada, que continuou e estendeu-se até o fim do verão.

CAPÍTULO XXXV

Avivamentos em Edimburgo e em Aberdeen (Escócia) e em Bolton (Inglaterra)

Enquanto estava em Londres, fui convidado com urgência a visitar Edimburgo, na Escócia. E, em meados de Agosto, partimos de Londres e embarcamos num vapor para subir pelo litoral, passando pelo mar do Norte até Edimburgo. Quem insistira em que eu fosse para lá fora o rev. Kirk, que residia em Edimburgo e pertencia àquela parte da igreja na Escócia que se chamava Igreja da União Evangélica (UE). O teólogo principal dessa igreja era o sr. James Morison, que presidia uma escola teológica em Glasgow. Achei o irmão Kirk um homem sincero, que amava muito a obra. A UE desenvolvera-se a partir de um esforço a favor de avivamento, na época da primeira edição de minhas preleções naquele país. Um número considerável de pastores escoceses e uma quantidade muito maior de leigos haviam sido despertados, porém, desperdiçaram muitíssimo as suas forças combatendo as idéias hiper-calvinistas sustentadas pelos presbiterianos escoceses.

Permanecemos três meses em Edimburgo e pregamos principalmente na igreja do irmão Kirk, um dos maiores locais de culto na cidade. Tivemos um avivamento muito inspirador ali e muitas almas converteram-se. Os membros da igreja foram grandemente abençoados e o irmão Kirk ocupava-se dia e noite na assistência aos interessados. Mas, logo descobri que ele se encontrava cercado por uma muralha de preconceitos. As igrejas presbiterianas opunham-se fortemente à ramificação UE e eu vi-me cercado em minha atuação entre as demais denominações.

Não demorei a convencer-me de que, em tais circunstâncias, eram poucas as chances de um avivamento que abrangesse a cidade inteira. Nunca tive dúvidas de que milhares de pessoas teriam sido levadas à conversão, não fosse o preconceito contra o irmão Kirk e suas opiniões. Ele, até hoje, é professor na escola teológica em Glasgow. Na ocasião em que cheguei à cidade, a congregação do irmão Kirk não era muito grande, mas, não demorou a aumentar até o ponto de lotar suas instalações, que eram bem espaçosas. A Palavra de Deus predominou poderosamente ali. Nunca fiz pesquisa para confirmar o número de convertidos. Mas, já falei e repito aqui, que numa cidade grande talvez nem sequer exista a possibilidade de se verificar o número exato de convertidos. O irmão Kirk, naquele tempo, além de ser pastor e professor de teologia, era também editor do *The Christian News,* que era publicado em Glasgow. Nesse jornal, de tempos em tempos, ele apresentava as opiniões teológicas que me ouvira expor em meus sermões e que eram idênticas às do seminário teológico mantido por sua igreja. Em certas questões, porém, minha teologia diferia consideravelmente da deles.

Eu não podia aceitar o conceito que faziam de fé, como sendo um mero estado intelectual. Mediante explicações que me eram ininteligíveis, tentavam explicar a doutrina da eleição e descobri que não podia concordar com eles em várias questões. Mesmo assim, o irmão Kirk declarava aceitar minhas opiniões por inteiro, conforme me ouvia pregar e que eram as opiniões teológicas da UE. Com sua insistência em afirmar que minhas opiniões eram idênticas às deles, o irmão Kirk, mesmo sem intenção, fechou contra mim o acesso aos demais púlpitos e, sem dúvida, manteve longe de nossas reuniões de avivamento multidões de pessoas que, de outra forma, teriam vindo ouvir-me.

Eu não tinha a mínima dúvida de que se ele não tivesse dito em seu jornal que minhas opiniões concordavam com as opiniões deles, outros púlpitos me teriam sido franqueados e resultados bem diferentes teriam sido alcançados. O preconceito contra as opiniões doutrinárias daquela denominação era tão generalizado e marcante que a idéia de que eu concordava com elas bastava para que todas as entradas aos corações, em todas as igrejas presbiterianas, fossem bloqueadas às minhas pregações.

O trabalho da sra. Finney nesse local foi grandemente abençoado. A sra. Kirk, mulher do pastor, era uma cristã muito sincera e entregou-se com todas as suas forças à obra, juntamente com minha mulher. Estabeleceram uma reunião de oração para as senhoras na praça Bristo, reunião que continua até hoje e é

assunto de reportagens anuais no periódico *Christian News.* A sra. Kirk publicou um pequeno livro, onde faz uma narrativa do estabelecimento e do progresso daquela reunião. Eram maravilhosas as respostas às orações dadas por Deus àquele grupo de senhoras. De vários lugares na Escócia, eram enviados às irmãs muitos e diferentes pedidos de oração. A história daquela reunião prestou-se a uma forma incomum de encorajamento.

A partir daí, brotaram reuniões semelhantes em várias regiões da Escócia e as irmãs passaram a incentivar as mulheres do país a trabalhar a favor de um avivamento. Desde então, estruturaram muito bem o grupo, cujos esforços exerceram influência direta e substancial na conversão de almas. Relatos do progresso daquela reunião e de seus resultados têm-me sido enviados ano após ano desde quando voltamos daquele país. O estabelecimento daquela reunião parece ter introduzido um novo período na história religiosa da Escócia, principalmente no que se refere aos esforços empreendidos pelas senhoras.

Depois de permanecer três meses em Edimburgo e de presenciar ali uma obra bendita da graça, aceitamos um convite para ir a Aberdeen. Em Novembro já estávamos naquela cidade, que fica no Norte da Escócia. Fomos convidados pelo sr. Ferguson, também da UE, amigo íntimo do irmão Kirk. Ferguson havia ficado muitíssimo irritado — e assim continuava quando chegamos ali — com a oposição que recebera das igrejas Presbiteriana e Congregacional. O preconceito que cercava sua congregação era ainda maior que na igreja do irmão Kirk. Ferguson era um crente sincero e zeloso, mas, ficara fortemente desgastado pela oposição que o cercava como um muro. De início, não consegui que alguém me escutasse, senão os membros da igreja dele e, como ele, fiquei bastante desanimado.

Nesse período de desânimo, o irmão Davison, ministro Congregacional de Bolton, em Lancashire, Inglaterra, escreveu uma carta em que pedia, com insistência, que eu fosse ajudá-lo no trabalho que ali realizava. A situação em Aberdeen era tão desalentadora que acenei com a possibilidade de ir para lá imediatamente. Nesse ínterim, porém, o interesse aumentou consideravelmente em Aberdeen e outros ministros e igrejas começaram a sentir o efeito do que acontecia ali. O ministro Congregacional convidou-me para pregar certo domingo em sua igreja e atendi ao seu convite. O sr. Brown, que pertencia a uma das igrejas presbiterianas, convidou-me, também, para pregar ali. No entanto, eu estava sobrecarregado de compromissos e não pude aceitar o convite, embora pretendesse pregar naquele púlpito em outra ocasião. Eu já deveria ter dito que, antes disso, iniciara a obra na congregação do sr. Ferguson, a qual mostrava-se muito promissora. Muitos converteram-se e uma grande mudança ocorrera na congregação e na própria cidade. Eu assumira, porém, o sério compromisso de ir a Bolton e tinha isso como obrigação. Partimos, então, de Aberdeen imediatamente antes dos feriados de fim de ano.

Enquanto eu estava com o irmão Ferguson em Aberdeen, fui convidado insistentemente pelo filho dele, que era pastor de uma das igrejas da UE, para trabalhar com ele por um período de tempo. A proposta fora-me feita antes de eu partir de Edimburgo. Não me agradava, entretanto, continuar a trabalhar com aquela denominação. Não estou dizendo que não fossem homens bons e obreiros sinceros de Deus, mas, as controvérsias em que se envolviam prejudicavam o relacionamento com as igrejas ao redor, de maneira que fui privado de todo apoio e cooperação, exceto pelos que compartilhavam suas opiniões.

Nos Estados Unidos, eu estava acostumado a atuar livremente entre presbiterianos e congregacionais e desejava ardentemente ser ouvido, também, nessas denominações na Escócia. Mas, ao trabalhar com as igrejas da UE, achei-me numa posição instável. Os comentários no periódico *Christian News* e o fato de eu atuar naquela denominação, levaram o povo a pensar que eu concordava com os *peculiares* pontos de vista daqueles irmãos, quando na realidade minhas opiniões eram diferentes. Não considerei meu dever sustentar aquela situação. Recusei-me, portanto, ir a Glasgow. Embora eu considerasse uma excelente pessoa o irmão que me convidou e os membros de sua igreja fossem crentes piedosos e de oração, havia outras pessoas piedosas e de oração em outras igrejas, muito mais que na UE. Não me sentia à vontade numa posição de conflito com minhas idéias. Embora tivesse o máximo afeto por aqueles irmãos, senti que, se eu limitasse meu trabalho à UE, reduziria grandemente as chances de atender às necessidades das demais igrejas. Por isso, partimos de Aberdeen e viajamos de trem para Bolton, chegando ali na véspera do Natal de 1859.

Bolton é uma cidade de cerca de 30 mil habitantes, situada a poucos quilômetros de Manchester. Fica dentro do círculo daquela imensa população que se espalha em todas as direções a partir de Manchester, que é o centro desse círculo. Estima-se que pelo menos 3 milhões de pessoas vivam num raio de 96 quilômetros ao redor de Manchester. Nesse local, a obra do Senhor começou imediatamente.

Fomos acolhidos como hóspedes pelo irmão James Barlow. Ele era metodista, homem piedoso e livre de sentimentos sectários. Na tarde do dia seguinte ao de nossa chegada, convidou alguns amigos para uma reunião de oração e uma conversa sobre temas espirituais. Entre eles, estava um casal amigo seu. Segundo ele me informou, a mulher demonstrara, durante algum tempo, certo interesse pela fé cristã. Depois de conversar um pouco, resolvemos ter um período de oração. Minha mulher ajoelhou-se perto daquela senhora e, durante a oração, percebeu que esta estava profundamente comovida. Quando nos levantamos, a sra. Finney segurou-lhe a mão e fez sinal para que eu fosse falar com ela (eu estava no outro lado da sala). Fui informado de que a referida senhora fora criada como *Quaker,* mas, casara-se com um metodista. Durante longo tempo, não se preocupara com seu estado espiritual, mas, nunca havia sido confrontada com a questão da submissão presente e imediata.

Atendi ao chamado da sra. Finney e atravessei a sala para falar com aquela senhora. Imediatamente, percebi ser profunda a aflição espiritual em que se encontrava. Por isso, perguntei se poderíamos falar a sós. Ela concordou prontamente, então atravessamos o saguão e fomos para outro aposento. Ali, chamei sua atenção para a necessidade de ela humilhar-se diante de Cristo e entregar-se ao Salvador. Perguntei-lhe se gostaria de renunciar, *naquele momento,* a toda a iniqüidade, ao próprio ego e a tudo o mais e entregar seu coração a Cristo. Ela respondeu: "Forçosamente, terei de fazer isso um dia. Então que seja agora mesmo". Ajoelhamo-nos e, dentro dos limites da percepção humana, percebi que ela se submetera sinceramente a Deus. Voltamos para a sala e foi emocionante a cena que se deu entre ela e o marido. Ele era crente sincero, mas, de alguma forma não conseguira dar à mulher a instrução de que ela necessitava para entregar-se a Cristo. Logo que ele a viu entrar na sala, notou tamanha transformação em seu semblante que ambos espontaneamente se abraçaram e se alegraram diante do Senhor.

Mal nos sentamos e o filho do sr. Barlow entrou na sala, declarando que uma das empregadas sentia-se profundamente comovida. E logo ela também deu evidências de sua submissão a Cristo. Em seguida, fiquei sabendo que outra empregada estava chorando na cozinha. Fui imediatamente até onde ela estava e, depois de uma breve conversa e alguma instrução, ela também entregou seu coração a Deus. Assim, a obra começou. A própria sra. Barlow, havia alguns anos, lutava contra as dúvidas e o desânimo, porém, agora parecia ter outro ânimo. As notícias das coisas que o Senhor estava realizando espalharam-se rapidamente e as pessoas chegavam diariamente, quase a toda hora, para conversar. A primeira semana de Janeiro foi escolhida como a "semana da oração"; assim tem sido a partir de então, ano após ano e as várias denominações concordaram em orar unidas durante aquela semana.

Nossa primeira reunião de oração foi na capela pastoreada pelo irmão Davison, o homem que solicitara minha presença em Bolton. Era um crente independente, que nos Estados Unidos chamamos Congregacionalistas. Sua capela ficou lotada na primeira noite. A reunião foi aberta por um ministro metodista, que orou com grande fervor e com muita liberdade, sinal de que o Espírito do Senhor movia-se sobre a congregação e que teríamos uma reunião poderosa. Fui convidado a falar e gastei uns breves momentos falando sobre a oração. Procurei deixar claro o fato de que suas orações seriam imediatamente atendidas se as pedras de tropeço fossem removidas e eles orassem com fé. A Palavra parecia penetrar os corações emocionados dos cristãos. Realmente, raras vezes preguei sobre um assunto que produzisse efeito mais poderoso e salutar que a oração. Tem sido assim em todos os lugares. Os crentes de oração são imediatamente despertos para apegar-se a Deus, rogando-lhe suas bênçãos. Havia pessoas desse tipo ali e tivemos uma reunião poderosa.

Durante toda aquela semana, o espírito de oração parecia intensificar-se e nossas reuniões experimentavam poder cada vez maior. Se estou bem lembrado, no terceiro ou no quarto dia, foi a vez de o irmão Best, também ministro Congregacional em Bolton, realizar a reunião em sua capela. Ali, pela primeira vez, fiz um apelo aos interessados. Depois de falar à congregação em tons que visavam levá-los ao ponto ideal de preparação, conclamei os interessados a uma reunião e a sala que utilizamos ficou superlotada. Tivemos com eles uma reunião poderosa e tenho a convicção de que muitos entregaram-se a Deus. Havia um "salão da Temperança" na cidade, que tinha espaço para abrigar mais pessoas que qualquer uma das capelas. Depois daquela semana de oração, os irmãos conseguiram licença para usar o salão. Preguei ali duas vezes por domingo e quatro noites cada semana. Logo ficou evidente o interesse pelo movimento. O salão ficava superlotado todas as noites, a ponto de ninguém mais conseguir entrar. O Espírito de Deus foi derramado copiosamente ali.

Em seguida, recomendei aos irmãos que percorressem toda a cidade — que saíssem de dois em dois, visitassem cada casa e orassem nas casas em que lhes dessem licença para isso. Eles atenderam-me prontamente e, com coragem, levaram adiante a tarefa. Mandaram imprimir grande quantidade de folhetos, cartazes e convites e começaram a obra de visitação. Os congregacionais e os metodistas dedicaram-se a esse trabalho com grande zelo.

Os metodistas são uma força muito grande em Bolton, desde os tempos de Wesley. Era um dos campos de trabalho prediletos desse avivalista, onde sempre se desenvolveram fecundos ministérios e poderosas igrejas. A influência dessa denominação sobrepujava em muito a das demais denominações. Encontrei entre eles ministros e leigos que eram obreiros excelentes e zelosos da causa de Cristo. Mas, os congregacionais também se dedicaram à obra com muita energia e, pelo menos enquanto permaneci ali, o sectarismo parecia extinto. Foi realizado um levantamento completo da situação espiritual da cidade e os que faziam esse trabalho reuniam-se uma ou duas vezes por semana para fazer relatórios e elaborar planos para levar a obra adiante. Era comum ver um Metodista e um Congregacional unidos em um só coração, indo de casa em casa com folhetos, orando onde lhes era permitido, advertindo as pessoas a fugir da ira vindoura e conclamando-as a vir a Cristo. Obviamente, com obreiros desse tipo, a obra espalhou-se rapidamente entre os não-crentes. Pessoas de classe alta ou baixa, ricas e pobres, homens e mulheres passaram a interessarem-se pela fé.

Desenvolvi o hábito de, a cada noite depois de pregar, conclamar os interessados a vir à frente e ocupar os assentos diante do púlpito. Grande número de pessoas atendia ao apelo, mas, para isso precisavam forçar a passagem entre a massa de pessoas que, de pé, preenchia todos os cantos do recinto. O salão do andar térreo não era apenas grande: tinha também uma galeria, que estava sempre superlotada. Depois que os interessados vinham à frente, tínhamos sempre uma reunião de oração, na qual orávamos por aqueles que se ajoelhavam diante do Senhor.

Os irmãos metodistas ficaram muito envolvidos na obra e, por algum tempo, produziam muito barulho e movimento durante as orações com os interessados. Durante algum tempo, não me pronunciei a respeito, para não os desanimar nem levá-los a entristecer o Espírito. Percebi que, para eles, quanto maiores as demonstrações de emoção tanto mais rapidamente a obra se desenvolveria. Por isso, davam socos nos bancos — oravam em voz excessivamente alta — às vezes, vários deles ao mesmo tempo. Percebi que isso distraía os demais e impedia que se convertessem verdadeiramente. E, embora o número de interessados fosse grande e aumentasse muito, as conversões não se multiplicavam tão rapidamente quanto eu estava acostumado a ver, mesmo em grupos menores.

Depois de deixar as coisas nesse pé durante duas ou três semanas, até os irmãos metodistas me conhecerem melhor e eu a eles, certa noite, depois do apelo aos interessados, sugeri que mudássemos nosso modo de agir. Declarei diante de todos minha opinião: os interessados precisavam de um ambiente mais propício à meditação, diferente daquele, em que havia tanto barulho. Precisavam de instrução e era necessário que as orações fossem feitas por uma pessoa de cada vez. Não deveria haver confusão nem coisa alguma que se assemelhasse a isso, se o objetivo era que aquelas pessoas, em sã consciência, fossem levadas à conversão. Perguntei-lhes se não queriam seguir, por um breve período, minha orientação, para ver o resultado. Assim fizeram e, de início, dava para perceber que se sentiam um pouco amarrados quando oravam — e um tanto desanimados também, porque a situação era oposta à idéia que faziam de uma reunião poderosa. No entanto, parece que se recuperaram rapidamente. Acho que ficaram convictos de que, embora houvesse menos barulho, o número de convertidos aumentava, noite após noite.

O movimento teve muita repercussão e grande número de pessoas passou a vir de Manchester para assistir aos nossos cultos. E, como sempre acontecia, o avivamento causou considerável comoção naquela cidade, despertando o desejo de que eu fosse trabalhar entre eles. No entanto, permaneci em Bolton três meses ou mais. A obra tornou-se tão poderosa que se propagou entre todas as classes de pessoas, de todas as maneiras possíveis. Estendeu-se às fábricas, ou moinhos de algodão, conforme eram chamadas. O irmão Barlow tinha um enorme moinho em Bolton e empregava muitos operários. Fui visitá-lo em seu moinho algumas vezes e realizei reuniões de com os operários. Na primeira vez, tivemos uma reunião poderosa. Fiquei com eles até sentir-me cansado. Então, voltei para casa e deixei o irmão Barlow orando com eles e instruindo-os. Quando chegou em casa, ele relatou que nada menos de sessenta operários se haviam convertido. Assim, as reuniões no moinho continuaram até quase todos os operários expressarem sua fé em Cristo.

Houve em Bolton muitos casos notáveis de convicção e de conversão. Embora pessoalmente eu mantivesse a calma e me esforçasse para manter os ouvintes numa atitude apropriada para escutar a instrução, alguns

deles ficavam bastante afetados emocionalmente — durante dias, até — o que os impedia temporariamente de entender as coisas, embora não me lembre de qualquer caso de doença mental propriamente dita. Certa noite, enquanto eu estava pregando de pé na plataforma, um homem levantou-se, forçou caminho até a frente e confessou diante do auditório: "Pratiquei um assalto". Isso interrompeu a pregação e percebi que ele estava grandemente emocionado. O irmão Davison, que estava sentado na plataforma, foi até ele, sussurrou algo ao seu ouvido e levou-o para uma sala a fim de conversar com ele. O irmão Davison verificou que o homem cometera um crime passível de deportação. Deu-lhe conselhos e nada mais ouvi falar do caso naquela noite. Posteriormente, os fatos vieram mais plenamente ao meu conhecimento: aquele homem, poucos dias depois, alcançou a esperança em Cristo.

Certa noite, preguei a respeito de confissão e restituição. Isso gerou tremenda agitação entre os comerciantes. No dia seguinte, um deles contou-me que fizera a restituição de 1.500 libras — penso que foi essa a quantia — numa situação em que achava não ter agido segundo o princípio bíblico de amar o próximo como a si mesmo. Numa circunstância como essa, a consciência humana mostra-se muito sensível. O homem contou-me que um amigo seu morrera e o deixara como executor da herança. Por cuidar do caso, recebeu a parte que legalmente lhe cabia pelo seu trabalho e pelas despesas. Depois de ouvir meu sermão, porém, ocorreu-lhe que, como amigo e irmão em Cristo, tinha condições financeiras para encerrar o caso da herança sem nada cobrar daquela família, pois a esta havia pesado muito o desconto dos honorários. O Espírito de Deus que pairava sobre ele levou-o a sentir tão profundamente esse fato que ele foi imediatamente devolver o dinheiro.

Em Rochester, houve um caso o qual esqueci-me de mencionar, mas, que pode com igual proveito ser contado aqui, por causa da semelhança com o que acabei de narrar. A consciência extremamente sensível de um homem levou-o a obter forte convicção quanto ao princípio bíblico de amar o próximo como a nós mesmos e fazer aos outros aquilo que se quer que outros façam a nós. Um homem que possuía consideráveis bens converteu-se em um dos avivamentos em que atuei naquela cidade. Estava fazendo algumas transações comerciais em nome de uma viúva de uma aldeia não muito distante de Rochester. O negócio consistia em transferir alguns imóveis e por esse serviço recebera cerca de 1.500 dólares. Logo que se converteu, porém, passou a refletir sobre a situação e concluiu que não havia tratado a viúva e seus filhos da mesma forma em que ele desejaria que outra pessoa tratasse sua mulher e seus filhos, caso viesse a falecer.

Assim, foi visitar a viúva e explicou-lhe o modo em que agora encarava a questão. Ela respondeu que de modo algum via o fato daquela maneira e que se considerava devedora a ele, pois obtivera lucro graças ao trabalho dele. Por isso, não aceitou o dinheiro que ele queria devolver. Depois de pensar um pouco a respeito, ele disse à viúva que não estava satisfeito com a resposta e pediu-lhe que chamasse os vizinhos de maior confiança, para que a questão fosse apresentada a eles. Ela convidou alguns amigos cristãos, homens de negócios, diante dos quais expuseram o assunto. Eles concluíram que se tratava de uma transação comercial conduzida de modo aceitável e vantajoso para a família e que não viam motivo para a devolução do dinheiro. O homem ouviu tudo isso, mas antes de deixar a cidade voltou e disse à viúva: "Minha consciência não está tranqüila. Se eu morresse e deixasse minha esposa viúva e meus filhos órfãos e um amigo meu fosse fazer semelhante negócio para eles, penso que ele deveria fazê-lo gratuitamente. Não posso considerar o assunto de outra maneira". Com isso, colocou o dinheiro sobre a mesa e foi embora.

Ocorre-me ainda outro caso que ilustra o modo em que o Espírito de Deus opera na mente do ser humano quando o coração deste se abre à influência divina. Certa ocasião, ao pregar em uma grande cidade, fiz referência aos negócios desonestos e à ganância dos homens envolvidos na política, mostrando como essas atitudes pecaminosas denotavam violação da regra áurea — se estou bem lembrado, estava pregando justamente sobre esse tema. Fui muito enfático em minhas afirmações, mas, antes de eu terminar o sermão, um homem levantou-se no meio do povo e pediu licença para fazer uma pergunta. Propôs, então, um caso hipotético e perguntou-me se a história se enquadrava na regra que eu apresentara. "Sim, acho que se enquadra perfeitamente", respondi. Ele sentou-se e nada mais disse. Depois fiquei sabendo que ele fizera uma restituição de 30 mil dólares!

Eu poderia narrar numerosos casos em que pessoas foram levadas a agir dessa mesma forma, sob a poderosa e perscrutadora influência do Espírito de Deus. Mas, voltemos a Bolton. A obra continuou ali e propagou-se até alcançar um dos ministros, que estava ocupado no planejamento do movimento de pesquisa na cidade. Ele declarou publicamente, na minha presença, que descobriram que o avivamento alcançara todas as

famílias na cidade. Penso que ele disse, também, que todas as famílias haviam sido visitadas mais de uma vez. Realmente, a pesquisa foi mantida enquanto trabalhei ali e cobriu a cidade inteira.

Se tivéssemos um local de culto para atender às nossas reais necessidades, provavelmente teríamos 10 mil pessoas ali, noite após noite. Mas, a única coisa que podíamos fazer era encher o salão disponível com tanta gente quanto ali coubesse e, depois, empregar todos os meios possíveis para alcançar as multidões nos demais templos.

Lembro-me de um caso notável de conversão entre os proprietários de moinhos. Alguém falara-me de um deles, que era muito avarento. Era ávido por acumular riquezas e considerado por alguns um caso sem esperança. O avivamento já alcançara numerosos membros daquela classe, porém, aquele homem destacava-se com seu mundanismo e seu espírito mesquinho, que pareciam consumi-lo. No entanto, contrariando minhas expectativas — e a de outras pessoas — um dia veio visitar-me. Convidei-o a entrar em meu aposento e tive uma conversa muito séria com ele. Ele reconheceu sua avareza e confidenciou-me que, certa vez, dissera a Deus que, se ele lhe concedesse mais 100 mil libras, aceitaria ir para a perdição eterna em troca disso. Disse que seu amor ao dinheiro era tão grande que consentiria de bom grado ir para o inferno se Deus lhe concedesse aquela quantia. Fiquei muito chocado, mas, percebi que ele estava passando por uma terrível convicção de pecado.

Recitei-lhe parte do sexto capítulo de Mateus, onde Cristo adverte contra o perigo de acumular tesouros na terra e recomenda que acumulemos tesouros no céu. Finalmente, cheguei a este versículo: "Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas essas coisas lhes serão acrescentadas" (v. 33). Ele inclinou-se para mim. Parecia muito interessado, como se aquilo fosse novidade para ele. Quando repeti o versículo, ele perguntou-me com a máxima seriedade:

— O irmão acredita *nisso?*

— Pode ter certeza de que acredito — respondi. — É a Palavra de Deus!

— Pois bem! — disse ele. — Vou pôr isso em prática. — E, colocando-se de pé com um salto, acrescentou, emocionado: — Se essa é a verdade, vou entregar tudo a Cristo imediatamente!

Ajoelhamo-nos e apresentei o caso dele a Deus em oração. O homem humilhou-se com uma simplicidade de criança. A partir daquele momento, tornou-se uma pessoa muito diferente. Sua avareza parecia contida. Envolveu-se com todo empenho na obra do avivamento e contratou, às próprias custas, um missionário da cidade para a obra de conquistar almas para Cristo.

Nesse lugar, as reuniões da sra. Finney também eram amplamente freqüentadas. Ela realizava-as de dia, como era costume e, segundo me informaram, às vezes o "salão da Temperança" ficava quase cheio. As senhoras cristãs, pertencentes a várias denominações, apoiavam-na e a encorajavam-na e estou certo de que aquelas reuniões trouxeram muitos benefícios ao povo.

Minha mulher e eu ficamos bastante exaustos com as muitas atividades. Mas, em Abril fomos para Manchester. Ali, conforme fui informado, a influência Congregacional predominava sobre a das demais denominações. Como é do conhecimento de todos, os distritos manufatureiros possuem um elemento democrático mais forte que em outras regiões da Inglaterra. O Congregacionalismo, portanto, era mais popular em Manchester que em qualquer outra cidade que eu houvesse visitado. Mesmo sem ter passado muito tempo ali, porém, percebi que havia muita desconfiança entre os irmãos. Dava para ver que havia desavença entre os líderes do movimento e, freqüentemente, para desgosto meu, ouvi expressões que indicavam total falta de união entre os envolvidos na obra. Logo me convenci de que essa era uma dificuldade a ser superada e que, se não o fosse, a obra nunca chegaria a ser tão abrangente quanto em Bolton.

Não demorou a manifestar-se certa insatisfação com alguns dos homens selecionados para supervisionar o trabalho, cuja responsabilidade consistia em distribuir folhetos, cuidar dos serviços editoriais e providenciar os meios de levar adiante o movimento. Assim, entristeceram o Espírito e prejudicaram a obra. E, embora o Espírito de Deus acompanhasse a Palavra desde o início, a obra nunca superou completamente os sentimentos sectários e as discórdias, de maneira que o movimento não se propagou tanto quanto em Bolton.

Eu havia ido para Manchester na esperança de que os irmãos metodistas e congregacionais trabalhassem juntos, em harmonia, como ocorrera em Bolton, porém, logo percebi que me enganara. Não somente faltava cordialidade e simpatia entre metodistas e congregacionais, como também havia grande antipatia entre os

próprios congregacionais. Apesar de tudo, as reuniões eram muito proveitosas e eram muitos os interessados provenientes de todas as partes da cidade. Sempre que era marcada uma reunião com eles, o número de pessoas presentes era considerável. Contudo, o que eu realmente desejava era um transbordamento geral da influência do Espírito, conforme presenciáramos em Bolton.

Depois de atuar em Manchester por várias semanas, realizamos um trabalho em Salford, localidade que faz parte do município de Manchester. A partir de então, passei a maior parte do tempo entre Salford e Pendleton. Por alguma razão, no entanto, parecia faltar sinceridade e cordialidade ao ministro que atuava em Salford. Ele parecia não saber como se conduzir na obra. Lembro-me de que, certa noite, preguei sobre o seguinte texto: "Se vocês não derem ouvidos e não se dispuserem a honrar o meu nome [...] lançarei maldição sobre vocês e até amaldiçoarei as vossas bênçãos" (Ml 2.2). Eu já percebera, da parte do ministro, uma falta de confiança na realidade e na extensão da obra que estava em andamento. Parecia parcialmente cego quanto à obra do Espírito. No entanto, ele estava profundamente convicto de que pecara ao deixar de dar glória a Deus pelo que o Senhor realizara ali. Depois do culto, quando voltei ao escritório para buscar meu sobretudo, percebi que ele estava bastante comovido, pois exclamou: "Oh! Veja o que o irmão me faz sentir!"

Acredito que ele era um homem bom, mas, por algum motivo, não se envolveu na obra a ponto de ter discernimento e perceber com clareza o que o Senhor estava fazendo. Como ilustração desse fato, lembro-me de que, na última ocasião em que preguei ali, marquei, com o consentimento dele, uma reunião com os novos convertidos numa das dependências do templo para a noite seguinte, combinando que eles estariam ali para conversar com seu pastor. Posteriormente, fiquei sabendo que ele se esquecera da reunião. Os convertidos reuniram-se em grande número diante da porta da sala e ficaram esperando, mas, ele não apareceu. Logo depois, ele foi exonerado do cargo, mas, não fiquei sabendo o motivo de sua demissão.

A dificuldade era que, na época, não havia espírito favorável ao movimento por parte dos cristãos mais influentes. Não fiquei sabendo o motivo — talvez fosse algum problema comigo. E, embora um grande número de pessoas tenha sido levado à conversão, (pois conversei pessoalmente com muitas delas), as barreiras não foram rompidas o suficiente para dar à Palavra do Senhor e ao Espírito Santo livre atuação entre os ouvintes. Na ocasião de nossa despedida, foi convocada uma reunião com os que haviam recebido alguma bênção especial durante as reuniões e o número dos presentes, acredito, foi muito superior ao esperado pelos próprios ministros. Estou certo de que ficaram surpreendidos com a quantidade de pessoas que compareceu à reunião e com o espírito que predominava no ambiente. Realmente, acho que nenhum daqueles ministros tinha consciência da extensão da obra, pois, em geral, não participavam de nossos cultos e raras vezes eram vistos quando nos reuníamos com os interessados.

Permanecemos em Manchester até o começo de agosto e o avivamento continuou a propagar-se. No entanto, minhas forças, bem como as energias de minha mulher, haviam-se esgotado de tal maneira que alguns líderes propuseram a suspensão de nossas atividades, sugerindo que tirássemos algumas semanas de repouso no País de Gales e só depois voltássemos a Manchester para retomar o trabalho. A idéia deles era conseguir um grande salão, no qual pudéssemos realizar nossas reuniões e levar adiante o avivamento de modo independente. Pensavam — e eu concordava com eles — que assim obteríamos melhores resultados, mais que trabalhando com uma congregação específica. De fato, descobri que em Inglaterra, quando se promoviam avivamentos por meio de reuniões independentes, os resultados eram mais significativos — refiro-me às reuniões nos grandes salões, que podem ser alugados e abrigar membros de todas as denominações.

As linhas denominacionais são mais fortemente demarcadas em Inglaterra que nos Estados Unidos. É muito difícil conseguir que membros da igreja estabelecida freqüentem cultos realizados por dissidentes. Os metodistas não costumam comparecer a cultos de outras denominações. Na realidade, o mesmo se pode dizer de todas as denominações, tanto em Inglaterra quanto na Escócia. As linhas do sectarismo denominacional são nitidamente traçadas e os membros das diferentes igrejas são mantidos sob as regras da própria denominação mais rigorosamente que nos Estados Unidos. O fato é que, em Inglaterra, a sociedade é composta de *peças cujas formas são bem definidas.* Estou convicto de que, o modo certo de trabalhar pelas almas ali, é permanecer livre de vínculos denominacionais. O correto é pregar o evangelho verdadeiro em salões ou até mesmo nas ruas, quando o tempo for favorável, onde nenhum sentimento ou peculiaridade denominacional possa limitar a atuação do Espírito de Deus.

No dia 2 de agosto, partimos de Manchester e fomos para Liverpool. Vários amigos acompanharam-nos e, ali, pernoitaram. Na manhã do dia 3, embarcamos no Pérsia com destino a Nova York. Descobrimos que muitos de nossos amigos haviam-se reunido, vindos de várias partes da Inglaterra, para desejar-nos boa viagem. Despedimo-nos deles com todo carinho e com muita emoção. Então, o velho e majestoso transatlântico precipitou-se para mar alto. Estávamos a caminho de casa.

CAPÍTULO XXXVI

Volta a Oberlin e o glorioso avivamento ali

Por razões que se apresentavam nos Estados Unidos, fui convidado a retornar imediatamente para casa. Algumas semanas antes de partirmos de Manchester, senti essa urgente necessidade crescer dentro de mim. Os irmãos em Oberlin achavam que a situação de nossa igreja exigia minha presença. Não fossem essas pressões, teríamos ficado mais tempo em Inglaterra. Creio que, se tivéssemos trabalhado ali mais um ou dois anos, a obra estaria agora muito desenvolvida, não só em Manchester, mas em toda aquela região de Inglaterra. Recebemos convites muito insistentes para trabalhar em diversos locais — cidades grandes e pequenas. Mas, como já mencionei, as notícias que eu recebia dos Estados Unidos fizeram com que nossos planos fossem mudados e partimos de Inglaterra com grande relutância, esperando poder voltar.

No primeiro e no segundo dia após nossa partida de Liverpool, chovia quase incessantemente. Passei muito tempo no convés e fiquei fortemente gripado, o que me trouxe uma dolorosa crise de lumbago, que se manteve severa até nossa chegada a Nova York. Eu mancava tanto que não pude viajar imediatamente para Oberlin. No entanto, recuperei-me em pouco tempo e continuamos viagem. Chegando a Oberlin, começamos imediatamente a trabalhar no avivamento.

Tivéramos bem pouco tempo de repouso em Inglaterra, durante um ano e meio. E quem está acostumado às viagens marítimas não estranhará que eu, acometido de lumbago, não repousasse muito durante a viagem de volta aos Estados Unidos. De fato, chegamos bastante exaustos. Entretanto, a situação era tão grave e o período do ano tão crucial que eu não podia dar-me ao luxo de descansar como gostaria. Muitos alunos novos haviam chegado, de modo que, na época, era grande o número de pessoas residindo em Oberlin. O corpo docente era de opinião que um esforço fosse feito imediatamente para avivar as igrejas e, assim, levar os estudantes à conversão. Enquanto eu estava em Inglaterra, a congregação cresceu tanto que o templo não podia mais abrigar o povo confortavelmente. Por isso, depois de considerar a questão, a igreja decidiu organizar a Segunda Igreja Congregacional.

Assim, foi feita a divisão: a igreja nova passou a realizar seus cultos na capela da faculdade e a Primeira Igreja continuou ocupando o antigo templo. A Segunda Igreja convidou-me para pregar aos seus membros parte desse tempo. Mas, a capela não acomodava muito mais que metade do número de pessoas que caberia no templo. Concluindo que não era meu dever dividir meus esforços entre uma congregação e outra, adotei imediatamente medidas para mais um avivamento e passei a realizar as reuniões na igreja maior. Os membros da Segunda Igreja contribuíram como puderam, mas, a pregação ficou quase inteiramente sob minha responsabilidade.

Na igreja, realizávamos reuniões diárias de oração que eram muito bem freqüentadas. O auditório, geralmente, ficava cheio. Nessas reuniões, esforçava-me para alcançar os resultados legítimos de um trabalho dirigido de maneira sensata. Além de pregar duas vezes no domingo e de realizar uma reunião com os interessados no mesmo dia, à noite, eu pregava diversas vezes nas noites da semana. Além dessas responsabilidades, eu despendia tempo e esforço em conversas com os interessados que me visitavam constantemente quando não estava nos cultos. Essas atividades intensificavam-se semana após semana. O avivamento alcançou a cidade inteira e parecia que sua influência seria completa entre os não-crentes. No entanto, após quatro meses de atividades sem repouso, de dia e de noite, cheguei em casa, na tarde de certo domingo, depois de uma das reuniões mais poderosas e inspiradoras que havia presenciado e fui acometido por uma severa gripe, que me deixou preso à cama por dois ou três meses.

Outro pregador precisou assumir o púlpito. Então, sucedeu o que já dizia minha experiência: a mudança no estilo da pregação fez diminuir o ânimo com que se desenvolvia o avivamento e este foi-se extinguindo aos poucos. No entanto, não se viu nenhuma reação como as ocorridas nos grandes e mal dirigidos despertamentos religiosos. Que eu saiba, não houve qualquer incidente desagradável. As conversões, no entanto, tornaram-se menos freqüentes e, semana após semana, os cultos realizados no meio da semana passavam a ter cada vez menos participantes, de modo que, quando pude voltar a pregar, a situação, embora positiva, não era o que se pudesse chamar avivamento. No entanto, no verão seguinte, como quase sempre tem acontecido, converteu-se grande número de alunos e o panorama religioso mostrou-se surpreendente durante todo o verão.

Durante os meses de verão, há grande pressão sobre as pessoas em Oberlin. Quase todas as famílias recebem pensionistas e em cada família a parte feminina fica sobrecarregada. Os estudantes envolvem-se com as celebrações das várias agremiações da faculdade, as provas e a formatura. Esse tem sido, portanto, um período desfavorável a qualquer esforço por um avivamento. Experimentamos muito mais movimentação nos últimos anos que na época em que iniciamos a escola. As agremiações tornaram-se mais numerosas e atividades empolgantes vêm-se multiplicando há vários anos, de modo que se tornou cada vez mais difícil alcançar um avivamento poderoso durante os meses de verão. Não deveria ser assim.

Antes de eu ir à Inglaterra pela última vez, percebi que era cada vez mais difícil promover avivamentos em Oberlin durante o ano letivo. Ficou claro que a melhor época era durante as férias de inverno. Isso não foi declarado abertamente por ninguém, mas, era essa a impressão que dominava as pessoas. Eu, porém, passara a residir na cidade para o bem dos estudantes, a fim de conseguir sua conversão e santificação. E era somente por haver tantos alunos — o que me dava a grande oportunidade de lidar com mentes jovens durante o processo educativo — que eu permanecia ali.

Repetidas vezes, estive a ponto de partir e dedicar-me exclusivamente à obra evangelística. Mas, o argumento que me apresentavam a favor de minha permanência na cidade era que não podíamos fazer muita coisa neste país, em termos de avivamento, a não ser na estação das férias mais prolongadas. Além disso, minha saúde não me permitiria trabalhar em avivamentos o ano inteiro. Por isso, todos achavam que meu trabalho era mais útil ali, durante o ano letivo, ou seja, na primavera, no verão e no começo do outono. Eu mesmo pensava dessa forma e essa era a razão de eu estar em Oberlin havia tantos anos.

Durante o período que passei em Inglaterra, recebi cartas que pediam meu regresso urgente a Oberlin. Em minha resposta, levantei a situação a que acabo de referir-me. A dificuldade em promover avivamentos durante o ano letivo era real. Comprovei que Oberlin não era o lugar certo para mim, pois durante aqueles longos períodos de férias, os alunos estariam ausentes, quando minha presença ali visava principalmente à salvação deles. Além disso, sempre que algum esforço era feito para levar os jovens à conversão, surgiam planos para uma excursão ou para qualquer outro tipo de divertimento, o que me deixava muito aflito, pois anulava tudo quanto eu e os que trabalhavam comigo tentavam fazer pela conversão dos alunos. Nunca julguei que fosse justamente esse o *propósito* daquelas atividades, mas o *efeito* era tal que, antes de minha última viagem a Inglaterra, eu estava quase desanimado de trabalhar ali durante o ano letivo. Ao responder àquelas cartas, falei com muita liberdade, detalhando bem o assunto e deixando claro que, se não houvesse uma mudança, Oberlin deixaria de ser meu campo de trabalho.

Em Oberlin, nosso período de colheita propriamente dito, é o outono. Começa no primeiro dia de setembro, aproximadamente, que é quando chegam os novos alunos, muitos deles ainda não convertidos. Sempre achei — e acredito que muitos outros pensem assim, inclusive o corpo docente — que o período letivo era a oportunidade ideal para levar os alunos à conversão. Quando retornamos de Inglaterra, exatamente no outono, como já relatei, esse propósito foi alcançado com muito êxito. Percebendo que a idéia de que seria impossível promover um avivamento naquele período passava a predominar, os crentes aplicaram todo esforço possível na obra do Senhor. E o resultado foi um poderoso avivamento.

A partir de então, nossos esforços não têm sido tão prejudicados durante o ano letivo, quer por excursões, quer por corridas atrás de diversões mundanas, como acontecia poucos anos antes de minha última viagem a Inglaterra. Nossos esforços têm obtido resultados eficazes entre os estudantes, ano após ano, porque o propósito específico desses movimentos é conseguir, em especial, a conversão dos alunos. A população de Oberlin é tão flutuante quanto a de nossos alunos. Conforme já referi, no primeiro outono depois de meu regresso de Inglaterra, ou seja, no outono de 1860, boa parte dos habitantes da cidade e grande número de estudantes converteram-se. Mas, a mudança dos moradores aqui é tão freqüente que muitas vezes é

necessário que o avivamento se espalhe pela cidade, entre as famílias, com a mesma urgência com que precisa alcançar os estudantes, a fim de que o ambiente permaneça saudável e pleno de piedade.

Um número considerável de alunos também trabalha por conta própria na promoção de avivamentos e seus esforços pela conversão dos colegas mostram-se eficazes. As reuniões de oração realizadas pelos rapazes têm sido grandemente abençoadas, o mesmo ocorrendo com as reuniões de jovens, realizadas por moças e rapazes. Os esforços de homens e mulheres leigos na igreja, de modo geral, têm sido, ano após ano, cada vez mais abençoados. Quanto a mim, desde 1860, a cada outono, fico mais sobrecarregado de tarefas. Conseqüentemente, depois de passado esse período e findo o trimestre, permaneço em casa — às vezes de cama — de um a três meses. Tivemos avivamentos mais ou menos contínuos, no verão e no inverno.

De 1860 para cá, embora as igrejas me pressionem sistematicamente, tanto as do Leste quanto as do Oeste, para que eu volte a trabalhar entre elas, não me arrisquei mais a aceitar convites. Em casa, com o conforto e os cuidados recebidos, continuo podendo levar a efeito muitas tarefas ministeriais, mas descobri que não posso experimentar muita emoção num culto vespertino sem ter o sono prejudicado. Consegui, no entanto, pela graça de Deus, realizar muita coisa aqui. No entanto, como já relatei, sentia-me fisicamente impossibilitado de trabalhar em outros lugares. No inverno passado, de 1866 para 1867, o avivamento entre os moradores de Oberlin foi o mais poderoso desde 1860. Contudo, minha saúde voltou a ficar debilitada no meio do trabalho e não pude mais freqüentar as reuniões. Os irmãos, no entanto, levaram a obra adiante. Os membros da igreja entregaram-se à obra com tamanho vigor e persistência que o avivamento continuou até a primavera. Os irmãos que pregavam também se esforçaram muito e, com a bênção de Deus, grande e permanente graça foi recebida.

No verão e outono de 1867, porém, a obra do Senhor foi muito prejudicada pelas discussões em torno da maçonaria e das sociedades secretas em geral. Entre as igrejas, no entanto, os debates concentravam-se quase exclusivamente na questão da maçonaria. Quando nos mudamos para Oberlin, ocasião em que a faculdade foi fundada, tomamos a resolução de excluir da comunhão os que pertencessem a alguma sociedade secreta. As igrejas, porém, nunca tiveram nenhuma regra a respeito disso. Não haviam sociedades secretas em Oberlin até recentemente, pelo que sei. Entretanto, há um ou dois anos, uma loja maçónica foi instalada aqui. Eu desconhecia o fato até a primavera passada, quando um jovem que pertencia àquela loja pediu para ser admitido como membro da igreja. Pelo que me lembro, ele foi examinado e aceito pela igreja antes de se saber que ele era maçom.

Quando tomei conhecimento disso, de posse do livro do presbítero Bernard, intitulado *Luz sobre a maçonaria,* no qual o assunto é esclarecido, procurei o jovem e emprestei-lhe o livro, esperando, naturalmente, que após a leitura ele não desejasse mais nenhum contato com a loja maçónica. Apavorava-me a idéia de o assunto ser trazido para dentro da igreja ou que alguma coisa fosse dita a respeito. O jovem informou-me, depois, que concluíra a leitura do livro, mas, não tive a oportunidade de saber a impressão causada em sua mente. Eu achava impossível alguém ler aquele livro e continuar a freqüentar uma loja maçónica.

Pouco tempo depois, outro jovem maçom apresentou-se para admissão na igreja. Vários membros da igreja levantaram objeções e ele não pôde ser recebido. Coisa semelhante ocorreu quase ao mesmo tempo na Segunda Igreja. Alguns membros da loja maçónica pretendiam ser aceitos ali, mas, ela adotou a mesma posição que a Primeira Igreja. Uma minoria votou contra a decisão, embora a Igreja Congregacional não costumasse receber maçons. Esses acontecimentos obrigaram as igrejas a discutir a questão.

Uma pesquisa revelou que em cada igreja havia uns poucos membros que tinham sido maçons quando jovens. No entanto, todos haviam abandonado a maçonaria muitos anos antes e não aprovaram o estabelecimento de uma loja em Oberlin. As igrejas não tinham o mínimo interesse em envolverem-se com os que freqüentavam a maçonaria. E, como haviam rompido todo relacionamento, comunhão ou cooperação com os maçons, nada mais foi dito nas igrejas com referência a qualquer medida a ser tomada com relação a eles. Mas, a pergunta era: "O que fazer com referência aos que já haviam sido maçons?" (refiro-me a *membros ativos* que em alguma época foram maçons). Nas duas igrejas, foram nomeadas comissões para estudar o assunto e prestar relatório às igrejas quanto à natureza e às tendências da maçonaria.

O professor Morgan era presidente do conselho da Primeira Igreja e o professor Dascomb e o irmão Jabez Burrell eram os outros membros da comissão. Vários motivos, porém, impediram um relatório imediato. A dificuldade na obtenção dos livros necessários para um exame eficiente do assunto, a falta de saúde e de

tempo do irmão Morgan e as grandes responsabilidades da comissão em outros assuntos adiaram a redação do relatório até depois da formatura. Justamente no período em que eu desejava promover o avivamento de outono, a questão da maçonaria veio à tona para ser debatida.

As comissões das duas igrejas fizeram um relatório fortemente contrário à maçonaria, como instituição, por ser imoral em sua natureza e tendência. Foram marcadas reuniões para debates e alguns dos que haviam sido maçons desejavam uma oportunidade para responder ao relatório lavrado pela comissão da Primeira Igreja. A oportunidade foi concedida e de modo satisfatório para eles. Alguns tentaram justificar a maçonaria, ou melhor, apresentaram o lado melhor dessa sociedade, conforme o conceito que faziam dela. No entanto, ninguém, além deles, parecia disposto a dar testemunho favorável à maçonaria. Acredito que, entre os que tomaram a palavra, todos declararam que não desejavam justificar a maçonaria nem defendê-la. Queriam apenas desculpar-se por terem mantido no passado um relacionamento com aquela organização.

Conforme já relatei, as duas igrejas congregacionais, com exceção de algumas pessoas que haviam pertencido àquela fraternidade, condenaram a instituição por ser desonesta em sua natureza e tendências e perigosa para o governo e para a sociedade. Durante os meses do outono, as duas igrejas realizaram reuniões semanais — e até com menor intervalo — para debater o assunto. Conseqüentemente, bem pouca coisa foi feita pelo avivamento. No entanto, houve conversões durante todo o outono e elas continuam a ocorrer até esta data, Janeiro de 1868.

A grande discussão *não* era se a maçonaria era pecado nem se maçons conscientes e ativos *deviam ser recebidos* em nossas igrejas. A questão era: "É aconselhável *divulgar isso? É* aconselhável *ter como regra excluí-los da comunhão?*' Acredito que era a opinião comum que os maçons *não fossem acolhidos* pelas igrejas, em qualquer situação. E, durante várias semanas, o debate prosseguiu.

Os que eram favoráveis à imposição de semelhante regra argumentavam, entre outras coisas que, sem ela, os debates se repetiriam na igreja sempre que alguém se apresentasse para afiliar-se e uma minoria se opusesse ao seu acolhimento na igreja. Dessa forma, haveria novas e desgastantes discussões, tal como estava ocorrendo. Pessoalmente, não pude comparecer aos debates. E, mesmo que tivesse podido, não era meu desejo participar de tal discussão. Como pastor da igreja, no entanto, considerava meu dever dar alguns esclarecimentos, de tempos em tempos, quando percebia que faltava ao povo alguma instrução no tocante a determinadas questões. Tenho motivos para acreditar que esses sermões tiraram as dúvidas de muita gente. No entanto, nunca expressei minha opinião quanto à aprovação da regra sobre aceitação de maçons e ex-maçons na igreja, senão na última vez em que preguei. Declarei-me, então, favorável ao estabelecimento da regra e citei as razões para pensar assim.

Na sexta-feira anterior a essa minha pregação, a Segunda Igreja aprovara uma regra definitiva, a qual, segundo entendi, impedia que se afiliasse à igreja qualquer um que, depois de todos os esclarecimentos, ainda insistisse em ser maçom. Recomendei que a Primeira Igreja concordasse com essa resolução ou que fizesse outra de teor semelhante e a levasse diante dos membros para aprovação. Assim fizeram, na terça-feira seguinte. Na semana que se seguiu, porém, a Segunda Igreja invalidou sua resolução, considerando, finalmente, que não era aconselhável manter semelhante regra. A maioria protestou contra a revogação. Saibam, portanto, todas as pessoas que se interessam pela questão, aqui e em outros lugares, que o povo cristão de Oberlin, com poucas exceções, se opõe totalmente à maçonaria, como instituição desprezível e perniciosa que é. A substância de suas convicções expressa-se em suas resoluções. Entenda-se que em todas as resoluções, menos a última — a de excluir da comunhão os maçons conscientes e praticantes — os membros das igrejas estão quase unanimemente coesos.

Os que estão lendo estas páginas talvez pensem que tal questão era secundária e que não se justificasse tanto debate. Eu mesmo pensava assim e, repetidas vezes, declarei que não me importava se semelhante regra fosse mantida ou não. Se a igreja atuasse da maneira como se esperava, pouco importava se os maçons, atendendo à regra ou sem nenhuma regra, fossem excluídos. Depois de ponderar sobre o assunto e perceber a real situação, porém, concluí que o estabelecimento da regra nos pouparia muitas discussões e problemas no futuro. Além disso, era melhor declarar nossa real intenção, a fim de que todos soubessem que *qualquer um que tivesse resolvido aderir* à maçonaria teria automaticamente negado o pedido de afiliação à igreja. Eu achava desaconselhável dar aos maçons a esperança de serem aceitos na igreja. Que fizessem a tentativa de entrar e então descobrissem que a igreja não os acolheria! Minha opinião era que seria melhor deixá-los saber de antemão que a igreja não iria acolhê-los se constatasse que eram maçons conscientes e praticantes.

Declarar isso de antemão evitaria que fôssemos acusados de falta de sinceridade, por permitir que os maçons se sentissem encorajados a apresentarem-se quando não era nossa intenção recebê-los. Minha ligação anterior com uma loja maçónica e a pesquisa que fiz sobre a organização depois de me retirar do meio deles capacitaram-me a suprir, em grande medida, nos meus sermões a falta de livros que desmascarassem a maçonaria. É que existem poucos livros sobre o assunto. Isso porque, como se sabe, muitíssimos esforços têm sido feitos para destruí-los.

Pouco depois de eu completar 21 anos de idade, quando estava na escola em Connecticut, um tio meu, já idoso, aconselhou-me a tornar-me maçom. Assim, fiz e passei pelos três primeiros graus da ordem. Embora considerasse absurda aquela cerimônia, nada houve que me tivesse impressionado como especificamente imoral, a não ser o juramento que prestei ao alcançar o grau de mestre, em que "prometi guardar inviolados os segredos de um irmão maçom mestre, ao serem-me confiados nessa condição, excetuando-se o assassinato e a traição, mais aqueles que forem deixados ao meu livre-arbítrio e concordância". Eu sabia que aquela promessa era imprópria e perigosa. Mas, eu ainda não tinha religião e era extremamente ignorante quanto às verdades espirituais. Quando fui estudar Direito em Adams, afiliei-me à loja maçónica ali, da qual passei a ser secretário. Não atingi um grau superior, mas, continuei ativo na loja, até converter-me a Cristo.

Durante o período em que me senti espiritualmente convicto, não parei para pensar na maçonaria, pois minha preocupação era buscar a paz com Deus. No entanto, pouco depois de minha conversão, chegou o turno em que eu deveria prestar serviços à loja maçónica. As cerimônias, então, deixaram-me aflito. Descobri, surpreso, que não podia, de forma alguma, fazer parte daquelas reuniões. Todos os seus juramentos e procedimentos passaram a ter sabor de profanidade e minha nova natureza sentia repugnância deles. Eu não podia mais manter comunhão com aqueles atos. Afastei-me, aflito, sentindo que entrara numa atmosfera incompatível com minha vida espiritual.

Coloquei a questão diante de Deus em oração e, depois de severa luta interior, pedi demissão da loja maçónica e informei-lhes que eu não poderia, conscientemente, continuar a ser membro daquela sociedade. Com natural relutância, acabaram concedendo-me uma demissão honrosa. Esse fato criou certa agitação entre os maçons da cidade. Como eu supunha, com o propósito de manter um vínculo entre mim e a sociedade, programaram uma celebração e propuseram que eu fizesse um discurso. Recusei com firmeza o convite e informei aos que me apresentaram o pedido que eu não poderia, em sã consciência, fazer aquilo. No entanto, guardei silêncio a respeito de tudo isso e ninguém fora daquele local, por onde quer que eu viajasse, suspeitou — suposição minha — que eu, em tempos anteriores, havia sido maçom.

Naquela ocasião, eu não imaginava que um dia seria conclamado a dar testemunho público contra a maçonaria. No entanto, não muitos anos depois, William Morgan publicou seu livro, no qual revelou com fidelidade os segredos da maçonaria, conforme eu mesmo os conhecera. Esse fato, como é bem sabido, resultou no assassinato de Morgan. Outras publicações com o mesmo teor sucederam-se imediatamente e a maçonaria deixou de ser segredo: todos os seus mistérios foram apresentados ao público. E, quando alguém me perguntou se aquela era uma representação fiel da maçonaria, respondi, sem hesitação: "Sim! Dentro dos conhecimentos que tive como membro dessa associação, ela está fielmente representada".

Eu, então, já não via o menor motivo para manter em segredo algo que já estava aberto à investigação do mundo inteiro. Nada mais era segredo. Eu não podia negar — sem mentir deliberadamente — que a maçonaria estava desmascarada naqueles livros nem fingir que aquelas revelações eram incorretas ou mentirosas. Além disso, maiores considerações a respeito da situação convenceram-me de que era meu *dever* repudiar aqueles juramentos profanos, aos quais fora induzido por meios fraudulentos — pois, haviam-me dito que nada ali era inconsistente com minhas obrigações para com Deus ou para com os homens. Em outras palavras, afirmavam que não haveria conflito com minhas obrigações religiosas e cívicas.

As revelações feitas sobre a natureza e as tendências da maçonaria na obra escrita por Morgan e o seu conseqüente assassinato demonstraram que essa instituição é evidentemente perigosa para o governo civil. Finalmente, a própria história da maçonaria, conforme agora consta diante do mundo, é tal que estou convicto de sua total incompatibilidade com a religião cristã.

Devo dizer que, embora nossos debates a respeito da maçonaria tenham sido acalorados, mesmo assim o espírito cristão prevalece. E, como fui informado, na Primeira Igreja em especial, o debate final e o voto

decisivo que se seguiu imediatamente foram levados a efeito num excelente espírito. Tenho a certeza de que nada ocorreu que pudesse produzir, entre nós, algum choque permanente ou divisão.

Desde o início, tivemos debates freqüentes a respeito de numerosas questões, que muitas vezes eram prolongados e, ao serem encerrados, nem sempre levavam à concordância entre todos. No entanto, adotávamos o princípio de aceitar a decisão da maioria e a minoria decidira não levantar oposição ao juízo do grupo mais numeroso. Sempre foi nossa convicção que qualquer outra atitude seria revolucionária e que, se fosse levada a efeito, causaria divisões intermináveis. Tenho certeza de que, na presente situação, será adotado o mesmo modo de agir e nenhum mal resultará disso. Não podemos evitar esses debates, mas, de modo global, quanto à grande questão da natureza e tendências da maçonaria, somos uma unidade.

Assim descrevo até a presente data — 13 de Janeiro de 1868 — minha narrativa sobre os avivamentos. Ontem, domingo, 12 de Janeiro, tivemos um dia muito solene na Primeira Igreja. Preguei o dia inteiro a respeito da resistência ao Espírito Santo. No encerramento do culto da tarde, conclamei todos os crentes professos, comprometidos em não resistir aos ensinos do Espírito Santo, a colocarem-se em pé e unirem-se conosco em oração, sob a solenidade dessa promessa. Acho que quase todos se colocaram de pé, sem hesitação. Em seguida, conclamei os que ainda não se haviam convertido a colocarem-se de pé e firmar o mesmo compromisso. Meus esforços visavam demonstrar que eles *sempre* haviam resistido ao Espírito Santo e eram obstinados e incircuncisos de coração e de ouvidos. Pedi aos que se dispunham a não mais continuar nessa atitude e a aceitar os ensinos do Espírito Santo e entregarem-se a Cristo a também ficar de pé, para que pudéssemos orar por eles. Pelo que pude ver do púlpito, quase todos no auditório se colocaram em pé após o apelo. Então, tivemos um momento solene de oração e encerramos o culto.

Com referência ao registro dos avivamentos, pelo menos por enquanto, preciso encerrar aqui. Eu diria que registrei muito pouco das coisas inspiradoras e notáveis que ocorreram nos *principais* avivamentos em que atuei. Tudo que escrevi foi com receio de que minha narrativa se tornasse demasiadamente prolongada e produzisse um livro grande demais. Falei bem pouco a respeito da oposição levantada contra esses movimentos — e não teria falado absolutamente nada a respeito, não fosse o desejo de desfazer uma impressão que se espalhou e causou muita desordem nos trabalhos nos quais atuei pessoalmente. Sempre desejei que ficasse entendido que tal impressão é errônea e meu propósito nisso foi oferecer alguns sinais quanto à origem dessas críticas.

Não teria mencionado que o dr. Beecher e o sr. Nettleton se colocaram contra o avivamento no Estado de Nova York se suas cartas não tivessem sido levadas ao conhecimento público. *Eles estavam totalmente enganados!* Esse fato é sabido de todos os que participaram dos avivamentos e conheciam bem os fatos. Nas imediações em torno dos locais onde ocorriam os avivamentos, sempre havia alguém disposto a dar crédito e publicidade às falsas informações. No entanto, desejo que fique bem claro que nada escrevi aqui a respeito da oposição aos avivamentos, a não ser o que considerei o mínimo necessário para desfazer aquela falsa impressão, à qual tão freqüentemente me havia referido.

Também desejo dizer aqui no final deste meu relatório, que nunca vi nenhum dos males contra os quais alguns se queixaram. Nunca presenciei nenhum efeito desastroso, nem sei onde teriam ocorrido. Nunca fiquei sabendo que alguma igreja tenha "chorado lágrimas de sangue" ou qualquer outro tipo de lágrima em algum avivamento. Ocorreram uns poucos casos em que os avivamentos resultaram em divisão. Em Auburn, por exemplo, conforme já relatei, vários membros da congregação do dr. Lansing foram embora e formaram uma nova congregação. O dr. Lansing, no entanto, manteve-se firme em sua posição e tomo a liberdade de dizer que ele nunca foi tão amado pelo seu rebanho quanto depois daquele avivamento.

A igreja do irmão Gillett, em Rome, conforme também já mencionei, posteriormente dividiu-se. Sem dúvida, isso deveu-se, em parte, ao fato de sua casa de cultos ser pequena e antiga demais para acomodar a congregação, grandemente aumentada e, em parte, pelo fato de o irmão Gillett ser bem idoso e seus sermões, como ele mesmo me disse, serem produto de seu ministério inteiro, inadequados à nova ordem das coisas em sua congregação. Muitos membros de sua igreja passaram a pensar seriamente na necessidade de contratar um homem mais jovem para orientar os convertidos e levar a própria sociedade, que passava por tantas modificações, a um plano mais elevado. Naquele grande avivamento, o irmão Gillett comprovou ser nobre como crente e como ministro. Estou certo de que ele tinha a confiança e o afeto de seu rebanho. Não estou, porém, a par de todos os motivos da divisão ocorrida em sua igreja.

Em alguns poucos casos, fiquei sabendo de divisões que surgiram pelo fato de o pastor não se ter empenhado em conquistar a confiança dos membros da igreja, dando a impressão de que não levaria adiante a obra já iniciada e nem alcançaria os melhores resultados. Essa tem sido, de maneira geral, minha experiência depois de trabalhar como evangelista e como pastor durante mais de 45 anos. Observei que, quando os pastores dedicavam-se à obra com zelo sincero e cooperavam sem ciúme com o evangelista, o avivamento fortalecia grandemente suas mãos e aumentava sua influência sobre a igreja e seus membros.

Hoje, Dezembro de 1868, gostaria de acrescentar que, como de costume, tivemos um avivamento precioso durante o outono. Nossos alunos acabaram de voltar para casa, muitos deles para seus cursos de inverno, enquanto aqui estamos de férias. Nossa igreja está vivendo uma condição inspiradora e muitos parecem estar esforçando-se, não somente buscando uma experiência pessoal mais sublime, como também lutando pela conversão daqueles que ainda não se decidiram por Cristo.

CONCLUSÃO

Todos quantos leram as páginas anteriores devem estar curiosos sobre os anos finais de uma vida tão cheia de esplendor e de plenitude. A narrativa completou-se no ano de 1868, quando o Sr. Finney ainda era pastor da Primeira Igreja de Oberlin e catedrático na Universidade. O seu ministério abençoado prolongou-se por mais cerca de quatro ou cinco anos, conforme sua saúde o permitia. No final, pregava pelo menos cada dia do Senhor. Ao mesmo tempo, como Professor de Teologia, dava suas aulas sobre suas experiências nos avivamentos e na vida cristã em geral. Demitiu-se da vida pastoral em 1972, mas, manteve sua ligação ao Seminário de Oberlin e completou o seu último curso em Julho de 1875, apenas uns dias antes de sua morte. Pregava de tempos a tempos, conforme seu estado de saúde o permitia. Durante seu último mês de vida, pregou um dia do Senhor pela manhã na Primeira Igreja e no seguinte na Segunda Igreja.

Apesar dos extenuantes labores de toda a sua vida serem sobejamente conhecidos do público, o peso sobre sua alma pareciam jugos suaves de suportar e previsíveis. Estava sempre preparado para tudo. No fim de sua vida ainda andava ereto como quando era jovem, seu pensamento ainda era cortante e refinado como sempre e exibia um alto grau de percepção e de rapidez em seus instintos mais santos. Seus sentimentos, sua imaginação e rapidez de pensamento permaneceram iguais até ao último dia. Aliás, a sua vida demonstrava uma forma ainda mais rica, mais cortante e demonstrativa de amor e de bondade. Todos os traços celestiais de sua vida permaneceram em crescendo até ao fim e, provavelmente, no fim de sua vida eram ainda mais excelentes por evidência. No final, os seus labores eram muito limitados, mas, o poder silencioso de toda a sua vida eram poderosamente sentidos como bálsamo e bênção sobre todas as pessoas à sua volta - incluindo na comunidade onde vivia. Sua vida era uma demonstração de poder que, durante mais de 40 anos, usara para demonstrar o caminho e não apenas para explicá-lo. Muitos foram moldados e abençoados através de seu exemplo claro e evidente.

O seu último dia na terra foi um dia do Senhor, o qual ele gozou junto de sua família. Ao pôr-do-sol, passeava com sua esposa para ouvirem os abençoados hinos em uma igreja perto de sua casa. Quando chegou a casa e retirou-se para descansar, sentiu dores fortes, as quais indicavam serem dores no coração físico. Ao nascer o dia seguinte, faleceu em profunda paz. Era o dia 16 de Agosto de 1875, duas semanas antes de completar 83 anos de idade.

A narrativa deu-nos a conhecer a forma cortante como usava a poderosa Palavra de Deus e mostra claramente os traços gerias de seu caráter, apresentando com clareza seus propósitos de vida, paixão pelas almas e amor incondicional por Jesus como Evangelista e pregador da Justiça, isto é, da justa causa de Deus entre os homens. A sua obra como teólogo, como líder do pensamento refinado e como puro desenvolvedor de pensamentos certos, foi poderosa como formadora de pensamentos nos que o ouviam e até mesmo nos que se lhe opunham. Sua filosofia era puramente Cristã. Contudo, na opinião de muitos dos seus opositores foi irrelevante, estranha e pouco frutuosa para a igreja e o mundo em geral. Mas, para conseguirmos avaliar a verdadeira importância da sua vida e ministério, seria preciso escrever um outro volume maior que este. Esse volume, provavelmente, nunca será escrito. Mas, muitas gerações em todos os tempos colherão a vasta benção de todo o seu ministério, pois, era um ministério que produzia verdade de forma prática e relevante.

Sabemos que muitas gerações colherão e se alimentarão devido aos frutos de sua vida sem nunca se darem conta de sua origem.

FIM

José Mateus
zemateus@msn.com
WWW.REAVIVAMENTOS.COM